Traduções e Digitalizações

Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade **TRADUÇÕES E DIGITALIZAÇÕES**, para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos por favor, **que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital
Skoob - http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127

THE Sweet FAR Thing

Libba Bray

Ultimo livro da
Trilogia Gemma Doyle

Para Barry e Josh, com amor.

E para todos que acreditam que a paz
não é um ideal ou um sonho, mas uma necessidade.

A essência da não violência é o amor.
Pelo amor e a vontade de agir desinteressadamente,
estratégias, táticas e técnicas para uma luta não violenta surgem
naturalmente. Não violência não é um dogma; é um processo.

— *Thich Nhat Hanh*

Paz não é apenas melhor do que a guerra,
mas infinitamente mais árdua.

— *George Bernard Shaw*

Agradecimentos

ELES DIZEM QUE É PRECISO UMA ALDEIA PARA EDUCAR UMA criança. Eu descobri que isso é em grande parte verdadeiro. (Bem, isso e um caminhão de M&M's). Mas escrever o último livro de uma trilogia, é preciso mais do que uma aldeia. Na última contagem, foi preciso uma grande loja de café; lotes de cafeína e chocolate; Guitar Hero (Maldição, "Bark at the Moon" na média!); uma caneca; Kleenex; e muitos, muitos amigos compreensivos, membros da família, editores, e outros escritores para acenar e passar para você Ben & Jerry's e ocasionalmente puxar o cabo elástico de sua autoestima para tirar você da Noite Perpétua do Eu Estou no Abismo. (Noite Pérpetua do Eu Estou no Abismo novo nome de banda, eu quero os direitos).

Eu passei por tantas revisões neste livro que eu me lembrei do filme *Airplane*!: "Olha, eu posso fazer um chapéu ou um broche ou um pterodátilo..." Além disso, eu acho que perdi muito do que restava das minhas células cerebrais, e já que eu temo esquecer alguém aqui, deixe-me apenas dizer isso "Vocês são maravilhosos — aqui está uma grande e velha cesta de frutas" para todos que eu compartilhei oxigênios nos últimos dezoito meses. Eu estou certa que vocês me ajudaram enormemente. Sério. Uma batida de mãos extras para os seguintes:

Meu editor, St. Wendy de Loggia, que merece ter seu rosto em um cartão de orações, por me ligar com uma calma, "Deixe-me mostrar-lhe as datas de retorno" ao invés de gritar no telefone, "Se você perder outro prazo, eu vou colocar sua cabeça em uma estaca fora do meu escritório como uma advertência para os outros escritores". Você é a melhor, querida.

Pam Bobowicz, também conhecida como Linha da Vida, por me deixar caminhar até seu escritório ostentando olhos contraídos e dizer, "Ei, você tem um minuto?" apenas para liberá-la depois de duas horas, tendo lhe dito cada possível coisa até que eu esteja convencida de que ela tem uma garrafa de Scotch atrás de seu monitor do computador. Amo você, Pam.

Meu sofredor agente/marido, Barry Goldblatt (que soa tão *Chinatown*, não é? "Meu agente [*tapa!*], meu marido [*tapa!*]"), que tolerou quantidades inacreditáveis de lamentos e controles, além de ter que cuidar das crianças com desenvoltura.

Beverly Horowitz — às vezes é preciso uma aldeia; às vezes a ajuda da melhor mãe Judia em publicação. Grande beijo.

Chip Gibson, por soltar meus dedos das chaves e me obrigar a vir comer bolo e rir das pessoas atirando Jell-O.

Ao pessoal legal da Random House, que me deixa quebrar lá por três meses e que, às vezes, fazem uma visitinha com chocolate como os Keebler Elves da Publicação.

Holly Black, Cassandra Clare, e Emily Lauer, as Holy Trinity of Awesome, Badass, Magic Systems R Us Writers-in-Arms, por tudo. Almoçar fora, senhoras. E Holly, eu irei seriamente ao nascimento do seu filho por você, isso é o quanto eu te amo. (Eu fiz parto natural, e deixe eu dizer — um pedaço de bolo comparado ao terceiro livro de uma trilogia.)

Rachel Cohn, pelos sacos de expresso (ainda vibrando), e CDs, e data de escrita, e a companhia.

Maureen Johnson, Justine Larbalestier, Dani Bennett, e Jaida Jones por fazer a mais rápida leitura do mundo no projeto passado e oferecer perspectivas de valor inestimável.

Meus queridos, Cecil Castellucci, Margaret Crocker, e Diana Peterfreund, por estar lá com graça, estilo e sarcasmo.

Super bibliotecários, Jen Hubert e Phil Swann, por ajudar na investigação, e por continuar a aceitar minhas ligações cada vez mais desesperadas.

Delia Sherman, Ellen Kushner, Jo Knowles, Tracie Vaughn Zimmer, Cynthia e Greg Letitch-Smith, Nancy Werlin, escritores YA, Tony Tallent, e Chaundra Wall, pelo apoio e inspiração.

Cheryl Levine, Susanna Schrobsdorff, Pam Carden, e Lori Lebovitch por falarem comigo e geralmente serem adoráveis.

Meus amigos em Kensington Publishing, por me deixar pegar o tempo de folga que eu precisava.

As baristas fabulosas no Salão de Chá do Brooklyn — Aimee, Alma, Amanda, Asia, Beth, Brigid, Geri, Kevin, Rachel — por manter a cafeína e a hilariedade.

Ben Jones e Christine Kenneally, por serem tão incrivelmente engraçados e o apoio, e a Gangue do Divã — Jeff Strickland, Nicola Behrman, Matt Schwartz, Kyle Smith, e Jonathan Hafner-Layton (ou seria Layton-Hafner?), por se certificarem de me contar uma piada quando eu estava começando a parece com Jack Nicholson em *The Shining*.

Minha mãe, Nancy Bray, pela ajuda poética. Obrigada, mãe.

Meus leitores, que me permitiram seguir adiante.

David Levithan, pela sugestão do título. Infelizmente, o marketing achou que *Lick My Sweet* fosse, talvez, não exatamente o que estávamos procurado.

E por último, mas definitivamente não menos importante, meu filho maravilhoso, Joshua, por ser tão paciente com "o livro" (insere olhos rolando aqui) quando o mínimo que eu poderia ter feito era escrever algo sobre coelhos ninjas e dragões. Da próxima vez, querido. Da próxima vez.

A Rosa de todas as Rosas, Rosa de todo o mundo!
Você, também, chegou ao lugar onde as marés turvas são lançadas
Sobre o cais da tristeza, e o toque ouvido
O sino que nos chama; a coisa mais doce.
Beleza cresce triste com sua eternidade
Faz de nós, e do mar cinzento escuro.
Nossos longos navios soltos em pensamentos tecidos de vela e esperando,
Para que Deus lançe para eles e compartilhe destinos iguais;
E, quando, finalmente, derrotado em suas guerras,
Eles caíram sobre as mesmas estrelas brancas,
Vamos deixar de ouvir o grito
Do nosso coração triste, que não pode viver nem morrer.

— de *"The Rose of Battle"*, W.B YEATS

ATO I

Antes do amanhecer

Nada é mais fácil do que se iludir.
Pois todo homem acredita que aquilo que deseja,
Seja também verdadeiro.

— DEMÓSTENES.

Prólogo

Londres

1893

A NOITE ESTAVA FRIA E LÚGUBRE e, nas margens do rio tamisa, os ribeirinhos amaldiçoavam sua sorte. Vagar entre as sombras do grande rio de Londres para obter algum lucro não era uma profissão muito gratificante, mas servia para pagar uma refeição aqui e ali. Mesmo que, gostassem ou não, a umidade que paralisava os ossos e causava dor nas costas, também estivesse incluída nesta tarefa.

— Encontrou alguma coisa, Archie?

— Nada — responde Archie para seu amigo, Rupert. — É a pior noite que eu já vi na minha vida.

Fazia uma hora que estavam ali e a única coisa que tinham conseguido era um pedaço de tecido do corpo de um marinheiro. Talvez na manhã seguinte pudesse ser vendido para um brechó. Mas o bolso com algumas moedas colocaria comida e cerveja em seus estômagos, naquela noite, mas para ribeirinhos como Archie e Rupert, era o presente que contava. Querer ver mais além do dia seguinte era considerado um otimismo tolo, característico daqueles que não passavam a vida recolhendo os mortos do rio Tamisa.

A única lanterna no barco não conseguia combater a maldita névoa. A penumbra assombrava a margem. Do outro lado do rio, as casas sem iluminação pareciam caveiras escuras. Os ribeirinhos navegavam pelas zonas mais rasas do Tamisa, enfiando seus longos arpões na água suja, em busca de cadáveres de quem tinham topado com a má sorte — marinheiros ou estivadores bêbados demais para salvarem-se do afogamento, pobres vítimas de uma briga de facas em um confronto contra ladrões ou assassinos, e malandros arrastados pela forte correnteza, com os bolsos cheios de um valioso e pesado carvão, o mesmo carvão que os tinha levado à morte.

O arpão de Archie topa com algo sólido.

— Ei, vá mais devagar, Rupert! Encontrei alguma coisa!

Rupert pega a lanterna e a segura, iluminando a área onde flutua um cadáver. Eles retiram o corpo da água, e o colocam no convés, virando-o de frente.

— Caramba — diz Rupert. — É uma senhorita.

— Era — diz Archie. — Reviste os bolsos.

Os ribeirinhos começam a sua terrível tarefa. A mulher parecia ser rica. Ela usava um vestido de seda cor de lavanda, fino, e não parecia ter sido nada barato. Não era o tipo de pessoa que eles costumavam encontrar naquelas águas.

Archie sorriu.

— Ah! Olá!

Ele tirou quatro moedas de um dos bolsos do casaco da senhorita e mordeu cada uma.

— O que você achou, Archie? Há suficiente para uma garrafa de cerveja?

Archie olhou atentamente as moedas. Não eram libras. Eram xelins.

— Sim, embora não mais do que isso — resmunga. — Pegue o colar.

— Certo.

Rupert tira a gargantilha da mulher. Tratava-se de um objeto curioso, um pedaço de metal em relevo com a forma de um olho, do qual pendia uma lua crescente. Aquilo não era nenhuma jóia; ele não poderia imaginar alguém querendo isso.

— O que é isso? — pergunta Archie.

Ele abriu os dedos rígidos da mulher, que ainda seguravam com força um pedaço de papel empapado.

Rupert cutucou seu companheiro.

— O que diz?

Archie devolveu o empurrão.

— Como vou saber. Não sei ler, você sabe?

— Pois eu fui para a escola até os oito anos — diz Rupert enquanto pega o pedaço de papel. — "A Árvore de Todas as Almas existe."

Archie dá um cutucão em Rupert.

— E o que isso significa?

Rupert balança a cabeça.

— Não tenho idéia. O que fazemos com isso?

— Deixe aí. Não se pode tirar proveito das palavras, Rupert, meu amigo. Tire a roupa dela e jogue-a de volta na água.

Rupert deu de ombros e fez o que havia sido ordenado. Archie tinha razão: não se tira dinheiro de um papel velho. No entanto, era lamentável que as últimas palavras de uma mulher morta se perderam com sua vida. Embora, ele pensou, se essa mulher tivesse alguém para cuidar dela, não estaria agora flutuando de bruços no Tamisa em uma noite tão fria como essa.

Com um brusco empurrão, os ribeirinhos deixaram-na cair na água, com um insignificante chapinhar.

Lentamente, ela submergiu e suas mãos, brancas e inchadas, permaneceram na superfície durante alguns segundos, como se estivessem tentando pegar alguma coisa. Os ribeirinhos mergulharam seus arpões contra o fundo escuro da água e partiram, empurrados pela corrente, em busca de algum tesouro que justifique passar uma noite tão fria no relento.

Archie golpeou a cabeça da mulher com seu arpão, uma benção violenta, e ela deslizou para baixo, na sujeira e na imundície do poderoso Tamisa. O rio a engoliu, aceitando sua carne, e levou consigo sua advertência final para uma lúgubre sepultura.

1

Março de 1896

ACADEMIA SPENCE
PARA JOVENS SENHORITAS

NO FAMOSO LIVRO DE DANTE HÁ UM CÍRCULO do inferno não mencionado. Ele se chama *Comportamento* e está presente nas escolas para senhoritas que se estendem ao longo de todo o Império. Eu não sei qual é a sensação de ser jogado em uma lagoa de fogo — mesmo sabendo que não deve ser muito agradável —, mas eu posso afirmar, com toda a certeza, que caminhar por um salão de baile com um livro na cabeça e um suporte amarrado nas costas enquanto você está presa em um espartilho sufocante, camadas de anáguas e sapatos apertados — é uma forma de tortura que até mesmo o Sr. Alighieri acharia muito hediondo para documentar em seu *Inferno*.

— Mantenham os olhos levantados para o céu, garotas — nossa diretora, a Sra. Nightwing, comanda, enquanto ensaiamos nossa lenta marcha ao longo do chão, com a cabeça erguida e os braços estendidos, como bailarinas.

Os laços do suporte machucam o interior dos meus braços. A tábua de madeira é inflexível, e me obriga a ficar tão dura quanto os guardas de Buckingham. Meu pescoço dói por causa do esforço. Em maio farei minha apresentação na sociedade, um ano antes do previsto, já que todas as partes interessadas nisso, decidiram que com quase dezessete anos já estou preparada e que começar a temporada social agora seria o melhor para mim. Usarei vestidos bonitos, assistirei esplêndidas festas e dançarei com cavalheiros atraentes... se eu sobreviver a minha aprendizagem. Atualmente, duvido muito que isso aconteça.

A Senhora Nightwing passa por todo o comprimento do salão de baile. Suas rígidas saias

deslizam rapidamente pelo chão, como se a repreendessem por estar ali. Ela grita ordens sem parar, como se fosse o próprio almirante Nelson.

— Cabeças erguidas! Não sorria, senhorita Hawthorne! Expressões serenas e sombrias! Esvaziem suas mentes!

Obrigo-me a manter a expressão de meu rosto como uma tela em branco. Minha coluna dói. Meu braço esquerdo, estendido pelo que me parecem horas, treme pelo esforço.

— E reverência...

Como suflês desinflando, deixamos nossos corpos descer, tentando desesperadamente não perder o equilíbrio. A senhora Nightwing nos dá ordens para que nos levantemos. Minhas pernas estão tremendo pelo cansaço. Não posso controlar o tremor. Dou um passo em falso para frente. O livro cai da minha cabeça e aterrissa no chão com um estrondo ensurdecedor. Fizemos esse exercício quatro vezes e, nas quatro, eu errei no mesmo momento. As botinas da senhora Nightwing param a apenas alguns centímetros da minha figura envergonhada.

— Senhorita Doyle, por acaso devo lembrá-la que isto aqui é a corte e que você está fazendo uma reverência ante sua soberana e não participando do Folies Bergère[1]?

— Sim, senhora Nightwing — respondo timidamente.

É desesperador. Nunca conseguirei fazer uma reverência sem cometer erros. Ficarei esparramada no chão brilhante do Palácio de Buckingham,minha reputação vergonhosamente manchada, com o nariz enfiado nas botas da Rainha. Serei a fofoca da temporada social e criticada por trás de leques abertos. Sem dúvida, todos os homens me evitarão como o tifo.

— Senhorita Temple, você poderia nos oferecer uma demonstração do que é uma reverência?

Sem vacilar, Cecily Temple, A Que Nunca Faz Nada Errado, flui para o chão em um arco tão longo, tão lento e gracioso que parece desafiar a gravidade. É bonito. Estou com uma terrível inveja.

— Obrigada, senhorita Temple.

Sim, obrigada, sua pequena besta demoníaca. Quero que você case com um homem que gosta de alho como acompanhamento de sua refeição.

— E agora...

A senhora Nightwing fica atordoada com um barulho ensurdecedor. Fecha os olhos com força para escutar o ruído.

— Senhora Nightwing — geme Elizabeth. — Como podemos nos concentrar em nossos movimentos com esse barulho terrível que vêm da Ala Leste?

A senhora Nightwing não está com humor para escutar as nossas queixas. Inspira profundamente e coloca as suas mãos no peito, com a cabeça bem erguida.

— Vamos continuar, como a própria Inglaterra. Se esta pode sobreviver a Cromwell, na Guerra das Duas Rosas e aos franceses, vocês também poderão suportar algumas marteladas.

---

[1] N/T: O Folies Bergère é uma casa de música parisiense que esteve no ápice de sua fama e popularidade de 1890 até 1920. Atualmente ainda funciona com espetáculos.

Pensem em quão bonita ficará a Ala Leste quando acabar. Vamos tentar de novo... com calma! Todos os olhares estarão pousados em vocês! Não seria correto que vocês se afastassem correndo de sua Majestade como ratos tímidos.

Costumo imaginar que tipo de trabalho teria escolhido Nightwing se não houvesse se dedicado a nos torturar como a diretora da Academia Spence para jovens senhoritas.

Prezados senhores — teria começado na sua carta de apresentação — *lhes escrevo a respeito de seu anúncio, no qual solicitam um Destruidor de Balões. Eu tenho um alfinete de chapéu que resolverá o problema facilmente e difundirá o choro das crianças por toda parte. Minhas antigas pupilas certificaram que não dou sorrisos, que não rio jamais e que posso dissipar a alegria de qualquer lugar com a minha simples presença e fazendo uso da minha absoluta tristeza e desesperança. Minhas referências em tal aspecto são irrepreensíveis. Se ao ler esta carta vocês ainda não caíram em um estado de profunda melancolia, por favor, entrem em contato com a senhora Nightwing (Tenho um primeiro nome, mas ninguém tem permissão de usá-lo), diretora da Academia Spence para jovens senhoritas. Se não conseguirem encontrar o endereço por seus próprios meios, é por que não se esforçaram o bastante. Sinceramente a sua, senhora Nightwing.*

— Senhorita Doyle! O que significa esse sorriso absurdo? Por acaso eu disse algo que pareceu divertido?

A repreensão da senhora Nightwing me faz corar. As outras meninas riem sob a sua respiração. Nós deslizamos pelo chão tentando ignorar, na medida do possível, as marteladas e os gritos. Não é o ruído que nos distrai. O que nos deixa nervosas e enaltecidas é saber que tem homens por aqui, no andar de cima.

— Poderíamos ver os progressos que eles fizeram, Sra. Nightwing? Seria maravilhoso — sugere Felicity Worthington, com uma doçura exagerada.

Só Felicity é corajosa o suficiente para sugerir algo semelhante. É muito ousada. E também é a única aliada que eu tenho em Spence.

— Os operários não precisam de um bando de garotas passeando ao seu redor, principalmente agora que estão tão atrasados — responde a senhora Nightwing. — Cabeças no alto, por favor! E...

Um golpe ensurdecedor é ouvido do andar de cima. O repentino estrondo nos sobressalta. Inclusive a senhora Nightwing deixa escapar um "Deus misericordioso."

Elizabeth, uma pilha de nervos disfarçada de debutante, profere um gritinho e se agarra em Cecily.

— Oh, Senhora Nightwing! — grita Elizabeth.

Olhamos para a nossa diretora, esperançosas.

A Sra. Nightwing respira através de uns lábios desaprovadores.

— Muito bem, adiaremos a aula. Vamos tomar um pouco de ar para recuperar a cor das nossas bochechas.

— Poderíamos levar papel para fazer um desenho dos progressos na Ala Leste? — sugiro. — Seria uma bonita recordação.

A senhora Nightwing dá sua aprovação com um estranho sorriso.

— Uma sugestão excelente, senhorita Doyle. Muito bem. Peguem papel e lápis. Direi a Brigid que as acompanhe. Coloquem seus casacos. E façam o favor de caminhar devagar.

Abandonamos nossa posição junto com nosso decoro e corremos para a escada com a promessa de liberdade, embora temporária.

— Não corram! — grita a senhora Nightwing.

Como parece que somos incapazes de prestar atenção em seu conselho, grita atrás de nós que somos umas selvagens inaptas para o casamento. Acrescenta que seremos uma vergonha para a escola e também algo mais, mas nós já estamos no primeiro patamar das escadas e suas palavras não nos alcançam mais.

2

A AMPLA SUPERFÍCIE DA ALA LESTE SE ESTENDE COMO o esqueleto de um enorme pássaro de madeira. A construção está onde deveria, mas os homens empregam agora todas as suas forças em restaurar a torre desmantelada que une a ala leste ao resto da escola. Desde o incêndio que a destruiu há vinte e cinco anos, ela não tem sido mais do que uma bela ruína. Contudo, agora ressuscitara com pedras, tijolos e argamassa; promete ser uma torre magnífica — alta, ampla e imponente — quando estiver terminada. Desde janeiro, são muitos os homens que vieram de povoados vizinhos para trabalhar com o frio e umidade, todos os dias, exceto domingo, na restauração de nossa escola. As meninas não estão autorizadas a se aproximar da ala leste durante os trabalhos de reconstrução. A explicação oficial a essa proibição é que é muito perigoso: *poderíamos ser golpeadas com uma viga ou pisar em um prego enferrujado.* A Sra. Nightwing nos tem detalhado de forma tão exaustiva os diferentes finais terríveis que poderíamos ter, que cada vez que ouvimos um martelo nos assustamos mais que um saco cheio de gatos. Mas a verdade é que não quer que nos aproximemos dos homens. Suas ordens têm sido claras a esse respeito: *não devemos falar com os trabalhadores em quaisquer circunstâncias e eles não devem falar conosco.* Ela nos mantém a uma distância cautelosa. Os trabalhadores montaram suas barracas a um quilômetro da escola e permanecem sob o olhar atento do Sr. Miller, seu capataz, enquanto nós sempre saímos com uma dama de companhia. Tomaram todas as medidas possíveis para nos manter afastadas. E isso é precisamente o que nos empurra a ir à sua procura. Com os casacos abotoados até em cima para combater o ainda lacerante frio de março, caminhamos depressa pelos bosques que estão atrás da academia, juntamente com a nossa governanta, Brigid, que xinga e arfa enquanto tenta nos seguir o passo.

Não é muito amável de nossa parte andar mais rápido do que o necessário, mas é a única forma de nós termos uns momentos de privacidade. Quando começamos a correr colina acima para obter uma vista imponente da construção, Brigid fica para trás, o que nos concede um tempo valioso.

Felicity estende a mão.

— Os óculos de ópera, Martha, por favor.

Martha tira os binóculos do bolso de seu casaco e este passa de menina em menina até

chegar às mãos de Felicity, que o leva aos olhos.

— Realmente impressionante — ronrona Felicity.

Por alguma razão, acho que ela não se refere à ala leste.

De onde estamos sentadas posso ver seis homens magnificamente dotados em mangas de camisa[2], levantando uma viga para colocá-la em seu lugar. Eu tenho certeza de que se tivesse com os óculos de ópera, poderia ver o contorno de cada um de seus músculos.

— Oh! Deixe-me ver, Fee — geme Cecily.

Ela tenta pegar os óculos, mas Felicity afasta.

— Espera a sua vez!

Cecily faz beicinho.

— Brigid chegará a qualquer momento. Perderei a vez!

De repente, Felicity deixa cair os óculos e pega apressadamente seu bloco de esboços.

— Não olhem agora, mas acho que um dos homens está nos observando. Elizabeth dá um salto e estica o pescoço de um lado para o outro.

— Quem?Quem?

Felicity pisa no pé de Elizabeth e esta cai para trás.

— Ai! Por que você fez isso?

— Eu disse para não olhar agora — sussurra Felicity entre dentes. — A chave está em fingir que você não se deu conta de que estão prestando atenção em você.

— Aaah — responde Elizabeth, que parece ter compreendido.

— O da ponta, o de camisa com um desafortunado remendo vermelho — informa Felicity enquanto finge interesse por seu esboço.

Sua frieza é um talento que eu gostaria de poder adquirir. No entanto, todos os dias, observo o horizonte em busca de algum sinal de outro jovem, de um do qual não tenho notícias desde que me despedi dele em Londres, há três meses.

Elizabeth rouba uma espiada através dos óculos de ópera.

— Oh meu Deus! — exclama ao mesmo tempo em que os solta. — Ele piscou para mim! Que descaramento! Tenho que informar a Sra. Nightwing imediatamente — protesta, embora a excitação de sua voz entrecortada a trai.

— Por todos os santos!

Finalmente, Brigid nos alcançou. Sem demora, Felicity dá os binóculos a Martha, que grita e os deixa cair na grama antes de guardá-los no bolso de seu casaco.

Brigid senta em uma pedra para recuperar o fôlego.

— Vocês são muito rápidas para a velha Brigid. Vocês não têm pena de me deixar assim?

Felicity sorri docemente.

— Oh, lamentamos muito, Brigid! Não sabíamos que você havia ficado tanto para trás — e sob a respiração, acrescenta: — Velha resmungona.

---

[2] N/T: "Em mangas de camisa" é uma expressão. Basicamente indica alguém que está utilizando um traje informal. Quando se refere a alguém que trabalha 'em mangas de camisa' tem até um cunho depreciativo (em geral refere-se aos trabalhadores braçais que nem uniformes têm e usam roupas simples para trabalhar)

Brigid estreita os olhos ante nossas risadinhas.

— E agora do que estão rindo? Estão zombando da pobre Brigid, não é?

— Claro que não.

— Oh, não é justo — suspira Cecily — Como vamos desenhar a ala leste de tão longe? — pergunta, e dedica a Brigid um olhar esperançoso.

— Fará seu desenho aqui e nem um centímetro mais perto, senhorita. Você já ouviu o que disse a Sra. Nightwing a respeito.

Brigid observa a armação de madeira e os pedreiros cortando pedra.

Nega com a cabeça.

— Não é bom voltar a reconstruir esse maldito lugar. Seria melhor deixá-lo como está.

— Oh, mas é tão emocionante! — replica Elizabeth.

— E pense em quão bonita ficará a Academia Spence quando estiver sido restaurada — completa Martha — Como pode dizer que isso não é bom, Brigid?

— Porque tenho memória — afirma Brigid enquanto dá batidinhas em sua têmpora.

— Havia algo de ruim neste lugar, na torre. Algo que podia se sentir. Eu poderia contar histórias...

— Sim,tenho certeza que poderia Brigid, e de que se trata de histórias muito interessantes — diz Felicity, com tanta doçura quanto uma mãe acalmando um filho irritável — Mas me preocupa que o frio te cause dor nas costas.

— Você tem razão — responde Brigid esfregando as costas — Um verdadeiro incômodo. E também meus joelhos já não são as de uma jovenzinha.

Assentimos ansiosas.

— Nós nos aproximaremos só um pouquinho — ronrona Felicity — O suficiente para conseguir um desenho mais exato.

Esforçamo-nos para parecer tão inocentes como um coro de anjos. Brigid assente sem hesitar.

— Podem ir então. Mas não fiquem muito perto! E não pensem que não vou estar vigiando!

— Obrigado, Brigid! — gritamos alegremente. Sem demora, descemos a colina antes que ela mude de idéia.

— E sejam rápidas! Parece que vai chover!

Uma repentina e fresca rajada de vento de final de março sopra entre a relva quebradiça. Agita os ramos das arvores como colares de ossos e levanta nossas saias até o ponto de tê-las que empurrar para baixo. As meninas gritam surpreendidas — e encantadas — porque durante um momento indiscreto e proibido atraímos os olhares dos homens. Essa rajada de vento é a última cobrança do exercito de inverno. As folhas já estão sacudindo o sono e estão começando a se armar. Em breve empreenderão seu assalto verde e obrigarão a retirada do inverno.

Eu ponho o xale ao redor do pescoço. A primavera está chegando, mas ainda não posso me livrar do frio.

— Estão olhando? — pergunta Elizabeth, excitada, lançando olhares aos homens.

— Certamente — responde Felicity sob a respiração.

Os cachos de Martha descansam flacidamente em seu pescoço. Ela lhes dá um empurrãozinho esperançoso, mas estes se negam a recuperar a forma.

— Respondam-me com sinceridade: a umidade arruinou meu penteado?

— Não — mente Elizabeth no exato momento em que eu respondo *'Sim'*.

Martha franze os lábios.

— Eu deveria saber que seria pouco gentil comigo, Gemma Doyle.

As outras meninas me dedicam olhares reprovadores. Parece que *'Responda com sinceridade'* é uma mensagem cuidadosamente codificada que significa *'Minta a todo custo'*. Vou tomar nota disso.

Muitas vezes acho que existe um manual sobre todas as coisas consideradas educadas e elegantes e que não tive a boa orientação de suas páginas. Talvez por isso, Cecily, Martha e Elizabeth me odeiam e só toleram minha presença quando Felicity está ao redor. Pela minha parte, considero que suas mentes estão tão pequenas quanto suas cinturas, e que suas conversas se limitam a festas, vestidos, e os infortúnios ou falhas dos outros. Eu faria melhor arriscando-me a compartilhar minha sorte com os leões do antigo Coliseu romano do que suportando outra conversa na hora do chá com meninas como elas. Porque, pelo menos, os leões são honestos quanto aos seus desejos de te devorar e não fazem nenhum esforço para esconder isso.

Felicity olha para os homens.

— Aqui vamos nós.

Nos aproximamos até onde estão trabalhando. Agora são eles que se sentem intimidados ante nossa súbita presença; Deixam de lado suas tarefas e rapidamente tiram as gorros. Seu gesto é de uma educação esquisita, mas seus sorrisos insinuam pensamentos menos corteses.

Eu acho que estou ruborizada.

— Ei, meninos! Continuem com o que estavam fazendo — adverte o capataz. O senhor Miller é um homem corpulento com uns braços do tamanho das pequenas pernas. Ele se mostra cortês com nós. — Bom dia, senhoritas.

— Bom dia — murmuramos.

— Aqui tem algumas bugigangas que vocês podem pegar, caso queiram conservar alguma recordação.

Ele faz um gesto em direção a um montão de escombros onde os adereços velhos jazen junto a vidros quebrados de lâmpadas esfumaçada a décadas pelas fuligem. Esses são o tipo de coisas que a Sra. Nightwing incluiria em sua lista. *"Ser evitado por medo de lesões, morte, ou uma lista de desgraças."*

— Peguem o que vocês mais gostem.

— Obrigada — resmunga Cecily afastando-se.

Elizabeth continua ruborizada; sorri e olha timidamente o homem com camisa de remendo vermelho, que a avalia com cobiça.

— Sim, obrigada — responde Felicity tomando as rédeas da situação, como sempre faz — Vamos fazer isso.

Começamos a xeretar nos escombros, entre os restos da antiga Ala Leste. O passado da grande escola se faz aqui presente, na madeira lascada e carbonizada e entre os pedaços de papel. Para alguns se trata da história de um trágico incêndio que custou a vida de duas meninas. Mas eu sei mais. A verdadeira história deste lugar está relacionada com a magia e o mistério, a lealdade e a traição, a maldade e o sacrifício indescritível. Para a maioria, é a história de duas jovens — melhores amigas convertidas em amargas inimigas — dadas por mortas no incêndio que teve lugar fazem vinte e cinco anos. A verdade foi muito pior.

Uma das meninas, Sarah Rees-Toome, escolheu o caminho da escuridão sob o nome de Circe. Anos depois capturou a outra menina, sua antiga amiga Mary Dowd, que adquiriria uma nova personalidade: Virginia Doyle, minha mãe. Com um espírito demoníaco a sua disposição, Circe assassinou minha mãe e fez que o rumo de minha vida mudasse. A história murmurada nessas paredes também é a minha.

Ao meu redor, as meninas se lançam na alvoroçada caça ao tesouro. Aqui, não consigo me sentir feliz. Este é um lugar de fantasmas e não acho que vigas novas e o agradável fogo de uma chaminé de mármore possam mudá-lo. Eu não quero lembranças do passado.

Uma nova rodada de marteladas faz que uma família de pássaros saísse grasnando, em busca da segurança do céu. Contemplo o monte de escombros inúteis e penso em minha mãe. Será que tocou essa coluna dali? Seu perfume ainda está impregnado em um pedaço de vidro ou uma lasca de madeira? Um terrível vazio se instala em meu peito. Onde quer que eu vá, há sempre pequenas recordações que reavivam a perda.

— Ei, isso sim que é bonito! — exclama o homem do remendo vermelho em sua camisa.

Ele assinala uma coluna de madeira falhada e podre. No entanto, grande parte da mesma conseguiu sobreviver a ira do fogo e aos anos de abandono. Gravado nela se distingue todo um catálogo de nomes de meninas. Muitos nomes... *Alice, Louise, Theodora, Isabel, Mina.* Meus dedos se movem ao longo das irregularidades da madeira e sinto-me como se fosse cega. Sei que seu nome tem que estar aqui, e não me decepciono. *Mary.* Estendo a palma da mão sobre as gravuras desgastadas pelos anos, esperando sentir a presença de minha mãe sob a pele. Mas apenas é madeira morta; Pisco para limpar as lágrimas que arde em meus olhos.

— Senhorita?

O homem me olha com curiosidade, Imediatamente eu enxugo as bochechas.

— É culpa do vento. Entrou cinza nos meus olhos.

— Sim, está soprando forte. Está vindo mais chuva. Talvez uma tempestade.

— Oh, aí vem a Sra. Nightwing! — sussurra Cecily — Por favor, vamos! Eu não quero ter problemas!

Rapidamente pegamos nossos esboços e nos sentamos longe, a uma distância segura, num banco de pedra do jardim de rosas que ainda hibernam com a cabeça baixa, em fingida concentração. A Sra. Nightwing não repara em nossa presença. Ela se dedica a observar o avanço das obras. O vento trás sua voz até nós.

— Eu esperava que tudo estivesse mais adiantado, Sr. Miller.

— Trabalhamos dez horas por dia, senhora, e, além disso, temos que batalhar com a chuva. Não pode responsabilizar os homens pelos atos da natureza.

O Sr. Miller comete o grave erro de sorrir para a Sra. Nightwing de forma encantadora. Ela não sucumbe ao encanto e, além disso, já está muito tarde para preveni-lo. O brilho gelado do olhar da Sra. Nightwing faz com que as cabeças dos homens se inclinem sobre suas madeiras. O som dos martelos e serras trabalhando é ensurdecedor. O sorriso do Sr. Miller desaparece.

— Sr. Miller, se você não é capaz de terminar o trabalho a tempo, me verei obrigada a procurar outros operários.

— Estão trabalhando em toda Londres, minha senhora. Os operários não crescem em arvores.

De acordo com minhas contas, ao menos há vinte homens trabalhando dia após dia, e ainda assim a Sra. Nightwing não está satisfeita. Ela cacareja, incomoda e importuna o Sr. Miller a toda hora. É realmente muito esquisito. Se o velho edifício tem permanecido abandonado durante todo este tempo, o que importa se as obras demorem uns meses a mais?

Tento capturar a aparência da nova torre no papel. Quando estiver concluída será a parte mais alta de Spence, pode ser que tenha cinco andares. E também será ampla. Um homem permanece de pé no alto, recortado contra um grupo ameaçador de nuvens de chuva, como um cata-vento.

— Você não acha estranho a pressa de Nightwing para terminar a ala leste? — pergunto a Felicity.

Cecily me escuta de passagem e se sente obrigada a responder.

— Se quer saber minha opinião, não acho que seja muita pressa. É uma desgraça que a tenham abandonado durante tanto tempo.

— Tenho ouvido que só agora conseguiram arrecadar os fundo necessários — informa Elizabeth.

— Não, não, não! — A Sra. Nightwing caminha a passos largos e com resolução para os pedreiros, como se estes estivem em sua responsabilidade. — Eu disse a vocês que essas pedras devem ser colocadas em ordem, aqui e aqui.

Ela aponta para um esboço desenhando em giz.

— Desculpe, senhora, mas que importância tem isso? A construção é firme e forte.

— É uma restauração — Ela aspira como se falasse com um idiota — Os planos devem ser seguidos com precisão.

— A chuva se aproxima, senhor — grita um operário do terceiro andar da torre.

Uma gota pinga em minha face como um aviso. É seguida por mais gotas de chuva que caem ritmicamente. Caem em minha folha de papel e transformam o esboço da Ala Leste em um riacho de carvão. Os homens levantam os olhos para o céu com as palmas das mãos para cima como se pedissem misericórdia a Deus, enquanto o céu responde *"Não daremos trégua".* Rapidamente, os homens se precipitam torre abaixo e se apressam em cobrir suas

ferramentas e a colocá-las a salvo da ferrugem. Com os cadernos de desenho sobre nossas cabeças, nós meninas nos lançamos por entre as árvores como gansos assustados, guinchando e gritando ante a indignidade por encharcar-se. Brigid faz sinais para que nos aproximemos; seus braços são como uma promessa de segurança e um aconchegante fogo.

Felicity me puxa para trás de uma árvore.

— Fee! A chuva! — protesto.

— Ann retorna esta tarde. Poderíamos tentar entrar nos reinos.

— E se não conseguir fazer portal aparecer?

— Você só precisa se concentrar — insiste.

— Por acaso você acha que não me concentrei a semana passada ou o mês passado ou a vez anterior a esta? — Agora está chovendo com mais força — Talvez eu esteja sendo castigada. Pelo que fiz a Nell e a senhorita Moore!

— A senhorita Moore! — espeta Felicity — Circe; esse é seu nome. Era uma assassina! Gemma, ela matou sua mãe e a incontáveis meninas para chegar a você e obter o poder. Certamente haveria te destruído se você não houvesse acabado com ela antes.

Quero acreditar que isso é verdade, que fiz bem ao trancar, para sempre, a senhorita Moore nos Reinos. Que só podia salvar a magia se me apoderasse dela. Quero acreditar que Kartik está são e salvo e que está vindo para mim, para Spence, e que a qualquer momento o verei aparecer nestes bosques e dará um sorriso destinado apenas para mim. Embora ultimamente não esteja certa de nada.

— Não sei se está morta — resmungo.

— Está morta, e nos livramos dela em boa hora.

A vida é algo muito mais simples no mundo de Fee. E eu gostaria de poder engatinhar para dentro de seu mundo e viver sem ter dúvidas.

— Tenho que saber o que aconteceu com Pippa. Esta noite tentaremos de novo. Olhe para mim — Ela vira meu rosto para o dela, de modo que eu não possa me esquivar de seu olhar. — Prometa.

— Eu prometo — digo.

E eu rezo para que ela não tenha visto minha dúvida se transformando em medo.

3

A CHUVA TEM DESCARREGADO TODA SUA FÚRIA. Encharca o roseiral adormecido e o gramado, o verde amarelo das folhas lutando para nascer. Ela também encontrou minha amiga Ann Bradshaw, que permanece no hall de entrada com o casaco de lã marrom e o enfadonho chapéu, salpicados de gotinhas. Uma pequena mala descansa a seus pés. Ela passou a semana com seus primos em Kent. Em maio, quando Felicity e eu faremos nossa apresentação na sociedade, Ann trabalhará para eles como governanta de suas duas filhas. Nossa única esperança para poder mudar suas perspectivas para o futuro era entrar nos Reinos e tentar compartilhar a magia. No entanto, apesar de todos os meus esforços para fazê-lo, não consegui entrar. E, sem os Reinos, não posso fazer com que a magia recobre a vida. Desde o Natal passado não voltei a ver esse mundo encantado, embora nestes últimos meses tenha tentado voltar a ele dezenas de vezes. Em algumas ocasiões eu vislumbrei um lampejo, mas não era nada mais do que uma única gota de chuva durante a seca. Dia a dia, nossas esperanças se dissipam e nossos futuros parecem imóveis como as estrelas.

— Bem-vinda de volta — digo, ajudando Ann a tirar o casaco molhado.

— Obrigada.

O nariz dela escorre, e seu cabelo, da cor da pele de um rato do campo, se solta das amarras de seus laços. Fios longos e finos de cabelo caem sobre seus olhos azuis e grudam em suas bochechas rechonchudas.

— Como foi sua estadia com seus primos?

Ann não sorri.

— Tolerável.

— E as meninas? Você gostou delas? — pergunto esperançosa.

— Lottie me trancou durante uma hora em um armário e a pequena Carrie me deu um chute na perna e me chamou de pudim — ela limpa o nariz — e isso foi apenas no primeiro dia.

— Oh!

Nós permanecemos por um longo tempo sob o brilho do infame lustre com cobras de

metal.

Ann baixa a voz até falar num sussurro.

— Você conseguiu voltar para os Reinos?

Nego com a cabeça e Ann me olha como se fosse começar a chorar.

— Mas tentaremos novamente essa noite — respondo rapidamente.

Um começo de sorriso ilumina o rosto de Ann durante alguns instantes.

— Ainda há esperança — adiciono.

Sem falar, Ann me segue até o grande salão, onde, mais além do fogo crepitante da lareira e as colunas artisticamente trabalhadas, as meninas jogam whist[3]. Brigid assusta um pequeno círculo de meninas com histórias de fadas e duendes, e jurando que eles vivem nos bosques atrás de Spence.

— Não vivem ali! — Protesta uma delas, mas leio em seus olhos que quer que Brigid lhe diga que está errada.

— Vivem, sim, senhorita. Além de muitas outras criaturas. É melhor que não saiam no escuro; é a hora deles. Fiquem seguras em suas camas se não quiserem acordar e descobrir que foram levadas pelos Outros — adverte Brigid.

As meninas correm para as janelas para dar uma olhada na ampla extensão noturna, esperando vislumbrar rainhas saídas de um conto de fadas e duendezinhos. Eu poderia lhes dizer que não os veriam ali. Teriam que viajar conosco através do portal de luz, até outro mundo, para desfrutar da companhia de semelhantes criaturas fantásticas.

— Nossa Ann está de volta — anúncio, abrindo as cortinas da tenda privada de Felicity.

Tão dramática como sempre, Felicity delimitou um dos cantos do grande salão com cortinas de seda. Parece a casa de um paxá[4], e ela a governa como se fosse seu próprio reino.

Felicity dirige o olhar para a barra completamente enlameada da saia de Ann.

— Cuidado com os tapetes.

Ann limpa as saias sujas enquanto deixa cair pedaços de barro no chão, o que faz Felicity suspirar irritada.

— Oh, Ann, Por favor!

— Desculpe — ela murmura.

Ela junta as saias e se senta no chão, procurando não sujar mais nada. Sem pedir permissão, ela inclina-se para uma caixa aberta de chocolates e pega três, irritando Felicity mais uma vez.

— Não precisa pegar todos — resmunga ela.

Ann devolve dois a seu lugar. Eles ficam com as marcas de seus dedos.

Felicity suspira.

— Você já os tocou, então é melhor que coma.

---

[3] N/T: jogo de cartas similar a Copas.

[4] N/T: É a denominação dada entre os turcos aos governadores de províncias do Império Otomano, e correspondia ao título de "Excelência" usado no Ocidente. Na linguagem popular brasileira, o termo é aplicado a quem leva uma vida faustosa, opulenta, cheia de ostentação e ociosa. É também usado na expressão brasileira "sentado como um paxá", que é como sentar-se indisciplinadamente, sem muito estilo, bem à vontade.

Sentindo-se um pouco culpada, Ann enfia os três na boca de uma vez só. Ela provavelmente nem sentiu o gosto deles.

— O que você tem ai?

— Isto? — Felicity estende um cartão branco com uma linda inscrição em preto — Eu recebi um convite para o chá da Lady Tatterhall em honra a uma tal senhorita Hurley. Será uma reunião de tema egípcio.

— Oh! — exclama Ann lentamente, suas mãos hesitam diante da caixa de chocolates — Suponho que você também terá recebido um Gemma.

— Sim — digo sem poder deixar de me sentir culpada.

Não suporto que não incluam Ann, é abominavelmente injusto, embora eu tampouco goste de me sentir tão mal por isso.

— E, claro, também assistirei ao baile de Yardsley Hall — continua Felicity — Ele promete ser espetacular. Ouviu falar da jovem senhorita Eaton?

Nego com a cabeça.

— Ela estava usando seus diamantes de dia! — Felicity quase grita, com deleite — Foi a fofoca de toda Londres. Não voltará a cometer esse erro nunca mais. Oh, você deveria ver as luvas que minha mãe levou ao baile dos Collinsworth. Eram excelentes!

Ann tira um fio da barra de seu vestido. Ela não assistirá ao baile dos Collinsworth nem a nenhum outro, exceto como dama de companhia de Lottie ou Carrie algum dia. Não terá uma temporada social nem dançará com pretendentes atraentes. Tampouco usará penas de avestruz no cabelo, ou fará uma reverência à Sua Majestade. Ela está em Spence como uma estudante bolsista, sendo bancada por seus primos ricos com a finalidade de ser a governanta deles.

Eu limpo a garganta. Felicity olha para mim.

— Ann — diz em tom muito alegre — Como foi sua estadia em Kent? É tão lindo na primavera como dizem?

— A pequena Carrie me chamou de pudim.

Felicity tenta não rir.

Ela limpa a garganta.

— Bom, é apenas uma criança. Logo você a terá comendo na palma de sua mão.

— Tenho um pequeno quarto só para mim, no último andar. Tem vista para os estábulos.

— Uma janela. Sim, bem, é muito bom ter uma vista — responde Felicity sem ter ouvido uma palavra

— Oh! O que temos aqui?

Ann nos mostra a programação de uma representação de *Macbeth* no teatro Drury Lane, protagonizada pela grande atriz norte-americana, Lily Trimble.

Ann observa saudosamente o retrato da senhorita Trimble caracterizada de Lady Macbeth.

—Você assistiu? — pergunto.

Ann nega com a cabeça.

— Meus primos foram.

Sem ela. Qualquer pessoa que conheça Ann sabe o quanto ela gosta de teatro.

— Mas deixaram você ficar com a programação — diz Felicity — Isso é muito legal.

"Sim, tão legal quanto um gato que deixa que o rato fique com seu rabo."

Felicity consegue ser muito insensível, às vezes.

— Você teve um bom aniversário? — pergunta Ann.

— Sim, realmente agradável — ronrona Felicity — Dezoito. Que idade tão gloriosa. Agora já poderei receber minha herança. Bom, não imediatamente, claro. Minha avó insistiu que minha apresentação na sociedade constasse como cláusula de seu testamento. Enquanto faço minha reverência diante da rainha, serei uma mulher rica e poderei fazer o que eu quiser.

— Quando você fizer sua apresentação na sociedade — repete Ann engolindo o último resto de chocolate que ficava na boca.

Feliciy pega um chocolate para ela.

— Lady Markham já terá anunciado sua intenção de ser minha madrinha. Assim que o assunto pode ser considerado resolvido. Felicity Worthington, herdeira — o bom humor de Felicity desaparece — Eu gostaria que Pippa estivesse aqui para poder compartilhar com ela.

Ann e eu trocamos um olhar ao escutar o nome de Pip. Uma vez, ela também foi uma das nossas. E agora está em algum lugar dos Reinos, provavelmente perdida nas Terras Invernais. Quem sabe o que terá acontecido com ela? Mesmo assim, Fee ainda se apega a esperança de poder encontrá-la, e até mesmo de salvá-la.

A tenda se abre. Cecily, Elizabeth e Martha amontoam-se dentro. É muito pequeno para que ficarmos todas aqui. Elizabeth se apressa para Felicity enquanto Martha e Cecily sentam ao meu lado. Ann é empurrada para os fundos da tenda.

— Acabo de receber um convite para o baile organizado pela duquesa de Crewesbury — anuncia Cecily enquanto se acomoda no chão como um gato persa convencido.

— Eu também — acrescenta Elizabeth.

Felicity se esforça para parecer entediada.

— Minha mãe recebeu os nossos faz séculos.

Eu não recebi um convite para esse baile e espero que ninguém me pergunte se me convidaram.

Martha se abana fazendo uma careta.

— Oh, querida. Estamos tão apertadas aqui, não é? Lamento que não caibam todas — diz olhando para Ann.

Cecily e suas amigas sempre trataram Ann como uma servente, no entanto, desde nossa tentativa infeliz de fazê-la passar pela filha de um duque de sangue russo, no natal passado, agora a tratam como uma pária. O boato se espalhou por carta e cochichos, de modo que não há uma só menina em Spence que não conheça a história.

— Nós vamos sentir sua falta, Cecily — digo com um alegre sorriso.

Eu gostaria de dar um chute diretamente nos dentes dela.

Cecily deixa totalmente claro que não vai ser ela que vai sair. Ela estende suas saias a seu

redor para ocupar ainda mais espaço. Martha sussurra no ouvido de Elizabeth e ambas começam a rir. Eu poderia perguntar do que riem, mas não me diriam, assim ignoro suas risadas.

— Que cheiro é esse? — pergunta Martha fazendo uma careta.

Cecily cheira o ar teatralmente.

— Caviar, talvez? Diretamente da Rússia! Porque, ele deve ser do próprio Czar!

Ann está com as bochechas vermelhas e os lábios tremendo. Levanta-se tão rapidamente que quase cai ao apressar-se para as bordas da tenda.

— Se me desculparem, tenho que terminar o trabalho de costura.

— Por favor, cumprimente seu tio duque de minha parte — grita Cecily, e as outras riem baixinho.

— Por que você zomba dela assim? — pergunto.

— Ela não merece estar aqui — certifica Cecily.

— Isso não é verdade — replico.

— Ah não? Este não é lugar para algumas pessoas — Cecily me perfura com um olhar altivo — Ouvi há pouco tempo que seu pai não se encontra bem de saúde e que está descansando em Oldham. Você deve estar muito preocupada. Diga-me, que doença ele tem?

A única coisa que falta em Cecily é uma língua bifurcada, pois ela é certamente uma cobra debaixo daquele lindo vestido.

— Gripe — respondo, a mentira deixa um gosto amargo em minha boca.

— Gripe — repete olhando furtivamente as outras.

— Mas está muito melhor e amanhã irei visitá-lo.

Cecily ainda não se dá por vencida.

— Fico feliz em saber, porque as vezes escutam-se histórias desagradáveis: cavalheiros encontrados em casas de ópio e forçados a entrar num sanatório. Realmente chocante.

— Cecily Temple, não escutarei mais nenhuma calunia está noite — adverte Felicity.

— Ele tem gripe — repito, mas minha voz fraqueja.

Cecily sorri triunfante.

— Claro, claro que sim.

Corro atrás de Ann, chamando-a aos gritos, mas ela não para. Ao contrário, aperta o passo, aponto de começar a correr, desesperada para se afastar de nós e de nossa conversa fiada sobre festas e chás.

Promessas próximas o bastante para serem tocadas, mas não desfrutadas.

— Ann, por favor — digo enquanto paro ao pé da escada. Ela esta na metade. — Ann, você não deve prestar atenção nelas. Não são meninas de verdade, são demônios horríveis, trogloditas com cachos!

Se eu esperava fazê-la rir, me decepcionei.

— Mas são as que mandam — responde sem olhar para cima — Sempre fizeram e sempre farão.

— Ann, elas não viram as coisas que você viu nos reinos. Não sabem o que você fez.

Você transformou pedras em borboletas e navegou através de uma cortina de ouro. Você nos salvou das ninfas da água com sua canção.

— Apenas uma vez — afirma categoricamente — E o que isso importa? Não mudará meu destino, não é? Em maio, Felicity e você terão suas apresentações na sociedade. E eu trabalharei para meus primos. Isso vai acabar e nós nunca mais vamos nos ver novamente.

Por um momento, ela olha nos meus olhos, obviamente, na esperança de encontrar conforto lá.

Diga-me que estou errada, me diga que você tem outro truque na manga, Gemma, seus olhos imploram. Mas ela não está errada, e não sou rápida o suficiente para mentir, nem tenho lábia suficiente para isso. Não esta noite.

— Não permita que elas ganhem, Ann. Vamos voltar para a tenda.

Embora ela não me olhe posso sentir seu desagrado.

— Você não entende, não é? Elas já ganharam.

E depois de proferir essas palavras, se refugia nas sombras.

Eu poderia voltar para a tenda, com Fee e as outras meninas, mas não estou com humor para isso. A melancolia se estabeleceu em meu coração e não irá se render, eu quero ficar sozinha.

Encontro uma cadeira de leitura adequada no grande salão, afastada da tagarelice das meninas.

Mal leio algumas páginas, quando percebo que estou à só um braço de distância da infame coluna. É um dos estranhos detalhes de Spence. Como o lustre de serpentes esculpidas na sala de estar. As gárgulas lascivas no telhado. O ridículo papel de pena de avestruz que cobre as paredes. O retrato da fundadora da academia, Eugenia Spence, ameaçando-nos do topo da escada, com seus penetrantes olhos azuis observando tudo. Também incluiria entre todas essas excentricidades as lareiras gigantescas que parecem menos com cornijas e mais com a boca aberta de uma besta. E também esta coluna no centro do grande salão, que ostenta esculturas de fadas, sátiros, duendes, ninfas e diabinhos de todos os tipos.

E também está viva.

Ou esteve, uma vez. Todas essas “esculturas” são criaturas dos reinos presas aqui para toda a eternidade.

Em uma ocasião, as devolvemos à vida — de forma insensata — com ajuda da magia e estivemos a ponto de nos destruir por causa disso. Algumas dessas criaturas mal-intencionadas tentaram fugir, e outras tentaram pôr em perigo nossa integridade. Finalmente, conseguimos obrigá-las a voltar para sua prisão.

Observo de perto esses pequenos corpos congelados na pedra. As bocas das criaturas estão abertas e emitem um grito de raiva. Seus olhos estão cravados em mim. Eu não gostaria de estar aqui se conseguissem escapar. Embora ela me assuste, algo me leva a tocar a coluna. Meus dedos se deslizam pelas asas rígidas de uma fada, imóvel em pleno voo. Tremo e passo a mão em outro lugar. Ela para em uma careta na boca de um sátiro, meu coração bate

descontroladamente ao sentir uma curiosa mistura de fascínio e repulsa. Fecho os olhos e permito que meus dedos explorem as ásperas rugas e protuberâncias de sua boca ameaçante: a língua, os lábios, os dentes.

Meus dedos acariciam a pedra, uma saliência afiada corta minha pele. Emito um grito afogado por causa da dor. O sangue escorre por um pequeno furo. Não tenho um lenço, então coloco o dedo na boca e provo o gosto amargo do sangue. A coluna permanece em silêncio, mas sinto sua ameaça através de minha ferida pulsante. Aproximo a cadeira da reconfortante conversa de Brigid, seus afagos maternais, longe da coluna e de sua beleza perigosa.

***

Às dez horas nossos olhos começam a pesar e nossos corpos estão ansiosos para poder se refugiar sob os cobertores quentes e o esquecimento do sono, nós subimos as escadas que nos levam a nossos respectivos quartos.

Felicity se aperta ao meu lado.

— Meia-noite e meia, no lugar de sempre — sussurra. Ela não espera minha resposta. Deu uma ordem e não precisa de mais.

A luz das candeias ainda iluminam, levemente, meu quarto. Ann está dormindo, mas deixou suas tesouras de costura onde eu possa vê-las. As lâminas estão fechadas, mas sei que fizeram seu trabalho escoriando a parte interior de seus pulsos. Eu sei que ela esta coberta de lacerações recentes que logo se confundirão na teia de velhas cicatrizes em sua carne. Se encontrasse de novo o caminho para os Reinos, o caminho até a magia, seria capaz de ajudá-la, mas, por enquanto, não posso mudar seu destino. Imagino se ela tentará mudá-lo.

4

A PRIMEIRA VEZ QUE VIM À ACADEMIA SPENCE não sabia nada do seu passado ou como se relacionava com a minha vida. Eu apareci vestida de luto, porque minha mãe havia morrido poucos meses antes. A cólera foi a explicação oficial dada como causa de sua morte. Mas eu sabia mais. Em uma visão eu a tinha visto morrer perseguida por um espectro medonho de outro mundo, um Rastreador, que teria tomado posse de sua alma se ela não tivesse terminado com sua própria vida.

Foi a minha primeira visão, mas não a última. Eu tive muitas. Eu tinha herdado o poder, uma linhagem que minha mãe me passou, dependendo de como você olhar, um dom ou uma maldição. Foi aqui, em Spence, onde eu aprendi da minha ligação para outro mundo além desse, um mundo de poderes extraordinários, chamado de Reinos.

Durante séculos, os Reinos foram governados por uma poderosa tribo de sacerdotisas, chamada de a Ordem. Juntas, usavam a magia dos reinos para ajudar os falecidos a completar as tarefas que foram atribuídas as suas almas quando solicitadas, e para atravessar o rio. Ao longo do tempo, esse poder cresceu. Elas podiam criar lindas ilusões, influenciar pessoas e acontecimentos do mundo mortal. Mas sua principal missão era manter o equilíbrio entre o bem e o mal nos Reinos. Por esse motivo há tantas tribos e entre elas, as criaturas malévolas das Terras Invernais — que fariam qualquer coisa para conseguir a magia, para governar os reinos e, talvez, o nosso mundo. Para preservar a magia, a Ordem selou-a em um círculo de runas. Só ela que poderia fazer uso do seu poder. As outras tribos dos reinos se sentiram decepcionadas e ofendidas. Eles também queriam participar na magia.

Com o tempo, até mesmo os aliados da Ordem se tornaram suspeitos. Em uma ocasião, a Ordem se juntou aos Rakshana para proteger os Reinos. Estes homens mantiveram o direito de proteger e guardar os Reinos. Além disso, eles eram seus amantes. Mas eles também se sentiram ofendidos pelo controle da Ordem sobre os reinos e da grande magia.

E isso tem continuado ao longo de décadas, ambos os lados lutaram para conseguir a magia, até que o incêndio, que ocorreu há vinte e cinco anos. Naquela noite, minha mãe e sua melhor amiga ofereceram um sacrifício, uma menina cigana, para as criaturas da Terra de Invernais, em troca de seu poder. No entanto, algo não funcionou. A criança morreu por

acidente, por isso não poderia ter sua alma. Enfurecida, a criatura pediu a vida das duas jovens, porque, estupidamente, tinham aceitado esse trato e tinha de ser realizado a qualquer custo. Para salvar a vida da minha mãe e de Sarah, Eugenia Spence, a grande mestre e fundadora da Ordem e da Academia Spence, se ofereceu para as criaturas das Terras Invernais em troca do terrível ato cometido contra a menina cigana. Seu último ato foi entregar seu amuleto para minha mãe. Eugenia fechou os Reinos, selando-os para que nada, nem ninguém pudesse entrar, ou sair, até o surgimento de uma sacerdotisa com o poder, alguém que pudesse abrir os Reinos novamente e traçar um novo caminho para o mundo mágico.

Eu sou essa jovem. E ninguém parece muito feliz com isso. A Ordem me considera imprudente e insensata. Os Rakshana acham que eu sou perigosa. Eles enviaram um deles, um menino chamado Kartik para me vigiar, para adverti-me a não entrar nos Reinos e, como não funcionou, eles ordenaram que ele me matasse. No entanto, ele traiu seus irmãos e salvou a minha vida, colocando um preço sobre sua própria cabeça.

Você pode não gostar, mas os fatos são estes: sou a única capaz de abrir os reinos e, até agora, ninguém pode entrar sem a minha ajuda. Fui eu quem quebrou o selo de magia para destruir as runas. E fui eu quem encontrou a fonte da magia em um lugar protegido, chamado de Templo. Lá, no templo, eu lutei contra Circe, a adversária de minha mãe e inimiga da Ordem, para manter a magia a salvo. Para alcançar este objetivo, assassinei-a e tomei posse da magia. Eu prometi me juntar à minhas amigas, à Kartik e às tribos dos reinos. De estabelecer uma aliança e partilhar a magia com eles.

Desde então, já não tenho visões e não posso entrar nos Reinos. Eu não sei por quê. Tudo o que sei é que: toda vez que tento fazer com que a porta de luz — a qual nos leva a outro mundo — apareça, ela não aparece. Em vez disso, atormenta-me uma visão de Circe tal como eu a deixei, presa no poço da eternidade, que está dentro do Templo. Perdida para sempre neste poço mágico convertido em uma sepultura de água.

Eu sou a única que pode decidir o futuro dos Reinos e de seu poder, e não tenho ideia de como voltar.

Tudo bem.

Mas esta noite vai ser diferente. Vamos encontrar uma maneira de entrar. Encontrar coragem para fazê-lo. Voltarei a sentir a magia chicotear pelas minhas veias. Minhas amigas e eu iremos para os Reinos de jardins perfumados, e iremos começar um novo capítulo.

Porque, se não conseguirmos, teremos perdido os Reinos para sempre.

***

Quando a escola é tomada pela escuridão e pelo silêncio, quando a tagarelice feliz das estudantes não é mais o eco de um eco nos corredores de Spence, Ann e eu vamos, na ponta dos pés, até as escadas para encontrar Felicity. A Ala Leste dorme, os martelos não nos incomodam. No entanto, ela possui uma energia própria.

Sossegue, Ala Leste. Não escutarei seus sussurros esta noite.

Felicity tem algo na mão.

— O que você tem aí? — pergunto. Ela abre a sua mão e nos mostra um lenço de renda requintada.

— É para Pippa, se a encontrarmos.

— É muito bonito. Ela ficará encantada — digo. Não sou eu quem vai destruir a ilusão de Felicity. Descemos as escadas atrás dela. Nossas sombras alongam-se e estreitam-se à medida que descemos, como se estivessem tentando retornar para a segurança de nossas camas. Nós penetramos no interior do grande salão, até a tenda de Felicity, e sentamos no chão com as pernas cruzadas, como fizemos tantas vezes. Ann mordisca o lábio inferior e me olha.

— Você está pronta? — pergunta-me Felicity. Não tenho certeza, mas inspiro e expiro, decidida.

— Sim. Vamos começar.

Damos as mãos e tento, com todas as minhas forças, esvaziar a mente, não pensar em nada, exceto nos Reinos. Eu vejo a grama no jardim, a Caverna dos Suspiros estendendo-se acima do rio cantante. O mundo encantado começa a tomar forma em meus olhos.

— Você viu? — Ann me interrompe. A visão do jardim desaparece como uma cortina de fumaça.

— Ann!

— Desculpe — ela resmunga.

— Não fique nervosa. — repreende Felicity enquanto eu aperto suas mãos. — Só se lembre, Gemma, de que o futuro está em suas mãos.

Sim, obrigada. Ouvir isso me deixa muito calma.

— Por favor, eu preciso de silêncio. — Obedientemente, ela abaixa a cabeça e fica quieta, e, imediatamente, sinto um toque de magia.

Vamos, Gemma. Não pense que você não pode. Imagine a porta. Aparecerá. Faça-a aparecer. Seu desejo será cumprido.

A porta não aparece. Eu não vejo nem sinto nada. Eu sinto o pânico que sussurrando perguntas habituais como: e se o dom era apenas um empréstimo? E se eu o perdi para sempre? E se tudo foi um erro e eu sou apenas uma pessoa comum?

Abro os olhos e tento controlar a minha respiração.

— Eu preciso de uma pausa.

— Nós não deveríamos ter esperado tanto tempo para tentar novamente — Reclama Felicity — Nós deveríamos ter entrado nos reinos muito antes, em janeiro. Por que temos esperado tanto tempo?

— Eu não estava preparada para ir para lá — respondo.

— Você estava esperando ele voltar. — diz Felicity. — Bom, ele não vai voltar.

— Eu não estava esperando por Kartik — rebato, cada vez mais irritada. Ela estava um pouco certa, é claro. Mas só um pouco. A imagem da senhorita Moore perambula por minha mente. Vejo sua mandíbula definida, seu relógio de bolso na mão, como ela era enquanto

ainda era a nossa querida professora, antes de nós descobrirmos que ela era Circe. Antes de eu a matar.

— E-eu não estava pronta. É só isso. — Felicity me dá um olhar gelado.

— Você não fez nada do que tenha de se arrepender. Ela merecia morrer.

— Vamos tentar outra vez. — insiste Ann. Ela oferece-me suas mãos e vejo os vários cortes recentes.

— Tudo bem. A terceira é a da vez. — Eu faço piada, mesmo não estando nem um pouco feliz.

Eu fecho meus olhos e desacelero minha respiração, tentando esvaziar a mente de qualquer coisa que não seja os Reinos e um modo de entrar neles. Um calor se espalha por meu estômago, me provocando. É como tentar acender um fósforo repetidamente, sem saber se ele vai acender ou não. *Vamos, vamos.* Por um instante, o brilho queima como fogo, começando pela ponta de meus dedos. Eu vejo as árvores balançando suavemente no jardim. O rio cantando. E eu vejo o portão de luz. Ha! Ah, sim! Como eu senti falta disso! Agora tudo que tenho a fazer é manter essa visão...

A imagem desaparece e em seu lugar aparece o rosto fantasmagórico de Circe sob as águas frias do poço. Seus olhos se abrem.

— *Gemma...*

Ofego e interrompo a visão, o poder se vai.

Vejo que os Reinos recuam, como uma maré que não posso suportar. Não importa o quão arduamente eu tente recuperá-los, é impossível. Ann é a primeira a desistir. Ela está acostumada com decepções e aceita a derrota mais rápido.

— Eu estou indo para a cama.

— Desculpe — murmuro. O peso da sua infelicidade deixa minha respiração difícil. — Eu não sei o que aconteceu. — Felicity concorda.

— Eu não entendo. Você guardou a magia em si mesma. Nós deveríamos conseguir invocar a porta sem problemas.

Deveríamos, mas não conseguimos. Eu não consigo. E minha confiança diminui a cada fracasso.

E se eu nunca conseguir voltar?

***

Muito tempo depois de minhas amigas já terem ido dormir, eu sento em minha cama, abraçando meus joelhos contra o peito e de olhos bom fechado, e imploro para que a porta de luz apareça apenas com a repetição de duas palavras: *Por favor, por favor, por favor...* Imploro até minha voz ficar rouca de lágrimas e desespero, até que o amanhecer entra por minha janela e me banha com sua luz implacável, até que tudo o que me resta é a confissão daquilo que não quero acreditar: eu perdi minha magia e não sou nada sem ela.

5

O HOSPITAL DE OLDHAM FICA À UMA HORA, DE TREM, de Londres. É um grande edifício branco, cercado por um extenso gramado. Muitas cadeiras ficam espalhadas sobre ele para os residentes tomarem o sol o quanto quiserem.

Como prometido, Tom e eu tínhamos ido visitar o nosso pai. Eu não quero me lembrar dele aqui. Eu prefiro lembrar-me dele em seu estúdio com a lareira acesa, o cachimbo na mão, olhos brilhantes e uma história fantástica para contar para entreter a todos. Mas suponho que, mesmo no hospital Oldham é uma memória muito melhor do que eu tenho do meu pai no ópio do leste de Londres, tão drogado que ele era capaz de trocar seu anel de casamento para um pouco mais.

Não, eu não vou pensar sobre isso. Não hoje.

— Lembre-se, Gemma, você tem que ser alegre e feliz — me adverte Tom, meu irmão mais velho, mas não mais sábio, enquanto descemos a grande extensão de relva e deixamos para trás as sebes bem aparadas, sem ramos salientes, ou grama esmeralda que prejudicam sua simetria.

De passagem, uma enfermeira lhe presenteou com um sorriso.

— Eu vou me lembrar de como agir sem a ajuda de seu bom conselho, Thomas — Eu digo com os dentes cerrados.

— Espero que sim — honestamente para que servem os irmãos, exceto para atormentar e irritar em partes iguais?

— Honestamente, Thomas, deveria ser mais cuidadoso com café da manhã. Você tem uma mancha de ovo enorme em sua camisa. — Em pânico, Tom inspeciona sua roupa.

— Eu não consigo enxergar!

— Mais para a direita — aponto um lugar em sua camisa.

— O quê?

— Feliz dia da mentira.

Sua boca torce um sorriso orgulhoso.

— Nós não estamos ainda em abril.

— Eu sei — eu digo enquanto começo a andar rapidamente — E ainda assim você é um

inocente[5].

Uma enfermeira vestindo um uniforme branco engomado, mostra-nos uma pequena sala de estar ao lado de uma pérgula.

Um homem senta-se em uma espreguiçadeira de vime reclinável com um cobertor xadrez sobre suas pernas. Eu demoro um tempo para reconhecer meu pai. Ele está muito magro.

Tom limpa a garganta.

— Olá, pai. Você parece melhor.

— Sim, cada dia me sinto melhor. Gemma, céus, cada vez que eu vejo você está mais bonita.

Ele apenas passa seus olhos por mim ao fazer esse comentário. Nós já não nos olhamos como antes. Não mais. Não desde que eu o tirei do ópio. Agora, quando eu olho, vejo um viciado. E quando ele olha para mim, vê o que você não gostaria de lembrar. Eu gostaria de ser sua garotinha de novo e sentar-me ao lado dele.

— Muito gentil de você dizer isso, pai. — *Alegre e feliz, Gemma.* Eu sorrio simpaticamente. Ele está tão magro.

— Hoje está um dia bonito, não? — Diz papai.

— Sim, um lindo dia.

— Os jardins são maravilhosos — eu digo.

— Sim, magníficos — Tom me apoia.

— Ah. — Meu pai concorda distraído.

Eu sento na ponta da cadeira, pronta para fugir a qualquer momento.

Ofereço-lhe uma caixa embrulhada em papel de ouro e adornada com um grande laço vermelho.

— Eu trouxe suas balas favoritas.

— Ah — responde pegando a caixa sem nenhum entusiasmo. — Obrigado, querida. Thomas, você já pensou sobre a Sociedade de Hipócrates? Tom franze a testa.

— O que é Sociedade de Hipócrates? — Pergunto.

— Um conhecido do clube de cavalheiros, cientistas e médicos, todos os grandes pensadores. Eles têm demonstrado interesse em nosso Thomas.

Essa sociedade parece combinar com Tom; um assistente clínico em Bethlem Royal Hospital que, apesar de suas muitas falhas, é um excelente médico. Medicina e ciência são suas paixões e não consigo entender o desprezo com o qual ele fala da Sociedade de Hipócrates.

— Não estou interessado — responde Tom, com firmeza.

— Por que não?

— A maioria dos membros tem entre quarenta e um pé na cova — responde Tom desdenhosamente.

— Aquelas salas respiram sabedoria, Thomas. Você deveria ter o bom senso de respeitá-

[5] N/T: Na Inglaterra, eles chamam o 1º de Abril (dia da mentira) de "April Fool's", ou seja, "Dia dos Inocentes/bobos", por isso que Gemma o chama de inocente.

los.

Tom come uma das balas de hortelã.

— Não é o Clube Ateneu.

— Você sonha alto, não é, rapaz? A Universidade aceita apenas os de seu próprio círculo, e nós não estamos neste círculo — responde sem rodeios.

— Talvez eu esteja — responde Tom.

Tom anseia desesperadamente ser aceito pela nata da sociedade de Londres. Meu pai acredita que esse é o desejo de um tolo. Eu odeio isso não quero que eles discutam isso agora.

— Pai, eu ouvi dizer que vai voltar para casa logo — eu digo.

— Sim, me disseram. Seu velho pai está em perfeitas condições — eles responde entre tosses.

— Isso é maravilhoso — Tom disse com entusiasmo.

— É. — meu pai concorda. E, depois desse comentário, ficamos em silêncio.

Um bando de gansos vaga pelo gramado, como se eles também tivessem perdido o seu caminho. Um guarda os afugenta para a lagoa lá ao longe. No entanto, não há ninguém para nos ajudar a encontrar um novo caminho, assim que nos sentamos, falando de banalidades e evitando mencionar qualquer coisa realmente importante. Finalmente, uma enfermeira de cara redonda e cabelos grisalhos se aproxima de nós.

— Bom dia para você, Sr. Doyle. É hora de tomar as águas, senhor.

Meu pai sorri aliviado.

— Senhorita Finster, um raio de sol em uma manhã cinzenta. Logo que chega, tudo fica bem.

Senhorita Finster esboça um sorriso tão largo que parece que ele vai quebrar a cara.

— Seu pai é um verdadeiro galante.

— Bem, é melhor você irem — diz papai — Eu não quero que percam o trem para Londres.

— Verdade, verdade. — Tom é rápido para ir em frente. Nós chegamos faz menos de uma hora — Nos vemos em casa em duas semanas, pai.

— Claro — Miss Finster disse — Mesmo que nós fiquemos tristes por vê-lo ir.

— Tenho certeza que sim — diz Tom. Ele remove uma mecha de cabelo de sua testa, mas ele cai para cima de seus olhos.

Não há apertos de mão ou abraços. Nós sorrimos e balançamos a cabeça e nos separamos tão depressa quanto possível, aliviados por estarmos livres uns dos outros e dos silêncios constrangedores. No entanto, também me sinto culpada por experimentar tal alívio. Eu me pergunto se outras famílias também sentem isso. Eles parecem felizes de estar juntos. Eles se encaixam como peças de um quebra-cabeça, cuja imagem é completamente clara. Mas nós somos como aqueles pedaços estranhos de sucata, que não pode unir-se com satisfação.

— Ah, vá aqui — meu pai leva Miss Finster pelo braço como se fosse um verdadeiro cavalheiro.

— Miss Finster, faça-me a honra? — Miss Finster apresenta-lhe com um sorriso digno de um estudante, mas que é, provavelmente, tão antigo quanto a Sra. Nightwing.

— Oh, Sr. Doyle, claro que sim! — Eles caminham em direção ao grande edifício branco de braços dados. Papai só olha para nós dizer:

— Vejo vocês na Páscoa. — Sim, em duas semanas estaremos juntos novamente.

No entanto, duvido que eu realmente o veja.

***

Repreendo Tom no vagão de trem de volta para Londres.

— Thomas, por que provoca o papai dessa maneira?

— É isso. Defendendo-o como sempre faz. A preferida.

— Eu não sou a sua preferida. Ele nos ama igual. — Imediatamente eu me sinto uma sensação estranha no estômago, como quando eu digo uma mentira.

— Isso é o que dizem, não é? A compaixão não é crível — diz amargamente. De repente seu rosto se ilumina — Acontece que eu estava errado sobre o Clube Ateneu. Simon Middleton e Lord Denby me convidaram para jantar lá com eles. — Eu fiquei sem fôlego ao nome de Simon.

— Como está Simon?

— Atraente. Encantador. Rico. Para resumir muito bem. — Tom dá um sorriso e eu não posso deixar de pensar que ele está se divertindo às minhas custas.

Simon Middleton, um dos solteirões mais cobiçados na Inglaterra, é todas essas coisas. No último Natal, me cortejou muito seriamente e me pediu em casamento. Mas eu recusei sua proposta e de repente, não consigo me lembrar do por que.

— Ainda é cedo para dizer, — continua Tom — mas acho que Denby vai me propor adesão ao clube. Apesar da mesquinhez com que tratou Simon, Gemma, eu sei que o pai dele ainda me apoia. Ainda mais do que nosso pai.

— Simon... disse que eu o tratei de forma mesquinha?

— Não. Não me lembro dele tê-la mencionado em momento algum.

— Que bom seria ver os Middleton novamente — eu digo, e finjo que suas palavras não me afetaram — Tenho certeza que ele deve estar cortejando todas as moças do mundo.

Eu rio com a intenção de não soar alterada.

— Hmm — disse Tom — Não sei.

— Mas eles já estão em Londres, certo? — Escondo um sorriso. *Vamos, Thomas, seu miserável, você me jogou um osso, agora me dê o resto.*

— Eles chegarão em breve. Uma prima distante dos Estados Unidos chegará a visita para a temporada social, Miss Lucy Fairchild. Tem uma grande fortuna, pelo que eu sei. — Tom sorri com prepotência — Talvez você possa apresentá-la para mim. Ou talvez, tanto quanto um valioso membro do Ateneo seja ela quem peça para ser apresentada.

Não. É impossível manter um sorriso na presença do meu irmão. Nem mesmo os monges têm o tipo de paciência necessária para isso.

— Eu não sei por que você dá tanta importância ao Atheneo — respondo, irritada. Tom ri tão condescendentemente, que não consigo me impedir de imaginá-lo imerso em uma grande caldeira, rodeado de canibais famintos e armados com tochas.

— Você não ligaria, não é, Gemma? Você não se importa em ser alguém ou alguma coisa.

— Pelo menos os membros da sociedade de Hipócrates são homens da ciência e da medicina — Eu digo e ignoro o seu desprezo — Eles compartilham seus interesses.

— Eles não têm o contexto que dá ao clube da Universidade, que é onde o poder real. Também ouvir falar que os membros da sociedade de Hipocrates poderão votar para permitir o acesso a um pequeno numero de mulheres — responde meu irmão — Mulheres! Em um clube de cavalheiros!

— Bem, eu gosto disso — eu respondo.

Ele sorri superficialmente:

— Era de se esperar.

6

A ÚLTIMA VEZ QUE VI NOSSA CASA EM BELGRAVIA, esta estava envolta no inverno rigoroso. Enquanto a carruagem serpenteia por Hyde Park, a imponente vista da brotação das árvores em pé tão orgulhosas como a guarda real nos cumprimentam. Os narcisos exibem seus novos funis amarelos. Londres sorri.

Mas nossa governanta, a senhora Jones, não é assim. Ela me recebe na porta com um vestido preto e um avental branco. Um chapéu branco rendado na cabeça e uma expressão tão severa que quase considero a possibilidade de colocar um vidro perto de sua boca para ver se ainda respira.

— Como foi sua viajem, senhorita? — pergunta sem entusiasmo.

— Sem contratempos, obrigada.

— Me alegro, senhorita. Levo a mala para seu quarto?

— Sim, obrigada.

Fazemos verdadeiros esforços por nos mostrar educadas. Nunca dizemos o que sentimos. Para dizer a verdade, poderíamos cumprimentar uns aos outros e falar apenas de queijo:

"Como está o seu gruyère, senhorita?"

"Salgado como Stinking Bishops maduros, obrigada."

"Ah, muito Cheddar, senhorita. Levarei seu Stilton e sua Camembert, depois.[6]*"*

E ninguém perceberia.

— Sua avó a espera no salão, senhorita.

— Obrigada.

Não posso resistir a tentação.

— Você não precisa me acompanhar ao brie [7].

— Como quiser, senhorita.

E lá estamos nós, embora seja lamentável que minha piada tenha sido desperdiçada sem que ninguém, exceto eu, tenha sido capaz de aprecia-la.

---

[6] N/T: Gruyère, Stinking Bishops, Cheddar, Stilton e Camembert são tipos de queijo.

[7] N/T: Outro tipo de queijo, aqui a Gemma faz uma piadinha com relação ao que ela disse anteriormente com todos aqueles tipos de queijos.

— Você está atrasada — anuncia minha avó enquanto abro as portas do salão. Não sei porque me repreender, já que não sou o cocheiro nem o cavalo que me trouxe até aqui. Ela me dedica um olhar de desaprovação dos pés a cabeça.

— Nós temos que participar do chá da Sra. Sheridan. Você vai querer trocar de roupa, é claro. E o que aconteceu com seu cabelo? É o que se usa agora na Spence? Acho intolerável. Fique quieta.

Vovó puxa meu cabelo com tanta força que meus olhos lacrimejam, e crava três grampos que quase perfuram meu cérebro.

— Muito melhor assim. Uma dama sempre deve estar perfeita.

Ela toca a campainha e, como um fantasma, nossa governanta aparece.

— Sim, senhora?

— Senhora Jones, a senhorita Doyle precisará de ajuda para se vestir. Acho que o mais adequado será que coloque o vestido de lã cinza. E outro par de luvas que não pareçam os de uma faxineira — acrescenta enquanto franze o cenho ante a visão das pontas manchadas de minhas luvas.

Estou em casa a menos de um minuto e já me sinto assediada. Observo o salão escuro: as pesadas cortinas de veludo cor bordô, o papel de parede verde escuro, a escrivaninha e as prateleiras de mogno, o tapete oriental e a enorme samambaia em seu vaso pesado.

— Não iria mal um pouco de luz nessa sala.

Hah. Se é critica o que quer, nesse jogo dois podem jogar. O rosto de vovó se contrai, preocupado.

— É um ambiente elegante. Esta sugerindo que não é?

— Eu não disse isso. Apenas comentei que seria agradável deixar entrar a luz.

Vovó estuda as cortinas como se considerasse a idéia, embora brevemente, e de novo me observa como se eu fosse a idiota do povo.

— O sol estragaria a tapeçaria do sofá. E agora, se já temos dado por encerrado o tema da decoração, seria conveniente que você fosse se vestir. Saímos dentro de meia hora.

***

Uma criada silenciosa nos conduz até a bem abastecida biblioteca da Sra.Sheridan. A visão de tantos livros me reconforta, que é mais do que eu posso dizer do meu traje de lã cinza. Ele me irrita e coça tanto até o ponto que eu poderia começar a gritar.

A senhora Jones apertou tanto as fitas do meu espartilho que, se eu ousar tomar dois goles de chá, vomitarei ao menos um deles. Outras cinco meninas vieram com suas mães. Fico horrorizada ao descobrir que não conheço nenhuma, embora parece que elas sim, se conhecem entre si. E o que é pior: nenhuma delas foram obrigadas a a usar um traje de lã cinza desbotado.

Elas parece tão cheias de vida como a primavera, enquanto eu me assemelho a uma tia solteirona a quem qualquer garota se negaria a levar como dama de companhia. Eu mordo a língua para não confessar para a menina que está ao meu lado: *'Se eu morrer durante o chá,*

asfixiada pelo espartilho, não deixe que me enterrem com este vestido horrível ou sairei do meu tumulo para ir assombrá-la'.

Eu não faço ilusões a respeito de que se trate de um simples chá; estamos em um mercado e nós meninas somos a mercadoria. Enquanto as mães conversam, nós tomamos nosso chá em silêncio, nossos sorrisos um reflexo dos seus, como se fossemos intérpretes de uma pantomima[8].

Tenho que lembrar-me que só posso falar quando falarem comigo e repetir as opiniões das demais. Trabalhamos juntas para manter limpa e clara a superfície da vida, sem nos atrever a fazer um respingo. Com cada pergunta, com cada olhar, nós somos medidas com as escalas exigentes de suas mentes, deixando que a balança oscile entre suas expectativas e suas decepções.

Esta ri muito. Esta tem o cabelo áspero e pele avermelhada. Aquela exibe um expressão severa; e a de lá bebe o chá enquanto uma menina infeliz se atreve a dizer que a chuva é algo *"romântico"*, ao que lhe responde com firmeza que a chuva só é boa para as rosas e ruim para o reumatismo. Sem duvida alguma, sua mãe a repreenderá duramente enquanto sobem na carruagem e, sem piedade, culpara a governanta de tamanha malfeitoria.

Durante uns minutos, as senhoras formulam perguntas para nós: estamos ansiosas para que chegue o dia de nossa apresentação na sociedade? Nós gostamos de tal ópera ou representação teatral? Se respondemos com brevidade, elas sorriem, embora sou incapaz de ler suas expressões. Invejam nossa juventude e beleza? Se sentem alegres e excitadas ante o futuro que nos aguarda? Por acaso desejariam ter uma nova oportunidade em suas vidas? Um destino diferente?

Logo as mães se cansam de fazer perguntas.

Elas embarcam em uma conversa que não nos diz respeito. Durante um passeio pelos jardins da Sra. Sheridan (dos quais se orgulha muito, embora seja o jardineiro quem se encarrega deles), ficamos por nossa conta, graças a Deus.

As mascaras treinadas desaparecem.

— Você viu a tiara de lady Markham? Não é excelente? Eu daria qualquer coisa para usar uma tiara parecida, nem que fosse por um instante.

— Falando de lady Markham, suponho que terão ouvido o que se comenta dela — diz uma menina chamada Annabelle.

As outras se sentem imediatamente atraídas.

— O que dizem, Annabelle? O que aconteceu?

Annabelle suspira pesadamente, mas há certa falsidade no gesto, como se houvesse estado reprimindo-se até agora esperando a oportunidade de compartilhar suas novidades.

— Estou sobrecarregada com um grande segredo que só revelarei se me prometerem não contar a ninguém.

— Oh! claro! — prometem as meninas, que já devem estar pensando quem vai ser a primeira a quem contarão a fofoca infeliz.

---

[8] N/T: Pantomima é um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos.

— Eu ouvi que lady Markham mudou de idéia e não vai apresentar a senhorita Worthington a corte.

As meninas levam suas mãos enluvadas a boca, mas seus regozijos são tão evidentes como uma anágua ao cair. Estão felizes com a fofoca e duplamente felizes de não ser sobre elas.

Eu não sei o que dizer. Deveria dizer que Felicity e eu somos amigas? Elas já sabem?

O coro se pronuncia: *"Oh, querida. Pobre Felicity". "Que escândalo". "Mas é tão atrevida...".."É bem merecido. É culpa dela"." Eu adoro ela mas...". "Realmente".*

Annabelle as interrompe. Sem dúvida alguma, ela é a rainha entre elas.

— Sua independência não agrada as damas importantes, e depois tem a questão de sua mãe...

— Oh! O que é? Odeio minha governanta, nunca me explica nada! — exclama uma menina com bochechas como maçãs e boquinha delicada.

Os olhos de Annabelle brilham.

— Três anos atrás, a senhora Worthington viajou para o exterior enquanto seu marido, o almirante, estava em alto mar. Todo mundo sabe... que escapou a Paris para estar com seu amante! Se o almirante Worthington não fosse um herói e um dos favoritos de Sua Majestade, a senhorita Worthington não seria aceita em nossa sociedade decente. Conheço infinidade de detalhes sobre os horrores que o almirante tem infligido a sua filha, como que vai ao seu quarto ao anoitecer, algo que um pai jamais faria. Mas jurei a Fee que guardaria segredo e, também, quem haveria acreditado embora a verdade viesse a tona?

As pessoas tem o hábito de inventar histórias que acreditam cegamente para iludir a verdade que são incapazes de aceitar.

— Mas ainda há mais — diz Annabelle.

— Conta! Conta!

— Eu ouvi minha mãe contar a senhora Twitt que se a senhorita Worthington não faz sua apresentação na sociedade, perde o direito de herdar. O testamento de sua avó estipula que deverá fazer seu *debut* "como uma dama de alta moral"; do contrário, o dinheiro irá parar no hospital Foundling, e Felicity estará a mercê do almirante, que deverá tutelar seu futuro.

A única coisa que Felicity deseja é obter sua carta de liberdade. No entanto, pode ser que neste momento esteja a ponto de ver como seu sonho desvanece. Não posso evitar que o sangue suba a minha cabeça, devo ter as faces vermelhas, para que todos possam ver. Se pudesse, encaixotaria as adoráveis orelhas de Annabelle. O espartilho me aperta tanto que mal posso respirar. Uma formigação percorre minha pele, minha cabeça da voltas e, durantes uns instantes, sinto como se eu deixasse meu corpo.

— Ow! — grita Annabelle, dirigindo-se para a menina ao lado dela. — Constance Lloyd! Como se atreve a me beliscar!

A boca de Constance esboça um O de surpresa.

— Não fui eu!

— Claro que foi você. Eu posso ver um roxo saindo no braço!

As outras meninas tentam reprimir sua alegria ante a guerra do martírio em que estão a ponto de enredar-se Constance e Annabelle.

A tontura desaparece e me sinto estranhamente bem, melhor do que tenho me sentido nesses anos.

***

— Quando comentei que poderíamos organizar uma festa no jardim, a Sra. Sheridan me deu um olhar estranho. Você acha que ela achou muito comum? Eu pensei que seria uma festa agradável. O que você acha?

Vovó importunou-me com a mesma ralhação durante toda a viagem de carruagem para casa.

Ela fica inquieta com qualquer possível desfeita ou julgamento imaginado. Por uma vez eu gostaria que vivesse sua vida e que não se preocupasse tanto com o que os outros pensam. Claro, eu também tenho minhas próprias preocupações.

Como vou contar para Felicity o que escutei sem preocupá-la? Como se pode falar sensatamente com ela? Seria como tentar conter uma força da natureza.

— Acho que uma festa em um jardim é algo encantador e apropriado. Não é um baile turco, admito, mas inclusive Sua Majestade considera indecorosas esta classe de manifestações. O que disseram as outras meninas? Colocaram algum problema?

— Não, não falaram sobre isso.

Suspiro e apoio a cabeça contra a lateral da carruagem. A névoa sufocante de gás londrinense faz sua aparição. As ruas estão escuras, as pessoas parecem fantasmas. Vejo um jovem de cachos escuros cobertos por um chapéu de jornaleiro, meu coração da um salto. Coloco meio corpo para fora da janela.

— Perdão! Você aí! Senhor! — grito.

— Gemma Doyle! — ofega vovó.

O jovem se vira. Não é Kartik.

Ele anuncia as notícias do dia.

— Jornal, senhora?

— Não — respondo, engolindo com dificuldade — Não, obrigada.

Eu me reclino no assento, com a firme determinação de não voltar a olhar e criar falsas esperanças de forma desnecessária.

Onde você está, Kartik?

— Isso foi uma total falta de educação — Vovó estala a língua. Estreita os olhos ante um novo pensamento.

— Gemma, no chá, notaram em você alguma coisa errada? Você não terá falado muito abertamente nem terá se comportado de forma... estranha, não é?

"Saíram garras em mim e eu uivei para a lua. Eu lhes confessei que como os corações de crianças pequenas. Eu lhes disse que gosto dos franceses."

Por que eu tenho que ter sempre a culpa de tudo?

— Falamos das flores da Sra. Sheridan — respondo em tom neutro.

— Bom, não há nada de errado nisso — diz vovó para tranquilizar-se a si mesma.

— Não, absolutamente nada.

***

Ao final da tarde de minha última noite em Londres, minha miséria alcançou proporções épicas. Vovó foi para cama tarde, "exausta" pelos acontecimentos do dia.

Tom vai participar de um jantar do Ateneo a mando de Lord Denby.

— Quando voltar, terei me convertido em um grande homem — diz enquanto se admira no espelho sobre a lareira. Ele usa uma nova cartola que lhe faz parecer um espantalho com potencial.

— Praticarei minha genuflexão[9] na sua ausência — respondo.

Tom se vira para mim com um sorriso sarcástico.

— Eu te enviaria para um convento, mas nem sequer essas santas mulheres tem paciência o bastante pra suportar sua petulância. Por favor, não me acompanhe até a porta — diz enquanto encaminha-se saltando os degraus até a saída — Não desejaria interromper seu mal humor junto ao fogo.

— Não precisa se preocupar — respondo virando-me para o fogo com um suspiro — Tampouco o faria.

Minha temporada social ainda não começou e já me sinto uma fracassada. É como se houvesse herdado uma pele a qual não posso me adaptar, que mesmo eu puxando e arrancando, segurando e cortando, tentando desesperadamente preenche-la, desejando que ninguém me veja lutar com ela e diga:

"Essa daí é uma fraude. Olha como ela é ruim."

Se ao menos eu pudesse entrar nos reinos. Oh, o que está acontecendo lá? Por que não posso chegar até lá? O que foi feito da magia? Onde estão minhas visões? E pensar que em uma ocasião eu lhes tive medo. E agora o poder que tanto amaldiçoei é o único que almejo.

Não, não é o único. Mas tampouco exerço qualquer poder sobre Kartik. Contemplo o fogo e observo as chamas alaranjadas, que brincam reclamando minha atenção. Dentro de cada uma delas, uma pálida alma azul arde pura e quente, e devora cada fragmento de estopa para manter o fogo aceso. O relógio da cornija da lareira marca os segundos; seu monótomo som me produz sonolência. O sono me vence e me perco nele.

Uma neblina espessa me envolve. Diante de mim há uma enorme árvore de cinzas, cujos braços torcidos se estendem para um sol inexistente. Uma voz me chama.

Venha para mim...

Meu pulso se acelera, não vejo ninguém.

Você é a única que pode nos salvar, salvar os reinos. Você deve vir a mim...

— Não posso entrar — murmuro.

Há outra entrada... uma porta secreta. Confie na magia. Deixe que ela te traga até aqui.

— Eu já não tenho a magia...

---

[9] N/T: É o ato de flexionar os joelhos; ação de ajoelhar.

Você está errada. Seu poder é extraordinário. Ele cresce dentro de você e quer ser liberado. Libere seu poder. Isso é o que eles temem, o que você não deve temer. Eu posso ajudá-la, mas você deve vir para mim. Abra a porta...

A cena muda. Eu estou dentro da Caverna dos Suspiros, diante da fonte da eternidade. Abaixo da superfície gelada da água encontra-se a senhorita Moore, seu cabelo escuro flutuando como o de Kali. Ela flutua debaixo de sua prisão cristalina, linda como Ofélia, ameaçadora como a nuvem de uma tempestade. Um arrepio percorre meu corpo e chega até a medula.

— Você está morta — ofego — Eu te matei.

Seus olhos abrem instantaneamente.

— Você está errada, Gemma, estou viva.

Eu acordo com um sobressalto sentada ainda em uma cadeira; o relógio da cornija marca onze e meia. Sinto-me estranha, febril.

Fios de cabelo pendem pela minha boca e meu sangue bombeia furiosamente. Sinto-me como se houvesse recebido a visita de um fantasma.

Foi apenas um sonho, Gemma. É só isso. Felicity tem razão: Circe está morta, se suas mãos estão machadas de sangue não deve se sentir culpada por isso.

Mas eu não consigo deixar de tremer. E a outra parte do sonho? Uma porta. Não consigo encontrar uma maneira de entrar nos reinos, de recuperar a magia. Eu não ficaria assustada com ela neste momento. Eu a estimo. Lágrimas quentes saltam dos meus olhos. Eu sou uma inútil. Não consigo entrar nos reinos. Não consigo encontrar Kartik.

Eu atiço o fogo morrendo, mas as lascas não queimam. Parece que nisso eu também sou uma negação. Eu lanço o atiçador no chão e bato a mão na cornija da lareira.

Eu queria me afogar em seu calor e deixar de tremer. Uma formigação percorre meus dedos, meus braços tremem. Eu fico tonta novamente. Acho que estou prestes a desmaiar. Um repentino sopro de fogo sobe pela boca da lareira. O fogo volta a vida. Com um grito, eu puxo minha mão e caio no chão. Ao mesmo tempo o fogo crepita e morre. Sustento a mão na frente do meu rosto. Eu fiz isso? As pontas dos meus dedos ainda tremem. Eu as estendo para a lareira apagada, mas não acontece nada. Fecho os olhos.

— Eu ordeno que o fogo se acenda!

Uma enegrecida tora estilhaça e cai como fuligem. Nada.

Uns passos nervosos, *tap-tap*, se aproximam do salão. A senhora Jones entra precipitadamente na sala.

— Senhorita Gemma? O que aconteceu?

— O fogo. Estava apagado e de repente acendeu com tanta força que a lareira inteira começou a queimar.

A senhora Jones recolhe o atiçador do chão para reavivar os resquícios.

— Se apagou, senhorita. Deve ter fuligem na lareira. A primeira coisa que farei amanhã será avisar o limpador de chaminés.

Tom já voltou para casa e, embora seja uma hora avançada, eu não esperava que voltasse

até muito mais tarde.

Ele se serve de um copo de whisky escocês de papai e senta-se em uma cadeira. A senhora Jones dedica a ele um olhar reprovador.

— Boa noite, senhor. Precisa de mim?

— Não, obrigado, senhora Jones. Pode se retirar.

— Muito bem, senhor. Senhorita.

Tom olha pra mim com desprezo.

— Você não deveria estar na cama?

— Como eu poderia dormir sabendo que a qualquer momento o novo membro do club Ateneo abençoaria esta casa com sua presença?

Eu lhe faço uma reverência excessivamente seleta e espero que ele me devolva a espetada.

Como ele não faz, começo a duvidar de que se trate do meu irmão. Não é próprio dele deixar que eu pronuncie a última palavra sem sequer faz uma tentativa de replicar.

— Tom?

Ele está caído na cadeira, a gravata desfeita, os olhos vermelhos.

— Nomearam Simpson em meu lugar — diz em voz baixa.

— Sinto muito — respondo, e é verdade.

Pode ser que eu considere que sua preocupação pelo club Ateneo seja uma estupidez, mas para ele é importante, e foi uma crueldade que eles não o tenham levado em conta.

— Posso fazer alguma coisa?

— Sim — responde drenando seu copo — Pode me deixar em paz.

7

EMBORA JAMAIS PENSEI QUE PODESSE DIZER ALGO ASSIM, estou encantada de ver novamente essa dama severa e imponente que é Spence. Os três dias que passei em Londres foram uma verdadeira tortura, com Tom aborrecido, vovó constantemente preocupada e meu pai ausente. Ainda não sei como poderei sobreviver a temporada social.

E também há outra questão: meu preocupante sonho e o estranho acontecimento da lareira. A chama repentina foi causada pela fuligem acumulada dentro da lareira, assim confirmou o limpador de chaminés. O assunto do sonho é mais difícil de se descartar, talvez porque quero acreditar que nos reinos há uma porta secreta e que a magia ainda se acha dentro de mim. Mas querer não o fara realidade.

O sino da capela toca para nos avisar de que é hora de nossas rezas matinais.

Impecavelmente vestidas em nossos uniformes brancos e com nossas fitas de cabelo em seu lugar correspondente, nos dirigimos penosamente colina acima, até a velha capela de pedra reluzente.

— Como foi sua visita em casa? — pergunta Felicity enquanto se aproxima de mim.

— Horrível — respondo.

Felicity sorri.

— Bem, aqui foi uma miséria absoluta. Cecily insistiu em jogar charadas, como se ainda estivéssemos no jardim de infância, e depois, quando Martha adivinhou a sua em seguida, Cecily começou a ficar amuada.

A resposta era *O Morro dos Ventos Uivantes*, e todo mundo sabe que é seu livro favorito; Não é nenhuma novidade.

Eu rio das anedotas, e por um segundo, sinto a necessidade urgente de lhe falar de meu sonho. Todavia, ele implicaria trazer a luz novamente o assunto dos reinos, assim que penso melhor.

— Fico feliz em estar de volta — digo em vez disso.

Os olhos de Felicity se arregalam, horrorizados.

— Você está doente, Gemma? Está com febre? Sinceramente, não penso em derramar

nem uma lágrima sequer quando for embora daqui. Nem sou capaz de esperar minha apresentação na sociedade.

O odioso comentário de Annabelle pesa na minha alma como uma pedra.

— E lady Markham será quem vai te apresentar, não é?

— Sim, preciso que alguém apadrinhe minha apresentação na sociedade — responde Felicity, bruscamente. — Pode ser que meu pai seja um herói naval, mas minha familia não tem o prestigio que tem a sua.

Ignoro o comentário.

O sol nos abençoa com os primeiros indícios do bom tempo que está para chegar, como fariam as flores, voltamos a cabeça para ele.

— Que tipo de mulher é lady Markham?

— É uma das seguidoras de lady Demby — zomba Felicity.

Tenho um sobressalto ao escutar o nome da mãe de Simon. Lady Denby não sente estima alguma nem por Felicity nem pela senhora Worthington.

— Já sabe como são essas coisas, Gemma. Elas amam que as bajulem e serem levadas a acreditar que todas venerem cada uma de suas palavras, como se saíssem da boca do próprio Zeus. *"Lady Markham, agradeço seu conselho", "Como você é inteligente, lady Markham. "O farei ao pé da letra. Como tenho sorte de desfrutar de seus bons conselhos, lady Markham".* Todas querem ser donas de si.

Felicity estica os braços para cima, como se quisesse tocar o céu.

— Deixarei isso nas mãos de minha mãe.

— E se lady Markham não fizesse sua apresentação... então, o que? — pergunto com o coração apertado.

Felicity deixa cair seus braços para os lados.

— Eu estaria perdida. Se não faço meu *debut*, minha herança ira parar no hospital Foundling e estarei a mercê de meu pai. Mas isso não irá acontecer. — Franze o cenho — Vejo que você está muito interessada no assunto. Por acaso você ouviu algo?

— Não — respondo em tom hesitante.

— Você está mentindo.

Eu não posso fazer nada para convence-la do contrário. Ela vai me atormentar até que diga a verdade.

— Muito bem. Sim. Escutei os rumores que estão em Londres: que lady Markham pensou melhor sobre te apresentar a corte... por... por causa de sua reputação. E eu acho que, com tantas coisas em jogo, talvez seria melhor que você... você... se comportasse — sussurro essa última palavra, que mal deixa uma fraca impressão.

Felicity estreita os olhos, mas ainda vejo neles, a dor que meu comentário causou.

— Me comportar?

— Só até depois de sua temporada...

Felicity esboça um sorriso sarcástico.

— Por acaso devo começar a tremer cada vez que escuto uma calúnia por minima que

seja? Eu sobrevivi a comentários piores. Sinceramente, Gemma, desde que você deixou de nos levar aos reinos, você se parece cada vez mais a um rato chato. Mal a reconheço.

— Só queria te advertir — protesto.

— Não preciso de advertências, preciso de uma amiga — diz — Se o que você quer é repreender-me como uma professora de escola, deveria ir se sentar junto com a Sra. Nightwing.

Ela vai embora muito irritada, de braço dado com Elizabeth, e o sol,que parecia até agora tão quente, deixa de me reconfortar.

***

Eu substituo Nightwing por Ann.

O sol da manhã ilumina as mofadas vidraças da capela. Ela mostra a camada de sujeira sobre os anjos e confere um intenso brilho ao estranho painel em que se exibe um solitário anjo guerreiro ao lado de uma Górgona de cabeça cortada.

Inclinamos nossas cabeças em oração. Cantamos um Hino. E no final nossa professora de francês, Mademoiselle Lefrage, lê um poema de Willian Blake.

Foram seus pés que naquele tempo
andaram sobre montanhas verdes inglesas?

E era o Cordeiro santo de Deus
que foi visto nas inglesas e agradáveis pastagens?

Assim será minha vida para sempre? Chás cautelosos e o medo silencioso que me aperta por não pertencer a essa sociedade, por ser uma fraude?

Eu tive a magia em minhas mãos! Saboreei o sabor da liberdade em uma terra onde o verão não tem fim.

Eu enganei os Rakshana por meio de uma garoto cujo beijo ainda posso sentir. E tudo isso para nada?

Haveria preferido não tê-lo conhecido a que me tenham roubado depois de provar seu gosto.

Com as lágrimas lutando para sair, centro minha atenção na vidraça de cores e na estranha mistura de anjos perigosos e duvidosos guerreiros para manter a compostura.

Mademoiselle LeFarge enche a capela com as nobres palavras do senhor Blake.

Será que o Semblante Divino
Brilhou em nossas sombrias colinas?

E Jerusalém foi edificada aqui,

Entre estes escuros moinhos satânicos?

Traga-me meu arco de ouro em chamas!
Traga-me minhas flechas do desejo!

Muitas das meninas mais novas abafam uma risada ao escutar a palavra "desejo", e LeFarge deve aguardar que se restaure o silêncio antes de continuar.

Traga-me minha lança! Oh nuvens distantes!
Traga-me minha carruagem de fogo!

Não porei fim a minha luta interna
Nem minha espada descansará em minha mão

Até que tenhamos construído Jerusalém
Na Inglaterra, terra verde e agradável.

LeFarge deixa o púlpito e a Sra. Nightwing toma seu lugar.

— Obrigada, senhorita LeFarge. Foi comovente. O poema nos lembra que a grandeza se esconde inclusive nos momentos mais insignificantes e nos corações mais humildes, e que devemos, cada uma de nós, nos encaminhar até a grandeza das coisas. Ou nos dirigimos ao seu encontro ou a deixamos escapar, esse é o desafio que devemos enfrentar.

Seus olhos varrem o local e parecem pousar em cada menina, cobrindo-nos cada uma de nós com um manto invisível. Minha necessidade urgente de começar a rir desaparece e uma grande tristeza paira sobre mim, como uma nevada tardia de primavera.

— Abril está quase chegando, maio nos acena. E algumas de nossas jovens em breve nos deixarão.

Ao meu lado, Ann arranha distraidamente as cicatrizes do braço. Ponho uma mão na sua.

— A cada ano, celebramos um chá em homenagem a nossas graduadas. Este não será assim.

Um baixo ruído de choque ecoa na pequena capela. As meninas perdem o sorriso. Elizabeth olha como se ela pudesse começar a chorar.

— Oh! Oh, não!

— Não se atreverá — sussurra Cecily, horrorizada — não é?

— Silêncio, silêncio, por favor.

As palavras da Sra. Nightwing ecoam na habitação.

— Tenho o prazer de anunciar que este ano, não celebraremos o chá mas sim um baile.

Uma onda de excitação se estende entre as meninas e avança de banco em banco. Um

Baile!

— Será um baile de máscaras, um alegre espetáculo de fantasias, que se realizara dia primeiro de maio e a qual também participarão os patronos e a familia. Eu não tenho duvida de que já começaram a sonhar com asas de fadas e nobres princesas indianas. Talvez também há entre vocês um pirata, uma Nefertiti ou uma majestosa rainha Mab[10].

Outra onda de alegria feminina irrompe a tranqüila capela.

— Eu serei uma esplêndida rainha Mab — diz Felicity — Você não acha?

Cecily está indignada.

— Por que, Felicity Worthington? Essa iria ser minha fantasia.

— Pois já não é mais. E eu pensei primeiro.

— Como você pode ter pensado primeiro se foi eu que pensei antes!

— Senhoritas! Graça, Charme e Beleza! — grita a Sra. Nightwing entre o barulho, lembrando-nos o lema de Spence, bem como nossos costumes.

Nos acalmamos como um jardim de flores depois de uma tempestade repentina.

— Como já sabem, a senhorita McCleenthy tem estado ausente todos estes meses devido a uns assuntos pessoais de maior urgência. Tenho o prazer de informar que já lidou com suas obrigações e em breve estará de volta conosco. Tenho em minhas mãos uma carta sua que vou ler em voz alta.

Ela limpa a garganta.

— "*Queridas senhoritas de Spence, espero que ao receber estar carta estejam bem. Pode ser que a primavera já brilhe em nossa querida escola. Deve ser uma visão adorável e espero desfrutá-la logo. A Sra. Nightwing me perguntou se estaria disposta a ocupar o posto vago da senhorita Moore, e tenho o prazer de lhes informar que eu aceitei. Não era minha intenção ficar em Spence, mas parece que sou necessária aí, e eu vou aonde o dever me chama. Eu desejo fervorosamente vê-las ainda no final desse mês. Até então, espero que vocês se dêem bem com seus estudos e lhes desejo sorte com o mingau.*"

Essa última frase é seguida de risadas, pois o mingau de Spence é notoriamente horrível.

— *"E para aquelas de vocês que nos deixarão para ocupar o lugar que lhes correspondem no mundo, peço-lhes que recordem suas obrigações assim como suas aspirações. Afetuosamente, sua, senhorita McCleethy."*

A loucura se estende novamente por toda parte e as meninas retomam suas animadas conversas. Embora eu também me deixo levar pela excitação dos acontecimentos, não me sinto totalmente tranqüila. Não posso evitar pensar que sua última frase foi dirigida a mim, como uma flecha lançada do arco de desejos da senhorita McCleethy com a intenção de que a Ordem ocupe o lugar que merece nos reinos. A última vez que vi Claire Sahirah McCleethy foi no natal passado, em Londres. Ela pretendia forjar uma aliança com os Rakshana e obrigar-me a levá-la até os Reinos. Depois que ficasse com a magia, esperava de mim, que eu devolvesse o poder à Ordem, para unir-se a eles, em seus próprios termos. Após rejeitar sua proposta, ela me alertou para que não me convertesse em inimiga deles. E logo se foi.

---

[10] N/T: No folclore inglês, Mab é a Rainha das Fadas.

A Sra. Nightwing pouco explicou para as meninas o motivo de sua ausência. Agora está prestes a voltar, e me pergunto que presságios anunciara sua chegada. Nos disseminamos pelas portas de carvalho da antiga capela em pares e trios, falando ofegantes de tudo que esta por vir.

— Estou contente de saber que a senhorita McCleethy está voltando para junto de nós. É uma boa notícia, na verdade — diz Cecily.

— Deveríamos preparar uma canção ou um poema de boas-vindas — gorjeia Elizabeth.

A esta hora da manhã, sua voz ofende meus ouvidos.

Martha se une a desordem.

— Oh, sim! Eu gosto de sonetos de Shakespeare.

— Eu p-p-poderia cantar para ela — se oferece Ann, que nos segue a direita, logo atrás.

Durante alguns segundos, ninguém fala.

— Oh, Elizabeth, você tem uma voz linda! Por que *você* não canta para nossa senhorita McCleethy? — ronrona Cecily, como se Ann não houvesse dito uma palavra.

Ela me lembra uma abelha, pois também se dedica a coleta de mel, embora sua ferroada faz muito mais dano.

— Sim, faça — concorda Martha rapidamente.

— Bom, pois tudo resolvido. Martha e eu leremos um soneto. Elizabeth, você cantará. Fee, quer prepará-los com a gente?

Eu gostaria que Ann se defendesse sozinha, que dissesse a Cecily que ela não é mais que um sapo. Mas isso não acontece. Em vez disso, diminui o passo e fica ainda mais para trás.

— Ann — digo estendendo a mão.

Ela nem sequer me olha, ou responde. Deixa claro que agora sou uma delas. Faltam umas semanas ainda para nós partirmos, mas ela já esta me empurrando para longe. Excelente. Deixe-a. Eu ando pelo caminho para me juntar as outras. As árvores ainda luzem sua nova folhagem desajeitadamente. Através das folhas esparsas contemplo os progressos da ala leste. A torre atrai minha atenção. Não posso evitar olhá-la, como se tivesse um imã. Gritos e ameaças estalam do local e nós corremos para ver o que acontece.

Há um grupo de homens na grama com os punhos no alto. Ao me aproximar, me dou conta de que não se trata dos operários; são ciganos. Os ciganos estão de volta! Procuro entre seus rostos esperando ver Kartik. Ele viajou com eles antes. Mas hoje não está entre os ciganos, e meu coração afunda. Os trabalhadores fazem uma linha atrás de seu capataz, o senhor Miller. Superam os ciganos em proporção de dois a um e, apesar disso, não se separam de seus martelos.

— O que é todo esse barulho? senhor Miller, por que seus homens deixaram de trabalhar? — pergunta a Sra. Nightwing.

— São estes ciganos, senhora — o senhor Mille sorri com sarcasmo — Estão nos causando problemas.

Um cigano alto, loiro e com um sorriso cúmplice da um passo a frente. Se chama Ithal. É o cigano que Felicity beijou atrás do ancoradouro. Felicity também o viu. Seus rosto

empalidece. Ele caminha em direção a Sra.Nightwing com o chapéu na mão.

— Nós estamos procurando trabalho. Somos carpinteiros. Temos trabalhado para muitas pessoas.

— Sai daqui, colega — replica o senhor Miller em voz baixa e com tom depreciativo. — Este trabalho é nosso.

— Podemos trabalhar juntos.

Ithal lhe estende a mão. O senhor Miller não oferece a sua. A Sra. Nightwing entra na conversa.

— Há anos temos compartilhado nossa terra com os ciganos. E nunca nos causaram problemas.

Os olhos do senhor Miller cintilam.

— Sei que você é uma dama caridosa, senhora. Mas caso se mostre amável com eles, eles nunca vão sair. Deveriam voltar para seu país.

Ithal agarra com força seu chapéu, dobrando a aba.

— Se voltarmos, eles vão nos matar.

O senhor Miller esboça um amplo sorriso.

— Está vendo? Não os querem nem em seu próprio país. Não contrate os ciganos, senhora. Vão lhe roubar — ele baixa a voz — E o que dizer das jovens damas aqui presentes senhora... Não quero nem pensar no que poderia acontecer.

Eu não gosto do senhor Miller. Seu sorriso é falso. Ele não coincide com o veneno de suas palavras. Ithal não responde, mas ao ver sua mandíbula apertada intuo que ele gostaria de fazer.

A Sra.Nightwing endireita a coluna como costuma fazer quando repreende uma de nós.

— Senhor Mille, posso confiar em que acabarão este setor a tempo para nosso baile?

— Sem dúvida — responde o senhor Miller sem deixar de olhar Ithal. — A chuva foi a culpada de nosso atraso.

A senhora Nightwing fala com os ciganos como falaria com uns garotos intrometidos procurando um lugar para dormir.

— Eu agradeço sua preocupação, cavalheiros. No momento está tudo sob controle.

Observo os ciganos irem; ainda tenho a esperança de ver Kartik a qualquer momento.

A Sra. Nightwing está ocupada com o senhor Miller e não duvido em aproveitar a oportunidade. Eu coloco um penique na mão e vou atrás dos ciganos.

— Desculpe, senhor. Acho que você deixou cair isso — digo enquanto ofereço a brilhante moeda.

O cigano sabe que eu inventei; eu vejo em seu sorriso suspicaz.

Ele olha Ithal em busca de ajuda.

— Não é nossa — responde Ithal.

— Mas pode ser — espeto.

O outro cigano parece intrigado.

— A troco de que?

— Tome cuidado, amigo — adverte Ithal. — Não somos mais que sujeira sob seus pés.

Ele dirige um rápido olhar a Felicity, que nem sequer se da ao trabalho de olhá-lo.

— Só quero saber se Kartik está entre vocês.

Ithal cruza os braços contra o peito.

— Por que você quer saber?

— Ele esperava conseguir um emprego como cocheiro, E acontece que conheço uma família que precisa de um e pensei que poderia informá-lo.

Eu me sinto culpada por ter que dizer uma mentira.

— Está vendo? Sujeira — Ithal olha para mim — Faz meses que não vejo Kartik. Talvez esteja a serviço de uma respeitável família e já não pode vir brincar.

Recebo seu comentário como se houvesse me dado uma bofetada e me fere profundamente, embora ainda me dói mais saber que ninguém viu Kartik. Temo que algo horrível tenha acontecido com ele.

A Sra. Nightwing cerca as meninas e me apresso a voltar ao rebanho. Enquanto caminho, ouço Ithal falar com os outros ciganos.

— Não se deixem tentar pelas rosas inglesas. Sua beleza desvanece mas seus espinhos são eternos.

— Senhorita Doyle! O que você estava fazendo com esses homens? — me repreende a senhora Nightwing.

— Eu tinha uma pedrinha na bota. Só parei para tirá-la — minto.

— Escandaloso — sussurra Cecily, embora seus sussurros podem ser ouvidos até do outro lado do além.

A Sra. Nightwing agarra meu braço.

— Senhorita Doyle, vá com as outras, por favor...

O grito de um operário interrompe suas admoestações.

— Ei! Há algo aqui em baixo!

A maioria dos homens salta para dentro do buraco que há entre a torre nova e a velha sessão da escola. Pedem uma candeia e lhes entrega uma. Seguimos Nightwing e nos amontoamos ao redor do buraco, com a intenção de ver o que encontrarão. Os operários se desfazem de suas pás. Trabalham com as mãos sujas e arrancam pedaços de barro seco. Há algo sob a terra, parte de um antigo muro. A pedra contem marcas estranhas, muito fraca para poder distingui-las.

O senhor Miller franze o cenho.

— E agora o que acontece?

— Poderia ser uma antiga taverna — opina um homem com bigode.

— Ou um calabouço — diz outro sorrindo.

Golpeia a bota do operário mais novo.

— Ei, Charlie, comporte-se bem ou irá parar neste buraco!

Ele lhe agarra o tornozelo e o arrasta para ele, fazendo que os homens estalem em gargalhadas ruidosas. A Sra.Nightwing pega a candeia e a segura sobre a pedra antiga. A

examina desde cima, com os lábios apertados, e então, com a mesma rapidez devolve a candeia ao senhor Miller.

— Provavelmente se trate de uma relíquia dos druidas ou inclusive dos romanos. Dizem que Hannibal em pessoa pode haver guiado a suas tropas até estas terras.

— Pode ser que tenha razão,senhora. Parece uma espécie de sinal — diz o homem corpulento.

Há algo estranhamente familiar sobre ele, como um sonho que não consigo capturar antes de que saia voando para sempre. Não posso reprimir o desejo de estender meus dedos para a relíquia. Minha respiração se acelera, sinto minha pele quente. Quero tocá-la...

— Cuidado, senhorita!

O senhor Miller puxa-me como se eu fosse cair para frente. A sensação de calor abandona minhas mãos e me sobressalto como se acabasse de acordar.

— Senhorita Doyle! Está muito perto — repreende a Sra. Nightwing — Nenhuma de vocês deveriam estar aqui e, de fato, acho que Mademoiselle LeFarge as está esperando.

— Sim, Sra. Nightwing — respondemos sem nos mover do lugar.

— Devemos tirá-lo daqui, senhora? — pergunta o senhor Miller, e novamente sinto essa sensação estranha dentro de mim, embora não sei porque.

A Sra. Nightwing assente. Os homens se esforçam para levantá-lo. Uma e outra vez fracassam em sua tentativa com o rosto vermelho e ofegante. O maior e mais forte deles salta pra dentro do buraco e apóia todo seu peso contra ele.

Ele também desiste.

— Não se moveu nenhum centímetro — diz — O que quer que façamos, senhora?

A Sra. Nightwing nega com a cabeça.

— Esteve aqui até agora. Pois que continue onde está.

8

FELICITY AINDA NÃO PERDOOU O MEU CONSELHO a respeito de lady Markham, então eu fico fora de sua tenda plantada no grande salão. Não que ela tenha me dito que eu não sou bem-vinda; simplesmente se limita a escutar as tontas anedotas de Cecily com uma risada alegre e bajular os detalhes mais banais da última visita de Elizabeth à modista, enquanto que cada sílaba que eu pronuncio é recebida com absoluto desdém. Finalmente, decido me refugiar na cozinha.

Surpreendo-me ao ver que Brigid deixou uma tigela de leite na lareira. E ainda mais curioso, colocou um crucifixo na parede ao lado da porta e alguns galhos na janela. Eu pego um pedaço de pão preto duro na despensa.

— Brigid... — digo, e sinto um calafrio.

— Por todos os santos! Não volte a aparecer de repente na frente da velha Brigid, nunca mais — diz, enquanto leva uma mão para o coração.

— O que você está fazendo? — Aponto para a tigela de leite. — Tem algum gato por aqui?

— Não — responde, e pega a sua costura. — E isso é tudo o que vou dizer sobre o assunto.

Brigid sempre tem muito mais a dizer sobre qualquer assunto. Você só precisa adulá-la um pouco para que solte sua fofoca.

— Por favor, Brigid. Não vou contar a ninguém. Prometo.

— Bom... — Faz sinal para que eu sente com ela junto ao fogo. — É para nos proteger — sussurra. — A cruz e as folhas de sorveira nas janelas, também.

— Proteger-nos do quê?

Brigid crava a agulha no tecido e a empurra até o outro lado do retalho.

— Da Ala Leste. Não me parece correto que esse maldito lugar volte a ser como antes.

— Você diz pelo incêndio e as garotas que morreram lá?

Brigid estica o pescoço para assegurar-se de que ninguém está nos escutando. Deixa a costura no colo.

— Sim, isso é, mas também por que eu sempre senti algo estranho nesse lugar.

— O que você quer dizer? — pergunto, enquanto mordisco um pedaço de pão.

— É algo que eu sei por que sinto em meus ossos — Ela agarra a cruz que usa pendurada no pescoço. — Um dia escutei a senhora Nightwing perguntar a senhora Spence algo sobre a Ala Leste, e a senhora Spence — Deus a tenha em sua glória, pois ela era um anjo — disse para que não se preocupasse, que ela nunca consentiria, mesmo que tivesse de dar a sua vida em troca.

Escutar aquilo me dá calafrios.

Eugenia Spence deu sua vida para salvar todos nós das criaturas das Terras Invernais. Tenho dificuldade em engolir o pão que eu estava mastigando até agora. Brigid está olhando pela janela, para a escuridão do bosque.

— Queria que a deixassem como está.

— Mas, Brigid, pense em quão bonita ficará quando estiver acabada e a academia volte a ser como antes — replico. — Não seria um maravilhoso tributo à senhora Spence?

Brigid assente.

— Sim, seria. No entanto... — Segura o meu queixo com uma mão. — Você não vai delatar a sua velha Brigid sobre o leite, não é?

Nego com a cabeça.

— É claro que não.

— Você é uma boa garota.

Acaricia a minha bochecha e a sua carícia tem mais intensidade do que um feitiço para boa sorte, ela exerce o poder de liberar minha alma de todos os seus fantasmas.

— A primeira vez que eu te vi, vestida de luto, pensei algo muito estranho sobre você. Digo por teus olhos verdes: recordaram-me a pobre Mary Dowd, que morreu no incêndio junto com a sua amiga, Sarah. Mas você não tem nada em comum com elas. Nada em absoluto.

— Obrigada pelo pão — respondo, embora ele tenha se transformado em chumbo no meu estômago.

— Você é sempre bem-vinda, querida. E agora será melhor que retorne. Vão sentir a sua falta — Novamente dirige seu olhar para a escuridão que paira por trás das janelas. — Não está certo reconstruir. Posso sentir. Não é correto.

Os olhos que tudo veem de Eugenia Spence observam-me enquanto subo as escadas que conduzem ao meu quarto. Usa o cabelo branco penteado na moda da época, com ondas que caem sobre a sua testa e o cabelo enrolado na nuca. Seu vestido é de gola alta e elaborados babados abrangem ambos os lados do seu corpete verde brilhante; Eugenia não estava feita para cinza ou o preto formal. Adorna o seu pescoço o amuleto com o olho em forma de meia lua que agora está pendurado no meu, oculto debaixo do meu vestido.

“Minha mãe causou a sua morte.”

No meu quarto, tiro o diário da minha mãe e releio o heroísmo de Eugenia, como sacrificou a sua vida no lugar da de Sarah e da minha mãe.

— Obterei a minha recompensa — grita a criatura agarrando com força o braço de Sarah.

Eugenia apertou os lábios.

— Devemos nos dirigir rapidamente para as Terras Invernais.

De repente nós falávamos nessa terra de gelo e fogo, de árvores espessas, baldios e de noites perpétuas. Eugenia se mantinha firme.

— Sarah Rees-Toome, não permanecerá perdida nas Terras Invernais. Volte comigo. Volte.

A criatura virou para ela.

— Ela me invocou. Ela deve pagar, ou o equilíbrio dos reinos ficará perdido.

— Eu irei em seu lugar...

— Que assim seja. Podemos fazer grandes coisas com alguém tão poderoso...

Eugenia atirou para mim seu amuleto de olho em forma de meia lua.

— Corra, Mary! Cruze o portal com Sarah; Eu fecharei os reinos!

Então a criatura a fez gritar de dor. A súplica que vi em seus olhos fez com que eu ficasse sem fôlego, por que, até então, jamais havia visto Eugenia assustada.

— Os reinos devem permanecer fechados até que encontremos o caminho de volta. E agora, corra! — exclamou.

A última vez que eu a vi, Eugenia gritava que tinha que fechar os reinos, inclusive enquanto era engolida pela escuridão sem deixar rastro algum.

Fecho o diário da minha mãe e deito de rosto para cima. Enquanto olho o teto e penso em Eugenia Spence. Se ela não tivesse jogado o amuleto para a minha mãe, nem houvesse fechado os reinos de uma vez por todas, quem sabe que tipo de horrores visitaria o nosso mundo. Graças a sua ação salvou todas nós, embora isso também significasse sua própria destruição. Pergunto-me o que terá acontecido com ela, que terrível destino abateu sobre a grande Eugenia Spence por culpa do pecado de minha mãe, e se bastou para compensá-lo.

***

Quando o sono me vence, este é inquietante. Uma bela senhorita, com um vestido e um chapéu cor de lavanda, corre pelas ruas de Londres, mergulhada em uma espessa neblina. Seu cabelo vermelho cai sobre seu rosto assustado. Faz sinais para que eu a siga, mas sou incapaz de manter seu ritmo; meus pés pesam como chumbo e não posso enxergar. Os paralelepípedos estão cheios de panfletos anunciando um espetáculo. Consigo ler um: *"Doutor Theodore Ripple, extraordinário ilusionista!"*

A neblina se dissipa e agora eu estou subindo as escadas de Spence. Passo perto do enorme retrato de Eugenia Spence. Continuo subindo até que me encontro no telhado, vestida com a minha camisola. O vento paira sobre ao meu redor. No horizonte, se reúnem nuvens que ameaçam uma tempestade. Abaixo, os homens continuam as suas tarefas na Ala Leste. Suas mãos se movem com a mesma rapidez de um piscar de uma coruja. A coluna de pedra

se eleva cada vez mais alta. Uma pá bate na terra e fica cravada nela. Encontrou algo sólido. Os homens olham para mim.

— Você gostaria de abrir, senhorita?

A dama com o vestido cor de lavanda abre a boca. Tenta me dizer algo, mas não emite som algum, embora seus olhos reflitam medo. Repentinamente, tudo se move à uma velocidade máxima. Vejo uma sala iluminada por uma única vela. Palavras. Uma adaga. A mulher correndo. Um cadáver flutuando na água. Ouço uma voz como um sussurro em meu ouvido:

— *Venha para mim...*

Acordo assustada. Quero voltar a dormir, mas não consigo. Algo me chama, empurra-me escadas abaixo e através da grama, onde a lua cheia derrama sua luz leitosa sobre o esqueleto de madeira da Ala Leste. A torre se eleva entre as nuvens baixas. Sua sombra se estende pelo gramado e toca meus pés descalços. A grama está fria pelo orvalho.

Encima do telhado, as gárgulas dormem. A terra parece cantarolar por debaixo dos meus pés. E uma vez mais, me sinto atraída pela torre e a pedra. Caminho para o buraco. Sobre a minha cabeça, a silhueta da Ala Leste parece ameaçadora, e as nuvens noturnas se movem como um chicote furioso. O olho com forma de meia lua resplandece e, através da luz fraca, vejo o contorno de pedra que se adapta a forma do amuleto.

Um formigamento passa por meus dedos e se estende por todo o meu corpo. Algo dentro de mim está lutando para sair. Não consigo controlar e me assusto pelo que possa ser.

Ponho as mãos na pedra. Atravessa-me uma onda de poder. A pedra emite um flash branco dourado; o mundo cochila. É como olhar o negativo de uma fotografia: nas minhas costas está Spence, na minha frente o esqueleto da Ala Leste e, mais além, os bosques.

Mas se viro a cabeça, o que brilha é a imagem de algo mais que permanece no meio. Pisco para tentar distinguir essa imagem.

E, quando olho de novo, vejo um contorno de uma porta.

***

— Gemma, por que você nos trouxe aqui no meio da noite? — queixa-se Felicity, esfregando o sono de seus olhos.

— Você vai ver já — digo, iluminando o gramado com a luz de uma vela.

Ela treme de frio sob a sua fina camisola.

— Pelo menos poderíamos ter pegado os nossos casacos.

Ann envolve seu corpo com as mãos. Seus dentes rangem.

— Q-quero v-v-voltar para a c-cama. Se a senhora Nightwing nos e-encontrar...

Olha por cima do ombro em busca da presença da nossa diretora.

— Prometo que não as decepcionarei. Agora fiquem aqui. — Coloco-as junto da torre e ponho a vela em seus pés, banhadas por uma luz de um branco sobrenatural.

— Se isso for uma brincadeira, eu mato você — adverte Felicity.

— Não é.

Permaneço sem me mover ante a parcela de terra que fica abaixo da antiga pedra e fecho os olhos. O ar noturno toca a minha pele.

— Gemma, por favor — queixa-se Felicity.

— Shhh! Preciso me concentrar — cuspo.

A dúvida sussurra cruelmente no meu ouvido: *"Você não pode fazer. O poder te abandonou."*

Não escutarei. Desta vez não. Pouco a pouco, o medo me abandona. A terra vibra sob meus pés. Parece me chamar, empurrar-me pela sua magia. Meus dedos orneiam com uma energia que me assusta e excita. Abro os olhos e estico a mão em busca da porta oculta.

Eu não a vejo mais a sinto. A sensação é de um desejo e uma alegria esquisita. Uma ferida de desejo que não pode ser curada. Sussurra-me segredos que não compreendo em uma linguagem que não entendo. O vento uiva. Levanta pequenos redemoinhos de pó. A terra brilha. O fraco contorno da porta aparece uma vez mais.

— Caramba — exclama Ann com um suspiro.

— Você acha que conduz para os reinos? — pergunta Felicity timidamente.

— Na noite do incêndio, as criaturas das Terras Invernais vieram para levar Sarah — relembro-as. — E Eugenia Spence ofereceu a si mesma no lugar de Sarah. Entregou seu amuleto, este amuleto, para a minha mãe e selou a porta dos reinos. A Ala Leste pegou fogo. Todos os indícios que levavam para a porta desapareceram.

— Não sabemos se esta é a mesma porta — diz Ann, tremendo. — Poderia levar a qualquer parte. Talvez as Terras Invernais.

— Estou disposta a me arriscar — digo, agarrando-me ao raio de esperança que me ofereceram.

— P-poderíamos f-f-ficar presas — afirma Ann.

— Já estamos presas — assegura Felicity. — Quero descobrir o que aconteceu com Pip.

Ela agarra meu braço e pega a vela.

— Ann? — pergunto, e ela desliza seus dedos frios entre os meus, apertando-os com força. Respiro fundo e damos um passo para frente. Durante um segundo, parece que vamos cair e, depois, só vejo a escuridão. Noto um odor de mofo e doce.

— Gemma? — sussurra Ann.

— Sim?

— O que aconteceu com Felicity?

— Estou aqui — responde Fee. — Onde quer que seja isso.

Faço oscilar a vela na minha frente e posso ver alguns centímetros adiante. Há um longo corredor. A luz da vela ilumina os arcos do teto de pedra descoloridos. Raízes pendem através das rachaduras. Atrás de nós, Spence dorme, mas é como se o mundo estivesse preso atrás de um vidro. Seguimos adiante. A medida que avançamos, as paredes piscam com um fraco brilho, como se centenas de vaga-lumes estivessem iluminando o caminho, enquanto o rastro que deixamos para trás volta a entrar na escuridão. O corredor serpenteia e adquire uma forma desconcertante.

O nervosismo de Ann reverbera no túnel.

— Não nos deixe para trás, Gemma.

— Você pode se acalmar de uma vez? — repreende Felicity. — Gemma, espero que você saiba o que está fazendo.

— Continuem caminhando — digo.

Chegamos até um muro.

— Estamos presas — diz Ann, com uma voz tremente. — Sabia que acabaríamos assim.

— Oh, pare com isso agora! — grunhe Felicity.

Tem que ser aqui. Não me darei por vencida. "*Deixe que a magia flua, Gemma. Sinta-a. Libere seu poder."* Algo me chama. É como se as pedras começassem a acordar. A silhueta de outra porta aparece no muro, uma luz brilhante e sangrenta na borda. Empurro a porta. Abre-se com um balanço acompanhado por uma onda de poeira, como se houvesse permanecida fechada durante décadas, e nós entramos em um perfumado prado de rosas. O céu é azul claro em uma direção e, na outra, vislumbro o entardecer laranja e dourado. Estamos no lugar que conhecemos muito bem, mas que fazia muito tempo que não visitávamos.

— Gemma — murmura Felicity. Sua desconfiança dando lugar a alegria. — Você conseguiu! Finalmente voltamos aos reinos!

9

— É TÃO BONITO — EXCLAMA FELICITY.

Dá tantas voltas sobre si mesma que fica tonta e cai na grama alta, embora ela ria ao cair.

— Oh, é a primavera mais incrível que eu já vi na minha vida! — murmura Ann.

E, é claro, que é. As longas cadeias de musgo aveludado penduram-se nas copas das árvores como cortinas de delicados tons de verde; dos galhos florescem flores brancas e rosas. Uma brisa suave as leva até nossas bochechas e nossos lábios, aninhando-se em nosso cabelo, que agora tem um cheiro tão doce quanto a chuva. Esfrego uma flor entre meus dedos e inalo o aroma; tenho que me assegurar que é real; que não estou sonhando.

— Realmente estamos aqui, não é? — pergunto enquanto Fee se entrelaça com o musgo como se fosse uma cápsula.

— Sim, estamos aqui — assegura-me Fee.

Pela primeira vez em meses, a esperança palpita em minha alma; se posso fazer, entrar nos reinos, então nem tudo está perdido.

— Este não é o jardim? — diz Ann. — Onde estamos?

— Não sei — respondo, olhando ao redor.

Grandes blocos de pedra parecem ter sido erguidos em um padrão aleatório que me lembram de Stonehenge. Serpenteando entre elas, um caminho poeirento e apenas perceptível por que abrange a porta dos reinos. É difícil ver o caminho, como se ninguém houvesse passado por ali em muito tempo.

— Aqui há um pequeno caminho — digo. — Vamos seguir.

A medida que avançamos, a porta se funde paulatinamente com a pedra.

— Gemma — ofega Ann. — Desapareceu!

Sinto-me como se alguém tivesse apertado uma corda ao redor do meu coração. Tento me manter alerta. Dou um passo para a rocha e a porta resplandece novamente.

— Oh, Graças a Deus! — exclamo, após dá um assobio de alívio.

— Vamos — suplica Felicity. — Quero ver o jardim. Quero...

Ela não acaba a frase.

Seguimos o caminho entre as pedras. Apesar de estarem perfuradas pelo tempo e pela sujeira, mostram uma impressionante seleção de frisos[11], no que parece ter todos os tipos de mulheres. Algumas são tão jovens como nós, outras são tão velhas como a Terra. Há guerreiras cujas espadas voam pelos raios do sol. Uma delas permanece sentada, rodeada de crianças e faunos, o cabelo flutuando solto em ondas até o chão. Outra, vestindo um casaco de malha, luta contra um dragão. Sarcedotisas. Rainhas. Mães. Curandeiras. Como se todo o gênero feminino estivesse aqui representado.

Ann fica fascinada contemplando a mulher e o dragão.

— Quem você acha que elas são?

— Talvez foram da Ordem, ou pode ser que sejam inclusive mais antigas — respondo.

Percorro com a mão a escultura de três mulheres em um barco.

A da esquerda é jovem, a da direita é um pouco mais velha e a do meio é uma bruxa que segura no alto uma vela, como se esperasse alguém. A pintura me produz uma estranha sensação no estômago, como se pudesse vislumbrar o futuro.

— São extraordinárias, não é?

— O mais notável é que nenhuma delas usa nenhum maldito espartilho — comenta Felicity com uma risadinha. — Oh, Gemma, apresse-se! Não posso esperar mais.

O caminho nos guia por elevados campos de trigo e ordenadas fileiras de oliveiras até a gruta onde uma vez estiveram as runas do oráculo. Finalmente nós entramos no jardim que chegamos a considerar nosso feudo particular.

No instante em que pisamos na terra conhecida, Felicity começa a correr.

— Pippa? — chama. — Pippa! Pippa, sou eu, Felicity! Nós voltamos! — procura em cada canto. — Onde você está?

Não me atrevo a dizer o que estou pensando: que perdemos para sempre a nossa querida amiga Pippa. Ou ela atravessou o rio até a terra que há do outro lado, ou se juntou as criaturas das Terras Invernais e se transformou em nossa inimiga.

Espero que a magia acenda o meu interior, mas não age como fazia no passado. Estou destreinada. *Tudo bem, comece com algo simples, Gemma.* Arranco um punhado de folhas e as aperto dentro do punho.

Fecho os olhos. Meu coração bate com força e, de repente, sinto-me febril. É como se o mundo inteiro — todas as experiências, o passado e o presente — florescessem ao meu redor mais rápido que um raio. O meu sangue bombeia com força renovada. Um sorriso entusiasmado se estende por meus lábios. E,quando abro os olhos,as folhas se transformaram em rubis na palma da minha mão.

— Há, olhem! — grito.

Lanço as jóias no ar e caem como uma chuva vermelha.

— Oh, fazia tanto que não usávamos a magia!

Ann reúne algumas folhas em sua mão e sopra. As folhas voam com seu sopro e descem

[11] N/T: Friso é, na arquitetura contemporânea, um relevo ou ornamentação em paredes ou móveis. Podem ser também uma simetria.

em uma lenta espiral até os seus pés.

Franze o cenho.

— Queria que se transformassem em borboletas.

— Deixe-me tentar.

Felicity arranca um punhado e, apesar de todos os seus esforços, não se transformam em nada; continuam sendo simples folhas.

— Por que não posso transformá-las? O que aconteceu com a magia? Como você conseguiu transformá-las em rubis, Gemma?

— Me limitei a desejar e consegui — respondo.

— Gemma, como você é esperta! No final de tudo você ficou com a magia do Templo! — diz Felicity com uma mistura de temor e inveja. — Agora a tem toda para você.

— Eu acho que sim — respondo, embora não esteja muito segura disso.

Ponho as palmas viradas para cima e então para baixo, contemplando-as como se não as tivesse antes. São as mesmas mãos sardentas e pálidas que eu sempre tive e, no entanto...

— Faz algo mais! — ordena Felicity.

— Como o quê? — pergunto.

— Transformar esta árvore em um dragão.

— Em um dragão não! — interrompe Ann, com os olhos arregalados.

— Ou faça com que as flores se transformem em cavalheiros.

— Sim, eu prefiro — diz Ann.

— Oh, francamente, Gemma! Você está com todo o templo dentro de você! Faça o que quiser!

— Certo — digo. Há uma pequena pedra nos meus pés. — Mmm, eu, hm, transformarei isto em um... um...

— Falcão! — grita Felicity no mesmo momento que Ann grita:

— Príncipe!

Toco a pedra e, durante um instante, sinto como se fossemos um; sou parte da terra. Algo viscoso bate na minha palma com um ruidoso *croac*. A rã olha ao redor com seus grandes olhos, como se estivesse surpresa por descobrir que já não é uma pedra.

Ann faz uma careta de desgosto.

— Esperava que fosse um príncipe.

— Você pode beijá-lo — sugiro, e Fee sorri.

Ann arranca uma margarida e desfolha suas pétalas uma a uma.

— Se você tem todo o poder, Gemma. Como isso afeta a nós?

Felicity deixa de sorrir.

— Significa que não temos nenhum poder.

— Quando fizermos um pacto com as criaturas dos reinos e dermos as mãos, nós compartilharemos a magia e...

— Sim, mas isso pode levar meses — queixa-se Felicity. — E agora o quê?

Ann deposita a destroçada margarida em seu colo. Não me dirige nem um olhar. Há

apenas um momento estava cheia de alegria e agora me sinto terrivelmente culpada por que tenho todo este poder e minhas amigas não.

— Sim, sou o Templo e toda a sua magia, — digo com a voz entrecortada — então deveria ser capaz de entregar-lhes, como o Templo sempre fez conosco.

— Quero tentar — diz Felicity.

Põe uma mão em meu braço. Sua ânsia aquece a minha pele sob a minha manga e desejo me afastar dela. Se eu lhe der, ficarei com menos? Ela terá mais?

— Gemma? — ordena Felicity.

Seus olhos estão tão cheios de esperança e eu sou tão má amiga por pensar em negar...

— Me dê as suas mãos — digo.

Após alguns segundos, estamos unidas. Sinto um forte puxão, quase uma dor esquisita. Durante um momento, sinto como se fossemos a mesma pessoa. Posso escutar o eco de seus desejos em minha mente. Liberdade. Poder. Pippa. Pippa é o que ela mais deseja. Percebo a dor de Fee por nossa amiga perdida como se tratasse de uma ferida profunda. Separamo-nos e tenho que me apoiar contra uma árvore durante um instante.

Fee esboça um amplo sorriso.

— Eu sinto! Eu sinto!

Ao olhá-la, uma brilhante armadura aparece sobre sua camisola. Seu cabelo cai solto e livre. Em um braço, segura um arco, no outro, um falcão.

— Oh, se todas essas matronas respeitáveis pudessem me ver agora! — Adota um tom de voz imperial. — Temo, lady Ramsbottom, que se você zombar de mim mais uma vez terei que permitir que meu falcão a coma.

Ann me observa com esperança.

— Vamos, me dê as suas mãos.

Instantes depois, Ann estende os braços enfrente dela como se não pudesse acreditar no milagre operado em sua própria pele. As lágrimas deslizam por seu rosto.

— Novamente me sinto viva, — diz, rindo entre lágrimas — sentia-me tão morta, mas agora... Oh, você não sente? — pergunta.

— Sim — respondo encantada. — Sim!

Ann se presenteia com um vestido medieval com fios de ouro. Ela parece uma princesa saída de um conto de fadas.

— Ann, você está linda. — exclamo.

Não quero que esta noite acabe nunca.

Felicity libera o falcão. Este se eleva cada vez mais enquanto desenha manobras ousadas no ar. É livre e nem sequer o céu pode detê-lo.

O rio anuncia uma nova chegada. Um barco enorme range na água. Na proa há uma criatura gigantesca e pavorosa de rosto verde, olhos amarelos e uma cabeça cheia de serpentes sibilantes.

A Górgona! Corro para recebê-la saudando-a com a mão freneticamente.

— Górgona! — grito. — Górgona, sou eu, Gemma! Nós voltamos.

— Minhass ssaudaçõess, Altíssima! — responde com a voz baixa em um denso sussurro.

Seus olhos refletem nem surpresa nem alegria. Encosta-se na margem coberta de grama e baixa a passarela para que eu possa subir a bordo. As tábuas do barco são de um cinza corroído pelo mar. Nas laterais, penduram-se redes prateadas e um emaranhado de cordas. O barco é grande, mas mal cuidado. Séculos atrás, a valente guerreira foi presa neste barco como castigo por participar da rebelião contra a Ordem. Agora é livre para abandoná-lo, mas ainda não fez.

— Esperávamos por você antes.

— Não fui capaz de entrar nos reinos desde a última que vez que te vi. Temia não poder retornar. Mas agora estamos aqui e, oh, Górgona, você está bem? É claro que está bem!

Sinto-me sobrecarregada pela felicidade que me inunda, pela magia que voltou para mim. Sinto de uma forma que me ferve o sangue. Sim, finalmente voltamos para os reinos.

Voltamos para casa.

Aventuro-me até a proa e sento perto do gigantesco rosto verde da Górgona. As serpentes de sua cabeça se deslizam de um lado para o outro, observando-me, mas não fazem nenhum gesto de me atacar.

Os olhos da Górgona se entrecerram enquanto contempla o horizonte.

— Os reinos estão estranhamente tranqüilos, já faz alguns dias. Não recebi notícias das criaturas das Terras Invernais.

— Isso deveria ser boas notícias.

— Pergunto-me... — murmura a Górgona.

— E o que você sabe sobre Pippa? — pergunto sem que me ouçam Fee e Ann. — Você a viu?

— Não — responde a Górgona, e não sei se me sinto aliviada ou assustada. — Esta situação me incomoda, Altíssima. Nunca estive tantos dias sem ter notícias dessas criaturas.

O ar me impregna com o perfume das flores. O rio cantarola com prazer, como sempre, a magia crepita nas minhas veias com uma ferocidade tão doce que é impossível imaginar que algo possa acabar de novo.

— Talvez tenham ido embora — respondo. — Ou cruzaram finalmente o rio.

As serpentes se erguem e se enroscam na enorme cabeça da Górgona. Suas línguas rosadas ziguezagueiam em suas cruéis boquinhas.

— Não vi nenhuma alma cruzar o rio.

— Isso não significa que não fizeram. E é bastante provável que não precisaram de ajuda para fazer.

— Talvez — chia a Górgona, mas a preocupação não abandona seu rosto. — Há uns assuntos que preciso te falar. Philon perguntou por você. A tribo da floresta não esqueceu a sua promessa de formar uma aliança com eles, para unir-se ao Templo e compartilhar a magia. Devo levá-la até eles?

Não estou nos reinos nem meia hora e já tenho que suportar o peso das minhas obrigações.

— Acho que... — contemplo as minhas amigas recolhendo um punhado de flores e lançando-as no céu, onde caem transformados em flocos de prata. — Ainda não.

Os olhos amarelos da Górgona me observam fixamente.

— Você não quer se desprender da magia?

Pulo do assento e observo fixamente meu reflexo na tranqüila superfície do rio. Este me devolve o olhar, esperando. Aparentemente, ele também tem suas expectativas.

— Górgona, achei que eu tinha perdido tudo. Acabo de voltar. Preciso explorar os reinos e a magia, tomar o melhor caminho — digo lentamente, pensando em voz alta. — Embora eu também precise fazer isso em meu mundo. Eu gostaria de ajudar as minhas amigas, mudar nossas vidas agora que podemos.

— Entendo — responde a Górgona, embora eu não consiga distinguir seus sentimentos a respeito. A gigantesca besta baixa a voz até que se transforme em um suave grunhido. — Temos outras preocupações, Altíssima.

— O que quer dizer?

— Jamais uma só pessoa ostentou tanto poder. Deve haver um equilíbrio entre o caos e a ordem, entre a escuridão e a luz. Quando você pegou a magia do Templo, os reinos perderam o equilíbrio. O poder pode te mudar... e você pode mudar a magia.

Minha felicidade se desvanece. Jogo uma pedrinha no rio. As ondas se movem através do meu reflexo, distorcendo meu rosto até eu não poder mais reconhecê-lo.

— Mas se eu tenho o poder, ninguém poderá usar a magia — respondo, pensando novamente em voz alta, na medida em que a ideia se forma em minha mente. — Finalmente os reinos podem estar a salvo. E... — observo Ann arrancar uma folha de uma árvore e transformá-la em uma borboleta com um simples sopro. — Não me apropriarei dela durante muito tempo.

— É uma promessa? — sibila a Górgona enquanto seus olhos amarelos procuram os meus.

— Prometo.

A Górgona dirige um olhar inquieto para o horizonte.

— Há muitas coisas que não sabemos das Terras Invernais, sua Excelência. O melhor é estabelecer uma aliança, e o quanto antes.

O medo da Górgona me causa estranheza. Não tinha visto essa sua faceta antes.

— Diga a Philon... — Calo. O que posso dizer a Philon? Que preciso de mais tempo? Que não estou certa de nada exceto que sou feliz por estar nos reinos e não posso renunciar ainda a essa felicidade? — diga que falaremos sobre isso.

— Quando? — pressiona a Górgona.

— Logo — respondo.

— Quando é logo?

— Quando eu voltar — respondo rapidamente, pois quero me reunir com minhas amigas.

— Esperarei que você volte, sua Excelência.

E, depois de dizer isso, fecha seus olhos atormentados e dorme.

***

Brincamos durante horas, permitindo que a magia floresça conosco, até que sentimos que inclusive o tempo está em nossas mãos. A esperança que tinha permanecido escondida em nosso interior revive mais uma vez, e nos surpreende a felicidade, que eventualmente, somos conduzidas. Felicity senta-se em um balanço que ela mesma construiu com videiras e folhas macias. Deixa-se levar pelo balanço e arrasta os dedos dos pés pela grama aveludada.

— Se pudéssemos mostrar ao mundo a intensidade do nosso poder... — sussurra Felicity com um sorriso.

Ann arranca um dente de leão que surgiu depois que ela soprou a grama alta.

— Eu gostaria de estar em um palco com Lily Trimble.

Corrijo-a:

— Lily Trimble é quem gostaria de estar em um palco junto com você!

Ann leva as mãos ao peito em um gesto dramático.

— O justo é injusto e o injusto é justo!

— Bravo!

Felicity e eu aplaudimos.

— Oh, e eu gostaria de ser muito bonita! E transbordar saúde! E me casar com um conde e ter dez filhos!

Ann fecha os olhos para fazer um pedido e sopra o dente de leão; o vento leva só uma parte de suas pétalas.

— Qual é o seu desejo, Gemma? O que você quer? — pergunta Felicity.

O que quero? Por que uma questão tão simples — de só três palavras — é tão impossível de responder? Desejo coisas que não podem ser: que minha mãe esteja viva, que meu pai se cure. Desejaria ser mais baixa, mais bonita, mais encantadora, menos complicada? A resposta, temo que seja sim. Eu gostaria de ser novamente uma menina, a salvo e protegida; no entanto, também desejaria algo mais perigoso; um beijo de um certo jovem indiano, quem não vejo desde o Natal. Sou um turbilhão de paixões, dúvidas e necessidades. É como se eu sempre tivesse vivido em um estado constante de desejos e quase nunca em uma plena satisfação.

Ainda esperam uma resposta.

— Desejaria que a minha reverência fosse perfeita para que eu não caia ante Sua Majestade.

— Isso requer muita magia — diz Ann, sombriamente.

— Obrigada pela sua confiança. Não sabe quanto eu dou valor.

— Desejaria trazer de volta Pip — afirma Felicity.

Ann morde o lábio.

— Você realmente acha que ela está perdida nas Terras Invernais, Gemma?

Eu olho para além do prado infinito. As flores se mexem com a brisa suave.

— Não sei.

— Não está — responde Felicity, com as bochechas enrubescidas.

— Era para lá que ela estava indo — recordo-a com cautela.

A última vez que nós vimos a nossa querida amiga já estava se transformando, estava se transformando em um deles. Queria que eu usasse a magia para trazê-la de novo ao nosso mundo, mas não pude.

As criaturas não podem voltar. É uma regra que não posso quebrar, e Pippa me odiou por esse motivo. Às vezes acho que Fee também me odeia pela mesma coisa.

— Digo que conheço muito bem Pip. Ela nunca me abandonaria dessa maneira.

— Talvez a vejamos logo — digo.

No entanto, eu não desejo. Se Pippa realmente se transformou em uma das criaturas das Terras Invernais, já não é nossa amiga. É nossa inimiga.

Felicity desembainha uma espada e encaminha-se até as árvores.

— Aonde você vai? — grito.

— Encontrar Pip. Pode vir comigo se quiser.

É claro que vamos. Quando Fee mete algo em sua cabeça, não tem como impedi-la. Além disso, quero saber a verdade, embora eu espere não encontrar Pip.

Por sua segurança e a nossa, desejo que ela tenha cruzado o rio.

Felicity nos guia através de um prado cheio de flores. Cheira a jacinto e ao tabaco do cachimbo de papai, rosas frescas, e a água de rosas na cálida pele da minha mãe. Viro como se esperasse ver a minha mãe atrás de mim. Mais ela não está. Ela se foi, faz um ano que morreu. Às vezes, eu sinto tanto a sua falta que não sou capaz de respirar sem sentir dor nas costas. Em outras ocasiões, percebo que eu esqueci coisas dela: a forma de sua boca ou o som de sua risada. Não posso invocar sua lembrança. E, quando isso acontece, sinto-me em pânico. Temo perdê-la para sempre se não puder me aferrar a essas recordações com precisão.

Dirigimo-nos aos campos de amapola, que há embaixo da Caverna dos Suspiros. As flores vermelhas brilhantes mostram seus corações escuros. Felicity arranca uma e a põe atrás da orelha. No alto se elevam os escarpados. Os incensos atiram seu arco-íris de fumaça, ocultando o topo onde os Intocáveis vigiam o Templo e o poço da eternidade. Esse é o último lugar onde vi Circe.

Está morta, Gemma. Você a matou.

No entanto, eu ouvi a sua voz em um sonho, e me dizia que ainda estava viva. Vi seu rosto de um branco fantasmagórico, nas profundezas do poço.

— Gemma, o que está acontecendo? — pergunta Ann.

Sacudo a cabeça como se com esse gesto eu pudesse me liberar da lembrança de Circe para sempre.

— Nada.

***

Caminhamos um bom tempo, até que a exuberante perfeição do prado dá lugar a um matagal espesso e afiado. O céu escurece, como se estivesse subitamente manchado de

fuligem. Não há flores, nem arbustos. Na verdade, a ausência de cor é total, exceto pelas quebradiças árvores marrons e o céu cinzento encima delas.

— Eca — queixa-se Felicity. Ela levanta uma bota e nos mostra a sola. Está escura e pálida, como uma fruta podre. Olho e vejo que as árvores estão repletas do que parecem ser racemos de baga. Penduram-se dos galhos sem vida, vencidos.

— Oh, o que aconteceu aqui? — pergunta Ann em voz alta, arrancando a casca apodrecida de um galho.

— Não sei — respondo. — Que tal nós mudarmos isto?

Colocamos as mãos em um tronco. A cor flui sobre a casca murcha. As folhas brotam através da pele quebrada da árvore com um som semelhante ao da terra ao rachar. Os frutos encolhidos se incham e se tornam vermelho-púrpura; os galhos arqueiam-se sob a sua suculência. A magia surge do meu interior, e me sinto tão madura e bonita quanto a fruta.

Agarro uma Ann, que uiva enquanto eu a guio em uma valsa vertiginosa. Deixo-a ir e pego Felicity, quem não nega ser Felicity, insistindo em me guiar. Imediatamente damos voltas e mais voltas vertiginosamente rápidas; minha felicidade alimenta a sua. De repente, um trovão retumba distante; o céu bate com ema abrasão furiosa. Saio de perto delas e dou uma volta sozinha. Ann aterrissa no chão com um *"ops."*

— Tenha mais cuidado, Gemma!

— Vocês viram isso? — pergunto enquanto corro para a trilha. — Durante uns instantes, o céu adquiriu uma cor estranha.

— Onde?

Felicity procura no céu, que agora voltou a ter uma tonalidade crepuscular.

— Por aqui — digo, e as conduzo nessa direção.

Caminhamos até chegar a uma enorme parede de silvas com espinhos afiados e profusos.

— E agora o quê?

Entre os pequenos espaços das silvas vejo uma estranha mistura de vegetação e pedra, névoa e árvores retorcidas, muito semelhantes aos páramos ingleses dos assustadores relatos das irmãs Brontë. E muito mais além, algo se eleva na neblina.

— O que é isso? — pergunto, esfregando os olhos.

Felicity procura um espaço.

— Isso é desesperador. Não vejo nada. Vamos procurar uma maneira de entrar.

Começa a correr pela trilha e para enquanto comprova a solidez do muro de silvas.

— Ahhhh!

Afasto a mão. Piquei o dedo com um espinho pontiagudo. O sangue mancha a ponta do meu dedo. Com um suspiro angustiado, as silvas se separam. As longas fibras espinhosas se desprendem livremente umas das outras como serpentes dispersando-se.

Retrocedemos enquanto um enorme buraco se abre diante de nós.

— O que nós fazemos agora? — murmura Ann.

— Entramos — responde Felicity, cujo sorriso parece um sinal de desafio.

Apertamo-nos na estreita abertura e nos encaminhamos até o bosque deserto. O ar é

notavelmente frio. Deixam-nos arrepiadas. Trepadeiras espessas se retorcem ao longo da terra, estrangulando os troncos das árvores, afogando as possibilidades de que algo cresça aqui. Algumas flores valentes aparecem aqui e ali. Há poucas, mais são grandes e bonitas, de um roxo escuro, com pétalas tão grossas como o punho de um homem. Tudo está coberto em um tom azul celeste que me lembra um entardecer no inverno. O terreno tem um toque peculiar. Sinto-me atraída por ela, embora também queira me afastar dali. Esta terra é como uma espécie de aviso.

Chegamos à margem do bosque e ficamos atônitas com o que vemos. Situada em uma colina, encontram-se as magníficas ruínas de um castelo. Suas laterais estão cobertas com uma camada de musgo pálido e doentio, trepadeiras grossas como cordas, calejadas em suas paredes com o passar dos anos. As raízes crescem entre as paredes. São como dedos ossudos e retorcidos, envolvendo o castelo, segurando-o tão fortemente como em um incômodo abraço. No entanto, uma torre de pedra calcária se nega a deixar-se ser presa e se eleva majestosamente das mãos gananciosas da colina. A terra ao redor está coberta com uma fina camada de gelo. Assemelha-se a um castelo de brinquedo sob uma chuva de açúcar em pó. Aqui tudo é estranho. Silencioso como a primeira nevada.

— Que lugar é este? — pergunta Ann.

— Vamos dá uma olhada!

Felicity se adianta, mais eu a empurro para trás.

— Fee! Não temos a mínima idéia de onde estamos ou quem vive aqui!

— Exatamente! — responde, como se houvesse esquecido por completo o objetivo da nossa excursão.

— Devo lembrá-la da existência dos Guerreiros Amapola? — pergunto, invocando os horripilantes cavaleiros que nos atraíram até sua catedral com a intenção de nos matar e se apoderar da magia.

Enquanto fugíamos para tentar ficar à salvo, se transformaram em enormes pássaros e nos perseguiram pela água. Fomos sortudas por termos escapado deles, e não quero cometer o mesmo erro uma segunda vez.

Ann está tremendo.

— Gemma tem razão. Vamos voltar.

O silêncio é quebrado pelo som de rangido das folhas. Um grito se escuta do bosque; um calafrio percorre a minha coluna.

“Huuu-uu!”

— O que foi isso? — sussurra Ann.

— Uma coruja? — pergunto, com a respiração entrecortada.

— Não, acho que não — responde Felicity.

Aproximamo-nos umas das outras. Felicity desembainha a espada. A magia se abate sobre mim, lutando contra meu medo. Algo se move a minha direita, um flash branco entre a grama. Então, algo corre a toda pressa entre os arbustos no lado esquerdo.

“Huuu-uu! Huuu-uu!”

Parece estar ao nosso redor. Um som, ora aqui, ora ali. Um reflexo de cor passa como uma flecha do nosso lado.

“Huu-uu! Huu-uu!”

Agora escutamos mais próxima. Apenas sei em que direção me virar. Os arbustos se mantêm imóveis. Algo nos olha. Posso sentir.

— Apa-apareça — digo com uma voz fraca como uma lua crescente.

Surge por trás das árvores. Enquadrada na noite roxa escura, parece brilhar. Seu vestido uma vez branco agora está marrom e tem as barras sujas; sua pele é da cor da morte. Em seu cabelo emaranhado usa uma coroa de flores murchas transformada em ervas daninhas. No entanto, sabemos quem é. É a amiga que enterramos faz meses, a amiga que não cruzou o rio, quem acreditamos estar perdida nas Terras Invernais.

Pronuncio seu nome com um murmuro aterrorizado.

— Pippa.

10

FELICITY TEM SEUS OLHOS ABERTOS.

— Pip? É você? — Pippa esfrega os braços com as mãos como se estivesse tentando se aquecer.

— Sim. Sou eu. Sou sua Pip. — Nenhuma de nós atreve a se mover. Lágrimas escorrem pelo rosto pálido de Pip.

— Você não vai me dar um abraço? Eu significo tão pouco assim para você? Tão pouco tempo e já se esqueceram?

Felicity cai no chão duro com um baque, Pippa corre para seus braços e envolve-a nossa amiga perdida.

— Eu disse que você não iria sem se despedir. Eu te disse.

Pip olha Ann.

— Querida Ann, você ainda me considera sua amiga?

— Certamente — responde Ann, e aproxima-se do esqueleto pequeno e frágil. Finalmente, Pip se dirige a mim.

— Gemma. — Ela me dá um sorriso triste e morde o lábio inferior em um gesto nervoso. Tem os dentes muito afiados e olhos constantemente a mudam de um belo violeta para um azul leitoso e perturbador com pequenas pintas pretas no centro. Sua beleza mudou, mas ainda é hipnótica. O cabelo, antes longo, escuro, agora é um emaranhado de videiras e cachos indisciplinados que giram em torno de seu rosto. Ela me pega olhando-a e dá uma risada curta e amarga.

— Gemma, até parece que você viu um fantasma.

— Eu pensei que você tinha ido para as Terras Invernais — digo em voz vacilante.

— Eu estava quase fazendo isso — responde tremendo.

— O que aconteceu? Felicity pergunta.

Pippa grita para o bosque:

— Tudo bem! Podem sair! Não tem nenhum perigo. Elas são minhas amigas.

Um grupo irregular de meninas sai uma a uma de seu esconderijo atrás de árvores e arbustos. Duas delas têm varas longas com os quais certamente pode fazer muito mal. A medida que as meninas se aproximam, vejo os farrapos de suas roupas chamuscadas, as

queimaduras horríveis no rosto e nos braços. Eu sei quem são: as meninas do incêndio da fábrica que encontramos a alguns meses. A última vez que as vi indo em direção às Terras de Inverno, em relação à corrupção. Estou aliviada ao ver que elas não encontraram lá um final, mas não consigo imaginar como escapar.

Uma das duas garotas armadas — uma garota de ossos grandes, pele áspera e braços cheios de cicatrizes — senta-se ao lado de Pippa. Lembro-me de falar com ela nos reinos. Bessie Timmons. O tipo de garota que eu não gostaria de enfrentar.

Ela me olha desconfiada.

— Tudo bem?

— Sim, Bessie. Estas são as minhas amigas, das quais eu havia contado-lhe tudo — Pippa diz orgulhosa.

— As que pegaram a magia do Templo e deixaram você aqui? — Bessie bufou.

— Mas você vê, estão de volta. — Com um sorriso largo Pippa coloca o braço em torno de Felicity, o que não parece nem um pouco com Bessie.

— Eu não estou tão feliz. Elas não vieram aqui para ficar. — Pippa move um dedo, assim como uma professora.

— Bessie, lembre-se o nosso lema: graça, charme e beleza. Uma senhora deve ser inteligente quando tiver convidados.

— Sim, Pippa. — Bessie responde, contrariada.

— Mas Pip... onde você esteve? Conte-me tudo que eu quero saber! — Felicity exclama, abraçando Pippa novamente. Eu sei que deveria abraçá-la, como Fee e Ann fizeram, mas vendo os seus olhos e dentes afiados, tudo o que eu sinto é medo.

— Eu vou contar tudo. Mas entrem. Está muito frio aqui fora.

Pippa é tomada das mãos de Ann e Felicity e orienta-as para o castelo. Resmungando, Bessie Timmons segue-as. As outras meninas formam uma fila atrás deles e eu fecho a marcha. Pippa levanta o ferro da porta de madeira. A uma quantidade de ervas daninhas entre as tabelas que são esmagadas contra a frente.

— Aqui estamos — diz Pippa ao abrir a porta — Nossa casa.

Aparentemente, uma vez que deve ter sido uma fortaleza bela, mas agora não é apenas um monte de tijolos antigos de vinha como uma argamassa. As paredes estão cobertas de mofo. Tem cheiro de umidade e decadência. Margaridas murcham em seus caules, eles olham para esgueirar-se entre as telhas quebradas. A única coisa que parece florescer é beladona. As flores púrpuras venenosas pairam sobre nossas cabeças como sinos.

— Este é o lugar onde você está... — Me calo, para evitar dizer *'vivendo'* — Onde você esteve todo esse tempo?

— É tudo o que eu tenho. Um castelo mofado para a dama de Shalott. — Pippa ri com uma careta. Passa as palmas de suas mãos por uma elevada escultura esculpida em uma lareira, que se assemelha a rostos de santos enegrecidos com o passar do tempo. — Embora eu possa dizer que este lugar já foi mágico e bonito.

— O que aconteceu? — pergunta Ann.

Pippa olha para mim fixamente.

— Esqueceram-se dele.

Felicity levanta um tapete gasto e encontra uma escada em espiral.

— Aonde isso leva?

— Para a torre. — responde Pippa com um sorriso nostálgico. — É meu lugar favorito, pois dali dá para ver quilômetros de distância. Até pude vê-las descer pela trilha. Pareciam tão alegres. — Seu sorriso vacila, mais rapidamente é substituído por outro. — Querem ver?

Seguimos Pippa pela antiquada escada em espiral. As teias de aranha se aderiram a madeira podre que nos cerca. Os fios prateados brilham com a umidade. Alguma criatura infeliz encontrou seu fim aqui. No centro da teia de aranha, seu cadáver está preso e em decomposição junto a uma aranha, a poucos centímetros dele.

Me apoio contra a parede. As parras se deslizam entre meus dedos. Assustada, dou um pulo e escorrego na pedra despedaçada. Pippa se aproxima e pega a minha mão, colocando-me a salvo.

— Não se mova — diz.

Olhamos com temor como as parras trespassam as pedras como um exército conquistador. As paredes gemem com o esforço e assusta-me pensar que o castelo pode cair encima de nós. Segundos depois, o movimento para, mas novos ramos se multiplicam por todas as partes.

— O que foi isso? — sussurra Felicity.

— A terra o engole pouco a pouco a cada dia — diz Pippa, com tristeza. — Suponho que logo precisaremos de um novo alojamento. — Ela solta a minha mão. — Você está bem, Gemma?

— Sim — respondo. — Obrigada.

— É a segunda vez que salvo a sua vida — ela diz. — Lembra da primeira vez? As ninfas da água estavam prestes a te afogar, mas eu consegui te resgatar — diz, e sinto como se um livro de contabilidade tivesse sido aberto na nossa frente.

Pip tem razão sobre a torre: é magnífica. Do alto posso ver o caminho pelo qual viemos: A Caverna dos Suspiros, as oliveiras que se alinham no jardim, o céu azul e o entardecer laranja. Também posso ver as Terras Fronteiriças, onde às escuras nuvens invernais se juntam no horizonte e se estendem em um enorme muro.

— Esse é o caminho para as Terras Invernais — diz Pippa. Respondendo uma pergunta que ninguém formulou.

Um relâmpago retumba contra a irritante massa de nuvens negras e cinzas. Durante um instante, um penacho vermelho serpenteia na escuridão.

— É a segunda vez que o vemos. Você sabe o que é? — pergunto.

Pippa nega com a cabeça.

— Aparece às vezes. Deveríamos descer. Wendy ficará assustada, pobre cordeirinho.

— Quem é Wendy? — pergunta Ann.

Pela primeira vez, Pippa sorri de verdade. Seus olhos são agora de uma tonalidade violeta

e parece como eram antes, vivos e bonitos, feliz por um par de luvas novas e algum relato romântico.

— Que terrível, eu não as apresentei devidamente para as minhas novas amigas!

Pippa nos conduz até um cômodo coberto com tapetes, tão escuro como uma tumba. Não há velas, nem lâmpadas, nem fogo na enorme lareira. No entanto, as garotas da fábrica transformaram-no em seu lar. Bessie está deitada em um divã, entre a erva daninha que o cobre. Sua amiga Mae está sentada no chão e trança o cabelo de outra garota, que pelo que parece se chama Mercy, pois Mae não para de dizer:

— Mercy, fique quieta. — Outra garota, mais jovem que o resto, permanece sentada em um canto, olhando para o vazio. Não posso afastar o olhar de suas cicatrizes, e de seu rosto pálido e fantasmagórico.

— O que você está olhando? — grunhe Bessie sem deixar de me observar.

As minhas bochechas ardem, e fico alegre que o crepúsculo encubra.

— Sinto muito. É que a última vez que as vi...

— Acreditávamos que vocês estavam seguindo as garotas de branco para as Terras Invernais e que nós as perderíamos para sempre — interrompe-me Felicity.

— Elas estavam sendo guiadas por aqueles fantasmas — diz Pippa enquanto se senta em um trono frágil.

— O que aconteceu? — pergunta Ann, com a voz entrecortada.

— Essa é a história que eu queria explicar para vocês. Por sorte, eu estava no mesmo caminho, completamente desolada e desesperada.

— Oh, Pip! — exclama Felicity.

— Vamos, acalme-se — Pip sorri. — Tem um final feliz. Vocês sabem que eu gosto de finais felizes. — Engulo com dificuldade. Fui eu quem afastou Pip do nosso caminho, quem quebrou o seu coração. Eu gostaria de poder voltar atrás no tempo.

— Quando vi esses pobres cordeirinhos, deixei de sentir lástima por mim mesma. Soube que eu deveria fazer algo ou elas estariam perdidas. Então, eu decidi segui-las de perto. Quando elas pararam para descansar e as garotas de branco foram atrás de bagas, aproveitei a oportunidade. Eu disse o que aquelas horríveis criaturas eram de verdade. Que pretendiam conduzi-las até os ladrões de almas, os rastreadores. — Sorri para elas como se fossem as suas filhas queridas. — Resgatei-as. Salvei-as, não foi, queridas?

As garotas se unem a um coro de comum acordo. Contemplam Pippa com absoluta adoração, como algumas vezes nós mesmas fizemos.

— É uma santa. Salvou-nos — diz Mae com os olhos muito abertos. — "Vocês não devem segui-las — nos disse. — Só querem machucá-las. Venham comigo."

— Ela nos pôs a salvo nos trazendo para cá — assegura Bessie, que se mostra de acordo com a sua amiga. — Não é verdade, Wendy?

Uma menina de uns doze anos assente. Chupa as pontas de sua trança até umedecê-las.

— As outras não foram tão sortudas como nós. — Elas continuam.

— E vocês viram algumas das criaturas das Terras Invernais desde então? — pergunto.

— Faz tempo que não vemos — responde Mae. — Mas Wendy disse que as viu.

— Você viu? — pergunto.

Bessie bufa cinicamente.

— Wendy não vê nada. O fogo a deixou cega.

— Mas, às vezes, ouço coisas — diz Wendy enquanto se cobre com os restos de um xale destruído. — Sons como de cavalos. E, às vezes, ouço algo que me arrepia a pele.

— O que é? — pergunto. — O que você ouve?

— Um grito — responde. — Muito distante. E espero que não se aproxime jamais.

— Te peguei — grita Bessie, agarrando com suas mãos rechonchudas o pescoço de Wendy.

Wendy grita, sobressaltando todas nós.

Pippa parece irritada ante tal exibição.

— Bessie, basta.

Bessie afasta suas mãos.

— Antes você ria das minhas brincadeiras.

Os olhos de Pippa são agora de um branco azulado.

— Mas esta noite não as acho divertidas. Não são próprias de uma dama — se volta para nós e ri. — Estou ensinando a essas garotas a se comportarem como damas, como se estivéssemos em Spence! — Bate palmas como se fosse a Sra. Nightwing em pessoa. — Vamos. Façam uma pequena demonstração para as nossas convidadas.

As garotas ficam de pé, obedientes, ansiosas por agradar a sua senhora. Sob a direção de Pippa, mostram suas reverências uma a uma, ao que segue uma lição de declamação particularmente divertida que Pip se dedica muito profundamente com Mae Sutter para limpar seu áspero sotaque do Leste de Londres. Mae se esforça para falar direito as suas palavras, embora não consiga, e Bessie zomba dela sem piedade.

— Você não é uma dama, Mae. Nunca será uma dama educada como a senhorita Pip.

— E quem te pergunto? — espeta Mae enquanto as demais começam a rir.

— "E quem te perguntou?" — corrige Pippa.

— Foi isso que eu disse — declara Mae. — E quem te pergunto.

As outras riem de novo, inclusive Ann, quem parece se sentir feliz por não ser, por uma vez, a garota de quem as outras zombam. Pouco a pouco, a nossa rejeição se dissipa e se converte em um novo vínculo, até que nos sentimos como se nunca tivéssemos nos separado. Faz meses que não vemos Felicity assim. Junto com Pip, ela parece mais relaxada, mas disposta a rir do que discutir. E eu sinto uma ponta de inveja pela intimidade da sua amizade.

— No que você está pensando? — pergunta Felicity.

Estou prestes a responder, mas percebo que ela perguntou a Pip.

— Pensava em quão diferente seria a minha vida se houvesse ouvido a minha mãe e casado com o senhor Bumble.

— Senhor Bartleby Bumble, advogado — entoa Ann, pronunciando a profissão dele com bastante ênfase. As garotas do incêndio da fábrica estalam em risadas afogadas. É o

empurrão que faltava para Ann continuar.

— Este é o meu amado, o senhor Bumble — diz Ann imitando com perfeição a voz melosa do senhor Bumble. — Quem se destaca com uma brilhante mesquinhez das Mesquinharias Barrington.

Nos deixamos levar pelas gargalhadas das demais. Ann mal pode conter seu riso.

— Cuidado com advogados que defendem quinquilharias. Defendo as bagas antes dos advogados.

— Oh, Ann — exclama Felicity.

Ann ri, bobamente.

— Defendo as bagas amargas antes de defender o amor do Bumble!

Os lábios de Pippa tremem.

— Pergunto-me se foi a melhor escolha.

Oculta o rosto entre suas mãos e começa a chorar.

— Oh, Pip, querida! Não chore.

Felicity corre para consolá-la; Felicity, que não se mostra amável com ninguém.

— O q-que eu f-fiz? — pergunta-se Pip entre lágrimas.

Soluçando, ela sai da sala às pressas.

Bessie Timmons nos olha com severidade. É uma garota corpulenta e, eu me atreveria a dizer, uma briguenta. Se quisesse, seria capaz de nos dar uma boa surra.

— A senhorita Pippa é a pessoa mais amável do mundo. Será melhor que vocês não a façam chorar novamente.

Pela rigidez em sua mandíbula, eu diria que isso se trata de uma advertência para todas nós.

Felicity vai procurar Pip e volta depois de uns minutos.

— Gemma, ela quer falar com você.

Encaminho-me sem pressa até um amplo corredor coberto por folhas e flores murchas.

— Gemma.

Ouço-a pronunciar meu nome entre sussurros por trás de um tapete esfarrapado. Levanto-o e a poeira me envolve. Pippa faz sinais para que eu entre. Felicity está por trás de mim, quase em meus calcanhares, mas Pippa a detêm.

— Quero falar com Gemma em particular — diz.

— Mas... — queixa-se Felicity.

— Fee — repreende-a Pip, carinhosamente.

— Oh, está bem!

Felicity dá meia volta e Pip e eu ficamos sozinhas no quarto grande. Em um dos cantos, há um altar de mármore, pelo que suponho deve ter sido em algum momento a capela do castelo. Parece um lugar estranho para termos uma conversa particular. A ausência dos móveis e o alto teto abobadado fazem com que nossas palavras reverberem. Pip se senta no altar, tocando levemente com os calcanhares as gravuras mofadas. Seu sorriso desaparece e dá lugar a uma expressão de profunda angústia.

— Gemma, não agüento mais. Você tem que me ajudar a cruzar.

Não sei o que ela espera que eu responda, mas certamente não é o que eu digo.

— Pip, nunca ajudei ninguém a cruzar.

— Então, serei a primeira.

— Não sei — respondo sem deixar de pensar em Felicity e Ann. — Talvez devêssemos falar...

— Já pensei bastante nisso. Por favor — suplica.

Sei que deveria cruzar. No entanto, uma parte de mim quer esperar.

— Está certa de que está preparada para... ir?

Assente. Só nós duas estamos conversando nessa sala abandonada pelo tempo e a magia. É o lugar mais sem esperanças que alguém poderia encontrar.

— Posso dizer para as outras? — pergunto.

— Não! — ela exclama com tanta intensidade que eu temo que as velhas pedras da capela venham abaixo. — Tentarão deter. Principalmente, Felicity e Bessie. Eu mesma me despedirei delas. Será muito bom estar juntas por uma última vez.

— Sim.

Trago saliva. Minha garganta dói.

— Volte amanhã, sozinha. Nos encontraremos por trás dos muros de espinhos.

— Se eu te ajudar a cruzar, Felicity jamais me perdoará — argumento.

— Não tem por que ela saber. Será nosso segredo — Os olhos de Pip se enchem de lágrimas. — Por favor, Gemma. Estou preparada. Você vai me ajudar?

Ela pega as minhas mãos e, embora estejam frias, e tão brancas como o cal, continuam sendo as mãos de Pip.

— Sim — responde. — Te ajudarei.

11

O PROBLEMA COM A MANHÃ É QUE ELA SEMPRE chega muito antes do meio-dia. Oh!, se eu pudesse deleitar-me na cama por uma hora mais... Mal dormi duas horas e, nesse intervalo, uma família de esquilos deve ter se refugiado em minha boca, porque tenho certeza que tenho uma camada de pelos nela. Minha língua tem gosto de esquilo, se é que os esquilos têm gosto de mingau velho e queijo sujo.

— Gemma — Ann me dá um empurrão. Ela está elegantemente vestida com seu imaculado uniforme de Spence: blusa branca, saia branca e botas. *Como ela faz isso?* — Você vai chegar tarde.

Eu me viro de costas. A luz da manhã machuca meus olhos, então os fecho novamente.

— Sua boca está com gosto de esquilo?

Ela faz uma careta.

— Esquilo? Não, claro que não.

— Marmota, então?

— Quer se levantar?

Eu esfrego os olhos e ponho os pés no chão frio e pouco acolhedor. Nem sequer ele acordou. Eu me queixo em protesto.

— Eu preparei a roupa para você.

E assim ela fez, como uma menina boa e esperta. Minha saia e blusa estão ordenadamente dispostas aos pés da cama.

— Acho que você prefere encontrar suas meias, sozinha.

Ela enrubesce enquanto diz isso.

Pobre Ann. Como é possível que ela seja capaz de desfrutar de contos sanguinários de todos os tipos de carnificina e, no entanto, quase desmaia ante a ideia de ver tornozelos nus? Eu vou para trás do biombo pelo bem do pudor — quer dizer, de Ann — e me visto rapidamente.

— Gemma, não seria maravilhoso ir novamente aos reinos para sentir a magia? — As imagens da noite passada voltam para mim, a descoberta da porta, a alegria ao estar ali mais uma vez, a magia. No entanto, a minha conversa com a Górgona a respeito da aliança e

minhas obrigações deixou uma mortalha sobre minha alma. Espera-se muito de mim, e tão rapidamente. Não consigo me desfazer da apreensão que me produz ter que ajudar Pippa. Eu nunca ajudei nenhuma alma, e muito menos uma amiga, a atravessar um rio antes. E se eu falhar na tentativa, não me atrevo a pensar no resultado.

— Sim, seria maravilhoso — respondo enquanto abotoou o uniforme.

— Você não parece muito feliz com isso — observa Ann.

Eu tento me acalmar. No passado conseguimos entrar novamente nos reinos. Não posso permitir que as preocupações de Philon e a tribo da floresta tirem essa felicidade de mim. E, quanto ao fato de ajudar Pippa, não é uma escolha, ou algo que eu deva discutir ou debater com Felicity ou Ann. É a única coisa honrada que uma amiga pode fazer. E agora que a magia esta de volta...

Eu saio detrás do biombo e pego Ann pelas mãos.

— Talvez haja um novo começo para nós — digo a ela. — Talvez ser uma governanta não seja seu destino afinal de contas.

Ann permite-se esboçar um sorriso miserável.

— Mas, Gemma, — diz ela, mordendo nervosamente seu lábio inferior. — Minha magia é sumamente escassa e está muito fraca. Você tem...

Eu posso senti-la dentro de mim, um vertiginoso estado de alerta que me sintoniza com tudo ao redor, como se eu houvesse tomado várias xícaras de chá preto. Fecho os olhos e percebo a inveja que Ann sente. Esperança com uma corrente de inveja. Eu vejo como ela gostaria de ver a si mesma: bonita, admirada, cantando em um palco iluminado por luz a gás.

Uma súbita mudança se opera em Ann. Não sei exatamente o que é, só sei que agora a vejo diferente. Seu nariz, quase sempre avermelhado e escorrendo, já não está assim. Seu cabelo é mais brilhante e seus olhos, mais azuis. Ela se olha no espelho. Sorri diante do que vê.

— Isso é só o começo — prometo a ela.

***

Fora do nosso quarto, as meninas apressam-se para as escadas em uma debandada, e pergunto-me se nós nunca seremos capazes de chegar a algum lugar sem correr como touros. Alguém bate em nossa porta e a abre sem esperar uma resposta. É Martha.

— Aqui estão vocês! — gorjeia.

Ela lança duas coisas brancas com adornos para Ann, que hesita e as joga para mim.

— O que é isso? — pergunto enquanto seguro no alto duas calças-esporte[12].

— Para montar, é claro! — guincha Martha. — Vocês não souberam?

— Não, não soubemos — respondo esperando que minha irritação seja evidente.

— Hoje não tem aula de francês. O inspetor Kent veio e nos trouxe bicicletas! Há três delas. O inspetor nos aguarda na entrada para ensinar a todas nós. Bicicletas! Que

[12] N/T: Calça-esporte, no original Bloomers, é uma calça feminina, criada no século 19 para praticar esportes e popularizada por Amelia Bloomer, por isso o nome da calça: http://tinyurl.com/34g9zae/ http://tinyurl.com/3kmlk4h

encantador! — exclama e sai correndo pelo corredor.

— Você já andou alguma vez de bicicleta antes? — pergunta Ann.

— Não — respondo enquanto observo as ridículas calças-esporte e me pergunto o que será mais humilhante, subir em uma bicicleta ou usar isso.

***

As outras garotas já estão reunidas na entrada de Spence quando Felicity e eu chegamos.

Estamos equipadas na última moda para andar de bicicleta: calça-esporte longa, uma blusa com mangas bufantes e chapéu de palha com uma fita ao redor. A calça-esporte me confere a aparência de um pato. Mas ao menos não me sinto tão envergonhada como Elizabeth, que mal pode caminhar sem corar. Ela esconde-se atrás de Cecily e Martha, negando com a cabeça.

— Oh, não posso! Eles são imodestas! Indecentes!

Felicity a pega pela mão.

— E também é absolutamente necessário se você quer subir em uma bicicleta. Se você quer saber, eu as acho uma notável melhora quanto ao uniforme.

Elizabeth grita e corre para se cobrir novamente. *Santo Deus*. É um verdadeiro milagre que ela consiga tomar banho sem desmaiar ante tamanha indecência.

— Muito bem. Faça o que quiser — diz Felicity. Como é evidente, ela não se sente envergonhada, é claro.

— Você não sabe o quão libertador é não ter que se cobrir com camadas de saias e anáguas. Eu as coloco como testemunhas de meu juramento solene: quando eu estiver livre dessas amarras e mudar-me para Paris com minha herança, nunca mais voltarei a colocar um vestido.

— Oh, Fee! — exclama Martha. — Como você pode não querer usar esses lindos vestidos que sua mãe te enviou da França? Eu contei a você que o ateliê de lady Marble confeccionou o meu?

— Não, você não contou! — responde Cecily.

Falam de vestidos e luvas e meias, botões e adornos de forma tão fervorosa e bajulando cada detalhe que receio enlouquecer. O som de marteladas e serras chegam a nós, vindas da Ala Leste. Os trabalhadores nos observam, dando empurrões uns aos outros, até que o Sr. Miller ameaça ficar com o pagamento deles.

— Ann, você está encantadora esta manhã — comenta Felicity, e Ann resplandece ante o elogio. — Não tivemos uma noite perfeita? Eu tirei um peso de cima de mim ao ver Pip novamente.

— Sim — respondo engolindo o nó na garganta.

— Foi bom vê-la novamente.

— E a magia — sussurra Ann.

— Oh, a magia — diz Felicity com um sorriso. — Eu deveria ter feito tudo o que tinha pensado em fazer com ela, porque hoje já não fica nada para mim.

— Nada de nada?

Ann mal pode esconder um sorriso.

Felicity nega com a cabeça.

— Nenhum pouco. Você tem alguma?

Ann olha para mim.

— Parece que reviveu de novo em mim. Esta manhã eu dei um pouco de magia à Ann e farei o mesmo por você — respondo e pego suas mãos até que sinto a centelha da magia entre nós.

— O que vocês três tanto sussurram? — pergunta Martha olhando-nos com desconfiança.

— Estamos utilizando a magia para melhorar nossas vidas — respondo.

Felicity se afasta para um lado, rindo silenciosamente.

— Gemma Doyle, você é grosseira e vulgar — replica Martha com desdém. — E você Felicity Worthington, é perversa por incentivá-la. E quanto a você Ann Bradshaw... ah, por que eu deveria me preocupar?

Graças a Deus nesse momento trazem as três bicicletas. Teremos que fazer turnos. Eu nunca, até agora havia visto uma bicicleta tão de perto. Parece com um S metálico com duas rodas e uma barra de direção. E o assento! Parece muito alto para se sentar. O inspetor Kent nos cumprimenta em seu casaco de algodão e um chapéu marrom.

Ele é o prometido de Mademoiselle LeFarge, um detetive de Scotland Yard e um homem amável. Nós estamos verdadeiramente felizes de que se casem em maio. Mademoiselle LeFarge o olha do seu lugar no gramado, onde ela estendeu um cobertor.

Ela usa uma grossa boina que emoldura seu rosto rechonchudo e seus alegres olhos. Não faz muito tempo ela suspirava por um amor perdido. Mas, graças as amáveis atenções do inspetor Kent, ela floresceu de novo.

— A futura senhora Kent é o vivo retrato da beleza hoje, não é verdade? — afirma o inspetor, fazendo que nossa professora de francês ruborize.

— Tenha cuidado para que ninguém fique ferido, senhor Kent — adverte ela, ignorando seu galanteio.

— Eu farei cargo de suas pupilas com o maior cuidado, Mademoiselle LeFarge — responde ele, e o rosto dela amolece.

— Eu sei que você fará — diz devolvendo o elogio.

O cabeludo bigode do inspetor Kent esconde um sorriso, mas nós pegamos o brilho em seus olhos.

— Agora, senhoritas, — diz enquanto aproxima de nós uma das bicicletas. — Quem gostaria de dar um passeio?

Várias das meninas mais novas pulam de excitação e imploram para serem escolhidas, mas, claro, é Felicity quem se antecipa e a pergunta fica respondida.

— Eu serei a primeira — afirma.

— Muito bem. Você já andou de bicicleta antes? — ele pergunta.

— Sim, em Falmore Hall — responde, referindo-se aos bens imobiliários de sua família

no país.

Ela sobe na cambaleante bicicleta e temo que ambas caiam no chão. No entanto, ela dá um forte impulso nos pedais e começa a andar, pedalando sem esforço algum sobre a grama. Nós aplaudimos e nos alegramos. Cecily é a próxima. O inspetor Kent corre ao lado dela, mantendo-a erguida. Quando ele ameaça solta-la, Cecily joga os braços ao redor do seu pescoço e grita.

Martha não se sai muito melhor. Ela cai e, embora o único que ela feriu foi seu orgulho, ela se recusa a subir novamente. Os operários riem silenciosamente, aparentemente divertidos ao ver como uma peça tão simples, que poderiam moldar com suas próprias mãos, pode deixar perdidas damas tão delicadas.

Felicity retorna de sua segunda volta na bicicleta. O inspetor Kent está ajudando Ann com sua volta.

— Oh, Gemma! — diz Felicity sem fôlego e as faces rosadas. — Você tem que dar uma volta! É simplesmente maravilhoso! Vamos, eu vou ajudá-la.

Ela coloca minhas mãos sobre o guidão pouco manejável. Meus braços sacodem enquanto subo na bicicleta. É a coisa mais estranha que já tentei.

— Agora, sente-se — instrui Felicity.

Eu me esforço para sentar-me no elevado assento e perco o equilíbrio, eu escarrancho-me sobre o guidão de um modo muito pouco feminino.

— Oh, Gemma! — Felicity ri, e se dobra de risada.

Eu pego o guidão com determinação renovada.

— Certo. Tudo que eu preciso é de um bom empurrão e estarei longe — digo com uma fungadela. — Segure a besta, por favor.

— Você se refere à bicicleta ou de quem está atrás dela?

— Felicity! — eu silvo.

Ela revira os olhos.

— Sobe, então.

Eu engulo saliva com força e subo no espetacular assento desconfortável.

Eu aperto o guidão com tanta força que machuco o nó dos meus dedos. Levanto um pé. A besta de ferro cambaleia e, rapidamente, volto a colocar meu pé no chão com o coração batendo rapidamente.

— Assim você não vai chegar muito longe — Felicity repreende. — Você tem que deixar ir.

— Mas como... — digo alarmada.

— Apenas. Deixe. Ir.

Com um firme impulso, Felicity me empurra sobre a grama, descendo a colina, em direção ao caminho sem asfalto. O tempo parece parar.

Estou tanto assustada como excitada.

— Pedala, Gemma! — grita Felicity. — Não deixe de pedalar!

Meus pés empurram bruscamente contra os pedais, impulsionando-me para frente, mas o

guidão tem vida própria.

Não posso controla-los.

Você vai funcionar, bicicleta!

Uma rajada de poder emana através de minhas veias.

De repente, a bicicleta fica leve. Não tenho problema algum em mantê-la em movimento.

— Há! — exclamo em júbilo. Magia! Estou salva! Descendo por uma pequena colina e viro para o outro lado, sou o retrato vivo da bendita Gibson Girl[13].

A multidão reunida no gramado me felicitam. Cecily olha para mim boquiaberta.

— Boa garota! — grita o inspetor Kent. — Parece como se tivesse nascido para isso!

Felicity também fica de boca aberta.

— Gemma — ela me repreende, sabendo de meu segredo.

Mas não importa. Estou louca por andar de bicicleta! É um esporte maravilhoso! O vento arranca o chapéu da minha cabeça. Rola colina abaixo e três operários correm atrás dele. Entre risadas, lutam entre si para ver quem vai ser o primeiro a devolvê-lo a mim. Esta é a liberdade. Eu sinto a volta das rodas em minha barriga, como se ambas fossemos a mesma máquina e eu não pudesse cair. Isso faz-me ficar audaz. Ganhando mais velocidade, corro colina acima e vou como um raio abaixo para o outro lado, em direção a estrada, empurrando mais e mais rápido com cada encantada pedalada. A rodas abandonam o chão e durante um breve e glorioso momento, eu estou no ar. Sinto cósquinhas no estomago.

Rindo, solto as mãos do guidão, desafiando o destino e a gravidade.

— Gemma! Volte! — gritam as meninas, mas elas tem má sorte. Eu viro-me para oferecer a elas uma saudação alegre enquanto as observo ficarem menores com a distância.

Ao olhar novamente para frente, vejo que há alguém na estrada. Eu não sei de onde ele saiu, mas vou diretamente para ele.

— Cuidado! — grito.

Ele consegue afastar-se do caminho. Eu perco a concentração. A besta não está mais sob meu controle. Ela balança freneticamente de um lado para o outro antes de lançar-me à grama.

— Deixe-me ajudá-la.

Ele oferece uma mão e eu aceito, minhas pernas tremem ao me colocar de pé.

— Você se machucou?

Tenho arranhões e machucados. Também tenho um rasgão na minha calça-esporte e debaixo, na parte em que mostra minhas meias, há uma mancha de grama e sangue.

— Você deveria ter mais cuidado, senhor — eu repreendo.

— E você também deveria estar olhando pra frente, senhorita Doyle — ele responde com uma voz que eu conheço, embora esteja mais grave.

Levanto a cabeça rapidamente e dou uma olhada nele: os cachos longos e escuros espreitando por seu chapéu de marinheiro, a mochila nas costas. Ele usa um par de calças

[13] N/T: Criada pelo ilustrador Charles Dana Gibson, personificava o ideal feminino norte-americano durante a década de 1890.

empoeiradas, suspensórios e uma camisa simples com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Isto tudo é familiar. Mas ele não é o menino de quem me despedi no natal passado. Ele se transformou em um homem ao longo destes últimos meses. Seus ombros são mais amplos, os traços de seu rosto mais afilados. E ele mudou em algo mais que não sei reconhecer. Nós estamos frente a frente, minhas mãos apertam com força o guidão, um artefato de ferro nos separa.

Escolho as palavras com muito cuidado, como se fossem facas.

— Como é bom ver você de novo.

Ele me dá um pequeno sorriso.

— Pelo que vejo você está aprendendo a andar de bicicleta.

— Sim, aconteceram muitas coisas nestes meses — alfineto.

O sorriso de Kartik desaparece, e arrependo-me por minha língua viperina.

— Você está com raiva.

— Não estou — respondo com uma risada áspera que se assemelha a uma bofetada.

— Eu não te culpo por isso.

Engulo com dificuldade.

— Eu me perguntava se os Rakshana... se você estaria...

— Morto?

Aceno com a cabeça.

— Parece que não.

Ele levanta a cabeça e percebo os círculos escuros sob seus olhos.

— Você está bem? Está comendo bem? — pergunto.

— Por favor, não se preocupe por minha causa.

Ele se inclina para frente e durante um longo segundo acho que ele quer me beijar.

— E os reinos? Que noticias tem a respeito? Você devolveu a magia e formou uma aliança? Os reinos estão a salvo?

Ele só quer saber dos reinos. Meu estômago está tão pesado como se eu tivesse ingerido chumbo.

— Eu tenho tudo sob controle.

— E... você viu me irmão nos reinos? Viu Amar? — ele pergunta um pouco desesperado.

— Não, eu não o vi — digo com suavidade. — Então... você não pode vir antes?

Ele olha para longe.

— Eu preferi não vir.

— Não... não entendo — digo quando encontro as palavras novamente.

Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Acho que será melhor que nós separarmos nossos caminhos. Você tem o seu e eu o meu. Parece que nossos destinos não vão voltar a se entrelaçar.

Eu pisco para manter as lágrimas seguras. *Não chore, Gemma, pelo amor de Deus.*

— Ma-mas você disse que queria formar parte da aliança. Se unir a mim... a nós...

— Eu me deixei guiar pelo coração, e ele mudou de idéia[14].

Ele se mostra tão frio que me pergunto se realmente ele tem um coração que o guie. O que aconteceu?

— Gem-ma! — Felicity chama do outro lado da colina. — É a vez de Elizabeth!

— Estão esperando você. Aqui, vou te ajudar com isso — diz ele, fazendo menção de pegar a bicicleta.

Eu a arranco das mãos dele.

— Obrigada, mas não preciso de ajuda. Isto não é seu destino.

Empurrando a bicicleta na minha frente, eu corro logo para a estrada para que ele não possa ver o quão profundamente ele me feriu.

***

Eu dispenso a mim mesma de seguir na bicicleta sob o pretexto de que devo curar meu joelho.

Mademoiselle LeFarge se oferece à me ajudar, mas eu prometo-lhe ir até Brigid para que ela possa enfaixá-lo.

Em vez disso, eu deslizo através da floresta em direção ao ancoradouro, onde eu possa me refugiar e lamber minhas feridas sozinha. O pequeno lago reflete a lenta migração de nuvens peregrinas.

— Carolina, Carolina!

Uma velha cigana, a Mãe Elena, procura nos bosques. Ela usa seu cabelo prateado recolhido com um lenço azul brilhante.

Vários colares descem até seu peito. Cada primavera, com a chegada dos ciganos, a Mãe Elena está com eles.

Foi sua filha Carolina, a quem minha mãe e Sarah conduziram para a Ala Leste para sacrificá-la às Terras Invernais. A perda de sua amada filha foi mais do que Mãe Elena poderia suportar, sua mente se desgastou e agora ela parece mais um fantasma do que a uma mulher. Eu não a tinha visto desde a volta dos ciganos. Ela não se atreve a se afastar do acampamento, e me surpreende ver como ela é frágil.

— Você viu minha garotinha? Minha Carolina? — pergunta ela.

— Não — respondo fracamente.

— Carolina, amor, não brinque assim comigo — diz Mãe Elena, olhando atrás de uma grande árvore, como se ela estivesse apenas envolvida em um jogo de esconde-esconde.

— Você me ajuda a encontrá-la?

— Sim — respondo apesar de sentir uma dor no coração por me unir a essa loucura.

— Ela é muito sapeca — diz a Mãe Elena. — E sabe se esconder bem. Carolina!

— Carolina — eu chamo sem entusiasmo.

Eu espreito entre arbustos e perscruto as arvores, fingindo procurar uma garota

[14] N/T: Essa frase no inglês está apenas assim: I've had a change of heart, que seria mais como: Eu mudei de idéia, mas eu deixei assim para fazer mais sentido com o que a Gemma fala depois.

assassinada há anos.

— Continue olhando — Mãe Elena instrui.

— Sim — minto enquanto a vergonha tinge de vermelho meu pescoço. — Vou fazer isso.

Enquanto Mãe Elena desaparece de vista, eu movo-me secretamente para o ancoradouro, e suspiro, aliviada. Esperarei aqui até que a anciã volte ao acampamento. Partículas de pó brilham entre as frestas por onde penetra a fraca luz do sol.

Posso ouvir as marteladas dos operários e a chamada esperançosa de uma mãe que procura a filha que jamais encontrará. Eu sei o que aconteceu com a pequena Carolina. Sei que a criança foi assassinada e esteve a ponto de ser sacrificada às criaturas das Terras Invernais há vinte e cinco anos atrás.

Conheço a horrível verdade de tudo o que aconteceu naquela noite, e eu desejaria não saber. Um remo apoiado de mal jeito contra uma parede desliza para mim. Sinto o suave peso da madeira nas mãos e meu corpo experimenta uma sensação que fazia meses que não sentia: uma visão apodera-se de mim. Todos os meus músculos contraem, Aperto o remo com tanta força que minhas pálpebras vibram e o som de meu sangue bombeando fica tão alto quanto tambores de guerra em meus ouvidos. E depois eu estou submersa, de repente e com grande estrondo, sob a luz, como se só estivesse acordada dentro de um sonho. Imagens correm do passado e misturam-se umas com as outras como em um caleidoscópio. Vejo a dama com o vestido cor de lavanda, escrevendo furiosamente sob a luz de um candil, seu cabelo grudado no rosto com suor. Sons: um pranto afligido. Gritos. Pássaros.

O caleidoscópio gira novamente e eu estou nas ruas de Londres. A mulher faz sinais para que eu a siga. O vento sopra um folheto aos meus pés. Outro folheto do ilusionista, o Dr. Van Ripple. Eu o pego e me acho em um ruidoso Music Hall[15].

Um homem de cabelo preto com um cavanhaque coloca um ovo em uma caixa e, tão rápido como um piscar de olhos, o faz desaparecer.

A bela dama que me conduziu até ali, leva a caixa para longe e volta ao palco, onde o ilusionista a faz entrar em transe. Ele segura no alto um quadro-negro e, pegando um pedaço de giz com ambas as mãos, a dama começa escrever como se estivesse possuída: *Nós fomos traídos. Ela é uma impostora. A Árvore de Todas as Almas existe. A chave tem a verdade.*

A multidão ofega boquiaberta e aplaude, mas eu estou sendo levada para longe do Music Hall. Estou nas ruas novamente. A mulher se encontra na minha frente, correndo pelos paralelepípedos cobertos de umidade e passando diante de fileiras de casas estreitas e sem iluminação.

Ela corre para salvar sua vida, seus olhos selvagens, com medo.

Os homens do rio gritam entre si. Com seus longos arpões pescam do rio o corpo frio e morto da mulher. Agarrada a um pedaço de papel. As palavras arranham-se a si mesmas na página:

Você é a única que pode nos salvar...

---

[15] N/T: Music hall é um tipo de entretenimento teatral Britânico que era popular entre 1850 e 1960.

A visão me abandona como se um trem me atravessasse por dentro apitando, saindo de mim e se afastando.

Volto novamente para mim mesma ao mofado ancoradouro no mesmo instante que o remo se quebra em minhas mãos.

Tremendo, eu caio no chão e levo comigo os pedaços quebrados. Não estou acostumada a força de uma visão. Mal sou capaz de recobrar o fôlego.

Saio tropeçando da garagem de barcos e tomo uma grande golfada de ar limpo e frio. O sol trabalha sua magia ao dissipar os últimos vestígios de minha visão. Minha respiração desacelera e minha cabeça pára de dar voltas.

A Árvore de Todas as Almas existe. Você a única que pode nos salvar. A chave tem a verdade.

Não tenho nem ideia do que significa. Minha cabeça dói, e as marteladas da Ala Leste não ajudam em nada.

Mãe Elena me da um susto. Ela afasta sua trança para escutar as marteladas.

— Aqui tem algo maligno. Eu sinto isso. Você sente?

— N-não — respondo cambaleando para a escola.

Ela me segue. Eu ando mais rápido.

Por favor, por favor, vá embora. Deixe-me em paz.

Chegamos a clareira e a pequena colina. Dali, a parte mais alta de Spence sobe majestosamente acima das árvores.

Os operários são visíveis. Eles içam enormes painéis de vidro com grossas cordas do telhado e os colocam em seu lugar correspondente. A Mãe Elena afoga um grito com os olhos arregalados de medo.

— Eles não devem fazer isso!

Ela move-se rapidamente em direção a Spence, gritando em uma língua que eu não entendo, embora consiga sentir o alarme em suas palavras.

— Vocês não sabem o que estão fazendo — grita Mãe Elena, desta vez em inglês.

O senhor Miller e seus homens dão uma pequena risada da cigana louca e seus medos.

— Vá e deixe para nós o trabalho de homens! — eles gritam.

Mas suas palavras não convencem Mãe Elena.

Ela passeia pelo gramado apontando-os e acusando-os com um dedo.

— É uma abominação, uma maldição!

Um operário grita uma repentina advertência. Um painel de vidro fica por cima de seu manipulador. Ele se retorce na corda e fica precariamente suspenso até que possa chegar as mãos dos trabalhadores que estão lá embaixo.

Um dos homens o pega e corta a palma da mão com a borda afiada. Ele grita e o sangue flui pelo braço.

Lhe dão um lenço e enfaixam sua mão ensanguentada.

— Você viu? — grita Mãe Elena.

O senhor Miller lança a ela um olhar assassino. Ele a ameaça com um martelo até que os

outros homens o puxam de volta.

— Vocês ciganos sangrentos! Vocês são a única maldição que eu vejo!

Os gritos atraíram os homens ciganos até o gramado. Ithal se coloca na frente da Mãe Elena para protegê-la. Kartik está lá também.

Os homens do senhor Miller pegam seus martelos e suas ferramentas de ferro se situam ao lado de seu capataz, temo que possa produzir-se uma terrível briga.

Alguém foi chamar o inspetor Kent. Ele avança até a minúscula linha do gramado que separa os ciganos dos trabalhadores ingleses.

— Vejamos, qual é o problema?

— Os Ciganos Sangrentos, colega — cospe o senhor Miller.

Os olhos do inspetor Kent se endurecem.

— Eu não sou seu colega senhor. E se não se comportar diante das damas terei que levá-lo a Yard — e para Mãe Elena ele diz: — Será melhor você ir, senhora.

Pouco a pouco, os ciganos se afastam, não sem antes um dos trabalhadores — o homem da camisa com remendo vermelho — cuspa neles.

O insulto aterrissa na bochecha de Ithal, que limpa o rosto, embora não possa apagar sua raiva com tanta facilidade.

Os olhos de Kartik também ardem de ira e, quando me olha, sinto-me como se eu fosse o inimigo. Ithal fala com Mãe Elena em sua língua nativa com doçura. Sua boca tensa pelo medo quando os ciganos a levam consigo.

— Uma maldição — murmura tremendo. — Amaldiçoado.

12

O JANTAR É UM EVENTO POUCO MEMORÁVEL, que consiste em um ensopado de peixe sem sal e nauseabundo.

Eu não parei de pensar em Kartik, em sua frieza. A última vez que o vi em Londres, ofereceu-me sua lealdade. O que terá acontecido para que seu afeto tenha desaparecido? Ou será que é o tipo de homem que persegue as meninas só para abandoná-las depois?

Ele parecia tão obcecado, tão desesperado, a respeito de Amar, e eu gostaria de saber o que dizer para consolá-lo, mas eu não vi seu irmão, e talvez isso já seja um consolo.

E então tem a minha visão.

A Árvore de Todas as Almas existe.

Que árvore? Onde? Por que é tão importante?

Você é a única que pode nos salvar.

— Gemma, sobre o que você está ruminando? — provoca Felicity do seu assento ao lado do meu. A discrição não é com ela.

— Eu-Eu não estou ruminando.

Eu sorvo minha sopa, provocando uma carranca em Cecily.

— Não. Claro que não. Você simplesmente se esqueceu de como sorrir. Quer que eu te lembre como se faz? É muito simples; vê?

Fee sorri abertamente. Eu ofereço um sorriso forçado que tenho certeza que faz com que pareça que tenho gases.

Preferi não vir mais cedo. Por que eu não posso liberar essa pequena frase da jaula dos meus pensamentos?

— Eu tenho que dizer a Pip que a sopa está tão repugnante quanto ela se lembrava — sussurra Felicity com uma risadinha.

Pip. Uma preocupação adicional, porque esta noite tenho que voltar e ajudá-la a atravessar o rio, seja para onde quer que ela vá.

***

— Realmente, você *está* ruminando, Gemma, e o tem feito durante toda a tarde — repreende-me Felicity a medida que caminhávamos pelo caminho trilhado até a capela para nossas orações da noite. — E acho que sei porque. Eu vi você falar com o indiano — diz, repudiando-o em uma palavra.

— Kartik, você quer dizer? — respondo friamente.

Ann aguça o ouvido.

— Ele está volta?

Maldição. Agora há duas me pressionando: Felicity com sua malicia e Ann com seu perturbador, misterioso olhar.

— Sim, esse mesmo. O que ele disse desta vez?

Felicity imita um vidente com olhos de louco.

— Não toque a magia! Não entre nos reinos! O fantasma de Jacob Marley tomara posse de sua alma se você fizer. Fique em casa concertando meias, como uma menina boa e decente! Hmmmm?

— Vejo que você não perdeu seu dom para a dramaticidade. Ann,não deixe que ela pegue seu talento tão facilmente — digo, na esperança de poder mudar de assunto.

— Fez isso, não foi? — pressiona Fee.

— Ele simplesmente veio para se despedir adequadamente. — Eu não quero falar com vocês sobre Kartik.

Fee não é amiga dele e, se eu lhe disser a verdade, a única coisa que fará é se regozijar.

E seria muito humilhante para mim.

— E se estou preocupada é porque hoje eu tive uma visão, a primeira desde o natal passado.

Ann arregala os olhos. Felicity puxa-me até me afastar do caminho e deixa que as demais garotas passem na nossa frente.

— O que você viu?

— Uma dama que eu vi nos meus sonhos. É a assistente de um mágico ou alguma espécie de médium, pois eu a vi com um tal de Dr. Van Ripple, ilusionista. Ela escreve em uma lousa, como se estivesse em transe; uma mensagem muito estranha.

— O quê? — Felicity incita.

A Sra. Nightwing e Mademoiselle LeFarge estão subindo pelo caminho. Elas falam do que quer que seja que as senhoras falam quando sabem que ninguém as ouve. Parecem relaxadas e joviais. Nós tentamos ficar a alguns passos à frente delas.

— "Nos fomos traídos. Ela é uma impostora. A Árvore de Todas as Almas existe. A chave tem a verdade."

Felicity escutou atentamente todas e cada uma de minhas palavras, agora esta rindo.

— Uma árvore? Realmente, Gemma. Você tem certeza que não bateu a cabeça quando caiu da bicicleta?

Eu ignoro o insulto.

— As imagens em minhas visões nem sempre descrevem uma história que eu seja capaz

de visualizar. No entanto, acho que é possível que a mulher da visão esteja morta.

— Morta? Sério? — Ann pergunta sem fôlego, o que mostra sua paixão pelo macabro. — Por que você diz isso?

— Porque eu a vi enquanto a tiravam do rio Tâmisa, ela afogou-se.

— Afogada — repete, claramente deleitando-se diante da inerente e perversa excitação de tudo isso.

À frente, as portas da capela permanecem abertas. A luz das velas confere uma dramatização cintilante nas janelas, fazendo com que pareçam vivas.

— A que horas vamos nos reunir? — Felicity sussurra ao chegarmos à porta.

Nego com a cabeça.

— Esta noite não. Estou muito cansada depois de ter andado de bicicleta. Preciso dormir.

— Mas,Gemma! — protesta Felicity. — Nós temos que voltar! Pippa está nos esperando.

— Nós iremos amanhã à noite — digo, forçando um sorriso, embora a perspectiva do que devo fazer me deixa doente.

Os olhos de Felicity se enchem de lágrimas.

— Agora que por fim encontramos o caminho de volta, você pretende nos afastar da felicidade.

— Fee... — começo a dizer, mas ela vira as costas, e eu percebo que terei que deixar que me odeiem esta noite, apesar de ser difícil de suportar.

Os bosques dançam ante o brilho súbito dos candis. Os Ciganos voltaram: Kartik está com eles e mal posso me conter ante a idéia de atrair sua atenção, sem me importar o quanto detesto-me por isso.

— O que foi isso? O que acontece agora? — pergunta a Sra. Nightwing. Percebendo uma possível luta, as garotas se dispersam pela capela e se reúnem nas portas apesar das súplicas de Madeimoiselle LeFarge para elas irem para dentro. Ela poderia muito bem tentar reunir galinhas na chuva.

— Estamos vigiando os bosques — explica Ithal. Ele tem uma pistola presa ao cinto.

— E pode se saber para que vigiam o bosque? — pergunta a Sra. Nightwing, irritada.

— Mãe Elena não gosta do que está sentindo. E eu não gosto do que vejo.

Ele move a cabeça bruscamente para o acampamento dos operários.

— Eu não quero problemas entre os homens do senhor Miller e vocês — diz a Sra. Nightwing em tom de comando.

— A Academia Spence sempre foi amável com a Mãe Elena.

— Nós oferecemos proteção — afirma Ithal, mas a Sra. Nightwing não parece muito convencida.

— Eu lhe asseguro que não precisamos de sua proteção. Boa Noite.

Kartik apóia uma mão no ombro de Ithal e fala com ele em Romani; Ithal assente. Kartik não me olha nenhuma vez. Finalmente, Ithal faz um gesto aos seus homens.

— Nós vamos — diz ele, e os Ciganos voltam aos bosques e a seu acampamento.

— Bobagens. Loucura total. Proteção! Esse é o meu dever, eu acho que estou realizando

isto com acréscimos — resmunga a Sra. Nightwing.

— Ás orações, garotas!

Nightwing e LeFarge nos afugentam para dentro da capela. Dou uma última olhada aos bosques. Os homens continuam avançando, seus candis formam pequenos círculos de luz na penumbra do anoitecer. Todos, exceto um. Kartik ainda está lá, escondido atrás de uma árvore, vigiando-nos em silêncio.

13

EU CONSIDERO NÃO IR. LUTO CONTRA O PENSAMENTO durante quase uma hora. Imagino os rostos de Fee e Ann na próxima vez que viajemos até os reinos e comprovarem que Pippa se foi. Eu me pergunto como as garotas do incêndio da fábrica poderão se arranjar sem ela. Não tenho muita certeza de que este é o caminho certo, mas eu prometi e, por tanto, devo ir. Espero que os roncos de Ann se intensifiquem e então desço pelas escadas sorrateiramente, esperando que não me peguem nem Brigid nem Nightwing nem Felicity nem qualquer outra. Sob a sombra da estrutura da Ala Leste, estendo a mão para a porta secreta. Ela ganha vida e eu movo-me para os reinos, sozinha. Percorro todo trajeto correndo. Pippa me espera junto ao muro de espinheiro.

— Você veio — diz, embora não tenho certeza se o que eu detecto em sua voz é alivio ou medo. Pode ser que sejam ambos.

— Sim.

— Fee nunca saberá — afirma Pippa, como se houvesse lido minha mente.

Pegamos o caminho que leva até o jardim e o rio. Estou completamente perdida quanto ao que tenho que fazer. Eu teria que pronunciar algo, uma reza ou um feitiço? Se assim for, não conheço nenhum.

Então fecho os olhos durante uns instantes e digo: *por favor. Por favor, ajude minha amiga Pippa.*

Um pequeno bote balança no rio atrás de um alto ramo de malmequeres. Nós abrimos caminho entre a grama pantanosa e a afastamos de nós. Pip arranca um malmequer e o gira em suas mãos.

— É tão lindo aqui. Às vezes eu esqueço.

— Nós iremos quando você estiver pronta — digo suavemente.

Ela põe a flor atrás da orelha.

— Eu estou pronta agora.

Nós nos acomodamos no bote balançante e o afastamos da costa. Eu já atravessei o rio em busca de aventura, prazer e perigo, mas jamais minhas viagens se tingiram de semelhante melancolia. Este é um adeus para sempre e, embora sei que é o correto, é difícil ter que deixá-la ir. Ainda vejo a Pip de antes, a Pip que dizia ser minha amiga. Eu guio em direção

ao outro lado do rio, onde o horizonte resplandece o laranja dourado do pôr do sol. Faz-me sentir um sono ébrio, como se eu estivesse cochilando no sol. E então, de repente, o bote pára. Deixa de avançar.

— Por que paramos?

— Não sei — respondo.

Tento colocá-lo em movimento, sem êxito.

— Eu achei que você tinha o poder de conduzir as outras almas ao rio — diz Pippa com um tom de voz atemorizado.

— Eu nunca fiz isso antes, você é a primeira. Não acho que possa te levar mais longe. Eu acho que você terá que fazer o resto do caminho por conta própria.

Pip arregala os olhos.

— Não! Não posso! Eu não posso entrar na água. Por favor, por favor, não me obrigue a fazer isso.

— Sim, você pode — asseguro a ela, e espero que minha voz não traia meus nervos. — Eu vou ajudá-la, vamos se agarre com força em meus braços.

Com cuidado, eu a ajudo a entrar na água e a deixo ir. Suas saias flutuam como uma flor de lótus.

— Adeus, Gemma — se despede enquanto avança contra a corrente de água.

Vê-la ir é como ver se desvanecer uma parte de mim mesma, e tenho que colocar uma mão na boca para não ter que gritar: "Não faça isso. Volte. Por favor."

A luz a engole. Meu rosto está molhado de lágrimas.

Adeus, Pip.

Com uma repentina guinada, ela submerge debaixo d'água. Suas mãos se agitam violentamente. Ela emerge do rio, cuspindo água, desesperada por respirar.

— Gemma! — grita aterrorizada. — Ajude-me!

O pânico se apodera de mim. É isto o que se supõe que tinha que acontecer? Não, eu vi outras almas cruzar o rio sem semelhante angústia.

— Pip! — grito. Eu me inclino para fora do bote. Ela agarra minha mão e eu a ajudo subir.

— Volte! — exclama tossindo. — Volte!

Pippa não recupera o fôlego até que chegamos a margem com segurança e cai de joelhos no jardim.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Eu não pude atravessar — ela chora. — Não me deixaram. — Ela esta com olhos arregalados de medo. — Não me deixaram!

— Ela não pode cruzar. É muito tarde.

A Górgona aparece diante de nós. Pippa agarra meu braço, histérica.

— O que... está... dizendo?

— Você comeu as bagas[16] — sibila a Górgona. — Com o passar do tempo, eles têm

[16] É um tipo de fruto.

trabalhado sua magia em você e te reclamaram para os reinos. Agora você é uma de nós.

Relembro o horrível dia em que Pippa ficou para atrás enquanto nós escapávamos. Lembro a criatura que a perseguiu para o rio. Lembro de mais tarde encontrá-la, fria e pálida, na água. E também lembro o fatídico momento em que escolheu ficar ao comer as bagas. Porque eu a deixei? Porque eu não lutei com mais empenho para salvá-la?

Pippa avança em direção a Górgona e bate nela com os punhos fechados. As serpentes cobram vida, estalando e silvando. Uma delas morde Pip, que grita e cai sobre a grama, segurando sua mão. Seus soluços são tão profundos como uma chuva asfixiante.

— Você quer dizer... me dizer que terei que ficar aqui? Para sempre?

Os olhos amarelos da Górgona não refletem emoção alguma.

— Sua sorte está lançada. Você terá que se adaptar. Aceita-la e viver com ela.

— Não posso! — lamenta Pippa.

Ela engasga com as palavras entre soluços.

— Gemma, você...! Você me disse que... eu... podia cruzar!

— Desculpe-me. Pensei que...

— E agora... agora me diz que terei que ficar aqui... nos reinos, para sempre! Sozinha!

Pippa está jogada no chão, ela rola a testa repetidamente contra a grama fria.

— Você não está sozinha. Tem a Bessie e a Mae e as outras garotas — digo, desesperada por lhe oferecer algum consolo, mas sou consciente do quão falsas minhas palavras soam. No mesmo instante ela levanta a cabeça; seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Sim, todas essas garotas horríveis com suas horrorosas queimaduras e seus modos vulgares! Que amigas são essas? Elas eram uma maneira de passar um tempo, nunca poderia compará-las a Fee, nem a você, nem a Ann. Por favor, não me deixe aqui, Gemma. Me leve com você. Por favor, por favor, por favor....

Ela arranca punhados de grama com suas mãos pequenas, chorando com o coração partido. Mal posso conter minhas próprias lágrimas. Sento-me do lado dela e tento afagar seu cabelo.

— Acalme-se, acalme-se, Pip.

Ela afasta minha mão com um empurrão.

— A culpa é sua!

Jamais me senti tão desesperada, tão horrível.

— E-e se eu te desse uma pouco de magia para ajudá-la? — deixo escapar entre meus próprios soluços.

As lágrimas de Pip descem lentamente.

— Magia? Como costumávamos usar?

— Sim, eu...

A Górgona me interrompe.

— Sua Excelência, posso ter uma palavra?

A prancha da embarcação pousa na terra com um suave rangido, subo a bordo e tomo assento em meu lugar preferido, perto de seu rosto.

— O que você tem que me dizer?

A Górgona me sussurra em um sibilo adocicado:

— Eu te aconselho a não agir de forma precipitada, Sua Excelência.

— Mas, não posso deixá-la aqui dessa maneira! Ela era uma de nós!

— A garota fez sua escolha. E agora deve aceitar as condições. Pode escolher as Terras Invernais ou pode escolher outro caminho. Não tem porque baixar a guarda.

Eu dirijo meu olhar a Pip, que se dedica a rasgar as folhas da grama em duas partes. Ela está com a pele pálida, mas suas bochechas estão coradas de dor. Parece uma ovelhinha perdida.

— Pip carece de talento para tomar decisões — digo, e sinto que as lágrimas lutam para sair.

— Pois já chegou a hora de aprender — replica a Górgona.

Ela está se comportando como se fosse minha mãe, como as senhoritas Moore e McCleethy. Tenho tido que suportar que as pessoas me dizendo o que tenho que fazer. Tom e vovó e a Sra. Nightwing. São muitos os que querem me manter fortemente presa com suas boas ações. A Górgona parece impassível ante minhas lágrimas.

— A compaixão pode ser uma benção e uma maldição. Tenha cuidado e não caia em sua armadilha. É a batalha dela, não a sua.

— Você é mais do que só insensível. Não me admira que você seja a última de sua espécie — digo e imediatamente arrependo-me das minhas palavras. Mas o mal já está feito. Algo parecido a dor se reflete no rosto sempre misterioso da Górgona. As serpentes parecem tranqüilamente deitadas, roçando contra seu rosto como crianças que precisam que lhes acalme.

— As coisa não funcionam assim.

— As coisas não funcionavam assim. Tudo está mudando, e agora que eu tenho este poder, eu pretendo fazer minhas próprias mudanças — Rebato.

A Górgona perscruta meu rosto durante o que parece uma eternidade. Finalmente, fecha os olhos para afastar-me dela.

— Faça o que quiser.

Eu a insultei. Terei que cuidar dessa ferida mais tarde. Mas agora devo ajudar Pippa.

Ela está chorando estendida sobre a margem, espremendo folhas de grama com os punhos fechados. Ela se incorpora bruscamente.

— Você vai continuar com sua vida, todas vocês. Para bailes, festas, casamento e filhos. Você vai encontrar a felicidade, e eu estarei aqui para sempre, com apenas a companhia destas horríveis garotas da fábrica que nunca estiveram sequer em um chá.

Ela se enrola como uma bola e se balança para frente e para trás. Não posso suportar a dor nem minha culpa por tê-la trazido aos reinos, em primeiro lugar, e por não ser capaz de ajudá-la agora. Eu faria qualquer coisa, diria qualquer coisa, para afastá-la de tudo isso.

— Pip — digo. — Shh. Dê-me suas mãos.

— Po-por que? — ela soluça.

— Confie em mim.

Suas mãos estão frias e úmidas mas as seguro com força. Sinto que a magia me abandona com um violento puxão, como sempre. Depois por alguns segundos me uno a ela. Suas lembranças e emoções se convertem nas minhas e viajam tão rápido como a paisagem vista através da janela de um trem. Uma pequena Pip ao piano, aprendendo obedientemente suas escalas. Pippa submetida a sua mãe enquanto esta, penteia seu cabelo com força, seus cabelos brilhantes depois de suportar cada golpe sofrido da escova. Pippa em Spence, olhando para Felicity em busca de um conselho, para saber quando rir ante uma piada ou cortar alguém deliberadamente.

Durante toda sua vida ela fez o que lhe pediram sem questionamentos. Seu único ato de rebeldia foi comer aquele punhado de bagas, e isso a deixou abandonada aqui, em um mundo alheio e imprevisível.

Eu sinto sua alegria, tristeza, seu medo, seu orgulho e sua saudade. Flashes do rosto de Fee, a luz tornando-a dourada.

Eu sinto o doloroso afeto que sente por nossa amiga. Pippa exibe um sorriso arrebatador. Ela se transforma diante de mim, banhada por uma luz branca e cintilante.

— Lembro... Oh, este poder maravilhoso! Mudarei!

Ela fecha os olhos com força e aperta os lábios com violenta determinação. Lentamente, suas bochechas adquirem uma tonalidade rosada e seus espessos cachos negros retornam. Seus sorriso recupera seu antigo resplendor. A única coisa que não muda são seus olhos. Eles oscilam entre o violeta e o inquietante branco azulado.

— Como estou? — pergunta.

— Linda.

Pippa lança os braços em meu pescoço, me puxando para baixo. Às vezes ela se comporta como uma criança. Embora suponho que é isto o que mais amamos dela.

— Oh, Gemma, você é uma verdadeira amiga. Obrigada — murmura em meu cabelo. — Minha querida, terei que fazer algo a respeito deste vestido!

Ela ri. A mesma Pippa de sempre. E pela primeira vez, fico feliz que assim seja.

— Você chegou a imaginar que,um dia, seria tão poderosa, Gemma? Não é maravilhoso? Pense, você pode fazer o que quiser.

— Acho que sim — Respondo hesitante.

— Esse é seu destino! Você nasceu para a grandeza!

Devo dizer que este comentário me faz enrubescer e eu rapidamente o descarto por considerá-lo uma bobagem. Mas, secretamente, o apreciei. E me dou conta de que precisava me sentir especial. Ansiava deixar minha marca no mundo. E que eu não quero ter que me desculpar por ela.

14

LIPPA E EU NOS SEPARAMOS NO CAMPO DE AMAPOLAS.

— Logo voltarei a te ver, querida amiga. E não se preocupe, guardarei nosso segredo. Direi que a mudança que tenho experimentado aconteceu sozinha. Um milagre.

— Um milagre — repito e tento afastar minhas dúvidas.

Não posso conceder-lhe esse dom para sempre.

Dá um tchau para mim com as mãos e me lança um beijo antes de regressar correndo para as Terras Fronteiriças.

— *Gemma...*

— Quem está me chamando?

Dou uma volta sobre mim mesma, mas não há ninguém à minha volta.

Ouço de novo, como um fraco grito do vento.

— *Gemma...*

Eu estico o pescoço para a Caverna dos Suspiros, onde fica o Templo e o poço da eternidade. Tenho que averiguar.

A subida até o cume da montanha é mais longa do que eu me lembrava. A poeira gruda nas minhas pernas. Ao passar junto ao arco-íris colorido de fumaça, Asha, a líder dos Intocáveis, já está lá, esperando-me como se soubesse que eu viria. A brisa levanta seu sári vermelho escuro, expondo suas pernas deformadas e cheias de pústulas. Tento não olhar fixamente nem para ela nem ao resto dos Intocáveis, os Hajin, como também são conhecidos, embora seja bastante difícil. A enfermidade desfigurou todos eles. Por esse motivo, os reinos os rejeitaram e os consideram algo menos do que escravos.

Asha me cumprimenta como o habitual: com uma pequena reverência e as palmas juntas como se fosse rezar.

— Bem-vinda, Dama da Esperança.

Devolvo a saudação e ela me conduz até o interior da caverna. Dois Hajin transportam várias amapolas que eles recolheram lá embaixo. Classificam-nas e só escolhem as melhores, que depois pesam em grandes balanças antes de colocá-las nos incensos. Ao passar, os

Intocáveis me cumprimentam calorosamente e me presenteiam com flores e sorrisos.

— Você voltou para devolver a magia ao Templo? — pergunta Asha.

— Ainda não. Mas farei — asseguro.

Asha se inclina de novo, mas como não sorriu, sei que não acreditou.

— De quantos Hajin precisa?

— Estou ansiosa para ir ao poço da eternidade.

— Quer enfrentar seus medos?

— Tenho que resolver um assunto — respondo.

Nega lentamente com a cabeça.

— Resolver um assunto é uma tarefa simples. Tem a entrada livre.

Uma parede de água me separa do que o Templo oculta. A única coisa que preciso é atravessá-lo para descobrir a verdade. O medo me resseca os lábios. Umedeço-os com a língua e tento me acalmar. Normalizo minha respiração e atravesso a parede de água até entrar no coração sagrado do Templo.

O poço da eternidade está no centro. Suas águas profundas não emitem som algum. O meu coração martela em meu peito à medida que me aproximo do poço, até que meus dedos encontram a sua borda áspera. Mal posso respirar. Minha língua gruda no céu da boca. Agarro a borda do poço com força e olho para dentro. A água se transformou em gelo. Meu rosto aparece refletido em sua superfície esfumaçada.

Examino o seu entorno.

O rosto de uma mulher pressiona contra a superfície e salto para trás com um grito afogado. Suas feições emergem das profundezas escuras do poço. Seus olhos e sua boca permanecem fechados como as de um morto. O rosto não tem cor. O cabelo flutua na água que há sob o gelo como os raios de um sol escuro.

Os olhos de Circe se abrem, repentinamente.

— Gemma... você veio.

Afasto-me ainda mais, negando com a cabeça. Sinto uma cãibra no estômago. Tenho vontade de vomitar. Mas o medo me impede de inclusive fazer isso.

— Você está... está morta — murmuro. — Eu te matei.

— Não. Estou viva. — Sua voz é um sussurro afogado. — Quando você levou a magia, me deixou presa aqui. Eu morrerei quando você devolver a magia.

— Eu-eu fico alegre em saber — gaguejo enquanto me aproximo rapidamente da parede de água que separa este terrível lugar da Caverna dos Suspiros.

A assustadora voz de Circe ressoa na caverna como eu imagino que fariam os murmúrios dos demônios.

— A Ordem está armando um complô contra você. Planejam recuperar os reinos sem sua ajuda.

— Você está mentindo — respondo, tremendo.

— Você esquece, Gemma, que uma vez fui uma delas. Farão o possível para recuperar o poder. Você não pode confiar nelas.

— Você é a única em quem não confio!

— Eu não matei Nell Hawkins — diz, referindo-se a garota cujo sangue mancha as minhas mãos.

— Você não me deu outra opção!

É muito tarde. Ela encontrou meu ponto fraco e cavará quanto puder.

— Sempre há outra opção, Gemma. Enquanto tem tempo, posso te ensinar a controlar o seu poder, fazer com que ele te obedeça. Você quer que ele te domine ou que você seja sua dona?

Aproximo-me do poço com cautela.

— Minha mãe poderia ter me ensinado, mas nunca teve semelhante oportunidade. Você a matou antes que ela pudesse fazer.

— Ela se suicidou.

— Para manter sua alma a salvo de você e dessa criatura horrível das Terras Invernais: o rastreador! Ela não queria ser corrompida! Eu teria feito o mesmo.

— Pois eu não. Por uma filha como você, eu teria lutado até meu último suspiro. Mas Mary estava longe de ser uma lutadora, não era como você.

— Não a deixarei falar da minha mãe.

Olho para ela de soslaio e, durante um segundo, vejo em seu rosto algo do que foi antigamente, um brilho da minha professora, a senhorita Moore. No entanto, enquanto fala, um frio glacial percorre a minha coluna.

— Gemma, não tem por que se preocupar por mim. Tem que acreditar. Eu jamais te faria mal. Ainda posso te ajudar. A única coisa que te peço é que eu volte a sentir a magia... só uma vez mais antes de morrer.

Por um momento, suas palavras semeiam a dúvida. Mas ela não é confiável, suas palavras são só uma estratégia para conseguir o poder. Circe nunca mudou.

— Vou embora.

— Há um plano em andamento. Não imagina os perigos que você vai ter que enfrentar. Não pode confiar na Ordem. Só eu posso te ajudar.

Fiz mal em vir.

— Você não vai conseguir nada de mim. Espero que apodreça aí dentro.

Ela se desliza para baixo da escura superfície da água. A última coisa que vejo dela antes que desapareça é uma mão pálida que parece se estender para mim.

— Voltará para mim — sussurra com uma voz tão fria quanto a água gelada. — Quando você não tiver mais ninguém em quem confiar, você terá que voltar.

***

— Você encontrou o que procurava, Dama da Esperança? — pergunta Asha, quando volto para a Caverna dos Suspiros.

— Sim — respondo amargamente. — Eu sei o que precisava saber.

Asha leva-me por um corredor coberto de afrescos descoloridos para o interior de uma

caverna que me parece lembrar. As esculturas de mulheres de quadris exuberantes e homens sensuais adornam as paredes. Eu me sinto atraída por elas, apesar de corar ante sua nudez. Vejo algo que antes passava despercebido. Uma gravura de duas mãos unidas no centro de um círculo perfeito. Parece familiar, mas não sei por que, como se eu tivesse visto antes em um sonho. As pedras parecem falar: *"Este é um lugar de sonhos para aqueles que estão dispostos a ver. Coloque sua mão dentro do círculo e sonhe."*

— Você ouviu isso? — pergunto.

Asha sorri.

— Este é um lugar especial. Aqui é onde os Rakshana e a Ordem se tornaram amantes.

Ao ouvir essa palavra novamente volto a sentir um rubor tão quente que não existe uma maneira de diminuir isso.

— Juntaram seus mantos dentro do círculo para poder passear uns pelos sonhos dos outros. Formou-se um vínculo inquebrável. O círculo representa o amor eterno, uma vez que não tem começo nem fim. Vê?

— Sim — respondo enquanto permito que meus dedos passeiem pelo círculo.

— Chegou a ser usado para medir o seu amor. Se eles não podiam caminhar pelos sonhos uns dos outros, não estavam destinados a ficarem juntos.

Asha me guia por um corredor colorido do Tempo. Espero ser ela quem me pergunte pela magia e a aliança, mas ela não faz.

— Tenho a intenção de formar uma aliança e partilhar a magia entre todos nós — eu explico sem ser convidada a fazê-lo. — Mas primeiro eu tenho alguns negócios em meu próprio mundo.

Asha se limita a sorrir.

— Compartilharei. Você tem a minha palavra.

Ela me observa enquanto ando.

— É claro, Dama da Esperança.

Encaminho-me sozinha pelos campos de amapolas e desço por um caminho poeirento, escondido atrás de ramos verdes de um dossel de salgueiros. Suas folhas delicadas roçam a terra com um sussurro reconfortante. Respiro fundo e tento clarear minhas idéias, mas não consigo. As advertências de Circe se aninharam em minha mente. Eu não deveria ter ido. Não posso cometer duas vezes o mesmo erro. E Pippa? Talvez exista alguma razão para que ela não possa cruzar. Talvez ainda haja uma oportunidade para salvá-la. Esse pensamento faz com que meus passos sejam mais leves. Quando estou prestes a chegar ao final do caminho, ouço um fraco galope de cavalos.

Através da cobertura verde dos salgueiros consigo distinguir um repentino flash branco. Um cavalo? Dez? Têm cavaleiros? Quantos? As folhas se movem, mas eu não vejo nada. No entanto, agora escuto seu galope mais próximo. Ergo a minha camisola e corro como um raio, sentindo o caminho batendo com força contra as solas dos meus pés. Escondo-me entre duas árvores e desapareço entrando no campo de trigo, e afastando as lacerantes hastes com minhas mãos. Ainda posso ouvir. Meu coração bate com o refrão: *"Não olhe para trás; Não*

pare; corra, corra, corra."

Estou perto da estátua da deusa com três rostos que marca a ascensão para a porta secreta. Ofegante, viro em uma esquina. Movo-me com um ziguezague entre as pedras sentinelas, entre essas mulheres que me vigiam. Na frente, o morro coberto de musgo não há nenhum indício da existência de uma porta. Atrás de mim, ainda escuto os constantes galopes dos cavaleiros desconhecidos. Lanço-me contra o morro. *Abre, abre, abre...*

A porta aparece na minha frente e a empurro para dentro; o som dos cavalos diminui. Corro em direção ao resplendor de um vaga-lume no corredor e saio no gramado. A luz se desvanece e a porta desaparece, como se nunca estivesse estado lá.

Sobre o telhado da academia, as gárgulas permanecem sentadas em seus poleiros, vigiando tudo. Com suas costas contra a luz da lua, quase parecem vivas, como se suas asas pudessem se desdobrar e levantar vôo.

Um formigamento corre em minhas mãos e antes que eu possa tomar ar, se desliza por meu sangue com tanta força que eu acabo de joelhos. A magia é forte. Surge em mim como um animal ansioso para começar a correr. Estou apavorada; me devorará se eu não a libertar.

Cambaleio até o jardim de rosas e passo minhas mãos pelos brotos. Quando meus dedos se encostam neles; as flores estalam em uma sinfonia de cor como eu jamais tinha visto, até agora: vermelho escuro, rosa intenso, branco creme e um amarelo tão brilhante como o sol de verão. Quando termino, a primavera já chegou no jardim de rosas. Também chegou para mim, pois me sinto radiante, forte e viva. A cor floresce em meu interior, uma alegria recém-descoberta.

— Eu fiz isso — digo, enquanto examino minhas mãos, como se não me pertencessem. Mas, me pertencem. Com elas, eu dei vida às rosas no meu mundo. E isso é só o começo. Com este poder, quem sabe o que posso ser capaz de mudar em mim, Ann e Felicity. E, enquanto asseguro nossos futuros, formaremos uma aliança nos reinos.

A magia me impulsiona para a Ala Leste. Coloco uma mão sobre a torre meio-contruída e sinto como a energia flui em meu interior, com se a terra e eu fossemos uma. De repente, a terra se ilumina. Uma série de linhas se aproxima da colina onde está o acampamento dos trabalhadores. Outra serpenteia através dos bosques até a capela. Uma terceira se aproxima das antigas cavernas, onde pela primeira vez entramos nos reinos. No entanto, no lugar onde estou brilha com menos intensidade. O tempo abrandou. A luz aparece entre as bordas da porta secreta. Sinto sua sacudida. Coloco minha mão contra a porta e meu corpo é invadido por uma explosão de energia

As imagens aparecem na minha mente muito rapidamente para que eu possa assimilá-las, só retenho algumas imagens: o amuleto de Eugenia atirado nas mãos da minha mãe, areias negras sobrevoando montanhas escarpadas, uma árvore de inóspita beleza.

De repente, me libero e caio no chão. Novamente, a noite está calma, com exceção da batida acelerada do meu coração. O amanhecer aumenta seu rebater rosa e se eleva por cima das copas das árvores para abrir caminho para uma nova manhã e um novo eu.

ATO II

Meio-Dia

É preciso ter um caos dentro de si
para dar à luz uma estrela cintilante.

— FRIEDRICH NIETZSCHE.

15

AGORA QUE A PRIMAVERA PARECE ALGO MAIS do que a inconstante promessa de um pretendente e que os dias são quentes e felizes, garantindo que o inverno finalmente foi embora, a Grã-Bretanha celebra como uma recompensa de férias. Na manhã seguinte a minha visita à Pippa, Nightwing e Le Farge nos colocam em um trem, e conversamos animadamente no ventre do grande dragão de aço, enquanto este atravessa a furiosa e exuberante paisagem, jogando uma fumaça densa e negra que suja nossas saias e luvas com suas cinzas. Leva algum tempo para eu fazer Felicity — ainda mal-humorada pela noite passada — me desculpar. Foi só eu lhe prometer que nesta noite voltaríamos aos reinos para que tudo ficasse bem e, quando Felicity me perdoa, Ann a imita.

Paramos em uma pequena cidade e, enquanto andamos com as nossas cestas de piquenique, vagando entre a agradável companhia dos moradores, agricultores e serventes que estão com o dia de folga, crianças animadas e homens à procura de trabalho, até chegarmos finalmente na ampla extensão de gramado onde está montada a feira.

O mercado ao ar livre abrange quase um quilômetro. Cada barraca oferece novas tentações: pedaços de pão crocantes, leite com nata espessa e delicados gorros e sapatos. Observamos tudo com desejo, mimando-nos com a degustação de um cheddar amargo ou uma olhada em um espelho enquanto provamos um cachecol novo. Todo mundo veio, na esperança de passar uma tarde de dança e alegria. Até Nightwing se deixa levar, assistindo a uma alegre briga de galos.

Em uma esquina, há vários homens aguardando em uma fila para serem contratados como ferreiros ou tosquiadores. Inclusive um capitão de barco recruta jovens como marinheiros, com a promessa de comida, bebida e a excitante idéia de ir para o mar. Os negócios são fechados com uma assinatura, um apertão de mãos ou um pene antecipado. Outros estão aqui com a intenção de selecionar ganhos. Olham os estábulos de ovelhas e cavalos, ouvindo as garantias dos comerciantes.

— Não encontrará nenhum melhor, cavaleiro. Eu asseguro! — vocifera um homem, vestindo um avental de couro e botas de cano alto, para dois fazendeiros que inspecionam sua primeira ovelha.

Os fazendeiros passam as mãos pelo flanco do animal, que se agita com força no que eu

considero um sinal de profunda humilhação.

— Eu também não gostaria disso — sussurro. — É muito rude.

E, apesar de tudo, é um evento barulhento e alegre, para animais e pessoas. As esposas dos fazendeiros gritam: "O melhor queijo da Inglaterra! Geléia de amora tão doce como o beijo de mãe! Um ganso gordo ideal para a sua ceia de Páscoa!"

Na parte da tarde, tomamos chá na beira do rio, onde se concentra uma multidão de pessoas para acompanhar de perto as competições de barco. Brigid nos preparou uma deliciosa refeição à base de ovos cozidos, pão integral e manteiga, geléia de framboesa e torta de groselha. Ann e eu passamos grossas camadas de manteiga e geléia em nossas fatias de pão, enquanto Felicity prefere um pedaço de torta.

— Eu recebi uma carta da minha mãe — nos diz, enquanto mordisca animadamente o recheio de fruta.

— Isso normalmente não te deixa de bom humor — comento.

— Mas ela não costuma me dar uma oportunidade tão boa quanto essa — responde criticamente.

— Está bem — digo. — Desembucha.

— Vamos ver Lily Trimble em *MacBeth*, no Teatro Drury Lane.

— Lily Trimble! — exclama Ann, com um pedaço de pão na boca. Engole-o rapidamente com uma careta de dor. — Você é realmente sortuda.

Felicity lambe os dedos.

— Te levaria comigo, Ann, mas mamãe nunca permitiria.

— Eu entendo — responde Ann, resignada.

A senhora Worthington ainda não esqueceu a farsa de Ann no último Natal, quando ficou como hóspede em sua casa. Não importa que todas nós tenhamos contribuído para ela se passar como a filha de um duque. Na mente da senhora Worthington, Felicity e eu somos inocentes vítimas de uma astuciosa tática de Ann. É impressionante o que as mães podem chegar a acreditar, mesmo que as evidencias mostrem o contrário; são capazes de se convencer de qualquer coisa, contanto que salvem a si mesmas.

— Você não pode ir como Ann — digo. — Mas pode ir como outra pessoa.

Ela me olha intrigada.

— A magia — sussurro. — Não percebe? Esta será nossa primeira oportunidade para mudar nossos destinos.

— Debaixo do nariz da minha mãe — diz Felicity com um amplo sorriso.

A mera tentação que isso implica é o suficiente para ela se sentir atraída.

— E se não funcionar? — pergunta Ann.

— Por acaso vamos impedir que isso nos impeça de tentar? — protesto.

Felicity estende a mão.

— Eu sou a favor.

Ann acrescenta a sua e eu coloco a minha por cima.

— Pelo futuro.

A excitação se espalha pela multidão de feirantes. Os remadores estão sem ar. As pessoas se unem nas margens para torcer. Nós lutamos para nos colocar sobre um escarpado, onde podemos estar mais perto do rio e escondidas do olhar de Nightwing. Três embarcações disputam a liderança e os menos talentosos vêm logo atrás. Os homens arregaçaram as mangas de suas camisas até o cotovelo, e ao chegarem mais perto, podemos ver os músculos de seus braços em ação. Com as mãos segurando os remos, movem-se em uníssono, para frente e para trás, para frente e para trás, como uma locomotiva de músculos, carne e osso. O movimento é hipnótico e não conseguimos desviar os olhos.

— Uau! Eles são muito fortes, não são? — diz Ann, sonhadora.

— Sim — respondo. — Muito.

— Com qual você se casaria? — quer saber Ann.

O rosto de Kartik surge na minha mente sem ser convidado e sacudo a cabeça para apagar esse pensamento antes que eu me entristeça.

— Com o que está em primeiro lugar — respondo enquanto aponto para um jovem loiro e atraente de peito largo.

— Oh! Ele é encantador. Acha que tem um irmão para mim? — pergunta Ann.

— Sim — respondo. — E você passará sua lua-de-mel na Úmbria.

Ann começa a rir.

— Obviamente, é rico.

— Obviamente — repito.

O jogo melhora meu humor. *Pega essa, Kartik.*

— De quem você gostou, Felicity? — pergunta Ann.

Felicity apenas olha para nós.

— De nenhum.

— Mas se você nem os olhou — queixa-se Ann.

— Tudo bem, então — Felicity salta até uma pedra. Cruza os braços e examina os homens. — Mmmm, aquele ali está ficando careca. Os caras mais atrás não têm nem barba. E o que está mais próximo de nós... Ah, que pena! Isso são orelhas ou asas?

Meu riso soa como um latido rouco. Ann tapa a boca e ri entre dentes.

— No entanto, a *piéce de résitance* é esse da direita — afirma, e aponta para um homem de rosto redondo e gordo com um nariz grande e vermelho. — Ele tem um rosto que faz uma garota considerar a idéia de se afogar.

— Nem é tão ruim assim — replico, rindo, mesmo sabendo que é mentira. Os homens nos medem por nossa beleza e nós não somos tão diferentes deles assim.

Os olhos de Felicity adquirem um brilho sinistro.

— Diga-me, Gemma, como eu poderia ficar entre você e seu amor verdadeiro? Acho que ele acabará sendo seu pretendente.

— Pois eu não acho!

— Oh, sim, ele será! — Felicity ri com um tom irônico. — Pense em todos os filhos horríveis que você terá: grandes, gordos, com os narizes grandes e vermelhos. Exatamente

como ele!

— Não posso viver com sua inveja, Fee. Acho que você deveria ficar com ele. Por favor, eu insisto.

— Oh, não. Não sou digna de tal beleza. Tem de ser seu.

— Prefiro morrer.

— Seria a opção menos dolorosa — Felicity pula e agita seu lenço. — Boa tarde! — grita descaradamente.

— Fee! — grito, envergonhada.

Tarde demais. Temos sua total atenção e não temos onde nos esconder. Todos eles se esquecem da competição e seus barcos ficam flutuando no rio enquanto acenam para nós, as jovens senhoritas sob o escarpado.

— Você, senhor, — diz Felitícy, apontando para o infeliz. — Minha querida amiga aqui é muito tímida para confessar a admiração que sente por você. Portanto, não me sobrou outra opção, se não fazer isso por ela.

— Felicity! — Exclamo, chocada, desaparecendo atrás da pedra.

O pobre indivíduo se levanta do barco e, tristemente, vejo que é tão gordo quanto seu rosto. O homem parece mais um tonel com calças.

— Eu gostaria de conhecer a senhorita, por gentileza.

— Você ouviu isso, Gemma? O cavalheiro deseja te conhecer.

Felicity me arrasta pelo braço com a intenção de vencer a minha resistência.

— Não — sussurro, me afastando.

Está loucura já foi longe demais.

— Temo que ela seja muito tímida, senhor. Talvez se você fizer algum elogio. Recite um soneto em que a compara com um dia de verão.

— Você é realmente encantadora e temperada — entoa. Quanto a isto, sem dúvida, ele está horrivelmente enganado. — Diga-me seu nome, bonita dama!

Antes de perceber já saiu da minha boca.

— Senhorita Felicity Worthington, de Mayfair.

— A filha do almirante Worthington?

— A mesma! — exclamo.

Agora é Felicity que belisca meu braço, pedindo para que eu pare. Em sua ânsia, por falar conosco, os outros dois indivíduos se levantem com um salto e põem em perigo o instável equilíbrio do barco. Com um grito, eles caem nas frias águas do rio para diversão de todos os presentes. Rindo como loucas, nos afastamos correndo do escarpado e nos escondemos por trás de duas altas coberturas. Nossas gargalhadas são contagiosas: cada vez que elas se acalmam, uma de nós começa de novo e voltamos a rir. Finalmente, nos estendemos na grama, sentindo a brisa do final de março que nos acaricia enquanto leva consigo os alvoroçados gritos da festa distante.

— Nos comportamos de uma maneira horrível, não foi? — pergunta Ann, ainda rindo.

— Mas nos divertimos — respondo.

Por cima de nossas cabeças, as nuvens estão atulhadas e cheias de promessas.

Uma nota de preocupação aparece na voz de Ann.

— Acredita que Deus nos castigará por tal maldade?

Felicity cria o formato de um diamante com o dedo anelar e o dedão, levantando-o para o sol, como se pudesse capturar aquela enorme esfera brilhante.

— Se Deus não tiver nada melhor para fazer do que castigar três colegiais por bobagens, então eu não gosto de Deus.

— Felicity — Ann repreende, mais se cala imediatamente. — É verdade que você acredita que podemos mudar o curso das nossas vidas com a magia, Gemma?

— Vamos tentar. No momento, me sinto muito mais viva. Desperta. Vocês, não?

Ann sorri.

— Quando a tenho dentro de mim, me sinto capaz de fazer qualquer coisa.

— Qualquer coisa — murmura Felicity, deitando-se de lado e exibindo sua silhueta perfeitamente delineada. — E Pip? O que podemos fazer por ela?

Lembro de Pippa na água, chutando, revolvendo-se, incapaz de cruzar.

— Não sei. Não sei se a magia pode mudar o destino *dela.* Eles dizem...

— *Eles* dizem — Ofega Felicity com escárnio. — *Nós* dizemos. Gemma, é você quem tem toda a magia agora. Tenho certeza que poderemos fazer algumas mudanças nos reinos. E também em Pippa.

As palavras da Górgona ressoam em minha cabeça: *Não tem porque baixar a guarda.* Uma joaninha tenta subir em mim. Tiro-a com um dedo e ela cambaleia pela grama antes de cair de novo.

— Sei tão pouco sobre os reinos, a magia e a Ordem; só sei o que as pessoas me contam. Chegou a hora de descobrirmos por nossos próprios meios o que é possível e o que não é — digo.

Felicity concorda.

— Bem feito.

Ficamos deitadas na grama e deixamos que o sol esquente nossos rostos cansados do inverno, o que também é, sem dúvida, um tipo de magia.

— Gostaria que fosse assim para sempre — diz Ann com um suspiro.

— Talvez possa ser — respondo.

Ficamos lado a lado, de mãos dadas, e contemplando as nuvens, aquelas damas felizes de saias que ondulam enquanto dançam e fazem reverências, transformando-se em algo completamente diferente.

***

Pela tarde, a atividade na praça do mercado começa a diminuir, e muitos expositores já guardaram seus produtos. É hora de abrir caminho para dança e entretenimento. Os menestréis fazem as crianças tremerem com malabarismos que desafiam a gravidade. Os homens flertam com as serventes, que desfrutam de um excepcional dia em que podem se livrar de suas obrigações. Um grupo de acrobatas faz uma representação sobre São Jorge.

Com os rostos pintados de vermelho e vestidos com túnicas, criam um espetáculo alegre e barulhento. Como a Páscoa está se aproximando, é encenado um ato de fé na parte mais distante do prado, perto dos estábulos de aluguel. Nightwing nos leva para ver, e nós ficamos de pé entre a multidão, observando um peregrino avançar através das horas mais sombrias da alma até a manhã de um novo dia.

Pelo o canto do olho, vejo Kartik. Ele está no balcão do capitão do navio. Sinto uma pontada no estômago.

— Felicity — murmuro enquanto dou um puxão em sua manga. — Acabo de ver Kartik. Tenho que falar com ele. Se Nightwing e LeFarge perguntarem por mim, diga que eu fui ver a briga de galo.

— Mas...

— Por favor.

Felicity assente.

— Se apresse.

Veloz como uma lebre, deslizo entre a multidão e consigo ver Kartik no momento em que ele aperta a mão do capitão para selar seu acordo. Meu coração para.

— Desculpa. Posso te fazer uma pergunta?

Minha familiaridade enche de consternação as esposas de alguns fazendeiros, se perguntando que tipo de negócio uma garota de boa posição pode ter com um Indiano.

Dou uma olhada para o capitão.

— Você está prestes a ir para o mar?

Assente com a cabeça.

— Com o navio de Sua Majestade, *Orlando*. Sairemos de Bristol dentro de duas semanas e eu parto nele.

— Mas... marinheiro? Você me disse que não gostava do mar — digo e de repente se forma um nó em minha garganta ao recordar a primeira noite em que conversamos na capela.

— Se o mar é tudo que existe, eu tenho o suficiente.

Kartik tira uma bandana vermelha e usada do bolso. A bandana que costumávamos usar como uma comunicação silenciosa. Eu deveria pô-la na janela do meu dormitório se precisasse falar com ele, e ele deveria deixá-la na hera que há debaixo da janela se precisasse falar comigo. Amarra-a no pescoço.

— Kartik, o que aconteceu? — sussurro. — Quando te deixei em Londres, você prometeu lealdade, a mim e a aliança.

— Essa pessoa já não existe mais — Ele responde com os olhos escurecendo.

— Tem algo a ver com os Rakshana? E sobre o que você falava sobre o destino e...?

— Não acredito mais em destino — responde Kartik, com uma voz trêmula. — E também devo te lembrar que minha fama não está muito boa entre os Rakshana. Sou um homem sem lar, e o mar é o que melhor se encaixa comigo.

— Por que você não vem comigo aos reinos?

Sua voz é apenas um murmúrio.

— Não irei aos reinos. Nunca.

— Mas, por quê?

— Tenho meus motivos — responde sem olhar para mim.

— Pois então me explique quais são.

— São meus motivos, só meus — Ele rasga a bandana em duas e põe uma das metades em minha mão. — Vamos dividi-la. Assim você terá algo que te lembre de mim.

Olho o pedaço de pano amassado. Quero jogá-la em sua cara e me afastar com o que me resta de dignidade. No entanto, agarro-a com força, me odiando por ser tão fraca.

— Espero que você se torne um bom marinheiro — respondo com antipatia.

***

É quase noite quando voltamos para Spence, carregadas com os pacotes da feira. Os homens do senhor Miller já deram o dia por encerrado. Sujos e cobertos de suor, depositam suas ferramentas em um carro e se lavam em baldes de água que a servente da cozinha levou para eles. Brigid oferece limonada fresca e eles bebem com avidez, em grandes goles. A senhora Nightwing supervisiona o trabalho do dia com o capataz.

— Eh, Senhor Miller, senhor — grita um dos homens. — Aquela pedra velha que estava no chão se partiu em duas.

O Sr. Miller se agacha para dá uma olhada.

— Pois sim — responde e esfrega as mãos sujas sobre as coxas musculosas. — Não sei como isso pode ter acontecido, apesar de ser tão grande. — Vira-se para Nightwing. — Ela não é muito bonita, senhorita. Devemos tirar daqui?

— Tudo bem — responde a senhora Nightwing, despedindo-se com um aceno da mão.

Os homens pegam picaretas e pás e as afundam na terra úmida que circunda a pedra. Seguro a respiração, perguntando-me se descobriram a porta secreta ou se seus esforços afetaram a nossa capacidade para entrar. No entanto, a única coisa que posso fazer nesse momento é ter esperança. Os homens tiram os pedaços de pedra solta e as depositam em um carro.

— Eu poderia lucrar com isso em algum lugar — reflete Miller.

A Mãe Elena sai dos bosques e se aproxima até nós cambaleando.

— Não façam isso! — grita.

Percebo que estava escondida, vigiando, o que me faz estremecer, embora não sei exatamente por que. Mãe Elena está louca; sempre dizendo coisas estranhas. Alguns homens a ouviram também. Eles param de cavar.

— Voltem a trabalhar, amigos — grita o senhor Miller. — E você, cigana, já tivemos abracadabra o suficiente por hoje.

— Saia daqui, Mãe — diz Brigid, aproximando-se da anciã.

A Mãe Elena fica impaciente e se afasta retrocedendo.

— Dois caminhos — murmura. — Dois caminhos. Você fez com que a maldição caísse sobre todos nós.

16

NÃO PRECISAMOS ESPERAR ATÉ DEPOIS DA MEIA-NOITE para escaparmos da academia. Todo mundo está tão cansado da excursão à feira que posso ouvir os roncos ecoando pelo corredor. No entanto, nós três estamos mais acordadas do que nunca, atordoadas com o que nos espera. Nos reunimos no grande salão. Tento fazer com que a porta de luz apareça novamente, mas não consigo invocá-la. Sinto a ânsia de Fee e Ann se transformando em desespero, então mudo de acesso.

— Vamos — digo, guiando-as até o gramado.

A noite é algo vivo e vibrante, cheio de possibilidades. O céu sem nuvens pisca com milhares de estrelas que parece nos impelir a continuar. A lua descansa redonda e contente. Estendo uma mão e invoco a porta com a mente. A energia que desprende faz com que minha mão experimente uma sacudida. O portal secreto brilha à nossa frente, com tanta intensidade quanto antes, e respiro aliviada.

— O que estamos esperando? — pergunta Fee, com um sorriso radiante e entramos no brilhante corredor, rindo.

Saímos nos reinos. Cotovelo com cotovelo, avançamos pelo caminho que serpenteia entre as pedras, nos escondendo para não sermos vistas, buscando qualquer indício de algum possível problema.

— Oh, criaturas das Terras Invernais, — cantarola Felicity a medida que nos aproximamos das Terras Fronteiriças. — saiam de seus esconderijos!

Ann manda ela se calar.

— N-n-não acho que d-devemos...

— Você não vê que eles foram embora? Ou algo aconteceu. Pode ser que tenha sido o fim deles quando Gemma ficou com a magia do Templo.

— Então, por que Pippa não a... — deixo que as palavras parem na minha língua.

— Porque não é uma deles — espeta Felicity.

Ao chegar nas Terras Fronteiriças, avançamos com cautela para o muro de espinhos. Desta vez, é mais fácil escapar de suas armadilhas e passar sem arranhões.

"Huuu-uu! Huuu-uu!"

A chamada ressoa no bosque tingido de azul. Bessie Timmons e Mae Sutter, armadas com paus, saem, repentinamente, de trás de umas árvores, e Felicity dá um grito ao vê-las.

— Não tinham por que fazer isso. Somos nós — diz Felicity.

— Toda precaução é pouca — replica Bessie.

— Não importa o quanto nós as conhecemos — Felicity sussurra para mim. — Elas são muito grosseiras.

Pippa nos cumprimenta com a mão, da torre do castelo.

— Não vão embora. Já estou descendo!

— Pip! — grita Felicity, quando está na porta do castelo.

Mercy abre as portas e nos convida para entrar. O edifício parece mais arrumado do que antes. Elas limparam algumas coisas. O chão foi varrido e o fogo acendido. O ambiente é quase acolhedor. Até as videiras parecem menos intimidantes; as venenosas flores belladona estão com um belo tom de roxo que contrasta com as pedras rachadas.

Pippa entra correndo na sala.

— Eu vi vocês no muro de espinhos! Contei os segundos que vocês levaram até chegar aqui: duzentos e trinta e dois para ser exata!

O vestido de Pippa está novamente em frangalhos, mesmo que o resto de si mesma continue sendo lindo. Pelo que parece, ela ainda tem magia sobrando, o que é curioso, pois com Fee e Ann apenas durou algumas horas quando receberam-na.

— Você está radiante — diz Felicity, abraçando-a.

Pippa me olha de soslaio e com timidez.

— Sim! Deve ser pela alegria de me reunir de novo com minhas amigas, só com isso eu já me sinto diferente. Oh, Gemma, pode me ajudar com a lenha?

— É claro — respondo e ignoro a olhada curiosa de Fee.

Pip me conduz para trás da cortina, até a antiga capela.

— Como você está? — eu pergunto.

Seus lábios tremem.

— O que você acha? Estou condenada a viver aqui para sempre. A ter a mesma idade para sempre enquanto as minhas amigas envelhecem e se esquecem de mim.

— Nós não esqueceremos de você, Pip — respondo, embora minhas palavras sejam um falso bálsamo para seus ouvidos.

Pippa coloca sua mão em meu braço.

— Gemma, tive a oportunidade de sentir a magia uma vez mais. E agora está acabando — Ela gesticula para seu vestido rasgado. — Você pode me dar um pouco mais? Para animar meu espírito enquanto tento aceitar meu destino? Por favor.

— Nã-não poderei continuar lhe dando magia para sempre — respondo, com a voz entrecortada, temerosa do que possa acontecer, independentemente de minha decisão.

— Não estou pedindo isso — Pippa pega uma baga seca de uma tigela e a coloca na boca com uma careta. — Além do mais, foi você quem me ofereceu. Por favor, Gemma. Para mim isso é tudo. Se tenho que ficar para sempre neste lugar...

Enxuga suas lágrimas e sinto-me como um perfeito verme. Após toda minha conversa sobre mudar as coisas, como posso duvidar de Pippa? Se posso mudar sua sorte, não provaria isso a existência de um mundo novo, uma nova esperança sem limites?

— Dê-me sua mão — digo e Pippa me abraça.

— Não esquecerei — responde, enquanto beija minha bochecha. Franze o cenho. — Poderia dar-me um pouco mais desta vez, para que dure mais tempo?

— Não posso controlar a duração — explico. — A única coisa que tento é entendê-la.

Seguramos nossas mãos e, novamente, aparece um fio que nos conecta. Sinto o que ela sente. Vejo-a vestindo um elegante vestido de baile, dançando feliz com suas amigas, dando voltas com Felicity, sem parar de rir. Mas por trás disso tudo, há algo mais. Algo inquietante, e perco o contato.

— Pronto — digo, com a esperança de que não detecte o nervosismo de minha voz.

Pippa estica seus braços por cima da sua cabeça, e umedece seus lábios, que começam a adquirir uma tonalidade rosa. Nesta ocasião, a transformação se produz mais rapidamente que antes, e é mais evidente. Seus olhos brilham.

— Estou bonita?

— Você é a mais bonita de todas — respondo, sendo fiel a verdade.

— Oh, Gemma, obrigada!

Abraça-me novamente, como uma menininha agradecida e deixo-me encantar por seu feitiço.

— De nada, Pip.

Pippa, com olhos brilhantes, entra no salão principal, acenando.

— Minhas queridas!

Bessie se levanta como se Pip fosse sua amada soberana.

— Senhorita Pip, está esplendorosa!

— Sinto-me esplendorosa, Bessie. Na verdade, sinto-me renascida. Olha!

Põe as mãos no pescoço de Bessie e, repentinamente, cria um maravilhoso camafeu com um cordão de veludo.

— Não posso acreditar! — exclama Bessie.

— Sim, tenho magia — diz Pippa enquanto olha para mim. — Gemma me deu um pouco. Agora é ela quem ostenta todo o poder dos reinos.

Felicity me beija na bochecha.

— Sabia que você faria a coisa certa por ela — sussurra.

As garotas têm um milhão de perguntas: de onde vem a magia? Como funciona? Que posso fazer?

— Eu também gostaria de saber mais a respeito — respondo e nego com a cabeça. — Às vezes, é muito poderosa e em outras ocasiões apenas consigo sentir. E tampouco parece durar muito.

— Você pode nos dar um pouco? — pergunta Mae, com os olhos brilhantes, como se eu fosse capaz de mudar sua sorte.

— Eu... preferiria... — gaguejo.

Eu não quero perder tanta magia. E se meu poder diminui? E se sobrar pouco e não conseguir usá-la em nosso mundo? As garotas do incêndio da fábrica cravam seus olhos em mim.

Bessie Timmons bufa.

— Não, é claro que não quer compartilhar esse dom com garotas como nós.

— Isso não é verdade — respondo, mesmo que, bem no fundo, eu saiba que não é tanta mentira assim.

Por que elas não deveriam ter magia também? Por que trabalharam em uma fábrica? Por que têm um sotaque diferente do meu?

— Não somos damas, como elas, Bessie — responde a pequena Wendy, humildemente. — Não devemos exigir tanto.

— Sim, podem sim — acrescenta Felicity, como se falasse com o serviçal.

Pippa salta no chão, sufocado por ervas daninhas.

— Eu dou para você, Mae. Vem, estende suas mãos.

— Não sinto nada — diz Mae, depois de alguns minutos.

Fico contente por elas não poderem sentir o meu alívio. Gosto de ser a única que tem magia o suficiente para compartilhar.

O rosto de Pip reflete sua decepção.

— Bom, parece que só posso receber a magia, mas, se pudesse, eu te daria um pouco, minha querida.

— Sei que sim, senhorita Pip — responde Mae, com pesar.

Novamente, me sinto culpada. Contemplo as terríveis queimaduras das garotas e seu estado lamentável, como posso ser cruel ao ponto de negar-lhes um pouco de felicidade?

— Tudo bem. Desfrutemos de um pouco de alegria enquanto estamos aqui, certo? — digo.

Seguro as mãos de todas, exceto de Wendy, pois insiste que não quer participar. Imediatamente, um poder brilhante nos esmaga até o ponto que nem sequer as paredes podem conter nossos gritos de alegria, pois elas rangem e gemem enquanto as videiras apertam ainda mais seu abraço.

***

Felicity e Ann ensinam as garotas do incêndio da fábrica como transformar seus vestidos esfarrapados em sedas suntuosas, adornadas com miçangas e bordados, como as que vêm das lojas mais luxuosas de Paris.

Todas estão alegres, menos Wendy, quem permanece sentada em um canto, com os joelhos abraçados ao peito.

Sento junto dela no chão frio e coberto por ervas daninha.

— O que está acontecendo, Wendy?

— Tenho medo — responde, abraçando ainda mais suas pernas.

— De quê?

— De querer muito, senhorita. — limpa seu nariz com a manga. — Você disse que não durará para sempre. Mas e se quando eu provar... — uma lágrima se desliza por sua suja bochecha. — E se não conseguir voltar a ser como antes?

— Uma de minhas professoras me disse uma vez que não podemos voltar atrás, só avançar — explico, repetindo as palavras da senhorita Moore. Quando para mim ainda era a senhorita Moore e não Circe. — Não tem por que fazer.

Assente com a cabeça.

— Posso provar um pouco? Não muito.

Dou-lhe um pouco e, quando sinto-a sair de mim, paro.

— Bem, Wendy, o que será primeiro: um vestido de baile? Brincos de rubi? Um príncipe? — trago saliva e toco seus olhos sem vida com os dedos. — Ou... pode que...

Wendy assente.

— Sim, senhorita.

Cubro seus olhos e desejo que a magia seja útil.

— Você consegue...? — pergunto.

A boca de Wendy converte-se em uma linha fina.

— Sim, senhorita?

— Consegue ver?

Nega com a cabeça.

— Era se esperar muito.

— Esperar nunca é demais — replico, mas meu coração bate loucamente. Este é o primeiro limite da magia: aparentemente, ela não pode curar. — Há algo mais? Qualquer coisa?

— Vou te ensinar — respondo e pego suas mãos.

Depois de perceber para onde estávamos indo, ela me guia para fora do castelo até uma pequena porção de erva corroída pela geada. Ajoelha-se e aperta as mãos contra a erva. Uma rosa branca e perfeita surge da terra. A borda de suas pétalas é de um vermelho sangue intenso.

Ela cheira a flor. Seus lábios esboçam um sorriso.

— Eu consegui?

— Sim — respondo. — É muito bonita.

— Minha mãe vendia rosas no pub. Eu sempre gostei do cheiro que elas têm.

Um coelho marrom claro passa brincando entre nós, movendo o focinho contra a terra.

— Wendy — sussurro. — Não se mova.

Pego da terra um bocado de ervas amargas e ofereço para o coelho que, curiosamente, se aproxima pulando e eu o pego em meus braços.

— Aqui, pegue-o — digo e aproximo o coelho de Wendy. Ela acaricia a pele do animal e um sorriso ilumina seu rosto. — Que nome vamos dar para ele? — pergunto.

— Não, coloque você — insiste Wendy.

— Tudo bem — Esforço-me por observar seu focinho nervoso. Há algo no nobre e frio...

— Acho que o chamaremos de Senhor Darcy.

— Senhor Darcy. Eu gosto.

Construo uma jaula para ele, feita de ramos, parras, e um pouco de magia, e coloco nosso pequeno companheiro dentro. Wendy segura a jaula com força, como ela guardasse seus mais preciosos sonhos.

***

Embora as despedidas sejam tristes, nossa noite está prestes a acabar e temos que voltar para nosso mundo. Nos abraçamos com a promessa de voltar no dia seguinte e Pippa e as outras nos escoltam até o muro de espinhos. Nos encaminhamos para a porta secreta e, de repente, a terra começa a estremecer com um galope de cavalos.

— Vamos! Rápido! — grito.

— O que é isso? — pergunta Ann, mas começamos a correr e não há tempo para explicações.

— Estão nos alcançando! — grito. — Para o jardim!

Corremos tanto quanto podemos, com os centauros em nossos calcanhares, embora eles ainda não estejam perto de nós. Quando alcançamos o rio, eles nos têm encurraladas.

— Use a magia — suplica Felicity.

Tenho tanto medo que não consigo controlar. A magia passa por meu corpo com tanta rapidez que caio de joelhos.

Um grande número de esplêndidos centauros surge por trás de samambaias verdejantes. Quem os guia é um centauro chamado Creostus. Os mortais são indiferentes para ele, e também ele é indiferente a mim.

Cruza seus musculosos braços sobre seu amplo peito e observa-me com desdém.

— Olá, sacerdotisa. Acho que deve para gente uma visita.

— Sim, eu tinha planejado fazer — minto.

Creostus se inclina para mim. Tem sobrancelhas grossas e uma fina sombra de barba chega até seu sorriso amplo e cruel. Cheira a terra e suor.

— É claro.

— Tudo está pronto, Sua Excelência. Agora devo te levar até Philon — grita a Górgona, enquanto aparece na minha vista.

Sei que participou deste encontro. Querem obrigar-me a fazer uma aliança de qualquer forma.

— Claro, vêem? Íamos na direção de vocês — respondo, olhando para a Górgona de forma significativa, mas ela me faz caso omisso e baixa a passarela sem deixar de olhar o centauro.

Creostus deixa Felicity e Ann passarem, mas me barra. Aproxima seu rosto do meu ouvido, sua voz é um sussurro discordante que eriça o cabelo da minha nuca.

— Nos traia, sacerdotisa, e você se arrependerá.

Ao subir a bordo, Felicity me puxa de lado.

— Temos que ir com esse bode gigante?

Assinto com a cabeça.

— Por acaso temos outra opção?

— E o que acontece se eles resolverem fechar a aliança agora, antes que tenhamos tempo de mudar algo? — pergunta Ann, se referindo a sua própria existência.

— Só se trata de uma simples conversa — digo. — Nada está decidido ainda. Por enquanto, a magia ainda é nossa.

— Tudo bem, — assente Felicity. — mas, por favor, não demore muito tempo. E não me sentarei junto com Creostus. É um infame.

***

Navegamos pelo rio e fazemos de tudo para ignorar Creostus e seus centauros, que observam cada movimento nosso, como se fossemos saltar da embarcação a qualquer momento. Finalmente, a Górgona pega o familiar desvio que leva até a moradia da tribo da floresta. Um véu de água brilhante oculta as ilhas. O barco divide as águas e passamos através de uma garoa de água potável e fresca que cobre nossa pele com sardas brilhantes, nos transformando em garotas douradas.

A neblina se dissipa. A costa verde da tribo da floresta aparece ante nós, de um verde espesso, tão convidativo quanto uma cama de plumas. Quando nossa velha embarcação ancora à margem, a maioria das crianças do bosque pára seus jogos e se aproximam, boquiabertos, ante o terrível prodígio que a Górgona representa. A Górgona parece não se importar que a observem. Vira-se para eles e deixa que as serpentes de sua cabeça estirem-se e sibilem; suas línguas bifurcadas, curtos chicotes vermelhos, contrastam com abundante verde. As crianças gritam e correm para se esconder entre as árvores.

— Isso não foi muito amável da sua parte — admoesto.

Ainda estou irritada por ter nos traído e informado a Philon de nossa presença.

— São uns sem-vergonhas — diz a Górgona com sua voz evasiva.

— São apenas crianças.

— Eu não tenho instinto maternal — ronrona.

E depois de pronunciar essas palavras, as serpentes se acomodam para descansar. A Górgona fecha os olhos e não diz mais nada.

As luzes flutuantes que povoam a floresta nos faz sinais para que nós a sigamos. Nos guiam através de altas árvores que cheiram a manhã de Natal. O cheiro picante que desprende faz com que meu nariz coce. Finalmente, chegamos ao povoado de cabanas com telhados de palha. Uma mulher com um aspecto sombrio passa pelo nosso lado com um caminhar cansado, carregando baldes de água resplandecente, da cor do arco-íris. Percebe que eu estou olhando-a e, rápida como um raio, muda seu aspecto até que me encontro observando meu próprio reflexo.

— Gemma! — grita Ann.

— Como ela fez isso? — pergunto.

Ela sorri — meu sorriso em outro rosto! — e se transforma de novo, desta vez em uma réplica exata de Felicity, com sua mesma boca carnuda e cabelo loiro. Felicity não acha isso divertido. Pega uma pedra e lança nela.

— Pare de fazer isso agora mesmo ou vai se arrepender.

A mulher se desliza para o interior de seu eu sombrio. Com uma aguda risada entrecortada, levanta seus baldes resplandecentes e se afasta.

Philon nos recebe na entrada do povoado. A criatura não é nem um homem nem uma mulher, mas algo no meio, com um corpo longo e magro e a pele de uma tonalidade roxa escura. Hoje Philon usa um casaco confeccionado com grossas folhas de primavera. Sua tonalidade intensa faz ressaltar o verde de seus grandes olhos amendoados.

— Então... você finalmente veio, sacerdotisa. Estava começando a acreditar que você tinha se esquecido de nós.

— Não me esqueci de vocês — murmuro.

— Tenho prazer em ouvir isso, pois nós não gostaríamos de pensar que você foi menos amável conosco do que a Ordem das sacerdotisas, que veio nos visitar antes de você — diz Philon, trocando olhares significativos com Creostus.

— Eu vim — respondo.

— Não vamos nos demorar trocando ocorrências — resmunga Creostus.

Seguimos a silhueta elegante e esbelta de Philon até a cabana com teto de palha onde nos vimos pela primeira vez. Ela continua a mesma; com suntuosos tarimas[17] no chão feito de palha dourada.

No cômodo estão mais quatro centauros e meia dúzia de membros da tribo da floresta. Não vejo nem Asha, nem nenhum dos Intocáveis. Imagino que eles talvez estejam a caminho.

Sento em um dos tarimas.

— Eu vi uma mulher que se transformou em mim diante dos meus olhos. Como ela fez isso?

— Ah, Neela — diz Philon, bebendo um líquido vermelho de um cálice de prata. — É uma transformista.

— Uma transformista? — repete Ann, que tem certa dificuldade em manter o equilíbrio na plataforma e se balança em minha direção duas vezes antes de encontrar um ponto de equilíbrio no meio dela.

— Temos a habilidade de adquirir outras formas. Não é de muita utilidade em nosso mundo. Podemos nos transformar na fantasia de qualquer mortal. Às vezes, os mortais escolhem nos seguir até este mundo para se transformarem em nossos brinquedos. Nem a Ordem, nem os Rakshana gostavam disso. — diz Philon, sem mostrar pesar ou remorso.

— Vocês levavam os humanos de nosso mundo — respondo, horrorizada.

Philon toma um gole de seu cálice.

---

[17] N/T: É uma espécie de estrutura feita de madeira.

— Os humanos podiam escolher. E escolhiam vir conosco.

— Você os enfeitiçava!

Um sorriso afetado aparece nos cantos dos lábios finos de Philon.

— Eles escolhiam ser enfeitiçados.

Philon tem sido nosso aliado, mas acho essa descoberta desconcertante, e me pergunto para quem estive fazendo promessas.

— Esse poder desapareceu de muito de nós por não ser usado. No entanto, continua em alguns, como no caso de Neela.

Quando diz isso, a mulher sombria entra na cabana. Seu olhar se desvia de nós até Philon e Creostus e se dirige ao primeiro em seu idioma. Philon lhe responde com amabilidade e, volta a me observar de uma maneira um tanto suspeita, e se junta a Creostus. Passa uma mão por suas costas e acaricia sua pele. Philon cruza o cômodo com dois longos passos e se acomoda em uma cadeira de respaldo alto, confeccionada com folhas de palmeiras. Enquanto nos olha, a criatura pega um cachimbo longo e fino, e chupa com força até que seus olhos fiquem pacíficos e transparentes.

— Devemos falar do futuro dos reinos, sacerdotisa. Nós proporcionamos nossa ajuda quando você precisou. Agora queremos nossa recompensa.

— Chegou o momento de selar uma aliança — fala Creostus. — Iremos ao Templo e daremos as mãos. Então, a magia pertencerá a todos nós e governaremos como acharmos conveniente.

— Mas há outras coisas que devemos ter em conta — respondo.

Saber que se servem de mortais para se divertir pôs uma pequena barreira em meu caminho.

— Que coisas? — pergunta Philon, levantando uma sobrancelha.

— Os Intocáveis — respondo. — Onde estão? Deveriam estar aqui.

— Os Intocáveis — cospe Neela. — Bah!

Philon exala a fumaça de seu cachimbo, e o cômodo se enche de fumaça.

— Enviei um recado e não vieram, como eu esperava.

— Por quê? — pergunto.

— São relutantes a mudanças — responde Philon. — Eles agem sem resmungar.

— São uns covardes! Sempre foram escravos da Ordem; São uma maldita imundície! Se eu pudesse, livraria os reinos de sua presença — brama Creostus.

— Creostus — censura Philon, antes de oferecer seu cachimbo.

O centauro faz uma careta de escárnio e o afasta de si. Imperturbável, Philon fuma até que a cabana se encha de um perfume forte e picante que me deixa tonta.

— Há muitas tribos nos reinos, sacerdotisa. Jamais chegará a um acordo com todas.

— Como podemos ter certeza que você falou com os Intocáveis sobre essa reunião? — pergunta Fee com um tom acusador.

Philon lança uma nuvem de fumaça na sua cara. Primeiro tosse e depois levanta a cabeça a procura de mais.

— Só tem minha palavra — responde Philon.

Creostus atravessa o cômodo, ansioso e inquieto.

— Por que devemos compartilhar a magia com os vermes dos Intocáveis? A imundície da Ordem. Malditos covardes. Merecem seu destino.

Neela senta-se junto de Philon e, com seus dedos, acaricia seu cabelo sedoso.

— Deixe que provem sua lealdade. Diga que nos levem ao Templo agora.

— Não quero que façamos um pacto sem falar antes com Asha — objeto, pois a fumaça deixou minha língua frouxa.

Creostus grunhe, furioso. Golpeia uma mesa e a faz em pedaços.

— Outra tática para demorar-se, Philon. Quando você vai se dar conta de que não pode fazer pactos com essas bruxas.

— Elas vão pegar a magia para elas e nos impedir de acessá-la — silva Neela.

Creostus olha para nós como se quisesse nos pulverizar.

— Nós deveríamos estar sendo cuidadosos!

Neela me observa com atenção.

— Nos trairá como os outros fizeram. Como sabemos que ela não se aliou à Ordem?

— *Nuim syatt!* — trovoa a voz de Philon, até sacudir os alicerces da cabana. Todos os presentes se assustam. Creostus baixa a cabeça. Philon expele uma grande nuvem de fumaça e crava seus olhos de gato em mim. — Prometeu compartilhar o poder conosco, sacerdotisa. Revoga sua palavra?

— Não, é claro que não — repondo, embora já não esteja tão certa. Temo que eu tenha sido muito confiante e prometi muitas coisas. — A única coisa que peço é um pouco de tempo para compreender melhor os reinos e quais são minhas obrigações.

Neela zomba.

— E poder ter mais tempo para conspirar contra nós.

Creostus se aproxima de mim. Sua altura me intimida.

— Posso oferecer-lhes compartilhar temporariamente a magia — digo, tentando aplacar seus ânimos. — Um presente é um símbolo de boa fé.

— Um presente? — grunhe Creostus e aproxima seu rosto do meu. — Não é o mesmo que ser seu dono! Presentear não é possuir! Por acaso temos que te suplicar pela magia, como fizemos com a Ordem?

— Eu não sou da Ordem! — digo, tremendo.

O olhar de Philon é frio.

— É o que você diz. Mas cada vez, custa-me mais ver a diferença.

— Só... só queria ajudar.

— Não queremos sua ajuda — cospe Neela. — Queremos nossa parte. Queremos poder governar nós mesmos de uma vez por todas.

Philon me olha.

— Queremos algo mais que prová-la, sacerdotisa. Faça o que deve fazer. Te daremos o tempo que precisa...

Neela explode.

— Mas, Philon...

— Te daremos o tempo que precisa — repete Philon, olhando com dureza para Neela. Esta se esconde junto com Creostus e olha para todos nós com o cenho franzido. — Mas, desta vez, não ficarei de braços cruzados, sacerdotisa. Tenho uma dívida com meu povo. Voltaremos a nos encontrar logo, como amigos ou como inimigos.

***

— Você não está pensando em realmente se unir com essas criaturas horríveis, certo? — Felicity pergunta, enquanto nos encaminhamos através das altas árvores até a margem, onde está a Górgona.

— E o que posso fazer? Eu dei minha palavra.

Agora me arrependo disso. Meus pensamentos estão mais nublados do que o horizonte e meus movimentos são lentos. Aspiro forte o aroma das árvores para limpar minha mente da fumaça picante de Philon.

— É verdade mesmo que eles atraíam os humanos para cá? — pergunta Ann.

É o tipo de história macabra que ela adora ouvir.

— É horrível — diz Felicity, com um bocejo. — Não são dignos de compartilhar a magia. Só fariam mau uso dela.

Estou em um terrível dilema. Se não me unir a Philon, terei a tribo da floresta e as tribos que a apóiam como inimigos. E, se compartilho a magia com eles, pode ser que se confirme que não são dignos de minha confiança.

— Gemma.

Fazia muito tempo desde a última vez que eu escutara aquela doce voz. Minha alma cai nos meus pés. De pé, no meio do caminho, está minha mãe, ainda usando seu vestido azul. Ela estende seus braços para mim.

— Gemma, querida.

— Mãe? — sussurro. — É você?

Sorri abertamente. O sorriso vira uma risada. Sua figura muda de forma, se transformando em algo completamente diferente e me encontro olhando para Neela, que ri cobrindo a boca com seus dedos longos como caules.

— Gemma, querida.

É a voz de mamãe que sai dessa desagradável e pequena criatura.

— Por que você fez isso? — grito.

— Porque eu posso.

— Não se atreva a fazer novamente — espeto.

— O que? — zomba Neela.

Sinto nos dedos um formigamento que começa com a magia. Em alguns segundos, se precipita por mim como um rio transbordando e meu corpo recebe as sacudidas de sua força majestosa.

— Gemma.

Fee me sustenta com seus braços para me ajudar a manter o equilibro. Não consigo me conter. Tenho que deixá-la sair. Minha mão ilumina seu ombro e a magia flui até Felicity sem aviso prévio e sem controle. Ela muda em um ritmo frenético: é uma rainha, uma valkiria[18], uma guerreira vestida de malha. Caímos de quatro sobre a grama macia, ofegando.

— Fee! Você está bem?

Me aproximo dela, sem coragem de tocá-la.

— Sim — diz com uma voz fina, enquanto muda mais uma vez antes de voltar a si mesma.

Ouço Neela rir atrás de mim.

— É muito para você, sacerdotisa. Tudo isso é grande demais para você. Seria melhor que alguém mais habilidoso exercesse esse poder. Sentiria-me muito feliz em aliviá-la de seu fardo.

— Fee — digo, ignorando Neela. — Me desculpe. Não consegui controlar.

Ann ajuda Felicity a se levantar. Felicity leva sua mão ao estômago como se tivesse levado um soco.

— Muitas mudanças em muito pouco tempo — responde, fracamente. — Não estava preparada.

— Eu sinto muito — digo.

Desta vez, sou eu quem passa o braço de Felicity por meus ombros para ajudá-la a se manter com equilíbrio. Neela volta a rir enquanto nos aproximamos, trôpegas, da Górgona.

— Sacerdotisa! — grita a criatura. Viro e vejo que adquiriu a minha aparência. — Diga-me: como lutará se nem consegue ver?

***

— Como você se sente, Fee? — pergunto, enquanto avançamos pelo corredor de terra e sua luz fraca.

— Melhor. Olha! — Ela se transforma em uma guerreira. Sua armadura brilha. — Deveria fazer disso meu novo uniforme da Spence?

— Acho que não.

Passamos pela porta e nos encaminhamos até a grama. Meus sentidos se intensificaram. Há mais alguém. Cubro os lábios com um dedo pedindo silêncio.

— O que está acontecendo? — pergunta Ann.

Me aproximo silenciosamente da Ala Leste. Uma figura desliza entre as sombras e me deixo levar pelo medo. Nós podemos ter sido vistas.

— Quem quer que seja, já foi — digo. — Mas é melhor irmos para a cama antes que nos peguem.

[18] N/T: Deusas.

17

NA MANHÃ SEGUINTE, EM UMA HORA MUITÍSSIMO desagradável, a Sra. Nightwing convoca todas nós a nos apresentar no grande salão. As garotas entram tropeçando, com os uniformes mal abotoados e as tranças feitas apressadamente. A maioria esfrega os olhos para tirar o sono. Mas não nos atrevemos a bocejar. A Sra. Nightwing não ordenaria nos reunir aqui tão cedo para chá com doces. Há um ar de reprovação; algo terrível paira sobre nós, e temo que nós fomos vistas na noite passada.

— Espero que não tenha nada a ver com o baile de máscaras que vão celebrar em nossa honra — diz Elizabeth inquieta e Cecily lhe manda calar a boca.

Cinco minutos depois da hora combinada, a Sra. Nightwing entra apressadamente na sala com uma expressão tão severa que nos empertiga. Ela se coloca diante de nós com as mãos atrás das costas, queixo para cima, e os olhos afiados como os de uma raposa.

— Uma ofensa grave ocorreu, uma que não deve ser tolerada — diz nossa diretora. — Sabem a o que me refiro?

Negamos com a cabeça, a pergunta encheu o grupo de ansiedade. Estou a ponto de ficar doente por conta do pânico.

A Sra. Nightwing deixa cair seu imperioso olhar sobre cada uma de nós.

— As pedras da Ala Leste foram violadas — diz enfatizando cada palavra. — Foram pintadas com estranhas marcas... de sangue.

Os gritos sufocados avançam de garota em garota como fogo na palha. Há um sentimento generalizado, há uma mistura de horror e êxtase: a Ala Leste! Sangue! Um crime secreto! Isso nos proporcionara um tema do qual fofocar durante uma semana, no mínimo.

— Silêncio, por favor! — vocifera a Sra. Nightwing. — Alguma de vocês sabe a respeito desse delito? Se estão cobrindo alguém com seu silêncio, saibam que não estão lhe fazendo nenhum favor.

Relembro a noite passada, a figura na escuridão, mas não posso falar dela para a Sra. Nightwing sem ter que explicar o que eu fazia fora da cama a tal hora.

— Será que ninguém quer dar um passo a frente? — pressiona a Sra. Nightwing.

Permanecemos em silêncio.

— Muito bem, se o culpado não sai, todas vocês serão castigadas. Passarão a manhã em companhia de um balde e uma escova, esfregando as pedras até que fiquem brilhantes.

— Oh! Mas, Sra. Nightwing, — chora Martha acima do zumbido de murmúrios angustiados. — Realmente teremos que limpar o... sangue?

— Eu desmaiarei — diz Elizabeth em lágrimas.

— Elizabeth Poole, você não fará nada disto! — o olhar glacial da Sra. Nightwing seca imediatamente as lágrimas de Elizabeth. — A restauração da Ala Leste é muito importante. Tivemos que esperar muitos anos, e agora ninguém deterá nossos avanços. Não queremos que Spence ofereça seu melhor aspecto para nosso baile de mascaras?

— Sim, Sra. Nightwing — todas respondemos.

— Pensem no glorioso momento em que, dentro de uns anos, voltem a este lugar, talvez inclusive com suas próprias filhas, e possam dizer: "Eu estava aqui quando colocaram estas pedras". Todos os dias o senhor Miller e seus homens trabalham duramente para restaurar a Ala Leste. Dediquem-se a refletir a respeito disso enquanto limpam.

***

— *Quando vocês voltarem com suas próprias filhas* — zomba Felicity. — Podem ter certeza que *eu* não penso em voltar aqui.

— Oh! Não consigo tocar nisso... sangue!

Elizabeth enruga o nariz. Parece estar doente.

Cecily esfrega as pedras fazendo pequenos círculos.

— Não sei por que todas nós temos de ser castigadas.

— Meu braço já está doendo — queixa-se Martha.

— Shh — diz Felicity — Escutem.

No gramado, a Sra. Nightwing interroga Brigid sem piedade na presença do senhor Miller, que permanece com os braços cruzados na frente do peito.

— Foi você, Brigid? Só peço que me responda com sinceridade.

— Não, senhora, te digo com o coração na mão, juro que não fui eu.

— Não vou deixar as meninas assustadas por causa de sinais de feitiçaria, ou histórias sobre fadas e coisas semelhantes.

— Sim, senhora.

O senhor Miller franze o cenho.

— Foram os Ciganos. Não são de confiança. Quanto antes os mandarmos embora, melhor dormiremos. Sei que vocês senhoras tem uma sensibilidade delicada...

— Senhor Miller, posso te assegurar que não há nada delicado em *minhas* sensibilidades — espeta a Sra. Nightwing.

— É a mesma coisa senhora, diga uma palavra e meus homens e eu nos encarregaremos desses Ciganos para você.

O rosto da diretora reflete a repulsa que suas palavras produziram.

— Não será necessário, senhor Miller. Tenho certeza de que esta brincadeira inocente

não voltará a acontecer. — A Sra. Nightwing crava seus olhos em nós e, rapidamente, baixamos a cabeça e nos colocamos a limpar com mais entusiasmo.

— *Quem* você acha que fez isso? — me pergunta Felicity.

— Aposto que o senhor Miller tem razão, foram os Ciganos. Estão furiosos porque não lhes deram trabalho — diz Cecily.

— O que mais se pode esperar de pessoas do tipo deles? — segue Elizabeth.

— Também pode ter sido Brigid. Vocês sabem como ela é estranha, com todas essas histórias que conta — diz Martha.

— Não posso imaginar Brigid saindo de sua cama pela noite para fazer marcas em umas pedras. Ela queixa-se todo dia de suas costas.

Cecily mergulha a escova no balde da água suja e vermelha.

— Supondo que isso seja mais do que uma brincadeira de mal gosto. E se ela for uma bruxa de verdade?

— Ela sabe muito de fadas e coisas do tipo — responde Martha com os olhos arregalados.

A suspeita começa a se transformar em um jogo.

Os olhos de Felicity procuram os de Martha. Ela se inclina para ela.

— Agora que você diz, será que o pão não tem o mesmo gosto que a alma de uma criança? Acho que vou desmaiar! — exclama levando uma mão a testa.

— Estou falando sério, Felicity Worthington — repreende Martha.

— Vamos, Martha, você nunca fala a sério — provoca Felicity.

— Mas, por que marcariam a Ala Leste com sangue? — pergunto.

Cecily reflete sobre isso.

— Por vingança. Para assustar os trabalhadores.

— Ou talvez para invocar os espíritos do mal — sugere Martha.

— E se é o sinal de uma bruxa ou... do demônio? — sussurra Elizabeth.

— Pode ser para proteção — diz Ann, calmamente esfregando.

Elizabeth zomba.

— Proteção? De quê?

— Do mal — responde Ann.

Cecily estreita os olhos.

— E como você sabe disso?

E de repente Ann se da conta que havia caído na armadilha.

— Eu-eu li coisas parecidas... na B-Bíblia.

Os olhos de Cecily destelham crueldade.

— Foi você, não é?

Ann larga a escova no balde e a água imunda respinga em seu avental.

— N-não. E-eu não fiz nada.

— Você não suporta que sejamos felizes, nem que falemos de festas e chás, não é verdade? Por isso você quer arruinar tudo para nós.

— N-não é verdade.

Ann resgata a escova e continua limpando, mas sob sua respiração ela murmura algo.

Cecily se coloca na frente de Ann para ver o rosto dela.

— O que você disse?

— Pare com isso, Cecily — digo.

— Na-nada — responde Ann com o rosto vermelho.

— O que foi que você disse? Eu gostaria de ouvir.

— Eu também — diz Martha.

— Oh, Cecily, realmente. Deixe-a em paz. — diz Felicity.

— Eu tenho o direito de saber o que se diz nas minhas costas — afirma Cecily. — Vamos, Ann Bradshaw. Repita. Eu exijo que me diga!

— Di-disse que um dia você se arre-arrependerá — sussurra Ann.

Cecily ri.

— Eu me arrependerei? E posso saber o que você me fará, Ann Bradshaw? O que alguém como você poderia me fazer?

Ann crava a vista nas pedras. Movendo a escova para cima e para baixo, no mesmo ponto.

— Foi o que eu imaginei. Dentro de um mês, você vai ocupar o bem merecido posto de servente que te corresponde. Você nasceu para isso. Já está na hora de você aceitar isso.

***

Depois de terminar a tarefa, esvaziamos a água suja dos baldes e nos encaminhamos com passo cansado para a academia, exaustas e imundas. A conversa agora voltou-se para o baile de mascaras e quais trajes vamos vestir. Cecily e Elizabeth querem ir de princesas. Elas terão de escolher sedas e cetins com os que confeccionarão lindos vestidos. Fee insiste em que irá de Valkiria. Eu lhes digo que gostaria ir de Elizabeth Bennet, uma personagem da senhorita Austen, mas Felicity me diz que essa é a fantasia mais sem graça de todos os tempos e que, além disso, ninguém saberia do que estou fantasiada.

— Eu deveria ter dito a Cecily para pular no lago — murmura Ann.

— E por que você não disse? — pergunto.

— E se ela contasse para a Sra. Nightwing que eu pintei as pedras? E se a Sra. Nightwing acreditasse nela?

— E se, e se — repete Felicity suspirando irritada. — E se você a confronta de uma vez?

— Elas têm todo o poder — se queixa Ann.

— Porque você dá a elas!

Ann se afasta de Felicity ferida.

— Eu não esperava que você entendesse.

— Não, tem razão. Nunca entenderei sua pré-disposição para ficar de braços cruzados — grunhe Felicity. — Não peça que eu tenha piedade quando você nem sequer tenta se defender.

***

Nosso dia é tão disciplinado quanto o de um soldado. O francês é seguido de música, que é seguido de um triste almoço a base de bacalhau cozido. A tarde começa com aula de dança. Aprendemos a quadrilha e a valsa. Como é dia de lavagem, nós vamos para a lavanderia entregar nossos lençóis e roupas para a lavadeira, junto com um xelim em pagamento por seu trabalho. Copiamos as frases de *Nicholas Nickleby*, livro do senhor Dickens, para aperfeiçoar nossa caligrafia. A Sra. Nightwing passeia a largos passos entre nossas carteiras bem alinhadas, examinando nosso perfil e criticando os laços e floreios que considera estarem fora do modelo. Se na folha tem uma mancha de tinta — algo completamente inevitável, pois temos as pontas das plumas gotejando, e os dedos cansados — devemos começar tudo de novo em uma nova página. Quando ela nos libera de sua aula, meus olhos estão vesgos e tenho certeza de que minha mão nunca se livrará dessa cãibra medonha.

Quando o dia termina, estamos completamente exaustas. Nunca fiquei tão feliz em ver minha cama. Eu puxo o cobertor fino até meu queixo e, quando minha cabeça toca o travesseiro, caio em um sonho tão confuso quanto um labirinto.

A dama de lilás acena para mim através da névoa londrina. Eu a sigo até uma livraria. Ela puxa os livros para fora das prateleiras furiosamente, procurando até encontrar o que quer. Ela o abre e começa a desenhar, cobrindo a página com linhas e marcações estranhas, que lembram os contornos de um mapa. Ela desenha o mais depressa possível, mas somos interrompidas pelo som de cavalos. A dama arregala os olhos de medo. A janela racha com o gelo. Uma fria névoa sobe pelas rachaduras da porta, que se abre subitamente. Um horrível monstro usando uma capa esfarrapada fareja o ar: um rastreador das Terras Invernais.

— O sacrifício... — ele rosna.

Eu acordo com um sobressalto, só para descobrir que joguei todos os livros de minha estante no chão.

Ann me chama com voz sonolenta.

— Gemma, por que você está fazendo tanto barulho?

— Ti-tive um pesadelo. Desculpe.

Ela se vira e volta para seus sonhos. Com o coração ainda batendo rapidamente, me ponho a recolher os livros. *Um Estudo em Vermelho* tem apenas algumas páginas dobradas, mas *Jane Eyre* está com um grande rasgo. Lamento o dano feito a ele como se eu mesma tivesse sido rasgada, e não a senhorita Eyre. *O Livro da Selva*, do senhor Kipling, está arruinado. O *Orgulho e Preconceito* da senhorita Austen está ferido, mas continua inteiro. De fato, o único livro que conseguiu escapar sem nenhum arranhão é *A História das Sociedades Secretas*, suponho que deveria agradecer por algo ter sobrevivido à minha loucura noturna.

Eu os arrumo na prateleira, colocando as lombadas para fora. Exceto *Orgulho e Preconceito*, porque sinto a necessidade do conforto de um velho amigo. A senhorita Austen me faz companhia sob a luz de um cândil até o começo da manhã, quando adormeço sonhando com o Mr. Darcy, que é o sonho que todas as garotas gostariam de ter.

18

— EU NÃO POSSO ACREDITAR QUE EU, ANN BRADSHAW, irei ver Lily Trimble em seu maior papel!

— Sim, bem, você vai vê-la, mas não como Ann Bradshaw — respondo enquanto mexo em minha penteadeira. Eu provo o chapéu de palha simples com uma fita verde-escura. Ele não me deixa maravilhosa, mas pelo menos é bonito. — Lamento que não possa assistir como você mesma, Ann.

Ela balança a cabeça, resignada.

— Não se preocupe. Eu irei vê-la e isso é tudo que me importa.

— Você já pensou em sua ilusão? — pergunto.

— Oh, sim! — Ann sorri abertamente.

— Muito bem. Que tal tentarmos, então?

Eu pego as mãos de Ann nas minhas. O pouco de magia que ainda está dentro dela se junta com a que eu lhe estou dando. Sua alegria ante a ideia de poder ver seu ídolo é contagiante.

Eu sinto a magia deslocar-se de minha mão para a sua, e de novo à minha; um fio invisível nos une.

— Vá em frente, então. Converta-se em quem quiser — lhe digo sorrindo. — Estaremos te esperando.

— Só levarei um momento! — responde exultante. Suas bochechas já rosadas. — Prometo.

— Isso vai acabar mal, tenho certeza — resmunga Felicity enquanto desço as escadas e ela se atrapalha com um laço no pescoço. Eu coloco uma mão sobre ele e ele se afofa, cheio e bonito.

— Não é você que sempre diz que a magia não é boa, se não podemos usá-la aqui? — pergunto, retoricamente.

— Mas não me refiro a pequenas excursões, como espetáculos, nem a chapéus novos — replica.

— Isso significa o mundo para Ann.

— Não entendo como o fato de ir a uma matinê[19] pode mudar sua vida — se queixa. — Em vez de ser uma simples governanta, será uma governanta que foi ao teatro.

— Eu tampouco entendo, mas ao menos é um começo — respondo.

— Olá.

Nos viramos ao escutar a voz de Ann, embora não seja Ann que está de pé no topo das escadas. É alguém completamente diferente. Uma Gibson Girl, de cerca de vinte anos de idade, com volumosos cachos escuros, nariz arrebitado e olhos cor de safira. Nesta criação, não há traço algum de nossa Ann. Ela usa um vestido que bem poderia estar na capa de *La Mode Illustrée*. É uma confecção de seda cor pêssego, com um debrum de moiré preto e uma larga gola de renda. As mangas são abalonadas nos ombros e mais estreitas abaixo o comprimento dos braços. Ela está coroada por um chapéu de veludo caramelo adornado com uma única pluma. Um elegante guarda-sol completa o conjunto. Ela faz uma pose no alto das escadas.

— Como estou?

— Simplesmente perfeita — responde Felicity, atônita — Não posso acreditar!

Ann me olha com curiosidade.

— Gemma?

Ela espera minha resposta. Não que ela não esteja linda; ela está. Mas é que ela não é mais a Ann. Eu procuro os traços que me são familiares — o rosto rechonchudo, o sorriso tímido e seu olhar sempre cauteloso — e eles não estão ali. Ann foi substituída por essa criatura estranha que não reconheço.

— Você não gosta — diz ela, mordendo o lábio.

Eu sorrio.

— É só que você está tão diferente...

— Este é o ponto — responde. Ela segura suas saias e faz uma pirueta — Tem certeza de que ninguém me reconhecera?

— Pode ter certeza que não — digo a ela.

Seu rosto se ensombrece.

— E quanto tempo durará esta ilusão?

— Eu não sei — respondo. — Várias horas, no mínimo. Talvez até mesmo o dia todo; mas certamente tempo suficiente para nossos propósitos.

— Gostaria de ser assim para sempre — responde levando uma mão enluvada ao seu novo rosto.

Cecily pavonea-se de um lado ao outro, toda sorrisos. Usa um lindo colar de pérolas com um maravilhoso camafeu pendendo do mesmo.

— Oh, Fee, venha ver! Não é absolutamente lindo? Minha mãe o mandou para mim. Eu não deveria tê-lo colocado antes da minha apresentação na sociedade, mas não consegui resistir a tentação. Oh, como você está? — diz, vendo Ann pela primeira vez.

Felicity a interrompe.

---

[19] N/T: Espetáculo, reunião social, que se realiza à tarde.

— Cecily esta é minha prima, a senhorita...

— Nan Washbrad — diz Ann friamente.

Felicity e eu quase estouramos a rir, quando nos damos conta de que esse é um anagrama para seu nome: Ann Bradshaw.

A magia está funcionando bem para Ann. Cecily parece absolutamente encantada com a "prima mais velha" de Felicity, como se ela estivesse falando com uma duquesa.

— Você vai se juntar a nós na hora do chá, senhorita Washbrad? — pergunta quase sem respirar.

— Receio que não posso. Vamos ir ver a senhorita Lily Trimble em *Macbeth*.

— Sou uma grande admiradora da senhorita Timble — arrulha Cecily.

Mentirosa.

Ann é como um gato encurralando um rato.

— Que adorável colar.

Ela corre um dedo audaciosamente pelas pérolas e então franze o cenho.

— Oh, são falsas!

Horrorizada Cecily leva uma mão ao pescoço.

— Mas não pode ser!

Ann dá-lhe um olhar que é ao mesmo tempo de piedade e desprezo.

— Eu sei muito sobre jóias, minha querida, e lamento muito ter de lhe informar que seu colar é uma falsificação. — O rosto de Cecily se ruboriza e temo que ela comece a chorar. Ela tira o colar e o examina.

— Oh, Meu Deus! Oh! Eu mostrei a todos. Irão me achar uma idiota!

— Ou uma impostora. Porque, não faz muito tempo, me contaram a história de uma menina que se fazia passar por nobre e, quando seu delito foi descoberto, ela estava arruinada. Eu odiaria se tal destino se abatesse sobre você — diz Ann com um tom de voz cada vez mais frio.

Em pânico, Cecily esconde as pérolas nas mãos.

— O que devo fazer? Serei arruinada!

— Calma, calma — Ann suavemente dá alguns tapinhas no ombro de Cecily. — Você não deve se preocupar. Eu vou levar o colar para você. Você pode dizer a sua mãe que você perdeu.

Cecily morde o lábio e observa as pérolas.

— Mas ela ficara tão furiosa.

— Melhor isso do que te tenham por idiota (ou algo pior), não é?

— De fato — murmura Cecily. — Agradeço o seu bom conselho.

Relutante, ela entrega o colar a Ann.

— Eu me desfarei dele para você, e você pode ter certeza de que ninguém vai ficar sabendo — Ann garante a ela.

— Você é realmente amável, senhorita Washbrad.

Cecily enxuga as lágrimas.

— Há algo em você que traz à tona esta bondade — ronrona Ann, com um sorriso tão radiante quanto o sol.

— Uma falsificação extraordinária — digo quando nós ficamos sozinhas. — Como você sabia que eram falsas? Eu podia jurar que eram verdadeiras pérolas.

— Elas são reais — diz Ann, enquanto coloca a jóia ao redor de seu próprio pescoço. — A única falsificação extraordinária sou eu.

— Caramba, Ann Bradshaw! — exclama Felicity — Você é brilhante!

Ann irradia alegria.

— Obrigada.

Nós damos as mãos, desfrutando do momento como se fosse único. Por fim, Ann ganhou uma partida contra a horrível Cecily Temple. O ar parece mais leve, como se tivesse acabado de chover, e tenho certeza que estamos caminhando para um futuro mais feliz.

***

Mademoiselle LeFarge nos diz que nossa carruagem já chegou.

Nós lhe apresentamos "Nan", prendendo o fôlego, e esperamos sua resposta. Será que ela verá através da ilusão?

— Como você está, senhorita Washbrad?

— M-m-muito bem, obrigada — responde Ann com voz entrecortada. Eu seguro a mão dela com força, pois temo que qualquer amostra de falta de confiança enfraqueça a ilusão que ela criou. Ela deve acreditar nisto sinceramente.

— Vai parecer estranho, mas não posso deixar de sentir que nos conhecemos antes. Seu rosto me é familiar, embora não estou completamente segura disso — diz Mademoiselle LeFarge.

Eu aperto a mão de Ann, fortalecendo nossa conexão. *Você é Nan Washbrad. Nan Washbrad. Nan Washbrad.*

— Freqüentemente me co-confundem com outras pessoa. Inclusive uma vez me confundiram com uma pobre menina tímida de colégio interno — responde Ann.

Felicity estoura de rir.

— Perdoe-me — diz Fee tentando se controlar. — É que acabo de me lembrar de uma piada que me contaram semana passada.

— Bom, pois estou encantada em conhecê-la, senhorita Washbrad — responde LeFarge. — Vamos? A carruagem nos espera.

Eu solto o ar que estava segurando.

— Você passou da linha no final, não acha? — sussurro enquanto o cocheiro abre a porta da carruagem para nós.

Ann sorri.

— Mas, ela acreditou! Ela não percebeu nada fora do comum. Nosso plano está funcionando, Gemma.

— Está sim — respondo e dou uma palmadinha em seu braço. — E é só o começo. Mas

devemos manter a calma.

— Meu Deus, que lindo colar — comenta Mademoiselle LeFarge. — E que pérolas requintadas.

— Obrigada — diz Ann. — Elas foram dadas a mim por alguém que não soube apreciar seu verdadeiro valor.

— Que pena! — diz nossa professora.

***

A viagem de trem para Londres é mais emocionante ainda. É emocionante ter esse poderoso segredo. Sinto uma pontada de remorso por enganar LeFarge, pois eu gosto dela, mas era necessário. E eu não posso negar que não é emocionante saber o quão fácil é conseguir nossa liberdade. Liberdade — nós teremos muito mais do que isso. Curiosamente, acho que quanto mais faço uso da magia, melhor me sinto, mais viva e acordada. Quase eufórica.

— O que você faz hoje em Londres, Mademoiselle LeFarge? — pergunto.

— Eu tenho que fazer alguns arranjos. Para o casamento — diz ela com um suspiro de felicidade.

— Você tem que nos contar simplesmente tudo — insiste Felicity e nós a atormentamos com nossas perguntas.

Ela usará um leque? E rendas? Um véu? Ela terá flores de laranjeira bordadas no vestido, para ter boa sorte, como fez a Rainha Victoria?

— Oh, não, não será tão grandioso — ela objeta, e pousa o olhar em suas mãos rechonchudas, descansando em seu amplo colo. — Será um casamento simples e campestre na capela de Spence.

— Você vai continuar em Spence? — pergunta Ann. — Depois que estiver casada?

— Isto dependerá do senhor Kent — responde, como se isso resolvesse tudo.

— Você gostaria de ficar? — pressiona Felicity.

— Eu gostaria de ter uma nova vida, uma vez que estiver casada. Na verdade, o inspetor já começou a pedir minha opinião sobre seus casos, para ter um ponto de vista feminino. Eu sei que isso não entra nas obrigações habituais de uma esposa, mas confesso que acho muito emocionante.

— Isso é adorável — diz Ann.

Ela está sorrindo dessa maneira romântica dela, e sei que, em sua mente, vê imagens de si mesma; atarefada na cozinha, despedindo-se de seu marido com um beijo, antes dele ir trabalhar. Eu tento me imaginar levando uma vida parecida. Eu gostaria disto? Será que ficaria entediada? Seria um conforto ou uma maldição?

Meus pensamentos viajam à Kartik: seus lábios, suas mãos, a maneira como uma vez ele me beijou. Em minha mente, eu me vejo correndo meus dedos sobre aqueles lábios, sentindo suas mãos em minha nuca. Um calor se assenta em minha barriga. Ela inflama algo dentro de mim, algo que não sei nomear, e, de repente, é como se eu estivesse dentro de uma visão.

Kartik e eu estamos em um jardim. Minhas mãos estão tatuadas com henna, como as de uma noiva indiana. Ele me puxa para seus braços e me beija sob uma chuva constante de pétalas. Ele abaixa gentilmente a gola do meu sári[20], desnudando meus ombros. Seus lábios percorrem minha pele nua, e eu sinto que tudo entre nós está prestes a mudar.

Volto à realidade de repente. Respiro com dificuldade e me sinto ruborizada dos pés a cabeça. Ninguém parece notar meu desconforto, e eu faço o melhor pra recuperar a compostura.

— Eu nunca me casarei — anuncia Felicity com um sorriso perverso. — Vou viver em Paris e serei a modelo de um artista.

Ela está tentando nos chocar e Mademoiselle LeFarge lhe dá esse gostinho de atenção.

— Realmente, senhorita Worthington — mas depois muda de idéia. — Você não deseja ter marido ou filhos, senhorita Worthington? — pergunta com franqueza, como se neste trem tivéssemos deixado de ser simples garotas e houvéssemos nos transformado em jovens damas com quem se pode ter um tipo de conversa diferente. Este tipo de confiança é quase tão poderosa quanto a magia.

— Não, eu não — responde Felicity.

— E por que não? — insiste LeFarge.

— Eu... eu quero ter uma vida própria. Não quero ser aprisionada.

— Você não tem porque se sentir aprisionada. A vida também pode ser enriquecedora compartilhando encargos e alegrias.

— Eu não vi isso ser assim — balbucia Felicity.

Mademoiselle LeFarge assente, considerando.

— Suponho que é preciso o tipo certo de marido, do tipo que vai ser um amigo e não um mestre. Um marido que proporcione a sua mulher pequenos gestos amáveis e diários e que lhe faça participante de suas confidências. E, em troca, a esposa deve ser uma amiga.

— Eu não seria uma boa esposa — diz Felicity em voz tão baixa que o balanço do trem quase abafa suas palavras.

— Que tipo de coisas bonitas vai comprar hoje? — pergunta Ann, abandonando por um momento a sofisticada Nan com uma pergunta pueril.

— Oh, isso e aquilo. Temo que nada tão bonito quanto seu colar.

Ann tira o colar de pérolas e o oferece.

— Eu gostaria que você ficasse com ele.

Mademoiselle LeFarge o afasta.

— Oh, não, você é muito gentil.

— Não — diz Ann corando — Não sou. Você usará algo emprestado, não é verdade?

— Não posso aceita-lo — insiste Mademoiselle LeFarge.

Eu pego a mão de Mademoiselle LeFarge e a imagino em seu vestido de noiva e com as pérolas ao redor do pescoço.

---

[20] N/T: O sári é um traje nacional das mulheres indianas, constituído de uma longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo.

— Pegue — murmuro.

Meu desejo, carregado pelas asas da magia, viaja rapidamente entre nós e se refugia dentro dela.

Mademoiselle LeFarge pisca.

— Você tem certeza?

— Oh, sim. Nada me faria mais feliz — Ann sorri.

Mademoiselle LeFarge prende o fecho ao redor de seu pescoço.

— Como ficou em mim?

— Maravilhoso — dizemos em uníssono.

Ann, Felicity e Mademoiselle LeFarge conversam agradavelmente. Enquanto eu me dedico a olhar as colinas pela janela do trem. Eu quero perguntar a elas se sabem o que o *meu* futuro prepara: meu pai recobrara a saúde e recuperará minha família? Sobreviverei a minha apresentação na sociedade? Posso demonstrar o que sei nos reinos e estar a altura das expectativas, sobretudo de minhas próprias?

— Vocês podem me responder? — sussurro na janela.

Meu hálito quente deixa um nevoeiro padrão de floco de neve no vidro que desvanece imediatamente, como se eu jamais houvesse pronunciado uma palavra.

O trem desacelera e as colinas desaparecem atrás das nuvens de vapor. O porteiro pronuncia a gritos o nome da estação.

Chegamos e agora começa nossa verdadeira prova.

Mademoiselle Lefarge nos entrega à senhora Worthington.

Com cabelos loiros e serenos olhos cinzentos, a senhora Worthington é igual sua filha, mas mais elegante. Ela não tem os traços marcados e sensuais de Felicity, dando-lhe a aparência de uma beleza frágil. Todos os homens reparam em seu encanto. Enquanto ela caminha, eles voltam a cabeça ou mantém o olhar durante um segundo longo até demais. Nunca terei esse tipo de beleza, a que cria o caminho de uma mulher. A senhora Worthington cumprimenta-nos calorosamente.

— Vamos ter uma grande dia. Que prazer em voltar a te ver, querida Nan. Teve uma viagem agradável?

— Oh, sim, muito agradável — responde Ann.

Elas engajam em uma conversa educada.

Felicity e eu trocamos olhares.

— Ela realmente acha que Ann é sua prima — regozijo-me discretamente. — Ela não percebeu nada errado!

— Ela nunca perceberia — zomba Felicity.

Na rua, nos encontramos com uma conhecida da senhora Worthington e ela se detém para conversar. Mantemos-nos ociosamente à margem, sem ser vistas, nem ouvidas, nem observadas. A poucos metros de distância, outro grupo de mulheres tenta chamar atenção.

As mulheres usam placas penduradas em si mesmas, anunciando uma greve.

Incêndio na Fábrica de Chapéis Beardon. Seis almas assassinadas por dinheiro. Que a

justiça seja feita — Salários justos, Tratamento justo.

Elas chamam os transeuntes, implorando a eles que apóiem sua causa. As pessoas abastadas que se encaminham ao teatro e aos clubes se afastam delas, seus rostos registrando desgosto. Uma menina de cerca de quinze anos aproxima-se de nós com uma lata nas mãos. Suas luvas são uma caricatura de si mesma. Buracos esfarrapados cobrem a lã, como se houvesse sido atacada pela varicela. Os nós dos dedos aparecem, avermelhados e em carne-viva.

— Por favor, senhorita. Uma moeda para a nossa causa?

— Que causa é? — pergunta Ann.

— Trabalhamos na Fábrica de Chapéis Beardon, senhorita, e nunca houve um lugar tão triste — diz.

Duas escuras meias luas circulam seus olhos.

— Um incêndio levou nossas amigas. Um incêndio terrível. As portas da fábrica se fecharam para que nós ficássemos dentro. Que chance elas poderiam ter, senhorita?

— Bessie Timmons e Mae Sutter — eu sussurro.

Os olhos da garota se arregalam.

— Você as conhecia, senhorita?

Rapidamente nego com a cabeça.

— Eu... deve ter lido seus nomes nas manchetes.

— Eram boa meninas, senhorita. Estamos em greve para que isso não volte a acontecer. Pedimos por salários justos e tratamento justo. Não queremos que a morte delas seja em vão.

— Tenho certeza de que onde quer que estejam suas amigas agora, elas estarão orgulhosas de seus esforços.

Eu solto um xelim em sua lata.

— Obrigada, senhorita.

— Vamos, garotas — cacareja a senhora Worthington, nos indicando o caminho. — Por que você estava falando com essas infelizes mulheres?

— Estão em greve — respondo. — Suas amigas foram queimadas no incêndio da fábrica.

— Que horror. Eu não gosto de ouvir estas coisas.

Um cavaleiro passa por nosso lado, dando a senhora Worthington um olhar furtivo. Ela responde com um sorriso satisfeito.

— Elas deveriam ter maridos para cuidar delas.

— E se elas não tem? — pergunta Felicity coma voz áspera. — E se elas estão sozinhas? E se elas têm filhos para alimentar e madeira para comprar? E se elas só dependem delas mesmas? Ou... ou e se elas não desejam se casar? Será que elas não têm mérito por elas próprias?

É surpreedente ver o ardor nos olhos de Felicity, embora eu duvide que essa exibição seja fruto de um entusiasmo reformista. Acredito que é uma forma de provocar sua mãe. Ann e eu não nos atrevemos a entrar neste combate. Nós mantemos os olhos virados para o chão.

— Querida, sempre haverá pobres. Não vejo o que eu possa fazer a respeito. Tenho

minhas próprias obrigações.

A senhora Worthington ajusta sua estola de pele até o pescoço, uma suave armadura para seu suave mundo.

— Agora vamos. Não falemos mais de assuntos tão desagradáveis em um dia tão bonito da primavera. Ah, uma confeitaria! Vamos entrar e ver que doces há para nós? Eu sei que as meninas amam essas delicias — Ela sorri conspiratória. — Eu também fui uma menina, sabem?

A senhora Worthington caminha para dentro e Felicity olha duramente para ela.

— Você sempre será uma menina — sussurra amargamente.

19

A SENHORA WORTHINGTON LEVA TODO O TEMPO do mundo para escolher os doces, e acabamos chegando a Drury Lane atrasadas. A noite especial, tão peculiar dos teatros, que paira sobre a sala, um ocasional romance que nos afasta de nossas preocupações e converte o fantástico em possível. O Drury Lane é conhecido por seu espetáculo, e não nos desapontamos. As enormes cortinas se abrem para revelar um cenário magnífico: uma floresta que parece distante da realidade. No centro do cenário, três bruxas anciãs vigiam um caldeirão. Um trovão retumba. Pode até se tratar apenas de um homem golpeando um objeto enorme de cobre, mas nos provoca calafrios do mesmo jeito. As velhas bruxas falam conosco:

— *Quando voltaremos a nos ver? Sob um raio, relâmpago ou chuva?*

— *Quando o barulho terminar, quando houver derrota e vitória.*

— *Antes o sol se ponha.*

— *Onde?*

— *No urzal.*

— *Ali veremos Macbeth.*

— *Eu irei, Graymalkin!*

— *Chame Paddock.*

— *Eu irei!*

— *O vil é belo e o belo é vil. Flutua na névoa e no ar fétido.*

— Não é maravilhoso? — murmura Ann, feliz, e me sinto ótima pelo que fizemos.

Quando Lily Trimble entra em cena, a audiência se ergue em seus assentos. A senhorita Trimble é uma irresistível criatura cujas grossas ondas de cabelo mogno caem em cascatas pelo dorso de seu casaco roxo. Sua voz é profunda e suave. Ela se pavoneia e se enfeita, conspira e se lamenta com tanto fervor que resulta quase impossível acreditar que não é lady Macbeth em pessoa. Quando caminha em sonhos, chorando com remorso por seus atos demoníacos, é fascinante, e, durante toda a performance, Ann permanece sentada na borda do assento, olhando com verdadeiro interesse. Quando a performance acaba e Lily Trimble sai para ser cumprimentada, Ann aplaude mais do que os outros presentes. Eu nunca a vi tão animada, tão viva. As lâmpadas se acendem completamente, com uma luz ofuscante.

— Não foi maravilhoso? — pergunta Ann, com um sorriso radiante. — Seu talento é extraordinário; Eu *realmente* acreditei que estava em frente à própria lady Macbeth!

A senhora Worthington parece entediada.

— Não é uma peça muita agradável, verdade? Eu prefiro *The Importance of Being Earnest.* É muito mais agradável.

— Estou certa que nenhuma outra peça possa ser tão boa como a que acabamos de ver, interpretada pela senhorita Trimble — opina Ann. — Oh, foi tão esplêndido! Mais que esplêndido. Teria que inventar um novo adjetivo para descrever Lily Trimble, por que nenhum que existe faz juz a ela. Daria qualquer coisa para conhecê-la. Qualquer coisa.

Deixo que um homem e sua esposa nos afastem da senhora Worthington.

— Ann, você realmente deseja conhecê-la? — sussurro.

Ela assente com a cabeça.

— Com todas as minhas forças!

— Então, você irá.

Felicity passa na frente de uma matrona, que repreende sua grosseria com um *"Ei!"*

— Gemma — diz Fee, picada pela curiosidade. — O que você vai fazer?

— Vamos apresentar Ann a Lily Trimble.

A senhora Worthington estira o pescoço por cima da multidão que se dirige para a saída, tentando nos encontrar. Ela parece um pássaro perdido.

— Muito bem, e como vamos nos liberar da minha mãe?

Só precisamos de uns minutos de liberdade. Algum tipo de distração. Tenho que me concentrar, mas é muito difícil com tanta gente ao meu redor. Seus pensamentos invadem os meus até o ponto que mal posso ver.

— Gemma! — sussurra Fee.

Ann e ela unem seus braços aos meus.

Esforço-me a me segurar a meu objetivo inicial. E repito em silêncio enquanto nos aproximamos da senhora Worthington: *Você viu uma amiga entre a multidão. Aproxime-se dela. Nós estaremos bem aqui.* Repito a frase até que eu também acredito.

— Oh! — Exclama, de repente, a senhora Worthington. — Mas, se é a minha querida amiga, Madame LaCroix, de Paris! Como foi capaz de vir sem me avisar por carta! Oh, ela está indo! Perdoem-me, só levará um momento.

Como se fosse uma mulher possuída, a senhora Worthington entra na multidão, procurando sua querida amiga quem, sem dúvida, ainda está em Paris, enquanto nós estamos aqui.

— O que você fez? — pergunta Felicity, entusiasmada.

— Proporcionei uma mini sugestão. E agora, que tal conhecermos Lily Trimble?

***

Por trás do cenário, existe um mundo completamente diferente.

Um grupo de trabalhadores se encarrega dos acessórios e máquinas. Homens fortes levam enormes telas pintadas de um lado para o outro, muitos outros içam cordas enquanto um encarregado, vestindo um chapéu de feltro e fumando um charuto, grita ordens. Nós escapulimos por um estreito corredor a procura de Lily Trimble. O ator que interpreta Banquo passa na nossa frente, usando apenas um roupão, sem a mínima vergonha.

— Olá, queridas — saúda, nos olhando de cima a baixo.

— Nós gostamos muito de sua interpretação — diz Ann, séria.

— Minha próxima interpretação será em meu camarim. Gostaria de assistir? Você é realmente encantadora.

— Estamos procurando a senhorita Trimble — informa Felicity, com os olhos entrecerrados.

O sorriso do homem esmaece quase por completo.

— No camarim da esquerda. Se mudarem de idéia, eu estou no da direita.

— Que audácia dele — diz Felicity, soltando faíscas e nos puxando pelo corredor.

— O que quer dizer? — pergunta Ann.

Felicity caminha a grandes passos e mal conseguimos acompanhá-la.

— Ele te fez uma proposta indecente, Ann.

— Para mim? — pergunta Ann, com os olhos arregalados. Um sorriso ilumina em um instante seu rosto. — Que maravilha!

Por fim, chegamos à porta de Lily Trimble. Batemos e esperamos que alguém nos responda. É uma servente quem nos atende, ela tem os braços cheios de vestidos. Entrego meu cartão a ela. É apenas um cartão simples de uma loja, mas isso não importa, por que seus olhos se abrem arregalam quando lê a ilusão que contêm.

— Peço que me perdoe, Sua Graça — diz, com uma pequena reverência. — Aguarde um minuto.

— O que você colocou nesse cartão? — pergunta Felicity.

— Algo que nos permita entrar.

A servente retorna.

— Por aqui, por favor.

Passamos pelo camarim de Lily Trimble, e damos uma olhada em seu sofá cor de damasco, a lâmpada com um lenço de seda vermelha em cima, o biombo coberto com uma coleção de vestidos de seda e meias expostas descaradamente; e a vaidade, representada por toda uma variedade de cremes e perfumes junto a uma escova de prata e um espelho de mão.

— Senhorita Trimble, as senhoritas Doyle, Worthington e Washbrad desejam conhecê-la — informa a servente.

Uma voz esfumada e familiar fala por trás do biombo.

— Obrigada, Tillie. E por favor, querida, veja se pode fazer algo com esta peruca. Parece um ninho de vespas.

— Sim, senhorita — responde Tillie, antes de abandonar o cômodo.

Lily Trimble surge por trás do biombo vestida com um roupão de veludo azul escuro que

circunda sua cintura com um laço do qual pende um pingente de ouro. Seu cabelo longo e solto não era mais do que uma peruca; seu verdadeiro cabelo — de um mogno apagado — está recolhido em uma simples trança. Ann fica de boca aberta, oprimida por estar em frente à semelhante estrela. Quando a senhorita Trimble pega sua mão, Ann faz uma reverência como se estivesse na presença de uma rainha.

A risada da atriz é tão densa quanto fumaça de cigarro, e tão embriagadora quanto.

— Uma recepção um tanto exagerada, não acha? — Brinca com um forte sotaque americano. — Confesso que não tive o prazer de conhecer muitas duquesas. Qual de vocês é a Duquesa Doyle?

Felicity me dá um sorriso travesso pela minha mentira, mas Lily Trimble me parece tão honesta que acaba sendo impossível para eu mentir.

— Tenho que fazer uma confissão. Lamento muito, mas nenhuma de nós é uma duquesa.

Lily Trimble levanta uma sobrancelha.

— Não me diga!

— Somos alunas da Academia Spence para senhoritas.

— Meu Deus. A educação das damas mudou drasticamente desde o meu tempo. Não que o meu tempo tenha sido há muito tempo atrás.

— Nós achamos você a melhor atriz do mundo inteiro, e nós simplesmente tínhamos que conhecê-la! — Ann deixa escapar.

— E quantas atrizes você já viu? — Senhorita Trimble pergunta. Ela observa Ann se ruborizar. — Mmm, como eu pensava. — Senta-se diante do espelho e esfrega creme pelo rosto com prática.

— Nossa Ann, er, Nan é muito talentosa — eu digo, precipitando-me.

— É mesmo? — Senhorita Trimble não se vira.

— Oh, sim, ela canta maravilhosamente — Felicity acrescenta.

Ann olha para nós, horrorizada, e por um momento, a ilusão enfraquece. Eu balanço minha cabeça e sorrio para ela. Vejo-a fechar seus olhos, por um instante, e tudo volta a ser como antes. Lily Trimble abre uma caixa de prata e tira um cigarro. O choque registra em nossos rostos. Nós nunca vimos uma mulher fumar. É terrivelmente escandaloso. Ela coloca o cigarro entre os lábios e o acende.

— E eu suponho que você gostaria que eu te garantisse uma vaga na companhia?

— Oh, eu n-n-não poderia p-pedir coisa semelhante — Ann gagueja, com o rosto vermelho.

— Pela minha experiência, minha querida, se você não perguntar, você não consegue.

Ann mal consegue que as palavras saiam de seus lábios.

— Eu gostaria de... tentar.

A atriz avalia nossa amiga através da fumaça de seu cigarro.

— Você é bastante bonita para estar em um palco. Eu também era muito bonita na sua idade.

Ela puxa seu cabelo para frente e o segura com força com uma mão enquanto penteia as

longas pontas com a outra.

— Ninguém é tão bonita quanto você, senhorita Trimble.

Outra risada esfumaçada escapa dos seus lábios.

— Vamos, vamos, não precisa atuar na minha frente, querida. Mantenha suas boas maneiras. E falando em boas maneiras, o que sua mãe diria se soubesse disso?

Ann limpa sua garganta, com cautela.

— Não tenho mãe. Não tenho ninguém.

Lily fuma seu cigarro, pensativamente, e solta uma nuvem de fumaça.

— A mão que mais nos sustenta é a nossa própria — Se contempla no espelho e, através dele, sustenta o olhar de Ann. — Senhorita, Washbrad, esta vida não é para os fracos de coração. É uma vida de tormentos. Não tenho marido, nem filhos. Mas minha vida me pertence. E também os aplausos e a veneração. Isso ajuda uma menina a se aquecer durante a noite.

— Sim. Obrigada — consegue dizer Ann.

Lily a observa durante uns instantes. Volta a fumar seu cigarro. Suas palavras surgem com uma nuvem de fumaça difusa.

— Está certa que é isso o que quer?

— Oh, sim! — responde Ann.

— Uma resposta rápida — Tamborila seus dedos em sua penteadeira. — As respostas rápidas normalmente trazem rápidos arrependimentos. Sem dúvida voltará para sua escola de boas maneiras, conhecerá um homem respeitável em um baile pela tarde e se esquecerá de tudo isso.

— Não, isso não acontecerá — responde Ann.

Há algo em sua resposta que não pode ser ignorado.

Lily assente.

— Muito bem. Organizarei um encontro com o senhor Katz.

— O senhor Katz? — repete Ann.

Lily Trimble coloca o cigarro em um cinzeiro de bronze, onde arde enquanto ela se ocupa de seus cabelos.

— Sim, o senhor Katz. É proprietário de nossa companhia.

— É judeu? — pergunta Ann.

No espelho, a senhorita Trimble entrecerra os olhos.

— Tem alguma objeção contra os judeus, senhorita Washbord?

— N-n-não, senhorita. Eu acho, já que nunca conheci nenhum.

A atriz ri com vontade e cada vez mais forte. Seu rosto se cobre com uma máscara agradável.

— Terá a oportunidade de conhecer muitos. De fato, está falando com um deles.

— Você é judia? — pergunta Felicity. — Não parece.

Lily Trimble levanta uma sobrancelha perfeitamente delineada e sustenta o olhar de Felicity até que minha amiga se ver obrigada a afastar o olhar. Em poucas ocasiões, vi Fee

intimidada. É um momento de pura felicidade, e o aproveito imensamente.

— Lilith Trosky, da rua Orchard, Nova York. Sugeri que Trimble seria um nome mais adequado para o palco e os espectadores bem educados que gostam de assistir as performances de atrizes famosas — comenta, laconicamente.

— Está nos enganando — diz Felicity, desafiando-a.

Lily a observa com muito cuidado.

— Todo mundo tenta ser o que não é, senhorita Worthless[21]. E tenho sorte de me paguem para isso.

— Meu nome é Worthington — corrige Felicity, com os dentes tão cerrados quanto os de um soldado.

— Worthless, Worthington. Sinceramente, não vejo diferença. As pessoas da sua classe social são todas iguais. Ei, Nannie, seja uma boa menina e pegue essas meias para mim.

Ann, a garota que mal consegue pronunciar a palavra "meias", corre para pegar as de Lily Trimble. E a coloca nas mãos da mulher com uma reverência reservada a realeza e aos deuses.

— Aqui está, senhorita Trimble — diz.

— Obrigada, querida. É melhor vocês irem embora. Um admirador me espera. Enviarei uma nota a respeito da entrevista. Academia Spence, você disse?

— Sim, senhorita Trimble.

— Muito bem. Até então, reconsidere a idéia de que nem tudo que reluz é ouro — Ann franze o cenho sem compreender, até que Lily explique. — Cuide de si mesma. — Lança um olhar fulminante para Felicity e para mim. — Por alguma razão, acredito que vá precisar.

***

Dois cavalheiros que carregam uma lona enorme passam por nosso lado, e aproveitamos para fugir um pouco mais da mãe de Felicity. Visto de perto, não parece nenhum pouco com a floresta de Birnam, só contém manchas e sujeira. Ann não parou de falar de Lily Trimble desde que saímos do camarim.

— Ela não é muito inteligente, não concordam? *Todo mundo tentar ser o que não é.*

Repete as palavras da senhorita Trimble, como um papagaio, imitando seu inequívoco sotaque americano. Embora eu ainda não consiga dizer se esse hábito é preocupante ou simpático.

— Pois eu a achei vulgar — diz Felicity, com um tom desdenhoso — e muito teatral.

— É uma atriz! Ser teatral faz parte do seu caráter. — protesta Ann.

— Espere que não seja parte do seu. Seria insuportável — zomba Felicity. — Ann, você não estava dizendo a sério sobre o teatro, certo?

— E por que não? — responde ela, com um tom de voz abatido e com sua alegria se desvanecendo.

---

[21] N/T: Aqui, Lily está, provavelmente, tentando humilhar Felicity ainda mais, já que "worthless" significa "inútil", "desprezível".

— Porque isso não é para uma garota decente. Ela é uma atriz.

Felicity pronuncia a última palavra com desprezo.

— E que outra opção eu tenho? Ser uma governanta pelo resto da minha vida?

— É claro que não — digo, olhando fixamente para Felicity.

Apesar de suas boas intenções, Felicity não compreende o dilema de Ann. Ela não percebe que a vida de Ann é uma armadilha difícil de se escapar.

Chegamos ao saguão, onde ainda há um grande número de pessoas reunido. Na nossa frente, está a senhora Worthington, nos procurando.

— De qualquer forma, você tem um problema ainda maior, Nannie — diz Felicity, empregando de forma deliberada o diminutivo que a senhorita Trimble lhe deu. — Você se apresentou para ela com o rosto de outra garota, o de Nan Washbrad. É ela quem esperam ver, e não Ann Bradshaw. Como você vai superar esse obstáculo?

Os lábios de Ann tremem.

— Suponho que eles não querem uma garota como eu, meu verdadeiro eu, no palco.

Toda a confiança em si mesmo que ela tinha acumulado desaparece em um golpe e a ilusão de Nan Washbrad pisca.

— Ann — advirto.

É inútil. A certeza do que fez, as complicações que isso envolve, ganham. Não pode voltar a ser Ann; nem aqui, nem agora. Seria um verdadeiro desastre.

— Ann, a sua ilusão está desaparecendo — sussurro, com urgência, e a empurro para trás de uma cortina de veludo.

Seus olhos se abrem, aterrorizados.

— Oh! Oh, não!

Seu cabelo passa de um negro lustroso para um castanho opaco. O vestido que tinha criado para si mesma se transforma em um de lã cinza fosco. Observamos com horror como esta transformação começa nas mangas e se estende rapidamente até o corpete.

— Se minha mãe te ver desta forma, vai arruinar tudo — grunhe Felicity.

— Ann, você tem que se transformar novamente — digo, com o coração batendo fortemente.

— Não posso! Não consigo visualizar!

Está muito assustada. A magia não surtirá efeito. Seu vestido adquiriu sua forma original. Seu chapéu desapareceu. Tenho que fazer algo para deter e logo. Sem pedir, pego suas mãos e obrigo a magia a entrar nela enquanto imagino Nan Washbrad na minha frente.

— Funciona — sussurra Ann.

Ann acaba o que eu comecei e, em poucos segundos, Nan está novamente junto a nós, com seu lindo chapéu caramelo mais uma vez mais sobre a cabeça.

— Obrigada, Gemma — diz, tremendo, enquanto saímos de trás da cortina.

— Estão aqui — ronrona a senhora Worthington. — Pensei que tivesse perdido vocês. É muito estranho, pois eu estava certa de que tinha visto Madame LaCroix, mas quando a alcancei, não parecia nenhum pouco com ela. Vamos?

***

Na rua, um homem coberto com um cartaz anuncia uma exposição no Salão Egípcio.

— Incrível e assustador! Vejam o maior espetáculo de todos! Trazido de Paris, França, o evento só se apresentará uma única semana no Salão Egípcio. O espetáculo da lanterna mágica dos assombrosos irmãos Wolfson. Imagens em movimento! Preparem para desfrutar! Suas expectativas vão além de seus sonhos mais ousados! Aqui está, senhorita, não deve perder.

Entrega-me um folheto. *Os Irmãos Wolfson apresentam: Os Ritos da Primavera. Fantasmas.*

— Obrigada — respondo e o guardo dobrado em meu bolso.

— Oh, não.

Felicity para, surpresa.

— O que é? — pergunto.

— Lady Denby e lady Markham — sussurra, dirigindo seu olhar para a rua acima.

Observo-as entre a multidão noturna.

Lady Denby, a mãe de Simon Middleton, é uma mulher imponente, tanto por sua aparência quanto por sua reputação. Hoje usa um dos seus famosos chapéus com abas grandes o suficiente para bloquearem o sol, e caminha com um passo rápido, como um herói naval. Lady Markham está mais seca do que um pau e tenta manter o passo de sua amiga. Caminha consentindo com tudo que Lady Denby diz.

Ann emite um breve suspiro. Foi Lady Denby quem descobriu a farsa de Ann no Natal passado, principalmente para humilhar a senhora Worthington. Seguro a minha amiga pelo braço para que se tranqüilize. Não quero arriscar ter outro acidente com a magia.

— Lady Markham, lady Denby — cumprimenta a senhora Worthington, toda sorrisos. — Estou encantada em encontrá-las. Que surpresa tão encantadora!

— Sim. Que ótima surpresa.

Lady Markham não dá a mão para a senhora Worthington. Em vez disso, dirige um olhar para a mãe de Simon.

— Boa tarde, senhora Worthington — cumprimenta Lady Denby, sem sorrir.

— Acabamos de sair do teatro e íamos tomar um chá. Gostariam de se unir conosco? — pergunta a senhora Worthington, ruborizando-se ante o desprezo.

— Pois... — começa a dizer Lady Markham, dirigindo um olhar frugal para Felicity.

— Lamento que não possa ser — responde Lady Denby por ela. — Minha querida prima, Lucy Fairchild, chegou dos Estados Unidos e estou ansiosa para apresentá-la à Lady Markham.

— Claro, é claro — O sorriso da senhora Worthington é vacilante. O desespero se reflete em sua voz. — Lady Markham, eu pensei que Felicity e eu pudéssemos fazer-lhe uma visita na Páscoa, se você puder nos receber.

Lady Markham se agita e dirige o olhar para sua imperiosa amiga.

— Sim, bom, tenho muitos compromissos; terei de ver.

Os pensamentos de Lady Denby se intrometem entre os meus: *É isso que acontece quando não seguem as regras. Sua filha pagará pelo que fez. Ninguém a apresentará para a sociedade, e ela perderá a herança.*

Tenho vontade de esbofetear Lady Denby. Como pude pensar que era uma boa mulher? É mesquinha e controladora, e não vou permitir que arruíne a vida da minha amiga.

Eu me armo com coragem e fecho os olhos para enviar uma mensagem para lady Markham: *Felicity Worthington é uma garota maravilhosa. Você quer apresentá-la... não, você insiste em apresentá-la na corte. E isso merece uma esplêndida festa.*

— Mas eu ficaria encantada em recebê-las — diz, de repente, lady Markham com o rosto iluminado. — E como está nossa querida Felicity? Oh, que bonita está, meu Deus!

Felicity fica com cara de quem levou vários livros na cabeça. Esboça um sorriso vacilante.

— Estou bem, obrigada, Lady Markham.

— É claro que está. Espero que me visite na Páscoa para podermos falar de sua apresentação na sociedade... e de uma festa!

— *Lady Markham, nós temos de ir, agora* — diz Lady Denby, com a mandíbula apertada.

— Tenham um bom dia — despede-se alegremente Lady Markham.

Lady Denby vai embora imediatamente, obrigando sua amiga a ir atrás dela.

***

Estamos todas de bom humor quando entramos no trem que nos levará de volta para Spence. A senhora Worthington, bastante aliviada, conversa animadamente com Mademoiselle LeFarge, que permanece agarrada a suas poucas compras. As pérolas roubadas de Cecily brilham em seu pescoço.

— Eu queria poder lembrar da expressão de Lady Denby para sempre — diz Felicity.

— Foi bastante gratificante, não foi? — respondo.

— "Lady Markham, nós temos de ir, agora" — Ann imita perfeitamente o tom pomposo da voz de Lady Denby.

— Gemma, por que você guardou essa porcaria? — pergunta Fee, apontando para o folheto do Salão Egípcio.

— Não é porcaria — respondo, com uma falsa sinceridade. — Temos os Irmãos Wolfson e seus fantasmas!

Ann levanta uma sobrancelha.

— Eu me atreveria a dizer que não há nada comparável aos reinos.

— Mas, ainda há mais! — protesto.

Em uma letra miúda, há uma lista doe outros participantes que se apresentarão no Salão Egípcio, cujos nomes decrescem de tamanho segundo sua ordem de importância. Leio, um a um, provocando risadas de Felicity e Ann.

No final, está o nome do doutor Theodore Van Ripple, mestre ilusionista.

20

FELICITY EXAMINA O FOLHETO NA LUZ DO FOGO.

— Temos que ir ao Salão Egípcio.

— E como vamos fazer isso? — pergunta Ann.

Apesar de ainda ter sobrado um pouco de magia nela, ela deixou de ser Nan, e agora só tem o suficiente para deixar seus olhos mais brilhantes. Como a princesa de um conto de fadas que é condenada a dormir eternamente, e que finalmente desperta.

— Gemma, você pode fazer com que toda a Academia caia em um sono profundo, ou controlá-las para que ninguém note nossa presença... ou transmitir para Nightwing a idéia de que deve insistir para que nós assistamos e ela nos levar?

— Eu estava pensando em pedir a Mademoiselle LeFarge que nos acompanhe. Ela adora esse tipo de coisa.

— Oh! — exclama Ann, desapontada.

Felicity desembrulha um caramelo e o coloca em sua língua.

— E você acha que esse tal doutor Van Ripple pode nos dizer algo sobre a senhorita das suas visões?

— Espero que sim. Eu vi os dois juntos. Talvez ele também saiba algo sobre a Árvore de Todas as Almas.

— Vocês ouviram isso? — pergunta Ann.

Um som de cavalos se aproximando. São nove em ponto. Não posso imaginar quem se atreveria a visitar a Academia a tal hora.

— Senhora Nightwing, uma carruagem! — grita uma das meninas mais novas.

Afastamos as cortinas e olhamos para fora. O veículo se aproxima. As serventes se precipitam para o exterior com suas velas e formam uma fila na frente da porta. As garotas suplicam para poder sair também e a senhora Nightwing nos dá seu consentimento.

O ar frio da noite sobe por meu pescoço, me fazendo cócegas, e chega a minhas orelhas para sussurrar segredos que só o vento conhece. A poeira na trilha se levanta. A carruagem para e o cocheiro põe uma escadinha na frente da porta. A passageira desce do veículo; se trata de uma mulher magra e vestida com um traje cinza azulado. Levanta a cabeça para dar

uma olhada na escola e, em seguida, reconheço-a; os olhos escuros e penetrantes sob sobrancelhas negras; a boca pequena que se estende sob um rosto de feições marcadas; e a sigilosa elegância de uma pantera. Senhorita Claire McCleethy voltou.

Cumprimenta nossa diretora com um sorriso apertado.

— Boa noite, Lilian. Desculpe por chegar tão tarde, mas as estradas estavam enlameadas.

— Não tem problema agora que está aqui — responde a senhora Nightwing.

As serventes se ocupam, correndo, enquanto Brigid grita várias ordens e convida o cocheiro para entrar na cozinha pela parte de trás para comer alguma coisa. As garotas mais jovens correm para cumprimentar a senhorita McCleethy. Tento passar despercebida, mas, como sou alta, é impossível me esconder durante muito tempo. Os olhos da senhorita McCleethy encontram os meus, o que faz com que meu coração bata mais rápido.

— Senhoritas, permito que fiquem mais uma hora para que possam dar as boas-vindas decentes à nossa senhorita McCleethy — anuncia a senhora Nightwing, seguida por aplausos de alegria.

O fogo do grande salão é reacendido. Chás e biscoitos são servidos. Brindamos pelo regresso da senhorita McCleethy e as garotas contam histórias de Spence para ela; a próxima temporada de Londres e as fantasias que usarão no baile de máscaras. A senhorita McCleethy escuta tudo sem dizer uma palavra sobre si mesma ou sobre seu paradeiro durante os últimos três meses.

Às dez e meia, a senhora Nightwing anuncia que é hora de irmos para a cama. Relutantemente, as garotas desfilam até as escadarias. Eu estou chegando à elas quando senhorita McCleethy me pára.

— Senhorita Doyle, pode aguardar um momento?

Felicity, Ann e eu trocamos um olhar furtivo.

— Sim, senhorita McCleethy.

Engulo o nó que tenho em minha garganta e observo minhas amigas subindo as escadas que levam a um lugar seguro, enquanto eu devo permanecer junto ao inimigo.

A senhorita McCleethy e eu sentamos em um divã de veludo no salão de convidados, onde o relógio de bronze que descansa sobre a lareira marca os segundos em um insuportável silêncio. A senhorita McCleethy volta seus olhos para mim e começo a suar.

— Que alegria estar de novo em Spence — diz.

— Sim. Os jardins estão lindos — respondo.

É como jogar tênis em uma quadra de grama, nenhuma de nós devolve a mesma bola.

Tic tac, tic tac, tic tac.

— Espero que esteja entusiasmada com a chegada de sua temporada social.

— Sim, muito.

Tic. Tac. Tic.

— Eu gostaria de falar com você sobre outro assunto. O assunto dos Reinos.

Tac.

— Senhorita Doyle, eu dei início a tarefa de encontrar os últimos membros da Ordem.

Não sei quantos conseguiram sobreviver, ou que tipo de poderes têm, mas eu espero que, logo, nós possamos voltar aos Reinos e reconstruir a nossa Ordem.

Tic-tac-tic-tac-tic-tac.

A senhorita McCleethy aperta os lábios e tenta esboçar algo parecido com um sorriso.

— Então, como pode ver, eu estive tentando ajudá-la este tempo todo.

— Você esteve tentando ajudar a si mesma — corrijo.

— Você acha isso? — dirige para mim seu olhar penetrante. — Espero que não tenha tido problema com os Rakshana.

— Não — respondo, surpresa.

— E não se pergunta por quê?

— Eu...

— Graças a mim, senhorita Doyle. *Eu* os mantive distantes com meus próprios meios, mas não posso mantê-los afastados de você para sempre.

— E como você conseguiu deter os Rakshana?

— Você acha que eu os deixei nas mãos do azar? Temos espiões entre eles, da mesma forma que eles têm os seus entre nós — diz, e, de repente, sinto um peso no estômago ao lembrar da última e terrível missão de Kartik para os Rakshana. A Irmandade ordenou que ele me matasse. — Devo lhe lembrar que não é a primeira vez que você julga errado.

— O que você quer de mim? — espeto.

— Senhorita Doyle. Gemma. Talvez você ainda não entenda, mas sou sua amiga e quero muito ajudá-la... se você permitir.

Gentilmente, ela põe uma mão em meu ombro. Eu queria que esse pequeno gesto maternal não exercesse nenhum poder sobre mim, mas exerce. É curioso como você não sente falta de afeto até ele lhe ser oferecido e, quando isso acontece, é como se nunca tivesse o bastante; você tem vontade de se fundir nele, se fosse possível.

Pisco, surpreendida com minhas próprias lágrimas.

— Você disse para eu não te obrigar a se tornar minha inimiga.

— Falei precipitadamente. Estava desapontada porque você não quis vir conosco — A senhorita McCleethy pega minha mão entre as suas. Tem as mãos ossudas e excessivamente leves, como se não estivesse acostumada a sustentar outras mãos. — Você foi capaz de fazer o que ninguém antes foi capaz. Foi capaz de abrir os reinos mais uma vez. Derrotou Circe por nós.

Ao escutar o nome de Circe, meu coração se acelera. Fixo meus olhos em um grande ponto marrom, onde a madeira do chão está deformada.

— E o que acontecerá com minhas amigas? O que acontecerá com Felicity e Ann?

A senhorita McCleethy solta minhas mãos. Ela anda pelo cômodo com os dedos entrelaçados nas costas, como um padre meditando.

— Se os reinos não as escolherem, não há nada que se possa fazer a respeito. Não estão destinadas a levar esse tipo de vida.

— Mas são minhas amigas — digo. — Elas me ajudaram, assim como algumas das tribos

e criaturas que vivem nos Reinos.

A senhorita McCleethy passa o dedo por uma partícula de poeira invisível na mesa.

— Não podem se unir a nós. Sinto muito.

— Mas não posso dar-lhes as costas.

— Sua lealdade é impressionante, Gemma, realmente é. Mas está fora de questão. Imagine se seus papéis fossem trocados e elas fossem as escolhidas para serem membros da Ordem, elas pensariam duas vezes antes de te abandonar?

— Elas são minhas amigas — respondo.

— São suas amigas por causa de seu poder. Eu vi como o poder muda tudo — A senhorita McCleethy senta-se em uma grande cadeira à minha frente, sustentando meu olhar. — Sua mãe lutou bravamente por nossa causa. Você não vai querer manchar seu nome, ou decepcioná-la, não é?

— Você não tem o direito de falar da minha mãe.

Meu cabelo cai sobre meu rosto. Com um gesto furioso coloco-o atrás da minha orelha, mas volta a cair.

A senhorita McCleethy fala com voz grave e segura.

— E por que não? Ela era uma de nós; uma irmã da Ordem. Morreu para proteger você, Gemma. Quis honrar sua memória cuidando de você.

— Ela não queria que eu fizesse parte da Ordem. Por isso se escondeu na Índia.

Com suavidade, a senhorita McCleethy põe aquela mecha de cabelo solto para trás da minha orelha, que tem a ousadia de ficar onde ela deixou.

— No entanto, ela pediu que seu pai a enviasse para onde tudo aconteceu.

Eu estava tão segura dias atrás, agora meus pensamentos nadam em um mar de dúvidas, e eu não consigo ver com claridade. E se elas têm razão e eu estou errada?

— O que você vai fazer, Gemma? Como vai fazer tudo sozinha?

— Você passou vinte e cinco anos sem visitar os reinos — digo, recobrando-me novamente. — É a única que não sabe como estão agora.

Ela fica tensa. Em seus lábios aparece um sorriso maternal.

— Você faria bem em me escutar, senhorita Doyle. Você acha que pode se mostrar generosa com essas criaturas, e até mesmo amigável, ou unir-se a elas, mas você está errada. Não tem nem ideia dos atos horríveis que são capazes de cometer. Elas vão traí-la. *Nós* somos suas amigas, sua família. Só há um caminho: o nosso; e é ele que deve ser seguido.

O relógio continua com o seu constante *tic-tac*. O ponto marrom na madeira parece ficar maior. Sinto os olhos da senhorita McCleethy cravados em mim, desafiando-me a olhá-la. Sua voz se suaviza novamente até se tornar um sussurro maternal.

— Gemma, durante gerações nós fomos as protetoras da magia. Nós compreendemos sua complexidade. Deixe-nos suportar este fardo. Entre na Ordem como uma de nós. Você estará no lugar certo.

— E seu eu não quiser?

A voz dela se torna tão afiada quanto uma navalha.

— Então, eu não poderei mais protegê-la.

Ela quer me assustar, mas eu não me darei por vencida tão facilmente.

— Senhorita McCleethy, tenho que confessar algo. — digo, ainda com o olhar cravado no chão. — Não posso entrar nos reinos. Não mais.

— O que quer dizer?

Obrigo-me a olhá-la nos olhos.

— Eu tentei, mas o poder me abandonou. Estava com medo de lhe dizer isso; não sou quem você acha que eu sou. Sinto muito.

— Mas eu achei que você tinha recuperado a magia.

— Eu também achei, mas estava errada. Pode ser que, depois de tudo, não estivesse em mim.

— Entendo — diz.

Durante o pior momento da minha vida, McCleethy sustenta meu olhar enquanto tento, desesperadamente, não piscar, ao mesmo tempo em que o relógio mede nosso ódio em palavras com seus tics e tacs. Por fim, volta sua atenção para um anjo de cerâmica que descansa na borda de uma mesa próxima.

— Senhorita Doyle, se estiver mentindo, acabarei descobrindo. Tal poder não pode ser ocultado tão facilmente.

— Lamento havê-la decepcionado — respondo.

— Não tanto quanto eu.

Ela tenta empurrar o anjo mais para o centro da mesa e, por pouco, ele não cai no chão. Depois de oscilar precariamente, ele se estabiliza.

— Posso ir me deitar? — pergunto.

Ela me libera com um aceno da mão.

***

— Gemma. Shsssss — Felicity me chama. Ela está escondida na cama com Ann. Surge dali como uma caixinha de surpresas.

— O que aconteceu? A senhorita McCleethy cravou suas presas em você?

— Pode se dizer que sim. — respondo enquanto tiro minhas botas. Afrouxo os pequenos laços dos ganchinhos. — Queria que eu aceitasse ser um membro da Ordem e que acatasse suas normas.

— Quer dizer, que ela queria que você desse todo seu poder — zomba Felicity.

— Ela mencionou nos aceitar na Ordem? — pergunta Ann.

— Não — respondo e atiro as meias no chão com um grunhido. — Só querem a mim.

Felicity entrecerra os olhos.

— Você disse que não, certo?

Não é só uma pergunta. É uma ordem.

— Eu disse que não tinha mais o poder e que não podia entrar nos reinos.

Felicity suspira, satisfeita.

— Bem feito, Gemma!

— Não tenho certeza se ela acreditou em mim — advirto. — Então devemos ter muito cuidado.

— Ela não vai ser problema nenhum para nós — Felicity pula da cama de Ann. — Até amanhã, *mes amies*!

— *Mawah meeno ne le plus poohlala* — digo com uma exagerada reverência.

Felicity ri.

— O que você disse?

— É o meu francês. Estou aperfeiçoando.

Ann dorme em poucos minutos, e eu fico contemplando as rachaduras do teto, que se bifurcam para a direita e para a esquerda. E se a senhorita McCleethy tem razão? E se os reinos não escolherem nem minhas amigas, nem as tribos da floresta? Quem é o culpado por isso? Mais uma vez, a senhorita McCleethy tentou me obrigar a levá-la até os reinos. Ela faria qualquer coisa para devolver os Reinos à Ordem.

Tantas decisões, tantas responsabilidades e nenhum caminho que eu consiga ver. Do outro lado da minha janela, as florestas estão cobertas pelo manto da escuridão, exceto pelas fogueiras do acampamento dos ciganos. Há um problema que eu posso resolver nesta noite, e não vou desistir até conseguir algumas respostas.

Desço as escadas sigilosamente, tentando não fazer barulho. As portas do grande salão estão entreabertas. Dentro ainda há uma luz acesa. Ouço o sussurro de duas vozes e me agacho para escutar.

— Tem certeza?

— É a única alternativa. Não podemos deixar ao azar. É muito arriscado.

— Você colocaria toda a sua fé neste plano? Não temos nenhuma prova de que...

— Não me questione. Não posso fazer isso sem sua ajuda.

— Sou leal. Sabe que sou.

— Eu sei.

A porta está aberta e me escondo atrás de um alto vaso de samambaias. Vejo a senhorita McCleethy e a senhora Nightwing subirem pelas escadas enquanto a chama de uma vela projeta suas sombras ao longo da parede e do teto, até que parecem estar em todos os lugares. Espero por um bom tempo até depois de ouvir o clique da porta. Quando tenho certeza de que já foram, corro silenciosamente até o acampamento dos ciganos.

Aproximo-me do acampamento às escondidas, em busca de uma boa forma de entrar. Queria ter trazido algumas sobras para acalmar os cachorros. Um ramo se quebra à minha direita e, de repente, alguém me joga no chão com força e o peso de seu corpo me imobiliza.

— Vou gritar — respondo, embora mal seja capaz de respirar.

— Senhorita Doyle! — Kartik me levanta do chão. — O que está fazendo aqui?

— E o que você... está fazendo, se jogando em cima de mim... como um... ladrão?

Eu tiro as folhas da minha saia e tento normalizar minha respiração.

— Sinto muito, mas você não deveria andar pelos bosques durante a noite. É perigoso.

— Já percebi — replico.

— Não respondeu minha pergunta. Por que está aqui?

— Estava te procurando — Ainda estou respirando entrecortadamente, mas não por que ele me jogou no chão. — Quero uma resposta e não sairei daqui sem ela.

— Não tenho nada para dizer — responde e começa a ir embora.

Sigo-o.

— Não pretendo te deixar ir. Preciso de sua ajuda. Espera, para onde estamos indo?

— Dar comida aos cavalos — responde, sem parar.

— A Ordem tem um plano secreto! — protesto.

— Isso não muda o fato que os cavalos estão famintos e tenho que dar-lhes comida. Pode me contar no caminho.

Ajusto meus passos aos seus.

— A senhorita McCleethy voltou esta noite.

— Então ela está aqui.

Kartik vira a cabeça em direção da Academia.

— Sim — respondo. — Ela está dormindo. Estamos a salvo.

— Não enquanto essa mulher estiver por perto. — Murmura Kartik, preocupado. — O que ela te disse?

— Queria que eu me unisse a Ordem, mas eu me neguei. E agora mesmo eu a ouvi conversando com a senhora Nightwing. Falavam sobre algo que planejavam fazer. Também disse que havia se encarregado de manter os Rakshanas afastados de mim, mas, se eu não me unisse a Ordem, não poderia continuar me protegendo. — Eu o olho de soslaio. — Ela tem um espião entre eles. Você sabe algo sobre isso?

Kartik não diminui o passo.

— Não são meu grupo. Não sou mais um Rakshana.

— Você não sabe de nada, então?

— Os Rakshanas acham que estou morto e quero que continue assim.

Paro.

— Por quê? O que quer dizer?

— É melhor não conversarmos sobre certos assuntos — diz e segue adiante até que tenho de correr para alcançá-lo novamente.

Chegamos a uma pequena clareira onde os cavalos estão amarrados. Kartik tira uma maçã de seu bolso e oferece um pedaço para uma égua manchada.

— Aqui, Freya. Desfrute. Esta é a égua de Ithal. É uma boa garota — diz enquanto acaricia seu focinho com suavidade. — Ela nunca dá problemas.

Cruzo meus braços.

— É isso que uma boa garota deve fazer? Não dar problemas?

Nega com a cabeça enquanto em seus lábios se desenha um sorriso.

— Não, isso é o que uma boa égua deve fazer.

— O que você acha sobre o que te contei?

Com a permissão de Freya, acaricio sua crina macia.

— Gemma... — começa a dizer. — Não deveria me falar nada mais sobre os reinos. Eu não sei mais sobre os segredos dos Rakshana.

— Mas eu...

— Por favor — diz, e algo em seus olhos me obriga a ficar em silêncio.

— Tudo bem, se é isso que você quer.

— Sim — responde, aliviado.

Um ouriço sai correndo de trás de um arbusto, me assustando. Ele passa como uma flecha, em nossa frente, parecendo ter muita pressa. Kartik aponta para a bolinha de pêlo.

— Não se preocupe, ele só saiu para encontrar com sua namorada.

— Como você sabe?

— Porque está usando seu melhor traje de ouriço.

— Ah, eu deveria ter percebido — respondo, contente por poder jogar esse jogo, seja qual for, com ele. Ponho uma mão no tronco de uma árvore e dou uma volta ao seu redor lentamente, deixando que meu corpo sinta o peso da gravidade. — E por que ele colocou seu melhor traje?

— Ele esteve longe, em Londres, sabe? E agora voltou para vê-la — continua Kartik.

— E se ela estiver brava com ele, por ter sido deixada sozinha por tanto tempo?

Kartik dá uma volta por trás de mim.

— Ela o perdoará.

— É mesmo? — pergunto, incisivamente.

— É o que ele espera, não era a intenção dele deixá-la triste — responde Kartik, e eu não sei se ainda estamos falando do ouriço.

— E ele está feliz em vê-la?

— Sim — diz Kartik. — Ele queria poder ficar mais tempo, mas não pode.

A casca da árvore machuca a palma da minha mão.

— E por quê?

— Ele tem seus próprios motivos, e espera que, um dia, ela entenda todos eles.

Kartik muda de direção, dando a volta pelo outro lado da árvore. Nós ficamos frente a frente. Um feixe da luz da lua passa pelos galhos e ilumina seu rosto.

— Oh — exclamo com o coração batendo com força.

— E o que a senhorita ouriço diria? — pergunta.

Sua voz é suave e grave.

— Ela diria... — eu engulo com dificuldade.

Kartik se aproxima ainda mais.

— Sim?

— Ela diria: — sussurro. — “Desculpe, mas não sou um ouriço. Eu sou uma marmota.”

Kartik esboça um sorriso triste.

— Ele tem sorte por ter encontrado uma namorada tão inteligente — diz, e eu sinto vontade de voltar no tempo e poder mudar minhas últimas palavras.

Damos outro pedaço de maçã para Freya, que engole com avidez. Kartik acaricia sua crina e ela, cheirando-o, estremece-se com sua carícia. Ao nosso redor, as criaturas noturnas fazem barulho. Estamos rodeados por uma sinfonia de grilos e rãs. Nenhum dos dois sente a necessidade de falar, e acredito que essa seja uma das melhores qualidades de Kartik. Podemos estar juntos e a sós.

— Bom, aí está — diz enquanto limpa as mãos em suas calças. — Não tenho nada mais para você, Freya.

Com um bocejo, Kartik estica seus braços. A camisa sai de dentro de suas calças, se levantando conforme ele se estica, e uma fina linha de pêlos negros aparece em seu estômago liso e musculoso.

— Vo-você parece cansado — Gaguejo, agradecida por ele não poder ver as minhas bochechas enrubescidas na escuridão. — Deveria ir dormir.

— Não! — responde. — Pensei em dar uma volta pelo lago, você pode vir comigo, se quiser.

— É claro — respondo, feliz por ele ter me convidado.

O lago molha a margem preguiçosamente, em um ritmo calmo e constante. Uma coruja ulula ao longe. A brisa leve agita meus cabelos contra meu rosto, fazendo cócegas. Kartik se senta, encostado contra uma árvore. Eu me sento a seu lado.

— O que você quis dizer quando falou que o seu destino não estava mais ligado ao meu? — pergunto.

— Achei que meu destino era ser um Rakshana. Mas eu estava errado. E agora já nem sei mais qual é o meu destino. Nem sequer sei se acredito em destino.

Por mais que eu tenha me irritado com a arrogância de Kartik, eu sinto falta disso nele, agora que está tão confuso. É difícil vê-lo tão perdido.

Nós ficamos em silêncio novamente. Seus olhos tremulam de sono, mas ele luta contra a vontade de dormir.

— Só tem uma coisa que eu preciso saber, e então eu nunca mais vou te perguntar: você viu Amar?

— Não. Eu juro.

Ele parece aliviado.

— Isso é bom. Muito bom.

Ele fecha os olhos e, depois de alguns segundos, adormece. Eu permaneço sentada ao lado dele, escutando sua respiração, olhando de soslaio suas belas feições: os longos cílios escuros, descansando sobre as altas maçãs do rosto; um nariz marcado que conduz até lábios delicados e carnudos. Eles dizem que uma dama não deveria sentir tais desejos, mas como não sentir? Eu teria que andar de olhos fechados pelo resto da vida para não desejar aqueles lábios.

Eu estendo uma mãos para eles, tentada a tocá-los. Kartik acorda repentinamente, assustado e ofegante. Eu solto um gritinho e ele agarra meus braços, me apertando cada vez mais.

— Kartik! — Exclamo, mas ele continua lutando comigo. — Kartik, pare!

Ele volta a si e me libera.

— Desculpe. É que eu tenho estes sonhos — diz, respirando entrecortadamente. — Estes horríveis sonhos.

— Que tipo de sonhos?

Eu ainda sinto os dedos dele em meus braços.

Ele passa as mãos, tremulas, pelos cabelos.

— Vejo Amar montado em um cavalo branco, mas ele não é a pessoa da qual eu me lembro. Ele parece uma daquelas horríveis criaturas amaldiçoadas. Eu tento correr atrás dele, mas não consigo alcançá-lo. A névoa fica mais densa e eu o perco de vista. Quando ela se dissipa, estou em um terreno frio e inóspito; um lugar lindo, mas perigoso. Um exército de almas perdidas emerge da névoa. Elas estão me olhando e me sinto muito poderoso. Mais poderoso do que poderia imaginar.

Ele apóia um braço em sua testa.

— E isso é tudo?

— Eu... — olha-me de soslaio. — Vejo seu rosto.

— Meu? Eu apareço nos seus sonhos?

Ele assente.

— Bem... E o que acontece depois?

— Você morre — responde, sem olhar para mim.

Os pêlos do meu braço se arrepiam.

— Como?

— Eu... — Ele para. — Não sei.

A brisa que vem do lago me produz um calafrio.

— É só um sonho.

— Eu acredito em sonhos. — Ele responde.

Eu pego suas mãos, sem me importar se ele vai me achar muito ousada com esse gesto.

— Kartik, por que você não vem aos reinos comigo e procura Amar? Assim você vai saber o que aconteceu com ele e, talvez, esses sonhos acabem.

— E se eles virarem realidade? — ele tira as mãos das minhas. — Não. Depois que eu pagar o que devo aos ciganos por terem me ajudado, seguirei para Bristol e embarcarei no *Orlando*.

Mantenho-me firme.

— Então você não vai nem tentar lutar? — pergunto e engulo a saliva para tentar dissipar o nó que se formou em minha garganta.

Kartik olha para frente.

— Faça a aliança sem mim, Gemma. Você estará bem sozinha.

— Estou cansada de ficar sozinha.

Enxugo minhas lágrimas e caminho para os bosques. Ao passar pelo acampamento dos ciganos, vejo Mãe Elena, que anda em direção a Academia, carregando um balde.

— O que está fazendo? — pergunto. Pego o balde de suas mãos e o líquido escuro ali dentro espirra pelas bordas. — O que é isso?

— O sinal deve ser feito com sangue — responde. — Serve para proteção.

— Foi você quem pintou a Ala Leste. Por quê?

— Se não nos protegermos, eles virão — responde.

— Quem virá?

— Os condenados. — Ela tenta pegar o balde das minhas mãos, mas eu o afasto ainda mais dela.

— Eu não vou passar mais uma manhã esfregando pedras — digo.

A Mãe Elena aperta seu xale ao redor do corpo.

— Dois caminhos! O selo foi quebrado. Por que Eugenia permitiria? Ela sabe... Ela sabe!

A noite terrível que tive luta para sair de mim como um cachorro maltratado, cansado de que zombem dele.

— Eugenia Spence está morta. Faz vinte e cinco anos que ela morreu. Você não vai fazer isso de novo, Mãe Elena, por que, se fizer, contarei para a senhora Nightwing que foi você, e será expulsa destes bosques para sempre. É isso é que você quer?

Ela franze o rosto.

— Você viu minha Carolina?

— Não — respondo, cansada.

— Ela sabe se esconder muito bem.

— Ela não... — Paro. É inútil tentar raciocinar com ela. Está louca e acho que, se continuar conversando com ela, também enlouquecerei. Esvazio o balde na grama e o devolvo. — Não faça mais isso, Mãe Elena.

— Eles virão — grunhe, enquanto se afasta, mancando, com o balde vazio batendo contra seus braceletes, soando como sinos.

Na volta para Spence começo a sentir frio e me amaldiçoo por não ter pego um xale. Só uma dentre as muitas besteiras que fiz; como tentar convencer Kartik. Algo passa voando pela minha cabeça e me faz soltar um grito.

Caw-Caw, grasna. É só um maldito corvo. Ele pousa no jardim de rosas e pica as flores.

— Fora, fora!

Assusto-o, agitando minha saia, e ele sai voando. De repente, algo chama minha atenção: uma camada de gelo queimou vários botões de rosas. As flores jazem mortas em suas hastes, meio abertas e roxas, por causa do frio.

Caw-Caw.

O corvo pousa na torre da Ala Leste e me olha. E então, ante meus olhos atônitos, sobrevoa o lugar onde fica a entrada secreta para os reinos e desaparece dentro dela.

21

NA NOITE SEGUINTE, NOSSA ÚLTIMA NOITE em Spence antes da Páscoa, nós estávamos desesperadas para entrar novamente nos reinos. Não vou nem tentar conjurar a porta de luz sozinha, não vale a pena se esforçar quando a única coisa que conseguirei é me decepcionar ainda mais, principalmente sabendo que temos uma outra rota que nunca falha. Quando temos certeza que as professoras já foram dormir, corremos para a porta secreta da Ala Leste e nos dirigimos às Terras Fronteiriças. Não queremos mais ficar no jardim. Parece um pouco infantil ficar em um lugar onde nós transformamos pedras em borboletas, como menininhas fazem. Agora nós sonhamos com o azul-crepúsculo das Terras Fronteiriças, com suas flores almiscaradas; e a atração magnética das Terras Invernais. Encontramos-nos cada vez mais próximas daquele imponente muro que nos separa do vasto desconhecido.

Até o castelo parece menos ameaçador. A exuberância da beladona — que floresce em seus muros proporcionando-lhe cor, como um salão de Mayfair recoberto pelo mais exótico papel de parede. Atravessamos as portas cobertas de parreiras gritando o nome de Pip. Ela corre ao nosso encontro, gritando de alegria.

— Finalmente estão aqui! Senhoritas! Senhoritas, nossa encantadora festa já pode começar!

Depois que a magia nos une em uma feliz comunhão, a noite é nossa. A festa se estende para fora do castelo, até o bosque tingido de azul. Entre risadas, brincamos de esconde-esconde por trás dos abetos e arbustos de bagas, correndo alegremente atrás das videiras enredadas, que se entrecruzam na terra gelada. Ann começa a cantar. Sua voz é adorável, mas aqui, nos reinos, alcança uma liberdade que não tem em nosso mundo. Canta sem medos, e a música é como vinho, afastando nossas preocupações.

Bassie e as garotas da fábrica a aplaudem com entusiasmo, não com o aplauso educado e solene dos bailes, mas sim com gritos ruidosos e alegres do Music Hall. Bessie, Mae e Mercy estão banhadas em glamour; usando vestidos, jóias e sapatos extravagantes. Elas nunca foram tão elegantes e não importa se é só por causa da magia; elas acreditam e acreditar muda tudo. Temos direito de sonhar e acredito que esse é o maior poder da magia: a noção de

que somos capazes de arrancar possibilidades das árvores como frutas maduras. Transbordamos de esperança. A transformação nos enche de vida. Podemos ser o que quisermos.

— Então, sou uma dama? — pergunta Mae, pavoneando-se com sua nova saia azul. Bessie a empurra com gesto afetado.

— A Rainha da Maldita Sheba! — Ela ri com voz rouca.

Mae lhe devolve o empurrão com menos amabilidade.

— Ah! E você é o que? O Príncipe Albert?

— Ei! — repreende Mercy — Já chega, este é para ser um dia feliz, certo?

Felicity e Pip dançam uma valsa de forma cômica. Uma fingindo ser o senhor *Mortalmente Aborrecido* e a outra a *Senhora Tola*. Com uma ridícula voz de uma pessoa formalista, Felicity tagarela sobre a caça à raposa.

— A raposa deveria estar grata por enfrentar nossas armas, pois elas são as melhores armas em toda sociedade experimentadas em sua humilde silhueta. Que sorte de fato!

Enquanto Pip batia suas pestanas e dizia:

— Pois bem, senhor Mortalmente Aborrecido, se você diz que é assim, então *deve* ser assim, pois tenho certeza que não tenho nenhuma opinião própria a respeito deste assunto.

É como se Punch e Judy[22] tivessem voltado a vida, e nós rimos até lágrimas escorrerem de nossos olhos. Apesar do diálogo ridículo, elas se movem elegantemente pelo gramado. Com uma graça incrível, uma antecipa os passos da outra, dando voltas e mais voltas, com as pedras preciosas de Pip reluzindo com o pó.

Pippa dá algumas voltas e nos convida para dançar, alternadamente, enquanto canta versos animados.

— Oh, tenho um amor, verdadeiro, verdadeiro amor, que me aguarda na longínqua costa...

Felicity ri.

— Oh! Pip!

É o estimulo que Pippa precisava. Ainda cantando, arrasta Felicity para outra dança.

— E se meu amor deixar de ser meu amor, deixarei de viver...

Na verdade, Pip está encantadora; irresistível. Nem sempre nos damos bem; ela pode ser tão chata quanto agradável. Mas salvou estas garotas de um terrível destino. Ela as salvou das Terras Invernais, e diz que vai cuidar delas. A velha Pip nunca teria sido capaz de olhar além de seus próprios problemas para ajudar alguém, e isso deve contar para alguma coisa.

Quando, finalmente, estamos exaustas, nos estendemos no chão frio da floresta. Os abetos nos rodeiam. Os arbustos de folhas cortadas nos oferecem um punhado de bagas duras e minúsculas, não maiores que ervilhas. O lugar cheira a cravo, laranja e almíscar. Felicity deita a cabeça no colo de Pip, que trança seus longos cabelos loiros em uma trança frouxa. Bessie Timmons olha para elas, triste. É difícil ser substituída no afeto de Pippa.

Luzes cintilantes aparecem entre os espessos ramos de um abeto.

---

[22] N/T: Punch e sua mulher, Judy, faziam parte de um espetáculo popular e humorístico de marionetes.

— O que é isso? — Mae corre para uma das árvores e as luzes voam a outro ramo de árvore.

Nós as seguimos. Depois de vistas mais de perto, vejo que não são só luzes, mas sim pequenas criaturas feéricas. Elas voam de galho em galho, balançando-os com o movimento.

— Você tem magia — gritam — podemos sentir.

— Sim, e daí? — diz Felicity, desafiando-as.

Duas minúsculas criaturas pousam na palma da minha mão. Sua pele é tão verde quanto grama nova e brilha como se houvesse sido beijada pelo orvalho. Seus são cabelos como fios de ouro, que caem em ondas por suas costas iridescentes.

— Você é a única... a única que tem a magia — sussurram elas, sorrindo hipnoticamente. — Você é linda — sussurram docemente. — Nos dê um pouco da sua magia.

Ann espia por cima de meu ombro.

— Oooh, posso ver? — Ela se inclina para mais perto e uma das fadas cospe em seu rosto.

— Vá embora. Você não é nossa a nossa senhorita bela e mágica.

— Pare com isso — digo.

Ann limpa o cuspe de sua bochecha. A pele brilha no lugar onde a fada cuspira.

— Eu também tenho magia.

— Você deveria esmagá-las com ela — diz Felicity.

As fadas gemem e agarram meus dedos. Elas afagam seus rostos contra minha pele, como pequenos animais de estimação. Estendo a mão e toco uma delas. Sua pele é como a de um peixe. Ela deixa um rastro de escamas reluzentes em meus dedos.

— O que você quer então? — demanda Felicity.

Ela dá um peteleco em uma delas, fazendo-a cair.

— Linda — as criaturas que parecem fadas murmuram, mais uma vez.

Eu sei que não sou bonita como Pippa, e eu não tenho o fascínio de Felicity. Mas suas palavras me banham em uma nova ilusão. Eu quero acreditar nelas, o que é suficiente para continuar escutando-as. A fada mais alta se aproxima. Ela se move com uma graça sedutora, como as cobras que já vi dançar para seus mestres: com complacência, mas capazes de te atacar a qualquer momento. Gostaria de ouvi-las novamente dizer que sou bonita. E que elas me amam. É uma coisa curiosa: quanto mais elas dizem, maior é o vazio que sinto dentro de mim e fico cada vez mais desesperada para preenchê-lo.

As pequenas criaturas me agarram.

— Oh, sim, encantadora, encantadora. A única. Nós te adoramos. Queríamos ter algo seu, por que te amamos muito.

Coloco minha mão em suas cabeças. Seu cabelo é suave como a seda de milho. Olhos fechados, corpo cantarolando, eu posso sentir a magia que emerge de mim. Mas elas são impacientes. Suas pequenas mãos se aferram em meus dedos. A aspereza escamosa de sua pele é uma surpresa, e por um momento, eu perco minha concentração.

— Não! Mortal estúpida! — A voz machuca meus ouvidos. Quando eu olho para baixo,

elas estão me fitando, cheias de ódio, como se estivessem dispostas a me matar e me devorar se eu lhes desse a chance. Instintivamente, eu puxo minha mão de volta. Elas tentam agarrar meus dedos novamente.

— Devolva-nos! Você ia nos dar a magia!

— Mudei de idéia — eu as coloco em um galho da arvore.

Elas ficam ainda mais verdes e brilhantes.

— Não podemos aspirar ser tão especiais quanto você, linda. Amamo-nos, assim como amamos você.

Elas sorriem e dançam para mim, mas desta vez suas palavras não são tão inebriantes. Posso escutar o sibilo arenoso sob suas declarações.

— Vocês amam o que eu posso fazer por vocês — digo corrigindo-as.

Elas riem com frieza e parece mais a tosse de um homem em seu leito de morte.

— Seu poder não é nada comparado ao da Árvore de Todas as Almas.

Volto-me rapidamente.

— O que vocês disseram?

Elas suspiram em êxtase.

— Com um toque você conhece o verdadeiro poder: todos os seus medos banidos e todos os seus desejos concedidos.

Pego uma delas na minha mão. Ela luta. O medo transforma seus traços em um rosto horrível.

— Me solte, me solte!

A outra criatura pula para minha mão e morde meu polegar. Eu a afasto com um golpe e ela dá cambalhotas no ar até conseguir se agarrar a um galho para não cair no chão.

— Já vou te soltar, é só você parar de se mexer! Só quero saber sobre a árvore.

— Não vou te dizer nada.

— Faça picadinho dela — diz Felicity, incitando-me.

A boca da criatura forma um aterrorizado 'O'.

— Por favor... Eu vou dizer-lhe tudo...

Felicity dá um sorriso satisfeito.

— É assim como se consegue o que quer.

Seguro a criatura nas palmas das minhas mãos.

— O que é a Árvore de Todas as Almas?

A criatura relaxa.

— Um lugar com uma magia muito grande que se encontra dentro das Terras Invernais.

— Mas eu pensei que o Templo era a única fonte de magia dos reinos.

O sorriso da criatura é como uma máscara da morte. Pula para um galho alto e se coloca fora de meu alcance.

— Espere... não vá! — chamo em seguida.

— Se você quiser saber mais, terá que viajar até as Terras Invernais e descobrir por si mesma. Como se pode governar os reinos se nunca viu toda a sua beleza? Como pode

governar quando conhece apenas metade da história?

— Sei tudo o que preciso saber sobre as Terras Invernais — respondo, sem muita convicção.

As palavras da pequena criatura estão repletas de verdade.

— Você só sabe o que eles lhe disseram. Você poderia aceitá-la como verdade sem questioná-la? Sem ver por si mesma? Você nunca pensou que eles querem mantê-la ignorante de sua própria magia?

— Saia daqui! — Felicity a golpeia com raiva.

Com um grito, a criatura cai, saltando do galho até aterrissar em uma grossa folha com um audível *uf*.

— Você é uma tola, uma tola! — ela arfa. — Nas Terras Invernais, isso será comprovado! Você conhecerá o que é poder de verdade e tremerá....

— Que bichinhos irritantes! Eu vou ensiná-las a tremer! — exclama Felicity, tentando alcançá-las.

As criaturas, assustadas, saem voando por entre as árvores.

— Vão embora! Deixe-nos em paz, mortais estúpidas.

A pequena Wendy se encolhe, tapando os ouvidos.

— Ai está de novo, esse grito.

O senhor Darcy se debate dentro de sua jaula e Wendy se agarra a ela.

— Wendy, pare com isso! — repreende Mae. — Não há ninguém gritando.

— Vamos, amor, pegue minha mão — acalma Mercy colocando seu braço ao redor de Wendy.

Muito mais além das Terras Invernais, um reflexo vermelho se expande pelo céu cinzento. Queima durante alguns segundos e logo desaparece.

— Você viu isso? — pergunta Ann.

— Vamos chegar mais perto.

Bessie corre por entre os altos juncos e taboas que se estendem entre a floresta e o muro das Terras Invernais. Ali, a densa névoa penetra nas Terras Fronteiriças, cobrindo-nos com uma fina mortalha até parecermos impressões digitais em um quadro que ainda não secou. Paramos próximas ao enorme muro. Do outro lado de seus portões, os picos afiados, pretos como ônix, se estendem por cima da névoa. O gelo e a neve se agarram a eles precariamente. O céu cinza está agitado, em uma constante tempestade. Um formigamento percorre meu corpo. É o proibido, é a tentação.

— Você pode sentir isso? — pergunta Mae. — Desliza para dentro da pele, não é?

Pippa se coloca ao meu lado e pega minha mão. Felicity passa um braço ao redor da cintura de Pip, e Ann segura minha outra mão.

— Você acha que existe mesmo um lugar com tanto poder assim dentro das Terras Invernais? — pergunta Pippa.

A Árvore de Todas as Almas Existe. Foi isso que a misteriosa dama escreveu na lousa. Mas ninguém nunca mencionou isso para mim antes. E eu percebo, mais uma vez, que sei

muito pouco sobre este estranho mundo que tenho de ajudar a governar

— É tão calmo. Não temos visto as criaturas das Terras Invernais desde que voltamos. O que você acha que vive ali, agora? — pergunta Ann.

Pippa apóia sua cabeça na minha com doçura.

— Acho que nós mesmas deveríamos descobrir.

22

A MANHÃ SEGUINTE TRAZ CONSIGO UM HALL de entrada cheio de malas e baús; as garotas estão indo passar a Páscoa em casa. Elas se despedem com abraços apertados, como se nunca mais fossem se ver, mesmo que se reencontrem na próxima sexta-feira.

Eu desci ao hall com meu vestido de viajem mais confortável: um de tweed marrom que camufla as manchas da fuligem do trem. Ann vestiu seu monótono traje de viajem. Felicity, claro, está insuperável. Ela usa um lindo vestido de seda moiré azul que combina perfeitamente com a cor de seus olhos. Ao lado dela, tenho certeza que pareço uma ratazana.

As carruagens que nos levarão até a estação ferroviária estão prontas. Todas as garotas estão acompanhadas por suas damas de companhia. Estão todas animadas, mas é a Sra. Nightwing e o Sr. Miller quem estão realmente agitados.

— Um dos meus homens desapareceu ontem de noite. — diz o Sr. Miller. — O jovem Tambley.

— Sr. Miler, como é possível que eu seja capaz de controlar vinte escolares, quando você não consegue controlar alguns homens adultos?

Brigid espia a cena por trás da carruagem, de onde instrui ao servente exatamente como prender as malas ao veículo, para grande aborrecimento dele.

— Whiskey! O maldito whiskey! — propõe Brigid.

A Sra. Nightwing suspira.

— Brigid, por favor.

O Sr. Miller balança a cabeça fervorosamente.

— Não foi o whiskey, senhora. Tambley foi visto nos bosques, subindo pelo antigo cemitério, onde ouvimos uns ruídos. E agora desapareceu — ele sibila entre dentes — Foram os Ciganos, eu já disse.

— E, se me lembro bem, a razão para vocês terem estado atrasados com a Ala Leste era a chuva. Há sempre outro culpado, alguma desculpa — aponta Sra. Nightwing, com desdém. — Tenho certeza que o senhor Tambley aparecerá. É jovem, como você disse, e os jovens tendem a se rebelar.

— Pode ser que tenha razão, senhora, mas temo que Tambley não aparecerá.

— Tenha fé, Sr. Miller. Tenho certeza que ele vai voltar.

Felicity e eu abraçamos Ann. Nós duas vamos à Londres, enquanto que Ann passará suas férias com seus horríveis primos no campo.

— Não deixe que essas abomináveis fedelhas peguem no seu pé — digo a Ann.

— Será a semana mais longa de toda minha vida — responde com um suspiro.

— Minha mãe irá insistir em fazer um monte de visitas para nos exibirmos — diz Felicity — Então estarei em constante exposição, como uma dessas horríveis bonecas de porcelana.

Eu olho ao redor, mas não vejo a senhorita McCleenthy em lugar nenhum.

— Aqui — lhes digo pegando suas mãos — Um pouco de coragem para nos ajudar a passar por isso.

Em seguida, nós três sentimos a magia percorrendo nossa pele; ela traz brilho aos nossos olhos e cor a nossas bochechas. Um corvo passa voando e, depois de emitir um alto grasnido, pousa na torre, de onde um dos homens do senhor Miller o espanta. Ele me lembra do pássaro que vi na outra noite e que desapareceu. Será? *Era tarde,* eu digo a mim mesma, *e estava escuro, isso é o suficiente para que eu veja coisas estranhas.* E, de qualquer forma, com a magia fluindo em mim, sinto-me bem o suficiente para não me preocupar.

Nossa carruagem chacoalha atrás das outras. Olho mais uma vez para Spence: os homens, no andaime, juntam pedra com argamassa. A senhora Nightwing se mantém imóvel, como uma sentinela, na porta principal e Brigid ajudando as garotas a entrarem nas carruagens. Observo o espesso gramado e os narcisos amarelos. A única ameaça é um grupo de nuvens escuras movimentando-se no céu. Elas se enchem e sopram, obrigando as garotas a correrem dando risinhos por trás de seus chapeis. Sorrio. A magia me embala em seu cálido abraço e sinto que nada de ruim pode acontecer. Nem sequer as nuvens escuras que pairam sobre as silenciosas gárgulas podem nos alcançar.

Sem aviso prévio, o sangue bombeia com força em minhas veias até se transformar no único som que escuto*: thrum-thrum-thrum-thrum.* Lá fora, o carrossel do mundo também ganha velocidade. As nuvens de tempestade deslizam-se e esticam-se, dançando no céu.

Eu pisco, um som de canhão retumba em meus ouvidos. O corvo levanta vôo. Pisco. O corvo pouca na cabeça da gárgula. Pisco. Cortante como um chicote, a cabeça da gárgula vira. Fico sem fôlego e, no mesmo momento, os afiados dentes da gárgula aparecem. Sinto a cabeça leve. Minhas pálpebras esvoaçam com tanta rapidez quanto as asas do corvo.

— Gemma... — Ouço a voz de Felicity como se estivesse debaixo d'água, e depois, a ouço tão clara quanto o dia. — Gemma! O que foi?

O sangue volta a bombear em seu ritmo normal.

Felicity está com os olhos arregalados.

— Gemma, você desmaiou!

— A gárgula — digo, tremendo — Estava viva.

As outras duas garotas com quem compartilhamos a carruagem me olham com cautela. Nós quatro esticamos o pescoço para fora das janelas e observamos o telhado da academia.

Está tranqüilo e imóvel, são apenas pedras. Uma gota de chuva cai em meu olho.

— Ow! — exclamo, recostando-me para trás no assento. Limpo a chuva do rosto. — Parecia tão real; Eu realmente desmaiei?

Felicity assente. Franze o cenho em um gesto de preocupação.

— Gemma — murmura — As gárgulas são de pedra. Seja o que for que você viu deve ser uma alucinação. Ali fora não há nada, te juro. Nada.

— Nada — repito.

Dou uma última olhada atrás de nós, e vejo um dia comum de primavera antes da Páscoa e um trecho de chuva que se aproxima vinda do leste. Eu realmente vi alguma coisa ou só imaginei? Trata-se de um novo truque da magia? Meus dedos tremem em meu colo. Sem dizer uma palavra, Felicity coloca as mãos sobre as minhas e silencia meu medo.

***

Dizem que Paris na primavera é uma visão espetacular, que faz com que as pessoas sintam como se jamais fossem morrer. Não posso afirmar isso, já que nunca estive em Paris. Mas, em Londres, a primavera é algo diferente. A chuva repica contra o teto da carruagem. As ruas estão cheias pelo trafego e a névoa do gás. Dois garotos, um par de varredores de rua, varem a poeira e a sujeira dos paralelepípedos para que uma dama elegante possa passar, enquanto estão a ponto de serem atropelados por um ônibus cujo motorista amaldiçoa furiosamente. Os impropérios do chofer não são nada comparados com os que os cavalos dele lhes deixam para limpar, e, apesar de meus receios sobre o que vou encontrar em Belgravia, estou eternamente agradecida por não ser varredora de rua.

Quando chego a casa, meu corpo está dolorido por causa do incessante sacolejar da carruagem, e minhas saias têm as barras completamente sujas de terra. Uma servente pega minhas botas na porta sem fazer nenhum comentário a respeito do buraco que tenho no dedo da meia direita. Vovó aparece no salão.

— Deus do céu! Que desastre te aconteceu? — exclama ao me ver.

— A primavera londrina — respondo enquanto coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ela fecha as portas do salão atrás dela e me leva a um lugar tranqüilo, junto a uma pintura enorme. Três deusas gregas dançam no bosque de uma ermida enquanto um fauno toca sua flauta ali perto, com seus pequenos pés de bode compassando alegremente sobre o trevo. É tão medonho que não posso deixar de imaginar o que a levou a comprá-lo, e muito menos exibi-lo com tanto orgulho.

— O que é isso?

— As Três Graças — responde estalando a língua — Tenho muito carinho por esse quadro.

É provavelmente a pintura mais horrível que eu já vi.

— Tem um homem-bode dançando uma jiga[23].

Vovó o avalia orgulhosamente.

— Ele representa a natureza.

— Ele está usando calções.

— Realmente, Gemma — grunhe vovó. — Não te trouxe até aqui para falar de arte, do que aparentemente você sabe muito pouco, mas para falar de seu pai.

— Como ele está? — pergunto. A pintura já esquecida.

— Com a saúde delicada. Isto é para ser uma visita tranqüila. Não quero explosões, nem demonstrações de seus hábitos peculiares nem nada que lhe aborreça.Você entendeu?

Meus hábitos peculiares. Ah, se ela soubesse...

— Sim, claro.

***

Depois que eu troco meu vestido enlameado por um limpo, me encontro com os outros na sala.

— Ah, aí esta nossa Gemma — diz vovó.

Papai se levanta de sua cadeira ao lado da lareira.

— Meu Deus, poderia esta bela e elegante jovem ser minha filha?

Sua voz é fraca e seus olhos não brilham como antes, ele ainda está muito magro, mas seu bigode se curva em um amplo sorriso. Quando ele estende os braços eu corro para ele. Sou sua garotinha novamente. Lágrimas repentinas ameaçam transbordar de meus olhos e eu as espanto com um pestanejar.

— Bem-vindo de volta, papai.

Seu abraço não é tão forte quanto antes, mas ainda é quente e vamos tentar fortalecê-lo o mais rápido possível. Os olhos de papai se suavizam.

— Você se parece com ela a cada dia mais.

Tom está emburrado em uma cadeira, tomando chá e comendo biscoitos.

— O chá provavelmente já esfriou, Gemma.

— Vocês não precisavam ter esperado por mim — respondo sem soltar meu pai.

— Foi isso que eu disse a eles — reclama Tom.

Meu pai me oferece uma cadeira.

— Quando você era criança, costumava se sentar a meus pés. Mas como já não é uma menina, mas sim uma jovem dama, terá de sentar-se corretamente.

Vovó nos serve o chá que, apesar das reclamações de Tom, ainda está quente.

— Recebemos um convite para jantar com a Sociedade Hipocrates, em Chelsea, esta semana, e Thomas aceitou.

Carrancudo, Tom deixar cair dois torrões de açúcar em seu chá.

— Isso é bom — eu digo.

Papai deixa que vovó lhe sirva um pouco de leite em sua xícara, deixando o chá opaco.

[23] N/T: Jiga é uma antiga dança popular muito animada.

— Eles são um grupo de bons homens, Thomas, ouça o que estou lhe dizendo. Ora, se até mesmo o Doutor Hamilton é membro dele.

Tom mordisca um biscoito.

— Sim, o *velho* doutor Hamilton.

— É muito mais adequado para você do que o Ateneu — diz papai. — Foi bom você ter esquecido essa bobagem toda.

— Não era bobagem — responde Tom com voz sombria.

— Era sim, e você sabe disso — insiste papai entre tosses. Elas vêm de seus pulmões.

— O chá está muito frio? Devo pedir que nos sirvam mais? Oh, onde se meteu essa garota? — Vovó se levanta, se senta, e volta a se levantar, até que papai faz sinais para ela se sentar novamente. Seus dedos nervosos dobram o guardanapo em um quadrado minúsculo.

— Você se parece tanto com ela — papai volta a dizer.

Está com os olhos úmidos.

— Como chegamos aqui? Onde foi que erramos?

— John, você já não está sozinho — diz vovó com os lábios trêmulos.

Tom observa o chão com um olhar triste.

— Daria minha alma para esquecer — sussurra meu pai entre lágrimas.

Ele está acabado e uma brecha se abre entre todos nós. Sinto meu coração quebrar. Só precisaria de uma pouco de magia para mudar a situação.

Não. Tire isso da cabeça, Gemma.

Mas, por que não? Por que devo permitir que sofram quando posso evitar? Não estou disposta a passar outra semana horrível na companhia deles. Fecho meus olhos e meu corpo treme com os segredos de cada um. Ao longe, ouço minha avó chamar meu nome, confusa, e, em seguida, o tempo se desacelera até que eles são um estranho e imóvel cenário: Papai com a cabeça em suas mãos; Vovó descontando sua preocupação em seu chá; Tom de cenho franzido, prova de que está infeliz conosco. Pronuncio meus desejos em voz alta e toco um de cada vez.

— Papai, esqueça sua dor.

— Thomas, chegou a hora de você começar a se comportar como um homem e não como um menino.

— E, vovó, oh, deixe que nós nos divirtamos um pouco, certo?

No entanto a magia ainda não acabou. Pois ela acha meu intenso desejo de recuperar a família que tive uma vez, mas que perdi para tempestades que não pude controlar.

Durante um momento, vejo a mim mesma feliz e despreocupada, correndo sob o azul céu Indiano. Minha risada ecoa em minha cabeça. Oh, se eu pudesse, teria essa felicidade de volta. A força desse desejo me deixa de joelhos. Ele força lágrimas aos meus olhos. Sim, quem dera recuperá-la. Quem dera me sentir a salvo. Protegida. Amada. Se a magia pode me proporcionar isto, então terei. Respiro fundo e solto o ar com força.

— E agora vamos começar de novo.

O tempo corre para frente. Eles levantam a cabeça como se despertassem de um sonho do

qual estivessem satisfeitos de se liberar.

— Do que estávamos falando? — pergunta papai.

Os grandes olhos de vovó piscam.

— Que coisa engraçada, não me lembro de nada. Ha! Há, ha, ha! Que boba!

Tom pega outro biscoito

— Que biscoitos deliciosos!

— Tom, como você acha que os nossos homens se sairão contra a Escócia hoje no campeonato?

— A Inglaterra será vitoriosa! Nossa equipe de críquete é a melhor do mundo.

— Bom garoto!

— Pai, não sou mais um garoto.

— Tem razão! Faz tempo que usa calças compridas — Papai ri e Tom se junta a ele.

— Os cavalheiros são o orgulho do senhor — acrescenta Tom. — Gregory é um bom homem.

Papai torce o bigode.

— Gregory? Um excelente jogador de críquete. Embora, claro, não é W. G. Grace. Era realmente emocionante ver o doutor jogar. Não havia ninguém igual.

Papai come dois biscoitos e só tosse uma vez.

Vovó enche nossas xícaras até a borda.

— Oh, este lugar precisa de mais luz!

Em vez de chamar a governanta, ela se move para as janelas e afasta as pesadas cortinas. Já parou de chover. Uma sugestão de sol espreita entre o céu cinza de Londres e nos envolve como um raio de esperança.

— Gemma? — diz vovó — Querida, o que acontece? Por que está chorando?

— Por nada — sorrio entre lágrimas. — Absolutamente nada.

***

Que eu me lembre, é uma das noites mais felizes que já passamos juntos. Papai nos desafia a jogar uma partida de whist, e nos dedicamos a jogar cartas durante toda noite. Fazemos nossas apostas com nozes, mas elas são tão deliciosas que as comemos as escondidas, e logo, ficamos sem nozes para continuar apostando e nos vemos obrigados a abandonar o jogo. Vovó se senta na frente do piano e nos convida a cantar algumas canções populares e animadas. A senhora Jones nos traz canecas de chocolate bem quentes e a convidamos para se aproximar do piano e a cantar um coro ou dois. À medida que a noite cai, papai acende o cachimbo que lhe dei de presente no natal e seu aroma invoca memórias da infância que me envolvem como um casulo.

— Quem dera que sua mãe estivesse aqui para compartilhar este fogo com a gente — diz papai. Prendo a respiração, preocupada de que este castelo de cartas que construí, desabe. Não estou disposta a deixar escapar tanta felicidade. Eu lhe dou outro toque de magia.

— Que estranho — diz com o rosto iluminado — Eu estava pensando em sua mãe, mas a

lembrança me deixou, e eu não consigo me lembrar novamente.

— Melhor assim — respondo.

— Sim. Vamos esquecer — responde — Quem gostaria de escutar uma história?

Todos queremos escutar uma das histórias de papai, elas são realmente divertidas.

— Eu, alguma vez, já contei a do tigre que... — ele começa, e nós sorrimos.

A conhecemos bem; ele já contou umas cem vezes, mas não importa. Nós nos sentamos e escutamos, sendo dominados novamente por seus esplêndidos relatos que, ao que parece, nunca perderão sua magia.

23

A PÁSCOA SURPREENDE A TODOS COM UMA GLORIOSA manhã de um azul tão puro que faz os olhos doerem. Depois de irmos a igreja, passeamos amigavelmente até Ladies'Mile, em Hyde Park. As ruas se transformam em um mar de chapéus brancos à medida que as sombrinhas se abrem para manter o fraco sol londrino afastado. Apesar de sua pouca intensidade, ele pode causar sardas, e nossas peles devem ser imaculadas, assim como nossa reputação; mesmo que, para eterno descontentamento da minha avó, a minha já está coberta de pontinhos marrons.

As damas, com seus melhores enfeites de Páscoa, pavoneiam-se como pavões reais. Escondidas sob suas sombrinhas examinam o novo casaco forrado de pele da Senhorita Prodígio ou as tentativas da Senhora Beleza-se-esvaindo de tentar parecer mais jovem do que é usando o corpete muito apertado. As crianças e babás vão atrás das mães e pais, empurrando carrinhos e orientando aos pequenos que não se afastem delas.

Embora ainda não tenha acabado de florescer, o parque está esplendoroso. Muitas crianças colocaram suas cadeiras na grama para poder conversar e olhar os cavalos. O caminho pertence aos ansiosos por demonstrar suas habilidades para cavalgar. Em todos os lugares, as amazonas se liberam dando mostras de um implacável espírito competitivo. Embora, em seguida, tomem consciência de si mesmas, e convertem a marcha para um trote lento. O que é uma pena, pois eu queria vê-las correrem por Hyde Park com os olhos ávidos de desejo e suas bocas esboçando sorrisos felizes e resolvidos.

Eu tenho o infortúnio de passear com a filha de um rico comerciante, quem deve morrer de medo do silêncio, por que não para de falar. Eu já a apelidei de senhorita Tagarela.

— E então dançou com ele quatro músicas seguidas! Você imagina isso?

— Que escândalo — respondo com pouco entusiasmo.

— Isso é o que foi! Todo mundo sabe que três é o limite — responde, sem perceber quão pouco me interessa.

— Cuidado. Aí vêm as viúvas dos militares — advirto.

Adotamos uma pose de recatada inocência. Um grupo de velhas damas, maquiadas até parecerem duras como um merengue, passam à nossa frente com um leve gesto de

assentimento. A multidão se dissipa só um pouco e meu coração quase para. Simon Middleton, resplandecente com seu traje branco e chapéu de marinheiro, caminha em nossa direção. Havia esquecido o quão atraente é: alto, boa postura, cabelo castanho e olhos azuis como um mar límpido. Mas o brilho de seus olhos faz com que uma garota se sinta como se estivesse nua e não o incomodasse. Simon passeia acompanhado de uma morena encantadora. É pequena e delicada como a bailarina de uma caixinha de música. Sua dama de companhia caminha junto com ela, a viva imagem da respeitabilidade.

— Quem é a garota que acompanha Simon Middleton? — sussurro.

A senhorita Tagarela fica encantada em compartilhar uma fofoca comigo.

— Chama-se Lucy Fairchild e é uma prima distante — explica, sem fôlego. — É americana e vêm de uma família rica. Novos ricos, é claro, mas têm muito dinheiro. Seu pai a enviou para cá com a esperança de que se case com algum pobre nobre e volte para casa com um título de nobreza para dar destaque a sua riqueza.

Então, esta é Lucy Fairchild. Meu irmão se jogaria nos trilhos de um trem para chamar a atenção dela. Qualquer homem faria isso.

— Ela é bonita.

— Não é absolutamente perfeita? — diz a senhorita Tagarela em tom melancólico. Acho que eu esperava escutar que estava errada. *"Bem, no fundo, não acho que seja tão bonita. Tem um pescoço engraçado e seu nariz tem uma forma muito curiosa".* No entanto, ela se limita a confirmar sua beleza. Por que sua beleza se projeta sobre mim como sombra que faz com que minha luz se acabe por completo?

A senhorita Tagarela prossegue.

— Há rumores de casamento.

— Com quem?

Minha companheira começa a rir.

— Oh, vamos! Com Simon Middleton, é claro! Por acaso não formam um casal encantador?

Um pedido de casamento. No Natal, Simon me fez o mesmo tipo de pedido. No entanto, eu recusei. E agora me pergunto se não fui muito precipitada ao fazê-lo.

— Mas o matrimônio é só um rumor — digo.

A senhorita Tagarela olha para ambos os lados de soslaio, e logo abaixa a sombrinha para nos ocultar da visão dos demais.

— Bem, eu não deveria contar, mas eu descobri, por acaso, que a fortuna dos Middleton sofreu um revés. Precisam de dinheiro. E Lucy Fairchild está muito bem de dinheiro. Suponho que qualquer dia desses anunciarão seu casamento. Oh, ali está a senhorita Hemphill! — exclama a senhorita Tagarela, muito excitada.

Depois de vislumbrar alguém mais importante do que eu, ela se afasta sem dizer uma só palavra, o que meus ouvidos agradecem muito.

Enquanto minha avó conversa com uma senhora sobre jardins, reumatismos e todo tipo de assuntos que devem estar catalogados em "Sobre O Que Toda Mulher Velha Deve

Conversar", eu fico no Roten Row, olhando os cavalos e sentindo pena de mim mesma.

— Feliz Páscoa, senhorita Doyle. Você está ótima. — Simon Middleton para na minha frente. Ele é forte, brilhante e tem covinhas... e está sozinho.

— Obrigada. Fico feliz em vê-lo — digo.

— Eu digo o mesmo.

Pigarreio. *Diga algo interessante, Gemma. Algo que não seja óbvio, pelo amor de Deus.*

— Ótimo dia, não?

Simon esboça um sorriso orgulhoso.

— De fato. Deixe-me pensar... você está ótima. É ótimo que nós tenhamos nos encontrado. E, é claro, o tempo também está ótimo. Acredito que nós estamos cercados de coisas ótimas.

Ele me faz rir, essa é uma de suas maiores qualidades.

— Sou um péssimo conversador.

— Não é verdade. De fato, eu me atreveria a dizer que você é um... ótimo conversador.

Alguns cavalos passam a galope e Simon os cumprimenta.

— Eu ouvi dizer que vou ter que te dar os parabéns — ouso dizer.

Simon arqueia uma sobrancelha. Seus lábios esboçam um sorriso malvado que o deixa mais atraente.

— Por que, posso saber?

— Dizem que você e a senhorita Fairchild estão muito sérios — replico, enquanto olho para o lugar onde Lucy Fairchild monta a cavalo.

— Parece que o críquete não é o principal esporte de Londres, — diz Simon. — mas sim a Fofoca.

— Eu não deveria ter dito isso. Sinto muito.

— Não sinta. Não me importo. Adoro grosserias — Seu sorriso malicioso aparece novamente. É como se fosse magia e me sinto mais leve. — De fato, neste momento, meu coração pertence a outra garota.

Sinto um nó em meu estômago.

— Oh!

— Sim. Chama-se Bonnie. E está aqui mesmo — Aponta para uma égua de um reluzente tom castanho que é conduzida até a linha de saída. — Alguns dizem que tem os dentes muito grandes para seu rosto, mas eu não concordo.

— E pense no que vai economizar em jardineiros, pois Bonnie pode se encarregar de manter o seu gramado bem aparado — digo.

— Sim. Nós teremos uma união feliz. E muito estável — responde, com um sorriso.

— Eu gostaria de falar com você sobre um assunto, se me permite — digo, com a voz entrecortada. — A respeito da sua mãe.

— É claro — parece contrariado. — O que ela fez agora?

— Tem a ver com a senhorita Worthington.

— Ah, Felicity. Então, o que *ela* fez agora?

— Lady Markham tem que apresentá-la ante a corte — respondo, ignorando a brincadeira. — Mas sua mãe tem objeções quanto a isso.

— Minha mãe não é uma grande admiradora da senhorita Worthington, e sua brincadeira com a senhorita Bradshaw no natal não serviu para ajudar a amenizar sua inimizade. Minha mãe tomou como uma ofensa a sua reputação.

— Lamento. Mas Felicity tem que fazer a sua apresentação na sociedade. Há algo que você pode fazer para ajudá-la?

Simon me dirige um olhar perverso e sinto o rubor subindo por meu pescoço.

— Deixe as coisas como estão.

— Não posso — afirmo.

Simon assente e reflete.

— Então terá que ganhar o afeto de lady Markham. Diga a Felicity que encante essa velha morcega e seu filho, Horace. Com isso salvará o dia... e sua herança. Sim — diz ao ver a expressão em meu rosto. — Sei que tem que fazer sua apresentação na sociedade para poder ganhar sua herança. Todo mundo sabe. E são muitos em Londres que gostariam de ver a descarada Felicity Worthington sob a tutela de seu pai.

No final de Ladies'Mile, as amazonas já estão na linha de saída. Permanecem com uma postura perfeita enquanto montam, o retrato do recato e da elegância, enquanto seus cavalos relincham e empinam. Estão preparadas para começar a correr e demonstrar do que são capazes.

— Foi um prazer voltar a vê-la, Gemma — Simon passa a mão por meu braço, rapidamente. — Perguntava-me como você estava, se você ainda tem a caixa de fundo falso que te dei e se ainda guarda seus segredos nela.

— Ainda a tenho — digo.

— A misteriosa Gemma Doyle.

— A senhorita Fairchild também tem segredos?

Olho novamente para Lucy Fairchild, que permanece ereta em sua montaria.

— É uma garota... sem problemas.

Sem problemas. Despreocupada. Sua alma não está manchada.

Eles saem. Os cavalos correm. Levantam uma nuvem de poeira ao longo do caminho, mas isto não oculta a ambição que reflete nos rostos das amazonas, nem a ferocidade de seus olhos. Querem ganhar. O cavalo de Lucy Fairchild é o primeiro a cruzar a linha de chegada. Simon se aproxima correndo para parabenizá-la. Após a corrida, o rosto de Lucy está coberto de poeira. Seus olhos brilham, deixando-a ainda mais bonita. No entanto, ao ver Simon, ela esquece sua ferocidade; sua expressão se transforma em uma doce timidez e acaricia com doçura o pescoço do cavalo. Simon se oferece a ajudá-la a desmontar e, mesmo que ela possa fazer isso sozinha, aceita. Eles parecem estar fazendo um *pas de deux* [24] perfeito.

— Parabéns — digo e ofereço minha mão.

---

[24] N/T: No balé, um pas de deux (francês / passo de dança para dois) é um dueto em que os bailarinos executam a dança juntos.

— Senhorita Doyle, lhe apresento a senhorita Lucy Fairchild de Chicago, Illinois.

— Como você está? — pergunto.

Examino seu rosto a procura de imperfeições, mas não acho nada. Ela é uma rosa perfeita.

— Senhorita Doyle — responde, docemente. — Que agradável poder conhecer uma amiga de Simon.

Simon. Ela o chama pelo primeiro nome.

— Você monta a cavalo muito bem — digo.

Inclina a cabeça.

— Você é muito amável. Sou somente uma amazona aceitável.

— Gemma!

Sinto-me aliviada ao ver Felicity se aproximando de onde estamos. Usa um gorro de veludo decorado com um ramalhete de flores de seda. Ele emoldura seu rosto de forma encantadora.

— Aí vem o problema — murmura Simon esboçando um sorriso.

Felicity me cumprimenta, calorosamente.

— Feliz Páscoa! Não foi um sermão interminável? Não entendo por que temos que nos preocupar em ir à igreja. Olá, Simon — cumprimenta, abandonando deliberadamente a etiqueta. — Que chapéu engraçado. Você o pegou em um quiosque de música?

— Feliz Páscoa, senhorita Worthington. Diga-me, quando vai ser celebrada a festa que lady Markham está organizando para apresentá-la na sociedade? É que não lembro se ouvi minha mãe mencionar.

Os olhos de Felicity brilham.

— Muito em breve, tenho certeza.

— É claro — responde Simon com um sorriso de triunfo.

— Simon, acredito que você não me apresentou a sua querida companheira — ronrona Felicity, mirando todo seu encanto em Lucy Fairchild.

— Não, não o fiz.

— Simon — sussurra Lucy, envergonhada.

Decido intervir.

— Felicity, esta é a senhorita Lucy Fairchild. Senhorita Fairchild, lhe apresento a senhorita Felicity Worthington.

— Como você está?

Lucy lhe estende a mão e Felicity a aperta com firmeza.

— Senhorita Fairchild, estou encantada em conhecê-la. Deve nos permitir, a senhorita Doyle e eu, que nos deixe cuidar de você enquanto permanece em Londres. Estou certa que Simon, quer dizer, o senhor Middleton, adoraria que nós virássemos grandes amigas, não é verdade, Simon?

— Muito amável de sua parte — responde Lucy Fairchild.

Felicity dá um largo sorriso por sua vitória, e Simon assente levemente com a cabeça, em

reconhecimento de sua derrota.

— Tenha cuidado, senhorita Fairchild. Aceitar que a senhorita Worthington "cuide de você" nos diz muito sobre como estar com os leões.

Felicity ri.

— Oh, nosso Simon é tão inteligente! Não é verdade, senhorita Fairchild?

— Nós adoraríamos continuar conversando com vocês, mas temo que minha mãe nos espera — Simon arqueia uma sobrancelha. — Boa sorte com suas tentativas, senhorita Doyle.

***

— O que ele quis dizer com isso? — pergunta Felicity enquanto passeamos pelo parque e ficamos a uma distância prudente de nossas famílias.

O dia está realmente bonito. As crianças correm atrás de aros de madeira, enquanto os fazem girar. As flores coloridas da primavera agitam suas pétalas quando passamos.

— Se te interessa, eu direi que pedi a Simon que te ajude com sua mãe e lady Markham. E não considero de grande ajuda você ter zombado dele.

Felicity me olha como se eu tivesse dito que comeria vermes e chutney[25].

— Solicitar um favor dos Middleton? Jamais. Ela é odiosa, e ele é um libertino de quem você fez bem de ter se livrado.

— Por acaso você não quer sua herança? Sua liberdade?

— Minha mãe é a única que pede favores. *Eu* só me inclinarei ante a rainha — responde Felicity, girando sua sombrinha. Seus olhos voam até lady Denby. — Gemma, que tal usarmos a magia para colocar um bigode nela?

— Não.

— Você não está mais interessada em Simon, não é? Diga-me que não.

— Não estou mais interessada em Simon — digo.

— Você ainda está interessada! Oh, Gemma.

Felicity nega com a cabeça.

— Mas o que está feito, está feito. Eu fiz uma escolha.

— Poderia ter voltado com ele se quisesse.

Dirijo o olhar para Simon. Lucy e ele fazem sua ronda de visitas e sorriem para todos que os cumprimentam. Estão contentes. Despreocupados.

— Não sei o que eu quero — respondo.

— Sabe o que eu quero? — pergunta Felicity enquanto se detém para recolher uma margarida.

— O quê?

— Queria que Pippa pudesse estar aqui — Ela arranca as pétalas, uma a uma. — No verão, iríamos a Paris. Ela teria ficado maravilhada.

---

[25] N/T: Chutney é um condimento de paladar agridoce, picante (forte ou suave), ou ainda uma mistura dos dois, originário da Índia.

— Sinto muito — respondo.

Seu rosto escurece.

— Há certas coisas que não podemos mudar, não importa o quanto queremos que mudem.

Não sei o que quer dizer, mas Fee não me dá tempo para pensar nisso. Arranca a última pétala da margarida com um sorriso enigmático.

— Bem me quer — diz.

Uma sombra paira sobre nós. O pai de Felicity, o almirante Worthington, permanece imóvel no caminho, bloqueando o sol. É um homem atraente e de modos agradáveis. Se não o conhecesse bem, me sentiria tão atraída por ele como todo mundo. Está de mãos dadas com sua pupila, Polly, de somente sete anos.

— Felicity, pode cuidar de Polly por um momento? Sua governanta passou mal por culpa do calor, e sua mãe, neste momento, está ocupada.

— É claro, papai — responde Felicity.

— Essa é a minha menina. Cuidado com o sol — adverte o almirante e, obedientemente, levantamos as sombrinhas.

— Vamos — diz Felicity para a garota, enquanto seu pai se afasta.

Polly caminha dois passos por trás de nós, arrastando sua boneca pela terra. É um presente de Natal e, no entanto, já está destruída.

— Como sua boneca se chama? — pergunto, fingindo que não sou um absoluto desastre com crianças.

— Não tem nome — responde Polly, irritada.

— Ah, não? — digo. — Por que não?

Polly bate a boneca contra uma pedra.

— Porque é uma garota má.

— Ela não parece ser tão má. Por que você diz isso?

— Ela conta mentiras sobre o tio.

Felicity empalidece. Agacha e oculta as duas atrás da sombrinha.

— Lembra o que eu disse que tinha que fazer, Polly? Fechar seu quarto durante a noite para que os monstros não entrem?

— Sim. Mas os monstros entram mesmo assim — Polly tira a boneca do chão e lhe dá um pontapé. — Por isso é má.

Felicity pega a boneca e tira a terra de seu rosto.

— Uma vez, eu tive uma boneca como essa. Os monstros diziam que ela era malvada, também. Mas não era verdade. Era uma boneca boa e fiel. E a sua também é, Polly.

Os lábios da pequena tremem.

— Mas ela mente.

— O mundo é uma mentira — sussurra Felicity. — Mas nós duas não.

Entrega a boneca para a garota e Polly a embala em seu peito.

— Algum dia serei uma mulher rica, Polly. Viverei em Paris sem mamãe, nem papai, e

poderá vir viver comigo. Você gostaria disso?

A pequena assente e pega a mão de Felicity. Elas caminham juntas pelo parque, saudando as pessoas com gestos desafiantes e suas feridas ainda recentes.

24

A SOCIEDADE HIPOCRÁTES TEM SUA SEDE EM UM EDIFÍCIO charmoso, embora um pouco velho, em Chelsea. O mordomo pega de nossos casacos e nos conduz por um largo corredor — onde vários cavalheiros permanecem sentados, fumando charutos, jogando xadrez e discutindo política — até a maior biblioteca que eu já vi na minha vida. Várias cadeiras desorganizadas ocupam o ambiente. Muitas estão agrupadas ao redor do fogo crepitante da lareira, como se tivessem acabado de ter um grande debate. Os tapetes persas são tão velhos que em alguns pontos estão completamente desgastados. As estantes estão abarrotadas de livros e, aparentemente, sem espaço para mais nenhum. Textos médicos; estudos científicos; volumes em grego, latim, e outros clássicos se alinham nas prateleiras. Eu gostaria de poder me sentar e ler por semanas.

O Doutor Hamilton nos cumprimenta. É um homem de uns setenta anos com muitos fios brancos na cabeça.

— Ah, vocês chegaram. Bom, bom. Nosso homem preparou um banquete esplêndido. Não vamos deixá-lo esperando.

Na mesa somos doze, uma vivaz mescla de médicos, escritores, filósofos e suas respectivas esposas. A conversa é animada e fascinante. Um cavalheiro com óculos, sentado no extremo da mesa, discute com veemência com o doutor Hamilton.

— Eu lhe digo, Alfred, o socialismo é o futuro! Imagine! Igualdade econômica e social entre os homens, ausência de classes sociais... pode ser até o fim da pobreza. Harmonia social. A utopia está no alcance de nossas mãos, cavalheiros, e se chama socialismo.

— Ah, Wells, você tem uma boa mão para escrever romances fantasiosos, amigo. Desfrute dessa linda história sobre viajar através do tempo. Embora o final seja um tanto frouxo com esse Eloi[26].

Um homem de bochechas rechonchudas e barriga grande toma a palavra.

— Wells, talvez você tenha nos confundido com a Sociedade Fabiana[27].

Todos os homens dão boas risadas da piada. Alguns até levantam seus copos.

---

[26] N/T: Eloi é uma das duas raças pós-humanas no romance de HG Wells "The Time Machine" de 1895.

[27] N/T: A Sociedade Fabiana é uma organização política inglesa de esquerda, fundada no ano de 1884, por cientistas, escritores, políticos e intelectuais.

— Ouçam, ouçam! — dizem.

Um homem de óculos pede licença.

— Lamento ter que ir e não poder ficar para discutir este com vocês. Mas continuaremos essa conversa da próxima vez que nos encontrarmos.

— Quem era esse cavalheiro? — pergunto em voz baixa.

— Era o senhor Herbert George Wells — responde o homem de bochechas rechonchudas. — Você provavelmente o conhece como H. G. Wells, o romancista. Um bom homem. Uma mente firme. Embora esteja errado a respeito do socialismo. Viver sem uma rainha? Sem latifundiários e em "sociedades cooperativas"? Anarquia, afirmo. Uma total loucura. Ah, aí vem à sobremesa.

Um mordomo silencioso deposita um enorme suflê de creme na frente do homem e este mergulha sua colher com prazer.

Falamos de ciência e religião, de livros e medicina, da temporada social e também de política. Embora quem realmente esteja no comando da conversa seja meu pai, que mostra sua sagacidade e relata suas histórias na Índia.

— E depois tem a aventura do tigre, mas creio que já tomei muito tempo da atenção de vocês — diz meu pai com os olhos brilhando de felicidade.

Os convidados irão satisfazer sua curiosidade.

— Um tigre — exclamam. — Tem que nos contar.

Com prazer, meu pai se inclina para frente e baixa a voz.

— Havíamos alugado por um mês uma casa em Lucknow para escapar do calor em Bombai.

— Lucknow! — exclama um cavalheiro com um cabelo que parece ser feito de lã. — Espero que não tenham se encontrado com nenhum dos recrutas indianos amotinados!

As pessoas começam a discutir sobre a famosa revolta dos indianos que aconteceu há décadas.

— E pensar que esses selvagens assassinaram inocentes cidadãos britânicos, depois de tudo que fizemos por eles! — cacareja uma das esposas.

— A culpa é nossa, querida senhora. Como poderíamos pedir aos soldados hindus e mulçumanos que usassem cartucheiras untadas com sebo de porco e vaca quando tal coisa é uma aberração segundo suas crenças religiosas? — argumenta o senhor Hamilton.

— Vamos, velho amigo, por acaso está tentando justificar esse massacre? — protesta o homem de cabelos grisalhos.

— É claro que não — responde o doutor Hamilton. — Mas se queremos continuar sendo um grande império, devemos ser compreensivos com as mentes e corações dos outros.

— Eu gostaria de escutar a história do tigre do senhor Doyle — diz uma mulher que usa uma tiara, nos recordando.

Os convidados concordam, e papai prossegue com o relato.

— Nossa Gemma não tinha mais do que seis anos. Ela gostava de brincar nos jardins cercados de árvores enquanto nossa governanta, Sarita, estendia as roupas e a vigiava. Nessa

primavera, as notícias se estenderam de povoado em povoado: haviam visto um tigre de bengala passeando em um povoado, descaradamente. O ousado havia destruído um mercado em Delhi e atemorizado todo um regimento. Havia uma recompensa de cem libras esterlinas para quem o capturasse. Jamais imaginamos que o tigre poderia se aproximar de nós.

Todas as cabeças se inclinam para papai, e ele se deleita com a atenção dada pelo público.

— Um dia, enquanto Sarita estendia as roupas, Gemma brincava no jardim. Ela fingia ser um cavalheiro com uma espada de madeira. Estava imponente, embora não soubesse o quão imponente realmente estava. Enquanto eu permanecia sentado em meu escritório, escutei um grito vindo do lado de fora. Corri para ver qual era a causa de tanta agitação. Sarita me chamava aos gritos, com os olhos arregalados, horrorizados. "Oh, Senhor Doyle, olhe, lá!" O tigre havia entrado no jardim e se dirigia diretamente para onde nossa Gemma estava brincando com sua espada de madeira. Perto de mim, nosso servente doméstico, Raj, sacou sua adaga com tanta pressa que apareceu em sua mão quase como em um truque de mágica. Sarita agarrou seu braço. "Se você começar a correr com uma faca na mão, vai provocar o tigre — advertiu. — Devemos esperar".

Um silêncio absoluto paira sobre a mesa. Os presentes estão fascinados com a história de papai e ele está encantado em ter uma platéia. Desempenhar o papel de narrador de histórias é o que ele faz melhor.

— Tenho que dizer que esse foi o pior momento da minha vida. Ninguém se atrevia a se mover. Ninguém ousava nem a respirar. E, enquanto isso, Gemma continuava brincando, sem perceber nada até que o felino estivesse quase em cima dela. Ela ficou quieta e olhou para o rosto do animal. Observaram-se como se perguntassem o que fazer um com o outro, como se considerassem almas gêmeas. Finalmente, Gemma colocou sua espada no chão. "*Querido tigre* — disse. — *você poderá passar se ficar calminho"*. O tigre olhou a espada e, então, para Gemma e, sem emitir som algum, passou na frente dela e desapareceu na selva.

Os convidados riram, aliviados. Parabenizam meu pai pelo relato. Neste momento, sinto-me orgulhosa dele.

— E sua esposa, senhor Doyle? Também ouviu o grito? — pergunta uma das damas.

— Felizmente, minha querida esposa estava prestando sua ajuda na sala de caridade de um hospital, como costumava fazer muito.

— Deveria ser uma alma boa e piedosa — responde a mulher, com compaixão.

— De fato. Ninguém poderia dizer nem sequer uma palavra sobre a senhora Doyle. Todos os corações se aqueciam quando ouviam seu nome. Ela era recebida de braços abertos em todas as casas. Sua reputação era impecável.

— Que sortuda é você por ter tido uma mãe dessas — diz a dama sentada à minha direita.

— Sim — repondo, com um sorriso forçado. — Muito sortuda.

— Costumava ajudar os doentes — explica meu pai. — Se havia uma epidemia de cólera. *"Senhor Doyle* — dizia. — *não posso ficar de braços cruzados enquanto os outros sofrem. Devo ficar com eles"*. E ia todos os dias com seu livro de orações. Lia e secava suas

testas febris, até que ela também contraiu a enfermidade.

Tinha toda a aparência de ser mais um de seus excelentes relatos e, embora os outros estejam emocionados, nada disso é verdade. Minha mãe era muitas coisas: forte, embora vaidosa, algumas vezes encantadora e outras vezes cruel. No entanto, carecia nela a virtude da qual papai falava, pois ela jamais foi uma santa altruísta, nem tampouco cuidou de sua família e dos doentes sem se queixar e reclamar. Observo meu pai em busca de um gesto que o traia, mas não, ele acredita em cada uma de suas palavras. Ele obrigou a si mesmo a acreditar.

— Que alma tão nobre e gentil — diz a mulher de tiara, acariciando gentilmente a mão da minha avó. — O retrato vivo de uma dama.

— Ninguém poderia dizer nenhuma palavra contra a minha mãe — observa Tom, ecoando as palavras de papai.

Esqueça sua dor. Foi o que eu disse a meu pai ontem, no salão, ao pegar sua mão, e que repeti esta noite. Mas essa não era a minha intenção. Tenho que ser mais cuidadosa. No entanto, o que me preocupa não é o poder da magia e como uma pessoa acredita nela tão facilmente. Não, o que me preocupa é a intensidade com que eu também quero acreditar nisso.

***

As carruagens estão preparadas, indicando o fim da noite. Encontramos-nos na porta do clube. Papai, Tom e o doutor Hamilton estão engajados em uma conversa. Vovó e algumas esposas saíram para dar uma volta no clube e ainda não voltaram. Enquanto passeio pelo jardim, alguém me empurra para as sombras.

— Que linda noite, não acha?

Apesar de ter um chapéu cobrindo seu rosto, reconheço sua voz, assim como a cicatriz vermelha que desfigura seu rosto. É Fowlson, o fiel guardião dos Rakshana.

— Não grite — ordena, segurando meu braço. — Só quero te dizer algo em nome dos meus chefes.

— O que você quer?

— Mmmmm, não é um pouco óbvio? — Seu sorriso se transforma em um cenho franzido. — A magia. Sabemos que você tem a magia. E nós a queremos.

— Eu dei para a Ordem. São elas que têm a magia agora.

— Mais uma mentira?

Seu hálito cheira a cerveja e bacalhau.

— Como você sabe que não estou dizendo a verdade?

— Sei mais do que você pensa, amor — sussurra.

O aço da sua faca brilha na noite fria. Vejo papai conversar alegremente com o doutor Hamilton. Ele parece muito com o pai do qual eu senti tanta falta... Não quero que nada perturbe essa paz tão frágil.

— O que você quer de mim?

— Já te disse. Queremos a magia.

— E eu já te respondi: não a tenho.

Fowlson esfrega a lâmina da navalha sobre meu braço; ela faz cócegas em minha pele.

— Faça o que quiser. Você não é a única que gosta de jogar. — Olha para meu pai e para Tom. — Fico feliz em ver seu pai por aí. E seu irmão. Eu ouvi que ele quer fazer um nome da pior maneira. Velho Tom. O bom e velho Tom — Fowlson arranca um botão da minha luva com sua faca. — Talvez eu devesse ter uma conversa com ele sobre como sua irmã se comporta quando ele não está por perto. Com uma palavra, eu poderia fazê-lo te trancar no Bedlam.

— Ele não faria isso.

— Tem certeza? — Fowlson arranca outro botão da minha luva, fazendo-o rolar pelo asfalto. — Eu vi as garotas insistentes levarem injeções no cérebro numa tentativa de serem curadas de suas doenças. Você gostaria de passar o resto da sua vida trancada em um daqueles quartos, olhando o mundo através de uma janela?

Eu sinto a faísca da magia dentro de mim e uso toda a minha energia para controlá-la. Fowlson não pode saber que eu a tenho. Não é seguro.

— Me dê a magia. Eu farei com que ela seja usada corretamente.

— Quer dizer, para seu uso pessoal.

— Como está nosso amigo Kartik?

— Deveria saber melhor do que eu, já que não o vejo há tempos. — minto. — Ele se mostrou tão desonrado quanto o resto de vocês.

— O bom Kartik. Na próxima vez que o ver, se é que o vai ver, diga que o velho Fowlson perguntou por ele.

Kartik me disse que os Rakshana achavam que ele estava morto, mas, se Fowlson acha que ele está vivo, isso quer dizer que Kartik está em perigo.

De repente, Fowlson fecha a navalha.

— Acho que sua carruagem está esperando por você, senhorita. Estarei te vigiando. Tenha certeza disso. — Ele me dá um pequeno empurrão para fora das sombras.

Sem idéia alguma do que está acontecendo, Tom me chama.

— Vamos, Gemma.

O lacaio segura a escada.

— Já vou — respondo.

Quando me viro, Fowlson já não está mais lá. Desapareceu na noite, como se jamais estivesse estado ao meu lado.

25

EU ACORDO E VEJO VOVÓ OBSERVANDO-ME SORRIDENTE, parada ao lado de minha cama.

— Levante-se, Gemma! Hoje vamos fazer compras!

Eu esfrego os olhos, por que tenho certeza de estar sonhando. Mas não, ela ainda continua ali. *Sorrindo.*

— Nós temos que ir à *Castle and Sons* para que te façam um vestido. E depois pegaremos algo na loja de doces da Sra. Dolling.

Minha avó quer me levar para um passeio. Fantástico! A ameaça de Fowlson agora me parece tão insubstancial quanto a névoa. Tentando me assustar, não é? Eu tenho toda a magia dos reinos e nem a Ordem, nem os Rakshana saberão até eu terminar o que tenho que fazer. Afinal de contas, eu já fiz um milagre com minha família, não é mesmo?

— Oh, faz séculos que não vou à loja da Sra. Dolling. São tantos bolos! — vovó pisca — E por que eu não fui? Não importa. Iremos hoje e pegar todos que quisermos e... Gemma! Por que ainda não está vestida? Temos muito que fazer!

Ela nem precisa repetir. Eu corro para apanhar minhas coisas e pego meu vestido tão apressadamente que o armário inteiro acaba ficando uma total desordem por culpa da minha negligência.

***

Vovó e eu temos um dia maravilhoso juntas. Ao em vez de ser severa e arisca, ela se mostra alegre como nunca. Cumprimenta todo mundo — desde o garoto que embrulha nosso bolo, até os desconhecidos que passam na rua — com um sorriso e um gesto da cabeça. Dá uma palmadinha na cabeça de um pequeno engraxate, que não sabe o que fazer com tal caricia maternal, embora já tenha mais de oito anos.

— Oh, olha aquele chapéus dali, Gemma! Que plumas lindas! Vamos ver a chapeleira para que nos faça um sob medida? — ela se encaminha para a porta da loja.

Eu a agarro com força pelo braço.

— Talvez outro dia, vovó.

A carruagem está tão cheia de pacotes que mal temos lugar para nos sentar. Vovó despacha nosso cocheiro de volta para casa com alguns xelins extras, insistindo que nós retornemos a Belgravia de cabriolé.

— Oh, isto é esplêndido, não é? Não sei por que não fizemos antes! — ela dá um tapinha no meu braço. — Bom dia! — exclama alegremente a um leiteiro, que a olha com receio, como se ela fosse o tipo de tia excêntrica que todos tentam esconder. — Meu caro, você não é um grande conversador, não é mesmo? Eu disse: Bom dia, senhor!

— Bom dia para você também — O leiteiro dá um sorriso cauteloso e inclina o chapéu, embora seus olhos nunca perdessem a desconfiança.

— Ah, assim é muito melhor — vovó sorri — Está vendo? Só é preciso de um pequeno estimulo para tirá-los de suas conchas.

Castle and Sons, estilistas, encontra-se na Regent Street, e esse é o lugar onde vamos para confeccionarem o vestido que usarei em minha apresentação na sociedade. Uma assistente um tanto irritada, cujo cabelo ameaça sair de seus grampos a qualquer momento, traz vários rolos de seda branca para que vovó examine. Elas tiram minhas medidas. Quando a fita métrica passa ao redor meu peito, a costureira balança a cabeça e sorri compassiva. Minha boa vontade desaparece rapidamente. Nem todas podemos ser uma Gibson Girl.

Quando ela termina de registrar cada medida minha, eu me uno à vovó em um divã. Mostram, apressadamente, caixas com botões e laços, fitas e plumas e, com a mesma rapidez, vovó os rejeita. Temo que terei o vestido mais simples de Londres. A lojista mostra a vovó o vestido mais extraordinário que já vi. Deixo um pequeno suspiro sair por meus lábios. Ele tem um ramo de rosas de seda ao longo de um ombro, e as mangas, curtas e altas, estão adornadas com laços. A saia está bordada com delicadas pérolas cor de rosa, e a calda — que parece se estender por quilômetros — é enfeitada com um lindo babado acanelado. É o vestido de noite de uma princesa, e desejo ter um igual. Vovó percorre a seda bordada com uma mão.

— O que você acha, Gemma?

Vovó nunca pede minha opinião em nada que seja importante.

— Acho que é o vestido mais lindo que já vi na minha vida — respondo.

— É mesmo, não é? Sim, pediremos que te façam um como este.

Eu gostaria de beijá-la.

— Obrigada, vovó.

— Sim, bem, tenho certeza de que também será muito caro — resmunga — Mas só se é jovem uma vez na vida.

Quando saímos ao negrume de Londres, são cinco horas; o céu já está escurecendo e as ruas estão cheias de uma névoa de gás que dá vontade de tossir. Mas eu não me importo. Sou uma nova garota que usará rosas de seda e um leque de plumas de avestruz. E compraremos bolos na confeitaria. Deixemos que as lâmpadas de gás façam o que pior sabem fazer!

Ao chegar à esquina, vovó e eu cruzamos a rua e nos dirigimos à confeitaria da Sra. Dolling, o mundo fica de cabeça para baixo. Minha pele esquenta. O suor se forma em minha

testa. E a magia flui por minhas veias como um rio transbordante. Eu me sinto inundada por pensamentos, feridas, desejos, segredos. Cada anseio pessoal invade minha alma.

"...os longos dias inacabáveis. Ele me amou um dia..."

"...uma bela casa que vamos construir, com um lindo jardim na parte da frente..."

Não consigo pensar. Não consigo respirar. Faça isso parar. Eu...

"...você deveria estar com a ralé, que é aonde você pertence..."

Viro a cabeça, mas não sei dizer de onde vem a ofensa: são muitas para eu conseguir diferenciar.

"...lhe farei minha proposta esta noite e serei o homem mais feliz da terra..."

"...meu pobre bebê foi enterrado e eles sabem que estou morrendo por dentro também..."

"...um vestido novo com um chapéu combinando..."

Por favor, pare. Eu não consigo. Eu não consigo respirar. Eu...

Tudo ao meu redor avança lentamente. Ao meu lado, um dos pés de vovó fica suspenso a meio passo da rua. No meio-fio, um tocador de realejo move o fole de seu instrumento com uma lentidão insuportável. A nota dura uma eternidade e se junta ao lento tanger dos sinos do Big Ben, cuja melodia se assemelha a uma marcha fúnebre. As rodas das carretas e carruagens, as damas e os cavalheiros, o vendedor ambulante de linimentos pregando sua cura milagrosa; todos parecem personagens de sonhos pertencentes a uma pantomima.

— Vovó? — digo, mas ela não pode me ouvir.

Pelo canto do olho vejo um movimento rápido. A dama vestida de lavanda se dirige à mim; os olhos dela queimam de raiva. Ela me agarra pelo pulso e minha pele arde com o gesto grosseiro.

— O-o qu-que você quer? — pergunto.

Ela estende um braço e sobe a manga para expor sua pele. As palavras se criam sobre sua carne: *Por que você me ignora?*

Sinto o frio sabor metálico do medo na língua.

— Eu não ignoro, mas não entendo o que...

Ela me arrasta com força pela rua.

— Espere — digo, me debatendo — Onde você está me levando?

Ela coloca suas mãos em meus olhos e me uno a ela em uma visão. Rápida, muito rápida. A fila de luzes na orla do palco do music hall. O ilusionista. A dama escrevendo na lousa: *A Árvore de Todas as Almas Existe. A chave guarda a verdade*. Uma mulher em uma lojinha de chá. Ela vira a cabeça e sorri. Senhorita McCleethy.

Escuto um galope de cavalos contra o chão empedrado. A dama da visão levanta a cabeça rapidamente e olha ao seu redor selvagemente. Uma carruagem negra arrastando quatro cavalos reluzentes surge na penumbra londrina e desce a rua rapidamente. As cortinas negras ocultam o interior de suas janelas.

— Pare! — grito, mas os cavalos correm ainda mais rápidos. A carruagem está prestes a passar por cima de nós. Nós vamos ser atropeladas.

— Me deixe ir! — Grito. A dama se transforma em folhas que se dispersam no ar.

A carruagem passa através de mim como se eu fosse ar e desaparece na névoa. O mundo volta ao normal com um solavanco, e me encontro em plena estrada, entre carroceiros e cabriolés, que tentam desviar de mim. Um lacaio grita para que eu me afaste.

Vovó levanta a vista, horrorizada.

— Gemma Doyle! O que você está fazendo?

Eu cambaleio para ela.

— Você não viu? — eu arfo — Uma carruagem saiu do nada e desapareceu com a mesma rapidez.

O medo de vovó luta com a magia dentro dela.

— Agora não poderemos comprar nossos doces — diz amuada.

— Estou dizendo; eu vi a carruagem — resmungo.

Olho as ruas, procurando pela carruagem e pela dama. Eles não estão em lugar nenhum e nem tenho mais certeza do que vi. Embora de uma coisa eu tenha certeza: a senhorita McCleethy estava naquela visão. Seja quem for essa dama, ela conhece minha professora.

***

Papai me resgata do exílio voluntário no meu quarto ao me pedir que me reúna com ele na pequena sala de estudos do segundo andar, que está cheio com seus livros e papéis, seus mapas de lugares distantes para onde já viajou em suas muitas aventuras. Em seu escritório só há três fotografias: um pequeno daguerreótipo[28] de mamãe no casamento dos dois, outro de Thomas e eu quando éramos pequenos e uma fotografia apagada de meu pai e um indiano acampando em uma expedição de caça, com suas expressões austeras e determinadas.

Papai levanta a vista de seu diário ornitológico[29], no qual estava escrevendo alguma coisa.

Ele tem os dedos manchados de tinta.

— O que é isso que eu ouvi de cocheiros de carruagens correndo descontrolados pelas ruas de Londres?

— Já vejo que vovó não pôde esperar para espalhar a notícia — digo colericamente.

— Estava muito preocupada com você.

Eu devo contar a ele? E o que ele dirá se lhe explico?

— Eu me equivoquei. É difícil ver entre a névoa.

— No Himalaia, os homens costumam se perder quando a névoa rodeia. Um homem pode se desorientar e ver coisas que não existem.

Eu me sento aos pés do meu pai. Não faço isso desde que era uma menininha, mas estou precisando de conforto neste momento.

Ele dá um tapinha no meu ombro gentilmente enquanto cuida de seu diário.

— A fotografia de sua mesa foi tirada no Himalaia?

---

[28] N/T: Aparelho primitivo de fotografia, inventado por Daguerre, pintor e físico Frances. Aqui no contexto, a Gemma se referiria à imagem reproduzida pelo aparelho.

[29] N/T: Ornitologia é o ramo da biologia que se dedica ao estudo das aves.

— Não. Foi durante uma caça perto de Lucknow — responde sem dar mais explicações.

Contemplo a foto de minha mãe a procura de um traço meu em seu rosto.

— O que você sabia da minha mãe antes de se casar com ela?

Papai pisca.

— Sabia que era bastante imprudente para dizer sim a minha proposta de casamento.

— Conhecia sua família? Onde ela vivia antes? — insisto.

— Sua família morreu em um incêndio. Isso é o que ela me disse. Ela não gostava de falar de recordações tão desagradáveis, então não insisti.

Esse é o jeito da minha família. Não falar de assuntos desagradáveis. Fingir que não existe. E se este empurra sua feia cabeça para fora do esconderijo, nós o enfiamos para dentro de novo e nos afastamos.

— Então, pode ser que tivesse segredos.

— Mmmm?

— Pode ser que ela tivesse segredos.

Papai enche de tabaco o fornilho de seu cachimbo.

— Todas as mulheres têm segredos.

Eu apoio minha bochecha contra o conforto de sua perna.

— Então é possível que pudesse ter levado uma vida secreta, Talvez fosse uma palhaça de circo. Ou uma pirata — engulo com esforço — Ou uma bruxa.

— Oh, eu teria gostado!

Papai fuma seu cachimbo. A fumaça inunda a sala em uma nebulosa doçura.

— Sim — continuo, sentindo-me corajosa — Uma bruxa que pudesse entrar em um mundo secreto. Ela teria um grande poder, tão grande que ela transmitiria ele para mim, sua única filha.

Papai coloca suas mãos em meu rosto.

— E ela o fez, de fato.

Meu coração bate com força. Eu posso contar a ele. Eu posso contar tudo a ele.

— Pai...

Meu pai tosse uma e outra vez.

— Maldito tabaco — diz enquanto procura seu lenço.

Nossa governanta entra, trazendo uma dose de whisky à papai sem que ninguém tenha pedido.

— Ah, senhora Jones — diz meu pai e dá um gole tranqüilizador em sua bebida — Você apareceu como um anjo caído do céu.

— Você quer que lhe prepare sua ceia agora, senhor? — pergunta.

Papai não jantou conosco esta noite. Disse não ter fome. Mas está tão magro que espero que coma algo.

— Acho que um prato de sopa seria bom.

— Muito bem, senhor. Senhorita Doyle, sua avó deseja que lhe faça companhia na sala de estar.

— Obrigada — respondo com desanimo.

Eu ainda não quero enfrentá-la. A senhora Jones sai silenciosamente, assim como todos os serventes, como se até sua saia não se atrevesse a emitir som algum, com medo de que alguém repare em quem a está usando.

Papai levanta a vista de seu diário com o rosto ainda congestionado pelo ataque de tosse.

— Gemma, você queria me dizer algo mais, querida?

Eu tenho poderes, papai, um grande poder que eu mal comecei a entender. É uma benção e uma maldição. E tenho medo de que, quando você descobrir, eu deixe de ser sua filha querida.

— Não, nada de mais — respondo.

— Ah, bom, então é melhor que você vá. Não vai querer fazer sua avó esperar a noite toda.

Ele inclina a cabeça, concentrado em seus pássaros, seus mapas e suas notas sobre as constelações; coisas que podem ser observadas, recordadas e compreendidas.

E quando eu deixo o local, ele nem percebe.

***

Vovó está sentada em sua cadeira, com seus dedos ocupados em um bordado, enquanto tento fazer um castelo de cartas.

— Você me deixou muito preocupada, Gemma. O que teria acontecido se nós tivéssemos visto um conhecido? Você tem que pensar em sua e na nossa reputação.

Eu adiciono uma carta ao quadrado que construí.

— Não há coisas mais importantes para nos preocuparmos do que o que os outros pensam de nós?

— A reputação de uma mulher é o seu valor — explica vovó.

— Que vida mais insignificante.

Eu coloco uma rainha de copas em cima de tudo. As paredes de carta cambaleiam e cedem sob tanto peso.

— Não sei por que eu me preocupo — funga.

Ela dá a suas agulhadas uma velocidade furiosa. Quando ela não consegue me dar juízo apenas repreendendo, se dedica a fazer com que eu me sinta culpada.

Eu tento organizar as cartas novamente, aperfeiçoando o equilíbrio.

— Fique — sussurro.

Coloco a última carta no alto e espero.

— É com isso que você está ocupada? Castelo de cartas? — zomba vovó.

Suspiro, e minha minúscula rajada de fôlego destrói minha obra. As cartas revoam e caem em um monte desordenado. Não estou com humor para isso. Os acontecimentos da tarde foram bastante preocupantes, e, se não posso obter consolo, ao menos eu gostaria de ter certa tranqüilidade. Um pouco de magia poderia dissipar nosso desapontamento.

— Você esquecerá tudo o que aconteceu hoje depois de sair da estilista, vovó. Sou sua

neta querida e somos felizes, todos nós... — eu entôo.

Vovó olha inutilmente o bordado que tem no colo.

— Eu... eu esqueci o ponto.

— Aqui, eu te ajudo — digo guiando suas mãos até que possa continuar o trabalho.

— Ah, que boba eu sou! Obrigada, Gemma. Você é tão prestativa. O que faria sem você?

Vovó sorri e me esforço para devolver o sorriso, embora, lá no fundo, me pergunte se não estarei trocando uma vida de mentiras por outra.

***

Um golpe terrível me desperta, o que não me deixa muito feliz. Esfrego o sono dos olhos e me arrasto para as escadas. Tom é a causa de toda essa balbúrdia. Ele voltou de muito bom humor; na realidade, entra cantando no salão. Trata-se de um acontecimento antinatural, como ver um cachorro andando de bicicleta.

— Gemma! — exclama feliz — Está acordada!

— Sim, bom, é um tanto difícil dormir com toda essa algazarra.

— Desculpe — faz uma reverência e se levanta rápido demais, tropeçando em uma mesinha e batendo em um vaso de flores.

A água se derrama no precioso tapete persa de vovó. Tom tenta salvar o vaso, mas só afasta ainda mais de si mesmo.

— Tom, o que você está fazendo?

— Esta pobre vasilha não está bem, ela requer meus cuidados.

— Isto não é um paciente — respondo e tiro das mãos dele.

Ele dá de ombros.

— Ainda não se recuperou.

Tom deixa-se cair em uma cadeira e tenta recuperar a dignidade perdida, ajeitando e reajustando a gravata. O cheiro de álcool é forte na respiração dele.

— Você está bêbado — murmuro.

Tom levanta um dedo como um advogado dirigindo-se a uma testemunha.

— Isso é uma camunia... carunia... calumbia... uma coisa terrível.

— Calúnia — o corrijo.

Ele concorda.

— Isso mesmo.

Eu fui acordada por um idiota. Deveria voltar para cama e deixar que os criados o atormentem e o apontem com seus olhares julgadores ao amanhecer. Como é evidente, toda a magia que dei a Tom desapareceu e volta a ser o mesmo garoto insuportável de sempre.

— Vamos, pergunte-me como foi minha noite — diz em um tom muito alto.

— Tom, abaixe a voz — sussurro.

Tom balança a cabeça.

— Exatamente, exatamente. Esse sou eu, silencioso como um rato de biblioteca. Agora. Pergunte — ele cruza os braços e espera como se tivesse um relógio no rosto.

— Muito bem — digo — Como foi sua noite?

— Eu consegui Gemma. Provei a mim mesmo. Me convidaram a entrar em um clube muito exclusivo.

Exclusivo soa mais como "ex-cuusivo". Ao ver meu rosto confuso, franze o cenho.

— Ao menos poderia me felicitar, você sabe.

— Então, se trata do Ateneo? Eu achei que...

Seu rosto escurece.

— Oh. Isso — faz um gesto depreciativo com a mão — Eles não querem indivíduos como eu. Não sabia? Não sou bom o bastante. — O álcool não fez mais que incrementar sua amargura — Não. Isso é diferente. Como os Cavaleiros Templários. Os homens das cruzadas! Homens de ação! — ele gesticula amplamente quase derrubando o vaso de novo. Eu o resgato rapidamente.

— Que homem mais desajeitado — resmungo. — Muito bem, você me deixou intrigada. O que é esse santo clube?

— Não, não posso dizer. Não ainda. Por enquanto, tem de ser privado — responde Tom com um dedo nos lábios e coçando o nariz. — Segredo.

— E, sem duvida alguma, por essa razão você está falando abertamente disso comigo.

— Você zomba de mim!

— Sim, e não deveria, porque isto é muito fácil.

— Você não acredita que um clube me escolheria? — ele pisca e sua cabeça dá uma leve inclinada. Estará fora de combate em um instante. — Porque, nesta mesma noite...

— Nesta mesma noite. — eu incito.

— ...me deram uma amostra. Um sinal de dish... dishtinção... eles disseram que iriam me proteger do... das influências... indesejáveis...

— De que? — pergunto, embora não sirva de nada. Tom está roncando na cadeira.

Suspiro e pego uma manta do sofá e cubro as pernas dele. Ao subi-la até seu queixo, meu sangue gela. Em sua lapela, há um broche familiar: a caveira e a espada. A insígnia dos Rakshana.

— Tom, de onde você tirou isso?

Ele se agita levemente na cadeira com os olhos fechados.

— Já te disse, me nomearam membro de um clube de cavalheiros. Finalmente poderei fazer com que papai se sinta orgulhoso de mim e provarei... a mim mesmo... um homem.

— Tom, você não pode confiar neles — sussurro enquanto aperto sua mão. Tento unir nossos pensamentos ao meu poder; no entanto, todo o álcool que ele tomou começa a fazer efeito em mim. Eu solto sua mão, tonta e cambaleante.

Fowlson cumpriu sua promessa. A bile sobe em minha garganta e um novo medo se apodera de mim. Eu fiquei presa em seu jogo: se conto a Tom meu segredo, achará que estou louca. Se uso a magia, os Rakshana saberão que ainda a tenho, e virão atrás de mim antes de ter chance de fazer o que devo.

Não posso mais confiar em meu irmão. Agora ele é um deles.

***

Na manhã seguinte, Tom me acompanha até a estação de trem, onde devo me encontrar com a senhora Chaunce, uma velha conhecida de vovó, que viajará até Spence em troca de uma pequena quantia de dinheiro. Esta manhã, Tom está com uma cara horrível. Não está acostumado a beber e boa prova disso é a palidez de seu rosto, está em um humor de cão e é muito bem feito. Tom não deixa de consultar seu relógio de bolso nem de se queixar amargamente.

— Onde está? Mulheres. Nunca chegam a tempo.

— Tom, esse clube que te admitiram... — começo a dizer, mas, no exato momento, a senhora Chaunce chega e Tom se apressa em se despedir de mim.

— Adeus, Gemma. Faça uma boa viagem.

Depois de uma breve rodada de gracejos, a senhora Chaunce, que, graças a Deus, mostra tão pouco interesse por mim quanto eu por ela, se encarrega da bagagem. Ela oferece uma moeda pelo trabalho do carregador, que o olha com desdém, e eu mexo em minha bolsa em busca de mais duas. A senhora Chaunce não é uma dama de companhia muito boa, por que eu já a perdi de vista. Mas acabo vendo-a subir no trem e me apresso para acompanhá-la.

— Deixou cair isto, senhorita?

Eu me viro para ver Fowlson atrás de mim, segurando um lenço feminino. Não é meu, mas não importa: é uma desculpa para falar comigo.

— Fique longe do meu irmão ou...

— Ou o que, querida?

— Irei às autoridades.

Ele ri.

— E o que dirá a eles? Que seu irmão ingressou em um clube de cavalheiros e que você não aprova? Oh, com certeza me prenderão em Newgate antes que amanheça!

Eu baixo a voz até convertê-la em um sussurro.

— Deixe-o em paz ou... eu... eu...

Seu sorriso é substituído por um olhar gélido.

— Você o quê? Usará seu poder contra mim? Mas você já não o tem, não é, querida?

A magia cresce dentro de mim como cavalos a ponto de começarem a correr e preciso de toda minha força para mantê-la presa, não posso permitir que se libere; agora não.

A senhora Chaunce me chama de uma janela aberta, tossindo por culpa da fumaça.

— Senhorita Doyle! Senhorita Doyle! Se apresse!

— Um bom sujeito, seu irmão. Quer ser respeitado da pior maneira. E ainda tem muito por fazer. A ambição é um bom adversário para a magia. Faça uma boa viagem, senhorita Doyle. Tenho certeza de que nos veremos logo.

Eu me estabeleço em meu compartimento junto com a senhora Chaunce, e o trem dá partida, a ameaça de Fowlson ressoa em minha mente, e queria ter alguém com quem compartilhá-la.

O trem está cheio de pessoas ansiosas para chegar à seu destino, ou felizes por estarem

deixando outros. Tagarelam entre si; as mães oferecem lanchinhos a seus filhos para deixá-los felizes, enquanto os pais se limitam a olhá-los admiravelmente; as damas que viajam juntas observam a paisagem em movimento com sorrisos excitados.

Eu já não posso conter a magia por mais tempo, e sinto o fluxo de seus pensamentos até que temo ficar louca. Tento pará-la, mas é tão difícil com tudo o que acontece ao meu redor que faço a única coisa que sei: Eu desejo não ouvir nada. Em pouco tempo, embora a vida pulse ao meu redor, estou sozinha em um casulo silencioso. E me pergunto: qual a vantagem deste poder se ele só faz com que eu me sinta cada vez mais sozinha?

ATO III

Crepúsculo

O poder absoluto corrompe absolutamente.

— LORD ACTON.

26

DOIS DIAS DEPOIS

Academia Spence

A CHUVA NOS VISITA MAIS UMA VEZ. Durante dois dias nos manteve presas, molhando os bosques e transformando o gramado em uma bagunça lamacenta. Ela açoita a janela do meu quarto e eu finalmente tiro a bandana vermelha encharcada que deixei ali desde que voltei de Londres e a escondo sob o travesseiro novamente, fora de vista. Kartik sempre apareceu antes, mas não desta vez. Primeiro, temi que houvesse ido a Bristol e embarcado no *Orlando* sem se preocupar em se despedir.

Mas ontem, eu o vi pela minha janela. Ele viu o tecido vermelho e se afastou sem lhe dar um segundo olhar.

Desde então, eu comecei três cartas diferentes para ele.

Meu Querido Kartik,

Temo que terei de por um fim em nosso relacionamento. E estou incluindo a bandana. Por favor, use-a para secar suas lágrimas — isso se você tiver alguma, do que estou começando a duvidar.

Afetuosamente, Gemma.

Querido Kartik,

Estou terrivelmente triste em ouvir que você ficou cego. Porque você só pode ter

perdido a visão. Se você ainda pudesse enxergar, teria visto a bandana vermelha debaixo de minha janela e compreendido que precisamos nos encontrar urgentemente. Mas quero que você saiba que, apesar de você estar tão cego quanto o Sr. Rochester, eu continuarei sendo sua amiga e farei o que puder para visitá-lo em seu claustro.

Honestamente, Gemma Doyle.

Sr. Kartik,

Você é um péssimo exemplo de amigo. Quando eu me tornar uma dama da alta sociedade, vou passar por você na rua e não dar nem um único olhar na sua direção. Se você for assim tão atencioso quando estiver no Orlando, tenho certeza de que ele afundará.

Arrependidamente, Srta. Doyle.

Minha mão fica suspensa sobre a página mais uma vez, procurando palavras para expressarem o que meu coração sente, mas só consigo encontrar:

Querido Kartik... Por quê?

Rasgo o papel em pedacinhos minúsculos e alimento a chama da minha vela com ele, enquanto observo, em seu avanço sigiloso e enegrecido, como transforma as beiradas de minha dor em algo escuro e esfumaçado que se transforma em cinzas.

***

Ann e Felicity finalmente voltaram, e estamos juntas novamente no grande hall. Felicity nos conta de sua visita à lady Markham enquanto Ann nos fala dos horrores cometidos por Lottie e Carrie. No entanto, meus pensamentos estão em outro lugar. Meus problemas com Kartik, Fowlson e Tom, me deixaram de mau humor.

— E então lady Markham me apresentou seu filho, Horace, que é mais chato do que um jarro d'água. Na verdade, tenho certeza de que poderia ter uma conversa mais prazerosa com um jarro d'água.

Ann ri.

— Foi tão ruim assim?

— Sem duvida. Mas me dediquei a sorrir docemente, procurei não revirar os olhos e ganhei a batalha. Acredito que consegui a confiança de lady Markham.

— Você sabe o que Charlotte disse para mim? — pergunta Ann. — "Quando você for minha governanta, farei tudo que me der vontade e se você não fizer o que eu mandar, direi a

minha mãe que vi você pegando as jóias dela. Então ela te colocará na rua sem referências."

Até Felicity parece horrorizada.

— É uma má pessoa! Deveríamos pendurá-la pelos dedos dos pés. Você não está feliz por não ter de ser a governanta dela, afinal?

— Só se eu conseguir uma audição com o senhor Katz — responde Ann enquanto mordisca a unha. — Espero que minha carta chegue logo.

— Tenho certeza que sim — diz Felicity com um bocejo.

— Gemma, como foi o *seu* feriado? — pergunta Ann.

— Recebi a visita de Fowlson — digo — Ele quer me chantagear para que eu entregue a magia aos Rakshana, recrutando meu irmão, Tom, para a irmandade. Eu tenho medo do que eles possam fazer com ele, a fim de chegar a mim.

— Os Rakshana! — exclama Ann.

— Por que você não transforma Fowlson em um sapo gigante ou faz com que ele se perca nas selvas de Calcutá? — desaprova Felicity.

— Você não percebe? No momento em que eu dê provas de que a magia dos reinos ainda está comigo, eles a tirarão de mim. Não posso deixar que descubram.

— O que você vai fazer? — pergunta Ann.

— E tem mais, quando fui a Londres tive outra visão, e a senhorita McCleethy estava nela.

Eu falo a elas sobre a dama e a carruagem fantasma.

As sombras do lume se contorcem como demônios nas cortinas da tenda de Felicity.

— McCleethy — diz Ann estremecendo. — Mas o que significa isso?

— Sim, de que serve um mensageiro se não se pode entender? — queixa-se Felicity. — Porque, ao menos uma vez, um desses espectros não podem simplesmente dizer: "Olá, Gemma, lamento muito te incomodar, mas acho que você gostaria de saber que a senhora X é com quem você deve tomar cuidado par que ela não coma seu coração! Adeus!"

Eu reviro os olhos.

— Muito amável. Obrigada. Lamento que minhas visões não funcionem dessa maneira. Corresponde a mim designar um significado a elas. Não que eu tenha uma pista. Mas há alguém que poderia tê-la. Devemos acompanhar a exibição no Salão Egípcio e encontrar o doutor Van Ripple. Tenho que me empenhar a fundo com LeFarge o quanto antes.

— Certo — Ann e Felicity concordam.

— Quero mostrar algo a vocês — Felicity abre uma caixa e afasta algumas folhas de papel de seda, Dentro há uma delicada capa de veludo azul meia-noite com um adorno de pele cor branca ao redor do colarinho e fitas de seda atadas.

— Oh! — ofega Ann — Como você tem sorte!

Felicity segura a capa no alto.

— Meu pai quer fazer uma pequena viagem com Polly. Eu me opus, e ele comprou-me isto.

— Por que você se opôs? — pergunta Ann sem afastar os olhos da capa.

Fee e eu intercambiamos um olhar que nenhuma das duas estava ansiosa por sustentar. As duas sabemos o que significa para o almirante levar de viagem a sua jovem pupila. O horror de tudo isto me silencia.

— Vou dá-la de presente à Pip — diz Fee enquanto a dobra com cuidado dentro da sua caixa.

Ann abre a boca em choque.

— Sua mãe não vai se irritar?

— Que se irrite — diz Felicity com os lábios franzidos em uma linha dura. — Vou dizer a ela que a lavadeira a arruinou. Ela vai se irritar e dirá que não cuido das minhas coisas. E eu lhe responderei que ela tampouco cuida das suas.

Felicity guarda a caixa debaixo da cadeira.

— E o que há esta noite? Gemma, e os reinos?

Elas me olham esperançosas.

— Sim. Os reinos.

Levanto um dos tecidos da tenda e observamos a senhorita McCleethy. Ela esta sentada com Nightwing e LeFarge, com quem compartilha chá e bom humor. Nightwing dá olhares furtivos ao relógio, sei que está desejando tomar seu xerez vespertino. No mínimo temos que nos assegurar de que está dormindo quando formos empreender nossa aventura. Mas com McCleethy é diferente. Ela espera que eu cometa um erro para demonstrar que tenho a magia e, depois da minha visão, suspeito dela ainda mais.

— Maldita McCleethy — Felicity grunhe irritada — Vai arruinar tudo.

Ann morde o lábio inferior, pensativa.

— E se lançamos um feitiço nela? Poderíamos faze-la cair em um sono tão profundo que ficaria na cama por dias.

Felicity bufa.

— Você está louca? Ela provavelmente nos perseguiria para arrancar nossas peles... enquanto estamos nela!

— Não — respondo — O mais leve indicio de magia usado contra ela a faria descobrir a verdade. Não podemos nos arriscar precisamente agora. Não deve suspeitar de nada. Temo que a única solução que nos fica é esperar até que esteja placidamente dormindo para poder entrar nos reinos.

— Ela não parece ter muito sono — lamenta Ann.

Espio Mademoiselle LeFarge levantar-se de sua cadeira.

— Tem que manter os lobos na linha — respondo enquanto eu também me ponho de pé.

Eu alcanço nossa professora na biblioteca, onde procura um livro entre os muitos que enchem as prateleiras.

— *Bonsoir, Mademoiselle LeFarge* — consigo dizer. — Er... *comment allez-vous*?

Ela corrige minha pronuncia sem levantar a vista.

— *Como tallay-voo.*

— Sim. Já sei que tenho que me esforçar mais.

— Eu ficaria feliz, senhorita Doyle, com o fato de você simplesmente tentar.

Eu sorrio como um bobo da corte.

— Sim. Tem toda a razão.

Nossa pequena conversa não teve um grande começo. Talvez eu pudesse mutilar outro idioma ou criticar sua roupa ou, Deus proíba, cantar.

— Esta fazendo uma noite adorável, não é mesmo?

— Está chovendo — ela lembra.

— Sim, é verdade. Mas a chuva é necessária, certo? Faz com que as flores cresçam lindas e...

Mademoiselle LeFarge me lança um olhar que conheço bem e fico em silêncio.

— Então, desembucha. O que você quer, senhorita Doyle?

Descubro que o compromisso com o inspetor Kent aguçou os dotes de detetive de LeFarge.

— Pensava que talvez você pudesse nos levar para ver este espetáculo.

Desdobro o pedaço de papel do Salão Egípcio e o entrego.

— Um espetáculo da lanterna mágica[30]? Amanhã à tarde!

— Promete ser extraordinário! E sei o quanto você gosta desses tipos de eventos!

— Que eu... — com um suspiro, dobra o papel. — Não é nada edificante.

— Oh, mas...

— Lamento, mas a resposta é não, senhorita Doyle. Dentro de um mês você irá a Londres para inaugurar sua temporada social e poderá ir ver o que quiser. E acho que você deveria empregar seu tempo em aperfeiçoar sua reverência. Afinal de contas, terá que saudar sua soberana. Será o momento mais importante de sua vida.

— Espero que não — murmuro.

Ela me oferece um sorriso amável junto com sua advertência, e amaldiçoou minha sorte. E agora como vamos ir ao Salão Egípcio para ver o doutor Van Ripple? Eu poderia *fazer* com que ela faça o que eu quisesse. Não, isso seria horrível. Mas de que outra maneira encontraremos o doutor Van Ripple? Tudo bem, só desta vez e então nunca mais.

— Querida Mademoiselle LeFarge — digo e pego sua mão.

— Senhorita Doyle? O quê...?

Ela é silenciada pela magia.

— Você quer levar Felicity, Ann e eu ao Salão Egípcio amanhã a tarde. Está ansiosa por nos acompanhar. Será... edificante. Eu prometo — eu entôo.

Se escuta uma pancada e perco o contato com LeFarge no preciso momento em que vejo a senhorita McCleethy ante a porta.

— Gemma, você deveria estar na cama — diz a senhorita McCleethy.

— S-sim, agora mesmo estava i-indo — gaguejo.

---

[30] N/T: Lanterna mágica – Criada pelo alemão Athanasius Kirchner, na metade do século XVII, baseia-se no processo inverso da câmara escura. É composta por uma caixa cilíndrica iluminada a vela, que projeta as imagens desenhadas em uma lâmina de vidro.

Minhas mãos tremem. A magia despertou dentro de mim e agora quer sair. Tento com todas as minhas forças mantê-la sob controle.

Mademoiselle LeFarge brande o folheto por cima de sua cabeça como se fosse a carta de um estimado pretendente.

— Não é maravilhoso? Um espetáculo da lanterna mágica no Salão Egípcio, amanhã. Pedirei permissão à senhora Nightwing para levar as garotas. Promete ser muito edificante.

— Um espetáculo da lanterna mágica? — a senhorita McCleethy começa a rir. — Não acho que...

— Veja você mesma 'Os Irmãos Wolfson'! — estende o folheto à senhorita McCleethy. — A senhorita Doyle me mostrou e fico feliz que tenha feito. Agora mesmo vou dizer à senhora Nightwing. Com licença.

McCleethy e eu ficamos a sós.

— Vou dormir.

— Só um momento — me diz enquanto tento deslizar-me passando por ela. — Você está doente, senhorita Doyle?

— N-não — digo com voz rouca.

Não me atrevo a olhá-la. Ela pode saber? Pode ler meu rosto? Pode cheirá-lo em mim como se fosse um perfume?

— Isto é tão repentino. Pergunto-me porquê Mademoiselle LeFarge está tão excitada a respeito.

— Ela a-ama esse tipo de coisas — consigo dizer.

Suor brilha na minha testa. A magia quer sair. Ficarei louca se continuar contendo-a. Durante um momento terrivelmente longo, as duas permanecemos caladas. Finalmente, a senhorita McCleethy rompe o silêncio.

— Muito bem, se é tão edificante, talvez eu também queira ir.

Maldição. Finalmente me libero do olhar de McCleethy e cambaleio até meu quarto, a ponto de dar uma arcada por tentar conter a magia. Corro para abrir a janela, me abaixo no parapeito e levanto o rosto para que a suave chuva molhe meu rosto, mas é inútil. A magia me chama.

Voa, ela ordena.

Estou de pé no parapeito estreito, agarrando-me com força ao marco, com o corpo afastado da mesma. E então me deixo ir. Meus braços se convertem nas asas negras azuladas e brilhantes de um corvo, e eu estou voando acima de Spence. É emocionante. Poderia viver para sempre com este poder dentro de mim. Passo voando por cima do acampamento dos trabalhadores; os homens jogam cartas e boxe. Estrada abaixo, uma trupe de mímicos perambulam pelo caminho, bêbados, enquanto passam uns aos outros uma garrafa de whisky. Eu me lanço para o acampamento dos ciganos, onde Ithal faz guarda e Mãe Elena tem um sono agitado em sua tenda enquanto murmura um nome que se perde em seus sonhos. A luz da casa de barcos está acesa e sei quem está lá dentro.

Pouso na terra com a suavidade de um floco de neve e me desfaço da minha forma de

corvo. Pela da janela imunda, eu o vejo com seu lampião e seu livro. Conseguirei o que desejo? Empurro a porta e Kartik repara em minha presença — meu rosto ruborizado e cabelo emaranhado.

— Gemma? O que aconteceu...?

— Você está sonhando — digo.

Suas pálpebras tremulam sob meu comando e, quando abre os olhos de novo, ele está em uma terra crepuscular, entre adormecido e acordado.

— Por que você não foi falar comigo quando pedi? — pergunto.

Sua voz soa distante.

— Sou um perigo para você.

— Bom, pois já estou cansada de me manter a salvo. Me beije. — digo, e dou um passo para frente. — Por favor.

Ele cruza a distância em duas pernadas e a força de seu beijo me deixa sem fôlego. Suas mãos se emaranham em meu cabelo, jogo a cabeça para trás e seus lábios beijam meu pescoço, minha mandíbula, todos os lugares ao mesmo tempo.

Não é real, é só a magia. *Não, não pense nisso. Pense só no beijo.*

Só há isso. Só isso. Só o beijo.

Sua língua desliza para dentro da minha boca. Surpresa e assustada, me afasto, mas ele me puxa de volta com outro beijo, faminto desta vez. Ele faz pequenas explorações com a ponta da língua. Sua mão desliza por todo o meu tronco e volta para cima; ele toma meu seio e geme. Eu mal consigo respirar. Não me sinto mais no controle da magia ou das minhas emoções.

— Pa-pare! — Eu digo. Ele me solta e faço de tudo para não puxá-lo de volta. — Agora, durma — Ele se acomoda no chão e fecha os olhos. — Tenha apenas bons sonhos.

Deslizo para fora da casa de barcos, meus dedos tocam meus lábios inchados. E, apesar de todo o poder que tenho, não posso evitar sorrir abertamente pelo o que floresceu neles.

***

Ao chegar nas Terras Froteiriças, as garotas da fábrica nos chamam com seu familiar *Iuhuuuu*. Nós as respondemos da mesma maneira, e elas aparecem, como passe de mágica, perto das árvores e mato. As barras das saias de Mae e Bessie estão manchadas com riscas vermelho escuro.

— Um faisão nos pegou — diz Bessie percebendo meu olhar. — Pode imaginar?

Ela sorri e vejo seus dentes afiados.

— Vocês voltaram! — exclama Pippa.

Ela levanta a saia até a cintura e forma com ela um saco que se inclina com o peso das bagas. Nos abraça de uma em uma e, ao chegar em mim, sussurra docemente:

— Encontre-se comigo na capela.

— Pip, tenho um presente para você — diz Felicity enquanto segura a caixa no alto.

— E estou ansiosa para vê-lo. Só demorarei um instante!

O rosto de Felicity esmorece e Pip me leva consigo, como mágica, até as ruínas da abadia cantarolando uma alegre melodia. Uma vez que ficamos a salvo por trás da tapeçaria surrada ela esvazia suas bagas em uma grande tigela e agarra minhas mãos.

— Tudo certo, estou preparada para receber a magia.

Eu me solto dela.

— Oi para você também, Pip.

— Gemma — diz e rodeia minha cintura com suas mãos. — Já sabe o muito que amo você, não é?

— Você ama a mim ou a magia?

Ferida. Pippa se refulgia no altar, arranca umas margaridas que crescem no chão e as joga de um lado.

— Você não vai me negar a felicidade não é mesmo, Gemma? Eu vou ter que ficar aqui presa durante toda a eternidade com não mais do que estas rudes e comuns garotas como companhias?

— Pippa — digo gentilmente — Eu quero sua felicidade, realmente quero. Mas um dias desses terei que devolver a magia ao Templo e fazer uma aliança para garantir sua segurança. Nem sempre estará ao alcance da minha mão, como agora. Você já pensou em como vai passar o resto dos seus dias?

Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Não posso me unir a sua aliança?

— Não sei — respondo. — Você não está... — mordo a língua antes de pronunciar a seguinte palavra.

— Viva? Em nenhuma tribo? — uma grossa lágrima desce por sua bochecha. — Eu não pertenço ao seu mundo, e tampouco ao deles. Muito menos faço parte das Terras Invernais, Não pertenço a nenhum lugar, não é?

É como se ela estivesse me perfurando de lado a lado. Quantas vezes eu já não me senti como ela agora?

Pip enterra a cabeça nas mãos.

— Você não sabe como isto é para mim, Gemma. Como eu conto as horas até que vocês três retornem.

— Com a gente acontece o mesmo — lhe asseguro.

Quando estamos juntas tudo parece possível, e não há um final a vista. Simplesmente, continuaríamos assim para sempre, dançando e cantando e correndo pelo bosque, rindo. Este unico pensamento basta para que a pegue pelas mãos e partilhe o poder com ela.

— Vamos — digo.

Estendo os braços e ela vem correndo para mim.

***

— Pip, tenho um presente para você! — exclama Felicity quando voltamos.

Ela desembrulha a capa debruada em pele.

— Oh! — suspira Pip, afagando o presente. — É extraordinária! Querida Fee!

Ela lhe dá um doce beijo na bochecha e Felicity sorri como se fosse a garota mais feliz da terra.

Bessie Timmons se interpõe entre elas. Segura a capa no alto para examiná-la.

— Não parece tão especial.

— Vamos, Bessie — a repreende Pip e a arrebata de suas mãos. — Isso não se faz. Uma dama deve dizer algo amável ou se limitar a guardar silêncio.

Bessie se apóia em uma coluna de mármore cujas muitas rachaduras estão cobertas de ervas.

— Então, suponho que terei que manter a boca fechada.

Pippa levanta o cabelo e deixa que Felicity ate as fitas da capa ao redor de seu pescoço esbelto, e logo alisa a vestimenta e passeia com afetação.

Ann e as garotas da fábrica se apropriam do altar. Ela lhes fala sobre *Macbeth.* Faz com que pareça uma história de fantasmas, embora suponho que isso é o que é.

— Nunca estive em um teatro de verdade — diz Mae Sutter quando Ann termina de falar.

— Nós teremos nosso próprio aqui — promete Pippa e se assenta no trono como se houvesse nascido para isso.

Felicity encontra uma cortina velha. Ao tocá-la, se transforma em uma capa igual à que deu de presente para Pip. É linda, mas quando se senta junto a Pip nota-se que é só uma ilusão. Não pode se comparar a autêntica.

— Nossa Ann vai ter uma audição com Lily Temble.

— Vamos lá — ri Mae.

— É verdade — responde Ann. — No West End.

— Eu gostaria de voltar ali — diz Mercy com uma mistura de admiração e inveja. — Lembra as batatas que nós podíamos pegar nas quartas-feiras, Wendy?

— Sim, gordurosas.

— Gotejando óleo e fervendo! — o sorriso de Mercy se desvanece. — Sinto falta de tudo isso.

— Pois eu não — Bessie Timmons dá um salto de seu lugar junto ao fogo e se empurra para a frente. — Nada mais que miséria. Trabalhar desde antes do sol nascer até o anoitecer. E, no entanto, não ter nada que te espere em casa, exceto sua mãe com um monte de bocas para alimentar e muito pouco com que enchê-las.

Mercy descansa seus olhos em suas botas.

— Não era tão ruim. Minha irmã Gracie era uma garota excelente; E eu tinha grandes sonhos.

Lágrimas enchem seus olhos e chora enquanto limpa o nariz.

Bessie abaixa-se e grunhe no rosto da garota.

— Dor de barriga e os dedos intumescidos por culpa do frio é o que tinha, Mercy Paxton. Não chore por isso.

Mae se interpõe.

— Aqui temos tudo o que precisamos, Mercy, não vê?

— Mercy, venha cá — ordena Pip.

A jovem se levanta do chão com dificuldade e se dirige para ela lentamente.

Pippa rodeia o rosto da garota em suas palmas e sorri.

— Mercy, já não se pode fazer nada a respeito, então, seque essas lágrimas. Agora estamos aqui, e tudo quanto sonhemos poderá se cumprir. Você vai ver.

A garota limpa o nariz com a manga e esse simples gesto lhe devolve a juventude. Não tem mais que treze anos. É horrível pensar que trabalhou nessa fábrica de sol a sol.

— Quem quer viver uma alegre aventura? — pergunta Pippa.

As garotas estalam em gritos entusiasmados. Até Mercy consegue esboçar um sorriso.

— Que tipo de aventura? — pergunta Ann.

Pippa ri.

— Terão que confiar em mim. Agora, fechem os olhos e sigam-me. E não podem espiar!

Com Pip na frente, nos arrastamos adiante de mãos dadas, como se fossemos uma corrente humana de papel.

Saímos do castelo. Sinto na pele o frio das Terras Invernais.

— Abra — ordena Pip.

Em frente a nós há um cerca enorme, de mais de dois metros de altura. Em um de seus extremos localizo uma entrada.

— É um labirinto!

— Sim — responde Pip aplaudindo. — Não é esplêndido? Quem topa?

— Eu — responde Bessie Timmons.

Põe-se a correr ao redor de uma esquina e desaparece no interior do labirinto.

— E eu — diz Mae e corre atrás dela.

— Eu amo um bom esconde-esconde. Encontre-me, Fee!

Depois dessas palavras, Pippa levanta as saias e Felicity, rindo, sai em sua procura.

Sou a última a ir. Não sei como as outras puderam desaparecer da minha vista tão depressa. Vou de esquina em esquina, mas o único que vejo é um exasperante alvoroçar de cores e logo nada.

As paredes da cerca são as mais estranhas que já vi na vida, feitas com trevos fortemente entrelaçados e pequenas flores negras, e eu juro que elas mudam de lugar, de modo que quando olho para trás, a passagem foi alterada. O isolamento envia minha mente até estranhas esquinas e acelero o passo.

— Ann! — grito.

— Por aqui — ela grita de volta.

O som vêm de todas as partes ao mesmo tempo, então não estou completamente segura para onde devo me dirigir.

Ouço múrmuros. Estão vindo de mais adiante?

Quando eu viro em uma esquina, vejo Felicity e Pippa muito juntas, as testas se tocando e

com as mãos unidas. Elas mantém uma conversa entre múrmuros e só posso escutar uma palavra aqui e uma frase acolá.

— ...há uma maneira...

— ...mas como...

— ....podemos... juntas.... vê?

— ...Pip...

— ...promete...

— ...prometo...

Eu piso em um galho. Ele se quebra com um barulhento crack.

Imediatamente, baixam as mãos e me enfeitiçam com sorrisos imediatos.

— Você não deveria aparecer desse jeito, Gemma — me repreende Fee com uma mão no peito e com o rosto ruborizado.

Pippa intervém na conversa, toda sorrisos.

— Fee estava me ensinando como fazer uma reverência ante a rainha. É horrorosamente difícil, mas ela pode fazê-lo com perfeição, não é, Fee?

Imediatamente, Felicity inclina-se para o chão, com os braços segurando as saias e cabeça baixa. Seus olhos serenos se cravam em mim.

— Então estavam falando de reverências — repito como uma idiota.

— Sim — responde Pippa mostrando um sorriso que indica que esta mentindo.

— Não importa. Vocês não têm que me contar — respondo enquanto me afasto.

— Gemma, não seja boba — grita Felicity — Estávamos falando da reverência!

Eu as ouço cochichar às minhas costas enquanto me afasto. Muito bem. Que tenham segredos. Dou voltas e viro pelas esquinas do labirinto. A magia se contorce e se amontoa dentro de mim. Eu poderia comer o mundo, devorá-lo inteiro. Eu preciso correr. Bater. Para ferir e curar em medidas iguais.

Preciso, e isso é mais do que posso suportar. Com pés ágeis, vôo pelo bosque. Onde minhas mãos tocam, nasce algo novo. Flores estranhas tão altas quanto homens. Um bando de borboletas com asas de cor amarela brilhante e bordas negras.

Fruta púrpura escura, grande e pesada, pendura de um galho.

Eu a esmago com minha mão e o suco se transforma em vermes.

Eu a atiro rapidamente longe de mim; as repugnantes criaturas escavam a terra, e a terra lhes responde com uma safra de flores silvestres.

Luzes piscam nas árvores, e aparece uma criatura semelhante a uma fada.

— Que poder! — exclama, maravilhada.

Sinto a mente leve; a magia me inunda. De repente, a única coisa que quero é me livrar dela.

— Aqui — digo, e estendo uma mão sobre sua cabeça; está tão fria como a neve, e vislumbro uma vasta escuridão antes de retirar a mão.

A criatura dá voltas e emite uma faísca.

— Ahhh, eu te conheço — ronrona e arrasta um dedo por meu coração.

Nego com a cabeça.

— Ninguém me conhece.

A criatura dá voltas ao meu redor lentamente até que me sinto enjoada.

— Há um lugar onde você *será* bem conhecida. Amada — sua hálito frio sussurra em meu ouvido. — Procurada. Você só tem que me seguir.

Ela entra voando nos bancos de névoa que obscurecem as Terras Invernais, e eu me rendo ao alcançá-la, deixando que a névoa me engula até o ponto onde a risada das minhas amigas é apenas a fraca lembrança de um som. Estou mais distante do que nunca estive.

Viscosas videiras se deslizam entre meus pés nus como serpentes transpassadas; não me mecho e tento controlar a respiração. A criatura semelhante a uma fada flutua perto do meu ombro. Seus olhos são duas pedras preciosas negras.

— Escute — murmura.

Junto ao meu ouvido, ouço uma voz vinda das Terras Invernais, tão suave como o beijo de boa noite de uma mãe:

— Conte-nos seus medos e desejos...

Algo dentro de mim quer responder. Sinto tanto anseio como se houvesse encontrado uma parte de mim mesma que não soubesse que havia perdido.

A voz continua falando:

— É aqui onde você pertence, onde se encontra seu destino. Não há nada a temer...

Os lábios da fada esboçam um sorriso.

— Escutou isso?

Assinto; sou incapaz de falar. A tração é muito forte. A única coisa que desejo é me unir com o que seja que me espera do outro lado.

— Posso te mostrar o caminho até A Árvore de Todas as Almas — diz a criatura de asas douradas e brilhantes. — E então você saberá o que é o verdadeiro poder. Nunca voltara a estar sozinha.

As parreiras acariciam meus tornozelos; uma sobe pela minha perna. A névoa se divide; a entrada das Terras Invernais me faz sinais. Dou um passo para ela. A pequena criatura me apressa com seus dedos desengonçados.

— Isso mesmo. Vá.

— Gemma!

Meu nome avança lentamente atrás da névoa e dou um passo para trás.

— Não escute! Vá! — sibila a criatura, mas minhas amigas me chamam de novo, e desta vez ouço algo mais: o galope forte e rápido de cavalos. Me afasto das Terras Invernais e da fada e corro até que a névoa se dissipa e me encontro perto do castelo.

As garotas saem do labirinto.

— O que é isso? O que está acontecendo? — grita Ann, que leva Wendy pelo braço.

— Por aqui! — grita Felicity e começamos a correr para o arbusto de sarça.

Pela trilha se aproxima a toda pressa um bando de centauros com Creostus liderando. Ao nos ver diminuem a marcha.

Creostus me aponta.

— Sacerdotisa! Você tem que vir comigo.

— Ela não vai ir a nenhum lugar com tipos de sua laia — responde Felicity, que se mantém firme ao meu lado, como um soldado.

O centauro vai se aproximando dando grandes passadas com suas fortes patas.

— Philon à mandou chamar. Tem que dar muitas explicações.

— Nós te acompanharemos, Gemma — promete Ann.

— Mas nós estávamos nos divertindo — diz Pip fazendo biquinho.

— Podemos ir? — pergunta Felicity sem se soltar da mão de Pip.

Penso nas duas murmurando às minhas costas, compartilhando segredos, deixando-me de lado. Bem, talvez eu queira ter um segredo para mim mesma.

— Não. Irei sozinha — respondo e me afundo nas sarças para passar para o outro lado.

— Sim, Gemma nos contará tudo, não é? — diz Pippa enquanto arrasta Felicity novamente até o labirinto.

Creostus observa Wendy avidamente.

— Eu gostaria de levar *você* comigo e te converter em minha rainha. Já montou alguma vez nas costas de um centauro?

Mae afasta Wendy para longe.

— Vá com cuidado, senhor. Nós somos senhoritas.

— Sim, já sei. Senhoritas. Minhas favoritas.

— Creostus, se você já terminou de cortejar a senhorita Wendy, te acompanharei até Philon — lhe interrompo, e me pergunto o quê é de tão urgente para que Philon tenha mandado me chamar.

A estrondosa risada de Creostus faz com que arrepie os pelos dos meus braços.

Ele se aproxima de mim.

— Com ciúmes, Sacerdotisa? Deseja competir por meu afeto? Isso eu gostaria de ver.

— Tenho certeza que sim. Mas antes você teria que estar morto. Que tal, levar-me até Philon agora, por favor.

— Ela me ama — diz piscando um olho.

Sinto a impetuosa necessidade de colocar um gorro em sua cabeça e pintá-lo dançando ao som das flautas para pendurar na parede de certa dama elegante.

— Creostus, nós vamos ou não?

Ele roça meu corpo com o seu.

— Morre de vontade de estar a sós comigo, não é?

— Vou transformá-lo em uma joaninha. Ah, se não vou.

Sem esforço evidente, Creostus me monta em suas costas enquanto cavalgamos para o bosque, eu me agarro à sua cintura para salvar minha vida. Seja qual for a razão desta visita, não pode ser nada bom. Lá embaixo, no rio, vejo a Górgona navegar a toda velocidade para alcançar o mesmo ritmo que nós.

Não, isto não parece nada bom.

27

NO BOSQUE HOJE SE RESPIRA UM AR DIFERENTE. As criaturas não estão agitadas. As crianças não brincam. Ao contrário, trabalham laboriosamente. Alguns cortam madeiras até transformá-la em pontas afiadas. Outras testam balestras primitivas. Uma chuva de flechas passa zumbindo por cima da minha cabeça, obrigando-me a agachar. Usam como alvo o tronco de uma árvore distante. A Górgona se desliza até a margem e corro até ela.

— Górgona, o que está acontecendo?

— Não posso contar, Sua Excelência. Mas temos um problema.

Philon caminha até nós com grandes passadas, vestindo uma magnífica capa de ramos e folhas com uma grande gola e mangas pontiagudas que chegam até as pontas de seus longos dedos. Seus olhos de gato se entrecerram ao me ver.

— Nos traiu, sacerdotisa.

— O que você quer dizer? Traí vocês? Como?

A tribo do bosque se reúne ao redor de Philon. Alguns usam lanças. Neela pula nas costas de Creostus com lábios franzidos com indignação.

— Viram você no Templo conversando secretamente com os Hajin — diz Philon, acusando-me.

— Isso não é verdade! — protesto.

Philon e Creostus se olham. Philon está me enganando? Trata-se de algum tipo de armadilha, um teste?

— Você nega ter feito uma visita ao Templo?

Fui ver Circe, mas não poderia dizer.

— Estive no Templo — respondo com cautela. — É lá onde estabeleceremos uma aliança, não é verdade?

Neela sobe em um toco e se senta. Ao falar, seu cabelo passa do azul para o preto e de novo para o azul.

— Ela se unirá a eles e nos trairá pela Ordem! Construirão as runas novamente! — grita. — Enquanto nós nos esforçamos aqui, esses malditos Hajin reinam nos campos de papoulas e nós nos vemos obrigados a negociar pelo seu cultivo.

O descontentamento se estende pela assembléia.

Neela sorri, satisfeita.

— Enquanto Philon nos faz esperar, os Hajin se aliam em segredo com a Ordem, que lhes dará todo o poder. As coisas serão como sempre foram, e novamente a tribo do bosque será quem sofrerá as conseqüências.

— *Nyim syatt!* — exclama Philon.

O grito do líder da tribo do bosque é afogado pelas argumentações em voz alta dos seus.

— E nós? — gritam. — Não deixe que nos tirem tudo outra vez!

— Quanto tempo passará antes que venham tomar nossa terra? Antes que levem o pouco poder que ainda nos sobra? — pergunta, furioso, um centauro.

Neela se senta novamente nas costas de Creostus.

— Eu digo que lutemos! Obriguemos a sacerdotisa a fazer um pacto agora mesmo.

Philon prepara seu cachimbo de folhas. Seus dedos longos e escuros pressionam as pétalas vermelhas no interior do fornilho.

— O que você tem a dizer sobre essas acusações, sacerdotisa?

— Dei minha palavra de honra para sua tribo e manterei minha promessa.

Neela se dirige para a multidão.

— Vocês vêem a tranqüilidade com a qual ela mente?

— Eu não estou mentindo! — grito.

Creostus toma uma posição por trás de mim, bloqueando minha única via de fuga.

— Eu disse que não podia confiar nela, Philon. É uma deles, e nunca se desprenderá da magia por vontade própria. A Ordem — zomba Creostus. Ele fala enquanto caminha, como se fosse um general. — Lembro quando a Ordem castigou minha família. Nos tiraram tudo. Nossos pais foram banidos para as Terras Invernais. O frio era muito insuportável para nossa espécie. Quem não morreu vitima dos elementos foi capturado pelas criaturas dessas terras. Foram torturados e muito mais. Uma geração de centauros se perdeu. Não permitiremos que isso aconteça novamente. Nunca mais.

Os centauros batem no chão com seus cascos e rugem.

— Eles tiraram meu pai do meu lado. Eu levarei dois dos seus para recuperar minha honra.

— Honra — silva a Górgona, do lago. — O que você sabe sobre isso?

Creostus se aproxima sigilosamente da besta gigante que fala da proa do barco.

— Mais do que alguém que é seu lacaio. Você lhe contou como traiu seu povo?

— Basta de conversa — grunhe a Górgona.

— Philon, se os Hajin conspiram contra nós com a ajuda da Ordem, deveríamos atacar agora, antes que nos tirem tudo — argumenta Neela.

— Os Hajin são pacíficos — protesto.

— São uns traidores e uns covardes — Neela se aproxima de Philon, que fuma seu cachimbo e expulsa a fumaça no interior da boca da criatura. — Por que esses malditos enfermos têm que ter todas as papoulas, Philon? Por que temos que negociar com eles?

— Você sabe que esse foi o direito deles desde a rebelião — Philon responde.

— Porque eles se uniram a Ordem. E agora conspiram contra nós! A Ordem nos tirará o que é nosso e dará aos Intocáveis! Ficaremos sem nada!

— Você tem tão pouca fé em mim, Neela?

Philon entrecerra seus olhos.

— Não pode ver com claridade. Confia muito na garota. A batalha pelos reinos começou. Querem nos destruir. Devemos atacar para nos defender.

— Não foram eles que nos atacaram primeiro.

— Você esqueceu o que nos fizeram? — ruge Creostus.

Surgem mais gritos irritados da multidão, seus medos ficam cada vez piores, até que ficam histéricos.

— Tirarão nossa terra! Matarão nossos filhos! Devemos atacar!

Uma flecha passa no ar por cima da minha cabeça e se crava na terra que há atrás de mim.

— *Nyim!* — grita Philon. — Não estamos em guerra nem com os Hajin, nem com a Ordem. *Ainda*. E enquanto a você, Sacerdotisa, concederei o beneficio da dúvida. Por enquanto. Mas você deve demonstrar sua boa fé.

— Como?

O olhar de Philon é inescrutável.

— Exijo um ato de boa fé. Você disse que pode presentear parte de sua magia. Muito bem. Aceito. Dê-me esse presente para que eu possa ter minha própria magia.

Eu disse isso, mas não estou certa se quero fazer.

— O que fará com ela? — pergunto.

Philon me olha, imperturbável.

— Eu não lhe pergunto o que você faz com a sua.

Como não faço movimento algum, Creostus cruza seus braços e sorri satisfeito.

— Está hesitando. Que mais provas você precisa?

— A magia não dura para sempre. — digo, tentando conseguir um tempo. — De que ajuda seria?

— Porque você conjurou com um encantamento! — espeta Creostus.

— Não! Não tenho controle algum sobre ela.

— Veremos — Philon me observa com um olhar vidrado. — Não a entregará? Ou quer a guerra?

A tribo do bosque espera minha resposta. Não estou certa de que este seja o melhor caminho, mas que opção tenho? Se eu não lhe der, haverá uma guerra. E se o faço, não haverá como saber que utilidade dará para esse poder.

No entanto, não disse se eu deveria lhe dar muito.

Pego as mãos de Philon durante um instante e, ao apertá-las, a criatura me olha com olhos imperturbáveis.

— Isso é tudo, sacerdotisa?

— Eu te disse que não tenho controle algum sobre ela.

Philon estreita minha mão e sussurra em meu ouvido:

— Essa é sua primeira mentira. Não permitirei uma segunda.

Quando vou, Neela grita às minhas costas:

— Não se pode confiar nas bruxas! Logo deixaremos de viver nas suas sombras!

***

A Górgona navega pela rota que leva de volta ao jardim. Sento-me perto dela e escuto o suave ritmo da água ao chocar contra os lados do enorme barco. Não disse nada desde que deixamos o bosque.

— Górgona, sobre o que Creostus estava falando?

— Não tem importância. Creostus e eu nos conhecemos desde os tempos em que eu era uma guerreira.

— Por que você escolheu permanecer nesta prisão?

A voz da Górgona fica mais séria.

— Tenho minhas razões.

Conheço esse tom de voz. Significa que a conversa acabou. No entanto, não estou de humor para me calar. Quero saber mais.

— Mas você pode ser livre...

— Não — responde com amargura. — Nunca serei verdadeiramente livre. Não mereço.

— É claro que sim!

As serpentes se deslizam por seu rosto, escondendo seus olhos.

— Sou muitas coisas, Sua Excelência, mas nenhuma delas, nobre.

Uma das serpentes arrasta-se perto de mim. Sua fina língua rosada se move com rapidez contra minha pele. Instintivamente, tiro a mão, mas seu perigoso beijo perdura em mim.

— Não deveríamos falar do passado, e sim do futuro dos reinos.

Suspiro.

— Nem sequer as tribos conseguem um acordo. Como vão formar uma aliança se estão sempre brigando?

— É verdade que sempre viveram se enfrentado. Mas ainda podem se unir em uma causa comum. A discórdia não tem porque ser um impedimento. As diferenças fortalecem.

— Não vejo como. Ouvi-los me dá dor de cabeça — Estiro os braços e sinto a espuma do rio em meu rosto, fria e doce. — Oh, por que não pode ser assim para sempre?

A Górgona me olha de esguelha. Franze os lábios.

— A paz não é fruto da casualidade. É um fogo que deve se alimentar constantemente. Deve-se cuidar dele, vigiá-lo; senão, extingue-se.

— Por que tenho este poder, Górgona? Se mal posso controlar a mim mesma. Às vezes, sinto como se pudesse dançar pelos salões, cheia de felicidade, e então, de repente, meus pensamentos ficam lúgubres, caóticos e assustadores.

— A questão não é por que, Sua Excelência. A questão é o quê. O que você pode fazer

com este poder?

Aproximamos-nos de um estreito delimitado por pedras musgosas. A água brilha com tonalidades iridescentes. Um grupo de ninfas de água emerge da corrente do rio. São criaturas exóticas, meio sereias, carecas com dedos palmados e olhos que refletem as profundezas dos mares. Sua canção é tão encantadora que poderia enfeitiçar qualquer mortal, embora, enquanto você está sob sua influência, arrancam sua pele. Eu tive um encontro com essas damas e mal consegui sobreviver para contar; não me arriscarei outra vez.

— Górgona. — advirto, e me aproximo das redes que estão presas em uma das laterais do barco.

— Sim, eu vi — diz a Górgona.

No entanto, as ninfas não se movem para se aproximar de nós. Ao contrário, submergem novamente e vejo a inclinação de suas costas prateadas enquanto se afastam nadando.

— Que estranho — digo, enquanto as vejo indo embora.

— Tudo está muito estranho ultimamente, Sua Excelência — responde a Górgona, enigmática como sempre.

Me reclino novamente perto da Górgona. As Terras Fronteiriças estão próximas. Aqui a atmosfera é mais densa e, ao longe, o céu é cor de chumbo.

— Górgona, o que você sabe das Terras Invernais?

— Muito pouco, mas isso já mais do que o suficiente.

— Você sabe de algo chamado de Árvore de Todas as Almas?

A Górgona se assusta; as serpentes silvam ante o repentino movimento.

— Onde você escutou esse nome? — me pergunta a Górgona.

— Você conhece! Quero saber tudo. Conte-me! — ordeno, mais a Górgona se mostra impassível como uma pedra. — Górgona, você é obrigada a dizer a verdade para a Ordem!

Seus lábios se contraem com um grunhido.

— Faz apenas uns instantes você me lembrou que eu era livre.

— Por favor...

Inspira profundamente e solta o ar pouco a pouco.

— Só se trata de um mito transmitido de geração para geração.

— Que se baseia em...? — aponto.

— Se diz que, escondido nas Terras Invernais, há um lugar com poder enorme, uma árvore que contem uma magia muito superior à do Templo.

— Mas se isso é verdade — argumento. — por que as criaturas das Terras Invernais não utilizaram para tomar o controle dos reinos?

— Talvez não possam recuperar seu poder. Talvez o selo das runas ou o Templo as deteve. — A Górgona pousa seus olhos amarelos em mim. — Ou talvez simplesmente não exista. Já que ninguém que conheço a viu.

— E se existir? Não deveríamos nos aventurar em entrar nas Terras Invernais e encontrá-los com nossos próprios meios?

— Não — silva a Górgona. — Está proibido.

— *Estava* proibido! Mas agora sou eu quem tem a magia.

— Isso é o que me preocupa.

Chegamos às Terras Fronteiriças. Uma ligeira neve começa a cair. As tochas estão acesas, elas lançam um brilho lúgubre sobre a paisagem.

— Esqueça as Terras Invernais. Nada de bom pode sair dali.

— Como você sabe? Nunca viu — respondo com amargura. — Ninguém fez isso.

— Ninguém em quem se possa confiar — responde a Górgona e, de imediato, penso em Circe.

— Gemma! — grita Felicity da margem.

Usa sua capa de malha e Pippa sua linda capa nova; ambas brilham como jóias.

A Górgona baixa a passarela.

— Sua Excelência, quanto antes estabelecer sua aliança e compartilhar a magia, melhor.

Observa atentamente o céu até as Terras Invernais.

— O que você está olhando? — pergunto.

As serpentes se movem inquietas. O plácido rosto da Górgona escurece.

— Problemas.

***

— Uhuu! Nossa Gemma voltou — exclama Pippa meio que me arrastando até o bosque, onde as garotas montaram um jogo de críquete.

Elas seguram os martelos, enquanto Ann está deitada sobre um manto de fios prateados. Os pontos como se fossem de uma harpa e uma música esplêndida se desliza para nós. Wendy se senta e acaricia os pêlos eriçados da cabeça do Sr. Darcy.

— Como estava a horrível tribo do bosque? — pergunta Felicity enquanto se prepara para fazer sua jogada.

— Aborrecidos. Impacientes. Acreditam que eu os traí — respondo enquanto me acomodo ao lado de Wendy e Ann.

— Bom, pois terão que esperar até que nós estejamos prontas, não é assim?

Felicity golpeia a bola, que atravessa o aro com perfeição.

— Bessie, quando você esteve com as três garotas de branco no caminho para as Terras Invernais, elas mencionaram a Árvore de Todas as Almas? — pergunto.

— Elas não falavam muito.

— E vocês também não viram nenhuma das criaturas das Terras Invernais? — pergunto para todas.

— Ninguém — responde Pippa.

Quero conformar-me com essa resposta, mas uma voz em meu interior me lembra que Pippa e as garotas ainda estão aqui e que, sob esse encanto que as recobre agora, suas bochechas são pálidas e seus dentes, pontiagudos.

No entanto, não são como esses horríveis rastreadores, esses espectros horrorosos que roubam almas. Mas o que elas são? *"Não tem porque cair".* Isso foi o que a Górgona disse.

Há outra solução? É aqui onde quero estar? Se esta noite eu der meu poder para McCleethy e a Ordem, não terei que me preocupar com tudo isso; serão elas que terão que tomar uma decisão e não eu. E certamente banirão Pip e as garotas para as Terras Invernais. Sou eu quem deve decidir.

— Em que está pensando agora, Gemma? — pergunta Felicity.

Nego com a cabeça, sacudindo o peso da noite.

— Em nada. Vamos, deixe-me tentar.

Pego o martelo e golpeio a bola com ele. Roda até penetrar no nevoeiro das Terras Invernais.

***

Terminada nossa visita, nos dirigimos até o caminho, agora familiar, que conduz até a porta secreta e avançamos pelo longo corredor mal iluminado. No entanto, é para mim um pouco estranho, como se alguém mais estivesse conosco.

— Ouviram algo? — pergunto.

— Não — responde Felicity.

É um fraco ranger, como de folhas. Ou asas. Não fizemos nada mais do que dar alguns passos a mais quando ouço novamente. Giro rapidamente e vislumbro o leve clarão, como de um vaga-lume. O suficiente para que eu veja asas estendidas, um dente. E logo some.

— Sei que está aqui. — digo. — Eu te vi.

Fee e Ann perscrutam a escuridão.

— Eu não vejo nada — diz Felicity com um encolher de ombros.

— Pois eu vi algo — respondo, olhando ao meu redor. — Eu juro que vi.

— Muito bem! Mostre-se! — ordena Felicity. Só lhe responde a escuridão. — Gemma, estou dizendo que não tem nada aqui. Vamos continuar.

— Tudo bem — respondo.

Felicity canta parte dos versos que aprendeu com Pippa e Ann se junta a ela.

— *Oh, tenho um amor, um verdadeiro, verdadeiro amor...*

Dou uma última olhada para trás. Escondida atrás de uma viga está uma criatura parecida com a fada das Terras Fronteiriças, ela me mostra seus dentes em um horrível sorriso sarcástico. A criatura brilha como um carvão aceso e logo desaparece na escuridão.

28

O SALÃO EGÍPCIO, EM PICADILLY, É UM EDIFICIO IMPRESSIONANTE. Pelo aspecto de sua fachada, parece como se fossemos entrar em uma tumba antiga resgatada das areias do Nilo. A entrada está adornada com estátuas gigantes de Isis e Osiris. Um cartaz enorme na parte de cima descreve o espetáculo dos irmãos Wolfson, as três e as oito horas em ponto. Em outro, anuncia-se a Dudley Gallery, onde são muitos os artistas que expõem suas obras.

Pode dentro parece uma réplica exata de um desses templos da antiguidade. Há uma sala enorme sustentada por fileiras de colunas que imitam o estilo egípcio, adornado com hieróglifos. Não me surpreenderia ver Cleópatra passeando entre nós. Dão-nos o programa do espetáculo desta tarde. Os irmãos Wolfson aparecem em ambos os lados deles mesmos e no meio está desenhada uma estranha caixa metálica de três pés, uma mesa levitando, um terrível espectro e um esqueleto chutando sua cabeça ossuda. A primeira página promete uma tarde que demoraremos a esquecer.

Os Irmãos Wolfson apresentam:

OS RITOS DA PRIMAVERA!

Uma fantasmagoria que evoca
espíritos ante seus olhos!

— Que emocionante! — exclama Mademoiselle LeFarge. — Estou tão agradecida a Sra. Nightwing por ter nos deixado vir. Ouvi dizer que não tem nada a ver com o que mostra as fotos. As imagens se movem como se fossem reais, como você e eu!

— Eu adorarei ver! — diz Ann.

— Logo veremos — resmunga a srta. McCleethy enquanto se abana com seu programa sem mostrar o menor interesse.

Felicity agarra meu braço com força.

— Como encontraremos o doutor Van Ripple com ela aqui? — pergunta, irritada.

— Não sei... *ainda* — respondo.

São muitos os expositores que tem a oportunidade de se promoverem neste teatro. Montaram mesas para expor seus produtos e nos chamam como se fossem apresentadores circenses; não sabemos por onde começar a olhar.

— Levarei todos ante o juiz de primeira instância em Bow Street — murmura entre dentes o inspetor Kent, fazendo alusão ao famoso tribunal de justiça de Londres.

— Oh, senhor Kent — responde Mademoiselle LeFarge.

— Senhor Kent, sir. Disseram-me que eu deveria felicitá-lo — diz um policial enquanto estende a mão ao inspetor, que lhe apresenta sua futura esposa.

É o momento ideal para fugir... se conseguir distrair a senhorita McCleethy. Se eu empregar a magia, ela vai saber? Se eu criar uma ilusão, ela perceberá? Atrevo-me a correr esse risco?

— Gemma, o que faremos? — sussurra Felicity.

— Estou pensando — respondo também com um sussurro.

McCleethy nos observa, receosa.

— O que vocês estão cochichando aí atrás?

— Gostaríamos de ver os expositores. — digo. — Podemos?

— É claro. Eu também gostaria de vê-los.

— Ótimo — Felicity grunhe — Ela vai ficar grudada em nós o dia todo.

— Eu te disse que estava pensando, não é verdade?

— Já vi muitos espetáculos aqui — diz uma anciã a sua acompanhante. — Quando eu era pequena, meu pai me levou para ver o famoso Tom Thumb. Não me chegava além da cintura, e isso por que eu era só uma criança.

— Tom Thumb! — exclama Ann. — Que maravilhoso!

— Este teatro já albergou muitas e extraordinárias exposições. — Ilustra-nos a senhorita McCleethy. — Em 1816 se exibiu a carruagem de Napoleão e, logo depois, as maravilhas do Seti I.

— Oh! E o que mais? — Ann mantém uma conversa com a senhorita McCleethy própria de uma jovem inteligente, o que me concede um momento para pensar.

O que afastaria a srta. McCleethy do nosso lado? Um leão rugindo e mostrando suas presas? Não, provavelmente cumprimentariam um ao outro como bons predadores. Maldita seja! O que espantaria a pouco espantável McCleethy?

Suponho que só há uma forma de descobrir?

Respiro fundo e tento me acalmar. As vozes de McCleethy e minhas amigas, os gritos dos expositores, e da multidão se convertem em murmúrios. Os dedos me formigam e o formigamento sobe para meu braço até chegar ao coração. *Calma, Gemma, concentre-se em seu propósito.* Depois de alguns segundos, Fowlson aparece no meio da multidão, já que foi ele quem evoquei, ao menos sua ilusão ótica.

— Senhorita McCleethy, parece que estão a procurando — digo tranquilamente,

apontando para o imaginário Fowlson.

O rosto de McCleethy parece chocado ao ver que um homem horrível lhe faz sinais com um dedo para chamar sua atenção. Esforço-me para permanecer impassível. *Inspira, expira.* Na verdade, é o mais simples do mundo.

— Como se atreve... — A senhorita McCleethy lhe lança uma olhada carrancuda. — Senhoritas, lamento ter que deixá-las durante um momento nas mãos de Mademoiselle LeFarge.

— Senhorita McCleethy, não podemos esperá-la aqui? Por favor. Não sairemos do lugar — roga Felicity.

"Fowlson" se dirige até a parte de trás do teatro.

— Sim, sim, claro, mas comportem-se. — espeta McCleethy. — Não levarei mais do que um minuto.

— O que aconteceu? — pergunta Felicity enquanto nossa professora se afasta apressada. Meu sorriso é tão amplo como a própria vida quando lhes explico o que fiz.

— Agora já sabemos que McCleethy é uma mentirosa. Não pode dizer que sabe quando uso a magia, já que acabei de fazer isso e não suspeitou de nada.

— Eu sabia! — exclama Felicity, exultante.

— Bem, olhe ao seu redor e mantenha-se vigilante. — Ordeno. — O doutor Van Ripple é um homem alto e magro com um cabelo escuro e cavanhaque aparado.

Sob o olhar dos indiferentes deuses do vestíbulo, em busca do homem que eu vi em minhas visões, o único que acredito que pode jogar alguma luz a respeito das curiosas mensagens que tenho recebido.

— Gostaria de folhear o Livro dos Mortos? — pergunta um cavalheiro de nariz vermelho. Sua esposa permanece sentada perto dele, ordenando os livros de uma mesa. O volume que tem entre as mãos tem gravado o desenho de um deus com a cabeça de um chacal.

— O Livro dos Mortos? — pergunta Ann.

Seu rosto se ilumina só em nomeá-lo.

Percebendo uma possível venda, o homem abre o livro e passa as páginas tão rápido que só vemos neve.

— O Livro dos Mortos. Com ajuda deste volume sagrado, os antigos egípcios mumificavam seus mortos e os preparavam para a outra vida. Alguns dizem que inclusive podiam contatar os mortos de suas tumbas.

Felicity franze o cenho.

— Faz alusão a Górgonas ou ninfas d'água? Explicam como derrotar as criaturas das Terras Invernais?

O homem emite um riso desconfortável.

— É claro que não, senhorita.

— Bom, então não serve muito, verdade?

Um homem com turbante se oferece para dizer nossa sorte por dois xelins.

— Gemma, você gostaria que dissessem sua sorte? — pergunta Ann embora sei que ela gostaria é que emprestássemos dinheiro para que dissessem a dela. — Bem, e se disserem que você se casará com um atraente estrangeiro?

— E se me disserem que morrerei só e rodeada de gatos e uma coleção de bonecas de porcelana? Não estamos aqui para isso — relembro-a e ela faz um bico com os lábios. Felicity nos apressa.

— Vocês têm que ver isso!

Corremos para um canto onde um homem corpulento com um bigode de morsa está com uma pequena caixa. Um grupo de mulheres se reúne ao seu redor.

— Aproximem-se, não sejam tímidas — grita o homem, alegremente. — Senhor Brinley Smith, fotografo, ao seu serviço.

Fotografias. Não entendo por que Felicity o considera tão excitante nem por que perde um tempo tão valioso com isso.

— O que tenho aqui vai deixá-las atordoadas. Essa caixa contém a prova de que a vida depois da morte.

Eu me atreveria a dizer que sabemos mais desse assunto do que o querido senhor Smith. Abre a caixa de fotografias e oferece uma a senhora que está na frente dele para que a examine. Damos uma olhada por cima de seu ombro para tentar ver algo. Não dá para ver muito, só a imagem de um homem sentado em sua mesa, escrevendo uma carta. Mas quando volto a olhar vejo algo mais. Junto ao homem há uma presença fantasmagórica vestida de branco, uma mulher tão transparente quanto o laço.

— Estas são autenticas fotografias de espíritos, senhoras. Vejam como o mundo dos espíritos ganha vida diante de seus olhos. Esta aqui é uma prova irrefutável da presença de fantasmas entre nós, da vida depois da morte!

— Oh, posso vê-la? — pergunta a dama na nossa direita.

— Vê-la? E muito mais, senhora, pois por somente dez pences pode ser sua. Assombre suas amigas e sua família! Tirei esta foto durante uma sessão de espiritismo em Bristol. — Baixa a voz até convertê-la em um emotivo murmúrio. — O que vi ali, mudou minha vida... Espíritos! Entre nós!

As damas suspiram e murmuram. Uma tira uma moeda de seu moedeiro.

— Eu gostaria de comprovar, por favor.

— Qual você quiser, senhora, têm muitas para escolher.

Dou uma cotovelada em minhas amigas.

— Não temos tempo para isso. Temos que...

Uma voz imperiosa faz seu caminho por trás de nós.

— Não acreditem no que diz, queridas senhoritas. Não é mais do que um truque ótico.

Um elegante cavalheiro com cabelos pretos, mechas prateadas e um cavanhaque aparado abre caminho. Tem os olhos e a boca circundados de sardas e se apóia em uma bengala enquanto caminha; embora seja um homem mais velho que eu vi em minhas visões, não há dúvida alguma que se trata da pessoa que procuramos: o doutor Theodore Van Ripple.

— É ele — sussurro para Ann e Fee.

O doutor se aproxima mancando.

— Esta imagem espectral é tanto de um espírito como você e eu podemos ser. É uma simples fotografia deixada muito tempo mergulhada na coberta de um fotografo. Um truque, sabiam?

— Está me chamando de mentiroso, senhor? — protesta o senhor Smith.

O homem abaixa a cabeça.

— Peço desculpas, senhor, mas não posso permitir algo semelhante, nem que senhoras de bom coração sejam enganadas por mentirosos.

O senhor Smith pode cheirar a dúvida roubando a venda.

— Senhoras, lhes asseguro, vi esses espíritos com meus próprios olhos! Aqui está a prova, certifico!

Mas já é tarde demais. A senhora que está na sua frente se afasta negando com a cabeça. Outros se aproximam para ocupar seu posto. Querem acreditar.

Felicity se aproxima do doutor Van Ripple.

— Isso é verdade, senhor?

— Oh, sim. É claro. Estou familiarizado com muitas ilusões. Eu mesmo me movo no mundo da fumaça e espelhos. Sou mágico de ofício. Na verdade, eu fiz uma apresentação esta tarde. Durante uns minutos — acrescenta amargamente. — Mas farei um número especial para vocês.

Procura em seu bolso e tira um baralho de cartas.

— Vejamos. Eu demonstrarei. Pega uma carta. A que você quiser. Pode mostrar as suas amigas, mas não para mim.

Estico o pescoço, mas logo vejo a senhorita McCleethy, assim escolho uma carta — o ás de espadas — e mostro para Ann e Felicity antes de escondê-la na palma da mão. O doutor Van Ripple, que embaralha as cartas uma e outra vez, enquanto mantém uma agradável conversa como se fosse um showman principiante. Finalmente, apóia uma mão enluvada de branco no baralho e declara:

— Você tem um às de espada, minha querida. Não é assim?

Atônita, mostro o às.

— Como você fez isso?

Seus olhos brilham.

— As regras da magia, querida, não se discutem. Quando revelamos a ilusão, deixamos de acreditar nela.

— Você marcou as cartas — replica indignado o senhor Smith. — Uma autêntica farsa.

O doutor Van Ripple inclina seu chapéu e tira um sapo de seu interior. O sapo pula no ombro do assustado senhor Smith.

— Ahhh, um bicho asqueroso!

O fotógrafo quase vira sua mesa ao tentar escapar. Os presentes começam a rir.

— Bem — diz o doutor Van Ripple. — Acho que deveríamos sair daqui.

O doutor se afasta mancando e nos guia até outras exposições: a cabeça pintada de um turco ejeta automaticamente previsões de sua boca mecânica; um encantador de serpentes mantém em equilíbrio uma serpente gigantesca ao longo de seus ombros, ondulando-a lentamente a medida que o animal se enrosca e rasteja; um homem que segura um pássaro dessecado apresenta as maravilhas de um museu ambulante de história natural. Também vejo madame Romanoff, conhecida anteriormente como Sally Carny da Bow's Bells, dirigindo uma sessão de espiritismo. Em uma ocasião, e de forma acidental, levei esta fraudulenta espírita até os reinos. Nos cruzamos o olhar e, de forma precipitada, Sally finaliza sua apresentação.

O doutor Van Ripple para na frente de uma estátua de Osíris para enxugar sua testa com um pano.

— Pelo que parece, nosso Senhor Smith não é mais do um falsotografo.

— Seu truque com as cartas foi impressionante! — diz Ann.

— Você é muito amável. Permita-me apresentar-me como é devido. Sou o doutor Theodore Van Ripple, mestre ilusionista, erudito e cavalheiro, a seu serviço.

— Como você está? Eu sou Gemma Dowd. — apresento-me para ele com o nome de solteira da minha mãe.

Ann segue apegada ao "Nan Washbrad" e Felicity se transforma na "senhorita Anthrope".

— Doutor Van Ripple, lembro ter ouvido falar de você — começo a dizer. — Acho que minha mãe assistiu um de seus espetáculos.

O interesse brilha em seus olhos.

— Ah! Aqui em Londres? Ou foi em Viena ou Paris? Eu me apresentei tanto para príncipes como para o povo.

— Foi aqui, em Londres, estou certa — afirmo. — Sim; disse que foi um espetáculo realmente maravilhoso. Seu talento a deixou assombrada.

O doutor se ruboriza ao escutar os elogios.

— Esplendido! Esplendido! E diga-me, que ilusão gostou mais: o desaparecimento do pulso ou a fumaça de rubi?

— Ah... sim, hm, acho que gostou dos dois igualmente.

— São minhas especialidades. Que maravilha!

Levanto o pescoço e procuro na multidão.

— E a acompanha esta tarde sua querida mãe?

— Temo que não — respondo. — Lembro que me disse que tinha uma ilusão que era a que mais gostava de todas. Uma em que uma bonita dama entrava em transe e lhe ordenava escrever em uma lousa.

O doutor Van Ripple observa-me receoso. Sua voz fica fria.

— A ilusão a que se refere pertence a minha ajudante. Era um tipo de médium. Já não faço esse truque, não desde seu trágico desaparecimento há três anos.

— Desapareceu durante a apresentação? — pergunta Ann com um suspiro.

— Não, minha querida, não — respondo o doutor Van Ripple.

Sacode a gola da jaqueta com a mão e imagino que, em seus tempos, devia ser um verdadeiro dândi[31].

— O que aconteceu? — pressiono.

— Meus sócios insinuaram que tinha fugido com um marinheiro ou que talvez se uniu a um circo. — Nega com a cabeça. — Mas eu não acredito, já que ela assegurava que as forças escuras a perseguiam. Estou certo que foi assassinada.

— Assassinada! — exclamamos em uníssono.

O douto Van Ripple é do tipo que gosta de ter uma platéia, embora seja contando uma história tão improvável como promete ser esta.

— Isso mesmo. Era uma mulher que tinha muitos segredos e, lamento dizer, demonstrou ser de pouca confiança. Quando a conheci tinha apenas vinte anos, e a única coisa que sabia dela era que ela era órfã e que havia escapado da escola.

— Não falou de seu passado? — pergunto.

— Não podia, minha querida, pois era muda. Tinha grande talento para desenho e a escrita transcendental.

O doutor inala um pouco de rapé de uma caixinha esmaltada e espirra em um lenço.

— O que é uma escrita transcendental? — quer saber Ann.

— A médium entra em transe e, enquanto se comunica com os espíritos, recebe mensagens do além que transmite através da escrita. E transformamos em um substancial lucro... — Tosse. — Quer dizer, ajudamos essas pobres almas aflitas e desesperadas a falar com os seres queridos que chegaram ao reino espiritual.

"Um dia chegou ao teatro muito contente. Quando lhe perguntei o motivo de sua felicidade, ela escreveu para mim no quadro, essa era a forma como nos comunicávamos, que sua querida irmã tinha visitado-a, e que planejavam "restabelecer o que havia permanecido perdido durante muito tempo". Eu não sabia ao que ela se referia. E tampouco ela me explicou. Surpreendeu-me bastante a menção de uma irmã, pois eu achava que ela não tinha família. Parece que a senhorita em questão era uma apreciada amiga de seus tempos de escola. Quando lhe perguntei se podia conhecer sua irmã, mostrou-se evasiva e cruel".

"Isso não será possível", escreveu com um sorriso. Era única para as pequenas crueldades, e eu estava completamente seguro de que sua querida amiga estava muito abaixo da minha condição social.

"Pouco depois, mudou. Um dia a encontrei em nossa loja, entre seus muitos truques e posses, segurando com força seu quadro. "Minha irmã nos decepcionou — escreveu. — É um monstro. Que horroroso, horroroso plano". Quando lhe perguntei pelo motivo de semelhante angústia, escreveu que havia tido uma visão: "Uma terrível visão do que acontecerá por considerar que o justo é injusto, e tudo se perderá".

— Ela lhe disse o que viu na visão? — pressiono.

---

[31] N/T: Costumava-se denominar dandy (dândi, em português) aquele homem de bom gosto e fantástico senso estético, mas que não necessariamente pertencia à nobreza.

— Temo que não. — O doutor franze o cenho. — Tenho que dizer que ela tinha um infeliz hábito: certa fixação por cocaína. Não podia ficar sem ela. Acredito que foi isso que começou a destruí-la, tanto seu corpo como sua alma.

Penso em meu pai, e sinto um nó no estômago ao relembrar o dia em que o encontrei em um lugar de ópio.

— Mas a cocaína é completamente inofensiva — diz Ann. — Está presente em muitos tônicos e comprimidos.

O doutor Van Ripple esboça um sorriso forçado.

— É o que dizem, mas eu acredito no contrário, querida. Pois testemunhei como a cocaína arruinou a vida dessa garota até o ponto que deixou de saber o que era verdade e o que era ilusão. Tornou-se muito desconfiada, via fantasmas nas sombras. Insistia que ela era capaz de deter esse plano terrível e escrevia longamente durante a noite em um volume secreto, algo que ela acreditava que era de suma importância. Em certa ocasião, a surpreendi enquanto trabalhava no escritório, já passava da meia-noite, com a ajuda de uma vela que tinha se consumido até quase a metade. Assustou-se ao ver-me e rapidamente tampou as páginas. Não queria mostrar-me. Suspeitei que tentava divulgar os segredos de minha magia. Demiti-a, e essa foi a última vez que soube dela durante meses, até um dia na primavera há três anos. Eu acabava de jantar quando chamou na minha porta.

"Mal a reconheci, tão espantosa era sua presença. Levava a morte escrita nos olhos. Fazia dias que não dormia nem comia. E se comportava de uma forma muito estranha. Pediu-me papel e pluma, e eu ofereci. "Sou malvada", escreveu. Como é compreensível, pensei que estava louca e a convidei para ficar. Mas ela insistiu que umas forças escuras a perseguia. "Pegaram-me por revelar a verdade — escreveu. — Devo agir com rapidez antes que me encontrem".

— De que forças ela falava? — pergunta Ann.

O doutor estende seus longos dedos sobre o punho da bengala, mostrando-se como um galo.

— Parece que não saberemos jamais. A mulher saiu da casa... e desapareceu.

— O que aconteceu com as páginas que escreveu? — pergunto.

Respira fundo.

— Não saberia dizer. Talvez esse terrível segredo que ela tinha morreu com ela. Ou talvez, inclusive agora, esteja em execução um plano diabólico e nós estejamos a sua mercê. — O doutor sorri como um tio amável e me oferece seu cartão. — Para sua mãe. Pode ser que precise de um mágico para entreter seus convidados durante alguma noite.

Pego o cartão e fecha suas mãos nas minhas.

— Abra.

Ao fazer, estão vazias. O cartão desapareceu.

— Como...?

Tira o cartão da parte de trás da minha orelha e a deposita triunfantemente na palma da minha mão.

— Ah, estava aqui! Temo que eu tenha cartões de visitas muito brincalhões. — O doutor Van Ripple mexe em seus bolsos e franze o cenho. — Caramba! Meu Deus!

— O que foi? — pergunta Felicity.

— Acho que perdi minha carteira. Lamento ter que abusar de sua boa fé, mas poderiam emprestar alguns xelins para um ancião? Dou minha palavra de cavalheiro que devolverei amanhã mesmo...

— Aqui estão! Asseguro-lhes, garotas, me deixaram muito preocupada — anuncia Mademoiselle LeFarge apressando-se em nossa direção com McCleethy, furiosa, por trás dela. Espero que o espetáculo da lanterna mágica seja uma maravilha, pois pode ser que seja minha última tarde na terra.

O doutor Van Ripple sorri com amabilidade.

— Não há nada pelo que temer, estimada senhora. Suas filhas estão em boas mãos, e seguras da multidão, asseguro-lhe.

— Estas senhoritas não são minhas filhas, senhor. Estão na minha responsabilidade — balbucia Mademoiselle LeFarge. — Deixaram-me muito preocupada, garotas.

— Algum problema, querida?

O inspetor Kent se posiciona ao lado de Mademoiselle LeFarge. Dá ao doutor uma penetrante olhada que aperfeiçoou com qualidade na polícia, e o mágico empalidece.

— Bem, então, vou indo — diz o doutor Van Ripple apressadamente.

— Espere um momento. Seu rosto é familiar... Bob Sharpe. Passou algum tempo, mas vejo que os anos não o mudaram em nada, senhor. — O inspetor Kent olha fixamente para o doutor Van Ripple. — Não estaria tentando extorquir estas senhoritas, verdade?

— Inspetor, está me ofendendo — diz o doutor Van Ripple. — Simplesmente cuidava delas como uma galinha com seus pintinhos.

O inspetor cruza seus braços e ameaça o doutor Van Ripple.

— Como uma raposa espiando os pintinhos, quer dizer. Senhor Sharpe, confio que não deseja voltar para a prisão e, portanto, não quero voltar a vê-lo esta tarde.

— Por casualidade tenho um compromisso para atender.

O olhar da senhorita McCleethy gela meu sangue.

— Lamento, Mademoiselle LeFarge. Ausentei-me apenas uns instantes — diz.

— Senhoritas, — repreende-nos Mademoiselle LeFarge — se desejam voltar a abandonar os confins de Spence...

— Spence, você disse? A Academia Spence para senhoritas? — pergunta o doutor Van Ripple.

Mademoiselle LeFarge assente.

— Essa mesma, senhor.

O doutor Van Ripple se despede de nós.

— Sim, bem, não querem perder o espetáculo, verdade? Será melhor irem pegar seus assentos. Que tenham uma feliz noite. Inspetor.

E depois de pronunciar essas palavras, o ancião se afasta mancando com pressa.

LeFarge nega com a cabeça.

— Que pessoa estranha.

— O doutor Van Ripple, cujo verdadeiro nome é Bob Sharpe. Mágico, ladrão, impostor. Contou para as senhoritas uma história fantástica e logo disse que não encontrava a carteira? — interroga o inspetor.

Assentimos, timidamente.

— Nos falou de uma mulher desaparecida. Sua ajudante — diz Ann. — Acha que foi assassinada.

A senhorita McCleethy franze o cenho.

— Acho que já tivemos o bastante.

— Asseguro-lhes que o doutor Van Ripple é um contador de histórias e que não se pode confiar nele — assegura o inspetor Kent. — E agora, vamos ver esse milagre de imagens em movimento?

Pelo que parece, o doutor Van Ripple não é mais do que um mentiroso. Não entendo por que minhas visões me levaram até esse velho mágico de vida inventiva e cujo casaco está tão desgastado como sua reputação. E pensar que arrisquei a magia por ele.

— Encontrou seu conhecido, senhorita McCleethy? — pergunta Felicity e tenho vontade de lhe dar um pontapé.

— Sim, é claro — responde. — No início, acreditei que meus olhos tinham se enganado, pois desapareceu na multidão, mas, por sorte, o encontrei novamente.

Sinto-me um pouco confusa. Como pode ter se encontrado com Fowlson quando este não tinha mais consistência do que o éter? Está mentindo? Ou por acaso Fowlson está realmente aqui, entre nós?

***

Nos acompanha até nossos assentos, dispostos de tal maneira que nos sentamos de frente para a parede. Um instrumento estranho é movido rodando para o centro do corredor: uma caixa pendurada em pés de metal, muito parecida com uma câmera, só que mais alongada. Um dos irmãos Wolfons, com casaco e chapéu, está na nossa frente, esfregando suas mãos enluvadas, com antecipação.

— Damas e Cavalheiros, sejam bem-vindos ao Salão Egípcio, onde a partir de agora presenciaram um incrível espetáculo de espíritos, fantasmas e duendes malignos que aparecerão ante seus olhos!

“Os irmãos Wolfson, mestres da lanterna mágica, lhes assombraram e surpreenderam com nossas proezas de ilusionistas... ou meras ilusões? Para quem jura que os espíritos moram entre nós, saibam que está máquina que funciona com gás e luz não é mais do que um instrumento para liberá-los em nosso mundo. Mas eu prefiro deixar a seu critério. É meu dever advertir-lhes que, em Paris, não menos que catorze damas desmaiaram durante os primeiros minutos de apresentação, e que o cabelo de um cavalheiro ficou branco como a neve por causa do medo!”

Suspiros abafados e murmúrios de excitação se estendem entre o público, para o prazer do diretor do espetáculo.

— Inclusive o grande Maskelyne e Cooke, os celebres ilusionistas, e nossos elegantes convidados presentes nesta famosa casa do mistério, acharam esse espetáculo mais emocionante do que imaginavam. Portanto, é meu solene dever pedir-lhes que se alguém daqui presente sofre do coração ou tem o corpo ou a mente perturbada abandone a sala de imediato, pois a direção não será responsável de qualquer coisa que possa acontecer.

Três damas e um cavalheiro são acompanhados para fora da sala, o que acrescenta a expectativa.

— Muito bem. Desconheço o que acontecerá esta tarde, isso depende que os espíritos se mostrem amáveis... ou raivosos. Dou a todos boas-vindas... e boa sorte.

As luzes se atenuam até que a sala fica quase às escuras. Na metade do corredor, a máquina de ferro zumbe e sibila ao cobrar vida. Projeta uma imagem na parede do fundo: o rosto de uma doce criança em um prado. Quando olhamos, se inclina para recolher uma flor e leva ao nariz. Move-se! Oh, que maravilha. Satisfeita, o público explode em aplausos.

Ann aperta minha mão.

— Parece tão real... como se estivesse aqui.

Aparece outra imagem, um regimento a cavalo. Os eqüinos empinam, suas patas se movem para cima e para baixo. Vemos um anjo suspenso sobre uma criança que dorme, tranqüilamente. Cada imagem é mais espetacular que a anterior e, sob a tênue luz de gás, todos os rostos olham para frente, oprimidos.

A parede pisca com uma nova luz. Uma mulher, pálida como giz, vestida com uma camisola, caminha dormindo. Pouco a pouco, se transforma — os braços perdem sua carne; o rosto se converte em uma máscara mortuária — até o que aparece ante nós é uma criatura esquelética. Escutam-se murmúrios de todos os tipos. E, então, o esqueleto parece se aproximar de nós.

Pavorosos gritos abafados surgem na escuridão do recinto.

— Minha irmã! Desmaiou! Oh, parem o espetáculo! — exclama alguém.

O inspetor Kent se inclina para nós.

— Não se preocupem, senhoritas. Tudo isto não é mais do que parte do espetáculo.

Confesso que agradeço seu comentário.

— Espíritos! Deixe-nos agora!

Os espectros fantasmagóricos se estendem pela parede, seus rostos deixam de ser benevolentes para tornarem-se assustadores.

— Por favor, não se levantem de seus assentos! Lamento ter que lhes informar que os espíritos deixaram de escutar os Irmãos Wolfson! Não obedecem nossas ordens! Mantenham-se em guarda, pois não sabemos o que acontecerá!

A excitação e o medo fazem com que a atmosfera fique mais densa. De imediato, a aparição se move. Seu tamanho diminui até transformar-se no doce rosto de uma criança oferecendo uma flor. Risos de alívio inundam o salão.

— Meu Deus! — ri entre dentes LeFarge.

Nesse preciso instante percebo que o assento da senhorita McCleethy está vazio. É muito provável que a senhorita McCleethy não tenha se assustado com o espetáculo da lanterna mágica; não há nada que a assuste.

Vejo-a sair, precipitadamente, pelo anfiteatro.

— Gemma — sussurra Felicity. — Aonde você vai?

— Se alguém te perguntar diga que estou no vestiário feminino.

McCleethy se desliza no interior de uma grande sala e por trás de uma cortina que oculta uma escada em caracol. Inspiro fundo e a sigo, mantendo distância. Ao chegar no pé da escada temo havê-la perdido. Mas, em seguida, ouço suas pisadas. Vou atrás dela procurando fazer o menor ruído possível. Entramos no que parece ser um túnel sob a sala do teatro, já que escuto algum zumbido sobre nossas cabeças. A senhorita McCleethy entra em um amplo quarto pouco iluminado que acolhe todo tipo de exposição — estatuas, trajes exóticos, aparatos de magia e um cartaz dos Irmãos Wolfson com a palavra "sem-vergonhas" escrita encima. Oculto-me por trás de um busto de uma deusa egípcia com cabeça de leão.

McCleethy discute com alguém nas sombras.

— Você mentiu para mim. E não gosto de mentirosos. Isto não é um jogo! Salvei sua vida! E agora está em divida comigo. Ou por acaso se esqueceu?

Não posso escutar a resposta, nem tampouco ver muito mais se não me levantar.

— A partir de agora tenho que saber tudo — ordena McCleethy. — Não acredito que preciso te lembrar que se descobrirem onde você está irão te matar. Se quer salvá-los, deve fazer o que eu digo. É o único caminho.

Ajeita o cabelo e o broche que pende do colarinho do vestido até colocá-lo direito.

— Durante vinte e cinco anos fui fiel a sua causa. Não tenho intenção de ser derrotada pelos Rakshana nem por uma garota de dezesseis anos. Agora vai, antes que te vejam.

A figura por trás das sombras se afasta. Encolho-me por trás da gigantesca estátua e a senhorita McCleethy se apressa para voltar pelo mesmo caminho por onde veio. Aguardo até que deixo de escutar o eco de suas pisadas e logo volto para a sala, onde o público desfruta da alegre imagem de um cachorro saltitante e um palhaço que faz malabarismos com uma bola.

Observo de esguelha McCleethy. O triunfo que senti momentos antes ao enganá-la foi substituído pela cautela. Com quem estava falando? Com Fowlson? Ele é um espião seu infiltrado nos Rakshana? *"Você mentiu para mim"*, ela disse. Mentiu sobre o quê? E quem quer salvar?

Finalmente, o senhor Wolfson apaga a lâmpada que alimenta a lanterna mágica e as aparições espectrais desaparecem das paredes. No entanto, os fantasmas que habitam em mim não me abandonam tão facilmente.

— Agradeço-lhes sua amável atenção, senhoras e cavalheiros — retumba a voz do senhor Wolfson. — Estas imagens são uma espécie de encantamento, embora também de ilusão... sonhos de gás e luz. Nossos anfitriões, Maskelyne e Cooke, fizeram um grande favor ao

desmascarar as fraudes. Recomendo-lhes manter-se em guarda contra qualquer forma de artimanha e engano disfarçada de verdade. Voltaremos a apresentar-nos esta noite às oito em ponto e amanhã novamente às três e às oito. Desejo para todos uma boa-tarde!

Abandonamos o teatro em um mar de pessoas animadas que fazem suas compras de última hora. Tento manter-me distante de McCleethy enquanto me agarro com força aos braços de minhas amigas.

— Aonde você foi, Gemma? — pergunta Felicity.

— Segui McCleethy. Encontrou-se com alguém em segredo.

— Com quem? — quer saber Ann.

Olho por cima do ombro, mas McCleethy está envolvida conversando com LeFarge e o inspetor Kent.

— Não pude ver com quem falava. Pode ser que seja um Rakshana ou com alguém da Ordem — digo e lhes conto o que sei.

As ruas estão lotadas de gente e carruagens, penumbra e trafego. O programa prometia que as cinco haveria carruagens nos esperando, mas há muita gente para tão poucas carruagens, o que nos obriga aguardar uma eternidade.

— Bem — diz o inspetor Kent. — Vejamos o que pode fazer a lei.

Encaminha-se com passo decidido até o homem encarregado das carruagens.

— Sinto ter que abandoná-la, mademoiselle LeFarge — diz a senhorita McCleethy. — Você tem certeza que pode se encarregar sozinha das garotas?

— É claro que sim — responde Mademoiselle LeFarge, dando algumas palmadinhas nas mãos da senhorita McCleethy.

— Senhorita McCleethy, você irá nos deixar? — pergunta Felicity.

— Sim, esta noite irei jantar com um amigo — responde nossa professora.

— Que amigo é esse? — pergunta Fee abandonando seus bons modos.

— Senhorita Worthington, não acredito que isso seja assunto seu, verdade? — repreende Mademoiselle LeFarge, e Fee fica em silêncio.

A senhorita McCleethy não responde a pergunta impertinente.

— Confio que não causarão problemas para mademoiselle LeFarge, senhoritas — adverte-nos. — Nos veremos amanhã.

— Não sabia que a senhorita McCleethy tinha amizades — murmura Ann enquanto McCleethy vai embora.

Nem eu, mas esta noite a senhorita McCleethy está cheia de surpresas.

A névoa de Londres nos envolve em sua escuridão. As silhuetas emergem como fantasmas, como algo pertencente à neblina, antes de adquirir forma: sombras de chapéus, casacos de gorros. È um efeito tão emocionante quanto as aparições da lanterna mágica dos Irmãos Wolfson.

Ann, Felicity e LeFarge se distraem pela visão de um tal senhor Pinkney — o Calíope Humano — que imita o som de um instrumento com a boca ao mesmo tempo em que bate em um tambor.

O doutor Van Ripple surge na névoa, mancando com pressa e ajudando-se com sua bengala. Bate em um cavalheiro.

— Peço desculpas, senhor. É culpa da minha perna e da umidade do solo.

— Não tem problema — diz o cavalheiro.

Enquanto ajuda o doutor Van Ripple a se recompor, vejo que o mágico mete uma mão no bolso do homem e subtrai um relógio de ouro.

Mestre ilusionista, não há dúvida alguma. Mestre das Carteiras seria o termo mais apropriado.

— Desculpem, desculpem — diz, enquanto afasta de seu caminho damas e cavalheiros com seus bons modos.

Paro em seu caminho. Assustado, cruza seu olhar com o meu.

— Desfrutou do espetáculo, querida?

— A que espetáculo se refere, senhor? — Pergunto com dureza. — A dos Irmãos Wolfson? Ou o que acabo de presenciar em que subtraiu o relógio de um homem?

— Está completamente errada — diz o doutor Van Ripple com os olhos arregalados por causa do pânico.

— Não direi para ninguém — asseguro-lhe. — Mas espero que me dê algo em troca. Quando a senhorita LeFarge mencionou Spence, você ficou pálido ao ouvir. Por que?

— Realmente, devo ir...

— Chamo a polícia?

O doutor Van Ripple me olha, carrancudo.

— Minha ajudante foi para a Academia Spence.

— Era uma garota de Spence?

— Isso dizia.

Escrutino seu rosto.

— Como sei que diz a verdade?

Leva uma mão até seu coração.

— Pela minha reputação de cavalheiro...

Interrompo-o.

— Acho que sua reputação como cavalheiro é bastante questionável, senhor.

Sustenta meu olhar.

— Então pela minha reputação como mágico. Juro que disse a verdade.

Nossas carruagens chegam.

— Vamos garotas! — chama-nos Mademoiselle LeFarge.

— Será melhor que não as faça esperar — diz enquanto guarda o relógio roubado no bolso.

Posso confiar na palavra de um ladrão?

— Doutor Van Ripple — começo a dizer, mas se despede ondeando no ar sua bengala. — Por favor, senhor, só quero saber seu nome, nada mais, e lhe deixarei em paz. Prometo.

Ao ver que não estou rindo, suspira.

— Muito bem. Chamava-se Mina. Senhorita Wilhelmina Wyatt.

***

Mina, senhorita Wilhelmina Wyatt, autora de *Uma História das Sociedades Secretas* e a dama de minha visão, foi uma garota de Spence, e uma de suas irmãs a traiu. Enquanto Mademoiselle LeFarge dorme na carruagem, começamos a conversar em voz baixa.

— Wilhelmina Wyatt! E pensar que temos seu livro, e seus perigosos segredos, em nossas mãos! — espeta Ann.

— Mas já lemos o livro — digo. — O que pode ter passado despercebido? Não há nada perigoso nele.

— Exceto o perigo de acabar dormindo — diz Felicity, bocejando.

— Descobrimos algumas verdades sobre a Ordem — afirma Ann, defendendo-se. — Sem o livro, Gemma, nunca teríamos descoberto a verdadeira identidade de Circe — recorda-nos e tem razão.

Dessa maneira foi como descobrimos que a Ordem ocultava suas identidades através de anagramas, e que Hester Asa Moore, o nome de nossa mentora de confiança, era na realidade um anagrama de Sarah Rees-Toome.

Felicity tamborila seus dedos no assento.

— Há algo nesse livro que sempre me inquietou. Com que propósito a senhorita McCleethy o adquiriu? Se ela é um membro da Ordem, por que precisava ter um livro sobre a Ordem?

No natal, seguimos a senhorita McCleethy até a livraria Golden Dawn, na Strand. Comprou o livro, e nós fizemos o mesmo, mas até hoje considerei como uma de suas estranhezas. Não acreditei que poderia haver um motivo mais importante, nem talvez mais obscuro, para que ela o quisesse.

— Durante um instante, vi o rosto de McCleethy em uma de minhas visões — recordo-lhes. — Poderia tratar-se da irmã que o doutor Van Ripple mencionou.

— Sim, embora você tenha dito que só viu seu rosto — acrescenta Felicity. — Não as viu juntas.

Do outro lado da janela, os galhos nus arranham as paredes da carruagem. A noite tem garras, mas escapamos delas, avançando a sacudidas até que uma vez mais aparece ante nós a silhueta de Spence. Com seus candelabros acesos, todo o conjunto brilha na noite tisnada. Só a Ala Leste está às escuras. As nuvens se movem; a lua aparece. Do alto do telhado pendem as gárgulas que nos olham com malícia, os arcos elevados de suas asas criam sombras formidáveis contra a luz da lua. As bestas de pedra parecem estar preparadas e dispostas. Por um momento, lembro da alucinação assustadora na carruagem, no dia em que ia com Felicity: a boca aberta da criatura, o flash de seus dentes afiados deslizando-se para baixo, a pequena trilha de sangue, e tenho que afastar o olhar.

— Pois bem, continuo dizendo que o livro contém um grande segredo e temos que descobrir já. — insisto.

Ann dirige seu olhar para a ampla extensão de estrelas.

— Talvez não soubemos onde procurar.

***

Umas horas depois, estamos no quarto de Felicity, ao redor de uma cópia de *Uma História das Sociedades Secretas*, tentando ler na tênue luz de uma vela.

— Procure algo que faça referência à Árvore de Todas as Almas. — digo. — Pode ser que tenha nos passado despercebido na primeira vez por que não tinha significado algum para nós.

Inclinadas sobre o livro, lemos página após página com frustração até que as palavras começam a nos cegar. Fazemos turnos para ler em voz alta. Há entradas sobre os druidas, os agnósticos, bruxaria e paganismo, e algumas ilustrações que não acrescentam nada novo. Lemos de novo sobre a Ordem e os Rakshana, e não encontramos nenhum dado de interesse. Não há nem uma só palavra sobre a Árvore de Todas as Almas. Passamos as páginas e aparece a ilustração de uma torre. Continuo lendo.

"Torre de Glastonbury. Stonehenge. Iona nas Hébridas. As grandes pirâmides e a grande esfinge de Giza. Considera-se que todas elas estão imbuídas pela magia derivada do alinhamento da terra e das estrelas." Continuo lendo enquanto bocejo. "Os lugares sagrados da terra se indicam com várias marcas, que incluem igrejas, cemitérios, círculos de pedra, bosques e castelos, para nomear só alguns. Enquanto as sumas sacerdotisas e os veneráveis druidas e os nobres pagãos acreditam que aqui os espíritos caminhavam..."

— Gemma, aqui não há nada — queixa-se Felicity. Está com a cabeça e os braços pendurados aos pés da cama como uma criança entediada. — Podemos ir aos reinos, por favor? Pip nos espera.

— Este livro tem quinhentas páginas — levanta-se Ann, colocando-se a favor de Felicity. — Vamos passar a noite toda lendo, e eu quero brincar com a magia.

— Tem razão — respondo e fecho o livro. — Vamos para os reinos.

29

AGORA QUE A SENHORITA MCCLEETHY VOLTOU PARA nós, ela não perde tempo em se fazer notar. Ela estala seu chicote a cada oportunidade. Há uma maneira correta e outra incorreta de fazer as coisas. E a maneira correta, segundo parece, sempre é a da senhorita McCleethy.

Apesar de sua vontade de ferro, ela é ótima para organizar passeios, e a medida que os dias ficam mais verdes, somos gratas pelas saídas dos salões abafados de Spence.

— Acredito que nós deveríamos desenhar ao ar livre hoje — ela anuncia.

Como faz um dia maravilhoso, recebemos a noticia com entusiasmo. Colocamos nossos chapéus para proteger nossa pálida pele da terrível ameaça da sardas, embora, no meu caso, esta seja uma questão discutível. Relembro os dias esplêndidos e calorosos vividos na Índia, correndo pela terra rachada com os pés nus, o sol tatuando uma lembrança daqueles dias com pequenas manchas marrons, como se os deuses houvessem salpicado um punhado de areia em minhas bochechas e nariz enquanto minha pele estava úmida.

— O sol abençoou você — Sarita costumava dizer — Olhe como deixou seus beijos em seu rosto para que todos vejam e fiquem com inveja.

— O sol te ama mais — eu dizia, roçando minhas mãos por seus braços ressequidos, da cor de uma cabaça de vinho envelhecido, e ela ria.

Mas isto era na Índia, e nós não somos valorizadas por nossas sardas neste lugar. O sol não tem permissão de mostrar seu amor.

A senhorita McCleethy nos dirige pela relva enlameada que faz um estrago em nossas botas.

— Onde vamos? — resmunga Elizabeth, caminhando atrás de nós.

— Senhorita McCleethy, falta muito? — pergunta Cecily.

— Caminhar lhe fará bem, senhorita Temple. Não quero mais ouvir queixas — a senhorita McCleethy responde.

— Não estava me queixando — resmunga Cecily, mas nenhuma de nós nos unimos a sua causa.

Se houvesse um campeonato de choronas ela ficaria em primeiro lugar de longe.

A senhorita McCleethy nos guia pela floresta, passamos pelo lago onde se reflete o céu

cinzento e descemos por um caminho estreito e torto que não havíamos visto antes, e que se serpenteia durante um bom trecho antes de chegar à uma colina.

Um pequeno cemitério é visível no cume da colina, e é ali para onde nos leva a senhorita McCleethy.

Ela estende uma manta entre as lápides e monta nosso piquenique ali mesmo.

Elizabeth segura com força sua capa contra ela.

— Por que viemos a esse lugar tão horrível, senhorita McCleethy?

— Para lembrá-las que a vida é breve, senhorita Poole — responde a senhorita McCleethy, segurando meu olhar por um instante. — Além disso, é um lugar encantador para um piquenique. Quem gostaria de bolo e limonada?

Com um floreio, abre a cesta e o aroma celestial de bolo de maçã de Brigid sobe de dentro. Grossas fatias dele são passadas de mão em mão. Limonada é servida. Nós desenhamos e comemos preguiçosamente. A senhorita McCleethy bebe a golinhos seu refresco. Contempla a extensão das onduladas colinas verdes, as agrupações de árvores como tufos rebeldes de cabelos na cabeça de um calvo.

— Há algo de especial nesse lugar.

— É fascinante — concorda Ann.

— Um pouco lamacento — se queixa Cecily com a boca cheia de bolo. — Não é tão bonito quanto Brighton.

Eu a imagino polindo seu troféu de chorona.

Ann levanta a voz.

— Brigid disse que Jesus possivelmente tenha andado por estas colinas com seu primo, José de Arimatéia, e que os Gnósticos[32] também passaram por este lugar.

— Quem são os gnósticos? — pergunta Elizabeth, entre risos.

— Uma seita mística dos primeiros Cristãos, mais Pagão do que Cristão, para dizer a verdade — responde a senhorita McCleethy. — Eu também já escutei essa história, senhorita Bradshaw. Muitos Britânicos acreditam que talvez Camelot tenha sido erigido nesta região, e que Merlin escolheu este lugar porque o terreno estava encantado.

— Como esse lugar poderia estar encantado? — pergunta Felicity com a boca muito cheia; McCleethy a censura com o olhar.

— Senhorita Worthington, não somos selvagens, por favor — a repreende enquanto lhe passa um guardanapo. — Muitos antigos achavam que havia locais que guardavam poderes extraordinários. Por isso veneravam este lugar.

— Isso significa que se ficar um tempo no centro de Stonehenge, serei poderosa como o Rei Arthur? — pergunta Cecily rindo.

— Não, não acredito que esse poder fosse dado a qualquer uma, mas sim à aqueles que sabiam governar — ela diz, deliberadamente. — Quando lemos sobre a magia nos contos de

[32] N/T: Os Gnósticos foi um dos vários grupos religiosos que surgiram por volta do século 1, os gnósticos afirmavam ter acesso a um conhecimento (do grego, gnosis) secreto que os levaria à salvação. Presentes em grandes centros, como Egito e Síria, acreditavam que todos os seres humanos possuíam uma centelha divina e, despertando esse pedacinho de Deus dentro de si, poderiam se reconectar a ele e ser salvos.

fadas ou na mitologia, também lemos sobre o avanço do tempo e o tempo está sujeito a leis estritas, do contrário se faria o caos. Olhem a sua volta. O que vocês vêem?

Senhorita McCleethy estende uma mão para o verde horizonte.

— Colinas — afirma Ann — Estradas.

— Flores e arbustos — acrescenta Cecily, e fica olhando para a senhorita McCleethy como se houvesse um prêmio para quem desse a resposta certa.

— O que temos ante nós é uma prova. A prova de que o homem pode conquistar a natureza, que o caos pode ser detido. Vemos a evidência da importância da ordem, da lei. O que precisamos para vencer o caos. E se sentirmos o caos dentro de nós, devemos arrancá-lo pela raiz e substituí-lo por uma disciplina férrea.

Realmente podemos vencer o caos com tanta facilidade? Se fosse assim, eu deveria ser capaz de reduzir o alvoroço da minha alma a algo decente, a algo organizado, em vez deste labirinto de carências, necessidades e dúvidas que constantemente me fazem sentir como se não pudesse encaixar na paisagem das coisas.

— Mas muitos jardins não são lindos porque são imperfeitos? — respondo, olhando McCleethy. — Não são as flores estranhas e exóticas que brotam por erro ou acidente tão agradáveis quanto as que estão bem cuidadas e planejadas?

Elizabeth franze os lábios.

— Estamos falando de arte?

Senhorita McCleethy dá um sorriso amplo.

— Ah, uma perfeita idéia para o tópico em questão. Tomem como exemplo a arte dos mestres e verão que suas obras foram criadas seguindo algumas regras: temos uma combinação de linhas, luz e cor — Ela sustenta meu olhar como se estivesse a ponto de fazer um xeque mate. — A arte não pode ser criada sem uma ordem.

— E o que me diz dos Impressionistas de Paris? O que sai de seus pincéis não é exatamente organizado — diz Felicity, comendo o bolo com os dedos.

— Acredito que sempre existam os rebeldes e os radicais — admite McCleethy. — Aqueles que vivem à margem da sociedade. No entanto, em que contribuíram à mesma? Eles se apropriam de sua recompensa sem sofrer seus custos. Não. Sustenho que o trabalho duro e fiel dos cidadãos que deixam de um lado seus próprios desejos egoístas pelo bem da maioria é o suporte principal do mundo. O que aconteceria se nós decidirmos nos afastar de tudo e viver livremente sem pensar nem nos preocupar pelas regras da sociedade? Nossa civilização desmoronaria. Há alegria ante o dever e segurança, ao saber o lugar de cada um. Este é o estilo Inglês. É a única forma.

— Isso mesmo, senhorita McCleethy — declara Cecily.

Sei que isso é o ponto final da discussão, mas não posso permitir que termine assim.

— No entanto, sem os rebeldes ou os radicais, não haveria mudanças, não haveria ninguém que se opusesse. Não haveria progresso.

A senhorita McCleethy nega com a cabeça, pensativa.

— O verdadeiro progresso só pode ser produzido quando primeiro há segurança.

— E se a segurança... for só uma mera ilusão? — continuo, pensando em voz alta. — E se isso não existe?

— Então desmoronaremos — diz a senhorita McCleethy enquanto esfarela o que sobrou de seu bolo. — Caos.

Dou uma pequena mordida em meu pedaço de bolo.

— E se isso for só o começo de algo novo? E se, uma vez que deixarmos ir, nos tornarmos livres?

— Você adotaria esta postura, senhorita Doyle?

A senhoria McCleethy sustenta meu olhar até que me vejo obrigada a afastar os olhos.

— Do *que* estamos falando? — cacareja Elizabeth.

— Senhorita McCleethy, este chão está muito duro. Poderíamos retornar à Spence? — se queixa Martha.

— Sim, tudo bem. Senhorita Worthington, deixo você no encargo. Meninas, sigam seu comando — A senhorita McCleethy coloca as migalhas do bolo em um guardanapo e o dobra. — Ordem. Essa é a chave. Senhorita Doyle, preciso que me ajude a recolher as coisas.

Felicity e eu trocamos um olhar. Ela passa o dedo pela garganta como se fosse uma faca e eu tomo nota para lhe contar mais tarde quão engenhosa achei sua brincadeira.

A senhorita McCleethy colhe um ramalhete de flores silvestres e me instrui para que a siga mais além do cemitério.

Há uma subida íngreme até o topo da colina. O vento sopra com força. Faz com que solte algumas mechas de seu penteado e chicoteiam selvagemmente sobre sua face, reduzindo sua severidade. Dali, posso ver as garotas caminhando entre as árvores em uma alegre fila, com Ann fechando a retaguarda. Ao longe, Spence eleva-se da terra, como se sempre houvesse existido, como as árvores ou sebes, ou o longínquo Tamisa.

Senhorita McCleethy deposita as flores encima de uma lápide simples.

Eugenia Spence, Amada Irmã,
6 de maio de 1822 — 21 de junho de 1871.

— Eu não sabia que havia uma lápide para a Sra. Spence

— Era como ela queria ser lembrada — responde com simplicidade, sem cerimônias.

— Como ela era? — pergunto.

— Eugenia? Ela tinha uma mente ágil e um grande conhecimento de magia. Em seus tempos, era a mulher mais poderosa da Ordem. Cordial, mas firme. Acreditava que as regras deviam ser acatadas sem exceção, que se desviar em algo era se expor ao desastre. Esta escola foi o trabalho de sua vida. Aprendi muito com ela. Foi minha mentora. Eu tinha muito carinho por ela.

Limpa as mãos e coloca as luvas.

— Lamento sua perda — digo. — Lamento que minha mãe...

Senhorita McCleethy abotoa sua capa com dedos rápidos.

— O caos acabou com a vida de Eugenia, senhorita Doyle. O rompimento das regras por parte de duas garotas foi o que levou nossa querida professora. Lembre-se disso.

Eu engulo a vergonha, mas minhas bochechas ruborizadas não passam despercebidas.

— Sinto muito — ela diz. — Foi muito difícil para mim. Eu confesso que quando descobri que quem tinha a chave dos reinos era a filha de Mary, me senti desapontada. Que alguém cuja desgraça conduziu Eugenia à morte pudesse ter originado nossa salvadora... — nega com a cabeça — Parecia que o destino tinha me pregado uma brincadeira cruel.

— Eu não sou tão ruim assim — protesto.

— Uma coisa é estar preparada para a grandeza e outra muito diferente é que provenha de você. Eu temia que o sangue de sua mãe a levasse a tomar decisões arriscadas... — Volta o olhar para Spence onde os homens martelam ao longe, reconstruindo as ruínas da Ala Leste. — E você ainda não é capaz de entrar nos reinos nem de recuperar a magia do Templo?

— Infelizmente, não — Observo detalhadamente a tumba de Eugenia Spence com a intenção de que a senhorita McCleethy não perceba a mentira refletida em minhas bochechas coradas.

— Eu me pergunto por que me custa tanto acreditar em você — diz.

— Não há outra maneira de entrar nos reinos? — pergunto para mudar de assunto.

— Não que eu saiba — responde a senhorita McCleethy. Ela passa uma mão por meu cabelo, colocando um dos cachos rebeldes atrás da minha orelha. — Devemos ter paciência. Tenho certeza de que você recuperará o poder.

— A não ser que os reinos não tenham me escolhido para continuar — eu lhe lembro.

Ela dá um sorriso afetado.

— Duvido muito, senhorita Doyle. Venha, vamos recolher nossas coisas.

Ela se encaminha de volta ao lugar onde montamos nosso piquenique, e eu a sigo.

Libero o cacho que ela colocou atrás da minha orelha tão esmeradamente, e o deixo oscilar livre e solto.

— Senhorita McCleethy, *se* a magia faiscasse dentro de mim... e *se* eu fosse capaz de entrar novamente nos reinos... a Ordem iria se aliar com as tribos nos reinos?

Os olhos dela brilham.

— Quer dizer, nos aliar com quem tentou nos destruir durante séculos?

— Mas se as coisas tivessem mudad…

— Não, senhorita Doyle, há coisas que não mudam nunca. Temos sido perseguidas por nossas crenças e nosso poder tanto fora quanto dentro dos reinos. Não cederemos tão facilmente. Nossa missão é devolver a magia ao Templo, reconstruir as runas e fazer com que os reinos voltem a ser o que eram antes que essa terrível tragédia destruísse nossa segurança.

— Alguma vez eles foram verdadeiramente seguros? Porque não parece.

— Claro que foram. E eles podem voltar a ser novamente, se nós o deixarmos do jeito que era antes.

— Mas não podemos voltar atrás. Só podemos seguir em frente — digo, e me surpreendo ao escutar sair da minha boca as palavras da senhorita Moore.

Senhorita McCleethy emite uma risada de lastima.

— Como podemos ter chegado a isso? Sua mãe esteve a ponto de nos destruir, e agora você também pretende dar um passo para nossa destruição. Ajude-me com esta cesta, por favor.

Quando eu me estendo para pegar a jarra de limonada, nós colidimos, e a jarra se quebra em pedaços muito pequenos para poder ser consertado.

— Desculpe — digo e os empilho e um montinho.

— Até as coisas mais simples você complica, senhorita Doyle. Deixe que eu cuide disso.

Eu me afasto pisando duro. Contornando perigosamente as antigas lápides com inscrições dedicadas àqueles que só são amados quando se vão.

***

Um motim está acontecendo na Ala Leste quando eu retorno. Felicity corre para mim e me arrasta até o grupo de garotas que observam a cena, dispersadas sob a proteção contra o sol que as árvores criam. Os homens abandonaram suas tarefas. Eles se mantém agrupados, com chapéus na cabeça e os braços cruzados contra o peito, enquanto o senhor Miller ladra ordens com o rosto vermelho.

— Eu sou o capataz aqui, e digo que nós finalizaremos o trabalho ou não haverá pagamento para vocês! Agora, voltem ao trabalho!

Os homens arrastam os pés. Brincam com os chapéus. Um deles cospe no chão. Um homem alto com pinta de boxeador dá um passo à frente. Ele olha ansiosamente seus companheiros.

— Não está certo, senhor.

O senhor Miller leva uma mão a orelha e franze o cenho.

— O que você disse?

— Os homens e eu temos conversado. Há algo neste lugar que não está certo.

— O que não vai estar certo é não terem pagamento em seus bolsos! — grita o senhor Miller.

— Onde foi Tambley? E porque Johnny saiu ontem a noite e não voltou esta manhã? — grita outro trabalhador que parece mais assustado que irritado. — Os homens desaparecem ou se vão sem dizer nada, e você não acha estranho?

— São conversas como estas que, provavelmente, os tenha assustado. Pois adeus e boa viagem pra eles. Covardes. E se querem saber, acho que o que temos de fazer é limpar os bosques desses Ciganos imundos. Eu não ficaria surpreso se eles estivessem por trás disso. Eles vêm para o nosso país e tiram o trabalho de Ingleses decentes. Vão deixar que eles joguem suas maldições sobre nós sem lutar?

— Seus homens bebem. Essa é sua maldição — gaba-se Ithal, descendo a colina e trazendo consigo uma dezena de Ciganos em seu encalço. Kartik está entre eles. Meu coração

bate um pouco mais rápido. Os Ciganos superam em numero os homens do senhor Miller.

Miller sobe até a colina correndo. Tenta bater em Ithal, que se esquiva e movimenta-se como um pugilista perito. Os dois homens brigam e incitam ambos os bandos a fazerem o mesmo.

Ithal golpeia com força na mandíbula do senhor Miller, e este, cambaleia. Kartik mantém a mão perto do punhal que guarda na bota.

— Chega! Parem com esse estardalhaço! — grita Brigid.

A escola inteira se esvazia para ver os homens lutar. Novos golpes são lançados. Agora todos participam da luta.

— Por que nenhum de vocês desapareceu? — grita um dos homens do senhor Miller.

— Isso não prova nada — responde Ithal esquivando um soco.

— Para mim é prova suficiente — rosna outro homem.

Ele pula nas costas de Ithal rasgando sua camisa como um animal. Kartik o tira de cima. O homem tenta agarrá-lo e, rápido como um raio, Kartik passa a perna no homem e o faz perder cair.

O caos irrompe no gramado.

— Isso não é excitante? — diz Felicity, os olhos faiscando.

A Sra. Nightwing se aproxima. Ela caminha pelo gramado como a rainha Victoria repreendendo sua guarda.

— Isto está errado, senhor Miller! Isto está completamente errado!

A Mãe Elena tropeça para dentro da clareira. Grita aos homens que parem. Ela está fraca e busca uma arvore para se apoiar.

— É este lugar! Ele pegou minha Carolina! Chame Eugênia, peça para ela parar isso!

— Completamente louca — murmura alguém.

A luta se interrompe momentaneamente. Kartik dá um passo para frente. Ele tem um corte no lábio inferior.

— Se unirmos força, teríamos uma melhor chance de pegar quem está causando problemas. Podemos fazer guarda enquanto vocês dormem…

— Permitir que tipos como vocês estejam a cargo da vigilância? Nós acordaríamos com nossos bolsos vazios e as gargantas cortadas! — grita um trabalhador.

Há mais gritos; acusações são lançadas e uma nova briga ameaça começar.

A Sra. Nightwing se intromete na disputa.

— Cavalheiros! A proposta é muito sensata. Os Ciganos vigiarão de noite para que vocês possam descansar.

— Não permitiremos que nos vigiem — diz o senhor Miller.

— Mas nós vigiaremos — replica Ithal. — Para nossa própria proteção.

— Que confusão — a Sra. Nightwing estala a língua. — Garotas! Por que estão todas aqui com as bocas abertas como gansos? Para a sala de aula imediatamente.

Eu passo por Kartik, mantendo meus olhos diretamente sobre as outras meninas.

Não olhe para ele, Gemma. Ele não veio quando você chamou. Continue andando.

Consigo chegar às portas de Spence antes de me permitir dar um rápido olhar. Atrás de mim, vejo Kartik olhando-me fixamente.

***

— Cartas, Cartas! — exclama Brigid, que chega com a correspondência semanal, vinda da cidade.

Nós nos esquecemos dos estudos e a rodeamos com um clamor, com as mãos estendidas em busca de alguma palavra de casa. As menores choram e soluçam em cima das cartas de suas mães, tal é a saudade que sentem, no entanto, as mais velhas, estão ansiosas pelas fofocas.

— Aha! — Felicity, triunfante, segura no alto um convite. — Desfrutem essa visão.

— "Você está cordialmente convidada a um baile Turco em honra da senhorita Felicity Worthington, que acontecerá na mansão do Senhor e Senhora Markham, às oito da noite" — leio em voz alta — Oh, Felicity, é maravilhoso!

Ela o aperta contra seu peito.

— Quase posso sentir o gostinho da minha liberdade. O que você recebeu, Gemma?

Eu espreito o remetente.

— Uma carta da minha avó — digo enquanto a guardo em meu livro.

Felicity arqueia uma sobrancelha.

— Por que você não abre?

— Eu vou. Mais tarde — respondo olhando Ann.

Todas recebemos cartas, menos ela. Cada vez que a correspondência é entregue, é terrível para Ann ter que sair de mãos vazias, sem que uma alma caridosa lhe escreva para dizer que sente sua falta.

Brigid, com o cenho franzido, segura uma carta contra a luz.

— Oh, este homem perdeu o juízo! Esta não é nossa. Nan Washbrad. Não há nenhuma Nan Washbrad aqui.

Ann quase salta para o envelope.

— Posso ver?

Brigid mantém longe dela.

— Vamos, vamos. É a Sra. Nightwing que tem que decidir o que fazer com ela.

Impotentes, contemplamos a cena enquanto Brigid coloca a tão esperada carta da senhorita Trimble entre a correspondência de Nightwing e a guarda no bolso de seu avental.

— Deve ser do senhor Katz. Temos que recuperá-la — diz Ann desesperada.

— Ann, onde Brigid deixa as cartas de Nightwing? — pergunto.

— Em sua mesa — responde Ann, engolindo em seco — No andar de cima.

***

Somos forçadas pelas circunstâncias a esperar até as orações da noite para recuperar a carta de Ann. Enquanto as garotas recolhem seus xales e livros de orações, nós escapulimos e

entramos no escritório de Nightwing.

É velho e formal, muito parecido com o bustle[33] fora de moda que ela usa.

— Vamos rápido — digo.

Abrimos as gavetas vasculhando em busca de algum sinal da carta de Ann.

Abro um pequeno armário e olho dentro. As prateleiras estão cheias de livros: *Quando o Amor é Verdadeiro*, da senhorita Mabel Collins. *Eu Vivi, Eu Amei*, da senhora Forrester. *A Poderosa Paixão. A Honra de Trixie. O Crime Escondido de Elsie. Um Galope Glorioso. A Espera Recompensada.*

— Vocês não vão acreditar no que acabei de encontrar — digo rindo. — Livros de romance! Dá para imaginar?

— Gemma, por favor — me repreende Felicity de seu posto de vigia na porta. — Temos coisas mais importantes com as quais nos preocuparmos.

Envergonhada, começo a fechar a porta do armário, mas paro quando vejo uma carta, carimbada de 1893. É velha demais para ser a carta de Ann. No entanto, a caligrafia é estranhamente familiar. Eu a viro e vejo um selo de cera quebrado com a impressão de um olho com forma de meia lua, então eu tiro a carta do envelope. Não há nenhum tipo de saudação.

Você ignorou os meus avisos.
Se você continuar com seu plano, te desmascararei...

— Achei! — exclama Ann, feliz.

— Alguém está subindo as escadas! — grita Felicity, aterrorizada.

Apressadamente, coloco tudo de volta como estava e fecho as portas do armário.

Ann pega sua carta e descemos rapidamente para o hall.

Na porta de baeta[34], Brigid nos recebe com um cenho franzido.

— Vocês sabem que é proibido vir aqui!

— Nós pensamos ter ouvido um barulho — mente Felicity tranquilamente.

— Sim, estávamos muito assustadas — acrescenta Ann.

Brigid baixa os olhos para o hall com uma mistura de suspeita e apreensão.

— Vou avisar a Sra. Nightwing, então, e…

— Não! — dizemos em uníssono.

— Não é necessário — digo. — Não era mais que um ouriço que tinha ficado dentro.

Brigid fica pálida.

— Um ouriço? Vou pegar minha vassoura. Não deixarei que ele corra fora de controle em minha casa!

---

[33] N/T: Bustle é um tipo de estrutura usado para aumentar a bunda dos vestidos, era usado principalmente em meados do século 19.

[34] N/T: Baeta é um tipo de tecido que é usado para cobrir mesas de jogos. Mas também tinha outros usos, em alguns casarões antigos, uma porta de baeta verde era usada para separar a área dos servos do resto da casa e era considerada uma forte linha divisória.

— Esse é o espírito, Brigid — digo enquanto se afasta. — Eu acho que era um ouriço francês!

— Um ouriço francês? — repete Felicity com uma expressão perplexa.

— *Oui* — respondo.

Ann aperta a carta contra seu peito.

— Nós já temos o que viemos buscar. Vamos. Quero saber qual é o meu destino.

Ainda têm um pouco de luz natural enquanto corremos para a capela, embora o sol se esconda atrás do horizonte rapidamente.

— O que diz? — Felicity tenta espiar a carta de Ann, mas ela não cede nem um pouco.

— Ann! — protestamos Fee e eu.

— Tudo bem, tudo bem — Ann nos passa a carta e, levadas pela ambição, a arrancamos de suas mãos. — Leia em voz alta. Quero ter certeza de que não estou sonhando!

— "Querida senhorita Washbrad" — começamos a ler ao mesmo tempo. Com os olhos fechados e os lábios esboçando um amplo sorriso, Ann soletra cada palavra. — "Espero que ao receber esta carta, você esteja bem. Eu falei com senhor Katz, e ele está disposto a lhe conceder uma entrevista na próxima Segunda às duas da tarde. Eu lhe aconselho a não chegar tarde, querida, pois não há nada que deixe o senhor Katz mais mal-humorado do que falta de pontualidade. Eu falei de seu talento. Pois sua beleza fala por si só. Afetuosamente, Lily Trimble."

— Oh, Ann, é maravilhoso! — exclamo enquanto devolvo a carta, a qual ela guarda dentro do vestido, perto de seu coração.

— Sim, sim, é maravilhoso, não é mesmo?

A alegria de Ann a transforma. Caminha mais confiante ante esse sinal de esperança.

De mãos dadas, corremos para a capela a medida que o dia se libera de suas amarras e se funde sob a terra, deixando atrás dele um rastro ardente de rosa.

***

Uma das meninas mais novas lê a Bíblia no grande púlpito. Ela é uma coisinha pequena, não deve ter mais do que dez anos, e ela tem um ceceio[35] pronunciado, o que ameaça transformar nossas orações em risos a qualquer momento.

— *E a zerpente dize a mulher: zem duvida não morrereiz...*

— Gemma — sussurra Ann. — Não poderei ir a meu compromisso com o senhor Katz.

— O que você quer dizer? — sussurro atrás da minha Bíblia.

Uma nuvem de repente passa por seu rosto, levando consigo sua alegria.

— O senhor Katz pensa que sou Nan Washbrad.

— É apenas um nome. Lily Trimble também mudou o dela.

Cecily manda eu me calar e eu faço o que posso para ignorá-la.

---

[35] N/T: O ceceio é uma distorção na fala em decorrência de uma alteração na postura da língua que se projeta entre os dentes ou se apóia nestes. A projeção pode ser anterior ou lateral e ocorre principalmente na produção dos fonemas /s/ e /z/. É praticamente o oposto da língua presa.

— Mas o que ela disse: 'Sua beleza fala por si mesma'. Não vê? Eu não sou essa garota. Uma coisa é criar uma ilusão, mas como... como viver essa ilusão para sempre?

— *Porque Deuz zabe, que o dia em que comerez deze fruto, vózos olhoz serão abertos, e zeremoz como Deuz, conhezedores do bem e do mal.*

— Zeremos como Deuz — Felicity imita, e há uma súbita rodada de tosses em nosso banco para encobrir nossas risadas reprimidas.

A senhorita McCleethy estica o pescoço e estreita os olhos para nós. Levantamos nossas Bíblias como se estivéssemos em uma escola missionária. Meu olhar se dirige para a Sra. Nighwing. Ela se mantém erguida em seu assento, o olhar para frente e a expressão de seu rosto inescrutável como a da Esfinge.

Meus pensamentos se voltam para a carta escondida em seu armário. Que avisos poderia ter ignorado a Sra. Nightwing? Que planos?

De repente, as letras da minha Bíblia ficam borradas e, mais uma vez, o mundo diminui a velocidade até parar.

No púlpito, o torturando recital da menina pára. A atmosfera do local é sufocante; minha pele está encharcada de suor.

— Ann? Felicity? — eu chamo, mas parecem estar em outra dimensão.

Um sibilo meloso ressoa na capela.

— F-Fee — murmuro, mas não me ouve.

O sibilo volta a se escutar, desta vez com maior intensidade. Vem da minha direita. Eu me viro lentamente, meu coração dispara.

Meus olhos percorrem a distância impossível do chão até o vitral com o anjo e a Górgona desenhados.

— Oh, Deus...

O pânico me faz ir para trás, mas a imobilidade das meninas bloqueia meu caminho, então a única coisa que posso fazer é observar horrorizada enquanto a janela ganha vida. Como se fosse o espetáculo da lanterna mágica dos Irmãos Wolfson, o anjo avança em minha direção com a cabeça da Górgona decepada. Então, a coisa abre os olhos e fala.

— *Cuidado com o nascimento de Maio* — silva.

Com um grito alto, eu caio de costas; o mundo volta a recuperar seu ritmo habitual.

Eu colido contra Ann, que esbarra em Felicity, e assim por diante, como uma fileira de dominós.

— Gemma! — exclama Ann e me dou conta de que estou me segurando forte nela.

— D-desculpe — digo enxugando suor da minha testa.

— Ugh. Aqui — Felicity me estende um lenço.

A falha explosão de algumas notas perdidas do órgão nos chama para cantar; eu espero que seus tons berrantes possam encobrir a batida frenética do meu coração.

Hinários são levantados e vozes juvenis elevam-se sem dúvida como um baluarte a ponto de desmoronar. Movo os lábios, mas não posso cantar, estou tremendo e banhada em suor frio.

Não olhe. Mas eu preciso, eu preciso...

Eu deslizo meu olhos cautelosamente para a direita, onde momentos atrás um sangrento troféu de um anjo silvou um aviso que eu não entendi.

Mas agora, o rosto do anjo é pacifico. A cabeça da Górgona dorme. É apenas uma imagem em um vitral, nada mais do que vidro colorido.

***

Meu sangue ainda não se acalmou, por isso estou sentada, sozinha, e leio a carta de casa que antes deixei de lado.

É a habitual baboseira de vovó, em que menciona uma festa, uma visita e as últimas fofocas, mas agora não estou com humor para isto.

Fico surpresa ao ler que Simon Middleton perguntou por mim e, durante um instante, minha tristeza se dissipa, e então me odeio por permitir que um homem possa mudar meus pensamentos com tanta facilidade e, com a mesma rapidez, esqueço de odiar a mim mesma e leio a frase mais três vezes.

Logo atrás da carta de vovó há uma nota de Tom.

> *Querida Gemma, Dama da Língua Afiada,* ele escreve. *Escrevo esta nota sob pressão, pois vovó não me deixará em paz até que eu faça. Muito bem, cumprirei com minhas obrigações de irmão. Espero que você esteja bem. Eu, pessoalmente, estou ótimo, nunca estive melhor. Meu clube de cavalheiros manifestou um grande interesse em minha pessoa, e me comunicaram que deverei enfrentar uma iniciação rigorosa em seus rituais sagrados antes do inicio da temporada. Eles têm sido tão gentis que se interessaram por você, fazendo-me todo tipo de perguntas, embora eu não entenda por que. Eu disse a eles o quanto você pode chegar a ser desagradável. Então, como vê, no final das contas papai e você estavam errados a meu respeito, e eu tentarei ser gentil e te darei um aceno e um sorriso quando eu for um lorde e a encontrar na rua. E agora, já posso dar por concluído meu dever, então me despeço.*
>
> *Carinhosamente tanto quanto é possível dado seu temperamento inadequado,*
> *Thomas.*

Eu amasso a nota e jogo no fogo. Preciso desesperadamente que alguém me aconselhe sobre meu irmão, a Ordem, Wilhelmina Wyatt, os reinos e essa magia dentro de mim que tanto surpreende quanto assusta. Só há uma pessoa a quem posso recorrer e que pode dar respostas as minhas perguntas. E eu devo ir a ela.

30

NO MURO DE ESPINHOS, EU ME DESPEÇO DAS MINHAS AMIGAS. Ann coloca seu rosto perto das farpas que nos separam.

— Você não vem?

— Sim, mais tarde. Há um assunto que devo resolver.

Felicity se mostra suspeita.

— Do que se trata?

Suspiro dramaticamente.

— Preciso falar com Asha sobre um assunto entre os Intocáveis e o povo da floresta. Um conflito.

— Isso soa terrivelmente chato — diz Felicity. — Boa sorte.

De braços dados, elas se apressam em direção ao castelo, que se projeta de seu ninho de videiras como uma miragem esquelética.

Os aquecedores de pomar[36] que se alinham na estrada poeirenta que leva ao Templo soltam suas fumaças coloridas. Normalmente, o cheiro é o doce do incenso, mas hoje há um cheiro diferente, algo azedo e desagradável. Os Hajin parecem agitados, é como se eles aguardassem uma tempestade prometida.

— Dama da Esperança — Asha diz com uma reverência.

— Eu tenho que ir a fonte da eternidade — digo, e me encaminho para ela sem parar.

Asha me acompanha pelo labirinto de corredores.

— Dama da esperança, minha gente está com medo. O povo da floresta nos acusa de colaborar secretamente com a Ordem…

— E colaborou? — questiono.

— Você com certeza não acredita nisto também, não é?

Eu já não sei em que acreditar. A Ordem tem algum plano, e eu pretendo conseguir respostas a respeito dele até a hora de eu ir embora.

Chegamos a Caverna dos Suspiros.

---

[36] N/T: É um dispositivo em que o petróleo ou outro combustível é queimado para proteger um pomar de insetos ou geadas.

— Asha, eu preciso ficar sozinha.

Ela faz uma reverência de novo, escondendo os olhos.

— Como quiser, Dama da Esperança.

O corpo de Circe flutua abaixo da superfície suave e brilhante da fonte. Ela parece leve, mas sinto sua presença com tanta intensidade que mal posso respirar.

— Então, você voltou, afinal.

Preciso da sua ajuda. Por mais que eu tentasse, as palavras se negam a sair da minha boca.

— Estão tramando alguma coisa, e eu quero saber o que é!

Sua voz parece a de uma mulher morrendo.

— Você compreende... o preço... do meu conselho?

Eu engulo em seco. Uma vez que isto começar, não há como voltar atrás. E se eu der a magia que ela quer, como posso ter certeza que não me causará danos?

— Sim, eu compreendo.

— E você dará... de livre e espontânea vontade?

— Que escolha tenho? — replico, e então rio amargamente, sabendo muito bem qual será sua resposta. — Sim, já sei, há sempre uma escolha. Muito bem. Eu escolho lhe dar o que quiser em troca do que eu preciso.

— De livre e espontânea vontade...

— Sim, lhe darei de livre e espontânea vontade! — eu rosno.

— Então, aproxime-se de mim — sussurra com um tom de voz não mais alto do que o farfalhar de seda.

Eu me aproximo da fonte, onde seu corpo pressiona contra o selo d'água, como um fantasma. É preciso de cada pedaço de força que tenho olhar naqueles olhos fixos.

— Ouça com atenção, Gemma — diz ela em seu lento e rouco sussurro. — Faça exatamente o que digo, senão você vai me matar e não saberá nada.

— Estou ouvindo — respondo.

— Ponha sua mão sobre a superfície da fonte e lhe conceda vida…

— Mas eu pensei que isso mataria…

— Só até que o selo se rompa e a água se clareie.

Coloco os dedos na beira da fonte. *Vamos lá, Gemma. Acabe com isso.*

Lentamente, eu baixo minhas mãos trêmulas até superfície e as deixo ali. É como uma camada de gelo que se derrete ao meu toque. A água clareia e Circe se eleva até que seu rosto quase irrompe na superfície.

— Bom, muito bom — sussurra. — Agora, coloque a palma da mão sobre meu coração e me dê um pouco de magia; mas apenas uma pequena prova. Estou fraca e não posso receber mais.

Afundo a mão naquelas águas até deixá-la ao mesmo nível do corpete encharcado de Circe, e sufoco um grito.

— Agora — ela suspira.

Imediatamente, a magia viaja entre nós, como um fio invisível. Eu não sinto nada de seus pensamentos, apenas os meus próprios são refletidos a mim.

— Chega — digo enquanto afasto minha mão rapidamente.

A Senhorita Moore levanta-se até que flutua pacificamente na superfície. Suas bochechas e lábios adquirem um leve toque rosado. Aqueles olhos cegos piscam pela primeira vez.

Sua voz ganha força.

— Obrigado, Gemma — murmura.

— Eu fiz o que me pediu. Agora quero minhas respostas.

— Claro.

Eu rodeio a fonte enquanto falo, não querendo olhar para ela.

— O que você quis dizer quando disse que a Ordem estava conspirando contra mim? Como posso deter os Rakshana? O que eu deveria saber dos reinos, das criaturas das Terras Invernais, e essa magia? E Pippa. O que você sabe…

— Tantas perguntas — murmura. — E, no entanto, a resposta é muito simples. Se você quer defender-se da Ordem e dos Rakshana, seria muito útil se você olhasse primeiro dentro de si mesma, Gemma.

— O que você quer dizer?

Eu me aproximo da fonte, cautelosamente.

— Aprenda a dominar a si mesma, para entender tanto seus medos quanto seus desejos. Essa é a chave da magia. Então, ninguém terá qualquer poder sobre você. Lembre-se — ela toma um profundo e ofegante fôlego — a magia... é uma coisa viva, que se une e muda quem a tem.

Eu caminho pela sala, evitando olhar para ela.

— Eu tenho quase dezessete anos, acho que conheço a mim mesma.

— Você tem que saber tudo, até mesmo seus cantos mais obscuros. Principalmente esses.

— Talvez eu não tenha cantos obscuros.

Um fraco esganiçar de um riso vem da fonte.

— Se isso fosse verdade, eu estaria lá fora e você, aqui.

Eu começo a responder, mas as palavras não vêm.

— Você deve saber que a magia vai te custar caro.

— Me custará? — repito.

— Tudo tem um preço — novamente toma fôlego que a faz estremecer. — Há muito tempo não falava tanto... a tempos. Preciso descansar agora.

Eu me precipito para a fonte, onde ela flutua, seus olhos fechando.

— Espere! E sobre Tom e os Rakshana e Pippa e as Terras Invernais? Tenho mais perguntas! Você disse que me ajudaria!

— E foi o que fiz — responde, afundando nas profundidades da fonte. — Encontre esses cantos obscuros, Gemma. Antes que você se encontre presa neles.

Eu não posso acreditar que tenha dado tanto para conseguir tão pouco em troca.

Eu nunca deveria ter pensado em confiar em Circe em primeiro lugar.

— Não voltarei até o dia que devolva a magia ao Templo... o dia que você morrerá — digo enquanto saio dali tempestuosamente

Quando saio de trás da cortina d'água, Asha está ali. Ela senta em um pequeno tapete com as pernas cruzadas, descascando ervilhas de cor laranja brilhante em uma tigela. Atrás dela, diversos Hajin escolhem papoulas em alqueires[37]; escolhendo apenas as flores mais brilhantes e descartando as outras.

Asha faz um gesto para mim.

— Podemos conversar, Dama da Esperança?

Sento-me ao lado dela no tapete, mas não consigo ficar parada. Estou muito agitada por minha conversa com Circe, e irritada comigo mesma por ter confiado nela.

— Eu tenho considerado sua oferta — diz Asha. — Acredito que seja melhor os Hajin não fazerem parte da sua aliança.

— Não participar? Por quê?

Os dedos de Asha trabalham diligentemente ao separar as ervilhas de sua casca inútil.

— Não queremos nos envolver em uma luta. Não é de nosso feitio.

— Mas, Asha, com uma parte da magia, seu povo poderia se tornar uma potência nos reinos. Poderia mudar a sorte de vocês. Poderia curar... — me calo com medo de ofendê-la.

Os Hajin lançam um olhar curioso para mim, Asha gesticula para eles irem embora, e, curvando-se, eles se despedem.

— Fomos perseguidos durantes os tempos escuros.Tratados como escravos. Assassinados por diversão — explica Asha — E então veio a Ordem e nos fez sentir seguros. Desde que se fala de uma aliança, a segurança está em questão. Nosso povo tem sido insultado nos campos, e fora deles também. Um Hajin foi açoitado no rio por um centauro. E só ontem à noite, uma safra de papoulas foi roubada; uma cesta pequena, mas para nós é importante.

Fecho minhas mãos em punhos.

— Isso não vai ficar assim! Falarei com Philon imediatamente!

Asha nega com a cabeça.

— Não. Nós vamos nos isolar. Aqui, longe de tudo, estamos seguros.

Eu olho sobre as cavernas acidentadas, onde têm vivido em exílio durante séculos.

— Mas vocês são obrigados a viver nessas cavernas. Como pode chamar isso de segurança?

Asha alisa seu sári sobre suas pernas deformadas.

— É melhor não fazer perguntas.

— Você tomou esta decisão pelo resto de seu povo? — Ela verte as ervilhas em uma tigela com um estrondo.

— É melhor que não saibam nada. Só trará descontentamento.

— Para quem? — pergunto.

— Isto é para o melhor — diz ela como se fosse um mantra.

---

[37] N/T: Alqueire (do árabe al kayl) designava originalmente uma das bolsas ou cestas de carga que se punha, atadas, sobre o dorso e pendente para ambos os lados dos animais usados para transporte de carga.

Um dos Hajin se aproxima. Em seu rosto se reflete preocupação.

— Não tivemos uma boa colheita, Asha — diz em tom de desculpas — Perdemos muitas flores por causa das geadas e pragas.

— Geadas? — pergunta Asha com o cenho franzido.

A Intocável abre sua mão empolada para revelar uma papoula murcha e azul por causa do frio.

— Não sobreviveram.

— Aqui — digo. Coloco uma mão em cima da flor e brotam novas papoulas, vermelhas e cheias. — Isso é o que você poderia fazer se quisesse.

A jovem olha esperançosamente para Asha, que balança a cabeça.

— Isso não é suficiente — responde Asha.

Ela arranca a primeira flor da mão da garota Hajin e a joga na pilha de descartados.

***

Eu tomo o caminho por entre os salgueiros mais uma vez. Os majestosos ramos balançam acima da minha cabeça, e eu ando dentro do casulo que eles criam, perdida em meus pensamentos. Que planos a Ordem tem para mim? Poderiam ter matado Wilhelmina Wyatt para silenciá-la? E, se sim, que tipo de segredo era esse, que valia a pena matar para permanecer guardado? Como posso ajudar a governar os reinos quando aqueles que deveriam formar uma aliança não confiam uns nos outros?

Nem mesmo a promessa de ver Pip e as outras, nas Terras Fronteiriças, me agrada agora. Elas não vão querer escutar meus problemas. Só vão querer dançar, jogar jogos alegres, fazer vestidos de baile e capas de tapeçaria surrada. E, além do mais, quando Felicity e Pippa estão juntas, é como se o resto de nós não existisse. Sua amizade é exclusiva. Invejo sua afinidade, e eu me odeio por isso. Não sei o que pior: a inveja ou quão mesquinha isso me faz sentir.

Uma breve tempestade de areia levanta-se ao longo da estrada. Seguida pelo som de um galope.

Meu coração acelera. Eu o ouço cada vez mais perto, e não vou poder fugir desta vez. Tento me espremer entre os salgueiros, mas não há espaço suficiente. Magia. Mas o quê? Camuflar-me. Como, como, como? Não consigo pensar. Ilusão. Uma ilusão. Mas o quê? *Olhe ao seu redor, Gemma. O que têm aqui*? Estrada. Céu. Poeira. Salgueiro. Um salgueiro!

Ele está chegando perto.

Afaste o medo. Afaste. Afaste. Sinto a magia trabalhando dentro de mim; a única coisa que espero é que tenha me obedecido. Quando olho para minhas mãos, elas se transformam em ramos. Eu consegui. Eu me camuflei.

O cavaleiro reduz a marcha a um trote e depois pára completamente. O medo mal me permite respirar. É Amar. Ele usa uma capa feita de peles de animais — os olhos dos animais ainda estão se mexendo — e um capacete feito de crânios humanos. Seus olhos são buracos negros. Me controlo muito para não soltar um grito. *Não perca seu propósito Gemma. Calma... calma...*

O cavalo é uma coisa sobrenatural com olhos como os de Pip são, às vezes. Ele relincha e arreganha os dentes enquanto Amar perscruta o caminho.

— Sei que você está aqui — grita — Sinto o cheiro do seu poder. Da sua inocência.

Meu coração bate mais rápido do que sou capaz de suportar.

Um corvo voa de arvore em arvore, e temo que me descubra. No entanto, voa para Amar, e pousa em seu ombro.

— A hora se aproxima. Cuidado com o nascimento de Maio.

Ele chuta os flancos do cavalo e afasta a galope deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

Eu continuo oculta até contar cem, e então me afasto depressa, correndo para as Terras Fronteiriças.

Quero lhes contar sobre Circe, mas tenho medo. Como possa confessar que ela ainda esta viva? Que eu fui até ela para pedir conselho? Que eu dei a ela magia?

Me sinto horrível quando penso no que eu fiz, no risco que corri. E por quê? Bobagens. Advertências para procurar meus cantos mais obscuros, como se ela não fosse a pior alma que já conheci.

Quando chego ao castelo e vejo minhas amigas rindo e brincando de pega-pega, me animo consideravelmente.

Foi um erro ver Circe, e não voltarei a cometê-lo novamente. Não voltarei até que chegue o momento de devolver a magia e fazer a aliança, até o dia que ela terá ido embora do nosso mundo para sempre.

31

ACORDAMOS COM UMA ESPLENDOROSA MANHÃ de domingo, cheia de cor e salpicada com uma luz suave que borrava a paisagem em uma espécie de paleta que agradaria o Sr. Monet. Depois de um sermão terrivelmente chato e os cumprimentos correspondentes ao mais morto do que vivo reverendo Waite, a senhora Nightwing nos oferece uma recompensa por nossa santa paciência, pedindo-nos para que a ajudemos a preparar o baile à fantasia de Spence. Atravessamos as portas com nossas batas de pintor e os bolsos cheios de pinceis. No fim do gramado, há grandes telas espalhadas sobre as mesas com latas de tinta nos cantos. A senhorita McCleethy nos manda pintar cenas pastorais próprias do paraíso, para que possamos empregá-las como cenário para nossa representação no baile à fantasia. A única cena que vem a minha mente é o ridículo fauno saltitante vestindo calções, do quadro da casa da minha avó em Londres. Nego-me a copiar essa monstruosidade, embora a perspectiva de vesti-lo com um corpete seja muito tentadora.

Felicity trabalha com vontade. Seu pincel é mergulhado de lata em lata e, enquanto vejo aparecer um castelo, sorrio e acrescento as íngremes montanhas das Terras Invernais por trás. A senhorita McCleethy passeia entre as mesas com as mãos nas costas. Acrescenta melhoras com a ajuda de seu pincel, corrigindo um arbusto aqui e uma flor ali. É bastante irritante e tenho vontade de pintar um bigode no rosto dela.

— O que é isso? — pergunta a senhorita McCleethy com o cenho franzido para nosso desenho ainda não acabado das Terras Fronteiriças.

— Um conto de fadas — responde Felicity enquanto acrescenta algumas bagas púrpuras em uma árvore.

— Os contos de fadas são bastante traiçoeiros, como acaba este?

Felicity esboça um sorriso.

— Com um final feliz.

— É um pouco monótono.

A senhorita McCleethy pega um pincel e aplica um tom alaranjado brilhante sob o céu cinza de minhas distantes Terras Invernais. Não melhorou; transformou em uma mistura turva com um falso toque de cor.

— Muito melhor — diz. — Continuem.

— Monstro — sussurra Felicity entre dentes. — Prometa-me que não lhe dará nem um pouco de magia, Gemma.

— Não compartilharia com ela nem se minha vida dependesse disso — juro.

***

Pela tarde, as ciganas se aproximam com cestas cheias de marmelada e outros doces. Passamos a marmelada no pão, sem nos preocupar com nossos dedos manchados de tinta. A senhorita McCleethy pergunta se algum cigano está disposto a cortar lenha para o fogo. Pouco depois chega Kartik. Ao vê-lo, sinto meu rosto ficar mais quente. Ele tira o casaco, levanta a camisa até os cotovelos e começar a talhar uma árvore.

A senhorita McCleethy nos deixa para ir se informar sobre os progressos na Ala Leste, e decido ir olhar às escondidas como Kartik trabalha. Está com a camisa ensopada e colada ao corpo. Ofereço-lhe um pouco de água. Dá uma olhada para McCleethy, quem não está prestando a mínima atenção em nós dois. Satisfeito, bebe água e enxuga sua testa com as costas da mão.

— Obrigado — diz e sorri para mim de uma forma curiosa.

— O que é tão engraçado? — pergunto.

— Acabei de lembrar de um sonho muito estranho que tive — responde enquanto passa seu polegar pelo lábio inferior.

O rubor começa em minhas unhas dos pés e sobe até meu rosto.

— Bom — digo, segurando o copo de água desajeitadamente. — Foi só um sonho.

— Se você não lembra, eu acredito nos sonhos — responde me olhando de um jeito que me obriga a desviar o olhar para não beijá-lo.

— Eu... tenho que falar com você sobre um assunto urgente — digo. — Fowlson me visitou em Londres. Nos convidaram para jantar na Sociedade Hipocrates e ele estava me esperando do lado de fora.

Kartik arranca o machado do toco da árvore onde descansava. Sua mandíbula está tensa.

— O que queria?

— A magia. Eu disse que tinha dado a Ordem, mas não acreditou. Ameaçou causar-me problemas e, na noite seguinte, Thomas, ao voltar para casa, me disse que tinham pedido que ele fizesse parte de um clube exclusivo de cavalheiros. Na lapela do seu casaco estava presa a insígnia dos Rakshana.

— Que não é algo que se consiga de graça. Ele está sendo cortejado — diz Kartik.

— Tenho que me encontrar com os Rakshana — respondo. — Pode me arranjar um encontro?

— Não — responde e abaixa o machado com a determinação renovada.

— Podem machucar meu irmão!

— Ele pode se cuidar sozinho.

— Como você pode ser tão insensível? Você também tem um irmão.

— Tive.

Balança o machado mais uma vez e o tronco se parte em dois.

— Por favor... — peço.

De novo, Kartik dá uma olhada na Ala Leste e faz um sinal de assentimento para a lavanderia.

— Aqui não. Ali.

Espero dentro da lavanderia. Não há lavadeiras hoje; o velho quarto de madeira e pedra está vazio. Impaciente, caminho por ali, e passo na frente de um fogão com placas onde se alinham placas de ferro para esquentar. Rodeio as enormes tinas de cobre e golpeio os nós dos dedos contra as bordas das tábuas de lavar que há dentro. Me viro quando passo pelos ganchos onde estão os posser[38] — essas varas largas com extremos brilhantes para empurrar e remover as roupas. — Dou uma volta na roda secadora. Sei que faz maravilhas com a roupa molhada, eliminando qualquer gota de água à medida que passa através de seus rolos de comprimento. Como gostaria de poder passar meus pensamentos empapados por essa máquina e me livrar dessa sobrecarga de peso.

Finalmente, Kartik chega. Está tão perto que consigo sentir o cheiro da grama e do suor que emanam de sua pele.

— Você não sabe do que os Rakshana são capazes de fazer — adverte.

— Motivo mais do que suficiente para mantê-los longe de Tom!

— Não! Você deve ficar longe de Fowlson e dos Rakshana. Gemma, olhe para mim.

Como me nego, Kartik pega meu rosto em sua mão e me obriga a olhá-lo nos olhos.

— Se seu irmão continuar com essa estupidez, você deve esquecê-lo. Não te levarei até os Rakshana.

Lágrimas furiosas começam a surgir em meus olhos. Reprimo-as com uma piscada.

— Eu vi Amar. Nos Reinos.

É como se eu tivesse lhe dado um soco.

— Quando? Onde?

Afrouxa sua mão em meu rosto e eu me afasto consideravelmente dele.

— Nos reinos.

— Conte-me tudo. Eu preciso saber!

Ele tenta se aproximar, mas coloco a tina entre nós dois.

— Antes, você tem que me ajudar. Arranje um encontro com os Rakshana e então te ajudarei a encontrar Amar.

— Isso é chantagem.

— Sim. Eu aprendi muito com você.

Ele soca a parede, fazendo com que tanto a tábua de lavar que está presa ali, quanto eu, tremermos. Seu humor é tão sombrio quanto o meu é às vezes, e seu temperamento tão inconstante quanto seu humor.

---

[38] N/T: Um Posser foi historicamente um instrumento utilizado para mexer ou misturar a roupa enquanto a lavagem era feita.

— Precisarei de algum tempo — responde sem alterar sua voz. — Quando eu conseguir, amarrarei meu lenço na hera que há debaixo de sua janela.

— Tudo bem. Obrigada.

Limita-se a fazer um gesto de assentimento.

— E quando acabar com este assunto, irei embora. Nós não voltaremos a nos ver.

Ele sai pelas portas da lavanderia e, depois de alguns instantes, ouço-o bater com o machado na árvore. Espero alguns minutos. É suficiente para que suas palavras se assentem em meu estômago como ferro fundido, endurecendo meu interior.

— Gemma, onde você esteve? — pergunta-me Elizabeth enquanto passo pelas mesas.

— Uma dama não têm de dizer quando precisa de privacidade, não é? — digo, deliberadamente para escandalizá-la.

— Oh! Claro que não — responde, e não volta a falar comigo, o que é muito bom.

McCleethy tem razão: eu faço tudo errado. Introduzo o pincel na lata de tinta amarela e desenho um sol enorme e feliz no centro do céu rosa. Se o que querem são céus ensolarados, lhes farei esse favor.

Ann se aproxima, furtivamente.

— Acabo de ver a senhorita McCleeth e o senhor Miller — diz, sem fôlego. — Mais um de seus homens desapareceu. Chamaram o inspetor para investigar. O que vocês acham que pode estar acontecendo?

— Tenho certeza que *eu* não sei — digo, mal-humorada.

Olho de soslaio para Kartik, que transforma o resto da árvore em pedaços.

Uma rajada de vento atinge a lata de tinta que espirra na tela e destrói o cenário das Terras Fronteiriças.

— Má sorte, Gemma — diz Ann. — Agora você terá que começar tudo de novo.

***

O inspetor Kent nos faz uma visita ao anoitecer, e apesar de elogiar nossas pinturas — colocadas perto do fogo para secar —, sabemos perfeitamente que isto está longe de ser uma visita de cortesia. Com três homens desaparecidos, alguém teria que se encarregar do assunto.

Ele limpa o barro de suas botas depois de falar com os homens do senhor Miller e os ciganos. Faz perguntas discretas para as garotas mais novas, e transforma a investigação em um jogo para saber se alguma delas ouviu ou viu algum indicio, por mais insignificante que seja. No fim, ele nos chama, e nós nos acomodamos no pequeno salão de acolhedores móveis e fogo quente. Brigid trouxe para o inspetor uma xícara de chá.

Os olhos do inspetor sempre brilham de alegria, mas agora se trata de um assunto oficial de Yard, de modo que nesta ocasião parece ver dentro de mim e descobrir meus pecados. Engulo com dificuldade e me sento. O inspetor conversa animadamente conosco sobre como passamos o dia, as festas que assistiremos em pouco tempo e o iminente baile à fantasia que se celebrará em Spence. Tenta tranquilizar-nos, mas a única coisa que consegue é que minha

apreensão aumente.

Tira um bloco de notas. Umedece o polegar e o passa pelas páginas até que encontra a que procura.

— Ah, aqui está! Bem. Senhoritas. Vocês escutaram algo estranho, como sons, tarde da noite? Notaram que algo não estava certo? Algo suspeito?

— N-n-nada — Ann gagueja.

Ela morde a unha até que Felicity agarre sua mão, sem dúvidas, apertando-a com força suficiente para cortar-lhe à circulação sanguínea do seu braço.

— Estávamos dormindo, inspetor, como iríamos saber o que aconteceu com os homens do senhor Miller? — diz Felicity.

O lápis do inspetor fica suspenso sobre a página. Seus olhos se movem com rapidez do rosto de Ann ao repentino aperto de mãos. Sorri, calidamente.

— O detalhe mais insignificante pode levar até a chave mais importante. Não sejam tímidas.

— Tem algum suspeito? — pergunto.

O inspetor Kent segura meu olhar por mais tempo do que deveria.

— Não. Mas isso dá credibilidade a minha teoria de que esses homens, sob o efeito do álcool, se afastaram do acampamento para dormir fora e logo, temendo a reprimenda do chefe, decidiram ir embora. Ou talvez alguém queira que as suspeitas caiam sobre os ciganos.

— Talvez tenham sido os ciganos — acrescenta Felicity, rapidamente.

Tenho vontade de lhe dar um chute.

— Isso seria muito oportuno — responde o inspetor enquanto coloca um pouco de leite em seu chá. — Muito oportuno, mas eu descobri que um deles também sumiu.

Kartik. Ele foi embora.

— Bem, a verdade aparecerá. Sempre aparece. — O inspetor Kent beberica seu chá. — Ah, isto é o que devolve a paz ao mundo. Uma boa xícara de chá.

***

Quando voltamos aos reinos, estou me sentindo mal. O problema com meu irmão, minha visita à Circe e minha briga com Kartik, me deixam preocupada demais. Mas as outras estão felizes e dispostas a celebrar uma grande festa. Felicity pega as mãos de Pippa e elas rodam sobre o grosso tapete de videiras, rindo como as boas amigas que são. Invejo-as. Depois, as outras se unem à brincadeira. Mae e Mercy pegam Wendy pelas mãos e a guiam até as outras. Até o Senhor Darcy salta em sua jaula como se quisesse ter um par para dançar. Só eu continuo afastada. E, secretamente, tenho medo que seja sempre assim; eu, sozinha, sem pertencer a ninguém, nem a nenhuma tribo, sempre de fora da festa. Tento afastar esse pensamento, mas a verdade se assentou em minha alma. A tristeza de minha independência se crava em meu sangue. Corre por minhas veias com um coro implacável e pulsante: *Você está sozinha, sozinha, sozinha.*

Felicity sussurra no ouvido de Pip. Elas fecham os olhos e Pip grita:

— Gemma! Para você!

Por trás de mim, alguém toca meu ombro. Eu me viro e vejo Kartik vestido com uma capa negra e, por um momento, meu coração salta de alegria. Ele poderia ser Kartik, mas não é. As outras riem da brincadeira de Pip que não me diverte. Coloco minha mão em seu ombro e uso minha própria magia, transformando-o em um velho pirata senil com uma perna de madeira.

— Essa daí. — digo, apontando para Pip. — Está louca para dançar. Com você.

É uma festa muito alegre, todas riem, cantam e dançam, e não percebem quando me afasto sigilosamente, seguindo para o rio, onde encontro a Górgona que acaba de voltar de uma de suas viagens.

— Górgona! — exclamo, e percebo que senti sua falta mais do que imaginava.

Ela se aproxima da margem e baixa a passarela. Eu subo a bordo, feliz por voltar a ver suas serpentes retorcidas que, frenéticas, mostram suas línguas para mim.

— Altíssima. Aparentemente, você está perdendo a festa — diz a Górgona, apontando com a cabeça para o castelo.

— Cansei dela — Eu me estico e deito de costas, observando os poucos pontos de luz que aparecem entre as nuvens. — Você já sentiu como se estivesse completamente sozinha no mundo? — pergunto, suavemente.

A voz da Górgona está cheia de uma tristeza calma.

— Sou a última de minha espécie.

Altas risadas escapam do castelo como se viessem de outro mundo. Mais além do céu azul aguado das Terras Fronteiriças, as nuvens cinza-escuras das Terras Invernais retumbam com um trovão distante.

— Você nunca me contou essa história — lembro-a.

Respira profundamente.

— Tem certeza de que quer escutá-la?

— Sim — respondo.

— Então, sente-se perto de mim e contarei.

Faço o que me pede e me sento perto do seu enorme rosto verde.

— Aconteceu há muitas gerações atrás. — começa, fechando os olhos durante um instante. — Todo mundo temia as criaturas das Terras Invernais e o caos que provocavam, assim que, quando o poder da Ordem começou a aumentar, lhes demos boas-vindas. A Ordem uniu as tribos e, durante um tempo, elas prosperaram e os jardins floresceram; em seu mundo os homens se viram influenciados por elas e uma história foi feita. Ainda assim, as criaturas das Terras Invernais não desapareceram, e levaram mais almas com elas. A Ordem se esforçou em deter esta ameaça, nos controlando ainda mais. No principio, nos fizeram poucas concessões. Privaram-nos de certas liberdades, segundo elas, para nosso próprio bem. Nossos poderes se atrofiaram por falta de uso e a Ordem ficou mais forte.

— Estou confusa — a interrompo. — Eu achei que a Ordem era boa, que a magia era boa.

— O poder muda tudo, até o ponto de que é difícil dizer quem são os heróis e quem são os vilões — responde. — A magia em si não é nem boa nem má; é o propósito dela que faz que seja de uma coisa ou outra.

O castelo ressoa com músicas e risadas. A luz que brilha de suas janelas não nos alcança. A Górgona e eu permanecemos sentadas em nosso circulo de sombras.

— Surge o descontentamento — continua a Górgona depois de uma pausa. — Houve uma rebelião, as tribos lutaram por sua sobrevivência sem que lhes importasse a sorte das demais. No fim, a Ordem ganhou, mas não sem cobrar seu preço. Ela não voltou a permitir que as tribos usassem a magia das runas. As criaturas que estavam em seu mundo focaram presas lá. E os meus...

Ela para de falar e fecha os olhos com força, como se estivesse sofrendo. Os minutos passam sem que eu ouça nada além da música que vem do castelo.

— Seu povo morreu na batalha — digo, porque não aguento o silêncio.

A Górgona olha o chão.

— Não — responde com a voz mais triste que eu já escutei. — Alguns sobreviveram.

— Mas... onde eles estão? Para onde foram?

A Górgona baixa sua grande cabeça e as serpentes pendem dela como galhos de salgueiro.

— A Ordem me condenou como um castigo exemplar.

— Sim, eu sei. Por isso te encarceraram no barco e te obrigaram a contar somente a verdade.

— Certo. Mas isso aconteceu depois, como castigo pelo meu pecado. — Sinto que um peso se funde em meu estômago. A Górgona nunca me contou, e eu não estava certa se queria escutar agora.

— Naquela época, eu era uma grande guerreira. A líder de meu povo. E era orgulhosa — cospe esta última palavra. — Não queria que vivêssemos como escravos. Éramos uma raça de soldados, e a morte era a opção mais honrosa. No entanto, minha gente aceitou os termos da rendição das sacerdotisas.Algo impróprio em nosso código moral. Senti-me envergonhada pela escolha de meu povo, e minha irritação se transformou em integridade.

Ela joga sua cabeça para trás, como se procurasse por um sol ausente.

— O que aconteceu?

Em seu sono inquieto, as serpentes de seu cabelo rastejavam umas sobre as outras.

— Enquanto a Ordem dormia empreguei todos os feitiços que tinha usado contra muitos de meus inimigos. Subjuguei meu povo e os fiz entrar em transe. Os transformei em pedras e, um a um, caíram sobre minhas costas. Matei todos, não tive clemência. Nem sequer com as crianças. Meu crime foi descoberto. Como era a última Górgona sobrevivente, as bruxas não me executaram. Em vez disso, me condenaram a permanecer neste barco. No fim, perdi minha liberdade, meu povo e minha esperança.

A Górgona abre seus olhos amarelos, e viro minha cabeça, com medo de olhá-la nos olhos agora que sei a verdade.

— Mas você mudou. — Sussurro. — Não mudou?

— É a natureza do escorpião que o leva a atacar. Só por que ele não tem uma oportunidade, não quer dizer que ele não possa atacar. — As serpentes despertam, chorando, e a Górgona as tranqüiliza para votarem a dormir com um suave balanço de cabeça. — Enquanto permaneça neste barco, estarei a salvo. Essa é minha condenação e minha salvação.

Ela vira seus olhos amarelos para mim e, mesmo não querendo, desvio o olhar.

— Vejo que, afinal, minha história mudou a opinião que você tinha sobre mim — afirma com um pouco de tristeza na sua voz.

— Isso não é verdade — eu protesto, mas soa falso até mesmo para mim.

— Você deveria voltar para a festa. Suas amigas estão lá e a festa parece estar muito animada.

A passarela desce com um rangido, e corro por ela para a luz salpicada de neve na terra.

— Não nos veremos durante um tempo, Altíssima — diz a Górgona.

— Por quê? Para onde você vai?

Pelo canto do olho vejo-a arquear sua majestosa cabeça até o céu das Terras Invernais.

— Rio abaixo, muito mais longe do que já fui até agora. Se estiverem tramando algo, não quero que me peguem desprevenida. Você deve ter cuidado.

— Sim, eu sei. Porque tenho toda a magia — respondo.

— Não — corrige. — Você deve ter cuidado para não te perdermos.

32

NA MANHÃ SEGUINTE, DEPOIS DE TOMAR CAFÉ DA MANHÃ, Ann e eu vamos para a lavanderia.

— Eu mal consegui dormir pensando na nossa aventura de hoje — diz. — Esta tarde pode mudar o meu destino.

Eu passei a maior parte dos últimos dias aperfeiçoando nossos planos para a excursão de hoje ao teatro. Fee falsificou uma carta de sua "prima" Nan Washbrad em que pergunta se nós podemos passar com ela o dia em Londres, e a Senhora Nightwing nos deu permissão.

— Você acha que isso funcionará? — pergunta Ann, mordendo seus lábios.

— Depende de você, está preparada? — pergunto.

Ann esboça um enorme sorriso.

— É claro.

— Bem, então vamos começar.

Trabalhamos juntas e a magia floresce entre nós. Sinto a excitação de Ann, seu nervosismo, sua desenfreada alegria. Me deixa um pouco embriagada e não consigo parar de rir. Quando abro os olhos, ela já está mudando. Passa por várias transformações físicas, como se estivesse provando diferentes vestidos de festa.

Finalmente, encontra a aparência que procurava; Nan Washbrad está de volta. Ela roda com seu vestido novo, de cetim azul-escuro, decorado com um laço no pescoço. Um broche enfeita sua garganta. O cabelo escureceu-se até ficar negro. Ele está preso no alto de sua cabeça, como o de uma verdadeira dama.

— Oh, como é bom ser Nan mais uma vez. Como estou? — pergunta enquanto bate nas bochechas e examina suas mãos e o vestido.

— Como alguém que deveria estar em um palco — respondo. — Agora, vejamos se podemos colocar à prova seu talento como atriz.

Pouco depois, Nan Washbrad faz sua entrada no salão, onde a senhora Nightwing mantém uma conversa animada com ela, sem saber que sua elegante convidada é, na verdade, Ann Bradshaw, uma pobre estudante bolsista. Felicity e eu mal conseguimos conter nosso perverso regozijo.

— Foi maravilhoso — diz Felicity, entre risadas, enquanto esperávamos a chegada do nosso trem. — Ela não suspeitou de nada. Nem uma só vez. Você enganou a senhora Nightwing, Ann. Se isso não te der confiança suficiente em si mesma para enfrentar o Sr. Katz, nada mais dará.

***

— Que horas são? — pergunta Ann pela vigésima vez desde que saímos da Estação Victoria e seguimos para nosso compromisso.

— Cinco minutos mais tarde do que da última vez que você perguntou — murmuro.

— Não posso me atrasar. A carta da senhora Trimble era muito explícita neste ponto.

— Você não vai chegar atrasada, nos já estamos no Strand. Você vê? Ali está o Gaiety — diz Felicity apontando para o grande arco de entrada do famoso Music Hall.

Um trio de lindas jovens sai do teatro. Suas sombrinhas decoradas com lindas plumas, suas luvas longas e negras, e seus elegantes vestidos adornados com numerosos ramalhetes de flores, fazem ser impossível não notá-las.

— Oh, são as Garotas Gaiety! — exclama Ann. — São o coro de garotas mais bonitas do mundo, não acham?

É verdade, os homens apreciam sua beleza ao passar, mas, diferentemente da senhora Worthington, elas não parecem viver só para serem admiradas. Elas têm seu próprio trabalho e dinheiro para demonstrar isso; quando elas saem na rua, é como se o mundo fosse delas.

— Algum dia, as pessoas dirão "Nossa, olhem, lá vem a grande Ann Bradshaw! Que mulher mais maravilhosa!" — lhe digo.

Ann mexe compulsivamente no broche que está em seu pescoço.

— Só se eu não chegar tarde ao encontro.

Com o endereço na mão, caminhamos pela Strand em busca de nosso destino. No fim, encontramos a porta comum e nossas batidas são atendidas por um jovem magro que nos recebe usando calça e suspensórios, sem colete, e com um chapéu.

Ele tem um cigarro preso entre os dentes, e nos olha cautelosamente.

— Posso ajudá-las? — pergunta, com sotaque americano.

— S-sim. Tenho um encontro com o s-senhor Katz.

Ann tira a carta. O jovem a lê rapidamente e abre a porta.

— Pontual. Ele gostará disso — Baixa a voz. — O senhor Katz tiraria parte do seu pagamento se chegasse atrasada. A propósito... sou Charles Smalls, muito prazer.

Charlie Smalls tem um sorriso banguela que faz com que seu rosto fino, fique mais vivo. É o tipo de sorriso que você não tem escolha senão devolver, e fico feliz que ele tenha sido o primeiro em nos receber.

— Você é ator? — pergunta Ann.

Nega com a cabeça.

— Compositor. Bom, espero ser. No momento, no piano. — Ela volta a sorrir ampla e fervorosamente. — Nervosa?

Ann assente.

— Pois não fique. Vamos. Mostrarei o lugar. Bem-vindas ao Taj Mahal — brinca, gesticulando para o lugar modesto atrás dele.

Há um piano em um dos cantos e, na frente dele, uma fileira de cadeiras. Cortinas tentam fazer o lugar parecer um cenário. Está um pouco escuro, a única fonte de luz é a pequena janela que nos proporciona a visão das patas dos cavalos e as rodas das carruagens na rua. Partículas de pó dançam na penumbra e me fazem espirrar.

— *Gesundheit*[39]! — diz um homem magro com um bigode fino ao entrar como um turbilhão no local. Veste um simples traje preto e está com seu relógio de bolso na mão. — Charlie, onde está a maldita carta de George?

— Do senhor Shaw, senhor? No seu escritório.

— Bem. Ótimo.

Charlie pigarreia.

— Uma dama veio lhe ver, senhor. A senhorita Nan Washbrad.

O relógio marca duas horas, e o senhor Katz guarda seu relógio no bolso.

— Fenomenal. Pontual. Encantado em conhecê-la, senhorita Washbrad. Lily me disse que você era uma beleza. Vejamos se também tem razão a respeito de seu talento. — O senhor Katz me cumprimenta tão fervorosamente que sacode todo meu braço. — E quem são estas encantadoras damas?

— Suas irmãs — respondo, tirando minha mão da sua.

— Irmãs uma ova! São suas colegas de escola, Marcus. E, se eu fosse você, não tiraria os olhos de minha carteira — diz Lily Trimble ao entrar no lugar com porte majestoso, usando um vestido verde esmeralda que acentua todas as suas curvas.

Um xale de peles pendura-se de seus ombros de forma encantadora. Ela se acomoda no que parece ser a cadeira mais confortável do lugar.

— Não fique tão nervosa, Nannie. Ele não é o Henry Irving[40].

— Henry Irving — bufa o senhor Katz ao escutar o nome do grande ator e produtor do Lyceum. Não há ninguém no mundo do teatro mais querido; a Rainha Victoria até o nomeou cavalheiro. — Pode ser que esse velho esnobe tenha ajudado a mudar nossa profissão, mas eu a levarei para onde tem que ir. Vaudeville[41]. Bailarinas e espetáculos populares; isso é o que quer as pessoas e eu vou ser o homem que vai proporcionar isso.

— Podemos deixar os discursos para depois, Marcus? — diz Lily enquanto tira um espelho de seu bolso.

— Tudo bem, Charlie? — ruge o senhor Katz.

Charlie se senta na frente do piano.

— O que vai cantar, senhorita Washbrad?

— Hum, é...

---

[39] N/T: Gesundheit significa ”Saúde”, em alemão.

[40] N/T: Ele foi o primeiro ator/diretor/roteirista/quem escolhe o elenco/etc. da história.

[41] N/T: Um teatro variado, com diferentes tipos de apresentações.

Temo que os nervos de Ann arruínem sua ilusão e no seu canto. “Vamos”, murmuro e lhe dou um amplo sorriso e ela o corresponde, parecendo uma maníaca.

— Ela cantará *After The Ball!* — solta Felicity.

Lily Trimble se olha no espelho e espalhando maquiagem pelo nariz.

— Vê o que quero dizer, Marcus? A senhorita Washbrad talvez nem precise de seus serviços como diretor — não com essas duas seguindo-a por aí.

— Senhoritas, vão ter que se calar se quiserem continuar aqui — diz o senhor Katz.

— Que grosseria — sussurra Felicity, mas resolve se calar.

— *After the Ball?* — pergunta Charlie e Ann concorda. — Em que tom?

— É... eu... Dó? — consegue dizer Ann.

Sinto como se pudesse desmaiar de tão nervosa. Tenho que morder meu lenço para não fazer barulho.

Charlie toca melodia de valsa no piano. Toca quatro compasses e olha para Ann. Ela está muito aterrorizada para começar a cantar, então ele toca outro compasse para ajudá-la, mas ela ainda está hesitante.

— Tempo é dinheiro, senhorita Washbrad. — interrompe o senhor Katz.

— Marcus — repreende Lily Trimble, fazendo-o se calar.

Ann está tão tensa quanto o Big Ben. Seu peito sobe e desce com cada respiração superior. *Vamos, Annie. Mostre para eles do que você é capaz.* É demais. Não consigo nem olhar. Quando tenho certeza de que vou morrer ante essa tortura, a voz de Ann flutua por cima das notas discordantes e da fumaça do charuto. No começo, é delicada e logo começa a se elevar. Felicity e eu escorregamos para a ponta dos nossos assentos, observando-a. De imediato, sua voz encheu o lugar, doce, clara e hipnotizadora. Isto não é um truque de mágica; é a magnificência de Ann, de sua alma misturada ao som, e nós estamos sob seu encanto.

Ela estende a última nota o máximo possível e, ao acabar, o senhor Katz se levanta e coloca seu chapéu. Significa que vai embora? Ele gostou? Ou considerou detestável? Suas mãos gorduchas de unem em um aplauso claro e forte.

— Foi genial! Simplesmente genial! — exclama. Lily Trimble levanta uma sobrancelha.

— Ela não é nada ruim, não é?

— Muito bom — diz Charlie.

— Você é muito amável — diz Ann com recato, e enrubescendo.

Charlie leva sua mão ao coração.

— Por minha vida, você esteve esplêndida. Como um anjo! Quando eu fizer meu musical, terei que escrever uma música para você.

Charlie começa a tocar o piano e de suas teclas começa a nascer uma alegre melodia.

— Muito bem, Charlie. Muito bem. Dedique-se a flertar em seu tempo livre. Agora preciso que a senhorita Washbrad leia algo para mim.

Ele a entrega um trecho de *The Shop Girl* e, a medida que lê, faz tão bem quanto a senhorita Ellaline Terriss. Na verdade, ela é até melhor. É evidente que todos os presentes

estão impressionados com o talento de Ann, e sinto uma mistura de intenso orgulho e inveja ante seu êxito.

— Escreverei esse musical — sussurra Charlie para Ann. — E você terá um papel nele. Essa é a voz que eu quero.

O senhor Katz estende sua mão para Ann e a ajuda a abandonar seu lugar perto do piano.

— Senhorita Washbrad, você gostaria de ser a nova estrela do "Katz and Trimble Repertory Company"?

— Eu... Nada me faria mais feliz senhor Katz! — exclama Ann. Nunca a havia visto tão feliz. Nem mesmo nos reinos. — Se você tem certeza de que quer me contratar.

O senhor Katz começa a rir.

— Minha queria, eu seria um estúpido se não o fizesse. Você é uma jovem muito bonita.

O sorriso de Ann se desvanece.

— Mas isso não é tudo...

O senhor Katz ri por entre dentes.

— Bom, isso também não faz mal nenhum. As pessoas gostam de escutar uma voz bonita, querida, mas também gostam de ver de onde sai essa voz. E quando vem de uma beleza, pagam mais pela entrada. Não é assim, Lily?

— Não uso maquiagem por nada — responde Lily Trimble com um sorriso.

— Mas... e o meu talento?

Ann mordisca seu lábio, deixando-a ainda mais bonita.

— É claro, é claro — diz o senhor Katz, embora não consiga parar de admirá-la. — Agora vamos dar uma olhada no seu contrato.

***

Quando saímos do escritório escuro do senhor Katz, o mundo parece um lugar diferente, cheio de excitação e ilusão. Lama e sujeira se agarram à barra de nossos vestidos, mas são a *nossa* lama e a *nossa* sujeira, a prova de que estivemos aqui e que fizemos o que pretendíamos.

— Deveríamos brindar pela sua vitória. Sabíamos que você conseguiria — grita Felicity.

— Mas você nem sequer queria assistir a audição — lhe recordo.

Não deveria ter dito nada, mas sua presunção me obrigou a fazer.

— Acho que Charlie Smalls se apaixonou loucamente por você — cantarola Felicity.

Ann mantém os olhos treinadamente virados para o chão.

— Loucamente apaixonado por Nan Washbrad, você quer dizer.

— Você não deveria dizer isso, este é um grande dia — Felicity se vira e esbarra em um lojista que varre seu pedaço de calçada infeliz. — Desculpe, senhor, você sabia que está na presença da nova senhora Kendal? — diz, mencionando o nome da famosa atriz.

O homem a olha como se ela fosse uma louca que escapou do manicômio.

— Felicity! — diz Ann, rindo, enquanto arrasta Fee para longe dele.

O lojista faz uma pequena reverência para Ann, fazendo-a sorrir.

As badaladas do Big Ben chegam até nós.

— Oh! — exclama Ann, entristecendo-se de repente. — É melhor nós voltarmos. Não quero que esse dia se acabe.

— Então não vamos deixar que acabe ainda — diz Felicity.

Paramos em uma loja de chá para celebrarmos. Brindamos por Ann tilintando nossas xícaras de chá umas nas outras. Fee e eu não nos cansamos de repetir o quão maravilhosa ela foi. Numa mesa próxima, quatro sufragistas falam sobre uma manifestação em frente à Casa dos Comuns. Cobertas de folhetos que exibem orgulhosamente junto a uns cartazes de voto *Votem nas Mulheres* a seus pés, formando uma cena bonita de se ver. Elas conversam com paixão e entusiasmo. Algumas clientes as olham com desaprovação. Mesmo assim, outras se aproximam, timidamente, e pegam um panfleto ou fazem perguntas. Algumas arrastam cadeiras para se sentarem com delas. Elas comemoram a chegada de cada mulher que se junta ao grupo, e percebo que Ann não é a única mulher que quer mudar hoje.

***

Quando voltamos à Spence, procuro pela bandana de Kartik na hera sob minha janela, mas não tem nada ali, e rezo para que ele volte logo com notícias.

— Você viu a Ann? — pergunta Felicity ao entrar no grande salão. — Ela desapareceu depois do jantar. Eu achei que nós iríamos jogar baralho.

— Não a vi — respondo. — Mas vou dar uma olhada por aí para ver se a vejo, tudo bem?

Felicity assente.

— Estarei na tenda.

Não encontro Ann em nenhum dos lugares que ela costuma ficar — nosso quarto, a biblioteca ou cozinha. Só consigo pensar em um único outro lugar onde ela possa estar, e é lá que a encontro; no terraço do terceiro andar, sentada, sozinha, olhando para o gramado e o bosque à nossa frente.

— Se importa se eu lhe fizer companhia? — pergunto.

Ela indica o espaço vazio ao seu lado. Daqui, eu posso ver perfeitamente a torre meio-pronta e o esqueleto da Ala Leste. Me pergunto se minha mãe e sua amiga, Sarah, alguma vez sentiram a felicidade que estamos experimentando hoje. Me pergunto o que elas teriam mudado se tivessem uma segunda chance.

Uma brisa suave sopra nossos cabelos. Ao longe, posso ver as luzes do acampamento dos ciganos. Kartik. Não, não vou pensar nele agora.

— Pensei que você estava fazendo suas malas para sua viagem pelos palcos de todo o mundo — digo.

— Nós só vamos embora na próxima semana.

— Essa semana vai passar tão rápido que você não vai nem perceber. O que é isso? — pergunto, apontando para o envelope lacrado em seu colo.

— Oh! — diz Ann, brincando com ele. — Não estou com coragem o suficiente para mandar. É uma carta para meus primos, contando a eles sobre a minha decisão. Eu fui

realmente bem hoje?

— Você esteve magnífica — digo. — Sua voz conquistou todos eles.

Ann fixa o olhar no jardim.

— Só querem me ouvir por que gostaram do que viram antes. E não minta para mim dizendo que me julgaram pela minha personalidade, por que isso é uma estupidez — Ela começa a rir sem humor. — A beleza dá poder, e minha vida seria muito mais simples se eu fosse tão bonita quanto Nan Washbrad.

Ann *é* encantadora, mas não da forma que ela quer. Ela não é linda. Conhecendo-a de verdade nós começamos a ver o quanto ela é bonita, mas não é isso que ela quer ouvir. E mesmo se eu dissesse que ela é bonita — mesmo se fosse verdade — ela acreditaria?

— Sim, é muito mais fácil quando se é bonita — digo. — Mas nós que não somos temos que nos esforçar para conseguirmos o que queremos.

Ela alisa a carta que está em seu colo, e temo que minha honestidade a tenha ofendido.

Eu acaricio sua mão.

— Você conseguiu, Ann. Você mudou a sua vida. Para todos que quiserem escutar, eu direi: Ann Bradshaw é a garota mais corajosa que eu conheço.

— Gemma, como vou explicar para eles? Se eu não conseguir manter esta ilusão para sempre vou ter que arranjar um jeito de fazê-los acreditar em Ann Bradshaw.

— Encontraremos uma solução. Só precisamos de magia suficiente para convencê-los que contrataram Ann e então, seu talento se encarregará do resto. Esta é sua magia.

Apesar de tudo, sei como ela se sente. Está ficando cada vez mais difícil de me ver sem a magia. Eu quero agarrá-la e nunca mais soltar.

— Foi um bom dia, não foi?

Um leve sorriso dissipa as preocupações do rosto de Ann.

— E melhores dias virão.

Ann gira a carta nas mãos.

— Acho que é melhor eu acabar com isso de uma vez por todas.

Eu lhe ofereço meu braço.

— Não é todo dia que eu sou privilegiada com a oportunidade de escoltar uma estrela do teatro.

— Obrigada, senhorita Doyle — diz, como se estivesse agradecendo no palco. Ela vai diretamente até Brigid, a quem entrega a carta apressadamente e diz. — Brigid, poderia colocar no correio amanhã?

— É claro — responde Brigid e coloca a carta no bolso do avental.

— Pronto, agora está feito — digo.

— Sim. Está feito.

— Agora vamos. Fee quer jogar cartas, e tenho a impressão de que hoje ela não ganhará de nós tão facilmente como sempre faz.

Animadas com o êxito de Ann, nós três jogamos cartas, partida após partida, apostando desejos como se fossem xelins.

— Vejo seu sonho de se transformar em uma princesa do império otomano e juntar-se em uma viagem através de Bombaim montada nas costas de elefantes.

Ann ganha a maioria das partidas, e nem sequer Fee se irrita. Jura que é prova mais do que suficiente que Ann finalmente conseguiu mudar sua sorte, que nada pode nos impedir de ir mais além.

33

MUITOS DIAS SE PASSARAM E AINDA NÃO HÁ SINAL nenhum da bandana vermelha de Kartik. Tenho medo de que algo de ruim tenha acontecido a ele. Tenho medo de que, quando ele voltar, eu não consiga ajudá-lo com Amar. Tenho medo de que ele tenha ido embarcar no *Orlando* e nunca mais volte.

Tanta preocupação me deixou de mau-humor. Nós já temos de sofrer a humilhação de nos curvarmos como bobas diante da Rainha no Palácio de Saint James. E eu ainda tropecei duas vezes e não imagino como vou me arranjar se tiver de segurar no braço esquerdo a longa barra do meu vestido enquanto inclino a cabeça diante de minha soberana. Só de pensar nisso, meu estômago revira.

A Senhora Nightwing nos faz sentar à mesa da sala de jantar. Cada um de nossos lugares está ocupado por uma assustadora variedade de prata. Colheres para sopa. Garfos para as ostras. Facas para peixe. Garfos para peixe. Facas para a manteiga. Colheres para a sobremesa.

Eu meio que esperava ver um arpão de caça e talvez, caso nós achássemos tudo muito difícil e desejássemos morrer com dignidade, a espada seppuku[42] da lenda Japonesa.

A Sra. Nightwing fala monotonamente. Eu acho difícil prestar atenção e só pego algumas frases.

— O prato de peixe... as espinhas, se afastam para um lado do prato... leitelho[43], a propósito, mantenham a suavidade das mãos de uma senhora...

A visão toma conta de mim rapidamente. Em um momento estou ouvindo a voz da Sra. Nightwing e, no outro, o tempo está pausado. A Sra. Nightwing está congelada ao lado de Elizabeth. Os olhos de Felicity estão virados para o tento, em uma expressão de absoluto tédio. Cecily e Martha também estão congeladas.

---

[42] N/T: Seppuku é o ritual suicida chamado popularmente de *harakiri*. Harakiri significa literalmente "cortar a barriga" ou "cortar o estômago". Era cometido por guerreiros samurais. Ele é feito para recuperar a honra pessoal ou limpar o nome da família, caso essa honra fosse perdida em alguma atitude indigna, evitar ser seqüestrado num campo de batalha ou por pura lealdade ao daimyo e acompanhá-lo eternamente.

[43] N/T: Leitelho ou leite de manteiga é um líquido que se obtém do batimento da nata em manteiga.

Wilhelmina Wyatt está parada no vão da porta aberta com expressão ameaçadora.

— Senhorita Wyatt? — eu a chamo. Deixando minhas companheiras congeladas, vou atrás dela.

Ela para no topo do primeiro lance de escadas, mas, quando alcanço o patamar, ela atravessa o retrato de Eugenia Spence e desaparece como um fantasma.

— Senhorita Wyatt? — sussurro. E, de repente, estou sozinha. As paredes da escola parecem murmurar para mim. Eu cubro minhas orelhas, mas, mesmo assim, não consigo deter os horríveis sussurros, as gargalhadas abafadas, os sibilos. Os pavões no papel de parede ganham vida, piscando seus olhos para mim.

A letra confusa de Wilhelmina surge no retrato de Eugenia Spence: *A Árvore de Todas as Almas. A Árvore de Todas as Almas. A Árvore de Todas as Almas.* Preenchendo toda pintura. Os sussurros ficam mais altos. Eu coloco uma mão na pintura e é como se eu passasse diretamente por ela e entrasse em outro tempo e lugar.

Estou no grande hall, mas ele mudou. Eu vejo o que certamente deve ser a senhorita Moore quando criança, a persistente concentração em seu rosto. Uma menina com maravilhosos olhos verdes sorri para ela, e fico boquiaberta ao reconhecer minha própria mãe.

— Mamãe? — a chamo, mas ela não me ouve. É como se eu não estivesse realmente ali.

Uma mulher mais velha, com cabelos brancos e olhos azuis, se senta com elas; eu a conheço, também. Eugenia Spence. O rosto que parece tão intimidante no retrato, aqui se mostra amável, brilhante e rosado de vida.

Uma garota lhe entrega uma maçã e a Sra. Spence sorri.

— Ora, muito obrigada Hazel. Irei saboreá-la, tenho certeza. Ou deveria cortá-la em pedaços para compartilhar com todas?

— Não, não — protestam as garotas. — É para você, pelo seu aniversário!

— Muito bem, então. Obrigada. Adoro maçãs.

Uma pequena garota sentada ao fundo levanta a mão timidamente.

— Sim, Mina? — pergunta Senhora Spence.

Agora vejo os traços da mulher no rosto da menina. A pequena Wilhelmina Wyatt avança com dificuldade para a professora e lhe entrega um presente de sua autoria, um desenho.

— O que é isto? — O sorriso da Sra. Spence desaparece quando examina o desenho. É uma representação perfeita da enorme árvore que já vi em meus sonhos. — Como você soube desenhar isto, Mina?

Wilhelmina baixa a cabeça, com vergonha e tristeza.

— Vamos, diga. Você precisa me dizer. A mentira é um pecado e diz coisas muito ruins sobre o caráter de uma jovem.

Eu ouço o raspar do giz na lousa enquanto Wilhelmina escreve. As palavras vão se formando lentamente: *A Árvore de Todas as Almas*.

Apressadamente, a Senhora Spence tira o giz dos dedos da menina.

— Chega, Mina.

— O que é a Árvore de Todas as Almas? — pergunta uma garota.

— Um mito — responde Eugenia limpando a lousa com um pano.

— Está nas Terras Invernais, não é? — pergunta Sarah. Seus olhos brilham com a travessura. — Ela é muito poderosa? Fale dela para nós, por favor.

— Tudo o que você precisa saber no momento está nas páginas de seu livro de Latim, Sarah Rees-Toome — repreende a Sra. Spence, provocando-a.

Ela joga o desenho no fogo e lágrimas escorrem dos pequenos olhos de Mina. As outras meninas riem do seu choro. Senhora Spence levanta o queixo da garota com o dedo.

— Que tal se você me fizer outro desenho, hmm? Talvez um belo prado ou um esboço da Spence. Agora, seque suas lágrimas e prometa-me que será uma boa menina, Mina, e que não escutará a quem não deve, a ninguém que possa estar corrompido.

A cena muda, e vejo Wilhelmina deslizando uma adaga, com rubis incrustados no cabo, de uma gaveta para seu bolso. Seu corpo muda à medida que os anos passam, até que a feminina Wilhelmina esteja na minha frente de novo, empunhando a adaga. Seu rosto está retorcido com fúria. Ela levanta a adaga.

— Não! — grito e levanto o braço para bloquear o golpe.

Eu ainda estou gritando quando volto a mim mesma na sala de jantar. Todas estão me olhando, horrorizadas. Dor. Na minha mão. Filetes de sangue escorrem por minha mão e caem sobre a toalha vermelha. A faca está no meu prato. Eu a segurei com tanta força que acabei me cortando.

— Senhorita Doyle! — ofega a Sra. Nightwing.

Ela corre comigo até a cozinha, onde Brigid pega o pano e o bálsamo.

— Vamos dar uma olhada — diz Brigid. Ela enxágua minha mão, fazendo arder. — Não é muito profundo, graças a Deus. Só um arranhão e um susto, nada além disso. Você vai estar bem em um minuto.

— Como isso aconteceu, senhorita Doyle? — pergunta a Sra. Nightwing.

— E-eu não sei — respondo com sinceridade.

Ela sustenta meu olhar por mais tempo do que é preciso, me deixando desconfortável.

— Bem, acredito que você vá prestar mais atenção daqui para frente.

***

Felicity e Ann estão esperando por mim no meu quarto. Felicity tomou posse de minha cama e serviu-se de *Orgulho e Preconceito*. Ao me ver, ela joga o livro para o lado, como se fosse um de seus pretendentes.

— Tenha cuidado com isto, por favor.

Eu resgato o pobre livro, alisando suas páginas amassadas, e o devolvo ao seu lugar na prateleira.

— Que diabos aconteceu? — pergunta Felicity.

— Eu tive uma visão muito forte — digo. Eu lhes conto o que Wilhelmina Wyatt me mostrou, a cena na sala de aula. — Acredito que ela está tentando me dizer que a Árvore de

Todas as Almas *realmente* existe. Acho que ela precisa de nós para encontrá-la. Chegou a hora de irmos às Terras Invernais.

Felicity se inclina para frente. Minhas palavras acenderam algo dentro dela.

— Quando?

— O quanto antes — respondo — Hoje à noite.

***

O bosque está sendo vigiado por um dos homens do senhor Miller. Nós o vemos armado com uma pistola, andando de um lado ao outro. Como um gato pronto para atacar.

— Como vamos chegar ao portal sem sermos vistas? — pergunta Ann.

Eu me concentro e, de repente, há um fantasma de uma mulher nos bosques. O homem treme diante da visão fantasmagórica dela.

— Qu-quem está aí? — Tremendo, ele aponta a pistola para ela, que se esconde atrás de uma árvore e sai mais adiante. — Vo-você falará com meu chefe — diz o homem.

Ele a segue a uma distância cuidadosa, enquanto ela o leva em direção ao cemitério, onde ela desaparecerá, deixando-o coçar a cabeça diante do mistério de tudo isso.

Até então, nós já estaremos nos reinos.

— Vamos — digo correndo para o portal secreto.

Felicity levanta as saias, sorrindo.

— Oh, como eu gosto disso.

Os altos ladrilhos de pedra com suas mulheres vigilantes nos cumprimentam do outro lado. Mas elas não podem me dar a resposta que procuro. Apenas uma pessoa pode, mesmo que eu não queira admitir.

— Vocês vão ao castelo. Eu me juntarei a vocês logo — digo.

— O que você quer dizer? Aonde vai? — pergunta Ann.

— Vou perguntar a Asha se ela pode nos oferecer proteção — explico, me sentido horrível por ter que mentir.

— Nós te acompanharemos — diz Felicity.

— Não! Quero dizer, vocês devem preparar Pippa e as outras garotas. Reúnam todas.

Felicity assente.

— Certo. Vá rápido.

— Eu irei — digo, e, ao menos isso, é verdade.

Corro pelos corredores empoeirados do Templo e me dirijo diretamente à fonte da eternidade. Circe está esperando, flutuando abaixo da superfície, uma coisa pálida que surge das profundezas e é forçada para a luz.

— A hora da minha morte chegou tão cedo? — pergunta, com uma voz mais forte do que antes.

Eu mal consigo controlar minha raiva.

— Por que não me disse que conhecia Wilhelmina Wyatt?

— Você não perguntou.

— Você poderia ter me dito!

— Como eu disse, tudo tem seu preço — ela solta a respiração em um suspiro.

— Até onde eu sei, foi você quem a matou — digo, me aproximando lentamente da fonte.

— É por isso que você voltou? Para me interrogar sobre uma antiga companheira de classe?

— Não — digo. Eu me odeio por ter vindo, mas ela já esteve nas Terras Invernais antes. O diário da minha mãe relata isso. Ela é a única a quem posso perguntar. — Preciso que você me fale sobre as Terras Invernais.

Uma nota de cautela surge em sua voz.

— Por quê?

— Nós estamos indo para lá — respondo — Quero vê-las por mim mesma.

Ela fica em silêncio por um longo tempo.

— Você não está preparada para ir às Terras Invernais.

— Estou — declaro.

— Você já procurou seus cantos obscuros?

Eu corro meus dedos pelas pedras polidas da fonte.

— Não sei o que você quer dizer.

— Assim é como irão fazê-la cair em uma armadilha.

— Estou cansada de seus enigmas — vocifero — Vai me falar das Terras Invernais ou não?

— Tudo bem — diz ela após alguns segundos — Aproxime-se.

Mais uma vez, coloco minha mão na fonte, onde posso sentir que ainda existe poder nas pedras, e então eu a coloco em seu coração.

Por alguma razão, é muito mais fácil desta vez; minha necessidade de saber mais sobre as Terras Invernais e meu desejo de encontrar a Árvore de Todas as Almas é mais forte que minha apreensão.

Por alguns segundos, ela brilha com o poder. Um indício de sorriso toca seus lábios rosados. Com este segundo presente, ela ficou ainda mais bela e mais viva, mais parecida com a professora que eu amei, a senhorita Moore. Ver esse rosto me assusta. Seco minha mão molhada em minha camisola, como se assim pudesse me livrar de todos os vestígios dela.

— Agora, eu lhe dei a magia que você pediu. As Terras Invernais, por favor.

A voz de Circe sussurra na caverna.

— No portão, farão perguntas a você. Você deve responder a verdade ou não poderá entrar.

— Que tipo de perguntas? São difíceis?

— Para alguns — responde — Uma vez dentro, siga o rio. Não faça tratos, nem promessas. Você nem sempre deve acreditar no que vê e ouve, por que é uma terra tanto de encanto quanto de trapaças, e você precisará discernir qual é qual.

— Há algo mais? — pergunto, pois não sei no que me basear.

— Sim — diz ela — Não vá. Você não está preparada para isso.

— Não cometerei os mesmos erros que você; pode ter certeza disso — retruco. — Diga-me mais uma coisa: a Árvore de Todas as Almas existe?

— Espero que você volte e me diga — diz finalmente.

Um som ondulante vem da fonte, como se fosse um movimento minúsculo. Mas isso é impossível, ela está preoa. Olho para trás; Circe está tão imóvel quanto a morte.

— Gemma? — diz Circe.

— Sim?

— Por que Wilhelmina quer que você vá para as Terras Invernais?

— Porque... — digo, e paro; não me fiz essa pergunta até agora, e isso me enche de duvidas.

Lá está de novo: um leve sussurro na água. As paredes da caverna gotejam com a umidade e acho que esse deve ser o som que eu ouço.

— Tenha cuidado, Gemma.

***

Pippa e as outras estão esperando por mim na floresta azul. As bagas foram colhidas. Há cestas meio cheias delas espalhadas para todos os lados. A parte da frente do vestido de Pip está manchada com o suco das frutas, parecendo o avental de um açougueiro.

— Ela nos deu alguma proteção? — Ann pergunta quando eu as alcanço.

— O que? — Pergunto, confusa.

— Asha — Ela explica.

Eu vejo o rosto pálido de Circe em minha mente.

— Não, não temos nenhuma proteção. Teremos que nos virar sozinhas.

Pippa bate palmas, deliciada.

— Esplêndido! Finalmente uma aventura de verdade. As Terras Fronteiriças ficaram tão chatas. Eu deveria chamá-las de Terras Chatíssimas. Eu olho para o céu nublado das Terras Invernais e o portão que nos separa dele. — E quanto àquelas horríveis criaturas, senhorita? — Wendy pergunta, agarrando-se às saias de Mercy. Pippa entrelaça seu braço ao de Felicity

— Como somos muito inteligentes, nós vamos ficar todas juntas.

— É o único jeito de ficarmos seguras. — Ann diz.

— Eu não vou embora até descobrir se a Árvore de Todas as Almas é ou não real. — declaro.

Uma pequena luz pisca por entre as árvores, ficando mais intensa conforme se aproxima. É a criatura de asas douradas que parece uma fada.

— Você quer visitar as Terras Invernais? — ela pergunta com a voz rouca.

— E o que isso teria a ver com você? — Felicity rebate.

— Eu mostraria o caminho para vocês — a criatura ronrona.

— Vá embora! Deixe-nos em paz. — Mae Sutter tenta espantá-la usando as mãos.

Sem medo, a criatura voa de galho em galho e pousa em meu ombro.

— Não é fácil viajar dentro das Terras Invernais. Alguém que conhece o caminho poderia ser muito útil.

Eu me lembro das palavras de Circe: *Não faça tratos*.

— Eu não te darei nada em troca. — digo.

Os lábios da criatura se curvam em um sorriso sarcástico.

— Nem mesmo uma gota da magia que você tanto tem?

— Nem uma gota. — lhe respondo.

Ela range os dentes.

— Eu as levarei de qualquer forma. Talvez um dia você me recompense por minha ajuda. — Ela bate as asas na bochecha de Wendy. — Deixe essa daí para trás. Ela só vai dar trabalho. — Wendy arfa e põe uma mão onde as asas a tocaram. A fada gargalha alto

— Pare com isso! — dou um tapa nela, fazendo-a cair de costas.

— Eu não quero ser um estorvo. — Wendy murmura, abaixando a cabeça.

Eu pego uma de suas mãos.

— Tudo o que nós fizermos, ela também fará. — O rosto da fada se retorce em uma carranca.

— É muito perigoso.

— Você fica, Wendy. — Bessie ordena.

— Eu quero ir. — Wendy diz. — Eu quero saber de onde aquele grito vem.

— Ela só vai nos atrasar. — Pippa argumenta, como se a garota não estivesse bem ali, na frente dela.

— Ou vamos todas juntas, ou não vamos. — digo, inflexível. — Agora, eu preciso falar em particular com as minhas companheiras. Xô! Saía daqui.

A criatura bate suas pequenas asas, voando lentamente. Há ódio em seus olhos enquanto ela se afasta alguns metros de nós, observando.

Eu olho para nós. Somos um grupo estranho: as garotas da fábrica usando suas roupas novas e extravagantes, Bessie segurando uma longa estaca, Pippa vestida em sua majestosa capa, Ann e eu em nossas camisolas e Fee com um colete de malha sobre a dela, empunhando a espada.

— Nós não sabemos se aquele vaga-lume gigante é confiável, então vamos tomar cuidado. — eu digo a elas. — Memorizem o caminho, para caso nós tivermos que sair sozinhas. Todas prontas?

— Prontas. — Felicity acaricia sua espada.

— Estou ficando cansada, mortal. — a Asinhas Douradas reclama. — Sigam-me!

Nós saímos da segurança da floresta azul e atravessamos a campina coberta por videiras das Terras Fronteiriças. Ao longe, o alto e trabalhado portão das Terras Invernais se eleva como uma advertência por entre a neblina. É impossível ver o que está do outro lado dele, com exceção das pesadas nuvens escuras, enroscando-se umas nas outras no céu. Eu carrego uma tocha que fiz de galhos e magia, ela cria um grande circulo de luz ao nosso redor. A fada

está sentada em meu ombro, suas pequenas garras, dos pés e das mãos, se agarram à minha camisola e torço para que o tecido a impeça de arranhar minha pele.

O muro que separa as Terras Fronteiriças das Terras Invernais é uma construção intimidante. Ele é tão alto quanto a cúpula da Catedral de Saint Paul e se estende horizontalmente até onde nossos olhos não conseguem mais acompanhar. Na escuridão, ele parece brilhar.

Eu ponho minha mão nas altas estacas. Elas são suaves.

— Ossos. — a fada sussurra.

Eu levanto a tocha. A luz incide sobre a silhueta de um grande osso, uma perna, talvez. Eu me afasto do muro. Os ossos foram amarrados à parede com mechas de cabelo. Videiras com flores vermelhas cresceram por entre os ossos, dando a impressão de serem feridas pulsantes. É uma visão macabra. A fada ri disfarçadamente de minha angustia.

— Para alguém tão poderosa, você se assusta fácil.

— Como nós entramos? — Mercy pergunta, seu rosto está coberto por uma sombra azulada.

A criatura sai de meu ombro e voa à minha frente.

— O portão está próximo. Vocês têm que pôr a mão e senti-lo.

Nós colocamos nossas mãos no emaranhado de ossos e cabelos, procurando um jeito de entrar. Meu estomago revira, e eu considero a opção de desistir.

— Encontrei! — Pippa grita.

Nós nos agrupamos ao redor dela. O trinco do portão é composto por caixas torácicas. As pontas afiadas das costelas estão entrelaçadas de um jeito que é impossível dizer onde uma começa e a outra termina. E o mais perturbador de tudo é que há um coração batendo atrás delas. O vacilante *tum-tum* que ele faz, reverbera dentro de meu estomago.

— O que é aquilo? — Ann arqueja.

— Nossa passagem para as Terras Invernais. — a criatura responde. Ela voa para perto do coração pulsante e volta para perto de nós. — Respondam apenas a verdade, ou ele não as deixará passar. — ela avisa.

— Vocês desejam entrar nas Terras Invernais? — é uma voz macia como a seda, e eu não tenho certeza se a realmente ouvi.

— Vocês ouviram isso? — pergunto.

As garotas concordam. O coração brilha com um vivo vermelho púrpura, como um hematoma se espalhando pela pele. A voz surge novamente.

— Vocês desejam entrar nas Terras Invernais?

O coração está perguntando a nós.

— Sim. — Pippa responde. — Como nós podemos entrar?

— Diga-nos seus segredos. — ele sussurra. — Diga-nos o que seu coração mais deseja e o que ele mais teme.

— É só isso? — Bessie Timmons zomba.

— Sim, é só isso. — a fada diz.

Bessie dá um passo à frente.

— Meu maior desejo é ser uma dama. E o que eu mais temo é o fogo.

Uma congelante corrente de ar frio sopra das Terras Invernais. Os ossos tilintam com o vento. O coração bate mais rápido e brilha como fogo na escuridão. As caixas torácicas se separam. Uma porta gigante se abre à nossa frente.

— Você pode passar. — o coração diz. Bessie passa pela porta e ela se fecha imediatamente à suas costas.

— Não foi tão difícil. — Felicity diz. Ela se vira para o portão. — Meu maior desejo é ser livre e poderosa.

— E o seu maior medo? — o coração demanda.

Felicity hesita.

— Ficar presa.

— Isso não é totalmente verdade. — o coração responde. — Você tem outro medo, maior do que todos os outros. Um medo envolvido pelo desejo; um desejo envolvido pelo medo. Você dirá qual é esse medo? — o rosto de Felicity fica lívido.

— Não tenho certeza se sei do que você está falando. — ela responde.

— Você deve responder somente a verdade! — a fada sibila.

O coração fala novamente.

— Devo dizer qual é o seu medo? — Felicity vacila um pouco, e eu não consigo imaginar o que possa amedrontá-la tanto. — Você tem medo de quem você realmente é. Você tem medo de que os outros descubram.

— Ótimo, você já disse qual é. Agora, me deixe passar. — Felicity exige.

A porta se abre mais uma vez.

Cada uma tem a sua vez. As garotas confessam uma por uma, seus desejos e medos. Casar com um príncipe; ficar sozinha, um lar feliz com flores na calçada; o escuro, um banquete que nunca acabe; a fome. Pippa admite que seu maior medo é perder sua beleza. E quando revela seu maior desejo, ela olha diretamente para mim:

— Eu queria poder voltar.

E a porta abre mais uma vez.

Ann está tão envergonhada que só sussurra, até que o portão a mande falar mais alto.

— Tudo. Eu tenho medo de tudo. — ela confessa e o coração suspira.

— Você pode passar. — ele diz.

Enfim, é a minha vez. O coração bate mais rápido por antecipação, assim como meu próprio coração.

— E você? Qual é o seu maior medo?

Circe me avisou que devo dizer a verdade, mas eu não sei o que dizer. Temo que meu pai nunca se cure. Temo que Kartik não se importe comigo, mas também tenho medo de que ele se importe. Temo que eu não seja bonita, querida ou que não mereça ser amada. Tenho medo de perder essa magia que eu aprendi a gostar, que sem ela eu seja apenas comum. Tenho medo de tantas coisas que não sei qual delas escolher.

— Vá logo! Termine de uma vez com isso! — a criatura põe as mãos no quadril e range os dentes para mim.

O rosto pálido de Felicity aparece por entre os ossos.

— Vá logo, Gemma. Diga qualquer coisa!

— Qual é o seu maior medo? — o portão pergunta mais uma vez. Um vento frio vem do outro lado, me fazendo tremer. As nuvens, cinzas e negras, se agitam e reviram no céu.

— Eu tenho medo das Terras Invernais. — digo cuidadosamente. — Tenho medo do que encontrarei lá.

O portão dá um longo suspiro gelado, como se pudesse cheirar o meu medo e gostasse do que estivesse sentindo.

— E o seu maior desejo?

Eu não respondo imediatamente. Um vento ardido machuca minhas bochechas e faz meu nariz escorrer. O coração das Terras Invernais é impaciente.

— Seu desejo. — ele sibila.

— Eu... eu não sei.

— Gemma! — Felicity grita do outro lado.

A fada gira ao meu redor até que eu fique tonta. Ela enfia suas pequenas garras em meu ombro.

— Diga! Diga! — Eu a mando para longe e ela rosna para mim.

— Eu não sei! Eu não sei o que eu quero, mas eu queria saber. E essa é a resposta mais verdadeira que posso te dar.

O coração bate mais rápido. O portão treme e guincha e temo que eu o tenha irritado. Dou um passo para trás, assustada, mas o portão se abre, os ossos chacoalhando com a ventania.

Felicity sorri e estende a mão para mim.

— Venha, antes que ele mude de idéia.

Meu pé paira perto da entrada e então aterrissa no solo rochoso do outro lado. Eu estou nas Terras Invernais. Não há flores ou árvores verdes aqui. É composto apenas por areia negra e pedras, tudo quase completamente coberto pela neve e pelo gelo. O vento grita e uiva ao passar pelo topo dos penhascos, beliscando minhas bochechas.

Enormes nuvens escuras se movem no horizonte. Pequenas baforadas de vapor sobem pelo ar e se juntam a elas, criando uma estranha névoa que envolve tudo em uma fina camada cinza. Há uma sensação impregnada aqui, uma profunda solidão que eu consigo sentir dentro de mim.

— Por aqui! — a fada nos manda segui-la em direção às íngremes montanhas que, com os picos cobertos de neve, guardam o horizonte.

Nossos pés deixam marcas quase imperceptíveis na areia escura conforme andamos.

— Que lugar mais melancólico. — Ann diz.

É um lugar enfadonho e lúgubre, mas tem uma beleza estranhamente hipnótica.

Não há mais ninguém por quilômetros. É misterioso, como uma cidade que foi evacuada.

Por um momento, eu acho que vejo criaturas pálidas nos observando de longe, mas, quando eu as ilumino com a tocha, elas foram embora; eram apenas ilusões criadas pela neblina e o frio.

Eu posso ouvir o som de água correndo. Um fino desfiladeiro atravessa os penhascos e um rio corre bem ao seu lado. *Siga o rio*, foi o que Circe disse, mas parece que seguir o rio vai nos levar à morte. A corrente é agitada e o caminho não parece ser maior do que nossos pés.

— Não tem outro caminho? — pergunto à fada.

— Não que eu saiba. — ela responde.

— Achei que você tinha dito que seria nossa guia. — Felicity resmunga.

— Eu não sei tudo, mortal. — a Asinhas Douradas rebate.

Nós andamos lentamente pelas pedras, tomando cuidado para não escorregarmos nos pedaços de gelo que refletem nossos rostos pálidos como espelhos fantasmas. Eu seguro a mão de Wendy para ajudá-la a passar.

— Olhem! — Ann grita. — Ali.

Um magnífico barco atravessa a neblina e aporta na areia negra da margem. É um barco longo e fino, com remos saindo de furos laterais. Ele me lembra uma daquelas embarcações Vikings.

— Nós estamos salvas! — Pippa grita. Ela levanta as saias e corre na direção do barco. As garotas da fabrica a seguem. Eu agarro Felicity pelo braço.

— Esperem. De onde esse barco veio e para onde ele vai? — pergunto à fada.

— Se você quiser saber, terá de correr o risco. — ela responde, expondo seus dentes pontudos.

— Vamos, Gemma. — Felicity pede, observando Pippa e as outras seguirem em frente.

— Nós vamos ficar bem. — Ann concorda, pegando a tocha das minhas mãos, pronta para correr.

— Isso pode ser um pouco perigoso para a cega. — a fada pega uma mecha do cabelo de Wendy, a cheira e, então, lambe-a. — Deixe-a para trás, eu vou tomar conta dela.

Wendy se agarra ao meu braço.

— Pode ter certeza que não. — eu digo.

A fada voa perto da minha boca.

— Ela só vai atrasar a viagem de vocês.

— Acho que já tive o suficiente de você. — eu sopro o ar com força e a brilhante criaturinha verde dá cambalhotas no ar.

Ela me chama de todos os tipos de nomes enquanto eu levanto minha camisola e corro para o barco, puxando Wendy comigo.

— Tudo bem — digo, pisando na madeira trabalhada do barco. — Nós estamos sozinhas agora, temos que ficar alertas o tempo todo. Pode haver armadilhas, rastreadores, ou coisas piores.

— Mas e quanto ao seu poder, senhorita? — Mae pergunta.

Felicity se senta e segura sua espada entre seus pés.

— Exatamente. Nós a usaremos se alguém for idiota o suficiente para nos atrapalhar.

— Nós não sabemos se eles são iguais a mim. — aviso. — Nós não sabemos nada sobre as criaturas das Terras Invernais. A mágica nem sempre está sob meu controle, e não quero ter de usá-la, a não ser que seja nossa única opção.

Eu olho para os rostos sérios de minhas amigas e, subitamente, me sinto muito pequena. Queria ter uma pessoa com quem dividir toda essa responsabilidade.

É impossível ver claramente o caminho à nossa frente; a névoa formou uma grossa camada sobre a água e eu espero que nós não estejamos navegando em direção a um terrível erro.

— Estão prontas? — Bessie pergunta. Ela está com um pé dentro do barco e o outro na fina margem.

Ann me entrega a tocha novamente, eu a seguro perto da popa do barco, tentando iluminar o caminho.

— Nos ponha em movimento, por favor, Bessie. — peço.

Ela nos da um pequeno empurrão e o barco flutua pelo rio, para longe de qualquer porto seguro. Nós lutamos para conseguir espaço entre os remos. Pippa se mantém de pé na proa, espreitando a neblina. Felicity, Wendy e eu trabalhamos no mesmo remo, grunhindo com o esforço. O peso da água faz nosso progresso ser lento, mas logo estamos subindo o rio. A névoa dissipa um pouco, e nós conseguimos ver as grandes pedras polidas que se erguem de nossos dois lados, como os enormes dedos úmidos de um deus esquecido.

A única cor nessa paisagem desolada está nas pinturas rupestres que se estendem ao longo da parte interior das rochas. O barco passa por pinturas de terríveis espectros, suas capas abertas expondo as almas que eles devoraram. Ninfas da água arrancando a pele de uma vítima presa a uma pedra. Os Guerreiros da Papoula em suas túnicas esfarrapadas e suas cotas de malha enferrujada. Pássaros negros sobrevoando os campos de batalha. Algo muito parecido com Amar — com o cavalo branco e capacete medonho — nos olha de uma das pinturas, e eu queria não tê-la visto. Têm tantas coisas desenhadas aqui, contando toda uma história, que eu não consigo absorver tudo. Mas uma chama minha atenção: ela mostra uma mulher em frente a uma grande árvore, ela tem seus braços abertos, como se nos desse boas-vindas. Mas então a névoa engrossa novamente e eu a perco de vista.

— Tem alguma coisa ali na frente! — Pippa avisa. — Diminuam a velocidade!

— Eu não sou… uma marinheira... ou uma... pirata. — Ann arqueja entre remadas.

Nós remamos para o lado contrário, tentando ver o que é. Há uma grande formação de rochas em frente a um desfiladeiro, ela tem dois furos na parte superior e um, maior, embaixo, como uma careta gritante.

— Direto para a boca! — Pippa grita acima do som da água.

Com uma lufada, o barco sofre uma queda brusca, e nós somos jogadas em uma corrente mais rápida. Não há muita coisa que nós possamos fazer contra a correnteza agitada. O barco chacoalha e gira até nós ficarmos tontas.

— Nós vamos bater! — Pippa grita. — Parem o barco!

— Nós temos que remar no sentido da correnteza! — Felicity guincha.

— Você ficou louca! Nós temos que parar. — grito de volta.

A água espirra em mim. Ela cheira a enxofre.

— Eu sou filha de um Almirante e estou dizendo que nós temos que remar no sentido da correnteza. — Felicity grita, como se fosse um comandante.

— Nós estamos chegando mais perto! — Pippa avisa. — Façam alguma coisa!

— Façam o que Felicity disse, remem no sentido da correnteza! — grito. — Usem toda a sua força. Não parem de remar!

Nós remamos com toda nossa vontade e eu fico surpresa em ver a força de nossos braços e corações. Nós revezamos os remos que devem ser remados e, rapidamente, conseguimos nos estabilizar e nos direcionarmos à boca da caverna. Com mais quatro remadas sofridas, nós conseguimos. O rio se acalma, nos levando cada vez mais para dentro das Terras Invernais.

Nós gritamos de felicidade por termos vencido do rio e, como não há ninguém para nos mandar controlar nossa felicidade, os gritos ecoam por um minuto inteiro.

— Ah, olhem! — Pippa grita.

Listras de luz colorida cortam o céu melancólico. As nuvens escuras foram substituídas por espirais roxos e azuis-escuros e rosa e dourados. E por estrelas também! Várias delas atravessam o céu e caem até desaparecerem no horizonte.

É tão grandioso que eu me sinto pequena e insignificante e, ao mesmo tempo, maior do que nunca.

— É lindo. — eu digo.

Pippa joga seus braços para trás

— E pensar que nós podíamos nunca ter visto isso.

— Nós ainda não estamos a salvo. — aviso.

Ninfas da água nadam rente à superfície do rio. O contorno suave de suas costas prateadas saindo ligeiramente para fora da água, como um reflexo do céu acima de nós.

— Ah, o que são elas? Sereias? — Mae pergunta, se inclinando para perto da água, tentando ver melhor.

Ann a puxa de volta para dentro do barco.

— Você não quer saber.

— Mas elas são tão bonitas! — ela estica a mão em direção à água.

— Sabe por que elas são tão bonitas? Porque elas arrancam a sua pele e se esfregam nela. — Ann avisa.

— Caramba! — com uma expressão horrorizada, Mae puxa sua mão para dentro do barco novamente, agarrando seu remo.

O rio faz uma curva. A neblina volta, densa e branca como as nuvens. O barco encalha ao lado de um pedaço de margem congelada.

— Vocês conseguem ver alguma coisa? — Pippa pergunta, colocando as mãos sobre os

olhos e tentando enxergar através da névoa.

— Nada. — Bessie responde, segurando sua estaca com mais força.

— Pode ter qualquer coisa ali, nos esperando. — Ann diz quietamente.

O barco não vai continuar a navegar, parece que foi ele quem decidiu para onde nós iríamos. A prancha abaixa e nós desembarcamos. O barco afunda novamente na grossa parede de névoa e vai embora.

— O que nós vamos fazer agora? — Mae pergunta. — Como nós vamos voltar?

Bessie lhe dá um tapa no braço.

— Cale a boca! Nós vamos conseguir voltar.

A neblina é mais densa aqui, a paisagem parece ser apenas uma miragem. Nós caminhamos por uma floresta devastada, com árvores que parecem fantasmas atrofiados. Galhos retorcidos aparecem por entre a névoa aqui e ali. O lugar está completamente silencioso, sem nenhum outro som além de nossas respirações irregulares.

Algo roça em meu ombro, me sobressaltando. Eu olho ao meu redor, sem conseguir enxergar nada. Eu sinto novamente. A coisa está em cima de mim. Eu olho para cima e vejo um pé descalçado balançando no ar.

— Ah meu Deus. — eu arfo.

O corpo de uma mulher está pendurado em um galho. Ela tem os grossos galhos da árvore enrolados ao redor de seu pescoço, mantendo-a suspensa. A pele dela virou de um marrom-acinzentado por causa da casca e suas unhas estão retorcidas e amareladas. Eu fico aliviada de ver que os olhos dela estão fechados.

Mas ela não é a única.

Agora eu posso vê-los através da neblina, eles estão por todos os lados; corpos pendurados nas árvores como frutas macabras. Uma colheita horrível.

— G-Gemma. — Ann sussurra. Os olhos dela se arregalam e eu posso sentir o grito que ela está contendo, que todas nós estamos contendo.

Pippa olha para os corpos com um misto de repulsão e pena.

— Eu não sou assim. Não sou. — ela diz, começando a chorar.

Felicity puxa Pip para um abraço, mantendo-a o mais longe possível dos cadáveres.

— É claro que não.

— Eu quero voltar. Voltar para Spence. Voltar a viver. Eu não agüento mais ficar aqui. Eu não agüento mais! — Pippa está à beira da histeria. Fee penteia os cabelos dela, tentando consolá-la com múrmuros ao pé do ouvido.

— As garotas fantasmas teriam nos trazido para cá se não fosse pela senhorita Pippa. — Bessie diz e, com um forte puxão, arranca um pedaço de pano do vestido de um dos cadáveres, ela enrola o tecido na ponta de sua estaca e a entrega à Ann. — Você pode acender para nós podermos enxergar. Eu não gosto de fogo.

Ann tira alguns fósforos de dentro de seu espartilho. Ela risca quatro deles antes de perceber que nenhum irá funcionar.

— Eles devem ter molhado quando estávamos no barco.

— Eu não vou andar por aí se não tiver nenhuma tocha. — Bessie diz, inflexível.

Eu ponho uma mão na estaca e uso a magia. A chama se espalha pelo tecido, iluminando nossos rostos.

Eu sinto total repulsão pelo que vejo, mas preciso saber, então, estendo a mão para o braço de um dos cadáveres. Eu toco a mão fria e endurecida e, por causa do medo, acabo deixando um pouco de mágica escapar. O corpo treme e eu dou um pulo para trás.

— Gemma... — Ann arfa.

Um forte vento balança os corpos, ondulando-os como se fossem folhas. Eles abrem os olhos — negros como piche e inchados pelo sangue. Um coro medonho de gemidos e guinchos agudos, berros e rosnados irritados surge repentinamente entre os cadáveres, crescendo cada vez mais, machucando nossos ouvidos. Por baixo de tudo isso, se agarrando à minha alma, há um refrão macabro:

— *Sacrifício, sacrifício, sacrifício...*

— Gemma, o que você fez? — Ann choraminga.

— Voltem! — eu grito.

Nós só demos alguns poucos passos quando o caminho desaparece sob nossos pés.

— Para onde nós vamos agora? — Mercy guincha, correndo em círculos.

— Não me deixe sozinha, Mercy! — Wendy tropeça, tateando freneticamente o nada ao seu redor.

— Eu não sei! — grito. Circe disse para nós seguimos o rio, mas não falou nada sobre isso. Ou ela mentiu, ou ela não sabe sobre essa floresta macabra. Mas, de qualquer jeito, nós estamos sozinhas, sem ninguém para nos ajudar.

Subitamente, uma voz emerge por entre o barulho, calma e clara.

— *Por aqui, rápido*. — Um caminho de luz aparece sobre o gelo e a grama congelada.

— Venham, por aqui! — eu as chamo.

Erguendo a tocha, eu corro por entre as arvores, seguindo o rastro de luz. Os corpos chutam e tentam nos agarrar. Eu faço de tudo para não gritar. Um homem tenta agarrar Pippa, mas Felicity é mais rápida, e usa sua espada agilmente. A mão decepada voa e ele ruge de dor.

Eu mesma rugiria, mas é como se estivesse entorpecida pelo medo.

— Vamos! — eu tento apressá-las, encontrando, finalmente, um pequeno vestígio de voz. Eu empurro minhas amigas e corro logo atrás delas, não me atrevendo a olhar para nada que não fossem suas costas, não querendo ver aquelas criaturas horríveis se balançando nas árvores.

Finalmente, nós chegamos ao fim daquela floresta macabra. O coro diminui a um arquejo que diminui a nada, como se todos eles tivessem voltado ao mesmo sono.

Nós paramos um pouco para nos recompormos, apoiando umas nas outras, inalando o máximo de ar frio possível.

— O que eram aquelas coisas? — Pippa pergunta entre arfadas.

— Eu não sei. — respondo sem fôlego. — Podem ser os mortos, as almas dos que foram

atraídos para cá.

Mae balança a cabeça freneticamente.

— Eles não eram como nós. Eles não tinham alma. Pelo menos eu espero que não.

— Como nós vamos passar por isso? — Bessie indica algo à nossa frente.

No meio do caminho, há um enorme muro negro,feito de pedras e gelo.E, aparentemente, impossível de ser contornado.

O vento sussurra novamente.

— *Olhe mais de perto...*

Na base da enorme escarpa, há um pequeno túnel ocultado por farrapos sujos de sangue.

— *Siga-o…* — o vento nos estimula.

— Vocês ouviram isso? — pergunto, para ter certeza que não sou a única.

Felicity concorda.

— Disse para nós o seguirmos.

— Seguir para onde? — Ann olha desconfiada para o túnel escuro.

Ninguém quer ir à frente. Nenhuma de nós quer ser a primeira a afastar os trapos imundos e fedorentos e entrar na pequena fenda.

— Nós chegamos tão longe. — Pippa diz. — Vocês realmente desistiriam agora? Mae? Bessie?

Mae dá alguns passos para trás, assustada. Bessie troca o peso de um pé para o outro, desconfortável.

— É um pouco escuro, não acha? — Mae diz.

— Acho que nós deveríamos voltar. — Wendy sussurra. — O Sr. Darcy vai ficar com fome.

— Dá para você parar de falar desse coelho? — Bessie grunhe. Ela aponta para mim. — A idéia foi sua, não foi? Encontrar essa tal árvore? É você quem tem que nos conduzir.

O vento mal-cheiroso sopra os trapos em nossa direção. O túnel é como uma noite sem estrelas, não dá para saber o que pode estar nos esperando lá dentro e nós já tivemos uma surpresa bastante desagradável hoje.

Mas Bessie está certa, eu deveria ir à frente.

— Tudo bem. — eu digo. — Nós vamos continuar. Fiquem atrás de mim e, se eu mandar vocês correrem, corram o mais rápido possível.

Wendy conseguiu voltar a ficar ao meu lado e ainda está agarrada à manga de minha camisola.

— O túnel é muito escuro, senhorita?

É engraçado que ela tenha medo do escuro quando não consegue nem enxergar, mas acredito que esse seja o tipo de medo que nós sentimos na alma.

— Não se preocupe, Wendy, eu irei na frente. A Mercy vai guiar você, não é? — Mercy concorda e pega as mãos de Wendy.

— Sempre. Segure firme em mim, querida.

Meu coração está quase saindo pela minha boca quando dou um passo para dentro. O

túnel é muito pequeno e eu preciso me abaixar um pouco para conseguir andar por ele.

— Tomem cuidado com a cabeça. — eu aviso por cima do ombro.

Minhas mãos tateiam o caminho. As paredes são frias e úmidas. Por um momento, eu temo estar dentro da boca de um monstro gigante e então, estou tremendo dos pés à cabeça, a ponto de gritar.

— Gemma? — a voz de Fee chega até mim. No escuro, eu não sei dizer onde ela está.

— S-sim. — eu me forço a dizer. — Podem vir.

Eu rezo para isso terminar logo, mas o túnel parece não ter fim. Eu ouço um fraco murmuro correndo por baixo das pedras. Parece uma cobra sibilando *'ss'*, mas tenho certeza que ouço *sacrifício* e, uma vez, *salve-nos*. Eu não consigo mais ouvir o som dos passos de minhas amigas e estou em pânico quando finalmente um feixe de luz aparece.

Eu consigo ver uma saída. O alivio me inunda, enquanto eu tropeço para fora da fina abertura, sendo seguida por minhas amigas.

Pip limpa o nariz na manga de seu vestido.

— Que túnel mais horrível. Eu senti o bafo quente de algo muito desagradável em meu pescoço o caminho todo.

— Era eu. — Ann confessa.

— Onde nós estamos? — Felicity pergunta.

Nós saímos em um campo aberto rodeado por um planalto rochoso. Uma fina neve está caindo do céu. Os flocos se grudam a nossos cílios e cabelos. Wendy vira seu rosto para o alto, como se a neve fosse um milagre.

— Ah, isso é tão bom. — murmura.

Densas nuvens negras se acumulam acima da escarpa. Sulcos de luz pulsam entre elas, e um trovão retumba.

Pela fina camada de neve, eu a vejo: um antigo e desgastado freixo[44], tão grosso quanto dez homens juntos e alto como uma casa, erguendo-se de um pequeno pedaço de grama verde. Seus muitos galhos se esticam para todos os lados. Ela está me dominando; eu não consigo desviar o olhar. E sei que essa é a arvore de meus sonhos, que é isso que Wilhelmina Wyatt queria que eu encontrasse.

— A Árvore de Todas as Almas. — eu digo, maravilhada. — Nós a encontramos.

A neve queima meu rosto, mas eu não ligo. A magia zumbe gentilmente dentro de mim, como se me chamasse. O som toma conta de todos os meus nervos; pulsando uma nova canção dentro de minhas veias, um novo refrão que eu ainda não sei cantar, mas que estou louca para aprender.

— *Você finalmente veio*. — ela murmura, tão suavemente quanto a canção de ninar de uma mãe. — *Venha até mim*. *Você só precisa tocar para ver*…

Os raios cortam o céu ao nosso redor. O poder deste lugar é intenso, e eu quero ser parte dele. Minhas amigas o sentem também, posso ver isso em seus rostos. Nós colocamos nossas

---

[44] N/T: Um tipo de árvore, comum em países mediterrâneos e na Ásia Menor.

mãos no tronco envelhecido da árvore. Ele é áspero sob meu toque. Meu coração bate mais rápido. Eu tremo com esse novo poder. Dominada, eu cedo.

Ela está na minha frente, banhada em uma luz suave, e eu a reconheço com um único olhar. Cabelos brancos. Olhos azuis. O vestido colorido. O mundo se desfaz até que só sobre nós duas, brilhando na imensidão.

Apenas Eugenia Spence e eu.

34

— EU ESPEREI TANTO TEMPO POR VOCÊ. — ela diz. — Eu quase desisti.

— Sra. Spence? — eu digo quando finalmente encontro minha voz.

— Sim. E você é Gemma, a filha de Mary. — ela sorri. — Vice é quem eu estava esperando — a única que pode salvar à nós e aos reinos.

— Eu? Como...

— Eu te contarei tudo, mas nós temos pouco tempo juntas, eu tenho um tempo limitado para aparecer para você desse jeito. Você caminharia um pouco comigo?

Ao ver minha expressão confusa, ela me estende uma mão pálida.

— Segure minha mão. Caminhe comigo. Eu vou te mostrar tudo.

Minha mão se move lentamente em direção à dela e, então, toca as pontas geladas de seus dedos. Ela segura minha mão com firmeza.

A luz branca, na qual estávamos banhadas, some, e eu e ela ficamos juntas em uma planície completamente aberta. A neve, os relâmpagos, minhas amigas — tudo isso existe em um lugar diferente do qual estou agora. Eugenia é mais real aqui; as bochechas dela estão rosadas, deixando seus olhos azuis ainda mais bonitos.

— Eu achei que você estivesse — eu engulo com dificuldade. — morta.

— Não completamente. — ela diz tristemente.

— Na noite do incêndio. — digo. — O que aconteceu depois que você selou a porta?

Ela junta as mãos, como se estivesse rezando.

— Aquela criatura horrível me trouxe para cá, para as Terras Invernais. Todas as criaturas tinham vindo ver a grande Eugenia Spence, líder da Ordem, virar prisioneira das Terras Invernais. Eles queriam acabar comigo, me corromper e me usar em seus planos horríveis. — eu capto o lampejo de algo em seus olhos enquanto ela fala. — Mas meu poder era maior do que eles achavam. Eu resisti e, como castigo, eles me aprisionaram na Árvore de Todas as Almas.

— O que a Árvore é, exatamente? — pergunto.

Ela sorri.

— O único lugar nesta terra abandonada que também pertence aos reinos, à Ordem.

— Mas… como?

— Para entender o presente, você precisa conhecer o passado. — ela faz um gesto majestoso com o braço e o cenário muda.

À nossa frente, como a cena de uma pantomima, está uma terra recém-nascida.

— Muito antes de nós chegarmos, coradas e felizes, a esse mundo, os reinos existiam por si só. A magia era livre; ela vinha da própria terra e voltava à terra por si mesma, em um ciclo infinito. O equilíbrio estava perfeito. Havia apenas uma regra: os mortos que passassem por este mundo, não podiam continuar aqui, eles tinham que fazer a travessia, ou seriam corrompidos.

"Mas alguns desses mortos não conseguiam se desapegar de seu passado. Assustados e irritados, eles fugiram, se escondendo na parte mais desabitada dos reinos: as Terras Invernais. Mas isso não aplacou a sua vontade de ter o que não podiam. Eles queriam voltar e, para isso, precisariam da magia dos reinos. Logo, a necessidade virou cobiça. Eles fariam de tudo para tê-la. Você sabe da rebelião e do que aconteceu aqui, nas Terras Invernais, certo?"

— As criaturas das Terras Invernais capturaram várias iniciantes da Ordem e as sacrificaram aqui. O primeiro sacrifício com sangue. — eu respondo.

— Sim, mas esta não é a história toda. Você precisa ver para entender. — Eugenia passa a mão sobre meus olhos. Quando eu os abro, vejo um grupo de sacerdotisas, não muito mais velhas do que eu, recuando de um bando de criaturas sinistras. Uma delas escapou, ela está escondida atrás de uma pedra, observando.

— Essa adaga é rica em magia. — uma das sacerdotisas apavoradas diz, oferecendo o objeto com rubis cravados no punho. — Vocês podem fazer o que quiserem com ela. Peguem-na em troca de nossa liberdade.

O espectro das Terras Invernais rosna para ela.

— Você realmente está tentando nos subornar com isso? — ele arranca a adaga da mão dela. — Se é tão poderosa assim, então que tal nós a usarmos agora mesmo?!

As criaturas se aproximam ainda mais das sacerdotisas amedrontadas. O terrível espectro levanta a adaga e desce, repetindo o movimento de novo, de novo e de novo, até que tudo que se pode das garotas são suas mãos ensangüentadas estendidas para o céu, mas, depois de um tempo, até isso some.

Onde o sangue delas espirra, o solo se abre. Uma árvore poderosa nasce — tão torta e retorcida quanto os corações das criaturas — cheia de magia. As criaturas se curvam ante ela.

— Finalmente, nós temos nossa própria magia. — o espectro diz.

— Foi o sacrifício que tornou isso possível. — o outro silva.

— O que foi feito de sangue, pede mais sangue. Nós ofereceremos mais almas à ela e usaremos seu poder para nossas necessidades. — anuncia o espectro.

— Mas havia uma salvação. — Eugenia sussurra, ondulando sua mão novamente. Agora eu vejo a jovem sacerdotisa, ainda atrás da pedra. Enquanto as criaturas se divertem com seu

novo poder, ela rouba a adaga e corre até a Ordem. Ela conta sua história e as líderes da Ordem a escutam com os rostos sérios. As runas são construídas, a passagem entre os dois mundos é fechada e a adaga passa de líder para líder, através das gerações.

— A Ordem protegeu a adaga de tudo e nós não ousamos falar da árvore por medo de que alguém possa ficar tentada. Logo, sua existência virou um mito. — ela faz a imagem desaparecer com um movimento da mão. — Eu fui a última guardiã da adaga, mas não sei o que aconteceu com ela.

— Eu a vi em minhas visões, com uma de suas antigas alunas; a senhorita Wilhelmina Wyatt! — eu solto, sem querer.

— Mina apareceu em suas visões? — Eugenia pergunta. A expressão dela se contorce em preocupação. — O que ela te mostrou?

Eu balanço a cabeça.

— Eu não consigo entender quase nada do que ela me mostra, mas eu a vi com a adaga.

Eugenia concorda, pensando.

— Ela sempre foi atraída por isso, pelas trevas. Espero que ela seja de confiança... — o olhar dela é duro como aço. — Você precisa encontrar a adaga, urgentemente.

— Por que?

Agora, nós estamos no topo de uma montanha. O vento sopra com força, ameaçando deixar meu cabelo parecido com a juba de um leão. No vale abaixo de nós, eu vejo minhas amigas, tão pequenas quanto um passarinho.

— Eu acredito que uma nova rebelião esteja se formando; aquelas antigas alianças, entre as tribos dos reinos e as criaturas das Terras Invernais, estão sendo retomadas. — Eugenia me diz. — E uma de nós fez um trato em troca de poder. Eu não acreditava que isso fosse possível, e minha ingenuidade me custou a vida. — eu me sinto envergonhada pelo o que minha mãe e Circe fizeram. Eu quero contar a ela sobre Circe, mas não consigo encontrar coragem o suficiente para fazê-lo.

— Mas eu achei que as criaturas das Terras Invernais tivessem ido embora. — eu digo, ao invés de confessar o que fiz.

— Eles estão em algum lugar por aqui, não se iluda. Eles tem um guerreiro terrível liderando-os, um antigo membro da irmandade dos Rakshana.

— Amar. — eu arquejo.

— O poder dele é grande, mas o seu também é. — ela põe sua mão gelada em minha bochecha. No horizonte, o céu escuro pisca com os trovões estranhamente bonitos. — Você precisa ter cuidado, Gemma. Se a Ordem foi, de algum modo, corrompida, elas podem usar seu poder contra você. — a eletricidade cria cicatrizes no céu acima de nós, riscando minha visão por algum tempo depois que elas já sumiram do céu.

— Como?

— Elas podem fazer você ver o que elas quiserem que você veja. Vai ser como se você estivesse ficando louca. Você precisa se manter alerta o tempo todo. Não confie em ninguém. Tome cuidado. Porque, se você falhar, nós estaremos perdidas para sempre.

Meu coração começa a bater no ritmo da tempestade.

— O que eu devo fazer?

Os trovões nos iluminam novamente e eu vejo a determinação nos olhos de Eugenia.

— Sem a adaga, eles não podem limitar o meu poder à árvore. Você precisa encontrá-la e trazê-la até mim, aqui nas Terras Invernais.

— O que você vai fazer com ela?

— O que é preciso para restaurar a paz. — ela diz, pegando minha mão na sua. Subitamente, nós estamos na margem de um lago onde a névoa está dissipando lentamente. Uma balsa carregando três mulheres aparece por entre a neblina. Uma mulher velha, com um rosto desgastado pelo tempo, impulsiona a barca pela água densa com um remo comprido. Outra mulher, jovem e bonita, segura um lampião no alto para iluminar o caminho. A terceira mulher está de pé segurando uma cornucópia[45]. Elas seguem seu rumo, sem nem perceberem que nós duas estamos ali ao lado.

— Essas mulheres... eu vi o retrato delas nas pedras que protegem a porta secreta. Quem são elas?

— Elas têm muitos nomes: as Moiras, Parcas, Wyrd, Fates, as Nornas e as Badb[46]. Mas nós sempre as conhecemos como as Três. Quando a morte de uma líder é iminente, ela anda pela névoa do tempo e encontra as Três durante a travessia, onde elas lhe concedem um desejo e uma escolha.

— Uma escolha. — eu repito, não entendendo nada.

— Ela pode escolher viajar na barca delas para um mundo de beleza e honra. Quando ela tiver atravessado em segurança, o seu retrato aparecerá nas pedras imortais como uma lembrança dela.

— Então todas aquelas mulheres desenhadas nas pedras...

Ela sorri, e eu sinto como se o sol estivesse só para mim.

— Um dia foram líderes como eu e você.

— Você disse que ela tem uma escolha, mas por que ela escolheria não ir para tal lugar?

— Ela pode achar que alguma obrigação muito importante ficou inacabada. Se ela se recusar a ir com as Três, ela volta à vida para completar sua tarefa, mas, ao fazer isso, ela renuncia sua glória.

A idosa guia a barca para mais longe de nós. A névoa invade o espaço entre nós, escondendo-as. Eugenia observa até elas sumirem de vez.

— Eu quero ser livre, para, pelo menos, ter o meu lugar nessa terra longínqua e nas pedras que contam a nossa história. — ela acaricia o meu rosto de um modo que uma mãe carinhosa faria. — Você me trará a adaga?

---

[45] Cornucópia é um símbolo representativo de fertilidade, riqueza e abundância. Na mitologia Greco-romana era representada por um vaso em forma de chifre, com uma abundância de frutas e flores se espalhando nele: http://tinyurl.com/3gqjcwv

[46] Na mitologia grega, as Moiras eram as três deusas que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos humanos, responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. Parcas era como os romanos as chamavam. Wyrd, como os anglo-saxões as chamavam. Nornas, era como os germanos as chamavam.

A neblina nos envolve completamente.

— Sim. — respondo e nós voltamos a ficar de frente para a Árvore de Todas as Almas. Eu contemplo sua grandiosidade — os grossos galhos, os milhares pequenos ramos que se contorcem ao redor dos maiores e as grandes veias que correm por baixo da pele da árvore. Minhas amigas ainda estão ali, tocando-a, com olhares maravilhados em seus rostos. É como se elas estivessem ouvindo vozes que eu não posso ouvir, e eu me sinto sozinha e deixada de lado.

— O que está acontecendo com as minhas amigas? — pergunto.

— É a magia da árvore, ela mostra os segredos do coração de cada um. — Eugenia me responde. — Eu tenho que ir agora, Gemma.

— Não, por favor. Eu preciso saber...

— Você não deve voltar até ter a adaga. Só então será seguro.

— Não vá! — eu peço, tentando segurá-la, mas ela é tão imaterial quanto o ar. A árvore a absorve e ela desaparece dentro dela. A árvore pulsa, suas veias bombeando o sangue com mais rapidez.

— *Você teria coragem de ver*? — ela me pergunta em um sussurro estrangulado.

Ao meu redor, minhas amigas já viram o que há dentro dela e eu estou cansada de ficar de fora.

— Sim. — respondo, desafiante. — Eu teria.

Eu pressiono minhas palmas na casca áspera e me perco lá dentro.

As imagens dançam ao meu redor, como os pedaços quebrados de um caleidoscópio. Em um pedaço do prisma, Mae está sentada em uma mesa enorme com um banquete delicioso. Cada vez que ela termina um prato, ele é substituído por outro. Deitados debaixo da mesa, alguns cachorros muito magros cobiçam e esperam ansiosamente por um pouco de comida. Eles brigam pelos restos, rasgando as peles uns dos outros, até estarem cobertos de sangue, mas Mae não percebe. Ela nunca mais vai sentir fome.

Eu vejo Bessie usando um vestido elegante, feito de ouro e pedras preciosas, uma capa feita de pele de animais está enrolada em seus ombros. Ela passa por filas de mulheres, sujas e vestidas em farrapos, costurando na fábrica onde ela morreu, até chegar ao dono — um homem gordo com um cigarro entre os lábios. Ela bate nele, com força, várias vezes seguidas, até ele se encolher à seus pés, não muito diferente de um animal. Ann está iluminada pelas luzes do palco. Ela se curva para seu público, se deliciando com os aplausos ensurdecedores. Wendy tem um pequeno chalé com uma roseira. Ela rega os botões de rosa e elas desabrocham em maravilhosos tons de vermelho e rosa. Mercy anda em uma carruagem elegante. Eu vejo Felicity dançando com Pippa no castelo, as duas estão rindo de uma piada que só as duas conhecem, e, então, eu vejo Pippa sentada em um trono, com os olhos faiscando.

Ao meu lado, Pippa está com um sorriso maravilhado.

— Sim. — ela diz para ninguém que eu possa ver. — Escolhida, escolhida...

— *Olhe melhor*. — a árvore sussurra, minhas pálpebras tremulam e tudo aquilo que

guardei dentro de mim mesma, se liberta.

Eu abro uma porta dupla e estou de volta à Índia. Ainda não deve ser verão, por que mamãe e papai estão tomando chá do lado de fora. Papai está lendo *Punch*[47] em voz alta, fazendo mamãe rir. Tom é só um borrão quando passa correndo com dois guerreiros de madeira — um em cada mão — em uma batalha violenta, aquela mecha de cabelo caindo insistentemente sobre seus olhos. Sarita o repreende por quase quebrar um antigo vaso de papai.

E eu estou lá. Eu estou lá, debaixo daquela enorme faixa azul que é o céu, sem uma única nuvem à vista. Papai e mamãe sorriem a me ver e eu me sinto parte deles; não excluída e sozinha. Eu sou amada.

— Venha aqui, Gemma. — minha mãe me chama. Os braços dela estão abertos para me receberem e eu começo a correr, por que eu sinto que, se conseguir chegar a ela, tudo ficará bem; eu preciso gravar este momento e nunca mais esquecê-lo. Mas quanto mais eu corro, mais longe ela fica. E então eu estou na sala fria e escura da casa de minha avó. Meu pai está no escritório, Tom pronto para sair e minha avó com seus convites para responder, nós não vemos uns aos outros. Todos nós estamos sozinhos; somos estranhas pérolas colocadas juntas pela tristeza, pelo hábito e pelo dever. As lágrimas escorrem por minhas bochechas. O poder dessa realidade é um veneno que eu não consigo expelir.

Pequenas criaturas pálidas rastejam debaixo das pedras e rochas, elas tocam a barra da minha camisola e afagam meus braços.

— Você pertence a este lugar, onde você é necessária, especial. — elas dizem. — Nos ame como nós te amamos.

Eu viro a cabeça e ali está Kartik, sem camiseta, caminhando em minha direção. Eu pego seu rosto em minhas mãos, beijando-o firmemente e sem cuidado nenhum. Eu quero fazer parte dele. Essa mágica não é nada parecida com a que estou acostumada. Ela é crua e urgente, com nenhuma fachada onde precisamos nos esconder. É isso que eles não querem que nós sintamos, que nós saibamos.

— Me beije. — eu suspiro.

Ele me pressiona contra a árvore, com os lábios sobre os meus. Nossas mãos estão em todos os lugares. Eu quero me entregar a essa magia. Sem corpo. Sem eu. Sem preocupações. Nunca ser magoada novamente.

— *E você quer mais*? — a Árvore de Todas as Almas fala dentro de mim.

Por um momento, a mágica do templo luta dentro de mim. Eu me vejo de pé na frente da árvore enquanto Kartik grita meu nome, e sinto como se estivesse tentando acordar de um sono provocado pelo láudano.

— Sim. — alguém que não sou eu responde. Eu luto para tentar ver quem respondeu, mas os galhos se enrolam ao meu redor. A árvore me abraça gentilmente, me ninando suavemente.

---

[47] N/T: Uma revista de humor sarcástico publicada entre 1841 e 1992.

— *Durma, durma, durma…*

Eu caio pelos andares de mim mesma, esperando que alguém me pegue. Mas ninguém aparece e eu continuo caindo na escuridão infinita.

Mais tarde — não sei dizer quanto tempo depois, o tempo não faz mais sentido — eu ouço uma voz dizendo que é hora de nós irmos embora.

Eu, subitamente, estou consciente do frio. Meus dentes batem. Os cílios de minhas amigas estão congelados. Sem dizermos nada, nós nos afastamos da árvore e tropeçamos para o lugar de onde viemos. Nós passamos pelos cadáveres pendurados nas árvores como um trem abandonado. As súplicas deles sussurradas ao vento.

— *Ajude-nos.*

***

O resto da viagem para fora das Terras Invernais é um sonho do qual eu me lembro muito pouco. Meus braços estão arranhados e eu não consigo me lembrar como isso aconteceu. Meus lábios estão machucados, eu os umedeço com a língua, sentindo as pequenas rachaduras na pele. Quando nós passamos pela entrada enevoada das Terras Fronteiriças, eu sinto uma incontrolável vontade de voltar. A beleza do estranho crepúsculo das Terras Fronteiriças não é mais tão bonita assim. Eu posso sentir que as outras se sentem como eu, é fácil de ver isso nas olhadelas que elas dão para trás. Nós caminhamos pelas videiras que rastejam das Terras Invernais. Elas esticam seus braços, chegando cada vez mais perto do castelo.

— É como se ela me conhecesse. Como se ela me conhecesse *de verdade*. Eu me vi sendo uma dama respeitável; não fingindo, mas de verdade. — Bessie diz, assombrada.

— Sem medos. — Felicity murmura, esticando os braços acima da cabeça. — Sem mentiras.

Pippa gira, aumentando a velocidade cada vez mais, até que ela cai no chão, rindo.

— Tudo faz sentido agora. Eu entendo tudo.

A Górgona está nos esperando no rio. Eu tento me esconder dela, mas ela me vê andando por trás de um grande muro de flores.

— Altíssima, eu estava procurando por você.

— Bom, parece que você me encontrou.

Ela estreita seus olhos para mim, e eu me pergunto se ela consegue sentir o cheiro do proibido sobre minha pele, como uma segunda camada. As garotas correm selvagemente. Elas têm uma nova ferocidade que trás brilho a seus olhos e cor a suas bochechas. A risada de Felicity é como um chamado para mim. Eu quero estar com elas, revivendo nossa experiência nas Terras Invernais, não sofrendo sob os olhos perspicazes da Górgona.

— O que foi? — pergunto.

— Chegue mais perto. — exige aquela voz melosa.

Eu fico há quase três metros de onde a Górgona está no rio. Ela vira sua cabeça e me avalia — os cabelos embaraçados, os braços arranhados e a saia torta. As cobras dançando

hipnoticamente.

— Você esteve lá, pelo o que eu posso ver. — ela diz.

— E se eu estive? — respondo, desafiando-a. — Eu tinha que ver por mim mesma, Górgona. Como eu posso governar algo que eu não conheço? A Árvore de Todas as Almas existe e o poder dela é enorme!

As cobras sibilam e se contorcem ao redor de seu rosto.

— Me prometa que você não voltará lá até ter feito as alianças. Altíssima, o seu poder...

— Isso é tudo que eu sou? A magia? Ninguém vê *quem* eu sou. Eles só vêem o que querem ver, o que eu posso fazer por eles. Quem eu sou e como eu me sinto não importa nada! — Eu começo a chorar, e me odeio por isso. Escondo meu rosto até as lágrimas cessarem e, quando volto a olhar para a Górgona, eu sou outra garota. Uma garota que não vai se deixar ser controlada.

— Você pode ir agora, Górgona. Nossa conversa terminou.

Pela primeira vez, o rosto orgulhoso da Górgona está inseguro, e eu fico feliz em ver isso.

— Altíssima...

— Nossa conversa terminou. — repito. — Se eu quiser falar com você, eu a procurarei.

No gramado, um jogo divertido começou. Felicity empurra Bessie, que a empurra com mais força ainda.

— Ocê não vai conseguir me vencer. — Bessie provoca, os olhos faiscando.

A risada de Felicity é tão frágil quanto uma flor.

— Se você não percebeu, eu já ganhei.

Rindo e berrando como macacas, elas engancham os braços e lutam para ver quem fica mais tempo de pé, enquanto Pippa as estimula com aplausos. Eu corro com força e rapidez, jogando-as no chão facilmente e cortando meu lábio. E ninguém ri mais do que eu quando o gosto forte e metálico invade minha boca e o sangue espirra sobre meu vestido em uma chuva impiedosa.

35

APESAR DE O BAILE DE MÁSCARAS SER DAQUI a várias semanas, a Sra. Nightwing diz que nós garotas temos que preparar algo para entreter nossos convidados.

— Vai ser um presente à eles, para vocês mostrarem as damas talentosas que se tornaram. — ela diz, mas acredito que nossa pequena apresentação de macaquinhos treinados serve mais para nós provarmos nosso talento à nossa diretora.

Nós já temos vários números definidos: Cecily, Martha e Elizabeth farão uma apresentação de balé. Felicity tocará um minueto. E como eu não tenho talento nenhum no piano, no canto, na dança, no Francês ou em qualquer tipo de instrumento, eu pergunto a Sra. Nightwing se posso ler um poema, ela concorda, visivelmente aliviada por eu saber fazer alguma coisa que não envolva domesticação de animais ou címbalos[48] tocados entre os joelhos. O único problema é escolher o poema e não tropeçar nas palavras. Infelizmente, Ann foi proibida de cantar para nossos convidados. Nosso esquema no Natal a custou isso, já que a Sra. Nightwing não pode se dar ao luxo de deixar seus patrões descontentes e, à essa altura, todos já sabem do escândalo.

Ann enfrenta a injustiça impassivelmente e eu vou desfrutar do dia em que ela disser a todos eles que vai partir pelo mundo como membro da companhia do Sr. Katz e sob a tutela da própria Senhorita Lily Trimble.

Felicity está sentada ao piano, tocando um minueto.

— Não é nada mais do que uma pequena festa, na verdade, não maior do que uma tarde de chá no jardim. São só as fantasias que lhe dão originalidade. — ela lamenta. — Não é nada como o baile que *Lady* Markham está organizando para mim daqui duas semanas. Eu lhe contei que ela contratará engolidores de fogo?

— Acho que você já comentou isso uma vez ou outra. — *ou doze vezes*. Eu folheio um livro de poemas que a Sra. Nightwing me deu. Eles são tão melosos que me dão dor de dente. Eu nunca conseguiria ler um deles com a expressão controlada.

---

[48] N/T: Instrumento musical de percussão, formado por dois pratos de bronze (com alça de couro para a mão), que se faz bater um contra o outro.

— Aquele sobre o portador de luz não é tão horrível. — Ann propõe.

Eu esboço uma careta.

— É aquele no qual Florence Nightingale[49] aparece em um campo de batalha como um anjo ou o poema que compara o Almirante Nelson[50] a um Deus Grego?

Felicity deixa o piano de lado e se senta ao nosso lado no chão.

— Eu não consigo parar de pensar na noite passada. Foram as melhores horas que já passamos nos reinos.

— Você está falando das Terras Invernais. — Ann sussurra. — E você realmente viu Eugenia Spence lá, Gemma?

— Ela não apareceu para nós. — Felicity bufa e eu tento evitar que isso se torne uma competição.

— Eu contei tudo a vocês duas. — eu digo, me defendendo. — Vocês percebem que nós podemos salvar a ela e aos reinos?

Felicity projeta seu lábio para frente.

— Quer dizer, *você* pode.

— *Nós* podemos. — eu a corrijo. — Mas primeiro, nós precisamos encontrar a adaga que Wilhelmina pegou, e eu não tenho nem idéia de onde procurar.

— Talvez esteja aqui em Spence. — Ann sugere.

— Nós nem sabemos se Wilhelmina é confiável. Afinal, ela roubou a adaga, não é? — Felicity diz, como se estivesse pensando em voz alta.

— Eu acho que ela cometeu um erro e agora quer se redimir me levando até a adaga. — digo.

— Mas por que ela a pegou, em primeiro lugar? — Felicity pressiona.

— Vocês deveriam estar praticando seus números! — Cecily ralha com as mãos na cintura.

— Elas estão me ajudando a escolher um poema. — eu respondo com o máximo de desprezo possível.

A porta se abre e eu temo que a Sra. Nightwing tenha vindo nos repreender por não estarmos nos esforçando o suficiente. Em vez disso, ela chama Ann.

— Senhorita Bradshaw, você pode vir comigo, por favor?

Com a cabeça abaixada, Ann a segue para fora da sala, e eu não consigo imaginar em que tipo de problema ela pode ter se envolvido.

— Finalmente. — Cecily diz, deliciada.

— Cecily, o que você sabe? — Felicity pergunta.

Cecily dá uma pirueta.

— Os primos dela vieram do campo para levá-la embora. Brigid está lá em cima

---

[49] N/T: Uma mulher muito feia que ficou conhecida por cuidar dos homens feridos na guerra. Ela também era chamada de "A dama da lâmpada", explicando o porquê, Gemma pode achar que é a esse tal poema que Ann está se referindo.

[50] N/T: Ganhou várias batalhas nas Guerras Napoleônicas e têm um mirante construído em sua homenagem, explicando o motivo de Gemma ter falado desse poema também.

arrumando as malas dela.

— Mas eles não podem! — eu choro, enquanto eu e Felicity trocamos olhares horrorizados.

— Eles decidiram que era hora. *Muito* tarde, se vocês querem a minha opinião.

— Bom, nós não queremos sua opinião! — vocifero.

Cecily usa a mão para cobrir a boca, aberta em um *O* ofendido, bem na hora em que a senhorita McCleethy aparece, e eu amaldiçôo meu *timing*.

— Senhorita McCleethy, você vai deixar a senhorita Doyle falar comigo desse jeito maldoso?

A senhorita McCleethy desce seu olhar até mim.

— Senhorita Doyle, preciso pedir que você se desculpe?

— Me perdoe, querida Cecily. — meu sorriso é tão falso quanto os remédios de um vendedor de rua.

A mão de Cecily voa para sua boca novamente.

— Senhorita McCleethy!

Eu corro para perto da Srta. McCleethy.

— É verdade? Os primos de Ann vieram mesmo buscá-la?

— Sim. — ela responde.

— Mas eles não podem fazer isso! — eu protesto. — Ela não quer ir com eles! Ela não quer ser uma governanta! Ela...

Algo parecido com verdadeira preocupação aparece no rosto severo da senhorita McCleethy.

— Foi a senhorita Bradshaw que planejou isso.

É como se eu estivesse ouvindo as palavras dela debaixo da água, eu mal consigo encontrar sentido nelas. Um medo gelado contrai meu estomago.

Eu corro para a escada, subindo dois degraus de uma vez, com Felicity gritando meu nome e Srta. McCleethy exigindo ordem. Quando eu chego ao quarto que divido com ela, completamente sem fôlego, Ann está sentada em sua cama, usando seu monótono vestido marrom de viagem e um simples chapéu de lã. Ela está organizando seus jornais baratos e as revistas que Felicity lhe deu em uma pilha perfeita. O panfleto de *Macbeth* por cima de tudo. Brigid coloca a ultima peça de roupa de Ann dentro da mala.

— Brigid. — eu arquejo. — Posso falar com Ann à sós?

— Tudo bem. — Brigid diz, fungando. — Feche essa mala direito. E não esqueça suas luvas, querida. — nossa governanta agitada passa por mim, secando os olhos, delicadamente, com um lenço. Somos apenas Ann e eu.

— Diz que é mentira. — eu digo.

Ann fecha sua mala e a coloca no chão ao lado de seus pés.

— Eu deixei os jornais para você. Algo para se lembrar de mim.

— Você não pode ir com eles. Você tem um cargo esperando por você na companhia do Sr. Katz. Os palcos do mundo estão esperando por você!

O rosto de Ann se contorce em dor.

— Não. Isso era para Ann Washbrad, cuja beleza fala por si mesma, não Ann Bradshaw. A garota que eles querem não existe. Não realmente.

Eu jogo a mala dela na cama, abro-a e começo a desfazê-la.

— Então nós teremos que dar um jeito. Nós consertaremos tudo com a magia.

Ann põe sua mão na minha, me parando.

— Você não vê, Gemma? Isso nunca funcionaria. Não para sempre. Eu não posso ser quem eles querem que eu seja.

— Então seja outra pessoa. Seja você mesma!

— Não é o suficiente. — ela torce as luvas entre as mãos, enrolando-as em uma bola de tecido e esticando-as novamente. — Foi por isso que mandei a carta pedindo para eles virem me buscar.

Eu relembro da noite da entrevista de Ann e da carta em suas mãos, a que ela teve tanto medo de enviar. Ela nunca teve a intenção de ir com Lily Trimble e Sr. Katz. Eu afundo na cama dela, com sua mala no espaço entre nós. Ela guarda suas coisas novamente e as fecha lá dentro.

— Me dia então para que foi tudo aquilo? — eu cuspo as palavras rudemente.

— Me desculpe, Gemma. — ela tenta me tocar, mas eu desvio de sua mão. — Se eu for embora agora, vou poder lembrar daquele dia perfeitamente. Eu posso sempre acreditar que eu poderia ter feito aquilo. Mas, se eu aceitar essa chance, se eu for com eles e falhar... eu não vou suportar.

Felicity irrompe para dentro do quarto, bloqueando a porta.

— Não se preocupe, Ann, eu não vou deixar que eles a levem.

Ann põe suas luvas e segura firmemente a alça de sua mala.

— Sai do caminho, por favor.

— Mas... — Felicity começa a protestar.

— Deixe-a ir, Fee. — eu quero chutar Ann. Por não tentar. Por desistir de si mesma. Por desistir de nós.

O rosto de Ann cai naquela máscara bem treinada que não expressa emoção nenhuma. Ela poderia usar esse talento para impressionar o publico de vários lugares do mundo, mas, ao invés disso, ela o usará para facilitar a vida de suas primas, tão perfeitamente que será como se ela nem existisse. E agora eu vejo que ela seria tão boa mágica também, já que ela sabe como se fazer desaparecer.

Com a mala na mão, Ann marcha pelas escadas pela última vez. Seus ombros estão retos e suas costas estão rígidas, mas seus olhos estão vazios. Ela já até começou a andar como uma governanta. Eu consigo ouvir o fonógrafo tocando no fim do corredor. A Srta. McCleethy está fazendo as garotas ensaiarem seus passos mais uma vez.

A Sra. Wharton está esperando no fim da escada, acompanhado de Sra. Nightwing e Brigid. A Sra. Wharton está usando um vestido que parece um bolo — frisado, emplumado e extenuado.

— Ah, nossa Annie chegou. Eu estava falando agora mesmo à Sra. Nightwing como você ficará apaixonada por nossa casa no campo. O Sr. Wharton e eu a demos o nome de Balmoral Spring, já que Balmoral[51] é tão importante para Vossa Majestade.

— Que nome mais ridículo de se dar para uma casa de campo. — Felicity murmura.

— Será que eles nunca passaram uma primavera em Balmoral? Você até sente falta dos invernos Ingleses.

A Sra. Wharton tagarela sobre as complicações de se manter uma casa de campo decentemente e como seus dias foram arruinados por ter de ficar atrás dos serventes o dia todo. Brigid oferece um lenço à Ann, apesar de ser ela quem precisa de um.

— Você não deve ter vergonha no serviço. — ela diz, segurando o queixo de Ann carinhosamente. — Lembre-se da velha Brigid.

— Adeus, Ann. — Felicity diz. — Não vai ser o mesmo sem você.

Ann se vira para mim. Eu sei que ela está esperando por um pouco de carinho — um beijo, um abraço, até mesmo um sorriso —, mas eu não consigo fazer nada disso.

— Você vai ser uma ótima governanta. — minhas palavras soam como um tapa.

— Eu sei. — ela responde, dando um tapa em si mesma.

As garotas se amontoam no vestíbulo. Elas fungam e se preocupam com Ann de um jeito que nunca fizeram quando ela ainda estava aqui e podia significar alguma coisa para elas. Eu não consigo agüentar a falsidade, então, fujo do grande hall e espio, por de trás da cortina, Ann e suas súbitas admiradoras saírem no gramado.

Um lacaio pega a mala de Ann e, depois de atender a Sra. Wharton, ele ajuda Ann a subir na carruagem. Ela põe a cabeça para fora da janela, segurando o único chapéu bom que tem. Eu poderia correr atrás dela e dar um beijo em sua bochecha, deixá-la ir com uma despedida carinhosa. Eu poderia. Isso significaria tudo para ela. Mas eu não consigo fazer meus pés se mexerem. *Só dê um adeus decente, Gemma. Só isso.*

As rédeas estalam. Os cavalos levantam poeira. A carruagem sacode ao virar na entrada e seguir na direção da estrada. Ela fica cada vez menor, até virar nada além de uma sombra negra se afastando de mim.

— Adeus. — eu sussurro, finalmente, mas não importa mais, por que não tem ninguém além da janela para me ouvir.

---

[51] N/T: Castelo de Balmoral era a casa de campo da Rainha Victoria e do Príncipe Albert.

36

AUSÊNCIA É UMA COISA CURIOSA. Quando amigos estão ausentes, é como se ela ficasse cada vez maior, até que tudo que você consegue sentir é saudade deles. Agora que Ann foi embora, o quarto parece grande demais. Por mais que eu tente, não consigo preencher o espaço vazio. Eu descubro que sinto falta daquele ronco que me irritava tanto; eu sinto falta daquela pessoa triste e boba, que tem sonhos românticos e fascinação pelo macabro.

Seis vezes por dia, eu penso em uma pequena observação que eu gostaria de contar a ela — um sussurro sobre Cecily ou uma reclamação sobre o mingau, que poderia fazer os dois um pouco mais suportáveis —, só para perceber que ela não está aqui para ouvi-la. Há um momento de tristeza profunda, que só consegue ser dissipada quando me lembro de minha raiva.

Ela quis ir embora, eu me lembro, enquanto faço bordado, canto o hino e pratico minha reverência para a Rainha. Mas, se a culpa é dela, por que a sinto no meu coração? Por que sinto que o fracasso dela também é meu?

Eu fico feliz quando a senhorita McCleethy, agindo como se amasse esportes, nos chama para fora do prédio para jogarmos alguns esportes. Várias garotas se divertem no gramado de tênis. Algumas almas corajosas vão tentar a esgrima, Felicity está no comando, com um brilho feroz no olhar. Um pequeno grupo protesta a favor do críquete, "assim como nas escolas para meninos!", mas como nós não temos bastões ou bolas, é uma discussão sem sentido. Então, resmungando, elas são forçadas a se contentarem com o croquete.

Eu prefiro o hóquei. Correr pelo gramado com o bastão na mão, conduzindo a bola pelo campo, passando-a perfeitamente para uma companheira de time e gritando sem precisar me controlar, tudo isso enquanto o vento bate em meu rosto e o sol esquenta minhas costas, é revigorante. Um pouco de hóquei deveria me fazer bem; ajudaria a esvaziar minha mente e melhorar os meus sentidos, a me fazer esquecer minha perda, mas eu só sinto vontade de bater em alguém com o bastão.

— Isso não vai dar certo! — senhorita McCleethy grita do gramado para nós. — Sua companheira precisa de ajuda, senhorita Temple, preste atenção! Vocês têm de trabalhar juntas, senhoritas, para ganharem juntas! Lembrem-se: Graça, charme e beleza!

Ela que fale isso para as outras, por que eu já cansei de tentar ajudar os outros. Eu tentei ajudar Ann e não adiantou nada.

Quando a bola é colocada em movimento novamente, Cecily e eu corremos para ela ao mesmo tempo. Minha maldita saia se enrosca um pouco em minhas pernas — ah, o que eu não faria pela liberdade das calças nesse momento — e Cecily ganha vantagem. Ela está mais perto da bola, mas eu não vou desistir. Eu a quero. E mais importante; eu não quero que ela a pegue, por que, se ela conseguir, ela ficará mais convencida do que já é por uma semana.

— Eu pego! — eu aviso.

— Não, não. Eu já peguei! — ela grita.

Nossos bastões bloqueiam um o outro e ela bate no meu com o dela. Uma de nossas oponentes, uma garota gorda e ruiva, se aproveita do momento. Ela se espreme entre nós duas e rouba a bola, fazendo uma jogada maravilhosa.

— Eu disse à você que eu já estava com a bola, senhorita Doyle. — Cecily diz com um sorriso tenso.

— Obviamente, você não estava com a bola. — eu respondo, também lhe dando um sorriso falso.

— Era minha.

— Você está errada! — insisto.

A senhorita McCleethy entra com passos largos no campo e nos separa.

— Senhoritas! Esse não é uma boa demonstração de espírito esportivo. Basta, ou eu darei pontos de má conduta para as duas.

Com um olhar furioso, eu volto para a formação. Eu queria poder mostrar a Cecily — mostrar a todo mundo — o que eu posso fazer. O pensamento mal havia se formado em minha mente quando a magia despertou dentro de mim, dando-me uma nova força, me fazendo ver apenas a bola.

Conforme eu corro pelo campo, eu sou tão corajosa quanto Ricardo[52], o Coração de Leão, chocando minhas oponentes. Desta vez, a jogada será minha.

Mas Cecily é rápida. Ela está perto da bola.

— Eu já...

Eu corro mais rápido e bato em Cecily com meu corpo. Ela se estatela na grama e começa a choramingar. A senhorita McCleethy vem correndo até nós.

— S-senhorita M-McCleethy! — ela chora. — Ela me atacou de propósito!

— É claro que não! — protesto, mas minhas bochechas vermelhas mostram que estou mentindo.

— É claro que sim! — Cecily lamenta.

— Você está sendo infantil! — eu digo, colocando a culpa nela.

---

[52] N/T: Ricardo I foi Duque da Aquitânia, Conde de Anjou, Duque da Normandia e Rei de Inglaterra. Recebeu vários codinomes por ter sido um dos maiores líderes das Cruzadas, entre eles: Coração de Leão, *Oc et No* e *Malek-Ric*.

— Tudo bem, já chega. Senhorita Temple, é parte do espírito esportivo sempre se manter alerta. — o queixo de Cecily cai e eu sorrio por dentro. — E você, senhorita Doyle, está aparentemente muito quente. Esfrie seu temperamento fora do campo, por favor.

— Mas eu...

— Sua imprudência pode causar problemas muito maiores do que esse, senhorita Doyle. — Srta. McCleethy diz e eu sei que ela não está falando só do jogo.

Minhas bochechas queimam. Eu ouço as outras garotas dando risadinhas.

— Eu não sou imprudente.

— Eu não vou mais discutir isso com você. Fique fora do campo até você se acalmar novamente.

Irritada e mortificada, eu passo pelas garotas e trabalhadores risonhos e entro na escola, sem me importar se estou dando o pior exemplo de espírito esportivo do mundo.

Maldita senhorita McCleethy. Se ela soubesse o que eu sei — que Eugenia Spence está viva nas Terras Invernais e confia em mim e não nela — ela não falaria comigo desse jeito. Tudo bem, eu tenho coisas mais importantes para fazer. Eu engatinho para dentro da tenda de Felicity, onde eu deixei nosso exemplar de *Uma História das Sociedades Secretas*, e, me esticando no sofá do grande salão, eu começo a ler o livro novamente, esperando encontrar alguma pista de onde a adaga possa estar escondida.

Com um suspiro, eu me faço olhar cada página do livro, mesmo que 502 páginas sejam muitas para se folhear, e eu amaldiçôo todos os autores que escrevem livros tão compridos quando algumas páginas de boa prosa seriam o suficiente.

A primeira é a pagina do titulo. A seguinte tem um poema. *A Rosa da Batalha*, do Sr. William Butler Yeats.

— *"Rosa de todas as Rosas, Rosa de todo o Mundo!"* — eu leio em voz alta. — *"Você também veio até onde as marés escuras são violentas / Sobre o cais da tristeza e a badalada ouvida / O sino que nos chama, a coisa mais encantadora."*

Eu posso dizer que é um bom poema, já que ele não faz meu dente doer, e eu decido que este vai ser o poema que vou ler no nosso baile à fantasia.

De frente à pagina do poema, é uma com uma das imagens que embelezam o livro. Eu devo ter olhado-a sem realmente vê-la várias vezes — um simples desenho à tinta de um quarto com uma mesa e um único lampião, pendurado na parede atrás da mesa, está uma pintura de barcos. Com um entusiasmo crescente, eu vejo que ele é parecido com o quarto de minhas visões. Poderia ser o mesmo? E, se for, onde é? Aqui em Spence? E Wilhelmina poderia ter escondido a adaga nele?

Eu passo meus dedos pelo nome do desenho: *A Chave Guarda a Verdade*.

Rapidamente, eu passo pelas paginas, procurando pela próxima ilustração. Eu encontro a torre, e me pergunto se pode ser o que a Ala Leste era antes de pegar fogo. Eu folheio o livro novamente. A imagem de uma gárgula vesga está acima da inscrição *Guardiões da Noite*. Outro desenho mostra um mágico feliz, muito parecido com o Dr. Van Ripple, colocando um ovo dentro de uma caixa e, na imagem ao lado, o ovo sumiu. Chama-se *O Objeto Oculto*.

Os desenhos não acompanham os textos, pelo o que eu pude ver. É como se eles fossem parte de um livro individual, como se formassem um código. Mas para o que? Para quem?

A senhorita McCleethy entra no salão, irritada.

— Senhorita Doyle, eu não vou tolerar tal falta de disciplina e espírito esportivo. Se você não quer jogar, você pode se sentar no campo e torcer por suas amigas.

— Elas não são minhas amigas. — eu digo, virando a página.

— Talvez elas fossem, se você não estivesse tão apaixonada por ficar sozinha no mundo.

É uma pena que a Srta. McCleethy não seja uma fuzileira, por que ela não erraria um alvo.

— Eu cansei do jogo. — eu minto.

— Não, você está cansada das regras. E isso parece ser algo normal para você.

Eu viro mais uma página. A Srta. McCleethy dá um passo para frente.

— O que você está lendo que é tão interessante que você até precisa me ignorar?

— *Uma História das Sociedades Secretas*, da senhorita Wilhelmina Wyatt. — eu olho para ela. — Já ouviu falar?

O rosto dela fica lívido.

— Não. Nunca ouvi falar.

— E ainda assim, você comprou uma cópia dele na livraria Golden Down no Natal.

— Você tem me espionado, senhorita Doyle?

— Por que não, você *me* espiona.

— Eu cuido de você, senhorita Doyle. — ela diz, me corrigindo, e eu a odeio por me contar essa mentira.

— Eu sei que você conhecia Wilhelmina Wyatt. — digo.

A Srta. McCleethy arranca suas luvas e as joga em uma mesa.

— Quer que eu te conte o que sei sobre Wilhelmina Wyatt? Ela era uma vergonha para a Ordem e para a memória de Eugenia Spence. Ela era uma mentirosa. Uma ladra. Uma viciada nojenta. Eu tentei ajudá-la e então... — ela enfia um dedo no livro. — ela escreveu essas mentiras para nos expor. Tudo pelo dinheiro. Qualquer coisa pelo dinheiro. Você sabia que ela tentou nos chantagear com o livro para que nós abandonássemos nosso plano de arrecadar fundos para reconstruir a Ala Leste?

— Por que ela faria isso?

— Porque ela era vingativa e não tinha nem um pingo de honra. E o livro dela, senhorita Doyle, não é nada além de tolices. Não, ele é mais perigoso que isso, por que ele contém mentiras, corrupções da verdade escritas por uma traidora e compradas pela melhor oferta que ela conseguiu encontrar.

Ela fecha o livro com um estrondo e, tirando-o de meu alcance, marcha diretamente para a cozinha. Eu corro atrás dela, alcançando-a no momento em que ela abre a porta do forno.

— O que você está fazendo? — eu digo, horrorizada.

— Dando o fim que ele merece.

— Espere...

Antes que eu possa impedi-la, a Srta. McCleethy joga *Uma História das Sociedades Secretas* no forno e fecha a porta. Por um segundo, fico tentada a contá-la tudo que sei — que eu vi Eugenia Spence e que esse livro pode salvá-la — mas Eugenia me disse para ter cuidado e, até onde eu sei, McCleethy não é confiável. Eu só posso ficar ali, parada, enquanto nossa maior esperança queima.

— Esse livro custou quatro xelins. — eu digo com a voz rouca.

— Que isso sirva de lição para você aprender a gastar seu dinheiro com coisas que valham a pena no futuro. — Srta. McCleethy suspira. — Sinceramente, senhorita Doyle, você esgota minha paciência.

Eu poderia dizer a ela que é um sentimento recíproco, mas parece um pouco sem sentido.

Algo estala em minha mente.

— Você disse 'era'. — eu digo, pensando.

— O que?

— Você disse que Wilhelmina Wyatt *era* viciada e mentirosa, uma traidora. Você acha que ela possa estar morta? — eu digo, testando-a.

Ela fica pálida.

— Eu não sei se ela está viva ou não, mas não consigo imaginá-la viva, devido a seu estado. Este tipo de vida tem um preço. — ela diz, parecendo um pouco agitada. — No futuro, se você quiser saber mais sobre a Ordem, é só perguntar a mim.

— Então você pode me dizer o que você quer que eu ouça? — digo, desafiando-a.

— Senhorita Doyle, você só ouve o que quer acreditar, quer seja verdade ou não. Isso não tem nada a ver comigo. Agora, vá se juntar as outras. Você está dispensada.

Eu saio da cozinha como um furacão, praguejando Srta. McCleethy sob minha respiração. As garotas estão voltando do gramado como uma grande manada. Elas estão coradas e cheirando um pouco à suor, mas estão embriagadas pelo entusiasmo que a rivalidade gostosa dos jogos traz. Nós raramente temos permissão para libertar nossa natureza competitiva, mesmo que elas estejam dentro de nós tanto quanto estão nos homens. Cecily empina o queixo a me ver. Ela e seu grupo me dão olhares reprovadores, o que, eu acho que elas acreditam que seja um grande insulto. Eu ponho uma mão sobre meu coração, zombeteiramente, e arquejo. Elas, ofendidas, marcham para longe, fofocando sobre mim novamente.

Ao me ver, Felicity se inclina como uma mestra espadachim, cortando o ar com sua espada de esgrima.

— Vilã! Você deve confessar sua traição perante o Rei!

Eu afasto a fina lamina, cuidadosamente.

— Podemos conversar, D'Artagnan?

Ela faz uma reverência.

— Mostre-me o caminho, Cardeal Richelieu.

Nós entramos sorrateiramente na pequena sala de visitas no primeiro andar. Onde Pippa recusou seu pretendente, Sr. Bumble, antes dos reinos a reivindicarem para sempre. A perda

de Pippa é outra que eu sinto profundamente hoje.

— Que diabos você fez com Cecily? — Felicity se joga em uma das cadeiras e pendura suas pernas em cima do braço muito vulgarmente. — Ela está dizendo para todo mundo que você deveria ser enforcada ao amanhecer.

— Se isso me fizesse nunca mais ouvir a voz dela de novo, eu me entregaria de muito bom gosto à corda. Mas não é isso que eu preciso te contar. Eu olhei o livro de Wilhelmina Wyatt mais uma vez. Nós não percebemos uma coisa da primeira vez: os desenhos. Eu acho que eles são pistas.

Felicity faz uma careta.

— Para o que?

Eu solto um suspiro.

— Eu não sei, mas um dos desenhos parece ser a Ala Leste antes do incêndio. E no começo do livro tem a imagem de um quarto que aparece em várias de minhas visões.

— Então você acha que o quarto fazia parte da Ala Leste? — Fee pergunta.

— Ah — eu digo, me desanimando. — Eu não tinha pensado nisso. Se for assim, ele foi destruído faz tempo.

— Bom, então vamos dar uma olhada. — ela diz.

— Não podemos. A senhorita McCleethy o jogou no forno. — eu explico.

A boca de Felicity se abre em ofensa.

— Aquilo nos custou quatro xelins.

— É, eu sei.

— E o jantar de hoje terá sabor de livro. — ela apóia a ponta de sua espada no chão e marca um pequeno *F* ali.

— Tem algo errado sobre isso. — eu digo, caminhando pelo cômodo, mordiscando minhas unhas; um hábito que eu deveria largar e que vou abandonar. Amanhã. — Eu não confio na senhorita McCleethy. Ela com certeza está escondendo alguma coisa. Você sabe o que ela disse para mim? Ela se referiu a Wilhelmina no termo passado. E se senhorita McCleethy sabe que Wilhelmina está morta? E se ela sabe, *como* ela sabe?

— O Dr. Van Ripple disse que Wilhelmina foi traída por uma amiga. — Felicity adiciona. — Será poderia ter sido McCleethy?

Eu mastigo minha unha, retalhando-a completamente. O ato dói, e eu me arrependo de tê-lo feito no mesmo segundo.

— Nós precisamos falar com o Dr. Van Ripple de novo. Ele pode saber de mais alguma coisa. Ele pode até saber onde a adaga está escondida. Você vai comigo?

Um sorriso perverso se espalha pelos lábios de Felicity. Ela coloca sua espada em meu ombro, como se estivesse me nomeando cavaleira.

— Um por todos e todos por um. — a expressão dela muda abruptamente. — Por que você acha que ela fez isso?

— McCleethy ou senhorita Wyatt? — pergunto.

— Ann. — ela de apóia no cabo da espada. — Ela estava a um passo da liberdade. Por

que desistir de tudo isso?

— Talvez, você ansiar uma coisa seja muito diferente de você consegui-la.

— Isso é ridículo. — com um ar zombeteiro, ela se estica na cadeira novamente, um pé no chão e uma perna pendurada no braço da cadeira.

— Então eu não sei. — eu digo irritada.

— Eu não vou dar as costas à minha felicidade, você pode ter certeza disso. — ela ataca o ar com sua espada.

— Gemma?

— Sim? — eu respondo com um longo suspiro.

— O que você acha que vai acontecer com a Pip? Quando nós estávamos na árvore, eu vi...

— Viu o que?

— Eu a vi viva e feliz. Eu nos vi em Paris, o Senna resplandecendo como um sonho. E ela estava rindo como fazia antes. Como eu poderia ver isso se... você acha que poderia ser verdade? Que ela pode voltar?

Ela vira a cabeça para me olhar e eu vejo esperança em seus olhos. Eu quero dizer que sim, mas algo dentro de mim diz *não*. Eu não acho que as coisas poderiam ser assim.

— Eu acho que, por mais que nós queiramos, existem leis que não podem ser quebradas. — eu digo com o máximo de gentileza possível.

Ela usa a espada para desenhar no ar.

— Você acha, ou você tem certeza?

— Eu sei que, se isso fosse possível, eu traria minha mãe de volta amanhã.

— Por que você não a traz então?

— Porque — eu digo, tentando encontrar as palavras certas. — porque eu sei que ela se foi. Assim como eu sei que aquele tempo em que estávamos todos juntos na Índia também se foi e que eu não vou conseguir trazê-lo de volta.

— Mas se a mágica está mudando, se tudo está mudando, então, talvez... — ela deixa a frase no ar e eu não tento corrigi-la. Ás vezes, o poder de um *talvez* é o suficiente para nos ajudar a continuar e não vou ser eu quem vai tirar isso dela.

Eu consigo ouvir a cantoria desafinada de Brigid no corredor e isso me dá uma idéia.

— Fee, se alguém quisesse saber sobre um certo habitante de uma casa, talvez uma antiga estudante, onde esse alguém encontraria o relato mais confiável?

Sorrindo, Felicity entorta a espada com as mãos.

— Ora, eu acho que os criados teriam esse tipo de informação.

Eu abro a porta em um rompante e coloco minha cabeça para fora.

— Brigid, posso falar com você?

Ela franze as sobrancelhas.

— ‘Que vocês ‘tão fazendo aí? Emily limpou essa sala ontem. Eu não vou ajudar vocês a sujá-lo.

— É claro que não. — eu digo, mordendo meu lábio de um jeito que eu espero que

pareça ansioso. — É só que... Felicity e eu estamos muito tristes agora que Ann foi embora. Nós sabemos que você também a amava. Você pode sentar conosco por um minuto?

Eu estou um pouco envergonhada por estar usando a simpatia de Brigid desse jeito — e me sinto ainda mais culpada quando minha mentira funciona.

— Ah, querida, eu também sinto falta dela. Mas ela vai ficar bem, assim como a velha Brigid. — ela passa por mim, me dando carinhoso apertão no ombro, e eu não sei como posso ser tão deplorável.

— Agora, sente-se direito, senhorita. — Brigid censura ao ver Felicity. Felicity coloca os dois pés no chão com um barulho alto. Eu peço para ela se comportar com o olhar.

Brigid passa a mão pela cornija e faz uma carranca.

— Assim não vai dar.

— Brigid — eu começo. — você se lembra de uma garota que estudou aqui na Spence...

— Várias garotas já passaram por Spence. — ela me interrompe. — Eu não consigo me lembrar de todas.

— Sim, bem, essa estava aqui quando a Sra. Spence ainda estava viva, antes do incêndio.

— Ah, faz tanto tempo. — Ela vagueia, limpando a cornija com a ponta do avental.

Felicity limpa a garganta, olhando para mim. Acredito que ela ache que está ajudando ao fazer isso.

— Essa garota era muda. Wilhelmina Wyatt.

Brigid se vira para me olhar, com uma expressão engraçada no rosto.

— Caramba, ‘que você quer saber sobre essa daí?

— Era Ann que sabia sobre ela. Ann tinha um livro escrito por Wilhelmina. E eu… nós só queremos saber que tipo de pessoa ela era. — eu termino com um sorriso que só pode ser chamado de débil.

— Bom, faz tanto tempo. — Brigid repete. Ela tira o pó de um pequeno vaso Oriental usando o avental. — Mas eu me lembro dela. Senhorita Wilhelmina Wyatt. A Sra. Spence dizia que ela era especial do jeito dela, que ela via coisas que a maioria das pessoas não via. *Ela pode ver no escuro*, ela dizia. Bom, eu não fingia entender o que aquilo significava. A garota não sabia nem falar; que Deus a abençoe! Mas ela estava sempre com seu pequeno livro, escrevendo e desenhando. Era assim que ela falava.

Exatamente como Dr. Van Ripple nos contou.

— Como ela veio parar aqui? Eu sei que ela não tinha família. — eu digo.

Brigid enruga a testa.

— Deus me abençoe também, ela tinha uma família.

— Eu achei...

— Wilhelmina Wyatt tinha o mesmo sangue que a senhorita Spence. Mina era sobrinha dela.

— Sobrinha dela? — eu repito, imaginando por que Eugenia não me contou isso.

— Ela veio para cá depois que a mãe dela morreu — que Deus a abençoe. Eu lembro o dia em que a senhorita Spence foi à cidade buscá-la. A pequena Mina foi colocada sozinha

em um barco e foi encontrada perto da Alfândega. Coitadinha. Deve ter sido aterrorizante. E as coisas não melhoraram muito quando ela chegou aqui. — ela devolve o vaso no lugar e começa a trabalhar no primeiro par de castiçais.

— O que você quer dizer? — Fee pergunta.

— Algumas das garotas não a deixavam em paz. Elas puxavam as tranças dela para ver se ela falava.

— Ela tinha alguma amiga?

Brigid franze as sobrancelhas.

— Aquela horrível Sarah Rees-Toome sentava com ela de vez em quando. Eu a ouvi perguntando a Mina se ela realmente conseguia ver no escuro e como era esse lugar, e a Sra. Spence levou Sarah para o castigo e as proibiu de brincarem juntas.

— A senhorita Wyatt tinha algum lugar especifico que era especial para ela; um lugar para se esconder, talvez? — Felicity pressiona.

Ela pensa por um momento.

— Ela gostava de sentar no gramado e desenhar as gárgulas. Eu a via com seu livro, olhando para elas lá em cima e sorrindo, como se estivessem tendo uma tarde de já particular.

Eu me lembro da estranha alucinação que eu tive quando estava indo para Londres na Páscoa. A gárgula com o corvo na boca. Eu sinto calafrios só de pensar em Wilhelmina sorrindo para aquelas medonhas sentinelas de pedra. Guardiões da Noite com toda certeza.

Brigid diminui o ritmo de sua limpeza.

— Eu me lembro da senhorita Spence brigando com Mina depois. A garota havia desenhado coisas macabras e a senhorita Spence disse que achava que Mina estava sob má influencias. Foi isso que ela disse. Então o incêndio veio um pouco depois disso e a senhorita Spence e aquelas duas garotas se foram com ele; que Deus as abençoe. — com um suspiro, ela coloca o castiçal de volta no lugar e pega outro.

— Mas o que aconteceu com Wilhelmina? Por que ela foi embora?

Brigid lambe o dedão para limpar uma mancha na prata.

— Depois do incêndio, ela começou a agir de maneira estranha — por causa da tristeza, se me perguntassem, mas ninguém perguntou.

Felicity a corta rapidamente.

— Sim, tenho certeza de que você está certa, Brigid. — ela diz, rolando os olhos para mim.

— O que aconteceu depois?

— Bom — Brigid continua. — Mina começou a assustar as outras garotas com seu comportamento estranho. Escrevendo e desenhando aquelas coisas horríveis em seu livro. A senhorita Nightwing disse que, mesmo ela sendo parente da senhorita Spence, ela expulsaria Mina da escola se ela não parasse. Mas antes que ela pudesse fazer isso, Mina foi embora no meio da noite, levando algo valioso com ela.

— E o que era? — Felicity pergunta com um pequeno pulinho.

— Eu não sei de tudo, Senhorita Fogo-nas-Calças. — Brigid a repreende.

Eu murmuro, sem voz, *Senhorita Fogo-nas-Calças* para Felicity, quem aparentemente me enforcaria com muito prazer.

— O que quer que fosse — Brigid continua. — deixou a senhora Nightwing muito irritada. Eu nunca a havia visto tão nervosa. — ela põe o castiçal exatamente no lugar onde estava antes. — Pronto. Assim está melhor. Eu vou ter que conversar com a Emily. E é melhor vocês se apressarem para as orações antes que a senhora Nightwing me mande embora logo depois de expulsar *vocês*.

***

— O que você acha que tudo isso significa? — Felicity pergunta enquanto nós nos misturamos com as outras garotas. Elas pegaram seus livros de orações e arrumaram suas saias. Elas estão amontoadas ao redor de espelhos muito pequenos, fingindo prender melhor os cabelos quando, na verdade, estão olhando para si mesmas procurando algum indicio de beleza.

— Eu não sei. — eu respondo, suspirando. — Wilhelmina é ou não confiável?

— Ela aparece nas suas visões, então isso deve significar alguma coisa. — Felicity diz.

— Sim, mas aquelas garotas de branco também apareciam e elas eram espíritos do mal que queriam me guiar para o caminho errado. — eu a lembro.

As garotas que queriam atrair Bessie e suas amigas para as Terras Invernais para Deus-sabe-o-que e que apareceram em minhas visões me dando algumas verdades e muitas mentiras. No fim, elas nos levaram diretamente às garras dos terríveis Guerreiros das Papoulas.

— Então, o que a senhorita Wyatt é. — Felicity pergunta. — A donzela ou a onça?

— Eu realmente não sei. Mas ela com certeza pegou a adaga e é isso que nós precisamos encontrar.

37

NOSSA VISITA AOS REINOS NÃO É TÃO DIVERTIDA SEM ANN. Nem mesmo a magia consegue melhorar nosso humor. As garotas da fábrica encaram a partida dela com muita dificuldade.

— Nós não temos chance. — Mae se lamenta para Bessie.

— Vocês têm que criar suas próprias chances. — Felicity replica.

Bessie dá um olhar irritado para ela.

— E o que você sabe sobre isso?

— Não vamos brigar. Eu quero dançar e brincar com a magia. Gemma? — Pippa me dá um olhar sugestivo.

Suspirando, eu sigo o já familiar caminho até a capela com Pip logo atrás de mim. Quando nós nos unimos com a magia, o puxão é ainda mais forte. É como se eu entrasse dentro dela. Sou parte de sua tristeza, sua inveja, sua amargura — coisas que eu preferia não ver. Quando consigo me soltar, estou cansada. A magia formiga sob minha pele, como insetos se rastejando. Mas Pip está radiante novamente. Ela se aconchega ao meu lado e passa seus braços por minha cintura como se fosse uma menininha.

— É maravilhoso se sentir especial, não é? Mesmo que só por algumas horas?

— Sim. — Eu digo.

— Se eu fosse você, eu nunca abriria mão desse poder e ficaria com ele para sempre.

— Às vezes, eu queria poder fazer isso.

Pippa morde os lábios, e sei que ela está preocupada com alguma coisa.

— O que foi? — Pergunto.

Ela pega algumas bagas de uma vasilha e as rola entre os dedos.

— Gemma, eu acho que você não deveria continuar dando tanta magia assim para Bessie e as outras.

— Por que não?

— Elas são trabalhadoras de fábrica. — Ela responde, suspirando. — Elas não estão acostumadas a ter tanto poder. Bessie ficou toda convencida.

— Eu não acho que isso...

— Ela queria ir para as Terras Invernais novamente. Sem você. — Pip admite.

— Verdade?

Ela pega meu braço e nós andamos cuidadosamente sobre as videiras lamuriosas que rastejam pelo chão.

— Você não acha melhor eu receber mais do que elas? Assim elas terão alguém para cuidar delas, alguém para guiá-las. Elas são tão crianças, na verdade. E eu posso mantê-las a salvo para você.

Pip solta uma risada, mas a noticia sobre Bessie soa como um alarme dentro de mim.

— Sim, tudo bem, eu darei menos a elas. — Eu concordo e Pippa beija minha testa. Ela joga as três bagas que estavam em sua mão, na boca, uma de cada vez.

— Você deveria estar comendo isso? — Pergunto.

Os olhos dela lampejam.

— Agora não importa mais, não é? O estrago já foi feito.

Ela joga a quarta baga na boca e limpa o suco que escorreu por seus lábios com as costas da mão.

— Saudações, minhas queridas! — Ela diz, tirando a tapeçaria do caminho, exatamente como uma rainha saudando seus súditos.

***

Como prometido, às garotas da fabrica, eu dou magia o suficiente para ficarem mais bonitas e se presentearem com vestidos finos, mas não o suficiente para que realmente criem alguma coisa. Elas não têm poder de verdade desta vez, só uma ilusão emprestada.

— Não parece estar funcionando muito bem essa noite. — Bessie reclama. — Por quê?

Eu engulo o caroço que se alojou em minha garganta, mas Pippa é mais rápida e responde com um tom gélido.

— É assim que as coisas são nos reinos, Bessie. A magia só escolhe alguns, não é verdade, Gemma?

— Foi isso que me contaram. — Eu digo, observando Bessie para ver se ela vai descobrir nossa mentira, mas tudo que vejo é a decepção estampada em seu rosto.

— Talvez seja por que nós não somos da classe certa. — Mercy diz.

— Não tem classes aqui. E isso é uma das coisas que eu mais gosto daqui. Além do mais, ela sempre funcionou com a senhorita Ann e ela não é muito melhor que nós. — Bessie diz.

— Já chega, Bessie. — Pippa a reprime, e Bessie sai de perto de nós para se esconder perto da lareira. Ela alimenta o fogo com pequenas flores, observando-as brilhar e, então, queimar. — Venham, meninas, não vamos ficar de cara feia, eu quero dançar!

Eu não estou com humor para dançar agora e não consigo encontrar vontade o suficiente para fingir. Ao invés de me juntar a elas, saio para caminhar. O ar frio é revigorante, o céu escuro parece estar se recolhendo. Eu atravesso a neblina esvoaçante, deixando meu desejo me guiar. Eu quero colocar minhas mãos na Árvore de Todas as Almas mais uma vez e me juntar a ela, como se fossemos uma só.

O portão se abre sem uma única palavra desta vez. Ele já tem o que quer de mim. Meu pé afunda na areia negra. O ar, frio e áspero, sopra contra mim e eu estendo minha língua para prová-lo. Eu sigo o rugido do rio. Um bote está na margem, parado e vazio, então, entro nele e sigo para o coração das Terras Invernais. Desta vez, sei que não devo lutar contra a corrente e meu pequeno bote navega facilmente pelas correntezas turbulentas, mas o caminho é diferente, não o mesmo que pegamos da última vez. Eu sinto o pânico crescendo dentro de mim. Onde estou? Como fiquei tão perdida?

Há um movimento na água ao lado do barco. Uma ninfa da água acaricia a madeira, aponta com a cabeça para uma caverna à direita e nada até ela, ondulando-se na água como uma serpente.

Tudo bem, não vou deixá-la ganhar de mim. Se for necessário,usarei a magia. Confortada por esse pensamento, eu viro o bote e remo atrás dela, entrando na pedra esburacada. Estalactites estão penduradas sobre minha cabeça, como adagas de gelo. A caverna é limitada por duas faixas de terra rochosa, que deve desaparecer sob a correnteza alta, já que consigo ver as altas marcas que a água deixou nas paredes da caverna. Dos dois lados há uma margem saliente e alta.

A mão membranosa da ninfa acaricia meu tornozelo. Com um arquejo, eu balanço meu pé para fazê-la soltar. Suas escamas coloridas deixam uma marca cintilante em minha pele.

— Você não vai levar a minha pele sem lutar. — Eu a aviso, minhas palavras ecoando no vazio da caverna.

A ninfa se afasta silenciosamente, mergulhando na água até que só seus brilhantes olhos negros e sua cabeça careca sejam visíveis. Eu sinto uma nova onda de desconfiança nascendo dentro de mim. Capto um movimento na margem. Os rostos horríveis das criaturas pálidas se espremem por entre as falhas das rochas, como se fossem traças. Eles não têm olhos, mas farejam o ar, rastejando para perto da beira.

Meu coração está apertado. Silenciosamente, eu viro o barco e, enquanto estou remando para a saída da caverna, ela some. Não pode ser. Eu ouço um bufar e o *clip-clop* de cascos batendo no chão. Então, Amar aparece em meu campo de visão, montado em seu magnífico corcel branco. Ele vagueia pela fina margem até quase estar dentro do barco comigo. Minha respiração se parte. De perto, ele tem os mesmo lábios grossos e a mesma postura orgulhosa de Kartik. Mas os olhos dele são buracos negros contornados por um circulo vermelho. Eles me hipnotizam e não consigo desviar o olhar, não consigo gritar, não consigo correr.

Use a magia, *a magia*, meu coração implora. Mas ela não vai funcionar, eu estou assustada demais para isso.

— Eu sei que você viu a sacerdotisa. O que ela disse a você? — Amar pergunta. Os dentes dele são pontudos e afiados.

— Você nunca saberá. — Eu me esforço para falar.

Os olhos de Amar oscilam e, só por um segundo, eles são castanhos como os de Kartik.

— Diga para meu irmão colocar o coração acima de tudo, que só assim ele encontrará sua honra e seu destino. Diga a ele. — E então, com uma velocidade atordoante, eles voltam a ser

assustadoramente negros e vermelhos. — Nós ainda a teremos. Cuidado com o nascimento de Maio.

Minha respiração sai em baforadas brancas, meu medo se juntando ao frio.

— Deixe-me sair! — Eu grito.

Subitamente, a saída da caverna é visível novamente e eu remo com toda a minha força em direção a ela, deixando Amar e aquelas criaturas cegas e pálidas para trás. A árvore já está esquecida, tudo que quero é voltar à salvo para as Terras Fronteiriças.

Eu cambaleio para dentro da floresta azul, respirando com dificuldade, e fico aliviada ao ver luzes saindo pelas janelas do castelo, diminuindo a escuridão. Eu também fico aliviada ao ouvir a risada de minhas amigas, por que, agora, estou morrendo de vontade de me juntar a elas.

Eu ouço o baixo ribombar de um trovão e, quando olho para trás, em direção ao céu das Terras Invernais, ele esta banhado em vermelho.

38

TMAIS UM DAQUELES DIAS ENTEDIANTES EM SPENCE. Na aula de Frances, nós passamos o tempo todo conjugando verbos. Sinceramente, eu não me importo se o certo é: *Eu vou jantar scargot*[53] ou *Eu jantarei scargot* — já que eu nunca deixarei um caramujo passar por meus lábios, então, a aula inteira é discutível. Nós repassamos os passos da quadrilha tantas vezes, que tenho certeza de que posso dançá-la em meus sonhos. Nós treinamos fazer contas, para, um dia, podermos cuidar das contas das despesas da família e sermos prestativas à nossos maridos. Sob o comando da Srta. McCleethy, nós desenhamos o perfil umas das outras — Elizabeth reclama dizendo que eu lhe dei um nariz gigante, quando, na verdade, estou sendo muito gentil. Mas quando se trata de arte, todos são críticos, e é assim que as coisas são.

Quando as professoras não estão por perto, as garotas conversam animadamente sobre suas apresentações cada vez mais próximas. Elas têm pilhas de convites — promessas tentadoras de um romance, de maravilhosas ceias e de novos vestidos gravadas em uma caligrafia limpa sobre o refinado papel cor de creme. Eu deveria estar pensando sobre minha própria apresentação na sociedade, mas eu estou muito distraída com outras coisas. Essa data parece existir em outro mundo e eu não consigo ver o caminho que me leva até ela muito claramente no momento.

Ao invés de tomar chá com as outras e ficar ouvindo-as falar sobre esta festa ou aquele baile, eu me retiro sob a mentira de que vou praticar minha reverência e vasculho cada canto da escola, esperando ou encontrar a adaga que Wilhelmina Wyatt roubou, ou mais pistas sobre seu paradeiro. Infelizmente, eu não encontro nada além de pó, gavetas vazias, armários superlotados e a infeliz surpresa de um pedaço de caramelo estragado que, mesmo depois de três lavagens decentes, ainda deixa meus dedos grudentos de uma forma nojenta. Eu estou perdida, principalmente agora que a Srta. Wyatt não aparece mais em minhas visões ou sonhos. É como se ela estivesse brincando comigo. Eu me lembro do que o Dr. Van Ripple comentou sobre ela gostar de fazer algumas maldades. Isso lança dúvidas sobre sua confiabilidade.

---

[53] N/T: Uma iguaria francesa feita com caracóis.

Eu estou pronta para desistir e me reunir com as outras novamente quando noto a bandana vermelha de Kartik na hera. Eu me inclino e a tiro dali. Tem um bilhete anexado:

Eu marquei. Encontre-me na lavanderia. Meia-noite. Traga cinco libras. Se vista sensatamente.

Hoje à noite. Eu preciso agradecê-lo por me dar tão pouco tempo. Ainda assim, está marcado, e se eu puder falar com um representante dos Rakshana sobre a possibilidade de salvar meu irmão, eu irei sempre que me chamarem.

Felicity não fica feliz com meus planos. Ela estava esperando que nós fossemos aos reinos novamente e tem certeza de que Pip não perdoará sua ausência, mas ela entende que eu preciso ajudar Tom. Ela até me oferece sua espada de esgrima, caso eu precise apunhalar alguém. Eu a garanto de que isso não será necessário, e espero que minha suposição esteja correta.

Um pouco antes da meia noite, eu me preparo para encontrar Kartik na lavanderia. Ele disse para me vestir sensatamente, e, como vamos andar pelas ruas de Londres à noite, decido que só há uma solução possível.

Usando a magia, eu me presenteio com calças, uma blusa, um colete e um casaco. Diminuo meu cabelo e fico surpresa ao me ver assim — toda olhos e sardas. Eu dou um bom menino, talvez até seja mais bonita assim do que como menina. Com uma capa, completo a ilusão.

A lavanderia está escura quando entro. Eu não vejo ou ouço qualquer coisa e me pergunto se Kartik realmente virá.

— Você está atrasada. — Ele diz, saindo de trás de uma viga.

— É bom ver você também. — Eu rebato.

— O bilhete dizia exatamente meia noite. Se quisermos chegar à tempo em Londres temos que partir agora. Você trouxe o dinheiro?

Levanto meu porta-moeda e dou uma pequena chacoalhada.

— Cinco libras, como você pediu. Por que vou precisar disso?

— Informação custa caro. — Ele responde e olha para minhas calças. — Sensata. — O olhar dele sobe e ele o desvia rapidamente. — Abotoe seu casaco.

Meus seios criavam uma saliência visível em minha camiseta. Essa parte de mim não foi mascarada. Envergonhada, abotôo o casaco.

— Aqui. — Kartik diz, colocando seu cachecol em meu pescoço. A ponta dele fica pendurada, escondendo meu tronco.

Ele me leva até o estábulo onde Freya nos espera. Kartik a acaricia no nariz, acalmando-a. Ele sobe na cela e oferece sua mão, me puxando para cima. Nós saímos de lá com uma arrancada. Ponho minhas mãos em sua cintura e ele não faz qualquer tipo de objeção.

Viajamos pelo que parece uma eternidade — minhas nádegas doem — e, finalmente, as luzes de Londres aparecem ao longe. Perto da cidade, nós desmontamos e Kartik deixa Freya amarrada a uma árvore, prometendo-lhe que nós voltaremos para buscá-la. Ele lhe dá uma cenoura e nós nos unimos à pulsante vida noturna de Londres. As ruas não são tão calmas

quanto eu achava que eram. É como se a própria cidade tivesse se esgueirado para fora de sua casa enquanto sua gêmea, a cidade comum do dia, dorme. Essa é uma Londres diferente, uma Londres desconhecida e mais ousada.

Kartik nos arranja um fiacre[54] e dá umas batidinhas no teto para que o cocheiro comece a guiar. Com Kartik sentado ao meu lado, o cabriolé parece muito pequeno e fechado. As mãos dele estão rígidas sobre suas coxas. Eu me espremo contra a parede da cabine.

— Onde você marcou o encontro?

— Perto da Ponte da Torre[55].

A noite está manchada por luzes turvas, Kartik está perto o suficiente para eu tocá-lo. A camiseta dele está aberta no pescoço, expondo a curva de sua garganta e a delicada cavidade logo abaixo. A cabine parece esquentar ainda mais. Minha cabeça abaixada está borbulhando de pensamentos. Preciso de alguma distração antes que fique louca.

— Como você marcou o encontro?

— Eu tenho meus meios.

Ele não faz menção de que vai continuar falando e eu não pergunto mais nada. A cabine fica em silencio novamente, exceto pelo rápido cavalgar dos cavalos que faz meu corpo tremer. O joelho de Kartik se apóia no meu. Eu espero que ele se afaste, mas ele não o faz. Minhas mãos tremem em meu colo. Pela visão periférica, eu o vejo olhando para as ruas. Eu faço o mesmo, mas não posso dizer que consigo captar o cenário. Eu só consigo prestar atenção no calor que o joelho dele emana. Parece impossível que um pequeno pedaço de ossos e carne possa causar tal efeito.

O cocheiro para por um momento e nós dois desembarcamos em uma rua logo abaixo da Ponte da Torre. A ponte está funcionando faz só dois anos e é linda de se olhar. Duas grandes torres se erguem como contrafortes medievais. Uma passarela está suspensa entre as duas, acima do Tamisa. A ponte levanta para dar passagem aos muitos navios que chegam ao porto. As águas sujas do Tamisa estão lotadas deles.

Uma mendiga idosa está sentada na sujeira umedecida da calçada. Ela balança uma lata amassada com um pêni dentro.

— Por favor, senhor, ajude uma pobre alma.

Kartik coloca uma boa quantia dentro na lata da mulher e eu sei que isso é tudo o que ele tem.

— Por que você fez isso? — Pergunto.

Ele chuta uma pedra, brincando com ela entre seus pés como se fosse uma bola.

— Ela precisava.

Papai diz que não é bom dar dinheiro para os mendigos, por que eles só vão gastar o dinheiro com bebidas ou outros prazeres.

— Ela pode comprar cerveja com esse dinheiro.

Ele dá os ombros.

---

[54] N/T: Antiga carruagem de aluguel.

[55] http://pt.wikipedia.org/wiki/Tower_Bridge

— Então ela vai ter cerveja. Não é o dinheiro que importa; é a esperança. — Ele chuta a pedra para o alto, ela faz um arco perfeito no ar e cai pelos degraus de pedra. — Eu sei como é lutar por coisas que os outros conseguem facilmente.

Nós chegamos o porto, que está lotado de navios de todo tipo, de pequenos baleeiros a grandes embarcações. Eu não sei como eles conseguem entrar e sair, eles estão tão amontoados que qualquer pessoa poderia pular de um barco para o outro sem nem se molhar. Eles se alinham no cais e nas docas, esperando descarregar e carregar suas cargas.

Pequenos degraus levam à margem. Eu espero Kartik me oferecer seu braço, mas ele desce a escada sem mim, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

— O que você está esperando? — Ele pergunta.

— Nada. — Eu digo, descendo as escadas rapidamente.

Kartik ergue o rosto para o céu.

— Por que as senhoritas se recusam a dizer quando estão bravas? É algum tipo de habilidade que ensinam a vocês? É terrivelmente confuso.

Eu paro e o encaro sob a fraca luz azul.

— Se você quer saber, você deveria ter me oferecido seu braço no alto da escada.

Ele dá os ombros.

— Por quê? Você já tem dois braços.

Eu luto para manter minha postura.

— É costume um cavalheiro ajudar uma dama a descer as escadas.

Ele me dá um largo sorriso.

— Eu não sou nenhum cavalheiro. E, esta noite, você não é nenhuma dama.

Eu tento protestar, mas descubro que não posso, e nós seguimos a margem do Tamisa sem falar mais nada. O grande rio bate contra a ribanceira em um movimento ritmado. Ele sobe e desce e sobe e desce de novo, como se também quisesse ficar livre por uma noite. Eu ouço vozes vindas debaixo.

— Por aqui. — Kartik diz, seguindo-as. As vozes ficam mais altas. Os sotaques são fortes e chulos. A lama aumenta conforme a neblina sobe. Na água, está uma dúzia de pessoas; de senhoras a crianças com o rosto sujo.

Uma das mulheres canta uma música de marinheiro, parando apenas por causa de seus violentos ataques de tosse. O vestido dela não é muito melhor do que um trapo. Ela está tão suja de lama que se camufla na sombra. Conforme canta, ela mergulha uma panela rasa no rio e a puxa para cima. Com dedos ágeis, ela vasculha a panela enquanto a sacode, procurando por alguma coisa que eu não sei o que é.

— *Mudlarks*. — Kartik explica. — Eles entram no Tamisa para procurar qualquer coisa de valor que eles possam vender ou guardar. Podem ser trapos, ossos, um pouco de estanho ou carvão de um navio que esteja passando. Se eles tiverem sorte, podem até encontrar a carteira de um marinheiro que tenha morrido; isso se o arpão dos ribeirinhos não tiver topado com ele antes.

Eu faço uma careta.

— Mas nadar pelo Tamisa...

Ele dá os ombros.

— É bem melhor do que ser um *tosher*, pode ter certeza.

— E o que é um *tosher*?

— São bem parecidos com os *mudlarks*, mas eles vasculham os esgotos, não o rio.

— Que existência mais horrível.

A voz dele assume um tom severo.

— É um jeito de se viver. A vida nem sempre é justa.

Ele faz o comentário para me incomodar, e ele consegue. Nós ficamos em silencio.

— Você está sempre falando sobre o destino, então, como você explica a falta sorte deles? É o destino deles, sofrer tanto assim?

Kartik põe as mãos de volta no bolso.

— Sofrer não é um destino. E a ignorância também não.

A voz da mulher flutua até nós pela neblina.

— 'Que o rio deu pro cê hoje?

— Querida, eu encontrei maçãs e estofados! — A outra responde e elas gargalham alto.

— Eles encontram maçãs e estofados aqui? — Eu pergunto.

Ele me dá um sorriso irônico.

— É uma rima Londrina. A última palavra rima com o que elas realmente querem dizer. 'Eu encontrei maçãs e estofados' quer dizer 'Eu não encontrei nada'.[56]

— Ei! Kartik! — Um dos garotos de rua tropeça para fora da sujeira e da lama do rio. — Eu estava esperando por você, colega.

— Nós nos atrasamos, Toby. — Ele se desculpa ao garoto coberto de lama com uma inclinação da cabeça.

Toby se aproxima e, com ele, seu cheiro. É uma mistura horrível do cheiro impregnado da água do rio, de lixo e de alguma coisa pior. Meu estomago revira e eu percebo que preciso respirar pela boca para não desmaiar.

— Como está a caça ao tesouro? — Kartik pergunta. Ele acha que é muito inteligente, colocando a mão no queixo, mas eu vejo os dedos dele cobrindo o nariz.

— Não muito boa, mas não muito ruim também. — Toby abre as mãos. Ali, há uma coleção bastante estranha; um pequeno pedaço de carvão, dois grampos de cabelo, um dente e um xelim. — Dá para comprar uma garrafa de cerveja. — Ele olha para mim, desconfiado. — Isso é uma senhorita usando calças de homem?

Tenho certeza de que meu horror está estampado em meu rosto.

— Não dá para enganar todo mundo. — Kartik diz com uma sobrancelha levantada.

Toby chacoalha os frutos de seu furto.

— Ela não é linda, colega, mas está limpa. Quanto?

Eu não o entendo imediatamente, mas, quando eu capto o que ele está querendo dizer,

---

[56] N/T: Como Kartik disse, é um jogo de palavras, a mulher diz "Luv, I go' apples 'n' stuffin'!" quando quer dizer "I got nuffin'".

uma fúria violenta me domina.

— Por que, eu...

Kartik segura meu pulso com firmeza.

— Desculpe amigo, mas ela está comigo. — Ele diz.

Toby dá os ombros, arrumando sua boina encardida.

— Não quis ofender.

O Big Ben badala, anunciando a hora. A alta badalada atravessa a neblina e eu a sinto em minha barriga.

— Que tal nós darmos uma volta? — Toby diz.

— Que atrevimento. — Resmungo.

Ela não é linda, colega. Ele achou que eu fosse uma prostituta e, ainda assim, por que é essa frase que mais me incomoda?

Um menino sai das sombras. Ele tem machucados nos lábios e profundas cavidades debaixo dos olhos. A voz dele ainda não mudou — ele não deve ter mais de dez anos —, mas ela já tem aquele tom vazio, como se não tivesse sobrado nada dentro dele.

— Procurando por companhia, rapaz? É só dois pence.

Kartik balança a cabeça e o garoto volta às sombras, esperando ansiosamente pelo próximo transeunte.

— Há outros que vão aceitar a oferta dele. — Kartik me diz.

Toby nos leva até um cais lotado de engradados, iluminado pela luz fraca de um único lampião.

— Aqui está bom. — Ele diz.

Kartik olha ao redor.

— Sem rotas de fuga. É fácil ser encurralado aqui.

— Por o que? — Toby pergunta. — Têm barcos para todo lado.

— E os homens neles estão bêbados ou dormindo. Ou são o tipo de homem com os quais precisamos ter cuidado. — Kartik informa.

— Você acha que eu sou bobo? — Toby diz, desafiando-o.

— Kartik. — Eu aviso.

— Ótimo. — Ele cede. — Gemma, o dinheiro.

Eu o dou a pequena bolsa com cinco libras dentro. É todo o dinheiro que eu tenho e eu estou relutante em entregá-lo. Ele a joga paraToby, que a abre, conta as moedas e as joga no bolso.

— Agora. — Kartik diz. — O que você sabe sobre o Sr. Doyle?

Eu olho de Kartik para Toby e volto a olhar para ele.

— É ele que nós viemos encontrar?

— Toby faz ótimos trabalhos como espião, de vez em quando. Ele sabe como trocar informações por dinheiro.

Toby sorri abertamente.

— Eu sempre consegui descobrir qualquer coisa.

— Mas esse era para ser um encontro com os Rakshana. — Eu protesto, querendo meu dinheiro de volta.

— Primeiro nós temos que reunir informações para depois descobrir onde atacar. — Kartik explica. — Se nós marcássemos um encontro com os Rakshana, eles teriam nos levado com toda certeza. Eu era um deles, eu sei disso.

— Tudo bem. — Digo de má vontade.

No Tamisa, os barcos oscilam com a correnteza. Há algo de tranqüilizador e familiar nisso.

— Eles estão colocando ele para dentro, certo. Eles têm uma iniciação planejada para ele e tudo mais. — Toby diz. — Mas não sei o quanto eles contaram para ele.

— E foi Fowlson que o trouxe para a irmandade? — Kartik pergunta.

Toby balança a cabeça.

— Fowlson é o guarda dele. Alguém no topo que pediu para trazê-lo para a irmandade. Um cavalheiro lá de cima. — Ele diz, apontando para o céu.

— Você sabe quem foi?

— Não. Isso é tudo que eu sei.

— Eu quero encontrar este cavalheiro. — Eu insisto.

— Fowlson é quem o informa de tudo. Ele sabe quem é.

O barulho de passos pesados ecoa na névoa atrás de nós. Eles são acompanhados por um assovio que faz meu sangue gelar.

Os olhos de Kartik se estreitam.

— Toby.

O garoto sujo nos dá os ombros e um sorriso triste, conforme se afasta.

— Desculpe, colega, ele me deu *seis* libras e minha mãe está muito doente.

— Bem, bem, bem, o que nós temos aqui? Voltou dos mortos, irmão?

Um par de botas negras aparece debaixo da luz do lampião. Sr. Fowlson sai das sombras, ladeado por dois grandes homens. Vindo pelo outro lado do cais, estão dois capangas de Fowlson. Atrás de nós está o Tamisa. Nós estamos encurralados.

Kartik me coloca para trás dele.

Fowlson dá um sorriso cínico.

— Protegendo sua amada?

— Não tem mulher nenhuma aqui. — Kartik diz.

Fowlson ri.

— Ela pode até estar usando calças e casaco, mas são os olhos. Não dá para confundir.

— Me de sua palavra, como irmão, de que você não vai machucá-la. — Kartik diz, mas eu posso ver o medo pulsando em sua garganta.

Os lábios de Fowlson se curvam de raiva.

— Você deixou a irmandade, irmão. Não há mais honra entre nós. Eu não preciso te prometer nada.

Fowlson puxa um canivete do bolso. Ele o abre e a lâmina brilha na luz fraca.

Eu examino as margens do Tamisa. Procurando por alguém que possa ouvir meus gritos e nos ajudar, mas a neblina está ficando mais densa. E quem preferiria vir nos ajudar ao invés de fugir ante tal escândalo? Magia. Eu posso usá-la se eu precisar, mas então ele vai ter certeza que eu estive mentindo para ele.

Um dos capangas joga uma maçã para Fowlson, ele a pega agilmente com uma única mão. Ele afunda a faca nela e tira a casca em longas curvas que caem à seus pés.

Engolindo com dificuldade, eu dou um passo para frente.

— Eu quero que vocês deixem meu irmão em paz.

Fowlson me dá um sorriso perverso.

— Você quer, não é?

— Sim. — Digo, desejando que minha voz estivesse mais firme. — Por favor.

— Tudo bem, então. Isso depende de você, senhorita Doyle. Você tem algo que pertence a nós.

— E o que seria isso? — Eu encontro minha voz por entre meu medo.

— Awww, que ingênua você, não? — O sorriso dele vira uma carranca. — A magia.

Ele dá um passo para frente e nós damos um passo para trás. Nós estamos mais próximos do Tamisa.

— Eu já te disse: eu não a tenho mais.

Os olhos de Kartik se movem de um lado para o outro e eu espero que ele esteja tentando encontrar uma rota de fuga.

— Você está mentindo. — Fowlson rosna.

— Como você sabe que ela está mentindo? — Kartik pergunta.

— É só conversa. — O sorriso dele é cruel.

— Os Rakshana deveriam proteger os reinos e a magia, não roubá-los. — Eu tento ganhar tempo.

— Costumava der assim, colega. As coisas estão mudando. As bruxas já tiveram seu tempo.

Fowlson põe a faca na boca e tira o pedaço da maçã com seus dentes. Nós estamos presos aqui. Não tem outro lugar para ir além do Tamisa.

— Pelo que eu sei, se levar vocês dois, viro um herói. — Ele aponta sua faca para Kartik. — Você é um traidor e você... — Ele a vira na minha direção. — você tem a solução para os nossos problemas.

— Você consegue pular? — Kartik sussurra para mim, lançando um olhar para o barco ancorado abaixo de nós. Eu concordo com um movimento da cabeça.

— O que os pombinhos estão cochichando? — Fowlson pergunta.

— No três. — Kartik sussurra. — Um, dois...

Eu estou assustada demais para esperar. Eu salto no *dois*, puxando-o comigo, e nós caímos na proa do barco com um ruído que faz todo meu corpo tremer.

— Eu disse no *três*. — Kartik arfa, como se seus pulmões tivessem quebrados.

— D-desculpe. — Eu arquejo.

Fowlson grita do cais para nós e eu o vejo se preparando para pular.

— Vamos. — Kartik me levanta com um único puxão e nós mancamos até a popa, onde o barco se liga à outro um pouco menor. Tem uma pequena fenda entre os dois, mas, no escuro e com o Tamisa ondulando abaixo de nós, ela parece enorme. O barco se move, deixando o ato ainda mais perigoso.

— Pule! — Kartik manda. Ele pula por cima do buraco me levando com ele.

— Mas que diabos! — Um marinheiro surpreso grita ao entrarmos em seu barco.

— Inspeção surpresa! — Kartik avisa e nós voltamos a correr. Mais um pulo e nós estamos em uma embarcação. Nós corremos sobre o chão escorregadio em uma velocidade alta, tentando não cair. Fowlson e seus capangas estão logo atrás. Tem uma abertura no chão da rua. Um buraco de esgoto.

— Por aqui! — Kartik grita e suas palavras ecoam. O buraco cheira tão mal que eu sinto vontade de vomitar. Eu pressiono as costas da mão contra meu nariz.

— Acho que eu não consigo. — Digo, tentando não vomitar.

— É nossa única saída.

Nós entramos no buraco sujo e fedorento. As paredes gotejam com a umidade. Uma camada de sujeira inunda o fundo do túnel. Ela entra em minhas botas, encharcando minhas meias, e eu preciso lutar contra a bile subindo por minha garganta. O túnel está cheio de vida. Grandes ratos negros correm sobre suas pequenas pernas, espremendo-se para fora das pequenas lacunas nas paredes. Os guinchos deles arrepiam meus braços. Eu estou arrepiada por inteira.

Um amiguinho corajoso coloca seu nariz perto de meu rosto e eu grito. Kartik põe uma mão sobre minha boca.

— Shhh. — Ele sussurra e até isso ecoa no esgoto fedorento.

Nós ficamos ali, espremidos no úmido e desagradável túnel, só ouvindo. Há um gotejamento constante e o horrível arranhar das garras dos ratos. E algo mais.

— Olá, colegas. Nós sabemos que vocês estão aí.

Kartik continua se movendo, mas, mais para frente, o túnel escurece e, só de pensar nisso, já fico apavorada. Eu não consigo continuar.

— Feche seus olhos. Eu te guio. — Sussurra. Ele vem para perto de mim e passa o braço por minha cintura.

Eu não me movo.

— Não. Eu não consigo. Eu estou...

— Peguei vocês!

E, em um piscar de olhos, os homens de Fowlson estão em cima de nós. Eles agarram Kartik, torcendo os braços dele até que ele faça uma careta de dor.

— Agora eu estou um pouco irritado. — Fowlson diz, andando lentamente em nossa direção.

— Eu dei para a Ordem! — Eu balbucio, desesperada. — Você está certo; eu menti para você antes, mas hoje de manhã eu me encontrei com a senhorita McCleethy. Ela me

convenceu com sua sabedoria. Nós demos as mãos nos reinos. A Ordem realmente tem a magia agora. Eu juro!

A expressão de Fowlson suaviza. Ele parece preocupado e confuso.

— Hoje de manhã?

— Sim. — Minto.

Fowlson está tão perto que eu consigo sentir o cheiro da maçã nele, eu vejo a mandíbula dele tencionar com uma nova raiva.

— Se isso for verdade, não há nada me impedindo de cortar a garganta de Kartik aqui e agora. — Ele pressiona a lâmina contra a garganta de Kartik. — Pobre irmão Kartik. Você quer que eu te conte o que aconteceu com ele, senhorita?

Kartik tenta lutar contra a faca.

— Nós o capturamos. Você sabe por quanto tempo a maior parte dos homens agüenta nossa tortura? — A boca dele está tão perto de minha orelha que eu posso sentir o calor de seu hálito. — Eu destruí almas em menos de um dia. Mas nosso Kartik não cedia. Ele não contava o que ele sabia sobre você e os reinos. Quanto tempo foi, Kartik? Cinco? Seis dias? Eu perdi a conta. Mas, no fim, ele se despedaçou como eu sabia que aconteceria.

— Eu vou te matar. — Kartik arfa, a faca ainda em sua garganta.

Fowlson ri.

— Esse é seu calcanhar *dolorido*, colega? Você não quer que ela saiba? — Fowlson sentiu o cheiro do medo de Kartik e ele quer provocá-lo. Ele pressiona a faca com mais força contra a garganta de Kartik, mas as palavras que ele dirige a mim são mais doloridas. — Ele estava ficando louco no final. Começou a ver Amar em sua cabeça. O velho Amar tinha uma mensagem para ele: 'Você vai ser a morte dela, irmão'. E o que quer que ele tenha visto depois, deve ter sido realmente horrível, por que ele gritou e gritou até não ter mais voz para isso e não ter nada além de ar saindo. E foi então que eu soube que tinha destruído a alma dele. — O sorriso cruel de Fowlson aumenta. — Mas eu sei por que ele não queria te contar essa história.

Os olhos de Kartik estão úmidos. Ele parece destruído de novo e eu sinto vontade de matar Fowlson pelo o que ele fez. Eu não vou deixar Kartik ser machucado mais uma vez. Não enquanto eu puder impedir.

— É Aquiles. — Eu digo.

A faca de Fowlson vacila por um momento.

— O que?

— É calcanhar de Aquiles, não calcanhar dolorido[57], seu idiota.

Ele arregala os olhos conforme ri.

— Ah, mas que boca suja que você tem, querida. Quando acabar com ele, eu vou abri-la pela metade.

— Eu acho que não. — Rápida como uma lebre, eu ponho minha mão no braço dele. O

[57] N/T: Em inglês, 'calcanhar de Aquiles' é 'Achilles' heel' e Fowlson confunde, dizendo 'achin' heel' que quer dizer 'calcanhar dolorido'.

poder corre dentro de mim como o Tamisa em seu curso. Uma luz ardente preenche o túnel, captando o olhar surpreso e assustado de Fowlson, conforme nós nos unimos, os pensamentos dele pulsam em minha mente.

Sua raiva incontrolável e sua crueldade correm por minhas veias por um único segundo. Elas são substituídas por uma memória — um menino pequeno, uma cozinha escura, um balde de água e uma grande mulher carrancuda com os lábios retorcidos com sarcasmo. Eu não sei o que isso significa, mas eu sinto o medo da criança. E, estranhamente, meu estomago se contrai de medo. Ele some rapidamente e a magia está completamente viva dentro de mim novamente.

— Sim. — Eu digo. — Eu menti. E agora eu vou pedir para você ficar aqui, senhor Fowlson.

Eu aproveito a magia para controlar a mente dele e de seus capangas. *Você não pode me seguir*.

Eu não digo em voz alta, mas o efeito é o mesmo. Sr. Fowlson é surpreendido ao perceber que suas pernas não obedecem a seus comandos. Elas estão congeladas naquela posição. A faca cai de seus dedos, as mãos dele caem, flácidas, junto de seu corpo, e Kartik fica livre. Os capangas dele só conseguem olhar um para o outro, como se estivessem tentando encontrar uma explicação. Eles podem tentar o quanto quiserem, eles não podem se mexer.

— Sua bruxa! O que você está fazendo comigo? — Fowlson guincha.

— Você fez isso consigo mesmo, senhor Fowlson. — Respondo. — Você tem que deixar meu irmão em paz.

Fowlson luta para se libertar.

— Me solte, ou eu vou acabar com você!

— Já chega. Prometa!

Ele sorri e sua provocação me enfurece.

— A única coisa que vou te prometer é isso: eu não me importo com mais nada agora. Sou eu e você. Eu irei atrás de você, sua bruxinha. Você vai implorar por piedade.

A magia borbulha dentro de mim. Eu não consigo me sentir eu mesma. Sinto apenas a fúria, tão ardente que acaba me cegando. Eu quero machucá-lo, fazê-lo se submeter às minhas vontades. Eu quero que ele saiba quem tem o poder aqui. *Você vai se arrepender*...

Os olhos de Fowlson se arregalam com o novo medo. Lentamente, ele abaixa sua cabeça para mais perto do chão úmido do esgoto. Ele não consegue falar; minha raiva não deixa. Minhas pálpebras tremulam. Kartik tenta me fazer voltar a raciocinar, mas eu não quero ouvir; eu só quero me deliciar com a vingança.

Algo dispara por minha alma. O garoto na cozinha. A mulher raivosa dobra as mangas. O pequeno menino se encolhe de medo ante a raiva da mulher. *Seu bastardo desgraçado*, ela pragueja, *Eu vou te mostrar o que é respeito*. *Eu vou acabar com você*. Ela mergulha a cabeça dele no balde cheio de água e a segura ali enquanto o garoto se debate. *Você vai implorar por piedade!* O garoto levanta a cabeça, arfando, e ela o afunda mais uma vez. Eu

sinto o medo dele todas as vezes que a cabeça é elevada para fora da água. Ele está quase desistindo e, por um momento, considera essa hipótese, ele considera a idéia de encher seus pulmões com água só para deixá-la feliz, para deixá-la satisfeita. Mas ele não consegue. Ele falhou. Ela puxa a cabeça dele dois centímetros acima da água e ele se esforça para falar uma única palavra: *piedade*. Ela bate nele com força, o anel dela deixa um corte em sua bochecha. Ele se encolhe no canto da cozinha, pressionando suas mãos contra corte fundo, mas não se atreve a gritar. Amanhã ele se esforçará mais. Amanhã ela irá amá-lo. Amanhã ele não a odiará tanto assim.

É como se eu tivesse levado um soco. A magia oscila; eu tropeço, apoiando minhas mãos na parede molhada para não cair. O rosto de Fowlson está a dois centímetros da água imunda. *Pare*, eu digo a mim mesma. *Pare*. A magia se acalma dentro de mim, como um cachorro se preparando para deitar e dormir. Minha cabeça dói e minhas mãos tremem.

Fowlson se levanta, arfando e tremendo.

— Desculpe. — Sussurro com a voz rouca. — Sua mãe... ela te machucou. Ela fez essa cicatriz

Fowlson se esforça para falar.

— Não abra a boca para falar sobre a minha mãe! Ela era uma santa!

— Não. — Eu sussurro. — Ela era um monstro. Ela te odiava.

— Cale a boca! — Ele grita, a saliva se acumulando nos cantos da boca.

— Eu não queria fazer isso. — Eu declaro. — Acredite em mim.

— Você vai se arrepender por isso, querida. — Ele se vira para Kartik. — Eu espero que você tenha aprendido o bastante nos dias que passamos com você, irmão. Você vai precisar.

Fowlson se balança na minha direção, mas estou fora de alcance. Ele precisa fazer isso, é a única coisa que sobrou para ele fazer.

— Eu vou acabar com você, sua vadia!

Eu deveria estapeá-lo por me dizer isso, mas não vou. Eu só consigo ver aquele garotinho no canto da cozinha.

— A magia não vai durar muito. Uma hora, talvez duas, no máximo. E quando você estiver livre, não venha atrás de nós, senhor Fowlson, ou eu usarei meus poderes novamente.

Kartik pega minha mão e me conduz para fora do esgoto. Nós deixamos Fowlson oscilando e praguejando na escuridão.

***

Andar ao lado do sujo Tamisa é um alivio. O cheiro do rio, que parecera tão horrível uma hora trás, agora é delicioso se comparado ao fedor sufocante do esgoto. As tosses violentas e as cantorias desafinadas dos *mudlarks* viajam pela neblina como fantasmas. Um grito inesperado corta a névoa. Alguém encontrou um pedaço de carvão, a noticia é recebida com gritos de felicidade e um alto farfalhar da água conforme todos os *mudlarks* se aproximam para observar o achado. Mas eles descobrem que não é nada além de uma pedra. Eu ouço o barulho que ela faz ao mergulhar depois de ter sido jogada de volta ao Tamisa, aquele

cemitério de esperanças.

— Eu preciso sentar. — Digo.

Nós andamos pelo cais e descansamos por um minuto, olhando os barcos oscilarem no rio.

— Você está bem? — Eu pergunto depois de um longo silencio.

Ele dá os ombros.

— Você ouviu o que ele disse. E agora acha que sou horrível.

— Isso não é verdade. — Digo. — Amar disse... — Eu paro, pensando no recente encontro que tive com o irmão de Kartik nas Terras Invernais, mas eu não estou pronta para falar sobre isso ainda. — No seu sonho, ele disse que você vai ser a minha morte. É por isso que você se manteve tão distante?

Ele não responde imediatamente.

— Sim, é parte do motivo.

— Qual é a outra parte?

O rosto de Kartik obscurece.

— Eu... não é nada.

— É por que você não queria fazer parte da aliança? — Pergunto.

Ele concorda.

— Se eu não entrar nos reinos, então o sonho não se tornará real, eu não poderei te machucar.

— Você disse que a ignorância não era destino. — Eu o lembro. — Se você não entrar nos reinos, você só vai não ter estado nos reinos. Além do mais, existem milhares de outras maneiras de você me matar aqui, se você quiser. Você poderia me afogar no Tamisa. Atirar em mim em um duelo.

— Te enforcar com as entranhas de um grande animal. — Ele diz, entrando na brincadeira com um sorriso se formando nos lábios.

— Me abandonar com a Sra. Nightwing para sempre, até que eu morra de tanto ser criticada.

— Ah, isso é cruel até para mim. — Kartik balança a cabeça, rindo.

— Você acha minha morte precoce engraçada? — Eu provoco.

— Não, nem um pouco. Você ganhou do Fowlson. — Ele diz, sorrindo maldosamente agora. — Foi... extraordinário.

— Eu achei que você havia tido medo do meu poder.

— Eu tive. Eu tenho. Só um pouco. — Ele admite. — Mas, Gemma, você poderia mudar o mundo.

— Para isso seria preciso de muito mais do que só o meu poder. — Respondo.

— Verdade, mas a mudança não precisa acontecer toda de uma vez. Pode ser feita com pequenas ações, pequenos momentos. Você entende? — Ele diz, me olhando de um jeito diferente, mas não consigo dizer exatamente como. Só sei que não agüento e desvio o olhar.

Os mastros dos barcos se erguem por entre a neblina, anunciando suas localizações. Ao

longe, um apito soa. Alguma embarcação está se afastando em direção ao mar.

— Esse é um som tão lúgubre. Tão solitário. — Digo, abraçando meus joelhos e pressionando-os contra meu peito. — Você já se sentiu assim?

— Solitário?

Eu procuro pelas palavras certas.

— Inquieto. Como se você ainda não tivesse encontrado a si mesmo ainda. Como se você tivesse passado por si mesmo na neblina e seu coração batido mais rápido, dizendo: "Ah! Aí estou eu! Essa parte de mim estava faltando!", mas isso acontece muito rápido e, então, aquela parte de você desaparece na neblina novamente. E você passa toda a sua vida procurando por ela.

Ele concorda e acho que ele só está fazendo isso para me deixar feliz. Eu me sinto estúpida por ter dito isso. É sentimental e real e eu revelei uma parte de mim que não deveria.

— Você sabe o que eu acho? — Kartik diz, finalmente.

— O que?

— Às vezes, eu acho que você consegue enxergar dentro das outras pessoas.

E, com isso, nós nos inclinamos para frente ao mesmo tempo e nos encontramos em um beijo que não é roubado, mas compartilhado. A mão dele segura minha nuca. Minhas mãos sobem para seu rosto. Eu o puxo para mais perto. O beijo fica mais intenso. A mão em minha nuca desce para minhas costas, trazendo-me para mais perto de seu peito.

Uma gritaria começa nas docas. Nós nos separamos com um salto, mas eu quero mais. Kartik sorri. Os lábios dele estão um pouco inchados por causa de nosso beijo e me pergunto se os meus também estão.

— Eu deveria ser preso. — Ele diz, apontando para minhas calças e ressaltando minha aparência masculina.

O badalar do Big Ben nos lembra que já é tarde.

— É melhor nós irmos. — Kartik diz. — Aquele encantamento não vai durar para sempre e eu não quero estar aqui quando Fowlson e seus homens estiverem livres.

— De fato.

Nós passamos pelo lugar onde os *mudlarks* estão peneirando as águas. E, só por alguns segundos, eu uso a magia novamente.

— Oh! Por todos os santos! — Um garoto no rio lamuria.

— Encontrou outra pedra? — Uma senhora grita e os *mudlarks* gargalham.

— Não é uma pedra! — Ele grita. Ele corre para fora da neblina, segurando algo em suas mãos. A curiosidade vence os outros. Eles se amontoam ao redor do menino, tentando enxergar. Na palma dele, há um punhado de rubis.

— Nós estamos ricos, amigos! Isso é um banho quente e barriga cheia para todos nós!

Kartik me olha, desconfiado.

— Esse foi um estranho surto de boa sorte.

— Sim, foi mesmo.

— E acredito que não tenha sido por sua causa.

— Certamente, não sei do que você está falando. — Digo.

E é assim que a mudança acontece. Um gesto. Uma pessoa. Um momento de cada vez.

***

Freya nos leva à Spence. A Lua Nova ajuda um pouco, mas a égua sabe o caminho e não temos mais nada para fazer além de montarmos e relaxarmos depois de nossa aventura noturna.

— Gemma. — Kartik diz depois de um longo tempo. — Eu cumpri a minha parte do acordo, agora você deve me dizer o que sabe sobre o Amar.

— Ele falou comigo, disse para eu lhe dar um recado.

— Que recado?

— Ele disse para você colocar o coração acima de tudo, que só assim você encontrará sua honra e seu destino. Isso significa alguma coisa para você?

— É algo que ele diria de tempos em tempos; que os olhos podem ser enganados, mas que o coração não mente.

— Ainda resta uma parte do seu irmão, então.

— Seria melhor se não tivesse sobrado nada.

Nós ficamos quietos novamente. A estrada fica mais lisa. Eu estou tão cansada que minha cabeça desce no ombro de Kartik.

— Desculpe. — Eu digo, bocejando.

— Tudo bem, pode encostar. — Ele responde suavemente e minha cabeça encosta em seu ombro de novo. Meus olhos estão pesados. Eu poderia dormir por vários dias. O cemitério passa à nossa esquerda. Os corvos se empoleiram nas lápides e, pouco antes de meus olhos fecharem, eu acho que vejo uma luz vacilante. Os corvos desaparecem dentro dela e tudo na colina fica escuro e silencioso como a morte.

39

A MANHÃ COMEÇA AGITADA. UMA ALTA GRITARIA vem do gramado. Há algum problema e problema nos atrai tanto quanto um carnaval de camelôs. Quando eu abro minha janela e ponho minha cabeça para fora, consigo ver pelo menos outras doze pessoas colocando a cabeça para fora de suas janelas, incluindo Felicity. É tão cedo que a senhorita McCleethy ainda está usando camisola e um gorro na cabeça. A Sra. Nightwing está usando seu habitual vestido preto com aquele enchimento na parte de trás. Tenho certeza que ela dorme com ele. Pelo que eu sei, ela nasceu usando um espartilho.

Sr. Miller está segurando um dos braços de Mãe Elena, mas, no outro, ela tem um balde cheio de sangue.

— Nós encontramos a vândala e, como eu disse, era um deles! — ele grita.

— Agora, senhor Miller, tire as suas mãos dela. — Sra. Nightwing demanda.

— Você não vai querer ter dito isso, senhora, quando ouvir o que ela fez. Foi ela quem pintou aquelas marcas de bruxaria. E vai saber o que mais ela fez além disso.

O rosto de Mãe Elena está esquelético, o vestido dela parece estar ainda maior em seu corpo.

— Eu estou tentando nos proteger!

Os ciganos chegam todos de uma vez ao gramado, atraídos pela gritaria. Kartik está logo atrás deles, colocando seus suspensórios, com a camisa só meio-abotoada. Eu sinto um calor se espalhando por meu estomago.

Uma das ciganas dá um passo à frente.

— Ela não está bem.

O Sr. Miller não solta o braço de Mãe Elena.

— Ninguém vai sair daqui até os ciganos contarem onde estão Tambley e Johnny.

— Nós não os pegamos. — Ithal marcha pelo gramado, puxando suas mangas para cima, como se fosse brigar. Ele segura o outro braço de Mãe Elena.

O Sr. Miller dá um forte puxão na idosa, fazendo-a tropeçar.

— Que tipo de pessoas fica viajando o tempo todo? — ele grita. — Pessoas que não merecem confiança! São essas as pessoas que não têm um lugar fixo! Nem um pouco melhores do que os selvagens das florestas! Eu vou perguntar mais uma vez: onde estão

meus homens?

— Já chega! — a Sra. Nightwing grita com sua potente voz de diretora, calando a todos. — Senhor Miller, Mãe Elena não está bem e seria melhor se você deixasse que os ciganos cuidassem dela. Quando ela estiver bem o suficiente para viajar, eu espero não vê-la mais por aqui. — ela se vira para Ithal. — Os ciganos não serão mais bem-vindos em nossas terras. E, quanto a você, senhor Miller, você tem trabalho para fazer, não tem?

— Eu vou ter meus homens de volta antes de vocês partirem. — o Sr. Miller rosna para Ithal. — Ou vou pegar um de vocês em troca.

***

Mais tarde, a Sra. Nightwing cede à compaixão e nos põe para ajudar Brigid a fazer uma cesta com comida e remédios para Mãe Elena.

— Mãe Elena está aqui há tanto tempo quanto eu. — nossa diretora diz, colocando um pote de ameixas conservadas dentro da cesta. — Eu me lembro de quando Ithal era um garotinho. Eu odeio pensar neles indo embora.

Brigid dá uns tapinhas no ombro de Nightwing, que fica tensa com a simpatia.

— Ainda assim, isso não é o suficiente para perdoar o vandalismo.

— Pobre velha louca. — Brigid diz. — Ela está tão gasta quanto meu lenço.

O rosto de nossa diretora expressa arrependimento por um momento. Ela põe uma lata extra com alguma coisa cortada em pequenos triângulos.

— Agora, alguém se voluntaria para levar isso para...

— Eu vou! — eu grito imediatamente e passo meu braço pela alça da cesta antes que outra pessoa o faça.

O céu anuncia chuva, as nuvens se aglomeram em um grupo furioso, prontas para liberar sua fúria. Agarrando-me à cesta, eu corro pelas florestas em direção ao acampamento cigano. As ciganas não estão felizes com a minha visita. Elas cruzam os braços e me olham desconfiadas.

— Eu trouxe comida e medicamentos para Mãe Elena. — explico.

— Nós não queremos sua comida. — uma mulher mais velha, com moedas douradas adornando sua longa trança, diz — É *marime*, impuro.

— Eu só quero ajudar. — eu digo.

Kartik fala com a mulher em Romeno. A conversa é acalorada — eu ouço a palavra *gadje*[58] falada com amargura — e vez ou outra eles olham para mim, as sobrancelhas sempre franzidas. Mas, por fim, a mulher com as longas tranças me deixa ver Mãe Elena, eu corro para a carroça dela e toco o sininho amarrado a uma corda.

— Entre. — ela chama com a voz fraca.

A carroça cheira a alho. Várias cabeças de alho estão na mesa, ao lado de um pilão e argamassa[59]. As paredes estão decoradas com prateleiras que abrigam ervas e extratos em

[58] Forasteiro - termo ofensivo para quem não é cigano.

[59] Objetos usados na moagem de coisas sólidas, como grãos, especiarias, etc: http://tinyurl.com/3ndqvvs

potes de vidro. Há pequenos amuletos de metal também e eu fico surpresa ao ver uma pequena estátua de Kali[60] colocada entre duas garrafas, apesar de eu já ter ouvido que os ciganos vieram da Índia há muito, muito tempo. Eu passo meus dedos pela estatueta — os quatro braços, a língua comprida, a cabeça de demônio em uma das mãos e a espada ensangüentada, em outra.

— O que você está olhando? — Mãe Elena pergunta. Eu vejo o rosto dela através de uma grande garrafa, as feições distorcidas pelo vidro.

— Você tem a imagem de Kali. — respondo.

— A Terrível Mãe.

— A deusa da destruição.

— Da destruição da ignorância. — Mãe Elena diz, me corrigindo. — É ela que nos ajuda a andar pelo fogo do conhecimento, a conhecermos nossas trevas, que nós não devemos temê-las, mas sermos livres com elas, por que há tanto caos quanto ordem dentro de nós. Chegue mais perto para eu poder vê-la. — ela senta na cama, embaralhando distraidamente um maço de velhas cartas de tarô. A respiração dela é pesada. — Por que você veio?

— Eu trouxe comida e remédio da senhora Nightwing. Mas eles me disseram que você não vai comer.

— Eu sou uma mulher velha e faço o que eu bem entender. — ela faz um gesto para eu abrir a cesta. Eu lhe dou o queijo.

Ela o cheira e faz uma careta. Eu o tiro de perto dela e pego o pão, para o qual ela concorda. Ela tira pequenos pedaços dele com suas mãos magras e enrugadas.

— Eu tentei avisá-las. — ela diz de repente.

— Você tentou avisá-las sobre o que?

As mãos dela sobem para o cabelo — que precisa de uma boa escovada.

— Carolina morreu no incêndio.

— Eu sei. — digo, engolindo o formigamento em minha garganta. — Isso foi há muito tempo.

— Não. O que é passado nunca passa. Não acabou ainda. — ela murmura. Ela engasga com o pão e eu a dou um copo de água, ajudando-a a dar pequenos goles até que as tosses cessem. — O que é possível ser aberto por um lado, pode se abrir do outro também. — ela sussurra, esfregando o talismã que está pendurado em seu pescoço.

— O que você quer dizer?

Os cachorros latem. Eu ouço Kartik acalmando-os e uma das ciganas brigando com ele por estar mimando-os.

— Um deles trará os mortos até nós.

Eu sinto um calafrio subir por minha coluna.

— Um deles trará os mortos? — eu repito. — Quem?

Mãe Elena não responde. Ela vira uma de suas cartas de tarô. É a imagem de uma alta torre sendo atingida por um raio. Há chamas saindo pelas janelas e duas desafortunadas

[60] Uma das divindades mais cultuadas no Hinduísmo: http://tiny.cc/8rrmi

pessoas caindo em direção às rochas no chão.

Eu ponho meus dedos na horrível carta, como se pudesse mudar o que está acontecendo ali.

— Destruição e morte. — Mãe Elena explica. — Mudança e verdade.

A porta da barraca se abre subitamente, me assustando. A cigana com as longas tranças negras me olha com desconfiança. Ela faz uma pergunta, em sua língua nativa, à Mãe Elena. Mãe Elena responde.

A mulher segura o pano que serve de porta para a tenda aberto.

— Chega. Ela não está bem. Você tem que ir agora. Leve a cesta com você.

Com o rosto vermelho de vergonha, eu me inclino para pegar a cesta, mas Mãe Elena segura meu braço.

— A porta deve permanecer fechada. Diga a elas.

— Sim, eu vou dizer. — eu digo e ando rapidamente para fora da carroça. Ao passar por Kartik, eu o chamo com um movimento com a cabeça. Ele me segue, com os cachorros logo atrás, até estarmos longe o suficiente do acampamento e da Spence, onde ninguém pode nos ver.

— O que Mãe Elena tinha a dizer? — ele pergunta.

Os cachorros farejam o chão. Eles estão agitados. Um trovão retumba ao longe. O ar tem aquele cheiro acobreado da chuva e o vento sopra furiosamente, bagunçando meu cabelo.

— Ela acha que a Ala Leste está amaldiçoada, que ela trará morte. Que alguém quer que eles venham.

— Quem? — ele pergunta.

— Eu não sei. Eu não entendo o que ela está querendo dizer.

— Ela está muito doente. — Kartik explica. — De noite, ela ouviu uma coruja piando; isso é um prenúncio de morte. Talvez ela não sobreviva até o verão.

— Sinto muito. — eu digo.

Um dos cachorros põe suas patas em minhas saias e se estica, pedindo carinho. Eu coço gentilmente o espaço atrás de suas orelhas e ele lambe minha mão. Kartik afaga o pêlo do cachorro e nossos dedos se tocam rapidamente. Eu sinto uma corrente elétrica passar por todo meu corpo.

— Eu tive um novo sonho noite passada. — ele diz, procurando por alguém que possa estar por perto. Quando ele tem certeza de que nós não podemos ser vistos, ele se aproxima e beija minha testa, minhas pálpebras e, finalmente, minha boca. — Eu estava em um jardim. Havia pétalas brancas caindo das árvores. É o lugar mais bonito que eu já vi.

— Você descreveu os reinos. — eu digo, tentando falar com os lábios dele sobre os meus. — E eu estava nesse sonho?

— Sim. — ele diz, não me dando mais nada, apenas uma trilha de beijos descendo por meu pescoço, me deixando um pouco tonta.

— Foi horrível? — eu me esforço para falar, por que, de repente, estou com medo do que ele possa ter visto.

Ele balança a cabeça lentamente, com um sorriso malicioso nos lábios.

— Eu preciso ver esses reinos pessoalmente.

O trovão soa mais perto, deixando pequenas linhas de luz no céu. Grandes pingos de chuva atravessam as árvores e pingam em meu rosto. Kartik ri e enxuga as gotas de minhas bochechas com as costas de sua mão.

— É melhor você entrar.

Quando eu chego ao topo da ladeira, a chuva está caindo com toda força, mas eu não ligo. Estou sorrindo como uma idiota. Eu abro meus braços e levanto o rosto para o céu, recebendo de bom grado os beijos molhados. *Olá chuva! Feliz primavera para você!* Eu pulo em cima de uma poça de água fresca e gargalho quando a sujeira se espalha pela frente de meu vestido.

Os homens do Sr. Miller não estão tão felizes. Eles correm dentro de seus chapéus e casacos com os ombros curvados até as orelhas, tentando evitar o contato entre o vento gelado e seus pescoços sujos. Eles recolhem as ferramentas e gritam uns para os outros por cima do barulho.

— Não é tão ruim assim, na verdade. — eu digo, como se eles pudessem me escutar. — Vocês deveriam se jogar nela. Faria bem a vocês se...

Vem tão de repente que eu quase engasgo. Em um momento, estou vendo a torre e os homens e, no outro, eles estão deslizando lateralmente. Eu estou em um túnel, sendo puxada rapidamente, e, então, estou dentro da visão.

Estou em um cômodo pequeno. Um cheiro forte me dá vontade de vomitar. Pássaros piam. Wilhelmina Wyatt escreve nas paredes como uma mulher possuída. A luz é muito fraca. E o que eu vejo pula tanto quanto um brinquedo de corda.

As palavras: *Sacrifício*. *Mentiras*. *Monstro*. *Nascimento de Maio*.

A cena muda e eu vejo a pequena Mina com Sarah Rees-Toome.

— O que você vê no escuro, Mina? Mostre-me.

Eu vejo Mina no gramado posterior da Spence, sorrindo para as gárgulas. E então a vejo desenhado uma réplica perfeita da Ala Leste, desenhando as linhas que estão marcadas na terra hoje. A cena desaparece e agora Wilhelmina escreve uma carta, as letras marcadas com fúria: *Você ignorou meus avisos... Eu te desmascararei...*

— Senhorita? Senhorita? — minhas pálpebras tremulam por um único segundo para ver os homens do Sr. Miller amontoados ao meu redor e, então, estou de volta ao cômodo mal-iluminado. Wilhelmina está sentada no chão, a adaga nas mãos. A adaga! Ela pega um rolo de couro, de onde tira uma seringa e pequenos frascos. Ela, cuidadosamente, enrola a adaga com o pedaço de couro. Então é aí que ela está! Tudo que eu preciso fazer é...

Wilhelmina dobra suas mangas para cima, expondo seu braço. Ela sente as veias no interior de seu cotovelo com os dedos, enfia a seringa ali e aperta o êmbolo. Eu sinto uma agitação dentro de mim.

— Senhorita! — alguém grita.

Eu volto a mim mesma no gramado, ensopada pela chuva. Meu coração bate loucamente,

fora de seu ritmo normal. Meus dentes rangem. Uma estranha alegria me domina.

— Ela está sorrindo, isso deve significar que ela está bem. — um dos homens diz.

Eu me sinto muito estranha. A cocaína. Eu me liguei a Wilhelmina Wyatt. Eu sinto o que ela faz. Mas, como? A magia. Está mudando. Está mudando o que vejo e sinto.

Os homens colocam meus braços em seus ombros e meio me arrastam e meio me carregam até a cozinha de Brigid.

— Maria Mãe de Deus, o que aconteceu? — Brigid pergunta. Ela me senta em uma cadeira perto do fogo e espanta os homens de perto.

— Nós a encontramos no bosque, tendo alguma coisa parecida com uma convulsão. — um homem diz.

Uma convulsão. Igual a Pippa. Sim, é isso. Eu tive uma convulsão. Dou risada, apesar de sentir que não é certo estar rindo.

— Ela está bem? — outro pergunta, se afastando.

— Vão embora. Voltem para seus trabalhos de homem e deixem isso para, nós, mulheres. — Brigid cacareja e eu vejo o alivio que eles sentem por não precisarem estar envolvidos com isso. A cozinha. As risadas. A convulsão. Os mistérios que só as mulheres conhecem.

Uma colcha é jogada sobre meus ombros. A chaleira é posicionada. Eu ouço o fósforo ser riscado e o fogão, aceso.

— Você está agitada como um gato. — Brigid reclama.

A Sra. Nightwing foi chamada. Ela chega perto e eu instintivamente me afasto. *Eu vi a carta de minha visão no armário dela.* Será que Wilhelmina estava tentando me alertar sobre Nightwing?

— Agora, que confusão é essa? — minha diretora pergunta.

— Nada. — eu rosno.

Ela tenta colocar a mão em minha testa, mas eu me esquivo.

— Fique parada, senhorita Doyle, por favor. — ela comanda, soando cruel.

— Eu quero que só a Brigid me ajude. — eu digo.

— Ah, é? — os olhos de Nightwing se estreitam. — Brigid não é a diretora da Academia Spence, *eu* sou.

Ela derrama um liquido nojento em uma colher.

— Abra, por favor.

Quando eu não abro, Brigid separa meus lábios à força e o óleo gosmento escorre por minha garganta até eu que eu quase vomito.

— Você me envenenou! — eu digo, passando uma mão sobre meus lábios.

— É só óleo de fígado de bacalhau. — Brigid murmura, mas eu não tiro meus olhos da Sra. Nightwing.

— Eu te desmascararei. — eu digo, alto.

A Sra. Nightwing se vira para mim.

— O que você disse?

— Eu te desmascararei. — repito.

A surpresa momentânea no rosto de Nightwing se transforma em calma.

— Eu acho que a senhorita Doyle deveria passar o resto do dia na cama, até que ela esteja se comportando mais como si mesma, Brigid.

***

Apesar de ser mandada para cama, eu não consigo dormir. É como se alguém tivesse soltado um formigueiro sob minha pele. À tarde, meus músculos estão doloridos e minha cabeça pulsando, mas não estou mais me sentindo dominada pelo hábito de Wilhelmina. Eu não gostei dessa visão e estou com medo de ter outra como essa.

A própria Sra. Nightwing me trás o chá em uma bandeja.

— Como você está se sentindo?

— Melhor. — eu sinto o cheiro de torradas amanteigadas e percebo como estou faminta.

— Açúcar? — ela pergunta, a colher pairando sobre o pote.

— Sim. Três... Duas colheres, por favor.

— Você pode ter três, se quiser. — ela diz.

— Tudo bem. Três então. Obrigada. — digo, engolindo os pedaços da torrada com mais velocidade do que se é educado. A Sra. Nightwing examina meu quarto e, finalmente, senta, se empoleirando na pontinha, como se o assento estivesse cheio de tachinhas.

— O que você quis dizer, mais cedo, com aquele aviso? — ela pergunta. O olhar dela é penetrante. A torrada de repente se torna um caroço difícil de ser engolido.

— Que aviso? — pergunto.

— Você não se lembra do que disse?

— Temo que eu não me lembre de nada. — eu minto.

Ela sustenta meu olhar por um longo tempo, então, oferece leito para o chá e eu aceito.

— Mãe Elena disse por que fez aquelas marcas? — ela pergunta, mudando de assunto.

— Ela acredita que eles vão nos proteger. — eu digo cuidadosamente. — Ela acredita que alguém esteja tentando trazer os mortos de volta.

Minha diretora não expressa qualquer emoção.

— Mãe Elena não está bem. — ela diz, descartando o que contei.

Eu mantenho minha atenção na colher em minha bebida.

— Senhora Nightwing, por que você está reconstruindo a Ala Leste?

A Sra. Nightwing se serve de uma xícara de chá, sem leite, açúcar ou qualquer outra coisa para adocicá-lo.

— Temo que eu não esteja entendendo o que você quer dizer.

— Já se passaram vinte e cinco anos desde o incêndio. — digo. — Por que agora?

A Sra. Nightwing puxa um fio solto de sua saia e alisa o tecido já perfeitamente alinhado.

— Demoraram muitos anos para nós conseguirmos arrecadar fundos suficientes, se não nós teríamos feito isso antes. Eu estou esperando que a restauração da Ala Leste tire as teias de aranha de nossa reputação e nos dê uma nova estima. — ela dá um pequeno gole em seu chá e faz uma careta, mas, por mais que seja obvio que ele está muito amargo, ela não pega o

pote de açúcar. — Todos os anos eu perco garotas à escolas mais recentes, tais como a Miss Pennington. A Spence é vista como uma debutante que já está velha; sua fortuna está menor. Essa escola vem sendo o trabalho da minha vida, eu preciso fazer tudo que posso para vê-la continuar.

"Senhorita Doyle?" — o olhar penetrante da Sra. Nightwing está de volta. Eu me forço a fazer uma expressão agradável. — Eu não quis ser tão franca, mas eu sinto que você é de confiança, senhorita Doyle. Você tem suportado sua própria cota de sofrimento. Isso dá razão às pessoas, cria um caráter. — ela me dá um sorriso minúsculo.

— E você também confia na senhorita McCleethy? — eu aperto fortemente a xícara de chá, evitando os olhos dela.

— Mas que pergunta. É claro que sim. — ela responde.

— Como uma irmã, você diria? — eu pressiono.

— Como uma amiga e uma colega. — Sra. Nightwing rebate.

— E Wilhelmina Wyatt? Você confiava nela? — apesar do chá, sinto minha garganta seca.

Nesse momento, eu me atrevo à olhar para minha diretora. Os lábios dela estão contraídos em uma linha severa.

— Onde você ouviu esse nome?

— Ela era uma garota da Spence, não era? Sobrinha da Sra. Spence?

— Ela era. — Sra. Nightwing diz, com os lábios ainda contraídos.

— Por que ela não aparece por aqui? — eu digo, fingindo inocência. — Já que ela é uma das filhas da qual Spence tem orgulho.

— Eu temo que ela não fosse um orgulho, mas sim um desapontamento. — a diretora funga. — Ela tentou nos impedir de reconstruir a Ala Leste.

— Mas por que ela faria isso?

A Sra. Nightwing dobra seu guardanapo meticulosamente e o deposita na bandeja.

— Eu não saberia dizer. Afinal, foi sugestão dela que nós começássemos com a restauração.

— Sugestão da senhorita Wyatt? — eu pergunto confusa.

— Sim. — a Sra. Nightwing dá um golinho no chá. — E ela levou algo que pertencia a mim.

— Pertencia a você? — digo. — O que era?

— Uma relíquia que foi confiada à meus cuidados. Uma peça valiosa. Mais chá? — a Sra. Nightwing levanta a chaleira.

— Era uma adaga? — pressiono.

Minha diretora empalidece.

— Senhorita Doyle, eu vim para lhe oferecer chá, não para ser interrogada. Você quer mais chá ou não?

— Não, obrigada. — respondo, colocando minha xícara na bandeja.

— Tudo bem, então. — ela diz, recolhendo tudo. — Descanse. Tenho tanta certeza de

que você estará ótima amanha, quanto que a chuva virá pela manhã, senhorita Doyle.

E, com isso, a Sra. Nightwing leva a bandeja embora, me deixando com mais perguntas do que respostas. Como sempre.

***

Eu estou muito agitada para dormir. Estou com medo de meus sonhos e apavorada com a idéia de ter outra visão. E eu não comi nada além de torrada, estou muito faminta. Vou acabar comendo as roupas de cama.

Protegendo a chama de minha vela com a mão, eu ando nas pontas dos pés pelos corredores frios e escuros da Spence e desço até a cozinha. A coleção dos estranhos amuletos de Brigid ainda está ali. Os ramos de sorva na janela, a cruz na parede. Espero que ela não tenha deixado comida para as fadas. Eu remexo na despensa e encontro uma maçã que está só um pouco machucada.

Eu a devoro com enormes mordidas. E começava a trabalhar em um pedaço de queijo quando ouço as vozes. Eu apago minha vela e ando silenciosamente pelo corredor. Luzes fracas saem pela pequena abertura na porta do grande salão.

Alguém está descendo. Eu me escondo nas sombras da escada e tremo na escuridão, imaginando quem possa ser a essa hora.

A Srta. McCleethy desce em sua camisola, carregando uma vela. O cabelo dela está espalhado por seus ombros. Eu me pressiono contra a parede até sentir que minha coluna vai quebrar.

Ela entra no salão, deixando a porta ligeiramente aberta.

— Eu me deixei entrar. — é a voz de um homem.

— Dá para notar. — McCleethy responde.

— Ela está na cama, tendo doces sonhos?

— Sim.

— Tem certeza? — o homem zomba. — Ela me fez uma visitinha perto do Tamisa noite passada. Ela e o Irmão Kartik.

Fowlson!

— Ela esteve mentindo para você, Sahirah. A magia está toda com ela. Eu senti pessoalmente a força dela. — Fowlson se levanta, eu vejo a sombra dele na parede.

— Você acha que eu não sei que ela a tem? — Srta. McCleethy responde, a voz dura como aço. — Nós ainda a teremos. Tenha paciência.

— Ela é perigosa, Sahirah. Imprudente. Ela nos arruinará. — Fowlson insiste.

A sombra de Srta. McCleethy se aproxima da de Fowlson.

— Ela é só uma garota.

— Você a subestima demais. — ele responde, com a voz mais suave.

As sombras se aproximam ainda mais.

— Quando nós terminarmos de reconstruir a torra da Ala Leste, a porta secreta se iluminará para nós e então teremos o controle dos reinos e da magia mais uma vez.

— E depois? — Fowlson pergunta.

— Depois...

A cabeça de Fowlson se abaixa em direção a de Srta. McCleethy. Os rostos deles se encontram e se misturam na sombra da parede. Meu estomago se contrai de raiva pelos dois.

— Você é um pouquinho louca, Sahirah. — Fowlson diz.

— Você costumava gostar dessa qualidade minha. — ela ronrona.

— Eu não disse que não gosto mais.

A conversa deles se transforma em sussurros e suspiros que sinto em minha barriga, me fazendo corar.

— Eu preciso disso, Sahirah. — Fowlson diz suavemente. — Se eu for o único deles a fazer parte da Ordem, vou valer o quanto realmente deveria. Eles vão me considerar um grande homem. Eu não quero ser o cara que faz os trabalhos braçais para sempre. Eu quero me sentar na mesa como um homem respeitável e ter meu próprio poder.

— Você terá tudo isso. Eu prometo. Deixe comigo. — Srta. McCleethy responde.

— Irmão Kartik é um problema. Ele tentou marcar um encontro. E se meu senhor descobrisse que eu deixei Kartik ir ao invés de matá-lo, como me foi mandado?

— Seu chefe nunca descobrirá, mas eu preciso de Kartik agora.

Eu prendo a respiração. E se eles quiserem machucá-lo? Eu tenho que ir até ele, avisá-lo...

— Eu e ele temos nosso acordo. — Srta. McCleethy continua. — Ele não pode esquecer que fui eu quem negociou a vida dele com você, quem deu abrigo para ele em Londres por todos aqueles meses até que ele estivesse bem. Agora ele está em divida comigo e obedecerá a mim.

— Era para ele espiar a garota e nos contar tudo ao invés de mentir para nós.

— Eu vou falar com ele. — McCleethy promete.

O peso daquelas palavras me faz escorregar até o chão. Srta. McCleethy no Salão Egípcio. A figura nas sombras. Era Kartik, enviado para *me* espionar. A bile, quente e ácida, sobe por minha garganta.

— Vai ser preciso mais do que palavras. Deixe que eu tire o couro dele de novo. É assim que as coisas são feitas, Sahirah.

— É assim que as coisas são feitas para *você*. — Srta. McCleethy diz. — Eu vou manter os meus métodos.

— Você tem certeza que ela não suspeita de nada?

— Nem um pouco. — A voz da Srta. McCleethy é segura como sempre.

Há o barulho de botas arrastando pelo chão. Eu fico sentada, entorpecida, no escuro enquanto Srta. McCleethy leva Fowlson até a porta e sobe as escadas até seu quarto. Eu fico ali por mais um tempo, sem conseguir me mover. E, quando sinto minhas pernas novamente, eu marcho até a casa de barcos, onde sei que o encontrarei.

Eu não me decepciono, ele está lá, lendo um dos livros de Homero à luz do lampião.

— Gemma! — ele chama, mas o sorriso dele se desfaz ao ver minha expressão. — Qual

o problema?

— Você mentiu para mim; e não tente negar! Eu *sei*! — digo. — Você está trabalhando para *eles*!

Ele não tenta fingir inocência ou dar uma desculpa para se safar, exatamente como eu sabia que ele não faria.

— Como você descobriu? — ele pergunta.

— Esse não é o ponto, é? — eu rosno. — Essa era a *outra parte* que você não quis me contar quando nós estávamos sentados no cais? Um pouco antes de você...

Me beijar.

— Sim. — ele diz.

— Então você estava trabalhando para eles e me beijando?

— Eu não queria trabalhar para eles. — ele argumenta. — Eu queria beijar você.

— Eu deveria desmaiar agora?

— Eu não disse nada a senhorita McCleethy. Era por isso que eu continuava te afastando; para não ter nada para contar a ela. Eu sei que você está muito brava comigo, Gemma, eu entendo, mas...

— Entende mesmo? — a magia se contorce em minha barriga. Eu poderia fazer tudo isso desaparecer, mas eu não conseguiria. Não de verdade. Não definitivamente. Eu ainda saberia. Eu uso toda a minha concentração para refrear a magia e ela se acalma dentro de mim, uma cobra adormecida. — Só me diga por que.

Ele senta no chão, apoiando os braços nos joelhos dobrados.

— Amar era tudo que eu tinha nesse mundo. Ele era um bom homem, Gemma. Um bom irmão. Pensar nele, preso nas Terras Invernais, condenado por toda a eternidade... — ele deixa a frase morrer. — E então eu tive aquela visão horrível quando Fowlson... — ele engole com dificuldade. — ...me torturou. Ele teria me matado e, naquele momento, eu não teria me importado. Foi a senhorita McCleethy que o impediu. Ela me disse que, com a ajuda dela, eu poderia salvar Amar. Que eu poderia te salvar. Mas ela precisa saber o que você estava fazendo. Ela sabia que você não contaria.

— Por uma boa razão. — eu alfineto.

— Eu pensei que poderia salvar vocês dois. — ele diz.

— Eu não precisava ser salva! Eu precisava confiar em você!

— Desculpe. — ele diz simplesmente. — As pessoas cometem erros, Gemma. Nós fazemos as coisas erradas pelas razões certas e as atitudes certas pelas razões erradas. Se você quiser, eu irei até McCleethy amanhã e direi que não trabalho mais para ela.

— Ela mandaria o Fowlson atrás de você. — eu o lembro.

Ele dá os ombros.

— Deixe que ele venha.

— Você não precisa ir até McCleethy. — eu digo, puxando um fio solto de minha camisola e a descosturando ainda mais. — Se não ela saberá que eu sei. Em todo caso, eu não vou mais te contar meus segredos. E você está errado. Amar não era tudo o que você tinha

nesse mundo. — digo, piscando para as vigas de madeira da casa de barcos. — Você só não tinha fé em mim.

Ele balança a cabeça, aceitando o golpe e, então, o rebate com outro.

— Eu me pergunto se você se deixa ter fé em qualquer pessoa.

As palavras de Circe ecoam em minha cabeça: *Você virá até mim quando não tiver mais ninguém em quem confiar*.

— Eu estou indo e não vou voltar. — eu caminho confiante até a porta e a empurro com toda minha força, deixando-a bater na parede da casa de barcos.

Kartik corre atrás de mim e segura minha mão.

— Gemma… — ele diz. — Você não é a única alma perdida desse mundo.

A vontade de me agarrar a mão dele é tentadoramente atrativa. Mas eu não posso.

— Você está errado. — eu liberto meus dedos dos dele, fecho minha mão, pressionando-a contra meu estomago, e corro para a porta secreta.

À caminho do templo, eu passo por Neela, Creostus e outros dois centauros nos campos de papoulas. Eles têm uma grande cesta cheia de papoulas e estão discutindo o preço com os Hajin.

— Está aqui para negociar com os Hajin? — Neela zomba.

— O que eu faço ou deixo de fazer não é da sua conta. — eu rebato.

— Você prometeu dividir a magia conosco. — ela diz, se transformando em uma perfeita réplica de mim e voltando a sua própria aparência.

— Eu vou dá-la a vocês quando eu quiser. — digo. — *Se* eu quiser. Por que, como vou saber se vocês não estão se aliando às criaturas das Terras Invernais?

Os lábios dela se repuxam sobre os dentes em um rosnado.

— Você está nos acusando?

Quando eu não respondo, Creostus entra na conversa.

— Você é exatamente como as outras.

— Vá embora. — digo, mas sou eu quem parte, passando pelas montanhas até chegar ao poço da eternidade.

Eu ponho minhas mãos na borda e olho diretamente para o rosto sereno de Circe.

— Eu quero que você me conte tudo o que sabe sobre a Ordem e os Rakshana. Sem exceções. — digo. — E, então, quero que você me diga como posso me tornar dona da magia.

— O que aconteceu? — ela pergunta.

— Você estava certa. Eles estavam armando contra mim. Todos eles. Eu não vou deixar que eles tirem meu poder de mim.

— Fico feliz em ouvir isso.

Empoleiro-me na borda do poço, trazendo as pernas até meu peito. A barra da minha camisola bóia na água, fazendo eu me lembrar das flores fúnebres colocadas no Rio Ganges.

— Estou pronta. — eu digo mais para mim mesma do que para ela.

— Eu preciso saber de uma coisa antes. Da ultima vez que a vi, você estava indo para as

Terras Invernais. Conte-me, você encontrou a Arvore de Todas as Almas?

— Sim.

— E era tão poderosa quanto o Templo?

— Sim. — eu conto a ela. — A magia é diferente, mas extraordinária.

— O que ela te mostrou? — ela pergunta e um fraco sussurro ecoa na caverna.

— Eugenia Spence. Ela está viva. — respondo.

Circe fica tão quieta que eu me pergunto se *ela* morreu.

— O que ela queria? — ela pergunta, finalmente.

— Ela quer que eu encontre algo para ela. Uma adaga.

Há uma pausa.

— E você a encontrou?

— Eu respondi perguntas o suficiente. Agora você deve responder as minhas. — eu repreendo. — Me ensine.

— Isso vai custar mais mágica. — ela murmura.

— Sim, eu vou pagar. Mas para que você a quer? — eu emendo. — O que você pode fazer com ela, se não consegue sair do poço?

A voz dela vem do fundo.

— Por que você se importa? Isso é um jogo de xadrez, Gemma. Você quer vencer ou não?

— Eu quero vencer.

— Então preste atenção...

Eu passo horas sentada ao lado de Circe, ouvindo até entender, até parar de temer minha força, até algo sentir que algo lá no fundo se libertou. E então, quando saio do Templo, eu não sinto mais medo do poder que está dentro de mim. Eu o venero. E eu vou me fechar e defendê-lo sem piedade.

Eu caminho pelos salgueiros e ouço o galope do cavalo de Amar, correndo logo atrás de mim. Eu não fujo. Eu fico e me viro para enfrentá-lo. Ele se aproxima; a respiração gelada do cavalo bate em meu rosto.

— Eu não vou me deixar ser afugentada. — eu digo a ele.

— O nascimento de Maio, mortal, é isso que você deve temer. — ele responde e cavalga para longe envolto por uma nuvem de pó.

Corvos pousam nos salgueiros. Eu me movo entre eles como uma rainha passando por seus súditos e eles agitam suas asas negras, grasnando para mim. O choro deles aumenta, fazendo as árvores estremecerem como a lamentação dos condenados.

ATO IV

Meia-Noite

Pelo formigamento em meus dedos,
Sei que algo ruim está chegando.

— MACBETH.

40

EM MAIO, A EXPOSIÇÃO ANUAL DA ACADEMIA REAL DAS ARTES irá dar o tradicional início ao começo da Temporada Londrina. O Parlamento se iniciará e várias famílias irão infestar sua querida cidade para festas e chás, concertos, corridas de cavalos e todos os tipos de entreterimento. Mas o começo não-oficial dessas festividades é o baile de Lady Markham em homenagem ao debute de Felicity. Para a ocasião, Lady Markham alugou um magnífico salão no West End, que foi ricamente enfeitado com um estilo que faria jus a um sultão. Dar essas festas é um esporte secreto e cada uma dessas anfitriãs está competindo ferozmente contra as outras para ver qual delas dará a festa mais brilhante e luxuosa de todas. E Lady Markham quer estar bem no topo dessa lista.

Enormes palmeiras ladeiam o salão do baile. Mesas foram postas com guardanapos de linho branco e talheres de prata que brilham como o tesouro de um pirata. Uma orquestra toca discretamente por detrás de uma grande tela vermelha enfeitada com dragões chineses. Todos os tipos de entreterimento estão à disposição: um engolidor de fogo usando um turbante e com o rosto pintado de azul, como o de Krishna, sopra uma espessa pluma laranja por seus lábios franzidos, fazendo os convidados arfarem deliciados. Três mulheres de Sião, em vestidos franzidos e sandálias, executam, entrelaçadas, uma dança lenta e elaborada. Elas parecem ser um só corpo com vários braços. Os homens se agrupam ao redor das dançarinas, maravilhados com seus encantos vibrantes.

— Que vulgar. — Minha dama de companhia, Sra. Tuttle, diz. Vovó pagou um bom preço por seus serviços esta noite e eu estou começando a perceber que Sra. Tuttle é o pior tipo de dama de companhia que alguém poderia querer: pontual, exigente e atenta até demais.

— Eu gosto delas. — Digo. — Na verdade, acho que vou aprender a dançar como elas. Talvez esta noite.

— Você não fará nada deste tipo, senhorita Doyle. — Ela diz, como se isso encerrasse o assunto, quando não encerra nada.

— Eu farei o que eu quiser, Sra. Tuttle. — Eu digo docemente. Discretamente, faço um movimento com a mão e as saias dela se agitam, expondo suas anáguas e pantalonas.

Com um arquejo, ela empurra a fronte de seu vestido para baixo e a parte de trás sobe também.

— Ah, Deus! — Ela se inclina para controlar a parte de trás, mas a fronte sobe novamente. — Oh! Isso... Eu... Com licença.

A Sra. Tuttle corre para o vestíbulo feminino, segurando suas saias rebeldes.

— Espero ansiosamente por sua volta. — Eu murmuro à suas costas.

— Gemma!

Felicity está logo ali com sua dama de companhia, uma mulher alta com um bico no lugar do nariz.

— Não é maravilhoso? Você viu o engolidor de fogo? Eu estou tão feliz que a minha festa será o assunto da temporada. Eu não consigo ver como alguém conseguiria competir com isso!

— Está maravilhosa, Fee. Realmente maravilhosa.

— Pelo menos minha herança está a salvo agora. — Ela sussurra. — Papai e *Lady* Markham viraram grandes amigos esta noite. Ela até tratou minha mãe civilizadamente.

Ela pega meu braço e nós passeamos pelo salão, com sua dama de companhia — uma Francesa chamada Madame Lumière — três passos atrás.

— Mamãe insistiu em pagar por uma dama de companhia para esta noite. — Felicity sussurra. — Ela acha que isso nos fará parecer mais importantes.

Enquanto andamos, os homens nos avaliam como se fossemos terras a serem conquistadas, tanto por acordos quanto por batalhas.

O salão zumbe com conversas sobre caçadas e o Parlamento, cavalos e bens, mas os olhos deles nunca ficam muito tempo longe de nós. Há barganhas a serem feitas, sementes a serem plantadas. E eu me pergunto: se as mulheres não fossem filhas e esposas, mães e senhoritas, pretendentes ou celibatárias, se não fossemos vistas pelos olhos dos outros, nós existiríamos?

— Nós poderíamos gastar tempo com o bolo. — Madame Lumière sugere.

Eu não quero *gastar* tempo. Eu quero me agarrar ao que tenho e deixar minha marca no mundo.

— Oh, pobre Madame Lumière. Vá pegar um pouco de bolo para você. Eu e a senhorita Doyle esperaremos aqui até você voltar. — Felicity diz, dando um de seus sorrisos mais brilhantes. Madame Lumière promete voltar *tout de suite*[61]. No momento em que ela some de vista, nós andamos rapidamente para longe para podermos explorar as maravilhas do baile livremente.

— Você vai dançar com alguém bonito? — Eu pergunto, notando o cartão de dança de Felicity.

— Eles são todos horríveis! O velho senhor Carrington, que cheira a whisky. Um americano que perguntou se minha família é dona de alguma terra. E muitos outros pretendentes, nenhum que eu salvaria se estivessem se afogando, e muito menos aceitaria me

[61] Frase em francês que significa "imediatamente"/ "logo"

casar com um deles. E tem o Horace, é claro. — Felicity rosna baixinho. — Ele me segue como se fosse um cachorrinho choroso.

— Você o deixou completamente enfeitiçado. — Eu digo, rindo.

— Simon me disse para ser encantadora, então eu fui encantadora em todos os encontros que tive com Lady Markham e seu filho, mas não acho que eu consiga agüentar muito mais da atenção dele.

— É melhor você se preparar, por que ele está vindo para cá agora mesmo.

Eu indico a multidão de trezentas pessoas com a cabeça, onde Horace Markham abre caminho em nossa direção, levantando a mão como se fosse um homem tentando conseguir um cabriolé. Ele é alto e esguio, com vinte e três anos — de acordo com Felicity. O rosto dele é infantil e está freqüentemente corado. Eu posso dizer, com um único olhar, que, pelo modo como ele se porta — levemente inclinado e um pouco envergonhado —, não tem coragem ou, sinceramente, audácia o suficiente para conseguir acompanhar Felicity.

— Ah, Deus. — Eu digo sob minha respiração.

— De fato. — Felicity dispara.

— Senhorita Worthington. — Horace diz sem fôlego. Um cacho de cabelo sai do lugar e descansa no topo de sua testa. — Parece que nos encontramos novamente.

— É, é o que parece. — Felicity dá um olhar abatido para Horace, um sorriso recatado brincando em seus lábios.

Não é de se espantar que o pobre garoto esteja abobalhado.

— Acho que a próxima é a *polca*[62]. Você gostaria de dançá-la comigo? — Ele pergunta, mas parece mais como se estivesse implorando.

— Senhor Markham, é muito gentil da sua parte, mas nós já dançamos tantas vezes juntos que tenho medo do que as pessoas vão dizer. — Fee diz, interpretando sua personagem, e eu preciso fazer de tudo para não rir.

— Deixe que falem. — Horace estica seu colete, como se estivesse prestes a duelar para defender a honra de sua família.

— Deus! — Eu resmungo.

Felicity me dá um olhar de canto de olho que diz: *Você não faz idéia*. Lady Denby está sentada em uma mesa comendo bolo. Ela dá um olhar de desaprovação que não passa despercebido por Felicity.

— Você é tão corajoso, senhor Markham. — Fee diz, deixando Horace a escoltar até a pista de dança, passando diretamente por Lady Denby.

— Ainda tem lugar para mais um em seu cartão de dança?

Eu me viro para ver Simon Middleton sorrindo para mim. Com sua gravata branca, seus babados e aquele brilho malicioso nos olhos, ele está mais bonito do que nunca.

---

[62] N/T: Um tipo de dança rápida que surgiu na Europa central, no século XIX. Seu nome deriva da expressão "polaca", usada para designar as mulheres da Polônia, onde a polca ainda é muito popular atualmente. Apesar da grande popularidade neste país, a polca é originária da Boêmia. A polca é dançada a dois, num ritmo constante que segue a sequência: passo-para-passo-pula.

— Eu deveria estar dançando com o senhor Whitford. — Digo, pouco convencida de minhas próprias palavras.

Simon concorda com a cabeça.

— Ah, o velho senhor Whitford. Além de precisar de uma bengala para andar, ele ainda tem uma memória um pouco falha. Ele provavelmente se esqueceu de você, sinto muito dizer, e, se ele não se esqueceu, nós poderíamos ter nossa dança e voltar para cá antes que ele venha mancar ao seu lado.

Eu dou risada, feliz por seu maravilhoso humor.

— Nesse caso, eu aceito.

Nós deslizamos para dentro do grande grupo de dançarinos, passando por Tom, que está tentando ser charmoso com sua parceira de dança.

— Dr. Smith e eu curamos o pobre homem de suas alucinações, mas, me atrevo a dizer, que foi quando eu entrei no caso que tudo começou a melhorar.

— Verdade? — Ela diz, bebendo a história dele, e eu me controlo para não puxar as orelhas de Tom.

A Sra. Tuttle voltou do vestíbulo feminino e está segurando dois copos de limonada. Ela me vê dançando com Simon, um olhar de puro horror em seu rosto, por que o trabalho dela é inspecionar todos os cavalheiros que queiram me cortejar e eles precisam passar pelo julgamento. Ela tem a chave para o portal. Mas ela foi liberada de seu dever, quer saiba ou não.

Não, Sra. Tuttle. Você quer ficar ai. Eu estou bem, aqui, nos braços de Simon. Não preciso de alguém me vigiando. Por favor, desfrute sua limonada.

Piscando, confusa, a Sra. Tuttle dá meia volta e bebe de ambos os copos de limonada.

— Eu acho que sua dama de companhia está um pouco confusa. Ela é do tipo que bebe? — Simon pergunta.

— Só limonada. — Respondo.

Simon me dá um sorriso paquerador.

— Me atrevo a dizer que há algo de diferente em você.

— Você acha mesmo?

— Mmmm, não sei dizer o que é. Senhorita Doyle e seus mistérios. — Ele me avalia dos pés a cabeça com um longo olhar muito audacioso e, preciso admitir, arrebatador. — Mas você está muito encantadora está noite.

— Sua senhorita Fairchild está aqui também?

— Na verdade, ela está. — Ele responde e não preciso do poder dos reinos para sentir o calor de sua resposta.

Eu sou subitamente tomada pelo arrependimento de tê-lo recusado. Ele é bonito e agradável. Ele me acha bonita. E se eu nunca mais encontrar alguém como ele?

E se eu pudesse tê-lo de volta?

— A senhorita Fairchild é Americana, acredito que ela vá querer voltar para casa assim que a temporada acabar. — Digo, me inclinando, só um pouco, para mais perto de Simon.

— Talvez, apesar de ela dizer que acha a Inglaterra muito agradável. — A mão de Simon se pressiona com mais força contra a base de minha coluna. — E quais são os seus planos, senhorita Doyle? Já pôs seus olhos em alguém especial?

Eu penso em Kartik e afasto o pensamento antes que possa destruir meu bom humor.

— Não.

O dedão de Simon se move levemente pelo tecido de meu vestido. Minha pele formiga por onde quer que seus dedos passem.

— Essas são boas noticias. — Ele ronrona.

A dança termina e eu peço licença para ir ao vestíbulo feminino e poder esfriar o calor em minhas bochechas. As camareiras estão a postos, mas não preciso de ajuda. Onde meu cabelo afrouxou, eu o conserto com um único movimento da mão. Decido que não me importo com as luvas que acabei destruindo, então, longe dos olhares curiosos, me dou um par diferente de luvas e sorrio para meu trabalho.

— Boa noite, senhorita Doyle. — Eu me viro para ver Lucy Fairchild ao meu lado.

— Senhorita Fairchild. — Digo.

Ela sorri avidamente para mim.

— Este baile está esplendido, não é? Você deve estar muito feliz por sua amiga, a senhorita Worthington.

— Sim. — Eu sorrio de volta para ela. — Eu estou.

— Eu te assisti dançar. Você é muito graciosa. — Ela diz e eu coro, pensando na mão de Simon em minhas costas e no modo como eu me inclinei na direção dele.

— Obrigada. — Eu digo. — Mas minha graciosidade é discutível e tenho certeza de que Si... Sr. Middleton prefere muito mais dançar com você.

Nós sorrimos desconfortavelmente uma para a outra através espelho. Ela belisca as bochechas para ficar corada, mas ela não precisa disso. Ela é adorável.

— Bom... — Eu digo, me levantando para ir embora.

— Sim. Aproveite o baile. — Lucy Fairchild diz com sinceridade.

— Você também.

Um gongo soa e os convidados são chamados para o salão de dança. Lord Markham está no meio da pista. Ele já bebeu um pouco demais e o vermelho de seu nariz o delata.

— Senhoras e senhores, nossos queridos convidados. — Lord Markham diz, tropeçando um pouco nas palavras. — Minha adorável esposa reuniu os espetáculos mais eletrizantes para esta noite. Os Dervixes Rodopiadores do Konya[63] chegaram até nós como refugiados do Império Otomano, que, recentemente, foi o palco do horrível massacre do povo Armênico pelo exército do Sultão. Tais atrocidades não podem existir! Nós precisamos...

Gargantas são coçadas. As mulheres se abanam. Lady Markham dá um olhar suplicante

---

[63] N/T: Os Dervixes fazem parte da ordem Mevlevi do Sufismo, uma corrente Islã, é uma manifestação cultural de fundo religioso, em que adeptos rodopiam ao som de músicas tradicionais. Os sufis Mevlevi acreditam que é possível atingir o êxtase do amor universal pela prática do giro, assim como todas as coisas do universo, como a Terra e os planetas: http://tiny.cc/wifl8

para seu marido, pedindo para que ele pare de falar sobre política, e ele concorda, intimidado.

— Eu lhes apresento os Dervixes Rodopiadores do Konya.

Oito homens com chapéus muito altos tomam o centro do salão. Os lampejos dos candelabros de cristal fazem com que o branco de suas vestes sacerdotais brilhe. A música é hipnótica. Os dançarinos se curvam uns nos outros e lentamente começam a girar. A música se intensifica, o tempo ascende e as longas saias dos dançarinos flutuam como sinos.

A música acelera juntamente com uma paixão que agita meu sangue. Os dervixes alcançam o êxtase com as palmas levantadas para o céu, como se, brevemente, pudessem segurar Deus entre seus dedos se não parassem de girar.

Os convidados observam encantados, apanhados no frenesi dos dervixes rodopiadores. À minha direita, vejo Fowlson, vestido em suas roupas de servo e com uma bandeja na mão. Ele não observa os dançarinos; ele observa meu irmão.

Segundos depois, ele sai do salão. Não vou deixá-lo escapar esta noite. Seguirei de perto todos os seus movimentos.

Ele deixará meu irmão em paz ou sentirá minha ira.

Ele sobe as escadas e bate na porta do salão de cavalheiros. Eu corro para trás de um enorme vaso de samambaias para espiar. Um momento depois, *Lord* Denby aparece.

— Sim, Fowlson?

— Ele está assistindo à dança, senhor. — Fowlson relata. — Eu estou mantendo os olhos nele, exatamente como você pediu.

Lord Denby bate no ombro de Fowlson.

— Bom homem.

— Eu estava me perguntando, senhor, se poderia falar com você um instante.

Lord Denby para de sorrir.

— Não acredito que este seja o melhor momento, ou lugar, velho amigo.

— Sim, senhor, perdoe-me, mas é que nunca parece ser, e eu me perguntava quando poderei subir de posição entre os Rakshana assim como conversamos. Tenho algumas idéias...

Lord Denby coloca um charuto na boca.

— Tudo em seu devido tempo.

— Como quiser, senhor — responde Fowlson com a cabeça abaixada.

— Precisamos de mais bons soldados como você, senhor Fowlson — Lord Denby exulta. — Acho você tem obrigações a atender, não é mesmo?

— Sim senhor — diz Fowlson. Ele se vira e volta ao salão de baile com grandes passadas, onde poderá continuar vigiando meu irmão.

Lord Dendy está com os Rakshana. O peso da descoberta me acerta como um soco. Todo esse tempo. Eu estive na casa dele. Eu beijei o filho dele. Simon. Raiva, quente e implacável, surge dentro de mim. Ele vai pagar por isso, por meu irmão.

Eu nem me incomodo em bater. Eu abro a porta e entro na saleta onde há apenas homens sentados, fumando seus cachimbos e charutos. O brilho severo em seus olhos diz claramente

que sou uma transgressora aqui.

Engolindo com dificuldade eu marcho pelo grupo de homens silenciosamente ofendidos e vou diretamente até Lord Denby. Ele põe um sorriso falso no rosto.

— Ah, senhorita Doyle! Temo que essa sala seja apenas para homens. Se você está perdida, eu poderia, talvez, chamar...

— Lord Denby, eu preciso falar com você. — Sussurro.

— Temo que eu esteja sendo chamado nas mesas, minha querida. — Ele responde.

Você está sendo chamado para debaixo da minha bota, seu cachorro miserável. Eu forço um sorriso que é completamente amável e abaixo o tom de minha voz.

— É um pouco urgente. Tenho certeza de que esses gentis cavalheiros esperarão. Ou eu deveria ver se o senhor Fowlson me atenderia um pouquinho melhor?

— Cavalheiros. — Ele diz, se virando para os homens do circulo. — Me dêem licença, só por um momento. Vocês sabem como as mulheres podem ser quando estão insistentes.

Os cavalheiros riem a minhas custas, e eu mal me contenho em causar uma dolorosa erupção cutânea em cada um deles.

Lord Denby me acompanha até a porta de uma biblioteca privada. Normalmente eu me sentiria reconfortada pela visão de tantos livros bonitos, mas estou muito irritada para encontrar alivio neles essa noite, e suspeito que esses livros são um pouco como as pessoas daqui — não lidos e meramente decorativos.

— Queria falar comigo, senhorita Doyle?

— Eu sei quem você é, Lord Denby. Sei que você faz parte dos Rakshana e sei que você está cortejando meu irmão.

Ele dirige sua atenção ao tabuleiro de xadrez e move suas peças e as peças de um oponente imaginário.

— E?

— Quero que você deixe meu irmão em paz, por favor.

— Minha querida, temo que isso esteja fora de meu alcance.

— Quem está acima de você? Diga-me e irei...

— As posições dos Rakshana estão constituídas pelos homens mais importantes e influentes do mundo: chefes de estado e filantropos. Mas isso não é o que eu queria dizer. O que quero dizer é que a decisão está em *suas* mãos, querida senhorita — ele diz entre uma nuvem de fumaça. Sua mão paira sobre uma peça durante uma fração de segundo antes de atacar e capturar um peão pelo caminho o movendo rapidamente pelo tabuleiro. — A única coisa que você tem que fazer é nos dar a magia e o controle dos reinos e seu irmão estará a salvo, te asseguro. De fato, ele chegará a ser um grande homem, pode até que seja um companheiro. Ele será bem tratado. *Todos* vocês serão. Porque, tenho certeza que Lady Denby prepararia um baile para seu *debut* que deixaria em ridículo todos os outros. A própria rainha poderia comparecer.

— Você acha que eu vim aqui para falar de festas? Que sou uma criança que pode ser conquistada com um pônei novo? Você não tem honra, senhor? — tomo ar — Supostamente

os Rakshana tinham que proteger os reinos e a Ordem. Era uma missão venerável. E agora lutam contra nós. Você quer me intimidar e corromper meu irmão. O que você se tornou?

Lord Denby tira a torre de seu oponente imaginário e move seu bispo.

— Os tempos mudaram senhorita Doyle. A época em que um nobre funcionava como benfeitor de todos os que trabalhavam em suas terras já acabou. Os Rakshana também têm que mudar; serem menos cavalheirescos de irmandade e se tornar mais um lucrativo punho da indústria. Pode imaginar a magnanimidade de nosso alcance se tivéssemos um poder como o seu sob nosso controle? Pense como uma inglesa, senhorita Doyle! O que esse poder poderia fazer pelo império, pelos futuros filhos da Inglaterra?

— Você está esquecendo: nem todos somos ingleses, nem todos somos homens — Digo, participando também de sua partida de xadrez. Movo um peão para frente pegando seu bispo desprevenido. — E o que acontece com Amar e Kartik e outros como eles? E as do meu sexo, ou os homens da posição social de Fowlson? Será que algum de nós se sentará em sua mesa?

— Alguns governam; outros são feitos para serem súditos. — Seu cavaleiro pega minha rainha colocando meu rei em perigo. — O que diz, senhorita Doyle? Todo seu futuro poderia se arranjar ao seu gosto. Tudo que você pudesse querer. Uma corte de admiradores... meu filho, talvez.

Um frio gelado pressiona seus polegares contra minhas costelas.

— Você arranjou para Simon e eu nos conhecermos? Foi tudo parte de seu plano?

— Vamos chamar de uma feliz coincidência — Lord Denby ataca meu rei. — Xeque-mate, minha querida. É hora de eu voltar para as mesas e você para o baile. — Ele apaga a guimba de seu charuto. Sua fumaça inebriante perdura enquanto ele chega na porta. — Considere nossa oferta. É a ultima vez que ela será feita. Tenho certeza que você fará o que for melhor para os nossos interesses... e os seus.

Eu quero jogar aquele charuto meio apagado nele. Quero chorar. Pressiono os dedos contra os olhos para não deixar as lágrimas caírem. Eu fui tão terrivelmente estúpida em subestimar o alcance dos Rakshana e acreditar em Simon Middleton. Ele nunca se importou comigo. Ele brincou comigo como um peão, e eu me deixei cair de bom grado.

Bem, não voltarei mais a baixar a guarda.

— Senhorita Doyle! — a senhora Tuttle se apressa para mim com a testa franzida quando me vê chegar ao salão de baile. — Senhorita Doyle, não volte a sair outra vez. Não é certo. É meu dever velar por su...

— Oh, já chega — rosno.

Antes que ela possa replicar, jogo um feitiço nela.

— Senhora Tuttle você está com muita sede. Mais sede do que nunca teve na vida. Vá buscar uma limonada e deixe-me em paz.

— Eu gostaria de tomar uma limonada — ela diz, enquanto leva uma mão tremente à garganta. — Estou sedenta, querida. Tenho que ir beber algo.

Eu me esqueço dela e observo o baile por trás de uma coluna. Estou sozinha, cheia de

ódio e magia, ambos unidos em uma força nova. Próxima a mim, Lady Denby cochicha com lady Markham e muitas outras damas importantes.

— Nessas últimas semanas peguei muito carinho por ela, como se fosse minha própria filha — alardeia Lady Denby.

— Ela será uma companheira muito apropriada para ele — afirma outra dama.

Lady Denby acena.

— Nem sempre Simon demonstrou ter bom senso para estas questões. E já nos enganou antes. Mas a senhorita Fairchild reúne as melhoras qualidades de uma jovem dama: bem educada, agradável, sem defeitos e de boa reputação.

Uma matrona roliça, coberta da cabeça aos pés com enfeites de contas e jóias, se esconde atrás de um leque.

— Lady Markham, você já se decidiu sobre o outro assunto, a senhorita Worthigton?

— Sim — ela dá uma fungadela. — Esta noite falei com o almirante e ele concordou: a senhorita Worthington ficará comigo, onde eu poderei supervisionar sua temporada; sua mãe não terá voz neste assunto.

Lady Denby dá uma palmadinha na mão de Lady Markham.

— Assim é como deve ser. A senhora Worthington deve pagar por seu escândalo, e sua filha é uma criatura muito ousada e tempestuosa. Você faz bem em acolhê-la sob sua proteção para moldá-la no tipo de lady aceitável por todos.

— De fato — responde Lady Markham — Eu sinto que é o meu dever, já que sua mãe falhou nisso. — As mulheres lançam olhares furtivos à senhora Worthington, que dança com um homem com a metade de sua idade. — Para não falar da considerável herança da jovem Worthington. Se eu conseguir colocá-la nos trilhos, ela dará uma mulher valiosa para qualquer homem.

— Talvez seu Horace — murmura Lady Denby.

— Talvez — responde Lady Markham.

Imagino Felicity como uma debutante mimada em vez de um espírito livre em um sótão de Paris, como ela deseja. Será digna de pena e impotente, as qualidades que mais odeia. Mas isso nunca vai acontecer; farei o possível para impedir.

— Ah, aqui está nossa senhorita Fairchild — anuncia Lady Denby.

Simon entrega a senhorita Fairchild à sua mãe, que bajula a jovem enquanto ele a observa de uma forma cortês. Um terrível anelo queima em mim. Por mais que eu alegue odiá-la, invejo a maneira como eles todos parecem se encaixar um no outro tão perfeitamente, a facilidade de suas cautelosas pequenas vidas. Cecily estava certa: algumas pessoas não se encaixam. E eu sou uma delas.

Bestas demoníacas. Isso é o que são. As palavras de Ann voltam a minha mente: *"Mas eles são os que mandam"*. Não esta noite; não farão, porque o poder dos reinos queima dentro de mim, e não vou acalmá-lo. *Não fiquem contra mim, companheiros. Eu vou ganhar*. E eu quero ganhar. Quero ganhar a todo custo.

Fecho os olhos, e quando os abro, Simon se livrou de sua mãe, da senhorita Fairchild, e

do resto dos acólitos. Ele avança para mim com um olhar faminto e estende sua mão enluvada, com a palma para cima, embora ela pareça tão tensa quanto um punho. Sua mandíbula mostra determinação, sua voz é rouca quando ele diz simplesmente:

— Dançe comigo, Gemma.

Ele me chamou pelo primeiro nome, o que produz uma grande comoção entre aqueles que estão perto o bastante para tê-lo escutado. A senhora Tuttle parece como se fosse derrubar sua limonada a qualquer momento. Durante um instante eu não sei o que dizer. Eu deveria sentir remorso. Em vez disso, uma terrível satisfação flui dentro de mim, excitando-me. Eu ganhei. E ganhar, por muito pequeno que seja o prêmio, sempre é emocionante.

— Dançe comigo, Gemma — repete Simon,desta vez levantando a voz e com insistência, o que chama a atenção do resto dos convidados.

Muitos dançarinos dançam vagarosamente para contemplar a cena. Escutam-se murmúrios. A boca de Lady Denby está aberta, incrédula.

Lord Denby toma conhecimento da situação agora. Seus olhos encontram os meus, e não há dúvidas sobre minhas intenções.

Quer corromper meu irmão, não quer? Te vejo no inferno primeiro, senhor.

O sorriso que dou a Simon é como o de um anjo caído. Ele agarra meu pulso com força e me arrasta para a pista de dança. Ele está dando um espetáculo. Bruscamente, ele me puxa em uma posição de valsa. A música começa de novo e Simon e eu rodopiamos no piso. Há um ardor entre nós que não passa despercebido pelos outros. Com cada apertão contra a parte baixa das minhas costas, parece como se Simon quisesse me comer viva. Fui eu quem provocou esse efeito nele. Quero que todos vejam como eu sou poderosa. Que me considerem uma beleza, manifestadamente desejada por um cavalheiro importante. E para aproveitar, deixar Lord e Lady Denby desonrados. Não posso conter o sorriso satisfeito em meus lábios. Eu estou no comando e isto é inebriante. Em um canto da pista de dança, Lord Denby nos assiste, fumegando. Ele se equivocou ao duvidar de mim. Um cavalheiro mais velho dá um tapinha no ombro de Simon com a intenção de interromper a dança, mas Simon me puxa para mais perto. Continuamos dançando, chamando cada vez mais atenção, e quando já é o bastante — quando *eu* decido que já é o bastante, e já consegui fazer meu ponto —, eu o induzo a terminar. *Hora de parar, Simon. Diga boa noite, doce príncipe.*

Piscando, Simon volta a si mesmo, absolutamente perplexo ao me encontrar em seus braços.

— Obrigada pela dança, senhor Middleton — eu digo, afastando-me.

Um leve sorriso confuso aparece em seus lábios.

— Foi um prazer — imediatamente ele procura por Lucy entre a multidão.

A fofoca se estende como uma praga. Sussurram sobre mim e observam por trás de leques enquanto eu deixo a pista.

A magia vem sobre mim como uma onda. Estou me sufocando nela. Ela sai de mim como uma doença, contagiando todos que entram em contato comigo, liberando seus desejos ocultos. Um cavalheiro me oferece seu braço em forma de ajuda, e nesse gesto ele é

apreendido. Ele se vira para o cavalheiro mais velho sentado ao lado dele.

— O que você disse para mim antes, Thompson? Você vai pagar por isso.

A boca do homem velho se aperta.

— Fenton, ficou louco?

— Por acaso é loucura dizer que não voltarei a deixar que me chantageie por causa de minhas dividas? Você não é meu dono.

Ele coloca uma mão no velho Thompson, e só com isso, a magia se espalha.

O velho homem se coloca de pé.

— Aqui, camarada, atrevo-me a dizer que se não fosse por minha caridade, sua posição social estaria em ruínas e sua família em um asilo.

Calma. Calma, Penso. *Esqueçam. Voltem para seus conhaques e charutos.* Eles voltam a pegar seus copos. O que foi dito é esquecido, mas o rancor amargo permanece, e um observa o outro com cautela.

Eu me volto para uma dama de companhia solteirona com a jovem a seu cargo, e eu sinto a dor em seu coração. O desejo doloroso que sente pelo seu empregador casado, um tal de senhor Beadle.

— Ele não sabe — diz ela em um ímpeto repentino — Tenho que dizer a ele. Devo dizer a ele. Devo confessar-lhe de uma vez por todas o profundo afeto que sinto por ele.

E eu mal chego a tempo de agarrá-la pelas mãos até que esse sentimento é substituído pelo que eu coloquei em seu lugar.

— Vamos pegar bolo? — diz ela a uma confusa jovem de quem se encarrega. — Tive uma súbita vontade de comer bolo.

Um suor irritante cobre minha testa. A magia queima em minhas veias.

Lord Denby se aproxima furtivamente. Ele tem o rosto avermelhado; seus olhos queimam.

— Você está jogando um jogo muito perigoso, senhorita Doyle.

— Você não escutou, senhor? Eu sou uma garota muito perigosa.

— Você não tem faz idéia do que podemos fazer com você — diz ele, sem alterar a voz, embora seus olhos faísquem.

Eu sussurro em seu ouvido.

— Não, senhor. É você que não tem idéia do que *eu* posso fazer com *você*.

Durante uns instantes, seus olhos manifestam medo, e sei que ganhei este *round*.

— Deixe meu irmão em paz ou vai encarar as conseqüências — aviso.

— Graças a Deus que eu te encontrei! — trina Felicity. — Boa noite, Lord Denby. Você se importaria muito se eu pegasse emprestada a senhorita Doyle?

Lord Denby é todo sorrisos.

— Nem um pouco, minha querida.

— Onde você estava? Você tem que me salvar — insiste Felicity, entrelaçando firmemente seu braço no meu.

— De quê?

— De Horace Markham — ela diz com uma risada. Olho por cima do ombro e vejo Horace velando por ela. Ele se aferra ao leque dela como se fosse a própria Felicity.

— A forma como fantasia comigo — diz ela, fazendo uma careta — Medonho.

Eu dou uma risada, feliz por estar no mundo de Fee, onde tudo, desde um pretendente apaixonado até a escolha de um chapéu pode constituir um verdadeiro drama.

— Você não deveria ser tão encantadora — eu gracejo.

— Bem — ela diz, balançando a cabeça — Não posso evitar, posso?

Felicity e eu nos refugiamos em um terraço com vista para a rua. Os cocheiros se reuniram em um grupo, fazem companhia uns aos outros. Um deles conta uma piada, e pela forma que os outros se inclinam, com certeza é atrevida. Eles caem na risada, mas ao ver um dos convidados, rapidamente a dispersam. Chapéus são colocados e colunas são endireitadas enquanto Lucy Fairchild caminha em direção a sua carruagem. Simon a acompanha no ritmo dela, mas a dama de companhia de Lucy o barra. O cocheiro ajuda as mulheres a subirem na carruagem e esta se afasta do meio-fio, deixando Simon para trás.

— Que delicia! — Felicity exclama. — Escândalo! No meu baile e não envolvendo *moi*. Espantoso!

— Sim, é bem espantoso que haja eventos do tipo em que você não tenha nada a ver — gracejo.

Felicity coloca as mãos na cintura, um sorriso malicioso nos lábios.

— Eu estava para lhe oferecer uma limonada, mas agora, vou tomar sozinha. Pode me olhar e sofrer enquanto aproveito.

Ela se vai tranqüilamente e eu deixo o frio ar noturno me inundar. Abaixo, Lord Denby consola seu filho. Eles trocam palavras que não posso ouvir. Lord Denby leva a melhor e Simon e eles voltam ao baile.

Lord Denby me vê no terraço ao passar. Ele me lança adagas com o olhar, e eu levo os dedos a boca e sopro um beijo para ele.

***

Eu passo o dia seguinte ao baile, domingo, com minha familia antes de retornar a Spence. A costureira veio para ajustar meu vestido e faz alguns mínimos retoques. Eu estou de pé na frente do espelho em meu semi-acabado vestido que ela aperta daqui e acrescenta um plissado dali. Vovó fica ao redor, ladrando instruções para a mulher, se preocupando com cada pequeno detalhe. Não presto atenção, já que a garota me olhando do espelho está começando a se tornar uma mulher.

Não sei como descrever; não é algo que possa ser explicado. Só sei que ela está lá, saindo de mim como uma escultura sai do mármore, e eu estou ansiosa por conhecê-la.

— Você se parece com sua mãe. Tenho certeza que ela teria gostado de estar aqui nesse momento — diz vovó, e o momento está totalmente arruinado. O que seja que lutava para sair do mármore, se foi.

Você não vai mencionar minha mãe de novo. Penso, fechando os olhos. *Diga-me o quão*

bonita estou. Diga-me o quão felizes somos. Diga-me que serei alguém, e que não haverá mais nada, a não ser dias de céu azul pela frente.

Quando abro os olhos, vovó sorri para o meu reflexo.

— Meu Deus, ela não está uma visão com este vestido?

— O retrato da beleza — concorda a costureira.

Isso. Assim está muito melhor.

***

— Sua avó me disse que você vai ser a garota mais bela de Londres no dia de sua apresentação na sociedade. — Papai me diz quando me junto a ele no escritório. Ele está pondo em ordem as coisas da gaveta como se procurasse algo.

— Posso te ajudar? — pergunto.

— Hmmm? Oh. Não, querida. — responde distraído. — Só estou descartando algumas coisas. No entanto tenho que falar com você de algo não muito agradável.

— Do que se trata?

Eu tomo assento e ele faz o mesmo.

— Eu ouvi que Simon Middleton estava muito cheio de liberdades para cima de você ontem à noite, no baile. — Os olhos de papai flamejam.

— Ele não estava não. — Digo, tentando rir.

— Ouvi dizer que a senhorita Fairchild está se recusando a aceitá-lo. — acrescenta ele, e eu sinto uma pontada de remorso que afasto rapidamente.

— Talvez a senhorita Fairchild não seja tão bom partido.

— Ainda sim... — A voz de papai quebra em um acesso de tosse. Seu rosto está vermelho, e ele resfolega por um minuto antes de normalizar a respiração. — O ar de Londres. Muita fuligem.

— Sim — digo, inquieta. Ele parece cansado. Adoentado. E de repente, eu sinto desejo de estar com ele,de me sentar ao lado dele como uma criança e deixá-lo afagar minha cabeça.

— Você está dizendo que Simon Middleton não tem nada a que responder? — insiste papai.

— Não, nada. — respondo, e falo sério.

— Muito bem, então. — papai acena.

Ele se volta para sua procura, e eu sei que fui dispensada.

— Pai, vamos jogar uma partida de xadrez?

Ele folheia através de papéis e olha atrás dos livros.

— Não tenho cabeça para jogar xadrez agora. Por que não vai ver se sua avó quer sair para dar um passeio?

— Eu posso ajudá-lo a procurar o que seja que você tenha perdido. Posso…

Ele me dispensa com um gesto de mão.

— Não, querida. Preciso ficar sozinho.

— Mas vou embora amanhã, — eu reclamo. — E então será minha temporada. E então...

— Vamos, não tem porque chorar, tem? — papai me repreende. Ele abre uma gaveta e vejo a garrafa marrom ali. Sei em seguida que se trata de láudano. Meu coração afunda.

Tomo sua mão e posso sentir sua tristeza se intrometendo.

— Vamos nos livrar disto, não vamos? — digo em voz alta.

Antes que papai possa responder, eu o alimento com uma felicidade semelhante ao ópio, até que as rugas de sua testa se alisam e ele está sorrindo.

— Ah, aqui está o que eu estava procurando. Gemma, doçura, você jogaria isto no lixo? — ele pede.

Lágrimas ardem em meus olhos.

— Sim, pai. Claro. Imediatamente.

Eu o beijo na bochecha, e ele põe seus braços em volta de mim, e, pela primeira vez, eu me afasto antes dele.

***

No jantar, Tom está como um pai expectante que se deixa levar pelos nervos. Sua perna se mexe tanto durante toda a refeição que me faz ranger os dentes e, para completar ele me dá um chute sem querer.

— Quer se aquietar, por favor? — peço, esfregando minha canela.

Papai levanta a vista de seu jantar.

— Thomas, qual é o problema?

Meu irmão brinca com a comida do prato, que não foi tocada.

— Eu devia ter ido ao meu clube de cavalheiros, esta noite, mas eles não me disseram uma palavra a respeito.

— Não mesmo? — pergunto, saboreando a vitória junto com minhas batatas.

— É como se eu tivesse deixado de existir — Tom resmunga.

— Isso não é muito divertido — diz papai entre mordidas de sua codorna, e eu fico contente em vê-lo comer.

— Sim, uma conduta muito ruim — diz vovó estalando a língua.

— Talvez você devesse ir essa noite na Sociedade Hipocrática — sugiro. — Você sabe que tem um convite permanente para se juntar a eles.

— Excelente ideia — concorda papai.

Tom empurra suas ervilhas para um lado do prato.

— Talvez eu vá — diz ele. — Nem se for para sair um pouco.

Estou tão animada com esta noticia que como dois pedaços de bolo na sobremesa. Quando vovó se lamúria que tal apetite irá fazer com que volte a trazer a costureira, eu dou risada, e quando coloco a idéia na cabeça dela, ela ri também, e logo, estamos todos rindo enquanto os servos nos olham como se tivéssemos ficado insanos. Mas eu não me importo. Eu tenho o que quero. Eu tenho, e isto não vai ser tirado de mim. Não por Lord Denby, nem por ninguém.

41

O CARTÃO DE VISITA DO DR. VAN RIPPLE LISTA O ENDEREÇO de um pequeno bairro pobre que me faz lembrar de uma cadeira confortável que precisa de um estofado novo. As casas alinhadas não estão particularmente bem cuidadas. Elas não servem para nada além de conceder alojamento para seus habitantes.

— Encantador. — Felicity diz enquanto nós descemos a rua estreita e úmida.

— Mas eu te tirei da sua casa, não tirei? — Eu digo. Crianças passam por nós, correndo. Elas brincam na escuridão, suas mães estão cansadas demais para se importarem.

— Bem, minha mãe ainda acha que eu estou lá, sentada ao piano. Aquele foi um truque impressionante, Gemma. Diga, seus poderes já encontraram a casa do Dr. Van Ripple?

— Para isso, nós só podemos contar com nossos olhos e senso de direção. — Respondo.

Passamos na frente de um pub repleto de trabalhadores. Alguns estão encurvados pela idade; outros não devem ter mais de onze ou doze anos. As mães seguram seus bebês junto ao peito. Um homem está em cima de uma caixa fora do pub. Fala com vigor e convicção e tem a sua audiência encantada.

— Deveríamos trabalhar 14 horas por dia por uma miséria? Teríamos que fazer como nossas companheiras fizeram em Bryant e May, e nossos irmãos no porto!

Escutam-se murmúrios de encorajamento e de oposição.

— Estão nos matando de fome — grita um homem com as bochechas fundas. — Nós ficaremos sem nada.

— Já não temos nada. A única coisa que não quero é mais. — grita uma mulher e todos começam a rir.

— Uma greve! Para apoiar nossas irmãs da Fábrica Beardon. Tomem como exemplo sua postura, irmãos e irmãs! Um pagamento justo, um horário justo e uma Londres justa!

Ouvem-se aplausos. A multidão aplaude. Chamam a atenção da polícia.

— Ei! — exclama. — O que é tudo isto?

O homem desce da caixa e tira seu gorro.

— Boa noite, chefe. Estamos fazendo uma coleta para os pobres. Sobra-lhe alguma moeda?

— O que me sobra é uma habitação para passar a noite... na prisão de Newgate.

— Não pode nos prender por nos reunir — diz o homem.

— A lei pode fazer o que tiver vontade! — exclama o policial brandindo um bastão.

Embora consiga dispersar a multidão, não quer dizer que conseguiu a mesma coisa com suas convicções, pois as pessoas continuam falando entre sussurros inflamados.

— Ei, vocês! — nos repreende uma mulher com um bebê nos braços. — São essas damas elegantes que se dedicam a visitar os bairros pobres?

— É claro que não. — responde Felicity, embora sua voz soasse como o tipo de pessoa que alugaria uma carruagem como seus amigos para deixar boquiabertos os pobres.

— Bom, pois vão embora. Não queremos ser seu entretenimento esta noite. Não para pessoas como vocês.

— Tenha cuidado com...

Pego Felicity pelo braço.

— Não diga nem uma palavra.

Damos uma volta na esquina e ali está. Inventamos uma história para entrar, embora a esgotada caseira saiba que não há que fazer perguntas para visitas femininas de seus inquilinos, por medo de descobrir que suas suspeitas são desagradavelmente certas. Chama duas vezes na porta do mágico e nos anuncia de má vontade.

Os olhos do doutor Van Ripple se abrem, arregalados, surpreendido. Usa uma manta velha sobre as calças.

— Entrem, entrem. Vamos! Não esperava visitas esta noite.

Fecha a porta e nos oferece lugares para sentar. Um cartaz enorme com um marco dobrado jaz em um canto. Trata-se de um retrato de um doutor Van Ripple mais jovem, vestido com um turbante. Seus dedos apontam para uma mulher atordoada que parecia estar sob seu feitiço. O cartaz diz: *"Doutor Theodore Van Ripple, mestre ilusionista! Proezas mágicas que é necessário ver para crer!"*

Em uma parede está pendurado um desenho de uma anciã com o cabelo escuro e os olhos do doutor Van Ripple. Junto ao quadro há uma coroa de cabelo para homenagear a defunta — o cabelo foi cortado e moldado — uma recordação da pessoa amada. Trata-se de uma trança enroscada de cabelo cinza desbotado e castanho.

— Minha mãe — diz, ao ver que observo. — Nem sequer o melhor ilusionista pode enganar a morte.

O doutor Van Ripple nos oferece para nos sentar em um sofá puído coberto por um velho xale com um estampado de cachemira. Sento-me em algo duro, um livro, *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

— Ah, então estava aí. Perguntava-me onde eu tinha colocado — diz o doutor Van Ripple enquanto o pega.

Felicity faz uma careta.

— O senhor Wilde foi julgado como um obsceno. Meu pai disse que ele é um imoral.

— Os "indecentes" são Queensberry e os homens como ele — diz Van Ripple fazendo

alusão a quem apresentou acusações contra o senhor Wilde.

— Por que diz isso, senhor? — pergunta Felicity.

O doutor Van Ripple inclina a flor que usa na lapela até seu nariz e inala com força.

— O amor e o afeto verdadeiro possuem uma pureza que prevalece por cima de qualquer tipo de intolerância.

— Não viemos até aqui para falar sobre as desgraças do senhor Wilde — diz Felicity, apressadamente e com muita brusquidão, embora o doutor Van Ripple não mostre sinal algum de ter se sentido ofendido por sua ousadia.

— É claro. E a que devo esta visita inesperada?

— Necessitamos de seus serviços — digo.

— Ah, lamento decepcioná-las. Mas agora sou um ilusionista aposentado. Não tenho nada que oferecer a não ser os velhos truques de um homem velho. E não é isso o que querem as pessoas de hoje em dia. Eles pedem emoções vulgares. — lamenta-se. — Como o tipo desse, Houdini, escapando de cadeados e jaulas. É de mau gosto, entretenimento de music hall. Em meus tempos, atuei nos melhores teatros, desde Viena a San Petesburgo, desde Paris a Nova York. Mas agora, temo que os dias da magia chegaram ao fim. Agora o que domina o mundo é a indústria. Indústria e ganância. — Toma ar com força e o expulsa com um suspiro. — Mas vocês não vieram escutar as batalhas dos dias de glória de um velho mágico, minhas queridas. Assim tentarei oferecer-lhes uma noite agradável.

— Pagaremos, é claro — digo.

Os olhos do doutor Van Ripple brilham, interessados.

— Ah, sim. Talvez pudesse ser convencido em ajudar essas damas em apuros por uma modesta soma.

— Quanto modesta? — pergunta Felicity.

— Senhorita Worthington — digo, com um sorriso forçado. — Estou certa que o doutor Van Ripple nos oferecerá um trato justo. Não queremos lhe ofender.

— Não me ofenderam — diz o ancião. — E, digam-me, em que pode ajudar um velho mágico a duas jovens damas tão encantadoras? — pergunta, todo sorrisos.

— Nos perguntávamos se você poderia nos contar mais sobre Wilhelmina Wyatt — respondo.

O doutor Van Ripple franze o cenho.

— Não sei como posso servir de ajuda sobre isso.

— Estou certa que pode ser de grande ajuda — digo com doçura.

Sustento no alto meu moedeiro e, uma vez mais, os lábios do doutor Van Ripple esboçam um sorriso.

Fazemos um acordo sobre os honorários; embora fosse mais do que eu queria pagar, é a única forma que podemos fechar o trato. O doutor Van Ripple embolsa as moedas de imediato. Quase espero que comprove seu valor dando uma mordida.

— A senhorita Wyatt possuía uma adaga? — pergunta de supetão Felicity para meu desgosto.

— Não que eu lembre. E, como é evidente, qualquer um se lembraria de semelhante arma — responde enquanto acaricia a barba, pensativo.

— Significa algo para você a frase: "A chave contém a verdade"? — pergunto.

O doutor Van Ripple franze os lábios e continua pensativo.

— Temo que não.

— Mencionou alguma vez uma chave, uma chave que fosse especial para ela? — pergunta Felicity.

— Não, não. — responde o doutor.

— Esqueceu-se de algo ao ir embora? — pergunto, embora todas as minhas esperanças estivessem se desvanecendo em enormes passos.

— Ficaram alguns vestidos no teatro, mas os vendi. Só conservo uma de suas posses: uma lousa.

— Posso ver? — peço.

O doutor Van Ripple remexe em um armário e regressa com um quadro que eu vi em meus sonhos e visões, o que me enche de emoção. O quadro é de um tamanho considerável, de uns trinta centímetros de comprimento por trinta de largura, e descansa em uma base de madeira. Deslizo os dedos pela superfície e sinto as marcas dos sulcos devido ao uso.

— Posso comprar? — pergunto, encorajada.

Nega com a cabeça.

— Tem tanto valor sentimental para mim que possivelmente não poderia...

— Quanto? — lhe interrompe Felicity.

— Talvez cinco libras? — sugere.

— Cinco libras! — exclama Felicity.

— Quatro? — propõe.

Tanto faz quatro ou cinco; não temos. Ou sim? Passo uma mão pelo meu moedeiro. Sei que logo me odiarei por isso, mas isso será depois.

— Aqui está, senhor — digo, abrindo o moedeiro e tirando quatro libras ante a estupefação de Fee, que pega o quadro do mágico.

— Doutor Van Ripple — continuo. — você disse que Wilhelmina havia estado em contato com uma irmã, em quem deixou de confiar. Está certo que não recorda seu nome?

Ele nega com a cabeça.

— Como já disse, nunca me apresentou. A dama nunca apareceu por aqui, e pelo que sei, nunca assistiu nossos espetáculos. A única coisa que sei é que Wilhelmina tinha medo dela e, Mina não se assustava com facilidade.

Um calafrio passa por minha coluna.

— Obrigada por seu tempo, doutor Van Ripple — respondo e ele nos acompanha até a porta. No umbral, ele estende uma mão por trás da orelha de Felicity. Tira dela uma rosa vermelha perfeita e a entrega.

— Sei que são as preferidas do senhor Wilde.

— Então, não a quero — diz Felicity, bruscamente.

— Não julgue se não deseja ser julgada, minha querida — diz o doutor Van Ripple com um sorriso triste, e Felicity ruboriza suas bochechas.

— Como você fez isso? — pergunto-lhe, pois considero um truque muito divertido, embora Fee não ache isso.

— Na verdade, é o truque mais simples do mundo. Funciona por que alguém quer que aconteça. Tem que lembrar, minha querida dama, a regra mais importante de todas para conseguir uma ilusão perfeita: o principal é que as pessoas queiram crer nisto.

***

— Não posso acreditar que pediu cinco libras por isso — queixa-se Felicity enquanto nos adentramos mais uma vez na penumbra das ruas de Londres.

— Bom, esperemos que o gaste antes que o dinheiro desapareça — digo.

Examinamos o quadro sob o débil resplendor dos faróis, olhamos de um lado e de outro, mas não descobrimos nada anormal nele.

— Talvez apareçam palavras gravadas nele se continuarmos olhando — diz Felicity.

Parece-me uma idéia ridícula, mas de qualquer forma, cravamos nossos olhos nele. Não acontece absolutamente nada.

Suspiro.

— Compramos um quadro que não serve de nada.

— Pelo menos, está limpo — brinca Felicity e nem sequer me incomodo em revirar os olhos.

Em nosso caminho por Londres clandestino, passamos perto dos grevistas da Fábrica de Chapéus Beardon. Há rostos largos; se apoiam um nos outros, e depositam seus cartazes de protesto contra suas saias quando os patrões não prestam atenção em sua situação horrível, ou no pior dos casos, as interrompem gritando horrorosos insultos.

— Uma moeda pela causa? — pede uma garota com uma lata na mão e voz cansada.

— Não posso te dar mais do que isso — respondo. Remexo no moedeiro e lhe entrego as moedas que de verdade me ficam, e logo aperta uma mão contra a sua e sussurro. — Não se renda. — e observo como a magia brilha em seus olhos.

— A tragédia da Fábrica de Chapéus Beardon! — grita, recuperando as forças. — Seis almas assassinadas por dinheiro! Vai permitir que não se tomem medidas, senhor? Vai olhar para outra parte, senhora?

Suas companheiras de armas mais uma vez levantam seus cartazes.

— Salários justos! Por tratamentos justos! — gritam. — Justiça!

Suas vozes se unem em um coro que ressoa através das escuras ruas de Londres até que já não possa passar despercebido.

42

ACABAMOS DE VOLTAR À ACADEMIA E LEVAR nossas malas para nossos quartos quando a senhora Nightwing entra brandindo um convite.

— Vai se celebrar uma festa de aniversário em homenagem ao primo da senhorita Bradshaw, o senhor Warton, em Balmoral Spring — diz a senhora Nightwing, passando o nome pela ponta da língua como se fosse vinho convertido em vinagre.

— Sem dúvida, devem acreditar que a alta sociedade deve lhe fazer algum favor — murmura Felicity só para meus ouvidos.

— A festa é amanhã ao meio-dia, embora o convite tenha chegado há apenas dois dias — diz a senhora Nightwing e a ouço dizer entredentes: "Que modos espantosos." — Sei que sentem falta da companhia da senhorita Bradshaw — continua. — Gostariam de ir?

— Oh, sim, por favor! — exclama Felicity.

— Pois bem. Terão que estar vestidas e prontas para sair às cinco da manhã — diz, e prometemos que assim será.

***

Ao entardecer, Felicity se senta com as outras garotas, regozijando-se nos elogios que estas lhe dedicam em abundancia a respeito do baile.

— E você não se entusiasmou com os Dervixes? — pergunta com olhos brilhantes.

— Muito bonito. E para um programa tão longo não foi muito cansativo. — diz Cecily, fazendo uma objeção como é habitual nela.

— Minha mãe só me permitirá dar um chá — protesta Elizabeth, fazendo beicinho. — Não acredito que vá me lembrar por isso.

Deixo-as e me tranco no quarto para examinar o quadro de Wilhelmina Wyatt. Dou voltas nas mãos, escrutinando as marcas diminutas, como se pudesse ler a história de suas palavras. Coloco minha orelha perto dela com a esperança de que possa sussurrar-me seus segredos. Inclusive invoco a magia e ordeno que me revele tudo, como se fosse o doutor Van Ripple. Mas por muitos segredos que possa ter o quadro da senhorita Wyatt, estes permanecem fortemente enterrados em seu interior.

— A chave contém a verdade — digo para mim mesma. — A chave de quê?

Nada, pelo que vejo. Deixo a lousa perto da cama e me encaminho para a janela; dirijo o olhar para a floresta e o acampamento dos ciganos. Pergunto-me o que Kartik fará agora, se ainda lhe tortura sonhar com Amar ou comigo.

Há uma luz abaixo. Vejo Kartik com uma vela, olhando para minha janela. Meu coração dá um salto e lhe recordo que não deve bater tão rápido por um homem que não se pode confiar. Fecho as cortinas, apago minha vela e, timidamente, me meto na cama. Depois fecho os olhos com força e digo a mim mesma que não vou levantar de novo para ir até a janela por mais que deseje fazer isso.

***

Não saberia dizer o que me acordou. Um ruído? Um pesadelo? A única coisa que sei é que estou acordada e que meu coração bate com força. Não o ouço dentro do quarto, só por cima de mim. O teto range sobre minha cabeça como se algo muito pesado se movimentasse. Uma sombra longa cruza a parede e eu me levanto.

Agora ouço algo no vestíbulo: uma fraca escaramuça semelhante ao ranger de folhas mortas. Olho pela fresta da porta, mas não há nada. Escuto novamente; agora vem debaixo. Caminho pelo corredor na ponta dos pés e desço as escadas em direção ao som. Paro ao chegar no grande salão. No fundo do lugar, o ruído se ouve mais forte. Rangidos. Sussurros. Lamentos.

Não olhe, Gemma. Fique longe.

Olho pelo buraco da fechadura. A luz da lua se filtra pela janela. Observo cada resquício de luz em busca de algum movimento. Um leve movimento capta minha atenção. Algo se move na escuridão. Apago a vela e espero, os meus joelhos tremem de medo. Conto em silêncio — *um, dois, três* — os segundos. Não há nada. *"Trinta, trinta e um, trinta e dois..."*

Novamente se escutam sussurros. Atenuados e assustadores como unhas de ratos em pedras. Pressiono o olho contra a fechadura uma vez mais e meu coração bate contra as costelas.

A coluna. Se move.

As criaturas esculpidas nela se deixam ver pouco a pouco com os punhos altos e batendo fracamente suas asas reencarnadas. Ofegantes e balbuciantes, se retorcem e pressionam contra a minguante membrana de pedra como algo preparado para nascer. Ainda não posso gritar. Uma ninfa se libera do limo com um estalo. Sacode de seu corpo os restos da coluna e planeia pelo ar. Ofego. Levanta a cabeça e se mantém na escuta.

Rápida como o vento, aproxima seus olhos da fechadura. Seus olhos são tão grandes como os de um cervo.

— Não pode nos deter — murmura. — A terra despertou e nós com ela. Logo chegará o dia em que seu sangue será derramado e nós governaremos para sempre. O sacrifício!

— O que está fazendo aqui, senhorita?

Caio de costas contra algo com um grito e dou a volta para ver Brigid me observando,

com as mãos no quadril, e com seu gorro de dormir posto.

— Deveria estar na cama! — diz.

— E... escutei um ru... ruído — gaguejo, tragando-me o medo de uma vez.

Brigid franze o cenho e vai abrir as portas. Acende a vela mais próxima a nós. O quarto está em silêncio. Não há nada estranho. Mas ainda ouço os arranhões dessas bestas.

Sinto sob minha pele.

— Você ouviu isso? — pergunto, com um tom de voz, desesperado.

Brigid franze o cenho.

— Ouvir o que?

— A coluna. Está viva. Eu vi.

O rosto de Brigid reflete preocupação.

— Vamos, não tente assustar a pobre Brigid, certo?

— Eu vi — repito.

— Então acenderei todas as luzes.

Brigid corre para pegar os fósforos.

Rangidos. Encima da minha cabeça. Como mensageiros do inferno. Levanto os olhos e ali está: a ninfa, pregada ao teto, com um sorriso perverso nos lábios.

— Ali encima! — grito.

Brigid levanta a vela e a ninfa já não está. Leva uma mão ao peito.

— Maria santíssima, mãe de Deus! Você me deu um susto de morte! Vamos dar uma olhada nessa coluna.

Nos aproximamos pouco a pouco. Queria começar a correr. Brigid fica olhando, e tenho medo que algo a pegue.

— Bom, é bastante estranho, como tudo que há neste lugar, mas não está vivo. Só é desagradável.

Bate na coluna e esta parece ser muito sólida. Ou não? Desde que acho que descobri um oco no mármore que antes não estava.

— Você comeu repolho? — pergunta Brigid enquanto apaga as velas.

— O que?

— O repolho do jantar. Pode ter feito mal e provocado pesadelos horríveis. Se quer um conselho, não volte a comer repolho.

Apaga a última vela e o lugar volta a sumir nas sombras. Brigid fecha a porta e tira a chave. Enquanto nos dirigimos para as escadarias, explica-me quais são os alimentos e verduras que ajudam a ter sonhos felizes, embora mal a escute. Meus ouvidos estão presos na escuridão abaixo, onde ainda escuto débeis arranhões e risadas apagadas.

43

NA MANHÃ SEGUINTE, A SENHORA NIGHTWING, mantendo sua palavra, nos coloca para viajar oito quilômetros até *Balmoral Spring*. Enquanto a carruagem cambaleia sobre as estradas lamacentas, eu percebo que estou ansiosa para ver Ann novamente, e estou esperando que ela me perdoe por meu desagradável comportamento no dia de sua partida.

Nós finalmente chegamos. *Balmoral Spring* é um pesadelo de casa de campo, comprada por pessoas que têm novas fortunas, antigas ambições e um péssimo gosto para tudo. Eu me pergunto se algum criado da Inglaterra não esteja aqui. Há toneladas de lacaios prontos para ajudarem os convidados a saírem de suas carruagens e dezenas de criadas e mordomos de todos os tipos alinhando os passos e se atropelando pelo campo, atendendo a todas as necessidades.

— Você está vendo a Ann? — Sussurro para Felicity.

— Ainda não. — Ela responde, procurando-a na multidão. — O que é *aquilo*?

Ela aponta com o queixo para uma enorme fonte de mármore que exibe o Sr. Wharton como Zeus e a Sra. Wharton como Hera. Os raios do sol acobreado iluminando-os por trás. Há água esguichando da boca do Sr. Wharton em um fluxo um pouco estranho, fazendo com que pareça que ele esteja cuspindo.

— Completamente chocante! — Felicity diz, batendo palmas, deliciada. — Que outras maravilhas nós encontraremos aqui?

Sra. Nightwing examina o espetáculo da fonte, os gramados, os querubins de cerâmica postos ao lado de arbustos enfeitados e para o coreto recém construído.

— Misericórdia. — Ela murmura.

A risada da Sra. Wharton pode ser ouvida facilmente apesar de todo o barulho. Nós viemos usando vestidos simples e leves de verão, acompanhados pelos chapéus de palha em nossas cabeças, mas ela está usando um vestido azul ricamente enfeitado com pérolas que seria mais apropriado para um baile. Há diamantes pendurados em seu pescoço, apesar de ainda ser à tarde. E o chapéu dela é tão grande que parece um continente. Com um único movimento da cabeça, ela quase derruba um contingente de criados.

— Que bom que vocês vieram! — Ela diz, nos dando boas-vindas. — Não se esqueçam de experimentar o caviar. Ele veio diretamente da França!

Quando vejo Ann, eu não a reconheço. Em seu vestido de aparência desconfortável e com o cabelo puxado firmemente para trás, ela mal se parece com a garota que nos deixou algumas semanas atrás. Ela é um daqueles fantasmas sem cor que assombram os cantos de todas as festas. Não exatamente da família, não exatamente uma criada, não exatamente uma convidada — algo entre esses três, mas desconhecida por todos. E quando nossos olhares se encontram, ela desvia os olhos. A Pequena Charlotte dá um puxão na saia de Ann.

— Annie, eu quero brincar no roseiral. — Ela choraminga.

— Você quebrou as rosas da ultima vez, Lottie, e fui eu quem teve de arcar com as conseqüências. — Ann diz calmamente.

— Ah, senhorita Bradshaw... — A prima de Ann reclama. — Deixe-a brincar com as rosas. Ela as ama tanto.

— Mas ela não é cuidadosa com as flores. — Ann responde.

— É a sua obrigação fazer com que ela seja. — A Sra. Wharton diz a ela.

— Sim, senhora Wharton. — Ann responde devidamente e Charlotte sorri, triunfante. Eu imagino que outros horrores Ann têm de agüentar.

Felicity e eu as seguimos de longe. Ann tenta desesperadamente acompanhar o ritmo daquelas crianças abomináveis. Carrie, que está de quatro no chão, coloca os dedos no nariz quase o tempo todo, só tirando-os para examinar seus tesouros nojentos. Mas Charlotte é muito pior. Quando ninguém está olhando, ela puxa as rosas de seus caules para que suas pétalas recém-desabrochadas pendam por tristes pescoços quebrados. As advertências de Ann entram por uma orelha e saem pela outra. Quando ela vira suas costas para a menina, Charlotte continua seu massacre.

— Ann! — Nós a chamamos. Ann finge que não nos vê.

— Ann, não nos ignore, por favor. — Eu imploro.

— Eu queria que vocês não estivessem aqui. — Ela diz.

— Ann... — Eu começo.

— Eu estraguei tudo, não é? — Ela sussurra. — Carrie! — Ela grita. — Você não pode comer o que está dentro do seu nariz. Isso não é saudável.

Felicity faz uma careta.

— Ugh. Eu nunca vou ter filhos. — Carrie a oferece a estranha pérola que está grudada em seu dedo. — Não, obrigada. Mas que animalzinho mais horrível. Como você agüenta?

Ann seca uma pequena lágrima.

— Eu fiz a minha escolha... — Ela começa, mas não consegue terminar.

— Desfaça-a. — Felicity argumenta.

— Como? — Ann passa a mão em seu outro olho.

— Você poderia fugir. — Felicity sugere. — Ou fingir que você tem uma doença pavorosa, ou você poderia se passar por uma pessoa tão terrível que nem a criança mais horrível do mundo não agüentaria te ter como governanta.

— Gemma? — Ann olha para mim, suplicando.

Eu não vou esquecer minhas feridas tão facilmente.

— Eu te ofereci ajuda antes. — Eu a lembro. — Você realmente a quer desta vez?

— Sim. — Ela diz e eu posso ver pela tensão em seu queixo que ela está dizendo a verdade.

— Do que vocês estão falando? — Charlotte exige saber, tentando entrar em nosso pequeno grupo.

— De um monstro enorme que come menininhas curiosas demais e engole os ossos delas inteiros. — Felicity sibila para ela. Ann dá uma risada estrangulada.

— Eu vou contar para a minha mãe.

Felicity se inclina até ficar olho-a-olho com a criança.

— Faça seu pior.

Charlotte é a primeira a se afastar. E, com um último olhar à Ann, ela sai correndo na direção de sua mãe, choramingando.

— Mamãe, a amiga da Annie disse que um monstro vai me comer!

— Eu cansei. — Ann suspira.

— Mais do que suficiente para colocarmos nosso plano em ação. — Eu digo.

***

Depois de repreender Ann de todos os modos possíveis pelo ataque de raiva de Charlotte — na frente de todos os convidados —, a Sra. Wharton manda Ann voltar para suas obrigações. Nós ficamos logo atrás delas enquanto Charlotte assassina as rosas. Eu me inclino na direção dela.

— Você não deveria quebrar as rosas, Lottie. — Digo, suavemente.

Ela me encara com olhos raivosos.

— Você não é a minha mãe.

— Verdade. — Eu continuo. — Mas se você não parar, serei obrigada a *contar* para sua mãe.

— E então eu direi que foi a Annie quem quebrou as rosas.

Para demonstrar seu poder, ela joga uma rosa para perto de meus pés. Que encantador. Que criança mais agradável.

— Aqui vamos nós. — Sussurro no ouvido de Ann.

— Lottie, você não deveria quebrar as rosas. — Ann diz o mais gentilmente possível. — Ou as rosas podem te machucar.

— Isso é bobeira. — Ela quebra outra.

Ela está pronta para acabar com a terceira quando Ann diz, firmemente:

— Não diga que eu não te avisei. — Ela passa a mão sobre as rosas, invocando a magia que eu emprestei a ela. Os olhos de Charlotte se arregalam quando as flores decapitadas saem de seus caules quebrados. Elas se erguem em um brilhante espiral vermelho. Isso tem um efeito maravilhoso e só ele seria o suficiente para fazer um ponto, mas é importante deixar o

monstrinho impressionado. As rosas voam rapidamente na direção dela e pairam sobre sua expressão abismada por apenas um segundo antes de começarem a atacar, os espinhos picando seus braços, mãos, pernas e costelas repetidamente. Charlotte grita e corre para sua mãe. As rosas voltam para o chão. Eu vejo a garota puxando o braço de sua mãe enquanto esfrega seus machucados. Em segundos, uma Charlotte soluçante trás sua mãe até nós. Vários convidados às seguem para ver do que se trata toda essa agitação.

— Diga a ela! — Charlotte chora. — Diga a ela o que as rosas fizeram! O que você as fez fazer!

Nós damos nossos sorrisos mais inocentes para Sra. Wharton, mas o de Ann é o maior.

— Oh, Lottie, do que você está falando, querida? — Ann pergunta, toda curiosa e preocupada.

Charlotte não está acreditando nem um pouco.

— Ela fez as rosas voarem! Ela fez elas me machucarem! Ela fez as rosas voarem! Ela fez sim!

— Meu Deus, e como eu fiz isso? — Ann a censura gentilmente.

— Você é uma bruxa! E você também é. E você!

Os convidados gargalham ao ouvir isso, mas Sra. Wharton está mortificada.

— Charlotte! Quanta imaginação. Você sabe como papai se sente em relação a mentiras.

— Não é mentira, mamãe! Elas fizeram isso! Elas fizeram!

Ann fecha seus olhos, usando um último feitiço.

— Ah Meu Deus — Ela diz, examinando o rosto de Charlotte. — O que são essas manchas?

E é verdade, pequenos inchaços vermelhos apareceram no rosto da criança, mas eles não são nada mais do que uma ilusão.

— Oh, isso é varíola. — Um homem diz.

— Oh. Oh, Deus. — Sra. Wharton diz. Uma onda de preocupação toma os convidados. Ninguém quer ficar por perto e, mesmo que a Sra. Wharton insista em tentar manter sua festa perfeita de pé, ela está perdendo esse jogo. Logo, as esposas estão puxando as mangas de seus maridos, criando suas próprias desculpas para irem embora.

E então, começa a chover, mas Ann, Felicity e eu não podemos assumir a culpa por esse contratempo. A banda pára de tocar. As carruagens são trazidas. Os convidados se dispersam e as crianças são levadas ao quarto das crianças pela Sra. Wharton. Nós, felizmente, somos deixadas sozinhas.

— Ah, eu queria poder reviver aquele momento repetidamente. — Ann diz enquanto nós nos abrigamos debaixo de uma pérgola envolto em videiras.

— Bruxas! — Felicity diz, imitando Charlotte, e nós damos risadinhas por de trás de nossas mãos.

— Ainda assim, ela é só uma criança. — Ann diz com um tom de preocupação invadindo sua voz.

— Não. — Eu digo. — Ela é um demônio escondido atrás de um babador. E a mãe dela a

merece completamente.

Ann pensa sobre isso.

— Verdade. Mas e se a mãe dela acreditar nela?

Felicity parte uma folha de grama em duas.

— Ninguém ouve às crianças, nem quando elas estão dizendo a verdade. — Ela diz, amargamente.

***

O médico chega e dá seu diagnóstico: catapora. Como Ann nunca teve catapora, ele a manda ficar longe das crianças e da casa por três semanas. Sra. Nightwing concorda em hospedar Ann até ela poder voltar com segurança e nós temos nossa amiga de malas prontas e dentro de nossa carruagem em poucos minutos.

Sra. Wharton se opõe vigorosamente contra a ida de Ann.

— Ela não pode ficar? — Ela diz enquanto a mala de Ann é colocada dentro de nossa carruagem.

— Não, ela não pode. — O médico insiste. — Seria um caso muito sério se ela contrair catapora.

— Mas, como eu vou lidar com tudo? — a Sra. Wharton tenta argumentar.

— Venha, senhora Wharton. — O Sr. Wharton diz. — Nós temos uma criada para as crianças e nossa Annie estará conosco novamente em três semanas. Não é, senhorita Bradshaw?

— Vocês mal vão perceber que eu não estou aqui. — Ann responde e acho que ela realmente gostou de poder dizer isso.

44

A VOLTA DE ANN À SPENCE É RECEBIDA COM APLAUSOS animados das garotas mais novas que disputam pela atenção dela. Agora que ela esteve "longe" elas a acham emocionante e exótica. Não importa que tenha sido apenas por algumas semanas e apenas para uma casa de campo, ela agora parece ser mais experiente aos olhos das pequenas. Brigid promete fazer um pudim de caramelo para comemorar e, à noite, quando nos sentamos perto da lareira, é como se nós não tivéssemos sido separadas e que a viagem de Ann foi apenas um sonho ruim.

Apenas Cecily, Elizabeth e Martha se mantêm distantes, mas Ann não parece se importar. Nós contamos tudo à Ann — nossa visita ao Dr. Van Ripple, a lousa, minha descoberta sobre o plano de McCleethy e Fowlson para retomarem o poder. Kartik. Essa parte da história me deixa melancólica. A única coisa que eu não confesso é minha parceria com Circe, por que sei que elas nunca entenderiam. Eu mesma mal entendo.

— Então... — Ann diz, recapitulando. — Nós sabemos que Wilhelmina foi traída por alguém que ela confiava, alguém que ela conhecia desde a época em que estudava na Spence.

Felicity afunda seus dentes em um chocolate.

— Correto.

— Tanto Eugenia Spence quanto Mãe Elena sentem que alguém se aliou às criaturas das Terras Invernais e Mãe Elena acredita que essa aliança acabará nos matando.

— Você está indo muito bem, continue. — Eu digo, roubando um dos chocolates para mim.

— As tribos dos reinos também podem estar se aliando as criaturas das Terras Invernais para começarem uma revolução.

Nós concordamos.

— Para libertarmos Eugenia e estabelecermos a paz nas Terras Invernais precisamos encontrar a adaga que Wilhelmina Wyatt roubou da Spence. E Wilhelmina, quem era viciada, ladra e, no geral, uma pessoa vergonhosa, pode estar tentando nos levar até o lugar onde escondeu a adaga através das visões da Gemma. Ou é bem possível que ela esteja nos levando para um fim muito ruim.

— De fato. — Felicity lambe os dedos.

— Senhorita McCleethy e, logicamente, a senhora Nightwing sabem sobre a porta secreta que leva aos reinos, mas acreditam que só podem destrancá-la reconstruindo a torre. Eugenia confirmou que isso é verdade. Ainda assim, Wilhelmina não queria que elas reconstruíssem a Ala Leste. — Ann para. — Por quê?

Felicity e eu damos de ombros.

— Por que ela está do lado da Gemma? — Felicity sugere, como se fizesse muito sentido.

— E então tem a questão da frase: "A chave guarda a verdade". — Ann continua. — A chave para o que? Que verdade?

— Dr. Van Ripple disse que não sabia sobre nenhuma chave, ou adaga. — Eu repito. — E a lousa não é nada especial, apenas uma lousa comum.

Ann pega um chocolate. Ela o coloca lentamente dentro da boca, pensando.

— Por que Wilhelmina pegaria a adaga, em primeiro lugar?

Por um momento, a tenda fica completamente silenciosa, exceto pelo barulho que nossos dedos fazem ao bater contra alguma superfície em ritmos diferentes.

— Ela sabia que se a adaga caísse em mãos erradas seria um desastre. — Eu sugiro. — Ela não confiava em McCleethy ou em Nightwing para ficar com ela.

— Mas elas veneram a memória da senhora Spence. Ela é como uma santa para elas. — Ann argumenta. — Que motivos elas teriam para fazer alguma mal a ela?

— A não ser que elas nunca tenham realmente se importado com ela. Às vezes as pessoas fingem gostar de você, quando, na realidade, não gostam. — Digo, amargurada, pensando em Kartik.

Nós espiamos as duas, pela fenda da tenda, envolvidas em uma conversa. Brigid trás o *sherry* da Sra. Nightwing em uma bandeja de prata.

— Não sei como conseguiríamos resolver esse mistério esta noite. — Felicity reclama.

Nós somos distraídas por uma alta batida na porta. Brigid vai até a Sra. Nightwing.

— Desculpe, senhora, mas tem um grupo de atores lá fora. Eles disseram que têm um espetáculo muito divertido para apresentar, se você bondosa e os aceitasse.

Sra. Nightwing tira seus óculos com um movimento brusco.

— Atores? É claro que não. Você pode mandá-los ir embora, Brigid.

— Sim, senhora.

A Sra. Nightwing mal havia colocado seus óculos de volta quando as garotas a cercaram e começaram a implorar para ela repensar.

— Oh, por favor! — Elas choram. — Por favor!

Mas nossa diretora está decidida.

— Eles não são confiáveis. Quando eu era mais nova, eles costumavam ser expulsos da cidade. Pedintes, na melhor das hipóteses, ou então ladrões e coisas piores.

— O que pode ser pior do que pedintes e ladrões? — Elizabeth pergunta.

Os lábios da Sra. Nightwing se comprimem.

— Nada que lhe interesse.

Isso faz todas as garotas correrem até as janelas para espiarem a escuridão do lado de fora, esperando ter um vislumbre desses homens proibidos. O perigo chama e nós respondemos muito avidamente, com nossos narizes encostados no vidro. Mas os atores não são mandados embora tão facilmente, ao que parece. Eles colocaram seus lampiões na grama e já começaram sua apresentação. Nós abrimos as janelas e colocamos nossas cabeças para fora.

— Nós lhe desejamos uma boa noite, gentis senhoritas! — Um dos atores grita. Ele manipula várias maçãs ao mesmo tempo, mordendo cada uma delas até que sua boca esteja cheia. Nós rimos de sua brincadeira.

— Por favor, senhora Nightwing. — Nós imploramos.

Finalmente, ela cede.

— Tudo bem. — Ela diz, dando um longo suspiro. — Brigid! Tome conta das moedas e não deixe ninguém entrar!

Nós nos atropelamos em direção ao gramado. Vaga-lumes piscam suas extremidades brilhantes para nós. O ar está calmo e agradável e estamos emocionadas por termos um show. Apesar das preocupações de Sra. Nightwing, os atores parecem mais palhaços do que criminosos. Os rostos deles foram escurecidos com rolha queimada e as roupas estão gastas, como se eles estivessem andando pelas estradas da Inglaterra por muitas semanas. O alto homem no centro usa uma túnica com o emblema de São Jorge. Outro homem usa uma roupa Oriental, algo Turco. E outro ainda parece algum tipo de médico. Eu consigo ver o pé de outros dois saindo por debaixo de uma fantasia de dragão.

O líder do grupo dá um passo à frente. Ele é um companheiro alto e desengonçado com um cabelo que precisa ser cortado. O rosto dele tem os ângulos pronunciados por conta da magreza e da fome. Ele está usando uma cartola que já teve dias melhores e uma túnica que já está ficando velha demais. Na mão ele tem uma espada de madeira. Ele fala com R's dobrados e com ar de um ator digno de Music Hall.

— Que história nós devemos contar para lhes cativar, minhas belas donzelas? Vocês querem um conto de amor? Ou um conto de aventura e com possíveis mortes?

Arquejos de animação se espalham por nosso eclético grupo de garotas. Alguém pede amor, mas ela logo é sufocada pelas outras.

— Aventura e morte! — Nós pedimos. A romântica faz beicinho, mas só isso. Morte é muito mais emocionante.

— Talvez o conto de São Jorge conquistando o dragão? Uma bela princesa prestes a ser sacrificada? Ela viverá? Ela morrerá? Esta noite, nós lhe apresentaremos a um herói, um doutor, dúvida, um cavaleiro Turco, e, é claro, a um dragão. Mas, primeiro, nós precisamos de uma princesa. Há alguma de vocês que possa ser nossa bela donzela condenada?

As garotas imediatamente começam a implorar para serem escolhidas. Elas balançam suas mãos e tentam chamar atenção enquanto o ator nos avalia um pouco abaixado com passos lentos.

— Você, minha dama ruiva. — Eu demoro a perceber que o ator está apontando para mim. Por ser a mais alta e ter o cabelo mais vermelho, acabei me destacando. — Você nos daria a honra de ser nossa bela donzela?

— Eu...

— Ah, vai logo. — Felicity diz, me dando um empurrão.

— Ah, obrigado, linda donzela. — Ele coloca uma coroa em minha cabeça. — Nossa princesa!

As garotas estão decepcionadas. Elas aplaudem um pouco desanimadas.

— Começaremos nossa fábula na cidade-estado mais campestre de todo o mundo onde um rio dourado corre. Mas, o que é isso? Ai de mim! Um dragão construiu um ninho ali!

Os homens com a fantasia de dragão chegam mais perto, rugindo e rosnando. Eles seguram uma flâmula para representar o fogo.

— Os cidadãos, vivendo com o medo constante, não podem mais pegar água do rio de tão amedrontados que estão por conta daquele monstro horrível. Então, eles criam um plano desesperado: eles sacrificarão uma princesa, dando-a ao dragão para poderem satisfazer sua fome. Um sacrifício diário!

As garotas mais novas arfam. Alguns gritinhos agudos se fazem presentes. Felicity grita:

— Se deu mal, Gemma! — E as mais velhas caem na risada. Até a Srta. McCleethy e a Mademoiselle LeFarge dão risadinhas discretas com isso. Eu sou bem amada. Que reconfortante. O hálito de fogo do dragão fica cada vez mais chamativo.

O ator não se importa em ter seu show interrompido dessa maneira. Ele usa seu tom mais autoritário. Sua voz retumba pela noite de um modo que faz meus pêlos dos braços se eriçarem.

— A bela princesa grita por ajuda! — Ele aponta para mim, esperando. Eu respondo sua espera com uma expressão perplexa.

— Grite. — Ele sussurra.

— Aaaah. — É o grito mais anêmico de todos os gritos do mundo.

É possível ver a irritação do ator por debaixo de seu sorriso barbado.

— Você é uma bela donzela à beira da morte! As tenebrosas chamas do dragão estão a centímetros de seus cachos vermelho-dourados! Você queimará como palha! Grite! Grite por sua vida!

Parece ser um pedido muito simples, e ainda assim, estou mortificada demais por tudo isso para fazer um único som. A platéia espera inquieta. Eu posso lembra-los de que não me voluntariei para esse papel. Um grito de gelar a alma ressoa, alto e verdadeiro. Ele faz calafrios percorrerem meu corpo. É Ann. Com uma mão na cabeça, ela grita, interpretando um papel como a propria Lily Trimble.

Os atores se animam.

— Ah, aí está a nossa princesa!

Eles trazem Ann para frente e colocam a coroa na cabeça dela. Eu sou escoltada de volta para onde as meninas estão com um fraco ‘obrigado’ por meus esforços.

— Eu não fui tão mal assim. — Resmungo quando já estou ao lado de Felicity. Fee dá palmadinhas em meu ombro. As palmadinhas dizem: *Sim, você foi sim*.

Mas eu não consigo ficar emburrada por muito tempo, por que Ann é magnífica. Assistindo-a, eu esqueço que ela é Ann. Ela se transforna na princesa que está a ponto de ser devorada. Com os atores segurandos seus pulsos, ela se debate e implora por piedade. Quando o dragão de papel chega mais perto, ela grita.

— Ninguém salvará essa donzela? Ela terá que morrer? — O ator pergunta com satifação.

Uma corneta quebrada é tocada. Parece mais uma vaca morrendo do que uma convocação. São Jorge chega com seu capacete emplumado.

— Ah! Mas quem é este? Será ele um amigo ou um inimigo? Alguém pode me dizer a verdade?

— Este é São Jorge! — Uma garota grita.

O ator finge não a ter escutado.

— Eu lhes pergunto, quem é este?

— São Jorge! — Nós gritamos, animadas.

— E ele é um herói... ou um vilão?

— Herói! — Por que, quem se atreveria a dizer que o santo padroeiro da Inglaterra não é um herói?

— Oh, quem irá me salvar? — Ann diz, pesarosamente. Ela é realmente muito boa, mas o ator não se importa em ser grosso. Ele segura o braço dela com força.

— A princesa, tomada pelo terror, desmaia. — Ele diz, severamente.

O olhar torto de Ann está cheio de irritação, mas, como pedido, ela dá um suspiro dramático, fecha os olhos e deixa seu corpo cair flácido nos grilhões de papel. São Jorge olha para o dragão.

— Mas o que é isso? Nosso herói está hesitando. A dúvida se infiltrou dentro de seu coração.

Um ator que tem o rosto pintado com duas expressões diferentes — um sorriso e uma carranca — vai para o lado do ator que interpreta São Jorge.

— A dama não pode ser salva. Por que se sacrificar por ela?

Nós recebemos isso com um coro de vaias.

O ator com o rosto pintado vira o sorriso em nossa direção.

— É assim que sempre foi: o sacrifico de uma donzela para acalmar a fera. Você se atreveria a contestar isso?

— A duvida atormenta nosso bom herói. — O ator alto grita. — Ele precisará da ajuda das belas e boas damas que estão reunidas aqui para encontrar seu coração e ganhar o dia. Vocês o incentivarão?

— Sim! — Nós gritamos.

São Jorge finge pensar enquanto o dragão de papel se contorce para perto de Ann dando um fraco rosnado. Nós damos mais um alto grito de encorajamento e ele puxa sua espada

com determinação. Uma batalha violenta se sucede. O dragão é derrotado, mas São Jorge está ferido. Segurando seu flanco, ele cai no chão e nós ficamos em silêncio.

— Mas o que é isso? — O ator diz de olhos arregalados. — Nosso herói foi ferido! Há algum médico? — Nada acontece e o ator, visivelmente irritado, repete. — Eu disse; há algum médico?

— Eu! — O ator ao nosso lado, que tem apenas três dentes, lembra de seu papel. Ele corre segurando o chapéu na cabeça e um frasco de vidro na mão erguida.

— Eu sou o bom médico. E eu tenho uma poção mágica que o curará e o deixará perfeito novamente. Mas para a magia funcionar, todos nós precisamos acreditar. Acreditar e tocar no frasco.

Com uma seriedade impressionante, o médico passa o fraco de vidro de uma garota para a outra, pedindo para que cada uma faça um pedido a ele. O frasco é levado até São Jorge e colocado em seus lábios. Ele fica de pé com nossos gritos de aprovação.

— Nosso herói se recuperou! Sua magia o devolveu sua antiga vitalidade! E agora, vamos à bela princesa.

São Jorge vai para o lado de Ann. Ele parece estar pronto para beijar a bochecha dela, mas um alto pigarro da Sra. Nightwing o faz mudar de idéia. Então, ele dá um rápido beijo na mão dela.

— A princesa está salva!

Ann desperta com um sorriso. Nós comemoramos mais uma vez. Os atores que interpretaram o dragão aparecem e se juntam a Ann e São Jorge, se movendo de um modo que dá a impressão de que o corajoso cavaleiro e a bela donzela estão montando a fera. Eles acenam para nós, felizes. O dragão mia, nos fazendo rir. É um final muito feliz e acredito que era isso que nós esperávamos. Os atores fazem uma reverência e nós damos uma salva de palmas para eles. O líder coloca seu capéu no chão, pedindo para fazermos uma doação, “não importa o quão pequena seja”. Nós jogamos nossas moedas para a infelicidade da Sra. Nightwing.

— Sim, sim. — Ela diz, nos levando de volta à Spence. — Não vamos pegar um resfriado.

— Ann, você foi maravilhosa! — Eu digo quando ela se junta a nós. As bochechas dela estão vermelhas e, os olhos, brilhantes. Aquele momento de glória a transformou.

— Quando o dragão estava ao meu lado, eu senti medo de verdade! Foi emocionante. Eu poderia atuar todas as noites da minha vida e nunca me cansar. — Ela balança a cabeça. — Se eu pudesse cantar para o senhor Katz agora, eu cantaria, e não desperdiçaria a chance. Mas é tarde demais. Eles já foram embora.

Algumas garotas mais novas correm para perto de nós para parabenizá-la e elas dizem que Ann foi uma princesa perfeita. Ann dá um sorriso envergonhado para cada elogio que recebe.

De repente, minhas orelhas são invadidas por um chiado que fica cada vez mais alto, como se fosse uma lâmpada a gás sendo colocada em sua chama mais forte. Algo rouba o ar

de mim. Eu sinto como se estivessem puxando cada parte de meu corpo. Tudo fica confuso. O tempo desacelera. Eu vejo as meninas se movendo muito lentamente, suas tranças desafiando a gravidade conforme elas viram suas cabeças em graus infinitesimais. O som das risadas é lento e vazio. A boca de Ann se contorce com palavras lentas demais para eu conseguir entender. Eu, aparentemente, estou me movendo no ritmo normal. Como se eu fosse a única realmente viva.

Eu me viro na direção das àrvores e sinto um calafrio em minha alma. Os atores não desaceleraram nem um pouco. Enquanto caminham para dentro da floresta, eles ficam cada vez mais indistintos até virarem apenas esboços. Diante de meus olhos atônitos, eles se transformam em corvos e saem voando, suas asas negras perturbando o céu tranqüilo. O enorme puxão vai embora, mas eu me sinto esgotada, como se eu tivesse corrido vários quilômetros.

A boca de Ann solta suas palavras, agora.

— …me atrevo a dizer, voce não concorda? Gemma? Você está com uma cara estranha.

Eu seguro o braço de Ann com mais força, fazendo-a estremecer.

— Gemma!

— Você viu aquilo? — Eu arquejo.

— Vi o que?

— Os atores... eles… eles estavam ali e então... eles se transformaram em pássaros e voaram para longe.

A mágoa queima os olhos de Ann.

— Eu não pedi para eles me escolherem no seu lugar.

— O que? Não, não é isso! — Eu digo mais suavemente. — Estou dizendo para você que, num minuto, os atores estavam lá e, no outro, tinham se transformado em pássaros... exatamente como... — Eu sinto meu sangue gelar. — ...como os Guerreiros das Papoulas.

Ann examina a escuridão. Os lampiões dos atores vacilam por entre as árvores, ficando cada vez menores com a distância.

— Pássaros carregam lampiões?

— Mas eu... — Não consigo terminar. Não tenho mais certeza do que vi.

— Ann Bradshaw! Como você não nos contou que era tão brilhante? — Elizabeth exclama. Ela e Martha carregam Ann para dentro de um redemoinho de bajulação feminino e Ann entra nele alegremente.

Eu fico sozinha no gramado, procurando por algum sinal que prove que não imaginei o que vi. Mas as florestas estão quietas. A voz de Eugenia ecoa em minha cabeça: *Elas podem fazer você ver o que elas quiserem que você veja. Vai ser como se você estivesse ficando louca*. Eu me viro para ver a Sra. Nightwing e a Srta. McCleethy conversando. Gotas geladas de suor brotam acima de minha sobrancelha. Eu as seco com violência.

Não. Eu não vou ouvir o que elas têm a dizer. Eu não sou o peão delas, e eu não estou louca.

— A escuridão prega peças, Gemma. — Digo para me confortar. — Não foi nada. Nada,

nada, nada.

Eu repito a palavra a cada passo que dou até me convencer de que é verdade.

***

— Isso não é maravilhoso? Exatamente como nos velhos tempos. — Ann diz enquanto nos arrumamos para deitar.

— Sim. — Digo enquanto passo a escova pelo cabelo. Minhas mãos ainda estão tremendo e estou feliz que Ann esteja de volta a sua cama esta noite.

— Gemma. — Ela diz, percebendo minha tremedeira. — Eu não sei o que você acha que viu na floresta, mas não havia nada lá. Você deve ter imaginado.

— Sim, você está certa. — Eu digo.

E isso é o que me deixa mais aterrorizada.

45

NÃO FICO MUITO ANIMADA QUANDO CHEGA A HORA de acordar. Algo mais do que a falta de sono me incomodava. Não me sinto bem. Meu corpo está dolorido, e meus pensamentos estão muito lentos. É como se eu tivesse corrido muito rápido, e por tanto tempo, que cada passo que dou agora é um esforço. Meus contornos se confundem com todo o resto — os humores e emoções de outras pessoas, a dolorosa luz do sol, uma miríade de sensações — até que não sou capaz de dizer onde o mundo começa e onde eu acabo.

No entanto, as outras garotas de Spence estão vivas com a emoção que traz o baile de máscaras. Elas não podem resistir a tentação de rodopiar em suas fantasias na hora de experimentá-las. Elas se pavoneiam diante dos espelhos que já estão lotados, disputando por sua vez de se verem como princesas e fadas com máscaras ornamentadas com plumas e miçangas. Tudo que se vê são olhos e bocas. Algumas das garotas mais novas rosnam umas para as outras, com os dedos curvados como garras. Elas golpeiam e se cutucam como tigres selvagens.

A Sra. Nightwing entra, batendo as mãos.

— Ladies, vamos começar nosso ensaio.

As outras professoras encurralam as meninas mais jovens, separando os tigres das fadas. Elas têm que sentá-las no chão enquanto a Sra. Nightwing supervisiona nossas performances com o charme e a liberalidade de uma carcereira: “Senhorita Eaton, você está tocando piando, ou o assassinando?” “Ladies, suas reverências devem ser como flocos de neve ao cair. Suavemente, suavemente! Senhorita Fensmore, isso não é um floco de neve, mas uma avalanche.” “Senhorita Whitford, cante em voz alta, faça o favor. Pode ser que o chão possa ouvir sua música, mas é apenas o chão e ele não pode aplaudi-la”.

Quando a Sra. Nightwing me chama para recitar meu poema, meu estômago se agita. Eu não gosto da idéia de ter que estar de pé na frente de todas, sendo o centro das atenções. Nunca me lembrarei das palavras. As garotas me olham com expectativa, com tédio e com pena. A Sra. Nightwing limpa a garganta, e soa como uma arma atirando no início de uma corrida. Já dei a partida e estou correndo.

— *"Rosa de todas as Rosas, Rosa de todo o mundo...!"*

A Sra. Nightwing me interrompe.

— Graciosidade, senhorita Doyle! Isto é um derby[64] ou o recital de um poema?

Risadas dissimuladas ecoam das meninas. Algumas das pequenas tigresas dão risadinhas que escondem por trás das mãos.

Eu começo outra vez, esforçando-me para suavizar minha voz e ritmo, embora meu coração bata com tanta força que mal posso inalar ar.

— "*Afaste-se se puder das batalhas nunca concluídas,*/Eu chamo, enquanto um por um eles vêm a mim./ *Perigo não encontra refúgio, e guerra não paz,*/Para aquele que ouve o amor cantar e nunca cessar".

A palavra *amor* faz com que as garotas mais jovens dêem risadinhas novamente, e eu tenho que esperar enquanto a senhorita McCleethy as repreende por sua grosseria e as ameaça deixá-las sem comer bolo se não se comportarem. A Sra. Nightwing acena para eu continuar.

— *"Rosa de todas as Rosas, Rosa de todo o mundo!/Você, também, chegou ao lugar onde as turvas marés são arremessadas/Sobre o cais da dor/ E ouviste o ressoar/O sino que chama-nos; algo doce e distante..."*

Eu engulo uma vez, duas vezes. Elas olham para mim com tanta expectativa, e eu sinto que não importa o que eu fizer, vou decepcionar.

— Hum... *"Beleza crescida, beleza crescida entristecida..."*. Meus olhos estão coçando com as lágrimas que quero derramar sem saber por quê.

— Senhorita Doyle? — diz a Sra. Nightwing. — Você pretende acrescentar uma pausa dramática? Ou você entrou em estado catatônico?

— N-não. Só perdi o ponto — murmuro. *Não chore, Gemma, pelo amor de Deus, não aqui.*

— *"Beleza crescida, entristecida por sua eternidade/Faça-te nossa, e do cinzento mar turvo./ Nossos grandes navios esperam arriando velas,/Pois Deus exorta-os a partilhar o mesmo destino;/E quando por fim, derrotados em Suas guerras,/Eles cairão sob as mesmas estrelas brancas,/Deixaremos de ouvir o fraco clamor/De nossos tristes corações, que não podem viver ou morrer."*

Quando deixo meu lugar, há um aplauso pouco entusiasmado. Com a cabeça erguida, a Sra. Nightwing me olha através de seus óculos.

— Você tem que trabalhar nesse poema, senhorita Doyle. Eu havia esperado mais.

Todos parecem esperar mais de mim. Sou uma completa decepção em todos os aspectos. Vou usar um *D* escarlate no meu peito para que todos vejam, então vão saber que não podem ter muitas expectativas em relação a mim.

— Sim, Sra. Nightwing — digo, e as lágrimas ameaçam novamente, já que, debaixo de tudo isto, eu gostaria de agradá-la se fosse possível.

— Sim, bem — diz a Sra. Nightwing, amolecendo. — Pratique, certo? Senhorita Temple,

---

[64] N/T: Derby: corrida de cavalo.

Senhorita Hawthorne e Senhorita Poole, acredito que estamos prontos para seu balé.

— Certamente você vai se orgulhar de nós, senhora Nightwing — trina Cecily — Ensaiamos como nunca.

— Fico aliviada em ouvir isso — responde nossa diretora.

Maldita Cecily. Sempre cheia de superioridade. Será que ela já teve sonhos sangrentos? Será que ao menos se preocupa com alguma coisa? Vivendo em seu casulo precioso onde nenhum problema pode se introduzir.

Cecily se desliza pelo chão com graça absoluta. Seus braços fazem um arco sobre sua cabeça como se eles quisessem protegê-la de todo mal. Não posso evitar: odeio sua soberba e sua confiança. Eu gostaria de poder ter o que ela tem, e agora eu me odeio por isso.

Antes que eu posso detê-la, a magia ruge através de mim. E antes que eu possa contê-la, Cecily escorrega ao executar uma pirueta graciosa. Ela cai com força, torcendo o tornozelo dolorosamente ao cair em cima dele quando bate no chão com uma grande pancada.

Todas arquejam. As mãos de Cecily voam para sua boca sangrando e seu tornozelo inchado como se não conseguisse decidir o que doía mais. Ela explode em lágrimas.

— Deus do céu! — exclama a senhora Nightwing.

Todas as garotas se apressaram para o lado dela exceto eu. Eu fico observando, a magia ainda pesando em meus membros. Um pano de prato é oferecido para o lábio de Cecily. Ela soluça enquanto a Sra. Nightwing a reconforta friamente, dizendo-lhe que ela não deve fazer tanto escândalo por isso.

Minha pele ainda coça com a magia. Esfrego meus braços como se assim pudesse fazê-la ir embora. Estou subjugada pelos gritos, arfares, confusão, e logo embaixo disso tudo — bem embaixo — ouço o cru roçar de asas. Algo brilha no canto, perto das cortinas. Eu me aproximo. É a ninfa que vi na outra noite, aquela que se libertou da coluna. Ela se esconde dentro de uma dobra no veludo.

— Como... como você chegou até aqui? — pergunto.

— Eu estou aqui? Você me vê? Ou é apenas sua mente que diz que estou aqui?

Ela revoa sobre minha cabeça. Tento agarrá-la, mas só pego ar.

— Divertido. O que você fez para essa mortal — ela dá uma risadinha. — Gostei.

— Não foi divertido — eu digo. — Foi horrível.

— Você a fez cair com sua magia. Você é muito poderosa.

— Eu não queria fazê-la cair!

— Senhorita Doyle? Com quem você está falando? — Mademoiselle LeFarge pergunta.

Eu tirei a atenção de todos de Cecily. Eles estão olhando para mim agora.

Eu olho para trás, mas não há nada ali. Apenas uma cortina.

— Eu... eu...

Do outro lado da sala, a senhorita McCleethy olha de mim para Cecily, e vice-versa, uma expressão de alarme cerne-se lentamente sobre ela.

— Foi você, não foi? — soluça Cecily. Há medo de verdade em seus olhos. — Eu não sei como ela fez isso, Sra. Nightwing, mas foi ela! É uma garota malvada!

— Malvada — a ninfa cacareja no meu ouvido.

— Cale-se! — grito para ela.

— Senhorita Doyle? — pergunta Mademoiselle LeFarge. — Com quem...

Eu não respondo e nem peço permissão. Saio correndo dali, desço as escadas e saio pela porta, sem me importar que eu vá ganhar cem pontos negativos por isso e ter que esfregar o chão para sempre. Passo correndo pelos trabalhadores surpreendidos que tentam apagar o passado da Ala Leste com calcário branco fresco. Corro até chegar ao lago onde eu caio na grama. Eu deito de lado, encolhida, ofegante, e observo o lago através das longas lâminas de grama que acolhem minhas lágrimas.

Uma tímida égua marrom caminha saindo da cobertura das árvores. Ela põe o nariz na água, mas não bebe. Ela perambula por perto e nós olhamos uma para a outra com cautela, duas almas perdidas.

Quando ela se aproxima de mim, percebo que é Freya. Há uma sela em seus lombos fortes, e eu me pergunto: se ela estava para ser montada, onde está o cavaleiro?

— Olá — eu digo.

Ela bufa e abaixa a cabeça, impaciente. Ela permite que eu acaricie seu nariz.

— Venha, — digo a ela, agarrando suas rédeas. — Deixe-me levá-la de volta para casa.

Os Ciganos geralmente não ficam felizes em me ver, mas hoje, eles empalidecem ao me aproximar. As mulheres colocam as mãos na boca como se fossem parar as palavras que poderiam sair. Uma delas chama por Kartik.

— Freya, menina travessa! Estávamos preocupados com você — diz ele, colocando sua cabeça no nariz do animal.

— Eu a encontrei lá embaixo, à beira do lago — digo friamente.

Kartik afaga o nariz de Freya.

— Onde você esteve, Freya? Onde está Ithal? Você o viu, senhorita Doyle?

— Não, — digo. — Ela estava sozinha. Perdida.

Uma alma gêmea.

Kartik acena com gravidade. Ele leva Freya até seu poste e dá a ela sua aveia, que ela engole.

— Ithal foi cavalgar a noite passada e ainda não retornou.

Mãe Elena fala com os outros em sua língua. Os Ciganos se movem desconfortáveis. Um choro fraquinho começa entre as mulheres.

— O que estão dizendo? — eu sussurro a Kartik.

— Eles dizem que ele poderia ser um espírito agora. Mãe Elena insiste que eles devem queimar todos os pertences dele a fim de que ele não volte para assombrá-los.

— E você acha que ele está morto? — pergunto.

Kartik dá de ombros.

— Os homens de Miller disseram que conseguiriam sua justiça. Vamos procurá-lo. Mas se ele não voltar, os Ciganos vão queimar todos os vestígios dele.

— Tenho certeza que ele vai aparecer — digo, me dirigindo para o lago novamente.

Kartik me segue.

— Eu amarrei a bandana na hera há três dias. Fiquei esperando por você.

— Pois pode continuar me esperando — digo.

— Vai me punir para sempre?

Eu paro e o encaro.

— Preciso falar com você — diz ele. Há círculos escuros sob seus olhos. — Estou tendo sonhos novamente. Eu estou em um lugar desolado. Há uma árvore, tão alta como dez homens, assustadora e majestosa. Vejo Amar e um grande exército de mortos. Estou lutando contra eles como se minha alma dependesse disso.

— Pare. Não quero ouvir mais nada — digo, porque estou cansada. *Estou meio cansada de sombras*, penso, lembrando do poema que a senhorita Moore nos ensinou a tantos meses atrás, *'The Lady of Shalott'*.

— Você está lá — diz ele calmamente.

— Estou?

Ele acena.

— Você esta ao meu lado. Nós lutamos juntos.

— Estou ao seu lado? — repito.

— Sim — diz ele.

O sol ilumina seu rosto de tal modo, que posso ver os pequenos matizes dourados de seus olhos. Ele está tão sério, que por um segundo eu gostaria de baixar meus escudos e beijá-lo.

— Então você não tem nada com que se preocupar — digo, afastando-me dele. — Já que isso certamente é só um sonho.

***

Dizer que a Sra. Nightwing está descontente comigo é como dizer que Maria Antonieta[65] recebeu um simples arranhão no pescoço. Nossa diretora me atribui trinta marcas de conduta por mau comportamento e eu tenho que fazer sua vontade durante uma semana. Ela começa me mandando organizar a biblioteca, o que não é a tortura que ela imagina, qualquer tempo passado na companhia de livros alegra minha alma. Quer dizer, quando minha alma pode ser alegrada.

McCleethy entra no meu quarto sem bater e se acomoda na única cadeira.

— Você não desceu para jantar — ela diz.

— Não estou me sentindo bem — eu puxo meu cobertor até o queixo como se isso pudesse me proteger de seu bisbilhotar.

— A quem você estava falando no salão de baile?

— Ninguém — eu digo sem olhar para ela. — Estava ensaiando.

— Você disse que não queria fazê-la cair.

Ela espera que eu responda. Eu deito-me de costas e olho para um ponto no teto, onde a tinta descasca.

---

[65] N/T: Maria Antonieta foi gilhotinada.

— O tornozelo da senhorita Temple está lesionado.Ela não poderá fazer sua apresentação de balé. É uma pena. Ela era muito boa. Senhorita Doyle, você pode fazer a gentileza de olhar para mim quando estou falando com você?

Eu deito de lado e olho diretamente através dela como se ela fosse feita de vidro.

— Pode parar de fingir, Gemma. Eu sei que você ainda tem a magia. Foi você que causou a queda dela? Não estou aqui para te punir. Mas eu preciso saber a verdade.

Mais uma vez sou tentada a lhe dizer tudo. Seria um alivio. Mas eu conheço McCleethy. Ela atrai. Ela seduz. Ela diz que quer a verdade, quando o que ela realmente quer é demonstrar que está certa, dizer-me que estou errada. E não posso confiar nela. Não posso confiar em ninguém. Não vou falhar com Eugenia.

Eu volto à minha fascinação pelo descascamento do teto. Quero futucar na rachadura do gesso. Arrancar as tábuas e começar de novo. Pintá-las de outra cor. Transformar em um teto completamente diferente.

— Ela caiu — eu digo, minha voz vazia.

O olhar sombrio de McCleethy está sobre mim, ponderando, julgando.

— Um acidente, então?

Engulo em seco.

— Um acidente.

Eu fecho meus olhos e finjo dormir. E depois do que parece ser um tempo impossivelmente longo, eu escuto o raspar da cadeira contra o chão, sinalizando a saída da senhorita McCleethy. Suas pisadas soam pesadas diante de sua decepção.

***

Durmo. É um sono agitado, com sonhos onde corro sobre areia negra e grama fresca. Não importa para onde eu corra, o que eu quero é simplesmente ficar fora de alcance. Eu acordo para encontrar os rostos de Felicity e Ann pairando a poucos centímetros do meu. Isso me sobressalta.

— É hora de ir aos reinos — diz Felicity. Antecipação ardendo em seus olhos. — Passaram-se séculos desde a última vez, não é, Ann?

— É o que parece — concorda Ann.

— Muito bem. Dê-me um momento.

— O que você estava sonhando? — Ann pergunta.

— Não me lembro. Por quê?

— Você está chorando — diz ela.

Coloco os dedos em minhas faces úmidas.

Felicity joga minha capa para mim.

— Se não sairmos logo, vou ficar louca.

Eu afivelo minha capa e coloco meus dedos e minhas lágrimas profundamente em meu bolso, onde elas ficam como se não houvessem existido.

46

NO MOMENTO EM QUE PISAMOS NAS TERRAS FRONTEIRIÇAS, elas parecem diferentes. Tudo parece ter ficado de cabeça para baixo. As videiras chegam até nossos tornozelos. Corvos se instalaram nas partes mais altas dos abetos como manchas de tintas. Enquanto fazemos nosso trajeto para o castelo, eles nos seguem, pulando de galho em galho.

— É como se estivessem nos vigiando — Ann sussurra.

As garotas da fábrica não vêm nos receber com seu grito familiar.

— Onde elas estão? Onde está Pip? — Felicity diz, acelerando o passo.

O castelo está deserto. E assim como o terreno de fora, ele está todo coberto de vegetação e mal cuidado. As flores ficaram quebradiças, e vermes se deslizam de suas cascas rochas. Eu piso em algo granuloso e levanto minha bota de cima com desgosto. Vagamos pelos espaços cobertos de videira, chamando os nomes das meninas, mas ninguém responde.

Ouço um fraco murmúrio de atrás de uma tapeçaria. Eu a puxo de lado, e lá está Wendy, seu rosto sujo e com lágrimas rolando. Seus dedos estão azuis.

— Wendy? O que aconteceu? Por que você está se escondendo?

— É esse grito, senhorita — ela funga. — Costumava ser só às vezes. Esses dias eu ‘tô’ escutando o tempo todo.

Felicity checa detrás de outra tapeçaria, por causa da possibilidade de tudo isso ser um jogo de esconde-esconde.

— Vamos, vamos, já podem sair! Pip? Pippa Cross! — ela se deixa cair no trono, amuada. — Onde estão todas?

— É como se tivessem desaparecido. — Ann abre uma porta, mas não há nada dentro além de videiras.

Wendy treme.

— Às vezes acordo e sinto como se fosse a única alma aqui.

Seus dedos manchados de azul revoam até uma cesta de bagas que Pip colheu, as bagas que condenaram minha amiga a viver aqui. Eu noto as manchas azuis em sua boca também.

— Wendy, você comeu as bagas? — pergunto.

Seu rosto mostra medo.

— É tudo o que tinha, senhorita, e eu estava com muita fome.

— Não se preocupe — digo, pois não há nada que possa ser feito.

— Vou para a torre dar uma olhada — diz Fee, e eu ouço seus pés se apressarem pelas escadas em ruínas.

— Estou com medo, senhorita — diz Wendy, mais lágrimas caindo.

— Vamos, vamos — dou um tapinha em seu ombro. — Estamos aqui, vai ficar tudo bem. E o senhor Darcy? Onde está seu inquieto amigo?

Os lábios de Wendy tremem.

— Bessie disse que ele roeu sua jaulinha e fugiu. Estive chamando por ele, mas ele 'num' veio.

— Não chore. Vamos ver se conseguimos encontrá-lo. Senhor Darcy — eu chamo. — Você tem sido um coelhinho muito danado.

Procuro em todos os lugares onde um coelho arteiro poderia se esconder — nas cestas de baga, sob os tapetes mofados, atrás das portas. Espio a jaula que está assentada sobre o altar da capela. Não há sinal dos galhos terem sido mordiscados; eles estão intocados. Mas a porta da pequena jaula está aberta.

— Procurando suas amigas? — Uma fada brilha intensamente na penumbra de um canto. — Talvez elas tenham voltado para as Terras Invernais.

Felicity entra nesse preciso momento.

— Pippa não iria sem mim.

— Você tem certeza? — a coisa alada pergunta.

— Sim, tenho — diz Fee, mas seu rosto obscurece, e seu olhar rapidamente se volta em direção as Terras Invernais.

— Alguém se aproxima — diz a fada. Rápida como um piscar de olhos, ela voa para fora do castelo. Felicity, Ann e eu a perseguimos para a floresta. Do outro lado do muro de espinheiro, uma nuvem de poeira se move em nossa direção. São os centauros galopando depressa. Eles param de chofre, não ousando cruzar para as Terras Froteiriças. Um dos centauros me fala através dos espinhos.

— Philon chama por você, Sacerdotisa.

— Por quê? O que aconteceu?

— É Creostus. Ele foi assassinado.

***

Sob as oliveiras da gruta onde as Runas da Ordem ficava, o corpo espalhado de Creostus se encontra, seus braços estendidos de cada lado. Seus olhos estão abertos, mas não vêem. Em uma mão ele segura uma papoula perfeita. Ela reflete a ferida sangrenta em seu peito. Creostus e eu não éramos amigos — seu temperamento estava longe de ser bom — mas ele estava cheio de vida. É difícil vê-lo morto.

— O que você sabe disso, Sacerdotisa? — Philon pergunta.

Mal posso afastar a vista dos olhos em branco de Creostus.

— Eu não sabia nada disso até há poucos momentos atrás.

— Mentirosa. — Neela salta para uma rocha. — Você sabe quem é o responsável. — Ela se transforma em Asha; o sari laranja, as pernas empoladas, os olhos escuros.

— Você acha que foi os Hajin — digo.

— Você sabe que foi! Creostus tinha ido negociar papoulas. A tribo havia dado o calote de um alqueire cheio nele. E agora o encontramos aqui com uma papoula na mão. Quem mais poderia ser o responsável? Os imundos Hajin, ajudados pela Ordem! — A voz de Neela falha pela emoção. Ela acaricia o rosto de Cresotus amorosamente. Chorando, ela se inclina em seu peito, estendendo-se sobre seu corpo sem vida.

A Górgona fala do rio.

— A Ordem pode ser severa, mas nunca matou. E você esquece que hoje em dia eles não têm acesso aos reinos. Eles não têm poder algum aqui.

Neela me olha fixamente.

— E ainda assim, vi a Sacerdotisa se dirigindo para o Templo, sozinha.

— Neela está dizendo a verdade, pois estávamos com ela. Vimos a Sacerdotisa também — um centauro acrescenta.

— Vocês estão mentindo — exclama Felicity, vindo em minha defesa, mas minhas bochechas enrubescem, e isto não passa despercebido por Philon.

— Isso é verdade, Sacerdotisa?

Estou acabada. Se eu lhes digo o que sei, irão me acusar de deslealdade. Se eu minto e eles descobrem mais tarde, será muito pior.

— Eu fui para o Templo sozinha, — digo. — Mas não fui para ver os Hajin. Foi para ver outra pessoa. Circe.

— Gemma... — sussurra Ann.

Os olhos de Philon se arregalam.

— A traidora? Ela está morta. Morta por suas mãos.

— Não, — eu digo. — Ela ainda está viva. Aprisionada no poço da eternidade. Eu precisava vê-la, perguntar sobre as Terras Invernais e...

Uma agitação se estende pela multidão. Eles se chegam mais perto, Feliciy me olha horrorizada.

Neela se incorpora. Sua voz cheia de fúria,sua boca se torce em um sorriso enlouquecido.

— Eu disse a você, Philon! Eu disse que não se podia confiar nela! Que ela nos trairia como os outros fizeram. Mas você não quis ouvir. E agora, agora Creostus está morto. Ele está morto... — Ela enterra o rosto nas mãos.

— Então esse membro da Ordem está alojado no Templo. Com os Hajin — diz Philon.

— Não. Não é bem assim. E ela não é da Ordem. Eles não têm nada a ver com ela…

— Mas você sim? — rosna um centauro.

Neela dirige-se a multidão. Não há lagrimas em seus olhos.

— Acreditarão na palavra de alguém que mentiu? Vocês podem ver que até mesmo suas próprias amigas não sabiam de sua trapaça. A sacerdotisa da Ordem e a traidora conspiraram

com os Hajin para tomarem o poder! Talvez Creostus soubesse demais, e por isso foi assassinado! Philon! Você não vai exigir justiça?

Os centauros, o povo da floresta, a Górgona — todos viram o rosto para Philon, que fecha seus olhos felinos e respira profundamente. Quando os olhos se abrem novamente, há algo duro e determinado neles, e eu estou com medo.

— Eu dei-lhe o beneficio da duvida, Sacerdotisa. Tenho defendido você ante meu povo. E em troca, você não nos deu nada. Agora ficarei do lado do meu povo, e faremos o que for necessário para nos proteger. *Nyim nyatt e volaret.*

Os centauros levantam seu irmão caído por cima de suas cabeças, em seguida levam o seu corpo sobre os ombros.

— Philon, por favor... — eu começo.

A criatura vira as costas para mim. Um por um, como portas batendo, a tribo da floresta se vira como se estivesse, bem, se afastando de mim. Só Neela reconhece minha presença. Enquanto ela segue seu povo da gruta, ela se vira e cospe no meu rosto.

Felicity rudemente me leva para um lado.

— Você esteve falando com Circe?

— Eu precisava de respostas. Precisava saber sobre as Terras Invernais — digo. — Ela era a única que podia me dizer o que eu… o que nós, precisávamos saber.

— Nós? — Felicity me fulmina com o olhar.

Ann pega a mão dela.

— Circe não oferece nada sem um preço. O que você deu a ela? — Felicity exige.

Quando não respondo, Ann responde por mim.

— Magia.

A risada de Felicity é brutal.

— Você não fez isso. Diga-me que você não fez, Gemma.

— Eu precisava de respostas! Ela nos ajudou a chegar com segurança as Terras Invernais, não é? — digo, e só então percebo quão insignificante é minha defesa.

— Ela provavelmente matou Wilhelmina Wyatt! Você já considerou isso? — ladra Fee, e um frio terrível desliza por mim.

Eu contei a Circe sobre Eugenia, sobre a árvore. E se...

— Não foi assim — digo, sem muita certeza.

— Você é uma idiota — Felicity zomba.

Dou-lhe um empurrão.

— Você parece saber tanto sobre como conduzir as coisas; talvez você devesse ser a única a manter toda a magia!

— Eu gostaria de ser a unica — ela rosna entre dentes. — Eu faria uma aliança com Pip e minhas amigas, e não me associaria com o inimigo.

— Confia em Pip, não é? Onde ela está, então?

O tapa de Felicity é duro e repentino. Sinto a ardência até meus dedos. Ela corta meu lábio. Provo o gosto do sangue com minha língua, e sou inundada pela magia. No mesmo

instante, a mão de Felicity está em sua espada, e eu a arremesso para longe como um brinquedo.

— Não sou o inimigo — ela diz quietamente.

Meu corpo treme. É preciso cada pedacinho de força que eu tenho para conter a magia. Isso me deixa com uma sensação de mal estar e fraqueza, como se eu não dormisse há dias. Fee e eu ficamos nos encarando, nenhuma de nós disposta a se desculpar. Meu estômago dá uma guinada. Eu me viro e vômito em um arbusto. Felicity marcha em frente, no caminho para as Terras Fronteiriças.

— Você não deveria ter dito aquilo sobre Pip — Ann repreende, oferecendo-me seu lenço.

Eu o afasto.

— Você não deveria me dizer o que fazer.

A expressão ferida de Ann é apenas momentânea. Sua máscara bem treinada esconde seus verdadeiros sentimentos. Eu ganhei o *round*, mas me odeio por isso.

— Creio que é melhor eu ir com Fee — diz ela. De cabeça baixa, ela corre ao encontro de Felicity, me deixando para trás.

47

QUANDO VOLTAMOS, PIPPA E AS OUTRAS GAROTAS estão na velha capela do castelo. Com uma cesta de bagas enormes, que Pippa seleciona e deposita em um cálice que encontrou. O aspecto das garotas está pior do que de costume. Estão com o cabelo emaranhado e, se as observo de outro ponto de luz, sua pele é de um amarelo manchado, como uma fruta estragada.

Pippa cantarola uma melodia feliz. Ao ver nossos rostos, se cala.

— O que está acontecendo? O que houve?

Felicity me olha com dureza, mas nem ela nem Ann confessam o que fizeram. Minha cabeça dói, e eu tenho que esconder minhas mãos sob as axilas para acalmar o tremor.

— Creostus foi assassinado — digo em um tom de voz lacônico.

— Oh, isso é tudo? — diz, e prossegue com seu trabalho de selecionar bagas.

Mae e Bessie nem sequer levantam a vista. Sua indiferença é exasperante.

— A tribo do bosque está me evitando.

Pippa dá de ombros.

— Eles não contam. Não muito.

— Pode ser que eu também pensei assim em alguma ocasião, mas estava errada. Precisamos deles.

— Essas criaturas horríveis? Você disse que eles queriam entrar neste mundo e usá-lo como entretenimento. Isso é horrível!

Pippa descarta uma baga estragada e a joga em um pano com o resto das frutas descartadas.

— Sim, está ruim. E pode ser que eu não goste. Poderia dizer que não gosto. Mas Philon nunca mentiu. Quando precisei de ajuda, essa criatura foi minha aliada. Tudo que pediam era ter voz e voto, participar em seu próprio governo, e eu lhes decepcionei.

Tomo ar pouco a pouco e a magia se apazigua levemente.

— Bem — diz Pippa tirando o pó de sua saia. — ainda não sei para que você precisa deles quando tem a nós. Bessie, carinho, pode guardar estas frutas?

Bessie pega a cesta de frutas e a olha, melancólica.

— E por que essas pessoas te deram as costas, hein?

A habitação me parece menor. Felicity e Ann evitam meu olhar.

— Acham que os Intocáveis e eu temos alguma coisa a ver com o assassinato de Creostus.

— Isso é um pouco estranho, não? — Bessie me olha, fixamente. — E por que acham isso?

— Gemma esteve mantendo conversas secretas com Circe — anuncia Felicity.

— Oh, Gemma — queixa-se Pippa.

Seus olhos violetas centelham e, depois, perdem sua cor e adquirem uma tonalidade leitosa e azulada das Terras Invernais. Seu olhar faz que um calafrio me recorra na coluna.

— Quem é Circe? — pergunta Mae.

— Uma canalha da pior classe — explica Pippa. — Tentou assassinar Gemma. Faria qualquer coisa para conseguir a magia do Templo e governar os reinos. Não é de confiança. — Pippa me olha. — Nem tampouco é quem se alia a ela. Pois não há nada pior do que uma impostora disposta a trair suas amigas.

— Eu não traí ninguém! — grito, e o poder que estive silenciando retumba em meu interior até que me vejo obrigada a acalmá-lo novamente.

Felicity fica junto de Pippa com seus braços cruzados.

— Onde você estava? — pergunta em voz baixa.

Pippa dá de ombros.

— Recolhendo bagas.

— Procuramos você no bosque — insisti Felicity.

— Pelo que parece não procurou em todas as partes.

Bessie se aproxima de Pippa. É mais de uma cabeça mais alta que Felicity.

— Algum problema, senhorita Pippa?

Pippa não se precipita em dizer: *"Vamos, vamos, Bessie, não seja tonta, não está acontecendo nada"*. Deixa que a ameaça flutue no ar durante alguns instantes, deleitando-se com o poder que isso a dava.

— Não, obrigada, Bessie.

Se vira para Fee com as mãos nos quadris.

— Eu também poderia te perguntar onde você esteve, mas suponho que você esteve muito ocupada com sua vida fora daqui.

— Pip... — Felicity tenta entrelaçar seus dedos com o de Pippa, mas ela não permite. Afasta-se. — Trouxe um presente. — diz Fee, esperançosa, e lhe oferece um magro pacote envolto em papel marrom.

Os olhos de Pippa se iluminam ao abri-lo. Dentro há três plumas de avestruz.

— Para que você também possa ter sua apresentação à sociedade — diz Felicity com doçura.

— Oh! Oh, são maravilhosas!

Pippa joga seus braços ao redor de Felicity, que por fim sorri. Bessie leva as cestas de bagas para o outro lado da habitação e quase joga ao chão a pobre Mercy.

— Oh, ajude-me a colocá-las — diz Pip.

Felicity segura a parte de trás do pescoço de Pip com uma erva daninha que colheu do altar.

— Como estou? — pergunta Pip.

— Esplêndida — responde Felicity com a voz quebrada.

— Oh, que encantador! Isso era o que precisávamos para animar nosso espírito: uma festa alegre. Todas as garotas terão sua apresentação social. Será um baile realmente magnífico. O melhor de todos os tempos! Mae? Mercy? Quem se habilita? Bessie, você vai agir bem, certo?

As garotas dão pulos de entusiasmo. Mae arranca uma beladona da parede e coloca atrás de sua orelha. Um verme cai no chão com um plop, e eu não saberia dizer se caiu da flor ou de sua orelha.

— Gemma? — Pip estende sua mão. — Participará de nosso baile de apresentação?

A morte de Creostus obscureceu minha alma. Pela primeira vez em muito tempo não quero festejar. Não quero esquecer meus problemas nem tentar encher o vazio que está dentro de mim com ilusões passageiras.

— Temo que não esteja com um humor muito festivo. Terão que fazer sua festa sem mim.

Antecipo uma discussão. Bicos e lágrimas e súplicas para que eu transforme o castelo no Taj Mahal e nossas saias em vestidos de noite parisienses. No entanto, Pip sorri de orelha a orelha.

— Oh, Gemma, querida, você descansa. Eu me encarrego de tudo.

Fecha os olhos e levanta os braços energicamente até as vigas do antigo castelo. Um sorriso de êxtase se estende por sua boca. Seu corpo se estremece e o castelo começa a transformar-se. A sujeira desaparece das janelas até fazê-las brilhar. As parras retrocedem, despejando no chão o suficiente para poder brilhar. O mofo desvanece das paredes e do teto, e é substituído por um tapete púrpura de bagas e beladonas.

Assustada, Ann gira sobre si mesma, abarcando com o olhar toda a capela.

— Como você fez isso?

— Parece que a magia esteve mudando. Gemma não é a única que agora tem o poder — responde Pippa.

— Isso é extraordinário — diz Felicity, com uma faísca de tristeza em sua voz. — Também pode oferecer as outras como Gemma?

Pippa estende a mão até um emaranhado de bagas, seleciona a maior e come.

— Não. Pelo menos, ainda não. Mas quando eu for capaz, pode ter certeza, que eu partilharei sem demora. E agora, temos que nos preparar para nossa apresentação à sociedade!

— Pippa — digo com mais dureza do que eu quis. — posso ter umas palavras com você?

Pip finge fazer bico na frente das garotas e revira os olhos para que todas riam, nas minhas costas.

— Só será um momento. — tranquiliza-as. — Podem praticar suas reverências enquanto estou fora.

Pip e eu subimos pela escada de caracol. Um rato foi apanhado em uma teia. Permanece emaranhado em um casulo brilhante de seda, e mal se move, conhecendo seu destino. Chegamos ao final da escadaria e sinto o ar frio. Ao longe, as sombras das Terras Invernais nos fazem sinal. No entanto, esta noite não escuto seus cantos de sereia com tanta intensidade. A imagem de Creostus inerte na terra ainda permanece fresca em minha mente.

Pippa está de pé na frente da janela. Recortada pela penumbra serpenteante das Terras Invernais, e um enigmático meio sorriso em seus lábios, ainda está mais bonita do que de costume.

— Não parece alegre por mim, Gemma.

— Só estou confusa. Por que tem esse poder? Transcorreram muitos dias desde que eu...

— Isto não tem nada a ver com você — responde e detecto certo ódio em seu tom de voz. — A magia se enraizou em mim. Não posso explicar por quê. Mas você deveria se alegrar. Deveria. Agora não estará mais tão sozinha.

"Deveria". Essa palavra tão parecida com um corpete, significa tentar adquirir a forma adequada. Pippa olha através do arco da janela e estira completamente os braços permitindo que a açoite o vento ululante das Terras Invernais.

— Oh, que agradável!

— Pip, saia daí — digo, preocupada.

Seus olhos adquirem uma tonalidade leitosa.

— Por quê? Não acontecerá nada comigo. Sou imortal.

Ela afasta-se da janela. Seu cabelo é um emaranhado de cachos.

— Gemma, quero que saiba que embora não aprove seu consórcio com Circe, estou disposta a lhe perdoar.

— Você... me perdoar? — digo, lentamente.

— Sim. Porque eu voltei a nascer e agora posso ver tudo com claridade. Vai haver muitas mudanças por aqui.

Sorri e beija minha bochecha, o que produz um formigamento na minha pele.

— Pip, do que está falando?

Seus olhos resplandecem como uma miragem — violeta, branco azulado, violeta branco azulado — até que não estou certa de distinguir o que é verdade do que é uma vã esperança no deserto.

— Tive uma visão. Haverá um novo dia para o império nos reinos. Os que não estão conosco estão contra nós. E logo está o assunto daqueles que, na verdade, não encaixam em nosso novo dia: os doentes e os pobres. Aqueles que nunca serão nada — Seu rosto se endurece. — Os que degeneram.

Pippa passa seu braço pelo meu e sinto a imperiosa necessidade de me afastar dela e começar a correr.

— Confesso que não sei o que fazer a respeito da pobre Wendy — diz com um suspiro.

— Se converteu em uma autêntica carga.

— O que você quer dizer? — pergunto com um murmúrio.

Pip franze os lábios manchados de bagas.

— Ouve gritos quando não há nada para ouvir. Nenhuma de nós escuta nada. Pedi que deixe de dizer isso. Até a esbofeteei por causa disso.

— Você bateu em Wendy?

— Assusta as outras garotas e logo ninguém quer brincar. Não há nenhum grito; ela só quer ser do contra. — responde Pippa com forte determinação.

— Que você não ouça não significa que não seja verdade.

O rosto de Pippa se relaxa com um sorriso infantil.

— Oh, Gemma, quando você vai me acompanhar novamente para as Terras Invernais? Para viajar até o desfiladeiro no barco. Para subir a urze e deixar que a Árvore de Todas as Almas nos sussurre o que somos e no que podemos nos transformar.

— Você diz como se tivesse ido sem nós.

Sorri novamente com um sorriso estranho.

— Claro que não. Não iria sem você.

Uma rajada de vento frio passa através da janela da torre.

Um pensamento terrível passa por minha mente.

— O que ocorreu com o senhor Darcy? — pergunto com um sussurro e me surpreendo com a rapidez e agitação das batidas do meu coração.

Pip sustenta meu olhar durante alguns instantes.

— Só era um coelho. Desapareceu.

Umas risadas alegres flutuam pelas escadarias provenientes do andar de baixo.

— Vamos, Pip! — grita alguém e Pippa sorri abertamente.

— Minhas súditas me esperam.

Começa a descer as escadas, e só se vira quando não me ouve atrás dela.

— Não vem?

— Não. — respondo. — Não quero dançar.

Os olhos de Pip ficam da cor das Terras Invernais.

— Que pena.

Quando desço da torre, as garotas estão na capela. Felicity e Pip estão sentadas nos tronos com se fossem membros da realeza. Pippa segura em uma mão um pau como se fosse um cedro e usa a capa que Felicity lhe presenteou há algumas semanas atrás. Parece que se passaram anos desde esses dias felizes. Ann segura a parte de trás do vestido de Mercy. Mae põe suas longas luvas; Bessie fecha seu leque de marfim com um estalo. Só Wendy está sozinha, segurando a jaula vazia do senhor Darcy.

— Finalmente vocês vão ter a oportunidade de se converterem em autênticas damas, e ninguém pode lhes dizer que não estão a altura da dama mais elegante — afirma Pippa.

Os olhos das garotas brilham. Pip usa as plumas de avestruz com orgulho, como a debutante que nunca chegará a ser em nosso mundo.

— Senhorita Bessie Timmons! — exclama Fee e as paredes gemem.

Sob o fluxo da magia, as parras prosseguem em seu sigiloso assalto.

Uma a uma, as garotas se deslizam solenemente até Pip. Fazem uma profunda reverência ante ela, e Pip assente severamente e as manda levantar-se. Quando se retiram seus olhos estão brilhantes, exultantes. Acreditam de todo coração que se tornaram damas.

Nos inquietantes olhos de Pip descubro que acredita de pé junto que é uma rainha.

***

Atravesso correndo os poeirentos corredores do Templo, roçando ao passar por uma sobressaltada Asha, e me encaminho diretamente até o poço da eternidade. Circe flutua nele como todas as vezes que eu fui até lá.

"Todas as vezes". Não tinha me dado conta até agora que são muitas as ocasiões em que estive neste lugar.

— Creostus, o centauro,foi assassinado — informo-lhe. — Você tem algo a ver com isto?

— Como poderia ter feito isso se estou presa aqui? — pergunta, embora sua resposta não me tranquilize.

— Preciso saber o que está acontecendo — digo quase sem fôlego. O ar é úmido e quente. Meus pulmões doem. — Você prometeu me dar respostas.

— Não. Prometi te ajudar a entender seu poder em troca de magia.

— Sim, a magia! Para que a quer? Como posso estar segura de que não esteve a usando para criar problemas? Pelo que sei você poderia ter saído do poço. E assassinado Creostus. Poderia estar confabulada com as criaturas das Terras Invernais.

A certeza absoluta deste fato surge dentro de mim. Com um grunhido, golpeio a borda do poço e um pedaço de madeira salta para minha bota.

— Não me importa que torture o poço — diz Circe com uma voz metálica. — Não fiz nada. Qual é o problema? Trata-se de Eugenia?

— N-Não — gaguejo. Não penso em dizer-lhe mais nada sobre a senhorita Spence. Isso foi um equivoco. Pego na minha palma um pedaço de pedra e dou volta em meus dedos. — É Pip. Tem sua própria magia. Faz dias que não lhe dou, mas pode ser que ainda reste um pouco de magia...

— Deixa de mentir para si mesma. Sabe como conseguiu. Fez um pacto com as Terras Invernais.

A verdade entra em mim pouco a pouco.

— Um das garotas tinha um coelho como mascote — digo em voz baixa. — Pip disse que havia desaparecido.

— Da próxima vez, asseguro para você que não será um coelho que desaparecerá — adverte Circe. — E nossa ilustre Eugenia? E a Árvore de Todas as Almas? Já encontrou a adaga?

— Ainda não, mas a encontrarei — respondo. — Por que a odeia tanto?

— Porque — responde com dificuldade. — é incapaz de olhar em seus rincões escuros,

assim como pode ser capaz de compreender os corações dos demais? Suponho que a morte de centauro significa que não haverá mais aliança.

— Suponho que não — digo e começo a ser consciente do problema que está por vir. Fiz uma promessa que não posso cumprir. E agora tenho inimigos. — Jura que não tem nada a ver com o assassinato de Creostus? — pergunto novamente, passando a pedra pelos meus dedos.

— Como poderia tê-lo feito? — pergunta.

Quando saio da cortina de água, Asha está me esperando. Inclina-se ante mim rapidamente.

— Dama da Esperança, gostaria de falar com você — diz com uma nota de urgência em sua voz.

— Sobre o quê?

Asha me conduz até um lugar onde os Hajin estão sentados em bancos enquanto entrelaçam contas. A fumaça vermelha sobe de muitos recipientes de cobre.

— É verdade que um dos centauros foi assassinado e que culpam os Hajin?

— Sim — respondo. — Encontraram-no com uma papoula na mão.

— Nós não temos nada a ver com sua morte. — Esfrega o polegar contra a palma de sua mão com se fosse uma pedra para combater o estresse. — Não quisemos participar de estratégias políticas. E a única coisa que desejamos é que nos deixem trabalhar tranquilos, nos sentir seguros...

— A maldita segurança não existe! — grito. — Quando você perceberá isso? Seu pessoal sabe que eu lhe ofereci compartilhar a magia e que você rechaçou em seu nome?

Os Hajin levantam a vista de suas papoulas.

— Asha, isso é verdade? — pergunta uma jovem.

— Não é nosso caminho nem nosso destino. Nós não nos afastamos dos confins de nossa tribo — responde Asha, tranquilamente. — Vocês já sabem.

— Mas, ao menos, poderíamos ter voz — diz um Hajin com firmeza.

A fumaça se dissipou. Asha se aproxima do recipiente, deixando-o descoberto.

— E usaria essa magia compartilhada para mudar o que somos? Aqui aceitamos nossas aflições. Temos conversado só com uns aos outros. E se, de repente, temos o poder de eliminar todas as imperfeições? Ainda encontrariam beleza entre vocês? Pelo menos, agora somos uma casta.

Os Hajin pesam suas palavras. Alguns voltam para o trabalho, metendo as roupas entre suas pernas deformadas para ocultá-las.

— Assim é como sempre foi. Aceitaremos o legado de nossos ancestrais — diz Asha sorrindo, embora em sua risada não houvesse calor nem sabedoria, só pavor.

— Tem medo de perder o controle que exerce sobre eles — digo, friamente.

— Eu? Eu não tenho poder.

— Ah, não? Se os afasta da magia, nunca saberão o que poderia ser de suas vidas com sua ajuda.

— Seguirão protegidos — insiste Asha.

— Não. — digo. — Seguirão sem provar.

Uma Hajin se levanta, vacilante, e segura com força suas saias.

— Deveríamos ter voz, Asha. Já é hora.

Uma faísca de ira brilha nos olhos de Asha.

— Sempre vivemos assim. E é assim como viveremos para sempre.

A jovem se senta, mas não faz uma reverência como é costume. Em seus olhos se refletem os deuses gêmeos da dúvida e do desejo. Quando sua saia se abre, deixando a vista suas pernas cobertas de cicatrizes e chagas, não se apressa em cobri-las.

Nego com a cabeça.

— As coisas estão mudando, Asha. Quer você queira ou não.

***

Tenho a cabeça cheia de problemas enquanto dirijo-me para as Terras Fronteiriças. Quem pode ter assassinado Ceostus e por quê? Circe me disse a verdade? Pippa fez um pacto com as criaturas das Terras Invernais para conseguir magia e, se for assim, quanto poder tem? Como posso conseguir que Fee se dê conta de tudo isto? Ela afirma com razão que não sou a pessoa mais indicada para falar, já que eu estive vendo uma assassina. E ainda não decifrei as mensagens enigmáticas da senhorita Wyatt. Sou uma maldita estúpida.

Não. Ainda tenho a oportunidade de fazer as coisas certas. Eugenia: encontrarei a adaga e a salvarei. Resolverei os problemas dos reinos e das Terras Invernais e logo... e logo? Logo voltarei a me preocupar.

Ao voltar para o muro de parras, detecto algo estranho. As frutas das árvores que restituímos no primeiro dia que voltamos aos reinos acabaram e sua casca está podre. Todas as flores estão de um azul quebradiço, como se houvessem se estrangulado em seus talos. Até a última delas está morta.

Corro até o muro de parras e caminho pela trilha que atravessa o bosque azul até o castelo.

“Huu-uu!”

Ouço o som próximo. Bessie aparece na minha frente com um pau levantado.

— Afaste-se, Bessie, por favor. Não quero te fazer mal. Você sabe.

— Não poderia me fazer mal, embora você quisesse — diz, impondo-se ante mim.

Chamo a gritos Pip, Felicity e Ann também.

— Vê? Não querem saber de você — grunhe Bessie.

A porta do castelo se abre e Felicity vai até o meu encontro, seguida por Ann, Pippa e as outras.

— Gemma! O que está acontecendo? — grita Felicity.

— Bessie não me deixa entrar — digo.

Pippa dedica a Bessie uma fingida reprovação.

— Isso é verdade, Bessie?

— Não sabemos onde esteve — oferece Bessie como explicação.

Pippa dá volta entre seus dedos com uma calêndula.

— É verdade, Gemma. Se não quer que te questionem, não deveria sair sozinha por aí.

— Sim — respondo com uma crescente apreensão. Assusta-me, e me pergunto se ela poderia perceber isso. — Chegou a hora de voltar para Spence.

— Não quero ir agora — queixa-se Felicity.

— Pois não vá. Fique comigo. — diz Pip como se propusesse umas férias; o rosto de Felicity transborda felicidade.

— Não podemos voltar sem Felicity — responde Ann com amargura.

— Até amanhã — diz Felicity em voz baixa.

— Até amanhã.

Pip dá a Fee um beijo amável na bochecha e regressa ao castelo com grandes passadas, com as garotas da fábrica por trás como damas de honra. Ninguém oferece ajuda a Wendy.

— Senhorita? Pode me levar com você?

— Sinto muito, Wendy. Não posso levá-la para o meu mundo — digo enquanto a ajudo a voltar para o castelo.

— Tenho medo, senhorita. Não gosto de ficar aqui. À noite, o castelo fica muito silencioso já que não tenho o Senhor Darcy. Quando as chamo, ninguém me responde...

— Wendy! — exclama Bessie enquanto volta por ela. Adota uma postura semelhante à de um guerreiro, com seu longo pau junto a ela. — Vamos. A senhorita Pippa nos espera. — Deixa que Wendy tropece enquanto tenta se aproximar dela e se afasta de seu caminho enquanto a garota se aproxima. — Por pouco!

Começa a rir e logo, com maus modos, guia a garota até o castelo.

***

— Aonde foi, Gemma? Ver Circe? — interroga-me Felicity.

Arrasta os dedos ao longo do corrimão que nos leva para nossa porta secreta.

— Sim — respondo por que já estou cansada de mentir.

— Você se acha muito esperta, verdade? Não confia em Pip, mas confia nessa... nessa coisa que assassinou sua mãe!

— Você não entenderia — respondo enquanto abro caminho até a Ala Leste entre a luz brilhante da porta secreta.

Felicity me puxa e me vira para encará-la.

— É claro que não. Pois só sou uma amiga que se preocupa com você.

— Se preocuparia comigo se eu não tivesse a magia? — pergunto.

— Isso é como perguntar: “Você gostaria que eu não fosse eu?”. A magia é uma parte de você, e você é minha amiga — responde.

Sua resposta faz com que lágrimas aflorem em meus olhos e sinto-me horrivelmente mal pela forma que a tratei antes, por não ter confiado nela, pelo que terei que dizer sobre Pippa.

— Oh, não! — diz Ann, batendo em seus ombros. — Meu xale! Deve ter caído.

Sem pensar, estende uma mão e o mundo irradia sua luz enquanto a porta se abre para ela.

— Ann, como você fez isso? — pergunta Felicity com os olhos abertos como pratos.

— Não sei — responde. — Eu só queria entrar e... veja.

— Abre um lado — ordena Felicity. Desta vez, Felicity põe a mão na porta com um olhar de intensa concentração em seu rosto. De novo, a porta dos reinos se abre de par em par. Sorri abertamente como se fosse a manhã de Natal. — Percebe o que isto significa? Gemma não é a única que tem acesso aos reinos! Qualquer um pode abrir esta porta. Podemos entrar e sair quando quisermos!

Excitadas, começam a dar pulos de alegria.

— Irei pegar seu xale, certo? — digo.

Ann começa a rir.

— Posso ir.

Abre a porta e volta com o xale, feliz como nunca.

— Não é maravilhoso?

"Vamos, Gemma. Diga: 'Sim, é maravilhoso que não precisem de mim'."

— Está tarde — respondo. — Deveríamos ir.

Ouço-as por trás de mim, rindo entredentes e atordoadas. Prossigo por meu caminho até Spence; espero que me sigam, porque sei que pode ser que elas não façam isso.

48

SINTO-ME INQUIETA DURANTE TODO O DIA. Creostus foi assassinado. Eu já não confio na tribo do bosque e não posso culpá-los por que suspeitam de mim, já que o que fiz para ganhar sua confiança? Vejo espectros e sombras onde não há, Wilhelmina desapareceu como se fosse um desses truques de magia. E a magia e os reinos estão mudando: agora a porta se abre sem minha intervenção e Pippa...

Pip. A magia se prendeu nela e está crescendo. E cada vez que digo a mim mesma que não devo ter medo dela, lembro-me do senhor Darcy.

"A chave contém a verdade". Pergunto-me se eu tenho essa chave enquanto minha cabeça dá voltas nisso; estou desesperada para saber a verdade.

Há um erro que tenho que resolver. Quando terminamos nossas tarefas no fim do dia, vou à procura de Cecily. Encontro-a na biblioteca. Brigid a acomodou em um sofá com o tornozelo apoiado em uma almofada. Está em um humor de cão, pois não vai poder assistir o baile de máscaras, assim não a culpo por isso. Tampouco se alegra em me ver, ao aproximar-me, levanta sua revista *La Mode Illustre* na altura de seu rosto, e eu topo com a ilustração de uma atraente mulher que usa um vestido extremamente elegante.

— Trouxe para você *Orgulho e Preconceito*. Pensei que talvez você pudesse lê-lo. — sugiro.

Cecily folheia os bonitos vestidos à medida que passa as páginas.

— Faz anos que li esse livro.

— Como está seu tornozelo? — pergunto enquanto pego a cadeira que está perto do sofá.

— Dói. Não poderei participar do Balé. Também não poderei dançar. Minha noite está arruinada — diz, choramingando.

— Eu pensei que talvez você pudesse recitar o poema do Senhor Yeats em meu lugar.

Cecily entrecerra seus olhos.

— Por quê?

— Bem, você é uma leitora excelente, muito melhor do que eu, e...

— Não, quero saber o porquê do oferecimento. Está com a consciência pesada, senhorita Doyle?

O olhar de Cecily é escrutinador e eu estou consciente que não valorizei com justiça seus dons de observação.

— É uma oferta justa — digo.

— Deixe-me ver — diz, depois de alguns instantes e entrego-lhe o poema.

Começa a recitá-lo de imediato e, quando a deixo, ensaia de seu leito de descanso com sussurros tão ferozes que estou convencida que ela será a sensação do baile.

Deus nos ajude.

Ann me para no vestíbulo. Leva nas mãos um exemplar de *The Era Almnack*, que incluí uma lista de anúncios para intérpretes de todo tipo assim como para companhias artísticas e teatros.

— Gemma, olhe. — diz, e me mostra um anúncio do *Gaiety Theatre*.

AS GAROTAS ALEGRES

Um novo e original entretenimento musical que será apresentado em julho.

Composto pelo senhor Charles Smalls.

Senhoritas com boa forma física e com boa voz
apresentem-se na quarta-feira, 29 de abril, de 12 a 3 da tarde,
para entrevistar-se com o senhor Charles Smalls.

Precisa ter conhecimento de bailes.

— Lembra-se de Charles Smalls, o acompanhante musical? Ele gostou da minha voz — diz, e morde seu lábio. — Se eu pudesse vê-lo...

— Dia vinte e nove. Isso é amanhã. — digo.

— Sei que não deveria pedir para você, — afirma — mas prometo que, desta vez, não desistirei.

— De acordo — respondo e assinto com a cabeça. — Nós arrumaremos você para ir. Não sei como, mas faremos isso.

***

Depois do jantar, o inspetor Kent chega para ver a Mademoiselle Le Farge. Só restam algumas semanas para seu casamento. No grande salão, o inspetor nos entretém com relatos das proezas da Scotland Yard.

Queremos saber coisas sobre Jack, o Estripador, mas ele, educadamente, se nega a falar sobre isso. E, enquanto isso, Mademoiselle Le Farge, permanece sentada perto dele,

orgulhosa de que ele vá ser seu.

— Conte-nos outros! — suplicamos.

— Se contar-lhes este, temo que não consigam sonhar — diz e sorri com malícia.

E isso é o único que precisamos para rogar-lhe desesperadamente que nos conte mais e prometemos com fervor que não acordaremos a meia-noite pedindo ajuda.

O inspetor Kent dá um gole em seu chá.

— Este relato é sobre um grupo de acrobatas que parece haver desaparecido não muito longe dessas terras.

— Meu Deus! — exclama Mademoiselle Le Farge. — Faz pouco tempo que recebemos a visita de alguns acrobatas.

— Contra a minha vontade — queixa-se a senhora Nightwing.

— É uma estranha história. Aparentemente, esses indivíduos tinham que se encontrar com outros companheiros de profissão em Dorset, mas jamais apareceram. Algumas pessoas nos informaram que eles foram visto em alguns povoados, como se fossem fantasmas e, por onde eles passaram se escutam rumores de pessoas desaparecidas.

As garotas ficam encantadas com o relato, mas ainda quando o inspetor Kent move suas sobrancelhas sugestivamente para elas.

A veia de meu pescoço se eriça ao escutar suas últimas palavras.

— Eram fantasmas?

A estrondosa risada do inspetor Kent ressoa por todo o lugar. As garotas riem entredentes; pensam que eu sou boba.

— Durante os vinte anos, que estou na Scotland Yard eu vi todo o tipo de tretas, mas nunca vi um fantasma. Direi o que acredito. Acredito que esses acrobatas, dos que duvido de sua posição social na vida, deviam dinheiro a esses colegas de Dorset. E por isso não apareceram, e quanto às informações sobre pessoas desaparecidas, pois bem, em cada povoado sempre há alguém que precisa de um meio para escapar de suas circunstâncias atuais.

— Que tipo de circunstâncias? — Exige saber Cecily.

— Isso não é de sua incumbência — responde Mademoiselle Le Farge e estala a língua, o que nos deixa mais intrigadas do que antes.

O inspetor ri entredentes.

— Com semelhante curiosidade, todas vocês deveriam trabalhar para mim.

— Uma dama não pode ser detetive — responde Martha. — Não tem constituição para isso.

— Bobagens! — responde o inspetor dando uma palmada na coxa. — Minha querida mãe criou quatro filhos e, aí de quem tentasse enganá-la! Poderia ser inspetora geral, tantos eram seus talentos. Algum dia haverá mulheres na Scotland Yard. Recordem minhas palavras.

— Oh, senhor Kent — interrompe Mademoiselle Le Farge. — Não continue ou essas jovenzinhas não dormirão esta noite. Falemos do casamento, certo?

— Como você quiser, Mademoiselle Le Farge, como você quiser — responde.

— Eu pensei, garotas, que talvez vocês pudessem me ajudar a decidir que hino cantarmos. — Franze o cenho. — Oh, vamos. Eu me esqueci de pegar o missal da capela. E isso por que estive todo dia lembrando para mim mesma.

— Irei pegar — responde o inspetor Kent, deixando sua xícara de chá.

A senhora Nightwing o para.

— Não. Enviarei a senhorita Doyle para pegar. Ainda fará alguns dias de penitência, segundo meu livro de contas. Fará bem para ela. Senhorita Poole, você a acompanha.

Maldita Nightwing.

Elizabeth me segue até o jardim. Dá um pulo com cada ruído.

— O que foi isso? — arfa.

Uma rã pula em seus pés. Elizabeth grita e se agarra com força ao meu braço.

— É só uma rã, Elizabeth. Embora pela forma com que se queixa diria que mais se parece com um dragão — rosno.

Só demos alguns poucos passos e Elizabeth quase sobe em cima de mim, depois de afogar um grito.

— O que acontece agora? — pergunto, depois de tirar-lhe de cima de mim.

— Não sei — responde com os olhos cheios de lágrimas. — Está tão escuro! Odeio a escuridão! Não a suporto. Me dá medo.

— Bem, pois nisso não posso ajudar-lhe — queixo-me e ela começa a chorar. — Muito bem — respondo, com um sonoro suspiro. — Vá se esconder na cozinha. Irei pegar o missal e logo voltarei para te pegar.

Assente com a cabeça e começa a correr em busca da segurança da cozinha sem sequer me agradecer. Dirijo-me rapidamente para a capela, abrindo caminho com minha vela. Os animais noturnos afinam sua orquestra de gorgolejos e grasnidos. Esta noite não resulta tão reconfortante, senão uma recordação das coisas que habitam na escuridão. No acampamento de ciganos, os cachorros começam a latir, que rapidamente se transforma em uivos inquietos. Fico com os nervos a flor da pele.

Certo. Não me entreterei. Vim pegar o missal e tenho a intenção de fazer isso depressa. A antiga porta da capela pesa muito. Empurro-a com força e range ao abrir uma fresta que me permite entrar. Dentro está escuro e silencioso. Poderia haver algo aqui dentro me esperando. As batidas do meu coração se aceleram. Mantenho a porta aberta com uma pedra e avanço.

Uma luz azul que pinta o tardio entardecer aparece de repente contra as vidraças das janelas, projetando desenhos no chão. Minha vela joga fragmentos de luz através delas. Não encontro os missais no fundo do lugar, assim me vejo obrigada a prosseguir até o centro da capela, longe das portas e de uma via de escape rápida. Faço oscilar a vela por cima dos bancos de lado a lado, até que, finalmente, descubro o que procuro no meio de um. Um repentino jorro de vento fecha a porta com um golpe, fazendo com que eu derrube o missal e o ouço deslizar para baixo do banco.

Maldição.

Agora meu coração bate ainda mais rápido, sento no chão, procurando com a mão até que o encontro. Uma voz, cruel como unhas arranhando metal, ressoa na escuridão.

— *Fique quieta...*

Viro-me tão rapidamente que a chama pisca na vela.

— Quem está aí?

A capela está em silêncio, exceto pelo vento que açoita a porta fechada.

Apressadamente, pego o missal e corro com pressa por toda a capela, ofegando.

— *Não deveria ir...*

Viro-me em um enlouquecido torvelinho. A vela projeta moribundas sombras nas paredes.

— Sei que está aqui. Saia!

— *Os bosques já não são seguros.*

As janelas se arqueiam e se deslocam. As imagens das vidraças se movem. Ganham vida.

— *Queremos mantê-la a salvo, escolhida...*

A voz procede do estranho painel da janela, do anjo que veste uma armadura e que brande uma espada ensangüentada em uma mão e a cabeça decapitada de uma górgona na outra. Sempre acreditei que o ícone representasse um anjo; agora, ante a profunda escuridão, já não estou certa de nada. O anjo aumentava de tamanho no interior de sua cela de cristal. Seu corpo arqueia na frente da janela, e seu rosto aparece como a lua.

— *Está nos bosques...*

— Você não é real — digo em voz alta.

A cabeça da górgona goteja sangue no chão da capela. Ouço cair em gotas, tão constante quanto à chuva. A bile me sobe para a garganta. Respiro pelo nariz e trago em abrasadores bocados.

— *Se te sacrificarem nas Terras Invernais, a magia recairá neles e tudo se perderá. Não saía da capela!*

Tarde demais. Corro para a porta e abandono a vela e o missal. Jogo-me contra ela e esta abre fortemente. O exército da noite veio se vingar. Apenas vejo por onde vou e me amaldiçoou por ter deixado a vela. Os cachorros não param de latir.

Corro caminho abaixo sem prestar atenção. Bato o rosto contra uma árvore e olho ao redor. Dois homens saem de um elevado abeto e grito. Demoro uns instantes em reconhecê-los: Tambley e Johnny, os homens desaparecidos do senhor Miller.

— Deram-me um susto de morte — suspiro.

O coração me bate com força e tão rápido como o de um coelho.

— Sentimos muito, senhorita — responde Johnny com a voz sossegada.

— Não queríamos assustá-la — acrescenta o jovem Tambley.

Há algo estranho neles. Parecem tão pouco consistentes quanto pó, o reflexo dos homens, e quando dão um passo adiante, e os ilumina um raio de lua, poderia jurar que vi um brilho de ossos sob a pele.

— Nós todos estávamos assustados — digo, retrocedendo. — Disseram que vocês tinham

ido embora.

— Ido embora? — responde Johnny sem compreender.

As árvores se agitam com o bater das asas dos pássaros. Há muitos corvos pousados nos galhos, olhando em silêncio. Uma severa voz interior transmite seu medo. *"Esconda-se, Gemma."*

— Deveriam ir ver agora mesmo o senhor Miller. Está muito preocupado com vocês.

Estico minha mão a procura do galho da árvore. Ouço um som vindo da minha direita. Dirijo meu olhar para o som e lá está Johnny. Estava diante de mim há apenas um segundo. Como pode ter...?

Tambley me aponta com o dedo. Seus ossos parecem brilhar sob a superfície de sua pele, tão pálida como a de um peixe no fundo de um tanque.

— Voltamos — diz. — Por você.

Os grasnidos das aves se elevam em um clamor.

A mão de Johnny agarra minha capa. Desabrocho a fivela e deixo que a capa caia entre seus dedos. Não há tempo para perder. Viro-me e corro em direção de um caminho. Dirijo-me precipitadamente pelo trecho que acabo de vir, pois eles bloquearam meu caminho que conduz a Academia. O vento levanta por trás de mim trazendo consigo sons de risadas e sussurros, aranhões de ratos. Os gritos dos corvos se assemelham aos uivos do inferno. Eu também grito com eles.

A capela treme na minha frente, sacudindo-se ao compasso de minha respiração irregular. O que seja que vem atrás de mim se aproxima cada vez mais e mais. Agora também escuto ruídos de cavalos, cavalos que parecem ter surgido do nada. Golpeio com força as portas da capela. Empurro-as, mas não se abrem. A poeira do caminho gira, e se redemoinha ao meu redor.

Cachorros. Ouço cachorros latirem e estão perto. E, em um instante, a poeira do caminho se assenta. O som dos cavalos e pássaros diminui até transformar-se em uma vibração e logo em nada. As tochas piscam e fumegam os bosques. Os ciganos estão a caminho uns a cavalos, e outros a pé.

— Gemma! — exclama Kartik.

— Eu vi... Eu vi...

Levo uma mão ao meu estômago. Não posso falar. Não posso respirar.

— Aqui — diz enquanto pega meu braço para que eu não caía. — O que você viu?

Volto a recuperar a voz depois de alguns bocados de ar.

— Homens... nos bosques. Os homens de Miller... os que desapareceram!

— Tem certeza? — pergunta Kartik.

— Sim.

De imediato, os ciganos se dispersam. Os cachorros farejam a terra, confusos.

— A senhora Nightwing me enviou a capela para pegar um missal — explico.

— Sozinha? — pergunta Kartik, levantando uma sobrancelha.

Assinto com a cabeça.

— Na capela... as janelas voltaram a vida — sussurro. — Advertiram-me que não entrasse no bosque!

— As janelas te advertiram. — repete Kartik, lentamente, e eu percebo que parece coisa de louco. Pode ser que ele não acredite.

— O anjo que leva a cabeça da górgona... também ressuscitou, e me advertiu. "Os bosques não são seguros" e isso não é tudo. Disse algo sobre um sacrifício: "Se te sacrificarem nas Terras Invernais, a magia recairá neles e tudo se perderá".

Kartik morde os lábios, pensativo.

— Não acreditei nele, e logo na trilha, vi esses dois homens que parecia espectros. Disseram que vieram por mim.

Um grito repentino e sobressaltado se vira em direção do acampamento dos ciganos. A estes seguem mais gritos.

— Fique aqui! — ordena Kartik.

Não há nada que me obrigue a ficar aqui sozinha. Sigo seus calcanhares com cada pisada, a voz do anjo retumbando em meu interior: *os bosques não são seguros*. No acampamento reino o caos: gritos, xingamentos, gritos de homens. Aqui não há espíritos: é o senhor Miller e seus homens. Tiram as mulheres de suas tendas e verificam os vagões, enchendo os bolsos com tudo que encontram. Quando as mulheres tentam defender o que é seu, os homens de Miller as ameaçam com suas tochas. Uma mulher se lança sobre um capanga de Miller e o arranha até que este a golpeia no rosto.

Soltam os cachorros. Atacam um homem e o atiram no chão onde ele grita encolhido. Desembainham punhais.

— O inspetor Kent está de visita em Spencer. Correrei para avisar-lhe — digo.

No entanto, ao pensar nos bosques inquietos, onde parece me esperar algumas figuras espectrais, meus pés se tornam de chumbo. Duvido e, nesse preciso instante, o senhor Miller levanta sua pistola e dispara várias vezes para o ar.

— Basta! — grito.

Aquele sorriso selvagem do senhor Miller regressa aos seus lábios.

Odeio-o por isso. Queria poder-lhe ensinar uma lição e, em seguida, a magia me corrói em uma velocidade alucinante. Estou dentro da mente do senhor Miller, um convidado bem recebido.

"Sei o que teme, senhor Miller, e o que deseja."

O senhor Miller se vira, violentamente.

— Quem disse isso? O que foi isso?

"Estes bosques conhecem seus segredos, senhor Miller. Eu também conheço. Você gosta de fazer mal. Gosta muito."

— Mostre-se! — exclama o senhor Miller, com a voz enrouquecida pelo medo.

"Em uma ocasião, afogou a cria de um gato. Lutou e arranhou para salvar sua diminuta vida, e você o apertou com mais força. Estrangulou-o até ficar pendurado sem forças entre suas mãos."

— Não escutaram isso? — grita o senhor Miller para seus homens, que o observam como se ele estivesse louco, já que eles não ouviram nada.

Um castigo merecido ressoa em minha alma. Faço que o vento adquira força. Remexo nas folhas e o senhor Miller sai correndo, com seus homens atrás dele; qualquer ideia de vingança é adiada. A magia se acalma,e caio de joelhos,ofegante. Os ciganos me contemplam receosos, como se eu fosse algo para se temer.

— Você trouxe a maldição — diz Mãe Elena.

— Não — respondo, mas nem sequer eu acredito em mim.

De imediato, as mulheres começam a limpar a bagunça que os forasteiros causaram no acampamento. Vertem água de todos os cantos. Vejo as mulheres levando pequenos pedaços de pano nos bolsos, o que segundo Brigid nos contou serve para se livrar da má sorte.

Kartik me estende a mão e eu a pego.

— Os homens que você acha que viu no bosque... agora já viu que não eram espectros, e sim, seres de carne e osso. Vieram se vingar dos ciganos.

Queria acreditar nele. Faria qualquer coisa para poder explicar tudo com considerações simples, como as que dariam uma governanta acariciando a cabeça de uma criança inquieta.

— E as janelas?

— Uma visão. E bastante incomum. Você mesma disse que as coisas estão mudando.

Penteia os cabelos espessos com os dedos, o que sempre faz quando está pensando. Sinto falta disso. Sinto falta dele.

— Kartik... — Começo a dizer.

Aparecem umas velas entre as árvores. O inspetor Kent, veio acompanhado da senhora Nigthwing, McCleethy e de dois moços.

Elizabeth as segue por trás. Gritam meu nome e me soa estranho, o nome de uma garota que umas semanas atrás jogava jogos alegres com suas amigas nos reinos. Já não me lembro dessa jovem. Transformei-me em outra pessoa, e já não estou segura se estou muito lúcida.

— Estou aqui. — grito; quero que me encontrem.

O rosto de Nightwing reflete uma mistura de alívio e raiva. Agora que me encontrou sã e salva, me olha como se quisesse me matar por todos os problemas que eu causei.

— Senhorita Doyle, foi muito desconsiderado de sua parte sair correndo e abandonar a senhorita Poole — repreende-me a senhora Nightwing.

Elizabeth se esconde por trás dela.

Abro a boca para protestar, mas não vale a pena.

— Ouvimos disparos! — diz o inspetor, comandando a situação.

Neste momento, já não é o mesmo homem de olhos brilhantes que toma chá sentado na frente de nossa lareira. É um insensível homem da lei. É surpreendente que os homens possam albergar dois eus com tanta facilidade.

— Os homens de Miller vieram atacar os ciganos — digo, e Kartik explica o que aconteceu.

— Conversarei com o senhor Miller — diz com gravidade o inspetor Kent. —

Responderá por isto. Disse que viu os homens desaparecidos no bosque?

— Sim. — sussurro.

— Verifique se eles estão com Ithal em seu acampamento? — pede Kartik. — Ainda continua desaparecido.

— Desaparecido? Desde quando? Por que não me informaram sobre isso? — quer saber o inspetor.

Kartik tenciona a mandíbula.

— Todo mundo trata sem cuidado o desaparecimento de um cigano.

— Besteira! — grunhe o inspetor. — Encarregar-me-ei deles imediatamente. Se for necessário, verificarei o acampamento de cima a baixo. De fato, o senhor Miller tem muito que responder.

A senhora Nightwing e o inspetor Kent guiam-nos através do bosque. Já não parece que neste lugar as garotas possam continuar nosso jogo, sem vaguear. Agora parece como se tivesse sido reclamado por mais alguém.

— A senhora Nightwing estava terrivelmente preocupada. Nunca teria lhe permitido ir para a capela se soubesse que corria risco — diz para mim a senhorita McCleethy, mas não a escuto, pois não confio em nenhuma delas.

A lua aparece por alguns instantes e ilumina o telhado da Academia. Meus passos continuam. Há algo estranho nele, embora não estou completamente certa, vejo os buracos, as telhas, a bagunça de ângulos, as gárgulas. A enorme sombra de asas estendidas contra a breve luz da lua. A besta de pé se mantem erguida. *Está se movendo.*

— Senhorita Doyle? — A senhorita McCleethy olha alternativamente do telhado para mim. — Acontece algo?

"Eles podem te obrigar a ver o que querem que veja. Como se estivesse louca". Eugenia me advertiu. Não foi?

— Não, não está acontecendo nada — respondo, mas minhas mãos tremem e as palavras de Neela ressoam em minha mente: *"Como vai lutar com algo que nem sequer pode ver?"*

49

— COMO ESTÁ SE SENTINDO HOJE, GEMMA? — ANN PERGUNTA.

Ela está sentada na beira de sua cama, um sorriso empolgado em seus lábios. Ela usa suas luvas e seu melhor vestido, um dos rejeitados por Felicity e solto dos lados por Brigid.

— Cansada — eu digo, esfregando minha cabeça dolorida. — Por que você está vestida assim?

— Hoje é o dia — diz ela. — Não se lembra? Charlie Smalls? O Gaiety? Entre as 12 e 3 da tarde?

— Oh, não! — digo, pois com tudo que aconteceu, eu tinha esquecido.

— Nós ainda iremos, não iremos? — ela pergunta.

Na verdade, eu preferiria não ter que usar a magia hoje, não depois da noite passada. Não com a minha mente tão pouco clara. Mas então tem Ann. Ela é minha amiga. Ela quer tomar o comando de sua vida, e quero acreditar que desta vez ela vai conseguir. Mas para isso, ela vai precisar da minha ajuda — e eu vou precisar da dela.

Eu afasto as cobertas.

— Vá buscar Felicity. Isto vai precisar da cooperação de todas nós.

***

Juntas, nós elaboramos nosso plano. Concentramos nossos esforços em Brigid. Eu a faço acreditar que tanto Ann como eu estamos indispostas por nossa maldição mensal e não queremos ser incomodadas. Ela vai repetir esta historia ao longo da tarde, pois coloquei isso cuidadosamente em sua cabeça. E, claro, Felicity embeleza o relato, como já está acostumada a fazer, até que todos em Spence temem se aventurar em qualquer lugar perto da nossa porta. Mas demora um tempo para fazer isso,e quando pegamos o trem para Londres e conseguimos um cabriolé para Piccadilly, estamos uma hora atrasadas. Já estamos sem fôlego em nosso caminho para o teatro, mas quando chegamos, Charlie Smalls está prestes a sair. Em sua companhia está outro homem.

— Oh, não — arqueja Ann. — O que vou fazer agora?

Por um segundo, fico tentada a manipular o relógio, aplainar o caminho e fazer que tudo saia bem, mas penso melhor. Este é o show de Ann. Vamos deixar que ela o conduza.

— Faça o que tem que fazer — eu digo.

— Sr. Smalls! — ela grita.

Charlie Smalls entrecerra os olhos para nós. Ele olha de Ann para mim, e finalmente, há um lampejo de reconhecimento.

— Amiga da senhorita Washbrad, não é?

— Sim, isso mesmo, — eu digo. — E esta é minha amiga, a senhorita Bradshaw.

Eles inclinam seus chapéus.

— O que aconteceu com a senhorita Washbrad? O Sr. Katz e a senhorita Trimble esperaram, mas ela não apareceu.

As bochechas de Ann se ruborizam.

— Ela foi embora.

Smalls concorda, sorrindo amplamente.

— Casou-se então? A senhorita Trimble disse que foi o que aconteceu. Suponho que ela estava certa.

— Eu li sobre sua composição no *Era*, — diz Ann. — A senhorita Doyle diz que você é muito talentoso.

Seu rosto se ilumina ainda mais.

— Emocionante, não é? Meu primeiro entretenimento musical, apresentado no Gaiety em julho. *As Garotas Alegres*.

— Eu sou artista, — diz Ann tão baixinho que é difícil ouvi-la acima do ruído das carroças e cavalos na rua. — Eu gostaria de cantar para você.

O parceiro de Charlie examina Ann. Ele cutuca Charlie.

— Não é muito atraente.

— Isto é *As Garotas Alegres*, Tony, não *As Garotas Deslumbrantes* — Charlie sussurra de volta, e temo que Ann se sinta ofendida e mande tudo por água abaixo.

— É verdade que eu não sou uma Garota Gaiety, — Ann diz. — Mas posso cantar o que você quiser. E também recitar!

— Não ligue para ele. Ele não pretendia ofende-la, senhorita — diz Charlie. — Olhe para mim, com essas grandes orelhas e esse focinho enorme. — Ele puxa o nariz.

— A audição era do meio-dia às três — Tony diz, ao checar o relógio. — Já passaram das quatro, é quase quatro e meia.

— Sinto muito, — diz Ann. — Não estávamos conseguindo um cabriolé e…

— As outras garotas foram pontuais — diz Tony. — Estamos indo ao pub. Tenham um bom dia.

— Desculpe, senhorita — diz Charlie, levantando o chapéu. — Espero que venha ver o espetáculo.

— Sim, obrigada — diz Ann de cabeça baixa.

Enquanto eles passam apressadamente, as feições de Ann se convertem em uma máscara

sem emoção, e sei o que isso significa. Ela se rendeu. Isso quer dizer Balmoral Spring, as birras da pequena Charlotte e Carrie com o dedo dentro do nariz.

E não posso evitar: fico furiosa.

— Sr. Smalls! — Ann grita, surpreendendo-me. Ela se vira e corre atrás dele. — Vou cantar para você aqui! Nesse instante!

Charlie arregala os olhos. E se desmancha em um sorriso.

— Na rua?

— O tempo é ouro, senhor Smalls — replica Ann.

Ele ri.

— Agora você está parecendo o Sr. Katz.

— Ela enlouqueceu. O pub, companheiro — diz Tony, puxando a manga de Charlie.

Mas Charlie cruza os braços.

— Tudo bem então, senhorita... desculpe, esqueci seu nome.

— Bradshaw — diz Ann secamente.

— Muito bem, senhorita Bradshaw. — Ele aponta para os transeuntes curiosos. — O público aguarda. Vamos ouvi-la.

Uma pequena multidão se reúne para ver o espetáculo de uma jovem dama cantando a fim de ganhar algo[66] para dois empresários em uma rua da West End. Sinto um rubor se formando em minhas faces e não posso imaginar como Ann vai conseguir soltar uma única nota. Porém ela canta, e canta como nunca antes escutei.

O som que brota dela é o mais puro que já escutei, embora ele tenha uma energia vigorosa. Há certa coragem sob essas notas e estas chegam ao coração. Agora, a música nos conta uma história. Há uma nova Ann Bradshaw cantando, e quando ela termina, a multidão responde com assobios e aplausos — mel nos ouvidos de qualquer artista em ascensão.

Charlie Smalls tem um enorme sorriso no rosto.

— É engraçado, mas sua voz soa como a da senhorita Washbrad, só que melhor! Tony, eu acho que nós encontramos uma das nossas garotas alegres!

Até mesmo o ranzinza Tony acena em aprovação.

— Os ensaios começam no final de maio, dia vinte e cinco, no Gaiety, às duas da tarde; e quando digo às duas, são duas em ponto!

— Não chegarei atrasada — Ann promete.

— Você não vai fugir e se casar como a senhorita Washbrad, vai? — Charlie brinca.

— Certamente não — diz Ann, sorrindo, e ela está mais bonita do que dez Nan Washbrads.

---

[66] N/T: Aqui a expressão é *Singing for her supper*, que significa fazer alguma coisa a fim de receber algo em troca.

50

SPENCE INTEIRA ESTÁ ENVOLVIDA NOS PREPARATIVOS para nosso baile de máscaras amanhã à noite. Uma frota de criadas foi contratada para dar brilho a velha dama como se a própria estivesse se preparando para o mercado de casamento. Tapetes são arrastados para o gramado dos fundos, onde são batidos até tirar cada partícula de poeira. Os pisos são lavados e encerados até brilharem. Lareiras são limpas. Cantos e recantos são espanados. Nightwing faz tanto alvoroço que é como se estivéssemos à espera de Sua Majestade ao invés de um pequeno circulo social de familiares e benfeitores.

Ela nos envia para fora, — por medo que possamos respirar e de alguma forma manchar as imaculadas salas de Spence — o que nos faz muito bem, já que é um dia particularmente agradável. Montamos acampamento ao longo da margem de musgo junto ao rio. Estamos autorizadas a tirar as botas e as meias e correr descalça sobre a grama fria, o que por si só já é o paraíso.

Um pau-de-fita[67] tosco foi erguido sobre um suave declive mais adiante. As meninas mais jovens correm rindo ao redor dele, cruzando de um jeito e de outro, com suas coroas de flores empoleiradas precariamente sobre suas cabeças brilhantes. Elas são repreendidas pelas mais velhas, as garotas mais sérias, que estão bastante concentradas em fazer uma trança perfeita. Elas entrelaçam dentro e fora, acima e abaixo de cada uma delas, até que o mastro usa um vestido colorido de fita.

Felicity, Ann e eu caminhamos pelo gramado até uma ribanceira com vista para o rio, um primo menor do poderoso Tâmisa. A senhora Nightwing faria bem em soltar as criadas aqui, pois o rio está coberto de musgo e folhas novas. Ann e eu mergulhamos os pés na água fria ao passo que Felicity colhe ramalhete de flores. Seu vestido está manchado com pólen.

— Temo que me manchei. — Ela abaixa perto de nós. — Violeta? — diz ela, oferecendo uma flor.

---

[67] N/T: Pau-de-fita (maypole, no original) é um mastro central (pau) fincado no chão, no topo do mastro são presas as pontas de várias fitas coloridas, cuja extremidade pendente é segurada por cada dançante. A dança do pau-de-fitas ou dança das fitas é uma dança folclórica coreografada originária da Europa. A coreografia desenvolve-se como uma ciranda de participantes que orbitam ao redor do mastro central. Durante a translação em zigue-zague em torno do fulcro central, as fitas vão sendo trançadas, encurtando a parte pendente até que fique impossível prosseguir. Faz-se após o movimento contrario, destrançando as fitas.

Ann afasta a delicada flor.

— Se eu a carregasse, iriam pensar que não pretendo me casar. Isso é o que significa levar violetas.

Sem se deixar abater, Felicity coloca a violeta em seu cabeço louro claro, onde ela brilha como um farol.

— Agora que a Sra. Nightwing vai me permitir assistir ao baile, devo ter uma fantasia — diz Ann. — Eu havia pensando em preferivelmente ir como Lady Macbeth.

— Mmmm — murmuro lançando olhares para trás, para as meninas brincando em volta do pau-de-fitas, e em seguida para mais além, em direção ao acampamento. Não vejo Kartik desde a noite dos homens na floresta. Felicity pende uma violeta sobre minha testa como se fosse uma aranha, e eu grito, o que a satisfaz além da medida.

— Não faça isso — advirto.

— Muito bem, Sua Senhoria Taciturna Santa Rabugenta — diz ela. — Em que você está pensando tão intensamente?

— Eu me perguntava por que Wilhelmina não me mostrou o lugar onde encontrar a adaga ou a chave que contem a verdade. Eu me pergunto sobre o que ela queria me alertar.

— *Se* ela queria alertá-la de alguma coisa — argumenta Felicity. — Talvez fosse uma farsa, e você foi sábia o suficiente para evitá-la.

— Talvez — eu digo. — Mas e Eugenia?

— Você tem certeza que realmente a viu? — Ann pergunta. — Porque nenhuma de nós a viu e nós estávamos lá com você.

Eu me pergunto se imaginei isso também. Se é que posso discernir a verdade da ilusão mais. Mas não, eu a vi — eu a *senti*. Ela era real, e o perigo que ela sentia também era, mas por minha vida, sou incapaz de juntar as peças.

— E McCleethy e Nightwing? — eu pergunto.

Felicity dá um pontapé, fazendo a água respingar um pouco.

— Você sabe que eles estão reconstruindo a Ala Leste para ter acesso a porta secreta. Mas isso é tudo o que se sabe ao certo. Vai demorar séculos para restaurar, e eles não fazem nenhuma idéia de que já temos acesso a ela. E quando souberem, nós já teremos feito a aliança e será tarde demais.

— Você está se esquecendo que os Hajin não se unirá a nós e que a tribo da floresta me odeia — digo.

Os olhos de Fee brilham.

— Eles tiveram sua chance. Por que não fazemos a aliança com apenas nós quatro; você, eu, Ann, e Pippa?

— Em relação a Pip.... — digo cautelosamente.

O rosto de Felicity se obscurece.

— Qual é o problema?

— Você não está alarmada pelas mudanças nela?

— Você quer dizer *seu poder* — diz Fee, corrigindo-me.

— Acho que ela está indo as Terras Invernais — continuo. — Acho que ela sacrificou o coelho de Wendy. Talvez ela tenha feito outros sacrifícios também.

Felicity esmaga a violeta entre os dedos.

— Você quer que eu lhe diga o que eu acho? Acho que você não gosta que ela tenha o poder agora. Ou que Ann e eu possamos entrar nos reinos sem você. Eu vi sua cara quando a porta se abriu para nós!

— Eu só estava surpresa... — começo a dizer, mas a mentira morre na minha língua.

— E de qualquer jeito, você é a única que está agindo de modo estranho, Gemma. Passando um bom tempo com Circe. Vendo coisas que não estão lá. É você que não está bem!

Ela dá um respingo final e as gotículas traçam um perfeito arco por cima do rio e aterrissam em mim.

— E-eu apenas acho que é melhor se fossemos juntas aos reinos — digo. — Por enquanto.

Felicity me olha diretamente nos olhos.

— Você não está mais no comando.

— Vamos,Gemma — Ann suplica. — Deixe-nos ir dar uma volta no pau-de-fitas. Vamos deixar isso por agora.

Ela pega a mão de Felicity e elas correm para o pau-de-fitas. Elas entrelaçam por dentro e por fora, rindo, e eu gostaria de poder esquecer de tudo e me juntar a elas. Mas não posso. Só posso esperar resolver isso a tempo. Faço meu caminho passando pelo lago e subo a colina para o velho cemitério. As lápides salientes me dão as boas-vindas, já que meu estado de animo também é sepulcral.

Coloco uma das violetas de Felicity na pedra de Eugenia Spence. *Amada irmã*.

— Suponho que você não saiba onde encontrar a adaga — digo para a placa. O vento responde levando a flor para longe. — Acho que não.

— Conversando com lápides? — É Kartik. Ele leva um pequeno almoço em uma vasilha. Um raio de sol faz um halo sobre seu rosto e por um momento, fico fascinada em ver como ele é bonito e por quão verdadeiramente feliz me sinto ao vê-lo. — Você só precisa se preocupar se elas começarem a responder — diz ele. — Irei se...

— Não, fique — digo. — Gostaria que você ficasse.

Ele se senta em uma sepultura, cujas inscrições estão quase desvanecidas pelo tempo e acena em direção as criadas que batem nos tapetes furiosamente.

— Ouvi que haverá um baile de máscaras.

— Sim, amanhã — digo. — Irei como Joana d'Arc.

— Muito adequado — Kartik examina uma maçã, pressionando um amassado com o polegar. — Suponho que haverá muitos cavalheiros presentes. Cavalheiros Ingleses.

— Tenho certeza que haverá muitas pessoas presentes — respondo cautelosamente.

Ele morde a fruta. Eu puxo uma folha de uma árvore e a rasgo em pequenas tiras. Um silêncio incômodo se estende.

— Sinto muito — digo finalmente.

— Você não precisa se desculpar. Eu menti para você.

Eu chego para mais perto dele. A distância entre nós não é muita, e ainda assim parece enorme.

— Venha ao baile — digo suavemente.

Kartik ri.

— Você está brincando.

— Não, claro que não. É um baile de máscaras. Quem vai saber?

Kartik sobe a manga de sua camisa, revelando o marrom quente de sua pele.

— E se supõe que ninguém se dará conta disso? Um Indiano entre os Ingleses? — Ele morde a maçã com um sonoro *crunch*.

— Um príncipe Indiano — digo. — E você terá um convite. Eu te darei um.

— Se eu não posso ir como sou, então não vou — diz ele.

— Pense bem. Se mudar de idéia, deixe a bandana no lugar de sempre, e nos encontraremos amanhã na lavanderia às seis e meia.

Kartik semicerra os olhos para o sol. Sacode a cabeça.

— Esse é o seu mundo, não meu.

— E se...? — engulo em seco — E se eu gostasse de você no meu mundo?

Kartik morde a maçã novamente e olha para as colinas ondulantes da paisagem tranqüila.

— Não acho que eu pertença a aqui.

— Nem eu — digo rindo, mas duas lágrimas escapam e eu tenho que secá-las rapidamente com os dedos. A magia formiga nelas, uma tentação: *Você poderia fazê-lo ficar*.

Formulo esse desejo em silêncio.

— Então venha para os reinos comigo — digo ao invés. — Poderíamos procurar por Amar juntos. Poderí...

— Não. Não quero ver o que Amar se tornou. Quero recordá-lo como ele era antes — ele coloca a maçã de volta na vasilha. — Tenho pensado muito nesses últimos dias, e acho que o melhor para mim é embarcar no *Orlando*. Não há nada para mim aqui.

— Kartik... — começo, mas o que eu poderia dizer afinal? — Você deve fazer o que achar melhor.

— Me lembrarei de você na Índia — ele diz. — Vou oferecer uma oração para sua família no Ganges.

— Obrigada. — Tenho um nó na garganta que não se desfaz.

Ele recolhe sua vasilha.

— Bom dia, senhorita Doyle.

— Bom dia, Kartik.

Ele aperta minha mão e caminha colina abaixo. Fico sozinha no cemitério.

— É a isso que cheguei — digo, pressionando o dorso das mãos nos olhos. — Só os mortos querem minha companhia.

Meus joelhos são os primeiros a falharem. A força da minha visão é tão violenta que eu

caio no chão agarrando meu estômago. Meus músculos estão retesados. O céu parece se rasgar em dois; as nuvens estão pintadas de vermelho.

Deus. Não posso respirar. Não posso...

Wilhelmina Wyatt está entre as lápides com o rosto contorcido de fúria. Ela agarra meu cabelo e me arrasta para as tumbas. Dou pontapés e luto, mas ela é muito forte. Quando chegamos a sepultura de Eugenia Spence, ela me dá um forte empurrão, e eu caio, olhando com horror como a terra se fecha sobre mim.

— Não, não, não! — Eu escavo as laterais do túmulo com minhas unhas, chorando, desesperada. — Deixe-me sair!

A terra desaparece e eu estou parada no urzal das Terras Invernais, ante a Árvore de Todas as Almas. Vejo os olhos assustados de Eugenia.

— *Salve-nos...* — ela implora.

Eu chuto com todas as minhas forças. A sepultura desmorona e eu cubro meus olhos enquanto a terra chove em cima de mim.

Está tudo silencioso. Eu ouço... as garotas jogando. Risadas. Abaixo minhas mãos e abro um olho. Estou de costas no cemitério. A brisa traz os sons de uma partida de críquete no gramado de trás. Há sujeira em minhas botas e minhas saias onde estive me contorcendo pelo chão. Wilhelmina se foi. Estou sozinha. O túmulo de Eugenia Spence esta intacto. A violeta que deixei antes está ali, e tudo que posso fazer é chorar — de medo e frustração.

Sobre pernas bambas, eu ziguezagueio pelas lápides. Os corvos descem como gotas de chuva negras. Eles pousam nas lápides. Coloco minhas mãos em meus ouvidos para silenciar seus grasnares medonhos, mas eles rastejam sob minha pele como um veneno.

Cambaleio descendo a colina e me sento, chorando baixinho, abraçando meus joelhos contra meu peito. Se eu não tivesse aberto caminho a chutes naquele sepultura...

Ou será que na verdade não estive mesmo ali?

Não, eu a senti puxando meu cabelo, me senti cair, a terra se fechando sobre mim. E então, foi como se nunca tivesse acontecido. Wilhelmina Wyatt me aterroriza.

Ela podia ver no escuro. Isso foi o que disse Eugenia sobre ela uma vez. Mas, e se ela é parte da escuridão? E se ela está trabalhando com as criaturas?

Eu já nem sei se ela quer me ajudar ou me matar.

Observo as meninas correndo ao redor do pau-de-fitas. Amanhã elas colocarão suas fantasias e esvoaçarão como fadinhas, sem se importarem com outra coisa que não seja o baile de máscaras do Um de Maio. Uma cósquinha gelada começa por meu estômago e transborda pelo resto do meu corpo.

Amanhã. Um de maio. Primeiro de maio. O "nascimento" de maio.

Cuidado com o nascimento de maio.

***

Não consigo me aquecer. O que seja que Eugenia temia, o que a senhorita Wyatt queria me alertar, vai acontecer amanhã. E eu não tenho idéia do que é e nem como detê-lo. Quando

vejo a senhorita McCleethy e a senhora Nightwing inclinadas em direção uma da outra em uma conversa, eu tremo. Em cada um de seus olhares, cada risada, cada toque, eu vejo perigo.

Ao meu redor, as meninas se pavoneiam, bêbadas de emoção, alheias ao meu medo. As menores brincam em suas fantasias enquanto Brigid as repreende, e insiste que elas vão sujar seus lindos vestidos, e então o que elas vão fazer? Elas acenam solenemente e prontamente a ignoram.

— Por que você não vem se juntar a nós, meu bem? — chama Brigid ao ver minha expressão descontente.

Balanço a cabeça.

— Não, obrigada. Não sou boa companhia nesse momento.

A senhora Nightwing me encara, fronte levemente franzida, e minha pele formiga. Não posso ficar aqui. Decido me refugiar na tenda de Fee. Fico surpresa ao vê-la sentada ali sozinha. Seus lábios tremem.

— Fee? — digo.

Ela enxuga as lágrimas com mãos implacáveis.

— Bem, está feito agora — ela diz com uma risada dura. — Eu os encantei, está tudo certo.

— O que você quer dizer?

Ela levanta uma carta.

— É da minha mãe. Lady Markham concordou em ser minha madrinha… se eu casar com Horace.

— Ela não pode fazer isso.

— Ela pode — Felicity diz, enxugando mais lágrimas. — Ela quer me transformar na esposa adequada; o que será uma pluma a mais em seu chapéu se ela conseguir. Ela disse ao meu pai que poderia ser um jeito deles serem aceitos pela sociedade novamente. E, claro, tem a questão do dinheiro.

— Mas é a *sua* herança... — eu perco a voz.

— Você não vê? Uma vez que eu casar, minha herança pertence ao meu marido! Não haverá sótão em Paris. Meu futuro está sendo decidido por mim. — Ela parece tão pequena e sem vida como uma boneca de porcelana.

— Sinto muito — digo, embora sirva de pouco.

Felicity pega minhas mãos nas dela. Meus ossos doem em seu aperto.

— Gemma, você vê como funciona isso. Eles planejam toda nossa vida, desde o que deveríamos vestir, com quem deveríamos casar e onde deveríamos viver. É um torrão de açúcar no seu chá quer você goste ou não, e você tem que mostrar seu melhor sorriso, mesmo que esteja morrendo por dentro. Nós somos como belos cavalos e tal como nos cavalos, eles querem nos colocar antolhos[68] assim não poderemos olhar para esquerda nem para a direita,

[68] N/T: Antolhos são peças geralmente feitas de couro com que se cobre os olhos dos animais lateralmente, forçando-os a olhar para frente.

mas apenas para frente, onde eles querem nos levar. — Felicity apóia sua testa na minha e segura minhas mãos entre as suas como em uma oração. — Por favor, por favor, por favor, Gemma, não nos deixe morrer por dentro antes da hora.

— O que posso fazer?

— Prometa-me que poderemos manter a magia por um pouco mais de tempo, até que eu possa garantir meu futuro; só até nossa apresentação na sociedade — suplica.

— Ainda faltam semanas para isso — respondo. — E eu tenho que fazer as pazes com o povo da floresta. Devemos fazer a aliança.

— Gemma, disto depende o resto da minha vida — ela implora, as lágrimas transformando-se em raiva.

Duas meninas passam como um raio pela tenda em um borrão de fita e laço. Elas giram furiosamente em seus vestidos de princesa, ganhando velocidade, rindo loucamente. E não importa que estes vestidos são fantasias emprestadas de uma única noite. Elas acreditam, e a crença muda tudo.

Coloco as palmas das minhas mãos nas de Felicity como uma promessa.

— Vou tentar.

***

Sento-me na minha cama tentando dar algum sentido a tudo, mas não posso, e o primeiro de maio já está em cima. Para me distrair, arrumo meus poucos pertences, organizando-os ordenadamente em meu armário: o elefante de marfim vindo da índia, o diário de mamãe, a bandana vermelha de Kartik, a caixa com fundo falso do Simon. Eu deveria me desfazer deste. Abro o compartimento secreto e ele está tão vazio como eu me sinto por dentro. *Um lugar para guardar seus segredos*, ele me disse. Precisaria de uma caixa maior do que esta para guardar meus segredos. Eu a deixo na cama de Ann como um presente e retomo minha tarefa. Empilho meus livros em um canto. Luvas e lenços. A lousa de Wilhelmina Wyatt, tão muda como sua proprietária. O que eu faço com isso? É inútil. E pesado. Essa base de madeira grossa tombada para baixo... De repente, percebo o quão idiota eu fui.

A ilustração no livro — esteve me mostrando o tempo todo onde procurar. O Objeto Oculto. Wilhelmina Wyatt foi assistente de um mágico, e tinha conhecimento em ilusionismo. Se ela quisesse esconder algo...

Eu tateio em torno das bordas da lousa até minha unha encontrar um pequeno trinco na madeira. Eu pressiono para baixo e a tábua se desprende. Quando eu a retiro da moldura, está o rolo de couro que eu vi nas minhas visões. Meus dedos tremem enquanto retiro os cordões frouxos e desprendo a extremidade.

E lá dentro, há uma adaga fina com um punho ornamentado.

51

1 DE MAIO

O SOL JÁ SE RECOLHEU E O CREPÚSCULO TOMOU seu lugar no céu. O ar está quente; os pássaros cantam uma última vez antes de irem dormir. No geral, esta é uma noite perfeita para o baile à fantasia de Spence, mas eu não vou conseguir relaxar até a noite acabar.

Lanternas foram espalhadas pelo jardim e pela estrada para iluminar o caminho das várias carruagens negras que formam uma grande fila à nossa frente. Cada vez mais famílias chegam a Spence. As serventes ajudam Maria Antonieta e Sr. Walter Raleigh, Napoleão e a Rainha Elizabeth a saírem de suas carruagens. Todos os tipos de personagens caminham pelo gramado. Com seus rostos mascarados, eles dão um ar sobrenatural à festa. A música preenche o salão de baile e se espalha através das janelas abertas, chegando até a floresta. Garotas se escondem sob camadas de rendas e tules.

E não estou animada com nada disso.

Eu estava esperando que Kartik me surpreendesse esta noite, mas, como não há nem sinal dele, pego meu lampião e vou até o gramado esperar minha família chegar. Eu vejo papai primeiro. Ele é um rajá, usando um turbante adornado com jóias. Vovó, que vive com medo de se divertir, está usando um de seus vestidos sociais, segurando uma máscara veneziana presa a um palito. Tom está usando um chapéu de bobo da corte, que se adéqua a ele muito mais do que possa imaginar.

— Ah, aqui está a nossa Gemma. — Papai diz ao ver minha túnica, minhas botas e a adaga adornada em minha cintura. — Mas, cuidado, ela não é nossa Gemma, mas sim a líder dos homens! Uma eterna santa!

— É a Gemma d'Arc. — Tom debocha.

— E o idiota. — Eu contra-ataco.

— Eu sou um bobo[69]. Não é a mesma coisa. — Ele bufa. — Eu espero que eles sirvam um jantar.

Papai tem um de seus ataques de tosse.

— Você está bem, papai?

— Saudável como um cavalo. — Ele responde sem ar. O rosto dele está vermelho e suado. — Só ainda não me acostumei com o ar desse país.

— O Dr. Hamilton disse que lhe faria bem. — Vovó diz impaciente.

— Para o que o médico foi chamado?

Papai dá palmadinhas em minha mão.

— Calma, calma, querida. Não tem nada com o que se preocupar. Está tudo bem, tudo ótimo. Vamos ver quais entretenimentos temos à nossa disposição esta noite.

Uma criada de quarto carrega uma vasilha, oferecendo mascaras enfeitadas — pássaros, animais, duendes e palhaços. Elas transformam os sorrisos por debaixo delas em sorrisos quase maliciosos.

Felicity é uma Valquíria, seu brilhante cabelo loiro está esvoaçando sobre um vestido de prata que tem até asas. A mãe dela veio de Pastoreira; o pai dela usa um de seus uniformes navais e uma mascara de raposa. Os Markhams também vieram, para o prazer da Sra. Nightwing e a infelicidade de Felicity. Toda vez que Horace — em sua fantasia azul de *Lord Fauntleroy*[70] — chega perto, ela parece a ponto de estrangulá-lo, o que só o faz querê-la ainda mais.

Eu queria poder ir até ela, para dançar e deixar a magia se libertar como já fizemos antes. Mas um refrão se repete em minha mente: *Cuidado com o nascimento de Maio*. E eu não sei dizer o que esta noite trará.

A Sra. Nightwing está ansiosa para mostrar por que a Spence tem graça, charme e beleza como seu lema. Ela está vestida de Florence Nightingale[71], sua heroína. Até seria engraçado se eu não desconfiasse tanto dela.

— Senhoras e senhores, eu lhes agradeço muitíssimo por sua presença nesta noite. Desde sua fundação, a Spence vem desfrutando de sua reputação de ser uma instituição onde as garotas se transformam em ótimas senhoritas. Mas, por anos, nossa maravilhosa escola vem guardando a dolorosa memória de uma tragédia terrível. Estou falando da Ala Leste e do incêndio que levou consigo a vida de duas de nossas garotas e de nossa amada fundadora, Eugenia Spence. Mas, em sua homenagem, nós restauramos a Ala Leste e suas generosas doações farão possível vermos sua renovação. Eu, humildemente, agradeço a vocês. E agora, sem mais delongas, eu gostaria de lhes oferecer uma apresentação criada por nossas preciosas jóias. Essas jóias das quais eu falo não são diamantes ou rubis, mas as amáveis e nobres garotas da Spence.

---

[69] Gemma o chama de 'fool', que é um pouco mais depreciativo do que 'jester', como ele chama a si mesmo, e ele diz isso por causa da fantasia dele.

[70] N/T: Personagem do livro infantil *O Pequeno Lord*, publicado em 1885.

[71] N/T: Uma enfermeira britânica que ficou famosa por ter cuidado de muitos dos feridos da Guerra da Criméia.

A Sra. Nightwing seca discretamente seus olhos e senta em seu lugar. Várias meninas mais novas — todas as princesas e as fadas — executam uma dança, encantando os convidados com sua inocência.

Um homem desliza para o lugar ao lado do meu. Sua máscara esconde seu rosto, mas eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

— Está uma noite bem agradável para se dar uma festa, não é?

— O que você está fazendo aqui? — Eu exijo com o coração acelerando.

— Eu fui convidado, querida. — Ele dá um sorriso maldoso como o do próprio diabo.

— Se você fizer alguma coisa para mim, para minha família, ou para minhas amigas, se você fizer qualquer coisa, eu usarei a magia contra você de um modo que lhe fará nunca mais ameaçar ninguém na vida. — Eu rosno baixo na orelha dele.

O sorriso de Fowlson é rápido e largo.

— Esse é o espírito, querida. — Ele põe sua boca perigosamente perto de meu pescoço. — Mas, não tenha medo, senhorita Doyle. Hoje eu não estou aqui por você. O seu amigo Kartik está aqui? Se ele não está, sem problemas; tenho certeza que eu o encontrarei.

Kartik.

Eu me viro e corro para fora do salão enquanto as menininhas fazem reverencias educadas, como as adoráveis bonecas que são, e os convidados as aplaudem. Eu estou sem fôlego quando alcanço Kartik na casa de barcos.

— Fowlson está aqui. E acredito que ele tenha vindo por sua causa. — Eu arfo. — Para te machucar.

Ele não parece alarmado, ele nem se move.

— Você ouviu o que eu disse?

— Sim. — Ele diz, fechando seu livro. — *Odisséia*. Eu já terminei, se você quiser ler.

Eu agarro o braço dele.

— Nós temos que te esconder. Eu poderia te transformar em outra pessoa ou...

— Eu não vou me esconder novamente. — Ele diz. — E eu não estou preocupado com o senhor Fowlson.

— Não está?

Ele coloca o livro em uma alta saliência perto da janela.

— Eu mudei de idéia. Eu preciso saber se Amar... Eu preciso saber. Você entende?

— Você está pronto para ir aos reinos. — Eu digo.

— Não sei se eu estou pronto. — Ele diz com uma pequena risada de escárnio. — Mas eu iria. Eu os visitaria.

Eu ofereço minha mão para ele.

— Confie em mim.

Kartik entrelaça seus dedos aos meus.

— Me mostre.

— Nós precisamos tomar cuidado. — Digo. Com todos assistindo à apresentação, o gramado está vazio e silencioso. Mas não quero atrair atenção nenhuma. Nós nos abaixamos

e corremos com cuidado pela grama até alcançarmos a torre da Ala Leste. Eu estendo minha mão. O ar crepita. A porta aparece brilhando. O rosto de Kartik expressa pura admiração.

— Isso é extraordinário. — Ele sussurra.

— Isso não é nada. — Eu digo. Pego a mão dele e o conduzo pelo corredor e, quando nós passamos pela porta, ele se torna um homem transformado.

— Bem-vindo aos reinos. — Digo.

52

PRIMEIRO, EU O LEVO AO JARDIM. PORQUE FOI ALI que conheci esse mundo pela primeira vez e por que quero compartilhar toda aquela beleza com ele. Kartik roda pelo gramado, a cabeça jogada para trás. Uma chuva de pétalas brancas cai das arvores, grudando como neve em seus cabelos e cílios. Ele abre suas mãos para pegá-las.

— Esse é o jardim. — Eu digo, quase orgulhosa. — Ali fica o rio. E lá é onde as Runas da Ordem ficavam. Aqui é o lugar onde a Ordem governou, onde os Rakshana um dia governaram com ela.

— Isso parece um sonho. — Kartik se abaixa perto da margem do rio e passa suas mãos pelas águas cantantes. Tons de prata, dourado e rosa se espalham por onde ele tocou.

— Olhe isso. — Eu digo e assopro um punhado de grama, transformando-o em um grupo de borboletas coloridas. Uma delas pousa na mão estendida de Kartik antes de sair voando. Eu nunca o vi tão feliz ou relaxado antes.

Ele encontra a cama improvisada que fiz algumas semanas atrás e se deita nela, apreciando o baixo murmúrio que os fios fazem com o movimento. Ele dobra as mangas de sua camiseta para cima de seus cotovelos e, apesar de ser errado, não consigo tirar os olhos de seus braços nus.

— Que tal se você se sentasse? — Ele oferece o pequeno espaço ao seu lado.

— Não, obrigada. — Eu me forço a falar. — Você ainda tem muita coisa para ver.

***

Eu o conduzo pelo campo de papoulas abaixo do Templo, mostrando-lhe os altos picos que se erguem a nossa frente. Gravadas nas paredes, estão as mulheres seminuas que me fizeram corar da primeira vez que as vi. Eu observo Kartik pelo canto do olho, imaginando se ele não vai achá-las vulgares demais.

— Elas me lembram a Índia. — Ele diz.

— É, a mim também. — Eu digo, esperando que minha voz não traia meu nervosismo.

Os olhos dele descem para meu pescoço e então para o chão, envergonhados.

— Eu deveria te levar até a Caverna dos Suspiros. — Eu sugiro com a voz um pouco rouca.

Nós passamos pela pequena passagem na terra, pelo pé da montanha, por onde os vasos soltam uma fumaça colorida, e subimos até o topo. Os Hajin nos cumprimentam com uma pequena reverência e Kartik responde ao gesto deles com respeito.

— Esta é a Caverna dos Suspiros. — Eu anuncio.

Ao passamos pelo símbolo das duas mãos unidas dentro do circulo, Kartik para e o observa.

— Eu conheço esse símbolo. É dos Rakshana.

— Ele pertence à Ordem também. — Digo

— Você sabe o que significa? — Ele pergunta, chegando mais perto da imagem.

Eu concordo, corando.

— É o símbolo do amor.

Ele sorri.

— Verdade, eu me lembro agora. As mãos dentro do circulo. Você vê? As mãos estão protegidas pelo circulo, que significa eternidade.

— Eternidade?

— Porque não dá para dizer onde começa ou termina e também não importa onde ele começa ou termina. — Ele contorna o desenho com seus dedos.

Eu limpo a garganta baixinho.

— Dizem que é possível ver os sonhos um do outro ao colocar as mãos dentro do circulo.

— É mesmo? — Ele deixa sua palma do lado de fora do circulo.

— Sim. — Eu digo.

O vento sopra por dentro da caverna, fazendo-a suspirar. As pedras sussurram. *Este é um lugar de sonhos, para aqueles que querem ver. Coloque suas mãos dentro do circulo e sonhe.*

Eu coloco minha mão na imagem e espero. Kartik não olha para mim e não se move. Ele não vai me acompanhar. Eu sei disso. Meu coração dói com o fato.

Ele desliza a mão para perto da minha. Nossos dedos buscam uns pelos outros, mas não se tocam. Nossas mãos são dois países separados pelo menor dos oceanos. E então, os dedos dele se entrelaçam aos meus. As pedras desaparecem do meu campo de visão e uma brilhante luz branca me obriga a fechar os olhos. Meu corpo fica mais leve e eu estou dentro de um sonho.

***

Meus braços brilham com o reflexo dourado de minhas pulseiras. Minhas mãos e pés estão enfeitados com desenhos padronizados, como os de uma noiva. Eu estou usando um sári roxo-escuro, que, com o movimento, muda de cor, passando do laranja ao vermelho e do anil ao prateado.

Uma festa está sendo celebrada.Garotas em brilhantes sáris amarelos dançam descalçadas

sobre um tapete de flores de lótus. Sorrindo, elas mergulham as mãos em grandes cestas de palha, jogando pétalas de rosa para o alto. A chuva colorida cai vagarosamente, as pétalas grudam em meus cabelos e em meus braços nus. O cheiro delas me lembra de minha mãe, mas eu não fico triste. Esse é um dia muito feliz para isso.

As garotas me dão passagem, correndo e espalhando as flores até meu caminho se transformar em espetáculo de vermelho e branco. Eu as sigo em direção ao céu azul. Chego à entrada maravilhosamente decorada de um antigo templo. Xiva, o Deus da destruição e da transformação, está sentado acima de mim, meditando, vendo tudo com seu terceiro olho. Abaixo de mim, se estendem quase cem degraus. Quando desço o primeiro degrau, tudo some — o templo, as garotas, as flores... tudo. Eu estou sozinha no deserto, a areia é tudo o que vejo por quilômetros. Não há nada além do céu. As horas parecem segundos, os segundos demoram horas; por que o tempo é um sonho.

Uma rajada quente de vento sopra pelo deserto, fazendo a areia acariciar minhas bochechas. E então eu o vejo. Ele não é mais do que uma mancha ao longe, mas eu sei que é ele, e, subitamente, ele está na minha frente, montado em um cavalo todo desenhado e usando uma roupa preta e elegante. Há um colar de flores ao redor de seu pescoço. Ele tem uma marca vermelha, feita de açafrão, no meio da testa, como um noivo Indiano.

— Olá. — Ele diz e sorri. O sorriso dele é mais brilhante do que o sol. Ele desmonta do cavalo, eu pego sua mão e o mundo se desfaz mais uma vez. Nós estamos em um jardim perfumado pelo cheiro das enormes flores de lótus espalhadas por ali.

— Onde nós estamos? — Eu pergunto. Minha voz parece estranha aos meus ouvidos.

— Nós estamos aqui. — Ele diz, como isso respondesse tudo, e, na verdade, responde mesmo.

Ele pega sua faca e traça um círculo ao meu redor.

— O que você está fazendo?

— O circulo simboliza a união das nossas almas. — Ele responde e me circula sete vezes, entrando para dentro do círculo na sétima volta. Nós olhamos um para o outro. Ele pega minhas mãos nas dele.

Eu não sei mais se estou sonhando.

Ele desliza sua mão para a minha nuca, puxando-me gentilmente para mais perto. Seus dedos se enroscam em meus cabelos e acariciam as mechas como se elas fossem uma valiosa seda que ele estava ansiando tocar há muito tempo. Então, seus lábios estão famintos sobre os meus — explorando, tomando controle.

Este é um novo mundo, e eu vou explorá-lo.

Não sei o que eu gostaria que ele me dissesse: *Eu te amo*. *Você é linda*. *Nunca me deixe*. Mas eu pareço estar ouvindo tudo isso quando, na realidade, ele diz apenas uma palavra: meu nome. E percebo que nunca o ouvi falar deste jeito antes; como se eu fosse conhecida.

A pele do peito dele é macia sob meus dedos. Eu toco seu pescoço com meus lábios, fazendo-o emitir um som que lembra, ao mesmo tempo, um suspiro e um rosnado.

— Gemma...

Os lábios dele me beijam com fervor. Minha boca. Minha mandíbula. Meu pescoço. A parte interna dos meus braços. Ele desce sua mão até a base da minha coluna e beija meu abdome através do tecido de meu vestido, mandando faíscas por todo o meu corpo. Ele levanta meu cabelo e esquenta minha nuca com sua boca, trilhando minha coluna com beijos, enquanto suas mãos acariciam gentilmente os meus seios. Os laços do meu espartilho são afrouxados e eu finalmente posso senti-lo de verdade. Kartik já está sem sua camisa. Não consigo me lembrar quando ele a tirou e, por algum motivo, não consigo ficar envergonhada com a semi-nudez dele. Tudo que eu consigo ver é sua beleza: o belo marrom da sua pele, a largura de seus ombros, os músculos de seus braços... tão diferente de mim. O chão cor-de-rosa é macio e aconchegante sob meu corpo. Kartik pressiona seu corpo contra o meu, e eu sinto como se pudesse afundar dentro da terra, mas, ao invés disso, me arqueio contra ele, sentindo seu calor, até sentir que possa morrer com essa sensação.

— Você tem certeza…?

Pela primeira vez, eu não me afasto. Eu o beijo mais uma vez, deixando que minha língua explore o calor de seus lábios. As pálpebras dele tremulam, e ele abre os olhos, com um olhar que não reconheço; como se ele tivesse encontrado algo muito precioso que pensara ter perdido. Ele se pressiona ainda mais contra mim. Minhas mãos agarram seus ombros. Nossas bocas e corpos falam por si mesmos em uma nova linguagem enquanto as árvores soltam uma chuva de pétalas que se grudam ao nosso suor, como novas peles que usaremos para sempre.

E assim, eu estou mudada.

***

Quando abro meus olhos, estou de volta a Caverna dos Suspiros, meus dedos deixando os de Kartik na pedra. Eu respiro com dificuldade. Ele viu o que eu vi? Nós tivemos o mesmo sonho? Não tenho coragem de olhar para ele.

Eu sinto seus dedos, gentis como a chuva, sob meu queixo. Ele vira meu rosto na direção do dele.

— Você sonhou? — Sussurro.

— Sim. — Ele responde e me beija.

Nós ficamos na Caverna dos Suspiros por muito tempo, conversando sobre nada, mas falando tudo.

— Agora eu entendo por que meus irmãos Rakshana queriam controlar um lugar como esse. — Ele diz, acariciando meus braços com seus dedos. — Seria difícil ir embora, eu acho.

Minha garganta aperta. E se nós ficássemos aqui? Ele ficaria se eu pedisse?

— Obrigado por me trazer aqui. — Ele agradece.

— De nada. — Eu respondo. — Mas eu tenho mais uma coisa para te mostrar.

Eu pressiono minhas mãos contra as dele. Nossos dedos formigam com o toque. As pálpebras dele tremulam e ele arregala os olhos ao entender o que dei a ele.

Relutante, eu me afasto.

— Você pode fazer o que quiser.

— O que eu quiser? — Ele repete.

Eu concordo.

— Tudo bem, então.

Ele acaba com a pequena distância entre nós e toca meus lábios com os dele. Eles são macios, mas o beijo é firme. Ele, docemente, põe uma mão em minha nuca e puxa meu rosto para o dele com a outra. Ele me beija mais uma vez, com mais força, mas ainda tão doce quanto à primeira vez. Eu preciso tanto dos lábios dele que não consigo imaginar como posso viver sem eles agora. Talvez seja assim que as garotas de apaixonam — não por causa de um feitiço que uma bruxa má colocou nelas sem dar a chance delas escolherem. Talvez elas simplesmente sejam beijadas e sintam vontade de retribuir o beijo. Talvez elas até sejam as primeiras a dar o beijo. E por que não deveriam?

Eu conto os beijos — *um, dois, três, oito*. Eu me afasto dele por um minuto, tentando recobrar meu ar e minha postura.

— Mas... você pode fazer o que quiser.

— Exatamente. — Ele diz, acariciando meu pescoço.

— Mas... — Eu tento mais uma vez. — você poderia transformar pedras em rubis ou dar uma volta em uma luxuosa carruagem.

Kartik pega meu rosto entre suas mãos.

— Cada um tem seu próprio tipo de mágica. — Ele diz e me beija mais uma vez.

53

ASHA NOS AGUARDA NA SAÍDA DAS CAVERNAS.

— Dama da Esperança, a Górgona está lá embaixo. Quer falar com você. Disse que é urgente.

— Górgona? — pergunta Kartik, com os olhos arregalados, enquanto sua mão se dirige instintivamente para seu punhal.

— Isso não será necessário — Eu o contenho. — O pior que pode fazer é te irritar até morrer; ou que deseje por um fim em seu sofrimento.

A Górgona espera no rio. Kartik ofega ante a pavorosa visão desse rosto verde e olhos amarelos, com todas essas serpentes retorcendo-se ao redor de sua cabeça como os raios de algum esquecido deus do sol.

— Górgona. Você voltou! — digo, sorrindo, pois percebo que senti sua falta.

— Lamento, Sua Excelência. Você me pediu que não lhe procurasse, mas se trata de um assunto da maior importância.

— Eu errei — respondo ruborizada. — Falei com você de forma muito rude. Apresento a você, Kartik, antigo Rakshana.

— Encantada — diz a Górgona.

— Encantado — cumprimenta Kartik, com olhos arregalados e a mão ainda em seu punhal.

A voz escorregadia da Górgona está cheia de apreensão.

— Estive nas Terras Invernais seguindo uma rota que meu povo descobriu há muito tempo atrás. Eu gostaria de lhe mostrar o que eu descobri.

— Nos leve — digo e subimos a bordo.

Sento-me na base do pescoço grosso da Górgona procurando evitar as serpentes que sibilavam e se retorciam em cima de sua cabeça. Às vezes, se atreviam a se aproximar muito para me lembrar que inclusive qualquer aliado pode chegar a nos maltratar.

Kartik as evita abertamente. Observa fixamente o mundo estranho e ameaçador que temos adiante, pois nós estamos adentrando nas Terras Invernais. Uma névoa verde nos envolve. O barco navega tranquilamente sobre um canal estreito e pelo interior de uma caverna. Passamos sob estalactites de gelo tão largas como as presas de uma serpente, e

reconheço o lugar.

— Aqui foi onde vi Amar — explico para Kartik e seu rosto escurece.

— Aí — diz a Górgona enquanto diminui a marcha até quase parar. — Exatamente aí.

Desce a passarela e caminha pelos escassos centímetros de água parada até a borda da caverna, onde algo foi jogado lá. É a ninfa de água que me levou até Amar. Seus olhos inertes olham sem ver para cima.

— O que aconteceu? — pergunto. — Foi alguma doença?

— Aproxime-se — pede a Górgona.

Não quero tocá-la, mas faço isso. Sua pele está fria. Enche minhas mãos de escamas. Está coberta de sangue seco. Tem uma ferida, uma linha vermelha escura no pescoço.

— Suspeita das criaturas das Terras Invernais? — pergunto.

A voz da Górgona vibra no interior da caverna.

— Isso é obra de alguém muito mais poderoso do que as criaturas das Terras Invernais. Está além do meu conhecimento.

Fecho os olhos apagados da ninfa para que pareça que só está dormindo.

— O que quer que eu faça por você, Sua Excelência? — pergunta a Górgona.

— Você está falando comigo?

— Sim, você está no comando, sim.

Sim, estou no comando. De pé, nesta maldita caverna, com o corpo frio da ninfa de água tão perto e meus amigos tão longe, tenho que tomar uma decisão.

— Quero ver mais. Quero saber. Podemos ir mais longe?

— Como desejar.

— Não precisa me acompanhar — digo para Kartik. — Posso te levar ao acampamento.

— Irei — responde e se assegura de que o punhal ainda está em sua bota.

— Sua Excelência — diz a Górgona, preocupada. — Chegamos até aqui sem sermos descobertos. Mas não irei mais além sem proteção. Pode ser prudente apelar aos seus poderes para que nos ajudem.

— De acordo — respondo. — Mas terei que te ceder parte da minha magia para que possamos realizar nosso plano juntas...

— Não — interrompe-me a Górgona. — Não quero participar da magia por nem sequer um instante.

— Preciso de você, Górgona. A situação requer a participação de todos nós.

— Não posso ser liberada — diz a Górgona. — Espero que compreenda.

— Compreendo — respondo. — Optaremos por uma ilusão e continuaremos com esse único objetivo. De acordo?

Kartik assente.

— De acordo — sibila a Górgona.

Subo no barco. Ponho uma mão no pescoço grosso e escamoso da Górgona e a outra no braço de Kartik. A magia se estende por nós três. Me sinto como se estivesse sentada em uma onda e não fora absorvida por ela. Um propósito nos une e suportamos uma idêntica carga.

Imagino o barco viking que subimos nas Terras Invernais, as altas velas, os remos. Imagino Kartik e a mim mesma como fantasmas com capas esfarrapadas. Nossos corações batem compassados. Quando abro os olhos, já cumprimos nossa tarefa. Kartik e eu parecemos fantasmas. A Górgona parece uma estátua, com suas serpentes tão quietas como mármore.

— Górgona? — pergunto, receosa.

— Estou bem, Sua Excelência. Você fez bem.

— *Nós* fizemos bem — retifico; a satisfação não é menor por compatilhá-la. — Vamos ver o que pode estar escondido nas Terras Invernais.

***

A Górgona nos guia ao longo do rio, que atravessa um cânion de pedra negra. Uma névoa cinza-esverdeada sobe da água. Diluí a medida que avançamos e, ao fazer, posso ver muito mais desta terra estranha do que eu já vi antes. Umas bandeiras esfarrapadas marcadas de vermelho foram içadas nos topos das montanhas íngremes. Estalam ao ser sacudidas pelo vento forte e soam como tiros de um rifle. Há depressões esculpidas na pedra negra. A Górgona desliza perto de uma. As caveiras se amontoam em pilhas de doze. Meu coração bate cada vez mais rápido. Quero voltar, mas tenho que saber o que aconteceu.

Um bando de peixes prateados flutuam na superfície da água. Estão mortos.

— Talvez não seja nada — digo, hesitante.

— Talvez — sibila. — E talvez seja algo muito ruim. Temo que uma magia maligna esteja agindo.

Um corvo voa em círculos no alto, como o grosso traçado de um polegar.

— Siga-o — ordeno para a Górgona.

Um rugido me ensurdece. Chegamos em um desfiladeiro onde majestuosas cachoeiras nos rodeiam em ambos os flancos. A água se agita e bate em nós. Kartik e eu nos agarramos com força um ao outro e a Górgona. Umas pedras pontiagudas aparecem por cima da água e tenho medo que nos estratelemos contra elas, mas a Górgona nos guia limpamente e saímos do cânion sãos e salvos, para entrarmos em uma lagoa de maré pouco profunda coberta por gelo petrificado. Está coberta com ossos e carcaças de animais mortos. O vento frio é incapaz de dissipar o odor de morte e decomposição. Pequenas fogueiras queimam ao redor da periferia. Delas sobem umas nuvens de fumaça densas e ásperas, e percebo sua queimação no fundo da garganta. Uma mistura de cinzas e neve desce lentamente. Engancha na minha pele. Ao longe, um arco no penhasco cede lugar as areias negras das planícies.

A Górgona se aproxima pouco a pouco e engasgo de medo ao ver atrás das fogueiras um exército das criaturas das Terras Invernais — rastreadores esqueléticos cobertos com trapos negros, Guerreiros Amapola, pálidas criaturas com a pele semelhante a giz e olhos com negras olheiras.

— Muitas criaturas. Não tinha me dado conta. Pelo que parece é seu acampamento, protegido pelas falésias. Estão sentados junto aos mortos, que parecem atordoados e cegos.

— Alto! — exclama uma criatura a minha esquerda e vejo como Kartik fecha a mão

sobre seu punhal. A criatura está tão cinza como a morte. Seus lábios putrefatos se levantam para revelar dentes amarelados. Tem suas próprias pálpebras rodeadas por uma linha vermelhas, mas seus olhos são do mesmo azul leitoso que o de Pippa. — Vieram para o ritual?

Kartik assente. Rezo para que nossa ilusão se mantenha.

Seis rastreadores aparecem no arco.

— Sigam-nos! — gritam as assustadoras bestas.

As criaturas se erguem e os mortos caminham arrastando os pés com se fossem sonâmbulos. Depois de dá uma olhada no rosto de pedra da Górgona, Kartik e eu nos unimos aos outros.

Os rastreadores rugem através das planícies e nós os seguimos. A terra range como cascas sob nossos pés. Eu acho que vejo o osso de uma perna cravado em uma gravilha e rapidamente afasto o olhar. *"Calma, Gemma. Calma. Mantém a ilusão"*.

Chegamos a um estreito desfiladeiro. Umas criaturas pálidas e sem pele surgem atrás das rochas e das fendas, piscando contra a tênue luz do revolto céu cinza. A criatura que está junto a nós grunhe e range os dentes para uma dessas coisas pálidas, que voltam a deslizar sobre a rocha até que a única coisa que vejo são seus olhos faiscantes. Os corvos voam em círculos sobre nós, gritando. Nos guiam para fora do buraco e me acelera o pulso ao chegar no urzal. Aí, diante de nós, está a Árvore de Todas as Almas.

As criaturas das Terras Invernais se reunem nas planícies. Kartik aperta minha mão e sinto como seu medo se une ao meu. Três mortos são ressuscitados: uma mulher, e dois homens. Junto a mim, Kartik ofega. Atrás das criaturas, montado em um magnífico cavalo, está Amar.

— Quanto maiores são nossos sacríficios, maior será nosso poder — grita enquanto obriga aos mortos a se ajoelharem ante a Árvore de Todas as Almas.

— Vocês se oferecem volutariamente pela glória maior? Se sacrificam por nossa causa? — pergunta-lhes Amar.

— Fazemos — respondem, hieráticos.

— Estas almas estão preparadas — diz o irmão de Kartik.

As parras se movem como chicotes, se enroscam ao redor dos pescoços das vítimas e os jogam como marionetes pela extensão que circunda a Árvore. Amar desembainha a espada da bainha que pende em seu quadril. Se afasta cavalgando para voltar de imediato e começar a correr para os mortos, como um cavaleiro em um torneio.

No urzal, as criaturas das Terras Invernais observam; algumas se encolhem enquanto outras gritam sua aprovação: *"Sacrífício, sacrífício, sacrífício..."*

Enquanto contemplamos a cena horrorizados, a espada de Amar cai sobre os mortos. Kartik se sobressalta e eu me agarro com força a seu braço. Seu sangue goteja e as raízes aceitam com avidez. Com um grito horrível, as almas das vítimas são atraídas para o interior do enorme freixo. Ante nossos olhos, esse cresce ainda mais. Seus impressionantes ramos se estendem em todas as direções como garras gigantescas. O céu sangra.

Amar e os outros rastreadores põem a mão no tronco retorcido da árvore para absorver seu poder, enquanto o exército de criaturas se limita a observar.

— Um dia também vocês se alimentarão dele — grita um rastreador. — Depois do sacrifício.

As criaturas assentem.

— Sim, um dia — respondem acreditando firmemente em suas palavras.

— Nossa causa é justa! — grita outro rastreador com suas vestimentas abertas para mostrar os espíritos que uivam em seu interior.

— No fim a liberdade está ao nosso alcance — troveja Amar. — Ela pôs nosso plano em marcha. Todas as peças foram montadas. Quando nos der a ordem, sacrificaremos sua grande sacerdotisa e ambos os mundos, os reinos e os dos mortais, serão nossos.

As criaturas gritam e levantam os punhos ao imaginar sua vitória.

Um dos rastreadores cheira o ar.

— Algo estranho acontece — uiva. — Percebo uma presença viva entre nós!

Grunhindo e gritando, as criaturas giram umas para as outras e se apontam com dedos acusadores. Uma das bestas salta nas costas de outra, gritando, "Traidor!" antes de cravar seus dentes no pescoço. Os rastreadores tentam controlar a situação, mas é quase impossível fazê-los ouvir por cima do barulho.

— Kartik — sussurro. — Temos que ir.

Ainda segue olhando seu irmão maldito com olhos úmidos. Não espero que me responda. Rapidamente, o afasto da multidão e da terrível visão em que Amar se converteu. Nos deslizamos silenciosamente entre a multidão e evitamos como podemos os socos que lançam uns aos outros. Ao chegarmos na caverna através da rocha, ouço Amar gritar ordem em meio ao caos. O céu grita. Se sacrifica outra alma e as criatura se unem para festejar.

Mais criaturas sem pele rastejam sobre as pedras. Agarram nossos tornozelos com as mãos tão habilidosas e rápidas como um peixe, eu grito. Durante um instante, meu grito ressoa, e fico inquieta pelos outros que ouviram. Dou um pontapé na mão daquela coisa, que foge para se esconder. Puxo Kartik tão rápido quanto é possível até chegar ao navio.

— Górgona, temos que sair daqui imediatamente! — digo.

— Como quiser, Sua Excelência.

Nos afasta das Terras Invernais. Conto o que vimos, embora que por deferência, omito a intervenção de Amar. O céu revolto muda para o indiferente entardecer das Terras Fronteiriças e logo o azul bilhante das Cavernas dos Suspiros e o pôr do sol alaranjado do jardim.

Kartik não abriu a boca em todo o caminho. Permaneceu sentado no convés, com seus joelhos contra seu peito e a cabeça enterrada nas mãos. Não sei o que dizer.

Teria preferido poupá-lo dessa cena.

— Ela — digo e nego com a cabeça. — Ela colocou o plano em marcha.

— Ao que se refere? — pergunta a Górgona.

Uma fúria desconhecida brota em meu interior.

— Circe. Faz tempo fez um pacto com as criaturas, ou pretendia acreditar que isso fazia parte do passado, quando na realidade esteve tentando recuperar o poder. Não estou disposta a continuar sendo sua marionete.

— Aonde quer que eu vá, Sua Excelência?

— Vá até Philon e a tribo do bosque. Explique o que aconteceu e que esta noite fará um pacto com eles. Voltarei com minhas amigas e nos encontraremos no Templo. Diga também para os Intocáveis. Pode ser que consigamos convencê-los.

— Como quiser.

— Górgona — digo.

— Sim, Sua Excelência?

Não sei como perguntar-lhe o que quero saber.

— Se compartilho a magia, se nos unimos a eles, acabará tudo isto?

A Górgona nega com a cabeça lentamente.

— Não saberia dizer. Estes são tempos estranhos. Nada é como antes. Mudaram todas as regras e ninguém sabe o que acontecerá.

***

Conduzo Kartik pela trilha das Terras Fronteiriças e através da passagem. Atravessamos a porta secreta e chegamos ao jardim da Academia. Das janelas abertas na parte superior, ouço aplausos e murmúrios. Nightwing apresenta a senhorita Cecily Temple, que recitará o poema: *"A Rosa da Batalha."*

Tudo é familiar e, no entanto, nada parece igual. Kartik se nega a me olhar e eu desejava poder voltar ao momento em que estavamos na Caverna dos Suspiros, com as mãos nas pedras.

— Essa criatura que alimentava a árvore com almas. Era meu irmão.

— Sinto muito — Estendo meus dedos até ele, mas não quer que o toque. — Kartik.

— Falhei com ele. Fracassei...

Esbarra ao passar por mim e começa a correr.

54

AINDA ESTOU TREMENDO QUANDO VOLTO AO BAILE de máscaras. Um homem vestido de harlequim roça por mim ao passar e eu me sobressalto.

— Lamento muitíssimo — diz e me presenteia com um sorriso que parece demoníaco sobre essa máscara horrível.

Volto a ir para o salão de baile, onde as garotas estão fazendo seu recital. Vejo Felicity sentada junto de Ann, disfarçada de lady Macbeth.

— Tenho que falar com vocês agora — murmuro e se apressam em me seguir até a biblioteca.

Ann vira preguiçosamente um folhetim: *Mabel: Uma Garota da Escola Newbury*. Não tenho dúvidas que é o mesmo que as outras histórias: uma garota pobre, mas decente que é submetida a insultos cruéis de suas companheiras de escola e é salva por um parente rico. E logo todas as alunas mesquinhas se arrependem de terem zombado dela. Mas Mabel (ou Annabelle ou Dorothy; são todas as mesmas) as perdoa docemente, sem dedicar-lhes jamais um pensamento ruim a nenhuma delas e, no final, todas aprendem uma valiosa lição.

Eu gostaria de jogar esse lixo no fogo.

— Vamos, Gemma. Desembucha. — ordena Felicity. — Estamos perdendo a festa.

— As criaturas das Terras Invernais não estão se extinguindo. Eles tem um exército formado com uns mil membros — explico rapidamente como faria um paciente de Bedlam. — Estiveram sacrificando almas na árvore para ficar com seu poder, mas estão esperando algo. Alguém. — Tomo ar. — Acho que se trata de Circe.

— E agora acredita — diz Felicity.

Eu ignoro seu sarcasmo.

— Temos que ir aos reinos, devolver a adaga para Eugenia e estabelecer a aliança...

— Quer dizer, devolver a magia? — pergunta Ann.

— Não é nossa. Só se trata de um empréstimo...

Felicity me interrompe.

— E Pip? Temos que contar para ela!

— Fee, não podemos fazer isso. Se Pip é uma delas...

— Não é! Acaba de dizer que é Circe. — Felicity entrecerra os olhos. — E como você descobriu, Gemma?

É muito tarde para perceber minha insensatez.

— Fui aos reinos. Para ver.

— Só? — questiona Felicity.

— Não. Com Kartik.

Ann me observa intensamente.

— Você o levou até lá sem nos consultar?

— Tinha que mostrar-lhe...

— Os reinos pertencem a nós, e não a ele! — insiste Felicity. — Ontem mesmo você disse que não deveríamos ir aos reinos sozinhas. E você acabou indo só!

— Sim e eu sinto muito, mas se trata de um assunto muito diferente — tento justificar, embora inclusive eu perceba o quão pobre é o meu argumento.

— Mentiu para nós! — grita Felicity.

— Escute-me, por favor! Quer me escutar por um momento? Eu pedi que a Górgona reúna os Hajin e a tribo dos bosques no Templo para que possamos compartilhar a magia com eles. Temos que ir lá esta noite. Não vê?

— A única coisa que vejo é que você não se importa com o que pensa suas amigas e o que elas querem. — Vestida com sua fantasia, Felicity parece uma dama guerreira. Seus olhos brilham feridos. — Pip já tinha me advertido que isto poderia acontecer.

— O que quer dizer? O que ela disse? — pergunto.

— Por que eu iria contar? Pergunte a Kartik. Compartilha mais confidências com ele do que com suas amigas.

— Agora estou aqui, com vocês, não? — digo, enfurecida.

— Ela me disse que você não queria compartilhar a magia. Que você nunca quis, não da forma que ela teria gostado — responde Felicity.

— Isso não é verdade.

No entanto, tampouco posso negar que não fiquei feliz em ter algo que os outros não possuem.

Felicity pega a mão de Ann.

— De qualquer forma — diz enquanto a leva para a porta. — Esqueça que podemos fazer o que nós quisermos. Podemos entrar nos reinos quando quisermos. Com você ou sem você.

***

Eu ando pelas salas como se estivesse com febre. O salão de baile está cheio de bailarinas felizes. No entanto, não estou com humor para dançar. Mentalmente, vejo essas horríveis criaturas e Amar conduzindo os mortos para o sacrifício. Vejo a dor nos olhos de Kartik. Pergunto-me onde terá ido e quando voltará. Se é que voltará. Os participantes enchem a pista para iniciar uma dança com complicados passos, mas executam sem errar e os invejo, pois não tenho passos para seguir nesta viagem; devo encontrar meu próprio caminho. Não

posso fazer parte desta colorida reunião de princesas e fadas, malabaristas e duendes, fantasmas e ilusões. Estou farta das ilusões. Necessito que alguém me escute, que alguém me ajude.

Meu pai. Poderia explicar-lhe tudo. Chegou o momento da verdade. Corro de sala em sala, procurando-o. Fowlson me rodeia em um canto. Sorri para mim com sarcasmo.

— Joana D'Arc. Acabou mal, não?

— Você também pode acabar mal — murmuro furiosa e continuo andando.

Por fim, vejo meu pai conversando com a senhora Nightwing, Tom... e Lorde Denby. Dirijo-me diretamente ao traidor.

— O que faz aqui? — pergunto, categórica.

— Gemma Doyle! — grita meu pai. — Desculpe-se.

— Não farei isso. É um monstro, papai!

Tom ruboriza. Olha-me como se fosse me assassinar. No entanto, lorde Denby se limita a começar a rir.

— Isso é o que acontece quando se dá poder as mulheres, velho amigo. Ficam perigosas.

Levo meu pai até a salinha e fecho a porta. Papai se senta em uma cadeira. Tira de seu bolsinho o cachimbo que lhe dei de Natal e uma bolsinha com tabaco.

— Sinto-me completamente decepcionado, Gemma.

"Decepcionado". Essa palavra se crava em meu coração como uma faca.

— Sim, papai. Desculpe, mas é realmente urgente. Se trata de algo que deve saber sobre mim. Sobre mamãe.

Meu pulso se acelera. As palavras se aderem na minha garganta e ardem. Poderia tragá-las como se fossem uma pílula amarga, como fiz antes em tantas ocasiões. Seria o mais fácil. Mas não posso. Volta a emergir da minha garganta e sufoco com elas ao fazer.

— E se lhe disser que mamãe não era o que parecia? E se lhe digo que seu verdadeiro nome era Mary Dowd e que era membro de uma sociedade secreta de feitiçeiras.

— Diria que se trata de uma péssima brincadeira — responde com voz lúgubre enquanto enche o cachimbo de tabaco.

Nego com a cabeça.

— Não é uma brincadeira. É verdade. Mamãe veio para Spence muitos anos antes que eu. Ela provocou o incêndio que queimou a ala leste da academia. Era membro de uma sociedade secreta de magas que se chama Ordem. Educaram-se em Spence. Poderiam entrar num mundo além deste chamado de reinos. É um lugar bonito, papai. Embora, às vezes, seja inquietante. Ali fazia parte da magia. E essa mesma magia agora corre por minhas veias. E por isso querem me matar, para tirar minha magia.

O sorriso de papai desaparece.

— Gemma, essa história não é nenhum pouco divertida.

Não posso parar. É como se todas as verdades que eu mantive em segredo tivessem que vir a luz.

— Não morreu de forma acidental. Conheceu esse homem na Índia, Amar. Ele era seu

protetor. Eles tentaram me proteger de uma feiticeira assassina chamada Circe.

Meu pai me observa, com dureza, o que me assusta, mas não paro. Não posso. Agora não.

— A vi ali, nos reinos, depois que morreu. Falei com ela! Ela estava preocupada com você. Disse...

— Já tive o bastante!

As palavras do meu pai são pronunciadas em voz baixa e contida, um chicote a ponto de fustigar.

— É verdade — respondo, engolindo as lágrimas. — Não fazia obras de caridade nos hospitais, nem atendia aos enfermos! Não fez isso, papai, e você sabe.

— Assim é como quero lembrar dela.

— Mas não importa que na verdade não fosse assim? Nunca se perguntou por que sabia tão pouco de seu passado? Por que era tão misteriosa? Não se perguntou?

Se levanta e se dirige para a porta.

— Esta conversa acabou. Se desculpará com lorde Denby por sua grosseria, Gemma.

Como uma criança, corro junto a ele para seguir seus passos.

— Lorde Denby está metido em tudo isto. Faz parte dos Rakshana e quer recrutar Tom para tirar minha magia. Ele...

— Gemma — adverte-me.

— Mas, papai — replico, com a voz afogada pelo soluço que não me atrevo a deixar sair. — Não é melhor dizer a verdade, saber...

— Não quero saber! — grita e me calo.

Não quer saber nada. Nem de mamãe, nem de Tom, nem de mim. Nem dele mesmo.

— Gemma, querida, esqueça essa bobagem e vamos voltar a festa, de acordo?

Tosse dolorosamente em seu lenço. Parece não conseguir recuperar a respiração. No entanto, o acesso de tosse continua e a congestão de seu rosto desaparece como um pôr do sol.

Sou incapaz de responder. Como se algo frio e duro oprimisse meu peito. Todo mundo acha que meu pai é um homem encantador. Se só quisesse seu encanto e não algo profundo, seria uma garota feliz. Desejo odiá-lo por seu encanto fácil. Quero, mas não posso, já que é tudo o que eu tenho. E se tenho que fazer isso, lhe *obrigarei* a abrir seus olhos.

— Pai.

Antes que possa queixar-se, agarro seu braço com força e me uno a ele. Seus olhos se abrem de par em par. Tenta se afastar de mim. Não pode ficar comigo, nem sequer por este preciso instante. E esta afirmação me dói profundamente.

— Verá, papai. Saberá a verdade, embora eu tenha que obrigá-lo a ver.

Quanto mais se debate, mas magia tenho que liberar. Mostro tudo e percebo seu tremor sobre minha mão e escuto suas negativas e gritos. De imediato começo a saber dele. Seus segredos. Suas vaidades. Seus medos. Sua vida passa rapidamente pela minha mente, uma grossa fita sem carretel. Sou eu quem deveria afastar a vista. Mas não posso. Há muita magia

operando. Deixei de ter o controle. Estamos imprudentemente unidos. Detecto a presença do pedaço de papel que guarda no bolso, um endereço do leste de Londres onde pode adquirir ópio que tanto ansiava. Começou novamente. Sinto seu conflito se tornar resolução. Fará, e o ciclo começará mais uma vez.

O desespero se lança sobre mim, brilhante e afiado. Engulo saliva e me obrigo a não sentir. A não me preocupar. Mas não posso. Sei que a magia não cura, mas isso não me impede de tentar. Afasto esse desejo dele e logo curarei Tom de sua atração pelos Rakshana, e voltaremos a ser felizes como antes.

Papai volta a gritar e, de repente, deixo de senti-lo. Minha mão está fria quando o toco. Interrompo o contato e meu pai cai no chão, imóvel. Tem os olhos abertos, a boca torcida e a respiração entrecortada.

— Pai! — exclamo, embora esteja muito longe de mim.

O que eu fiz?

Corro à procura da senhora Nightwing e de Tom.

— É papai — digo. — Está na salinha.

Comigo na frente, voltamos ao lugar com pressa. Tom e a diretora levam papai até uma cadeira. Sua respiração ainda é sibilante e no lábio inferior tem uma saliva com sangue. Seus olhos me olham fixamente, acusadores.

— Que demônios aconteceu? — pergunta Tom.

Não posso responder. Quero gritar, mas estou muito horrorizada.

— Posso ajudar em algo? — pergunta lorde Denby, que acaba de entrar.

— Afaste-se de meu pai! — eu grito.

A magia ruge de novo em meu interior e tenho que empregar todas as minhas forças para silenciá-la.

— Gemma! — me repreende Tom.

— Está sobrecarregada de dor. Talvez devêssemos levá-la para seu quarto — sugere lorde Denby e faz gestos de pegar meu braço.

— Não! Não me toque!

— Senhorita Doyle... — começa a dizer a senhora Nightwing, mas não fico para ouvir o final da frase.

Corro exasperada até a porta secreta, e enquanto cambaleio pelo corredor, juraria ter visto a fada das Terras Fronteiriças, mas não posso parar. A magia se fitra por meus poros.

Minhas pernas tremem, mas consigo chegar acima da montanha e no poço da eternidade onde está Circe.

— Asha, você viu a tribo do bosque?

— Não os vi. — responde. — Está bem, Dama da Esperança?

"Não. Não estou bem. Estou doente de ódio."

— Prepare-se. Pode ser que eu precise de você.

— Como quiser, Dama da Esperança.

"Enfrente seus medos. Para isso existe o poço." Estou pronta. E, depois desta noite, não

terei nada que temer.

O lugar está quente. Mormacento. O chão está úmido. A água resvala das diminutas gretas do poço.

— Circe — chamo.

— Olá, Gemma — responde e meu nome ressoa na caverna.

— Sei que você fez um pacto com as criaturas das Terras Invernais. Durante todo este tempo esteve confabulada com elas. Mas agora tenho a adaga e colocarei as coisas no lugar.

Faz silêncio, só quebrado pelo som dos chiados da água ao cair.

— Nega que quer meu poder?

— Nunca neguei — responde, e em sua voz não há nada que relembre seu habitual e prudente múrmurio. — Disse que está com a adaga?

— Sim, e devolverei a Eugenia e todas as suas confabulações não terão servido para nada. — digo. — Wilhelmina Wyatt tentou me advertir. Vocês duas eram muito unidas, Brigid me contou. E Wilhelmina contou ao doutor Van Ripple que sua irmã a havia traído; "um monstro". Não posso imaginar ninguém melhor que se adeque a esta descrição. Ela confiava em você — prossigo enquanto luto com a magia que chicoteia em meu interior. Como minha mãe. E como eu durante um tempo. Embora já não.

— E o que vai fazer agora?

— O que deveria já ter feito — respondo. — A tribo do bosque está a caminho para fazer uma aliança com os Hajin. Nos uniremos no poço. Devolverei a magia e a restituirei. E você morrerá.

Um som ondulante, claro e forte, emerge do poço. Movimento. Uma das pedras se desprende dele e salpica um jorro de água, a que segue outra e outra e, então, como se levitando das profundidades, Circe emerge do poço, ruborizada e viva.

— Como...?

— Agora sou parte deste mundo, Gemma. Como sua amiga Pippa.

— Mas estava presa... — digo com uma voz apagada.

— Obriguei você a proporcionar a magia ao poço para que eu pudesse sair. Usei-a para afrouxar as pedras. Embora, na verdade, a sorte já tinha sido jogada na primeira vez que você me presenteou com a magia por vontade própria. Isso era o quanto precisava para ser livre.

Guardo a adaga na bolsa que levo na cintura para mantê-la a salvo de sua vista.

— Então, por que não fez isso antes?

— Precisava de mais magia — responde, passando por cima do muro de pedra derrubado. — E porque sou paciente. É uma recompensa por ter tido que viver uma grande desilusão.

Dou um passo para trás.

— Tinha grandes esperanças depositadas em você, Gemma. Está com água no pescoço. Verei a Árvore de Todas as Almas por mim mesma.

— Não permitirei — respondo com a magia chicoteando em meu interior. — Já tive bastante por esta noite.

Invoco a magia com todas as minhas forças e Circe sai voando para trás e cai no chão, frouxa.

Se arrasta engatinhando, ofegando.

— Isso foi bom.

Agito um braço sobre as pedras do poço e ordeno que se joguem sobre ela. Detêm-nas a poucos centímetros de seu rosto e estas caem no chão feito pedaços.

— Seu poder é impressionante, Gemma. Eu teria adorado compartilhar com você uma amizade verdadeira — diz enquanto damos voltas ao redor uma da outra.

— Você é incapaz de ter uma amizade verdadeira — respondo.

Alargo o braço para pegar uma esquírola e esta se transforma em uma serpente sob o toque de Circe. Solto-a, rapidamente.

— Não se limite a reagir, Gemma. Pensa. Pelo menos, a Ordem tinha razão nisso.

— Não me diga o que tenho que fazer!

Transformo a serpente de Circe em um chicote que lacera suas costas.

Uiva de dor e seus olhos se fecham.

— Vejo que, depois de tudo, você cavou em seus rincões escuros.

— Deveria saber. Você que os colocou aí.

— Não, eu só ajudei a que você visse — afirma e a obrigo a cair de joelhos sobre a sapatada da magia.

— Gemma.

Ouço a voz de Kartik e, quando me viro, está jogado no chão com o rosto coberto de sangue.

Esqueço de Circe e corro até ele.

— Ela fez isso com você? Como...?

Começa a rir.

— Cuidado.

Se desvanece ante meus olhos, uma ilusão. Viro e Circe libera seu poder me imobilizando contra a parede.

— Eu também cavei em seus rincões escuros, Gemma.

Tento devolver-lhe o golpe, mas quando a magia sai de mim, sai de uma forma descontrolada, pois se fecha sobre mim e me impede de ver claramente. Meu pai está de pé junto a Circe, seus olhos olham fixamente para frente, em uma mão segura uma garrafa de láudano. Vejo Felicity, Pippa e Ann dançando em um grupo, sem mim. Tom sob a influência de lorde Denby. Fecho os olhos para eliminar as visões, mas os acontecimentos da noite me superam. Meu corpo treme. Nem sequer consigo chamar Asha. Sou incapaz de fazer algo, exceto me submeter a Circe.

— Esta não é uma batalha que possa ganhar, Gemma. Pertence a mim. Vou as Terras Invernais acabar o que comecei. Darei recordações de sua parte a Eugenia Spence.

— Matarei você — sussurro.

Uma vez mais tento convocar a magia, e uma vez mais as visões me dão voltas na

cabeça. Circe tira a adaga de sua capa e, por um instante, sei que vai me assassinar com ela.

— Obrigada por isto — murmura.

Circe me solta e caio no chão, tremendo. Se agacha junto a mim e me observa com uma olhada cálida e um sorriso triste.

— Às vezes, desejaria poder regressar e mudar o curso de minha vida, haver tomado outras decisões.Se houvesse feito,talvez você e eu tivéssemos nos encontrado completamente diferente em outra vida. — Acaricia meu cabelo com suavidade e sou incapaz de afastar-me de suas carícias. Não sei se por influxo da magia ou a necessidade que sinto delas. — Mas o passado não pode mudar, e temos que carregar o peso de nossas decisões e avançar com elas para frente, até o desconhecido. Só para ali podemos nos dirigir. Recorda o que eu te disse na Academia? Parece como se tivesse passado séculos, verdade?

Nos cantos da caverna ainda vejo meus pais e os demais. Olham para mim, desaprovadoramente. Rompem-se em fragmentos que se tornam um ninho de cobras.

— Se eu fosse você, Gemma, seria mais cuidadosa com a magia. Nós compartilhamos. Isso mudou, os reinos mudaram, e agora é impossível saber o que você pode conjurar. — Circe me beija suavemente na bochecha. — Adeus, querida Gemma. Não seja estúpida e não tente ir atrás de mim. Isto não acabará bem.

Agita uma mão por cima de mim e mergulho na fria escuridão. Mal sou consciente de passar tropeçando por Asha e os campos de papoula, com o corpo ardendo e a mente fora de mim. Tudo o que vejo se assemelha a uma sombra chinesa refletida na parede. Amar montado em seu cavalo branco, uma coluna de espectros por trás dele, vestidos com suas capas de almas estridentes. Afasto, tremendo, essa imagem para cair nos braços de Simon.

— Dance comigo, Gemma — insiste e me dá voltas até que fico enjoada e me desespero para que me solte.

Luto para me liberar e na minha frente está Pippa, que segura um coelho morto entre as mãos, com a boca manchada de sangue.

Junto a porta secreta, contemplo horrorizada com das pedras desaparece até a última dessas veneradas mulheres, e os monumentos vazios se cobrem de mato. Volto para a festa e cambaleio entre os festeiros mascarados. Não me sinto bem. Há muita magia em mim.

— Escuto seus pensamentos — sussurro para os convidados e suas máscaras não podem ocultar sua confusão, seu desdém.

Um corvo sai voando pela janela e, tão rápido quanto uma piscada, se transforma em um artista muito alto que nos divertiu no jardim. Pisco e vejo seus olhos pintados com Kohl e a flor tatuada na pele de um Guerreiro Amapola. Sorri abertamente para mim e desaparece entre a multidão.

Desesperada, corro atrás dele e derramo o ponche de uma senhora em seu vestido.

— Sinto muito — murmuro.

Eu o vejo. Roupa de malha. Túnica. Uma máscara de plumas negras. Agarra uma dama pelo braço, a leva do baile e entra no grande salão, onde perco os dois de vista. Não estão entre as fadas, os duendes, nem as aves de rapina, reunidos aqui.

A coluna palpita cheia de vida. Uma das bestas ali trancadas se libera e ilumina o ombro de Cecily ao pousar nele. Vejo seus olhos piscar enquanto a criatura lambe seu pescoço.

— Afaste-se! — grito enquanto bato nela.

— Você é realmente estranha! — Cecily resmunga.

No teto, a brilhante criatura alada leva um dedo aos seus lábios. Pisco algumas vezes, mas ela continua ali.

— Não é real! Nada disto é! Foi ela quem me fez isso!

Escuto minha própria risada — a enorme gargalhada de uma bruxa — e me assusto. Tenho pegar a adaga e me lembro que já não a tenho.

— Ela tirou de mim — digo.

— Shhh — sussurra a fada e me enche de calor.

Sinto-me como se tivesse bebido um vinho doce. Minha cabeça pesa. As palavras dos convidados se transformam em longos fios de seda de som aveludado muito felpudo para ouvir. Só percebo os ruídos de raposas das diminutas criaturas. Suas vozes são tão afiadas como a pederneira contra a pedra, cada palavra se converte em uma faísca.

"Sacrifício, sacrifício, sacrifício."

— Deixem-me em paz! — grito e os ajudantes da festa cravam seus olhos sobre a garota que perdeu a cabeça.

— Ouvi dizer que teve problemas esta noite, senhorita — diz Fowlson.

Meu irmão, lorde Denby, vovó, McCleethy e Nightwing, Brigid; todos eles estão com ele; a preocupação se reflete em seus rostos. Ou o ódio. Neste momento, fica difícil distinguir para mim.

— Estou bem — protesto.

Por acaso não me advertiram? *"Você é uma enganadora. Wilhelmina tem medo de você... e ela não se assusta com facilidade. Cuidado com o nascimento de maio".*

Brigid coloca uma mão na minha testa.

— Pobrezinha, está ardendo.

— Onde está o meu pai? — pergunto com violência.

— Não se preocupe, querida — A boca de lorde Denby se move sobre sua máscara de raposa. — Mandei chamar minha carruagem. Seu irmão e eu o acompanharemos até Londres, onde o doutor Hamilton poderá visitá-lo quando chegarmos.

— Vá logo para a cama — ordena à senhora Nightwing estalando a língua.

Seu olhar reflete verdadeira preocupação e desejaria poder contar-lhe tudo.

Fowlson me segura de um lado enquanto Brigid segura do outro, e entre ambos me conduzem até as escadas. Lorde Denby rodeia Tom com um braço como o pai que este sempre quis ter.

"Corra, Tom", penso, mas as palavras desvanecem em meu interior. Mal sou capaz de arrastar os pés, assim Fowlson me leva. Abaixo, vejo o guerreiro Amapola guiando sua bonita dama para os bosques. Brigid me despe e me cobre com a colcha como se eu fosse uma criança. Me dá um copo de algo que me reconforta e me adormece. Não saem as

palavras.

Tropeço com a janela aberta. O ar está quente e perfumado com a chegada da primavera, e aspiro profundamente, como se isso só pudesse ajudar. Vejo mais pássaros escuros.

Algo branco faísca entre as árvores; penso ver Pip no jardim, caminhando até Spence da mesma forma que quando estava viva. É tão pálida como a lua, tão esquiva como a verdade. Não, ela não está aqui. *"Por favor, me ajude"*, suplico, apesar de que não acredito em um deus de barba branca que reparte justiça aos indignos e se apena dos dignos. Eu vi os malvados saírem incólumes, ao sofrimento acrescentar mais sofrimento para suportar. E se existe um deus semelhante, não acredito que mereça sua atenção. Mas, neste preciso instante, enquanto vejo a minha querida amiga flutuando no jardim de Spence como uma estrela caída, queria acreditar em semelhantes consolos, pois estou realmente assustada.

Minha cabeça vai explodir. Escondo-me sobre os lençóis e fecho os olhos com força enquanto escuto meu coração bater uma advertência em meu sangue. Contra ataco da única forma que sei. Digo a mim mesma que não é real.

"Não é real, Pippa Cross. Não estou te vendo; portanto, não está aqui". Sim. Bem. Muito bem. Se isso é uma ilusão, acabei com ela esta noite...

— Não te vejo... — cantarolo com os olhos ainda fechados, o que me faz rir e minha risada me aterroriza uma vez mais.

"Basta, Gemma, antes que você fique louca."

Ou já estou?

A cortina do sonho se levanta e uma enxurrada de sonhos desfila pelo cenário.

Wilhelmina Wyatt percorrendo a lousa com as mãos. Meu pai rindo feliz e meu pai no chão me olhando com olhos acusadores. O povo de Philon com seus ramos em mãos. O tempo queimando. O beijo de Kartik. Os olhos azuis e leitosos de Pippa. Um exército trovejando através das areias negras e ósseas das Terras Invernais. Subo as escadas e paro diante do retrato de Eugenia Spence. As parras das Terras Invernais se enredando com força ao redor das gargantas e os cadáveres das almas perdidas dispostos a serem sacrificados. Seus rostos estão cinzentos. Vejo Circe marchando entre elas até a Árvore de Todas as Almas.

Acordo com um ruído. Há algo em meu quarto. A ninfa brilha em um canto. Pega um rato, que passa de mão em mão com suavidade sem deixá-lo escapar.

— Preocupada? — sua risada se assemelha aos ossos ao quebrar. — Tudo está em andamento e você já não pode deter. O dia do sacrifício chegou.

— Cale-se!

Seu murmúrio me envolve em uma espiral. Balança o rato pela cauda. Suas garras minúsculas se abrem aterrorizadas. Tenta se incorporar com seus próprios meios.

— Durante tanto tempo; esperamos durante tanto tempo; tanto tempo. E agora finalmente serei livre e também todos nós. Para isso se fez um pacto há muito tempo.

Uma alma em troca de outra.

Tapo meus ouvidos.

— Basta!

— Como quiser — responde.

Abre a boca e morde com força o pescoço do rato.

Acordo sobressaltada e com a testa coberta de suor. Minha camisola se adere ao corpo como se eu tivesse tido febre. Deixo que meus olhos se adaptem a profunda escuridão e, quando meu quarto adquire sua forma habitual, sei que desta vez estou realmente acordada. A chuva bate contra a janela, e tenho o corpo dolorido. Me sinto tão fraca como um gatinho recém-nascido. Não ouço os roncos de Ann.

— Ann? — a chamo.

Não está em sua cama, e pressinto que foi aos reinos com Felicity.

Tenho que ir atrás delas. Tremendo, desço as escadas e atravesso a cozinha para me dirigir até o jardim e a porta secreta. Um golpe seco na janela me provoca um sobressalto. Está muito escuto aí fora, e, para ser sincera, me dá medo olhar. Volto a escutar o golpe. A janela estava embaçada. Coloco as mãos no vidro e dou uma olhada na noite. Ithal coloca seu rosto no vidro e dou um pulo. Ithal! Corro para abrir a porta da cozinha. Está de pé no umbral da porta, sob a chuva.

— Ithal! Onde você esteve? — olha para mim com o rosto severo. — O que aconteceu?

— É sobre Kartik. Pegaram ele. Você tem que salvá-lo.

— Quem o pegou?

— Não há tempo a perder. Temos que ir agora.

Penso em Ann e Felicity no interior dos reinos.

— Tenho que...

Entrega-me um pedaço de pano molhado da capa de Kartik. Foi marcada com a insígnia dos Rakshana. Fowlson.

— Leve-me — digo, já que se eu conseguir chegar até Kartik, ele poderá me ajudar com minhas amigas.

Sigo Ithal sob a chuva até o lugar em que espera Freya. As pernas não me respondem, e cambaleio algumas vezes. As olheiras de Ithal são tão profundas que algumas vezes seus olhos parecem duas cavidades.

— Onde esteve? — pergunto uma vez mais. — Mãe Elena esteve muito preocupada.

— Os homens vieram por mim.

— Os homens de Miller? Tem que contar ao inspetor Kent! Não permitirá que isto fique impune — digo enquanto dou impulso para montar em Freya.

— Muito tarde. Devemos ir buscá-lo agora.

Monta a égua por trás de mim e sinto sua frieza em minhas costas. Vamos em frente com uma leve pontada nos flancos do animal. A chuva bate em minhas bochechas e encharca meu cabelo enquanto galopamos pelo bosque e giramos à esquerda na direção do lago. A égua para, de repente, surpresa. Relincha com força e avança lentamente até a margem da água como se tivesse percebido algo.

— Freya, *kele!* — ordena Ithal.

O animal se nega a continuar. Chuta o chão com o casco direito e cheira a margem da água, como se procurasse algo que tivesse perdido.

O cigano puxa com força as rédeas e Freya se afasta, acelerando o passo até correr a galope, o que faz com que meu coração palpite no ritmo do galope de seus cascos contra a estrada. Sinto o hálito da noite contra o pescoço. Somente os relâmpagos iluminam nosso caminho.

Viramos ao chegar no cemitério. O céu se converte em uma batida furiosa de luz e som. Freya ziguezagueia entre as tumbas. Seus cascos se fundem no barro, e me obriga a inclinar-me perigosamente perto da margem afiada de uma lápide. Grito e me seguro na camisa de Ithal enquanto ele a dirige e a guia até o caminho coberto de grama, onde a égua começa um trote mais cauteloso.

— Para aonde vamos? — grito.

A tempestade fica mais forte. Me impede de ver e tenho que baixar a cabeça para impedir que a água entre em meus olhos. Ithal me responde, mas não consigo ouvir por cima do repicar da chuva através do vento, enchendo-me com um temor glacial.

— *Um sacrifício, um sacrifício, um sacrifício...*

Em minha mão, a camisa se torna serpentes. Grito e as serpentes se transformam em cinzas. Diante de nós, um monte de terra se levanta de cada lado em uma tumba aberta. Ithal guia diretamente Freya para sepultura, que cada vez corre mais depressa. Golpeio com os tornozelos, mas não para. Pulo da égua com todas as minhas forças. Aterrisso de um golpe na terra úmida no preciso momento em que Freya relincha e cai na tumba aberta. Não ouço como bate no fundo.

Esforço-me para caminhar, embora eu sinta pontadas nos músculos quando tento. Minhas pernas suportam meu peso, mas doem, e sinto uma dor intensa nas costas e no braço esquerdo. Tilintando, dou uma olhada ao redor da lápide: a terra está completamente compacta.

Contenho minha risada soluçante e desejo despertar de novo em minha cama, mas não consigo.

“Acordará logo, Gemma — digo a mim mesma enquanto manco pelo escuro cemitério. — Cante algo que te ajude a continuar.”

— *Teve uma ga-garota em Lincoln-sh-shire, que vendia mexilhões em um barril...*

Passo diante de uma lápide. Esposa querida.

— *Vem-vendia me-mexilhões d-de u-um...*

Ouve-se um trovão. Meus dentes batem ao escutar.

— *D-de u-um ba-ba-barril...*

Algo bloqueia meu caminho. Um relâmpago rasga o céu e ilumina Ithal. Onde deveriam estar seus olhos agora há duas cavidades negras.

— Sacrifício — diz.

Não consigo me mover, não consigo pensar. Tenho as pernas congeladas de medo. Tento convocar a magia, mas estou exausta e assustada, e esta não responde. Uma voz retumba em

minha cabeça. *"Corre, corre, Gemma".*

Fujo dele tão rápido quanto posso e corro através do labirinto de lápides enquanto o céu explode em trovões. Pelo canto do olho vejo Ithal desaparecer por trás de um anjo de mármore e aparecer no outro lado. Está ganhando terreno. Minha camisola está empapada. Se adere em minhas debilitadas pernas, retardando meus passos com seu peso. Puxo, frenética, e subo até os joelhos para correr mais depressa. Ithal avança por trás de mim, com um passo seguro. Ao chegar ao lago, cada respiração se assemelha a ponta afiada de uma faca lacerando meus pulmões.

Por fim a vejo: levantando-se por trás das árvores está a silhueta de Spence com suas serpenteantes e vistosas torres. Há algo estranho nisso. Não saberia dizer o que é. Tudo o que posso fazer é continuar correndo. A intensa luz da lua aparece entre as nuvens.

O telhado está vazio. As gárgulas desapareceram. Desapareceram e eu sinto a terra deslizar sobre meus pés. Ithal está cada vez mais perto, diminuindo a distância entre ambos, e tropeço. Noto meus pulmões prestes a explodir.

Algo aterrissa atrás de mim, tão forte como uma pedra ao bater no chão. Todo meu corpo congela, aterrorizado. Deveria girar para olhar, mas não consigo. Nem sequer consigo respirar. Ruído de arranhões. Como garras sobre uma pedra. Um grunhido grave vem do que quer que esteja atrás de mim. *"Não se vire, Gemma. Se não se virá, não será real. Feche os olhos. Conte até dez. Um. Dois. Três"*. Há lua cheia. Uma sombra aumenta de tamanho, muito maior do que a minha na estrada. E logo, umas asas enormes se desdobram.

Minha cabeça está tão leve quanto um balão. Estou prestes a desmaiar.

— Garota... em, em Li-Li-Lincolnshire... mexilhões... um barril...

Um som de grito penetra na noite. A gárgula voa e aterrissa diante de mim na estrada com um estrondoso ruído seco, eliminando qualquer possibilidade de escapar. Caio de joelhos ao ver a enorme besta de pedra com rosto de pássaro, imponente, na minha frente. Seu rosto é uma borrada máscara viva, sua boca desprega em um horripilante sorriso, suas presas são tão largas quanto minhas pernas. Suas garras são aterrorizadamente afiadas. Um grito morre em minha garganta. A besta uiva enquanto suas garras se aproximam e me agarram com força pela cintura. A escuridão toma conta de mim.

— Agarre-se! — ordena a gárgula bruscamente com uma voz trêmula que me aterroriza novamente.

Prende-me a seu corpo e começamos a voar. Seguro-me com força em suas garras ameaçadoras. Depois de um momento, que percebo o que está acontecendo. A gárgula não quer me machucar. Quer me proteger. O céu está cheio de bestas aladas. Gritam e grunhem. Os sons reverberam em meus ouvidos, mas não me atrevo a tapá-los. O ar é frio ao entrar em contato com minha camisola suada e minha pele úmida. Tremo ao passar pelas copas das árvores e aterrisso suavemente no telhado de Spence.

— Não olhe — adverte-me.

No entanto, não posso afastar a vista. Abaixo, outras gárgulas encurralaram Ithal. Pegam-no e o levantam do chão para levá-lo voando até o lago.

— Que vão fazer? — pergunto.

— O que devem — diz, sem dar detalhes e não me atrevo a perguntar nada mais.

— Qu-quem é você?

— Sou uma guardiã da noite — responde e volta a minha mente o desenho de Wilhelmina. — Protegemos a sua espécie por séculos quando o revestimento entre os mundos não estava selado. Agora pressinto que este se quebrou. A terra está enfeitiçada novamente. E temo que não possamos manter a salvo do que se aproxima.

O céu se escurece ante tantas asas. Por cima da minha cabeça, as gárgulas formam um círculo cujas sombras se projetam sobre mim. Descem lentamente e aterrissam com tanta suavidade como se fossem anjos sobre o telhado. Aproxima-se de mim uma gárgula com nariz de dragão.

— Aí está. — grunhe. — O devolvemos aos mortos.

A gárgula que salvou a minha vida, assente.

— Não será o último que veremos. Voltarão de novo e com mais ímpeto.

Uma faixa rosada se forma no céu ao leste. As gárgulas retomam seus postos habituais na borda do telhado. Quando volto a olhar já se tornaram pedra.

— Estou sonhando — sussurro. — Tudo isto não é mais do que um sonho.

A gárgula no comando estende suas asas até que em rodeia na escuridão. Sua voz é tão profunda como a de Matusalém.

— Sim, esteve dormindo. Mas já está na hora de acordar.

Abro meus olhos. O teto do meu quarto adquire forma. Escuto os suaves roncos de Ann. Estou no meu quarto, como tem que ser. Já amanheceu. Levanto da cama e meu corpo dói com o esforço. Um enorme clamor vem dos bosques. Meio vestidas, as garotas abrem as portas de seus quartos para ver o que acontece. Entre a neblina da primeira hora da manhã, os ciganos se reúnem no lago com suas velas. Um grito de dor emerge do grupo.

Agora o vejo. Ithal flutua na água de bruços, afogado. Por isso Freya parou junto ao lago, por isso parecia tão alterada. Sabia que seu dono estava morto e que a criatura que tinha subido em seu lombo era um morto-vivo, um mensageiro infernal das Terras Invernais enviado para levar-me até eles.

Não. Não, isso não aconteceu. Eu imaginei tudo. Sonhei. Um morto não pode vir até aqui para me levar. Não voei agarrada em uma gárgula.

Levanto a cabeça para me assegurar. As gárgulas descansam na borda do telhado, cegas e silenciosas. Volto o rosto para ambos os lados, mas seguem sem se mover. *"É claro que não. São de pedra, tonta".* Rio entredentes, o que chama a atenção entre os presentes, já que estou rindo enquanto eles tiram um cadáver do lago.

Kartik também está ali, completamente recuperado, sem nenhum sinal. Olha para mim, preocupado.

Os homens cobrem Ithal com uma jaqueta.

— Devem fazer uma fogueira — diz Mãe Elena. — Tem que queimá-lo. Tem que queimar tudo.

55

É IMPRESSIONANTE QUE, COM UM HOMEM AFOGADO nas florestas, meu comportamento no baile seja o principal assunto na Spence, mas é verdade. No café da manhã, as garotas sussurram quando eu passo; elas me seguem com seus olhares, como abutres esperando pela carniça. Eu sento com as garotas mais velhas e elas se calam. É como se eu fosse a própria Morte com a foice à postos.

Eu ouço as garotas sussurrando umas para as outras.

— Pergunte a ela.

— Não, você!

Cecily pigarreia.

— Como você está se sentindo, Gemma? — Ela pergunta com uma falsa simpatia. — Ouvi dizer que você teve uma febre terrível.

Eu levo uma colher de mingau à boca.

— É verdade? — Martha pressiona.

— Não. — Eu digo. — Eu fui dominada pelo excesso de magia. E pelas mentiras e segredos que constituem esse lugar como se fossem pedras e argamassa.

As bocas delas se abrem em choque e desconfortáveis risadinhas vêm logo em seguida. Fee e Ann assistem a tudo alarmadas. Eu já não estou mais com fome. Afasto-me da mesa e saio da sala de jantar. A Sra. Nightwing olha para cima, mas não tenta me impedir, como se soubesse que sou uma causa perdida.

***

Felicity e Ann vêm me visitar de tarde. A curiosidade em relação à minha loucura superou a raiva que sentem. Felicity tira um saco de caramelos de dentro do bolso.

— Aqui. Achei que você fosse precisar de algumas dessas.

Eu deixo as balas na cama, intocadas.

— Vocês foram aos reinos ontem de noite, não foram?

Ann arregala os olhos. É estranho que ela seja uma atriz tão boa e uma mentirosa tão horrível.

— Sim. — Felicity diz. Eu fico grata por sua honestidade. — Nós dançamos e Ann

cantou e foi tão divertido que eu nem teria me importado se nós nunca voltássemos. É como se lá fosse o paraíso.

— Não se pode viver no paraíso o tempo todo. — Eu digo.

Felicity devolve as balas ao bolso.

— Você não pode nos privar dos reinos. — Ela diz se levantando.

— As coisas mudaram. Circe está com a adaga. — Digo e conto tudo que me lembro da noite passada para elas. — Eu não posso mais guardar a mágica em mim. Nós precisamos fazer as alianças e ir atrás de Circe.

O rosto de Felicity obscurece.

— Você prometeu que não devolveríamos a magia até debutarmos. Você prometeu que me ajudaria.

— Você pode sair com magia o suficiente para si mesma...

— E eu posso sair com mágica nenhuma! Eu estarei encurralada! Por favor, Gemma. — Felicity implora.

— Desculpe. — Eu digo, engolindo com dificuldade. — Não posso fazer nada.

O fervor de Felicity passa e eu acho sua calma muito mais assustadora do que sua raiva.

— Você não possui mais toda a magia, Gemma. — Ela me lembra. — Pip também tem poder e está ficando cada vez mais forte. E se *você* não me ajudar, eu sei que *ela* o fará.

— Fee... — Eu chamo com a voz rouca, mas ela não ouve. Ela já está fora do quarto com Ann em seu encalço.

***

A tarde se torna subitamente fria, como se o inverno tivesse um ultimo dia de poder antes de o verão assumir. O inspetor Kent veio para investigar a morte de Ithal. Seus homens inspecionam as florestas atrás de evidencias do crime, mas não encontram nada. Fantasmas não deixam marcas. O Sr. Miller é trazido de um pub para um interrogatório, mas defende sua inocência dizendo que há fantasmas nas florestas da Spence.

Kartik deixou seu cartão de visita — a bandana vermelha — aninhada na hera do lado de fora de minha janela juntamente com uma nota: *Encontre-me na capela*.

Eu entro sorrateiramente na capela vazia e encaro o anjo com a cabeça da górgona.

— Eu não tenho mais medo de você. Entendo que só quer me proteger.

Uma voz profunda responde.

— Siga em frente e conquiste[72].

Eu pulo. Kartik sai de trás do púlpito.

— Desculpe. — Ele diz com um sorriso envergonhado. — Eu não quis te assustar.

Ele parece não dormir há dias. Nós somos um casal e tanto com nossos rostos longos e olhos escurecidos. Ele corre um dedo pelo apoio de um dos bancos da igreja.

— Você se lembra da primeira vez que eu te surpreendi aqui?

— Com certeza. Você me assustou, dizendo que eu deveria fechar minha mente para as

[72] N/T: *Go forth and conquer*", citação do poeta inglês Arthur William Edgar O'Shaughnessy.

visões. Eu deveria ter ouvido. Eu sou a garota errada para tudo isso.

Ele se apóia no fim do banco, os braços cruzados na altura do peito.

— Não, você não é.

— Você não sabe o que eu fiz, se soubesse, não diria isso.

— Por que você não me conta?

Parece demorar uma eternidade para que as palavras viajem das ruínas que estão dentro de mim. Mas elas vêm e eu não as economizo. Eu o conto tudo e ele ouve. Temo que ele me odeie por isso, mas, quando termino, ele só concorda com a cabeça.

— Diga alguma coisa. — Sussurro. — Por favor.

— O aviso era sobre o nascimento de Maio. Acredito que agora sabemos o que significa. — Ele diz, já raciocinando, e eu sorrio um pouco por que sei que isso significa que ele ouviu e nós seguimos em frente. — Nós iremos atrás dela.

— Sim, mas tenho medo de usar só um pouco da magia e me juntar a Circe, às Terras Invernais. E ficar louca como fiquei ontem à noite.

— Ainda mais motivos para impedi-la. Talvez ela ainda não tenha prendido o poder de Eugenia à árvore ainda. Nós ainda podemos salvar os reinos. — Ele diz.

— Nós?

— Eu não vou fugir mais uma vez. Esse não é o meu destino.

Ele desliza uma mão para debaixo do meu queixo e inclina-o para cima e eu o beijo primeiro.

— Achei que você tivesse deixado de acreditar em destino. — Eu o lembro.

— Nunca deixei de acreditar em você.

Eu sorrio apesar de tudo. Preciso da confiança dele agora.

— Você acha... — Paro.

— O que? — Ele murmura contra meus cabelos. Os lábios dele são quentes e cálidos.

— Você acha que, se ficássemos nos reinos, poderíamos ficar juntos?

— Esse é o mundo em que vivemos, Gemma, por bem ou por mal. Faça dele o que você puder. — Ele diz e eu o puxo para mais perto.

***

Depois das semanas de preparações animadas para o baile de máscaras, a Spence parece mais um balão que murchou. As decorações dão recolhidas. Fantasias são guardadas em papel de seda e cânfora, ainda que algumas garotas mais novas se recusem a se desfazerem das suas tão cedo. Elas querem ser princesas e fadas o máximo que puderem.

Outras, prontas para a próxima festa, atormentam Madmoiselle LeFarge para saber dos detalhes do casamento que se aproxima cada vez mais.

— Você usará diamantes? — Elizabeth pergunta.

Madmoiselle LeFarge fica corada.

— Oh, pobre de mim, não. São muito preciosos. Embora eu tenha sido presenteada com um lindo colar de pérola para usar.

— Sua lua-de-mel será na Itália? Ou na Espanha? — Martha pergunta.

— Nós faremos uma pequena viagem até Brighton[73]. — Madmoiselle LeFarge diz e as garotas ficam extremamente desapontadas.

Brigid dá um tapinha em meu ombro.

— A senhora Nightwing está lhe chamando, senhorita. — Ela diz simpaticamente e tenho medo de perguntar o que a está fazendo ser tão gentil.

— Sim, obrigada. — Eu digo, seguindo-a pela porta de tecido grosso que leva até o maciço e sério santuário de nossa diretora. O único ponto colorido está no canto da mesa, onde flores silvestres derramam-se sobre a borda de um vaso, derramando suas pétalas descuidadamente.

Sra. Nightwing indica uma cadeira.

— Como está se sentindo hoje, senhorita Doyle?

— Mais como eu mesma. — Digo.

Ela re-arruma o abridor de cartas e o tinteiro. Meu coração começa a bater mais rápido.

— O que foi? O que aconteceu?

— Você recebeu um telegrama de seu irmão. — Ela diz, entregando-o para mim.

PAPAI MUITO DOENTE PONTO ENCONTRAREI
SEU TREM NA VICTORIA PONTO TOM

Eu pisco para afastar as lágrimas. Eu não deveria ter forçado tanto no baile de máscaras. Ele não estava pronto para a verdade e eu a forcei para dentro dele e agora temo que tenha lhe causado um dano do qual não possa se recuperar completamente.

— É minha culpa. — Digo, derrubando a carta em sua mesa.

— Tolice! — Nightwing grita e isso é tudo que preciso: um leve apoio para minhas costas. — Direi para Brigid te ajudar com suas coisas. O senhor Gus a levará até a estação de trem logo pela manhã.

— Obrigada. — Murmuro.

— Estarei torcendo por você, senhorita Doyle. — E acredito que ela esteja realmente falando a verdade.

Na longa caminhada até meu quarto,Ann se encontra comigo,respirando com dificuldade.

— O que foi? — Eu vejo a expressão alarmada em seu rosto.

— É a Felicity. — Ela arfa. — Eu tentei fazê-la raciocinar. Mas ela não me ouviu.

— Como assim?

— Ela foi para os reinos. Ela foi para ficar com Pip. — Ela diz com os olhos arregalados. — Para sempre.

[73] N/T: Uma importante cidade situada na costa Sul da Inglaterra.

56

NÓS PARAMOS AO LADO DA ALA LESTE MEIO-PRONTA. Vagalumes piscam nas árvores e preciso olhá-los duas vezes para ter certeza de que são apenas insetos inofencivos. A passagem que leva aos reinos me parece mais fria que o normal e acelero meu passo ao andar por ela.No momento em que atravessamos a porta para a colina, posso sentir que algo está errado. Tudo está um pouco cinza, como se a neblina de Londres tivesse invadido os reinos.

— Que cheiro é esse? — Ann pergunta.

— Fumaça. — Respondo.

Ao longe, uma grande nuvem negra marca o céu. Ela está subindo da montanha que hospeda o Templo e a Caverna dos Suspiros — onde os Hajin vivem.

— Gemma? — Ann diz com os olhos arregalados.

— Vamos! — Eu grito.

Nós corremos até os campos de papoulas. Cinzas chovem do céu, pintando nossa pele com uma fina camada de fuligem cinza-prateada. Tossindo nós lutamos para chegar à montanha. O caminho está manchado pelo sangue das papoulas. Ann quase tropeça sobre o corpo de um Intocável. Há mais deles. Seus cadáveres carbonizados estão alinhados em um caminho perfeito até o Templo incendiado. Asha tropeça para fora dos escombros fumegantes.

— Dama da Esperança...

Ela despenca sobre mim e eu corro com ela até uma pedra onde o ar não está tão cheio de cinzas.

— Asha! Asha, quem fez isso? — Eu balbucio.

Ela desmorona, tossindo. Seu queimado sári cor de laranja se assenta ao redor dela como a plumagem chamuscada de um pássaro magnífico.

— Asha! — Grito. — Diga-me!

Ela olha em meus olhos. Seu rosto está sujo de preto.

— Foi... foi a tribo da floresta.

A Górgona nos chama do rio, lá embaixo. Ann e eu levamos Asha para a embarcação e

lhe damos água. Ela bebe como uma mulher que nunca terá sua sede saciada. Eu tremo de raiva. Não posso acreditar que Philon e a tribo da floresta foram capazes de fazer tal coisa. Eu achei que eles fossem pacíficos.

Talvez a Ordem estivesse certa afinal e a magia não possa ser compartilhada.

— Conte-me o que aconteceu. — Digo.

— Eles vieram enquanto nós dormíamos. Cercaram a montanha. Não havia escapatória. Um deles guardou uma tocha para o Templo. 'Isso é por Creostus', ele disse. E o Templo queimou.

— Isso foi vingança?

Ela concorda, molhando o rosto com a ponta umedecida de seu sári.

— Eu disse a eles que nós não tivemos participação nenhuma no assassinato do centauro. Mas eles não acreditaram em mim. Suas expressões já estavam totalmente decididas. Eles vieram para começar guerra e nada os impediria.

Ela põe os dedos trêmulos sobre a boca enquanto o Templo queima. Onde as chamas tocam os campos de papoulas, lindas ondas vermelhas de fumaça sobem ao céu.

— Nós nunca questionamos. Não é de nossa natureza.

Ponho meu braço sobre seus ombros.

— Sua natureza precisa mudar, Asha. É hora de questionar tudo.

***

Nós formamos várias filas com os Hajin, passando baldes de água até diminuirmos as chamas o máximo possível.

— Por que você não cura esse mal com a magia? — Um garoto Hajin pergunta.

— Temo que, no momento, essa não seja uma boa idéia. — Digo, olhando para o fumegante templo destruído.

— Mas a magia vai concertar tudo, não vai? — Ele insiste e eu posso ver o quão desesperadamente ele quer acreditar nisso, o quanto ele quer que eu ponha minha mão sobre seu lar destruído e o deixe perfeito novamente. Eu queria poder fazer isso. Balanço a cabeça e passo a água adiante.

— Ela só pode fazer parte do trabalho. O resto é conosco.

A Górgona nos leva até a ilha onde as tribos da floresta moram, logo depois do véu dourado. Eles flanqueiam a margem em uma linha ameaçadora, seus arpões e arco e flechas recém contruídos, prontos para serem usados. A Górgona nos mantêm a uma distância segura da margem — perto o suficiente para eu ser ouvida, mas longe o suficiente para podermos escapar. Philon anda suavemente até a orla da água. Sua roupa feita de folhas foi tingida de tons de laranja, dourado e vermelho. A gola alta parece estar queimando o pescoço esguio da criatura.

— Você não é bem-vinda aqui, Sacerdotisa. — Philon grita.

— Eu acabo de vir do Templo. Você o queimou!

Philon mantêm-se autoritário.

— É verdade.

— Por quê? — Pergunto, por que não consigo pensar em uma pergunta mais honesta.

— Eles mataram um dos nossos! Você nos negaria justiça?

— Então vocês matam vinte deles? Como isso é justo?

Asha se impõe debilmente. Ela agarra a grade do barco com força.

— Nós não matamos o centauro.

— É o que você diz. — Philon vocifera. — Então quem o fez?

— Procure mais de perto e encontrará a resposta. — Asha rebate enigmaticamente.

Neela joga uma pedra em nossa direção, mas o objeto cai na água, espirrando água no flanco do barco.

— Nós não toleraremos mais suas mentiras! Vão embora!

Ela joga outra pedra e por pouco não me acerta, aterrissando no deque. Por impulso, agarro a pedra, sentindo seu peso me minha mão.

Asha segura meu braço.

— A vingança é um cachorro perseguindo a própria cauda.

Há inteligência no que ela diz, mas quero jogar a pedra mesmo assim e preciso de todas as minhas forças para segurá-la firmemente em meu punho.

— Philon, você parou para pensar nisso: Como daremos as mãos para fazer a aliança agora que você destruiu o Templo?

Uma agitação transpassa as tribos ali reunidas. E, por um momento, vejo um indicio de duvida nos olhos frios de Philon.

— O tempo para as alianças já passou. Deixe que a magia siga seu próprio caminho agora. Nós veremos quem vencerá no final.

— Mas eu preciso de sua ajuda! As criaturas das Terras Invernais estão conspirando contra nós! Circe foi até elas...

— Mais mentiras! — Neela grita e a tribo da floresta se afasta.

— Vamos, Altíssima. — A Górgona diz. — Nós fizemos tudo que podíamos aqui.

Ela nos leva para longe da margem, mas só consigo soltar a pedra depois de passarmos pelo véu dourado. Eu a jogo no rio, onde ela cai sem fazer barulho algum.

Ann pega meu braço. O rosto dela está preocupado.

— Nós precisamos encontrar Felicity.

***

Nós encontramos Pippa e as garotas no castelo, bebendo vinho e se divertindo. Uma luz escura recobre a capela com uma linda sombra. Bessie arranca as asas de uma libélula e ela e Mae dão risada enquanto o animal pula pelo chão, desesperado para voar para longe. Pippa está sentada no trono, comendo bagas de um cálice dourado até que seus lábios fiquem de um escuro tom de azul. Pratos e taças estão cheios com a fruta até a boca.

— Onde está Felicity? — Pergunto. — Vocês a viram?

— Estou aqui. — Felicity dança para dentro da sala, usando sua armadura de guerreira.

Suas bochechas estão coradas e, seus olhos, brilhantes. — O que você quer?

— Fee, você não pode ficar aqui. — Digo.

Ela se senta ao lado de Pip.

— Por que não?

— Os reinos estão um caos. As tribos estão em guerra, o Templo foi destruído e Circe foi às Terras Invernais para se juntar às criaturas.

— Não aconteceu nada conosco, aqui. — Pip diz, gesticulando para as paredes da capela. — Agora, que tal nós termos outro baile esta noite?

— Pippa. — Digo, incrédula. — Não podemos dar uma festa.

A risada de Pippa é leve e feminina.

— Deixe que as criaturas se entendam. Elas não significam nada para mim.

Ela coloca uma baga na língua e lambe os dedos.

— Isso mesmo. — Bessie concorda. — A senhorita Pippa estará prestando atenção em tudo.

Ela e Mae olham para Pippa com uma devoção voraz. Eu sinto vontade de derrubar Pippa de seu trono.

— Você contou a elas como veio parar aqui? Por que não pode atravessar?

Os olhos de Pippa lampejam.

— Ah, Gemma, realmente. — Ela troca um sorriso com as garotas da fábrica, que se transforma em uma rodada de risadinhas que fazem minha pele formigar.

— Ela me pediu para ajudá-la a atravessar o rio, mas não pôde seguir em frente. Porque ela ficou aqui tempo demais. Porque ela comeu as bagas. — Digo. Eu chuto um dos cálices; as gordas bagas roxas se espalham pelo chão e são engolidas pelas videiras.

— Você quer dizer fazer a travessia? Sem me contar? — Felicity diz suavemente.

Pippa ignora a mágoa de Felicity. Ela fixa aqueles olhos oscilantes em mim.

— De que isso importa agora? Eu fui salva para um propósito melhor do que esse.

Eu olho para as feições de adoração das garotas. Wendy não está entre elas.

— Onde está a Wendy? — Exijo. Eu vejo uma centelha de medo nos olhos de Mercy.

— Ela fugiu. — Pippa responde friamente.

Da próxima vez não será um coelho.

— Você vai me dizer que ela também roeu a própria gaiola?

Pippa dá de ombros.

— Se isso for te divertir.

— Me diga onde ela está! — Eu esmurro o altar com a mão.

Pippa coloca as mãos nos quadris; uma pose que exala provocação e zombaria.

— Ou o que?

Felicity entra no meio.

— Pare, Pippa.

— Você está do lado dela agora? — Pippa a intima.

— Não há lados. — Ann diz. — Não é?

— Agora, há. — Pippa responde e meu sangue pulsa um pouco mais depressa.

— Ela levou a Wendy para as Terras Invernais. — Mercy diz apressadamente.

Bessie bate com força na boca de Wendy, derrubando-a no chão.

— Isso é uma grande mentira, Mercy Paxton. Retire o que disse!

— Ninguém gosta de traidores, Mercy. — Pippa a repreende.

A garota se encolhe no chão. O castelo geme.As videiras estão murchas, doentes. Quando elas se movem, parecem se calcificar. Uma, pesada como uma pedra, desliza para cima de meu pé e ele quase fica preso debaixo dela. Eu o libero com um puxão.

— Pippa. — Digo. — O que você fez?

— O que você não teria coragem de fazer. Pobre Gemma, sempre com tanto medo do próprio poder. Bom, eu não tenho esse medo.

— Pip, diga que você não fez um pacto com aquelas criaturas.

— E se eu fiz?

Felicity balança a cabeça.

— Você não fez isso.

Pippa acaricia o rosto dela gentilmente.

— Eles me pediram algo tão simples. Um sacrifício que ninguém notasse. Eu os ofereci um estúpido coelho; só isso. E olhe o que eles me deram em troca! — Ela abre os braços, mas tudo que consigo ver é um castelo apodrecido infestado por ervas-daninhas.

— Me diga que você não a levou para as Terras Invernais, que eu estou errada por estar pensando nisso. — Eu imploro.

— Eu te direi o que você quiser ouvir. — Ela diz, devorando as bagas.

— Me diga a verdade!

Os olhos de Pip lampejam. Os dentes dela estão preto-azulados com o sumo.

— Ela. Era. Um. Fardo.

Felicity coloca a mão sobre o estômago.

— Oh, Deus.

— Não, Fee, você verá. Será tão maravilhoso. — Pippa dá um sorriso coquete para as outras. — Quer que eu conte o que a árvore prometeu? O que eu vi lá depois de meu sacrifício? Eu vi o tempo da Ordem acabar e algo novo surgir. — Ela diz, a voz cheia de admiração. — A era delas já passou. Agora é a nossa vez.

As garotas se proximam e se sentam à seus pés, perdidas na atração que a certeza que ela sente exerce. As feições dela são uma hipnotizante mistura do antes e do depois. As delicadas maçãs do rosto, um longo emaranhado de cachos negros e o nariz frágil ainda estão lá. Mas, hora ou outra, os olhos dela vacilam entre o escuro violeta e o alarmante azul-esbranquiçado contornado por anéis negros. É uma beleza nova e selvagem e eu não consigo desviar os olhos.

— Eu ouvi a voz sussurrar docemente em minha mente: *Você é tão especial*. *Você foi escolhida*. *Eu lhe engrandecerei ainda mais*.

Ela sorri amplamente com uma risadinha. Um pavor gelado se instala em meu estômago.

— Eu sou a escolhida. *Eu* sou o caminho. Para me seguir, você precisa ser como eu.

Com dois dedos, Felicity vira o rosto de Pippa, gentilmente, na direção do dela.

— Pip, o que você está dizendo?

Pippa se afasta do toque de Felicity com grosseria e marcha propositadamente até Bessie. Ela a oferece o cálice de bagas.

— Você me seguiria, Bessie?

— Sim, senhorita. — Bessie responde com a voz rouca. Ela abre a boca obedientemente.

Com os olhos em Felicity, Pippa coloca uma baga na paciente língua de Bessie. Horrorizada, Felicity corre até ela e agarra sua mão, derrubando a baga. Pippa a empurra e Felicity contra-ataca com um empurrão ainda mais forte. O rosto de Pip se contorce por um momento, os olhos rolam para dentro do crânio e ela solta um lamento agudo, como uma risada saindo do modo errado. Seus membros estremessem enquanto ela cai no chão, o corpo assomado por uma dança lindamente violenta.

— Pippa! — Felicity grita. — Pippa!

Bessie e as outras se afastam, assustadas. Finalmente, o ataque diminui; as mãos retorcidas de Pippa ficam flácidas e ela fica deitada no chão, como uma vara deformada. Lentamente, Pip se senta, respirando com dificuldade. Um pouco de baba escorre por sua boca; há sujeira em seu cabelo e vestido por ter caído no chão. Felicity a embala em seus braços.

— O-o que aconteceu? — Pippa choraminga. Ela tenta se levantar e tropeça, suas pernas estão tão fracas quanto as de um potro recém-nascido.

— Shhh, foi um ataque. — Felicity diz suavemente. Ela leva Pip até o altar e a ajuda a se sentar.

Os lábios de Pip tremem.

— Não. Não aqui. Não agora.

Ela se estica na direção de Bessie, oferecendo a baga mais uma vez, mas Bessie se contrai para longe de seu toque. As garotas da fábrica ficam longe dela. O medo evidente em suas faces.

— Não! — Pip chora. — Eu sou especial! Escolhida! Vocês não vão me abandonar!

Ela estende suas mãos e nós somos cercadas por uma parede de fogo. O calor que ela emana me faz dar vários passos para trás. Isso não é uma mágica feita com lanternas em um show, não é o truque de um ilusionista que quer assustar e entreter. Isto é real. Qualquer que seja o poder que Pippa tem dentro de si, parece ter crescido com o aprisionamento e se tornado algo novo e terrível.

As garotas se afastam ainda mais, as chamas sombreando o terror e a admiração em seus olhos arregalados. Um sorriso estranho ilumina o grande rosto de Bessie, uma mistura de medo e arrebatamento. Ela cai de joelhos em forma de devoção.

— Oh, senhorita, você foi tocada pela mão de Deus!

Mae também se deixa cair.

— Eu soube desde o dia que você nos salvou daqueles fantasmas.

Até Mercy fica de joelhos, seduzida pela força do poder de Pippa.

— Nós vimos! Nós todas! Foi um milagre. Um sinal! — Bessie exclama com paixão.

— Um sinal do que? — Pergunto.

— É a prova de que é a escolhida, como ela mesma disse. — Lágrimas escorrem pelo rosto de Mae. Ela acredita que presenciou um milagre e eu não tenho coragem de contradizê-la.

Felicity segura o braço de Pippa com força.

— Foi um ataque. Você tem que dizer a elas.

Eu testemunhei um dos ataques de Pip quando ela estava viva. Foi aterrorizante com toda sua fúria, mas não foi nada como o que acabara de acontecer.

Pippa estica os braços o máximo possível.

— Eu às levarei à gloria! Quem me seguirá?

— Você precisa contar a verdade! — Felicity sibila.

— Cale a boca. — Mae adverte. Nos olhos dela,eu vejo uma devoção que pode até matar.

— Não mande em mim! — Pippa retruca. — Todo mundo está sempre mandando em mim.

Felicity parece ter levado um soco. Pip se contorce para fora do aperto dela e anda por entre as garotas da fabrica, que se esticam para tocá-la. Ela as agracia com um leve roçar da mão e elas choram de felicidade,ansiosas por uma benção. Pippa olha para nós, com lágrimas nos olhos, o sorriso dela exala pura inocência.

— Era para ser. Tudo foi predestinado! É por isso que eu não podia fazer a travessia. — Ela diz. — Como mais podemos explicar por que a magia evoluiu em mim?

— Pip. — Eu começo, mas não termino. Por que, e se ela estiver mesmo certa?

— Você teve um ataque. — Fee diz, chacoalhando a cabeça.

— Foi uma visão, como as que Gemma tem! — Pippa grita.

Felicity estapeia Pippa e Pip se vira para ela com a ferocidade de um animal selvagem encurralado.

— Você vai se arrepender disso.

As garotas da fábrica vêm para cima de Felicity, Ann e de mim, segurando nossos braços para trás até que somos obrigadas a nos abaixarmos. Eu poderia tentar usar a magia. Eu poderia. Tento invocá-la, mas vejo Circe em minha mente e acabo arfando em busca de ar, aterrorizada e confusa.

— Eu senti isso, Gemma! — Pippa grita. — Não tente novamente.

— Infiéis. — Bessie cospe e a saliva aterrissa na forma de uma horrível mancha na bochecha de Fee. Elas nos puxam para o lado de fora, segurando-nos com força, e Pip liberta sua fúria em um novo circulo de fogo. Ele deixa meus olhos cegos e ardentes.

Se Pippa se auto-coroou rainha, Bessie se auto-intitulou como vice.

— Mestra Pippa, nós faremos o que quer que você nos peça. Uma única palavra e estará feito.

— As pessoas mandaram em mim a minha vida toda. Agora eu darei as ordens.

Eu nunca vi Felicity tão magoada.

— Eu não. — Ela diz. — Eu nunca mandei em você.

— Oh, Fee. — A velha Pippa ressurge por apenas um momento, esperançosa e infantil. Ela puxa Felicity para mais perto. Algo que não sei nomear passa entre elas e, então, os lábios de Pip estão sobre os de Felicity em um beijo profundo, como se elas se alimentassem da outra, com os dedos emaranhados nos cabelos uma da outra. E, de repente, eu entendo o que eu sempre deveria ter sabido sobre elas — as conversas particulares, os abraços apertados, a ternura de sua amizade. Meu percoço começa a ficar vermelho com o pensamento. Como eu pude nunca ter visto isto antes?

Felicity se afasta, ela está com as bochechas em chamas, mas a paixão feroz daquele beijo ainda está lá. Pippa agarra o braço dela.

— Por que você sempre vai embora? Você está sempre me deixando.

— Não estou. — Felicity diz. A voz dela está fraca por causa da fumaça.

— Você não vê? Aqui nós podemos ser livres e fazermos o que quisermos.

Felicity balança a cabeça.

— Não posso. Não desde jeito.

Pippa fala em um tom baixo e calculado.

— Você disse que me amava. Por que você não come as bagas e fica aqui comigo?

— Sim, é verdade. — Felicity sussurra. — Mas...

— O que é verdade? — Pippa demanda. — Você não vai dizê-lo?

— Eu... é verdade. — Felicity diz com grande dificuldade.

Pip solta o braço de Felicity. Os olhos dela estão cheios de lágrimas raivosas.

— É hora de fazer uma escolha, Fee. Ou você está comigo, ou contra mim.

Pippa abre a mão. As bagas estão esperando, gordas e maduras. Eu mal consigo respirar. O rosto de Felicity mostra seu sofrimento — seu carinho e seu orgulho se enfrentando em uma batalha feroz. Ela olha para as bagas por um longo tempo, nem as aceitando, nem as recusando. E eu percebo que o silencio é a sua resposta. Ela não trocará uma armadilha por outra. Os olhos de Pippa estão transbordando de lágrimas. Ela fecha a mão sobre as bagas, apertando com tanta força que o sumo preto-azulado sai por entre seus dedos e escorre até o chão. Eu sinto medo do que ela fará conosco agora.

— Deixe-as ir. Não precisamos de infiéis entre nós. — Ela diz, finalmente. Ela abre um espaço entre as chamas para nós. — Vão, então. Saiam.

A única saída é pelo fogo e não há promessa nenhuma de que ela não nos transformará em cinzas enquanto passamos. Engolindo com dificuldade, eu conduzo Ann e Felicity pela passagem que há entre as chamas.

Pippa canta ferozmente alto.

— *Oh, eu tinha uma amor, um verdadeiro, verdadeiro amor e meu verdadeiro amor está esperando...*

Antes, era uma canção alegre e simples, mas, agora, ela me dá calafrios. É uma canção desesperada. Uma por uma, as garotas se juntam a ela, suas vozes ganhando força até que os

soluços de Fee são abafados por elas. Eu não me atrevo a olhar para trás até passarmos pelo portão de espinhos no caminho para o jardim. Pippa e suas seguidoras, colocadas contra o fogo, parecem carvões brancos virando cinzas.

57

FELICITY NÃO FALA COM QUALQUER UMA DE NÓS. No momento que retornamos a Spence, ela sobe as escadas a tropeços, segurando o corrimão como se ele fosse a única coisa que a segurasse à terra. Ann e eu não falamos do acontecido. A noite parece dura e pesada e nenhuma palavra pode aliviá-la. Só quando Ann se junta a Cecily para costurar, me encaminho para o quarto de Felicity. Eu a encontro deitada em sua cama, tão imóvel que temo que esteja morta.

— Por que você veio? — sua voz é uma sombra de si mesma. — Veio para ver a degenerada? — Ela se vira para mim, o rosto coberto de lágrimas. Em sua mão aperta a luva de Pippa. — Eu posso ver nos seus olhos, Gemma. Vamos — diga. Sou uma degenerada. Minhas afeições não são naturais.

Minha boca se abre, mas não encontro as palavras.

— Diga! Diga-me o que quer me dizer. O que todo mundo suspeita!

— Eu nunca suspeitei. Verdade.

Ela respira com dificuldade. Seu nariz escorre. Fios de cabelo se umedeceram e colaram-se em suas bochechas. Ela não vai me olhar de novo.

— Mas agora você sabe, e me despreza.

Desprezo? Não. O que eu sinto é confusão. Tenho dúvidas que ainda não sei como perguntar: Ela sempre foi desse jeito? Ela sente essa mesma afeição por mim? Eu já tirei a roupa na frente dela. Ela me viu. E eu a vi, notei sua beleza. Eu abrigo esses sentimentos secretos por Felicity? Sou igual a ela? Como eu poderia saber se fosse?

Felicity se estica na cama, sufocando-se em suas lágrimas. Seu corpo estremece com soluços. Eu estendo uma mão nervosa e a toco, deixando que minha mão descanse em suas costas. Eu deveria dizer algo, mas estou completamente perdida. Então digo as únicas palavras que vêm à mente.

— Você vai amar de novo, Fee.

Felicity aperta o rosto contra seu travesseiro e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não, eu não vou. Não desse jeito.

— Shhh...

— Nunca deste jeito.

Ela se deixa vencer por seu pranto. Ele vem sobre ela, em ondas violentas. Não há nada a fazer, a não ser deixá-la desabafar. Gradualmente, a maré recua. Ela jaz ao meu lado, sem forças e molhada pelas lágrimas, totalmente esgotada. As longas sombras do anoitecer rastejam pelas paredes, se aproximando. Aos poucos, elas chegam totalmente a nós, nos mantendo naquele silêncio próprio da noite. Na penumbra nebulosa do anoitecer, não somos mais que silhuetas de nós mesmas, reduzidas à nossa própria essência. Deito-me ao lado dela. Ela pega meus dedos em sua palma úmida. Ela os segura, e eu não rompo contato, e isso ao menos é algum avanço. Nós repousamos ali, presas uma a outra pela frágil promessa de nossos dedos, enquanto a noite cresce audazmente. Destemida, ela se abre e nos engole completamente.

58

O TREM SOLTA FUMAÇA ENQUANTO ATRAVESSA A CAMPINA à caminho de Londres. Eu deixei a bandana na hera, juntamente com uma nota para Kartik explicando o acontecido com meu pai e prometendo voltar logo que puder. Também deixei notas para Felicity e Ann. Com o coração apertado, passo de uma carruagem para o trem e do trem para outra carruagem, até que finalmente diviso nossa rua.

A casa em Belgravia está escura e silenciosa. Doutor Hamilton está em processo de atendimento. Tom e ele estão em uma conversa sussurrada no hall de entrada, enquanto vovó e eu ficamos sentadas na sala, encarando o fogo desnecessário. A casa já está desconfortavelmente quente, mas vovó insiste. Em sua mão, o lenço de papai abre como uma flor raivosa. No campo imaculadamente branco, há uma pequena mancha vermelha de sangue.

Tom entra em silêncio, os ombros caídos. Ele fecha a porta atrás dele, e o silêncio que cai sobre nós é mais do que posso suportar.

— Tom? — digo.

Ele se senta perto do fogo.

— Tuberculose. Só restam meses agora.

— Meses? — pergunto.

— Sim — Tom diz.

Não era minha culpa. É a bebida, o láudano, o ópio, e essa maldita recusa a viver. Esse pesar egoísta. Eu pensei que poderia mudá-lo com a magia, mas não posso. As pessoas vão ser o que são, e não há magia o suficiente que mude isso.

Vovó dobra o lenço de papai uma vez e outra, transformando-o em quadrados perfeitos que escondem a mancha.

— Esse clima infernal da Índia.

— Não é o clima. Não vamos fingir — eu digo. Tom me adverte com o olhar.

Vovó prossegue com seu balbuciar.

— Eu lhe disse que devia voltar à Inglaterra. A Índia não é lugar para um inglês. Faz muito calor e…

Salto da minha cadeira.

— Não é o maldito clima!

Eu os choco fazendo-os ficar em silêncio. Eu deveria parar. Desculpar-me pelo meu arrebato. Fazer as pazes. Culpar o clima. Mas não posso. Algo em mim se soltou e não pode ser colocado de volta.

— Você sabia que ele tinha voltado para o láudano? Que ele não conseguia largar? Que nossas boas intenções nunca foram nem de perto tão poderosas quanto sua vontade de morrer?

— Gemma, por favor — Tom vocifera.

— Não, Thomas. É esta a vida que você quer para mim? Ser como você? Andar com antolhos, falar de nada que importe, e beber chá aguado com pessoas que fariam qualquer coisa para esconder a verdade, sobre tudo de si mesmos? Bem, eu não farei isso! E não voltarei a mentir por você nunca mais.

Vovó pressiona o polegar contra a planície branca do lenço dobrado, apertando-o para que não se desdobre. De repente, ela parece pequena e frágil. Tenho vergonha ter sido tão desconsiderada com ela e ainda me envergonha mais odiá-la por sua fragilidade. Ao sair tempestuosamente da sala, ouço sua voz, fraca e insegura.

— É o clima.

Tom me alcança nas escadas e me puxa para a biblioteca. Os livros de papai nos observam do alto de suas prateleiras.

— Gemma, isso foi muito indelicado.

Meu sangue se acalmou e minha raiva é aplacada pelo remorso, mas não darei a Tom a satisfação de saber. Pego um livro das prateleiras de papai e me empoleiro em uma cadeira desconfortável, eu o abro na página de título. *Inferno*[74] de Dante Alighieri.

— A saúde de papai não foi o único motivo pelo que mandei te chamar. Sua conduta no baile foi... — sua voz se extingue. — Assustadora.

Você não faz idéia, Tom. Viro a pagina, fingindo um interesse apaixonado.

— Desde que chegamos à Inglaterra você tem tido um comportamento rebelde e difícil. Só precisa de uma simples infração, uma lufada de escândalo, para arruinar sua reputação e suas chances na vida para sempre.

A raiva surge das restrições da vergonha.

— Minha reputação — digo friamente. — Isso é tudo o que sou?

— A reputação de uma mulher é seu maior bem, Gemma.

Eu passo uma página com força e ela se rasga um pouco.

— Isso é injusto.

Tom levanta a tampa de uma licoreira de cristal e derrama um pouco em um copo.

— Assim são as coisas. Você pode me odiar por dizer isso, mas é a verdade. Não se lembra que foi assim como nossa mãe morreu? Ela ainda estaria aqui e papai estaria bem e nada disso jamais teria acontecido se ela tivesse simplesmente vivido de acordo as normas da

[74] N/T: 'Inferno' é a primeira parte da ‘Divina Comédia’, sendo as outras duas, o ‘Purgatório’ e o ‘Paraíso’.

sociedade de seu tempo.

— Talvez isso se mostrasse impossível. Talvez ela não pudesse caber dentro de um espartilho apertado.

Talvez eu seja igual.

— A pessoa não tem que gostar das regras, Gemma. Mas é necessário aderir a elas. Isso é o que forma a civilização. Você acha que eu concordo com todas as regras do Hospital Bethlem ou com todas as decisões tomadas pelos meus superiores? Acha que eu não preferiria fazer o que quisesse? — ele toma um gole do licor, fazendo uma careta ao engolir. — Eu não tinha controle sobre mamãe, mas tenho sobre você. Não vou permitir que você siga o mesmo caminho.

— Não vai permitir? — eu escarneço. — Não acho que você tenha alguma opinião na minha vida.

— Você está errada quanto a isso. Com nosso pai doente, cabe a mim a responsabilidade de ser seu tutor, e sem dúvida, pretendo levar essa minha posição muito a sério.

Um novo medo se enraíza em mim. Todo esse tempo eu estive preocupada pelo que poderia me fazer a Ordem, os Rakshana, e as criaturas das Terras Invernais. E havia me esquecido dos problemas de verdade que tenho que enfrentar aqui, no meu próprio mundo.

— Você não terá de voltar a Spence. A Academia Spence para Moças foi obviamente um erro grave. Você ficará aqui até sua estréia na sociedade.

— Mas eu tenho amigas lá...

Tom se vira para mim.

— Senhorita Bradshaw, a mentirosa sem um tostão, e a senhorita Worthington, de virtude questionável. Um belo grupo de amigas. Você conhecerá o tipo apropriado de garotas aqui.

Eu fico de pé.

— Tipo apropriado? Eu conheci um monte delas, e posso te assegurar que elas são tão superficiais quanto sua xícara de chá. E quanto as minhas amigas, você não as conhece, então eu agradeceria se não falasse delas.

— E eu agradeceria se você baixasse a voz — Tom sibila, olhando para a porta.

Sim, não iria querer que os criados soubessem dos nossos assuntos. Não quer que eles saibam que tenho opinião própria e uma boca para dar voz a ela.

— Então você tampouco se importa com sua própria família? Não se importa que a senhorita Bradshaw fez de tolo a mim (a você) com sua fraude?

— Sua fraude! Você só se interessou por ela quando ouviu que ela tinha uma fortuna.

Tom verte outro fio de licor.

— Um homem na minha posição tem que pensar nessas coisas.

— Ela te adorava, e você a tratou horrivelmente! Por acaso só as damas como eu, aquelas com privilégios, necessitam de proteção, Thomas?

Seus olhos se arregalam.

— E você tomaria parte dela contra mim, seu próprio sangue?

Sangue é mais espesso que água. Isso é que dizem. Mas na verdade, a maioria das coisas

são.

Os ombros estreitos de Tom decaem.

— Acredite ou não, Gemma, eu me preocupo com seu bem-estar — diz ele.

— Se for assim, Thomas, me mande de volta para Spence.

Ele engole sua bebida.

— Não. Vou seguir o bom conselho de Lord Denby, e você ficará aqui, onde eu possa manter um olho em você.

Eu atiro o livro para o lado.

— Lord Denby! Sabia! Isto é o que estão fazendo os Rakshana, não é? Ainda querem me controlar.

Tom me aponta um dedo acusador.

— Esse é exatamente o tipo de comportamento a que me refiro. Escute a si mesma; está tagarelando sobre coisas que fazem totalmente nenhum sentido!

— Você nega que se uniu aos Rakshana? Se assim for, diga-me o nome de seu clube de cavalheiros.

— Não tenho que te dizer coisa alguma sobre isso. É um clube de cavalheiros, e você não é um cavalheiro, embora não tenho nenhuma dúvida que você usaria calças se pudesse.

Deixo a farpa passar.

— Mas você usa o broche dos Rakshana! — aponto para a insígnia de caveira-e-espada em sua lapela.

— Gemma, — rosna Tom. — isto é um broche! Não há nada de malévolo nisso.

— Não acredito em você.

Tom gira seu copo e o vidro biselado captura a luz, lançando espectros dançantes de cor na parede.

— Acredite em mim ou não, mas é a verdade.

— Qual é o nome do seu clube então?

Meu irmão perde seu sorriso sarcástico.

— Olha aqui, Gemma. Isso é assunto meu.

É Rakshana. Tenho certeza. Eles pretendem me manter prisioneira até que eu entregue a magia, e eles recrutaram meu próprio irmão para seus propósitos.

Tom enfia seu punho no bolso.

— Você e eu, temos que seguir em frente, Gemma. Não posso me dar ao luxo de amar. Devo fazer um bom casamento. E agora eu preciso cuidar de você. É meu dever.

— Que nobre — eu rosno.

— Bem, tem lá seus aborrecimentos, obrigado.

— Se você quer sofrer, faça por sua livre e espontânea vontade, não em meu nome. Nem no de papai nem no de vovó nem de ninguém. Você é um bom médico, Thomas. Por que não se contenta com isso?

Sua mandíbula se aperta. Essa mecha infantil de cabelo cai sobre os olhos, ensombrando-os.

— Por que não é, — ele diz com uma sinceridade pouco freqüente. — Só isso e a esperança de mais nada? Uma plácida respeitabilidade sem uma grandeza de verdade ou heroísmo, somente com a minha reputação como carta de recomendação? Então como você pode ver, Gemma, você não é a única que não pode governar sua própria vida.

Ele inclina a cabeça para trás e drena o restante de seu licor. É muito liquido e ele poderia ter um acesso de tosse, mas consegue contê-la. Nenhum indicio de vulnerabilidade vai escapar dele. Nem mesmo uma tosse.

Vago até a janela. Há uma carruagem esperando do lado de fora. Não é a nossa carruagem, mas eu a reconheço. As cortinas negras, o aspecto fúnebre. Um fósforo é riscado e levado até um cigarro. Fowlson.

Tom está logo atrás de mim.

— Ah, meu cocheiro. Tenho um compromisso bastante importante esta noite, Gemma. Confio em que você não vai queimar a casa em minha ausência.

— Tom — eu digo, seguindo-o na descida das escadas para o hall. — por favor, não vá ao clube esta noite. Fique aqui comigo. Nós poderíamos jogar cartas!

Tom ri e puxa seu casaco.

— Cartas! Que emocionante!

— Muito bem, não precisamos jogar cartas. Nós poderíamos... — O quê? O que compartilhamos meu irmão e eu com exceção de alguns jogos na infância? Há muita pouca coisa que nos mantém unidos, a não ser a mesma história infeliz. Tom está esperando minha oferta, mas não tenho nada a oferecer.

— Pois então, estou indo.

Ele pega seu chapéu, essa amostra de tola afetação, e se verifica no espelho perto da porta. Não resta nada mais a dizer a não ser a verdade.

— Tom, eu sei que poderei soar como um de seus pacientes em Bedlam, mas, por favor, me ouça. Você não deve ir a esse encontro desta noite. Acredito que você esteja em perigo. Sei que você se uniu aos Rakshana... — Tom tenta objetar, mas levanto a mão. — Eu sei. Seu clube de cavalheiros não é o que você imagina que seja, Tom. Faz séculos que eles existem. Eles não são confiáveis.

Tom duvida por um momento. Só espero que eu o tenha convencido. Ele explode em risos e aplausos.

— Bravo, Gemma! Isto é, sem dúvida, a história mais fantástica que você já inventou. Acho que quem está em perigo não sou eu, mas sim Sir Arthur Conan Doyle[75]. Pois suas narrativas superam as dele em intrigas e façanhas infames!

Eu agarro seu braço, mas ele se safa.

— Tome cuidado com esse casaco! Meu alfaiate é um bom homem, mas também um dos mais careiros.

— Tom, por favor. Você tem que acreditar em mim. Não é uma historia. Eles não querem você; querem a mim. Eu tenho algo que eles querem, algo pelo que fariam qualquer coisa

[75] N/T: Autor de Sherlock Holmes.

para conseguir. E eles estão te usando para chegar a mim.

Uma terrível mágoa cintila nos olhos de Tom.

— Você é igualzinha a papai, não é? Sempre duvidando de mim. Afinal, por que alguém iria querer Thomas Doyle, a decepção constante de seu pai?

— Eu não disse isso…

— Não, mas você pensou a mesma coisa.

— Não, você está errado…

— Sim, estou sempre errado. Esse é meu grande problema. Bem, mas não esta noite. Hoje à noite me tornarei parte de algo maior que eu. E eles me pediram, Gemma. Eles me querem. Não espero que você fique feliz por mim, mas pelo menos poderia me permitir desfrutar da minha felicidade.

— Tom... — eu imploro, observando-o sair pela porta. A criada a mantém aberta, tentando desviar os olhos de nossa discussão.

— E pela última vez, eu não sei o que você quer dizer com todo esse negócio dos Rakshana. Nunca ouvi falar deles. — Ele envolve habilidosamente o cachecol no pescoço. — Espero que passe uma boa noite, Gemma. E por favor, mantenha-se afastada desses livros que você devora. Eles estão colocando historinhas fantásticas demais em sua cabeça.

Tom desce a passos largos o trajeto em direção à carruagem. Fowlson lhe estende uma mão, mas seu sorriso malvado é unicamente para mim.

59

O QUARTO DE MEU PAI SÓ ESTÁ ILUMINADO PELA lamparina que há ao lado de sua cama. Sua respiração é irregular, mas tranquila. O doutor Hamilton lhe deu morfina. É estranho como uma droga pode às vezes ser motivo de tormenta e alívio.

— Olá, céu. — Cumprimenta-me com a voz sonolenta.

— Olá, papai.

Sento-me ao seu lado na cama. Estende a mão e eu a pego.

— O doutor Hamilton esteve aqui — explica.

— Sim, eu soube.

— Sim. — Fecha os olhos durante uns instantes e logo acorda sobressaltado. — Acho... acho que vi esse tigre. O velho amigo voltou.

— Não — digo em voz baixa enquanto enxugo minhas bochechas. — Não há nenhum tigre, papai.

Aponta para a parede.

— Não vê sua sombra aí? — A única coisa que há é a tenebrosa silhueta do braço levantado de meu pai. — Atirei nele, você sabe.

— Não, papai — respondo.

Ele está tremendo. Subo os lençóis até seu pescoço, mas volta a afastá-las de si em seu delírio.

— Estava aí fora. Sabe? Eu não podia viver com essa... ameaça. Achei que o tinha matado, mas ele voltou. Encontrou-me.

Seco sua testa com um pano úmido.

— Shhhh.

Seus olhos encontram os meus.

— Estou morrendo.

— Não. Só precisa descansar.

Lágrimas quentes deslizam ardendo por minhas bochechas. Por que somos obrigados a mentir? Por que a verdade é tão luminosa que nossas almas são incapazes de tolerá-la?

— Descansar — murmura e cai em outro sono alterado pelas drogas. — O tigre se aproxima...

Se eu fosse mais corajosa, se acreditasse que a verdade não nos cegaria para sempre, perguntaria-lhe o que quero perguntar desde que minha mãe morreu: Por que sua dor foi mais poderosa do que seu amor? Por que não conseguiu encontrar este último em seu interior para contra-atacar?

Por que não lhe basta viver por mim?

— Durma, papai. Deixe que esta noite o tigre se vá.

***

Só em meu quarto, imploro para que Wilhelmina Wyatt apareça mais uma vez.

— Circe tem a adaga. Preciso de sua ajuda — digo. — Por favor...

Não responde minha chamada, assim durmo e sonho.

Debaixo da sombra de uma árvore, a pequena Mina Wyatt se senta para desenhar a Ala Leste da academia, perto da sombra da boca de uma gárgula. Sarah Rees-Toome cobre o sol e Mina franze o cenho.

Sara se agacha ao seu lado.

— O que vê quando olhar na escuridão, Mina?

Com timidez, Mina mostra seus desenhos que tem escondido em seu livro. Rastreadores. Mortos. As criaturas pálidas que vivem nas rochas. E, finalmente, a Árvore de Todas as Almas.

Com ternura, Sarah passa seus dedos por ela.

— É realmente poderosa, verdade? Por isso não querem que saibamos nada sobre ela.

Mina dá uma rápida olhada para Eugenia Spence e a senhora Nightwing jogando críquete no jardim. Assente com a cabeça.

— Pode me ensinar como chegar lá? — pergunta Sarah.

Wilhelmina nega com a cabeça.

— Por que não?

"*Ficará contigo"*, diz.

De repente, estou no bosque das Terras Invernais onde os condenados pendem nas árvores ermas. As parras os seguram com força pelo pescoço; penduram seus pés. Um deles resiste e os ramos pontiagudos cravam em sua carne para segurá-lo.

— Ajude-me — suplica com um murmúrio estrangulado.

A névoa se dissipa e vejo seu rosto ficar cinza.

Circe.

60

FICO TRANCADA EM NOSSA CASA DE LONDRES DURANTE DOIS dias insuportáveis, sem poder entrar em contato com Kartik, Ann ou Felicity. Não sei o que está acontecendo nos reinos e estou doente de preocupação. No entanto, cada vez que reuno coragem suficiente para invocar a magia, lembro da advertência de Circe ao quanto a magia tinha mudado, por que a compartilhamos, e que poderia ter se unido a algo escuro e imprevisível. Os cantos do quarto parecem crescer ameaçadoramente e formar sombras que não sou capaz de controlar, assim empurro o poder para baixo, o afasto quanto posso de mim e, tremendo me arrasto para a cama.

Sem nenhum plano para escapar a vista, resigno-me em levar a vida de uma jovem dama mimada da sociedade londrinense enquanto vovó e eu saímos de visita. Bebemos chá que, para meu gosto, é muito fraco e nunca está o bastante quente. As senhoras gastam seu tempo com fofocas e rumores. Isso é o que tem ao invés de liberdade: tempo e fofocas. Suas vidas são muito insignificantes e prudentes. Eu não desejo viver assim. Quero marcar meu próprio caminho. Expressar opiniões que podem não ser educadas, nem corretas, mas que, no entanto, são minhas. E se tem que me enforcar por algo, queria sentir que vou a forca por vontade própria.

Passo as noites lendo para meu pai. Sua saúde melhorou levemente — é capaz de sentar em sua mesa em companhia de seus mapas e seus livros — mas não voltou a ser o mesmo que antes. Decidiu que, depois da minha apresentação a sociedade, meu pai se estabelecerá em um lugar com um clima mais quente. Todos estamos de acordo que isso ajudará a recobrar sua vitalidade. *"Sol quente e uma atmosfera morna, isso é o que precisa"*, dizemos com um sorriso forçado. O que não nos atrevemos a dizer se filtra pelos cimentos da casa até que parece sussurrar-nos a verdade através de seu silêncio: *"Ele está morrendo. Está morrendo. Está morrendo."*

No terceiro dia, estou prestes a ficar louca de preocupação, quando vovó anuncia que temos que assistir uma recepção ao ar livre em honra de Lucy Fairchild. Insisto que não estou bem e que deveria ficar em casa — já que assim posso escapulir até a estação Victoria e no trem até a Academia enquanto ela está fora —, mas vovó não me ouve, assim nos apresentamos nos jardins de Mayfair, que estão repletos de todo tipo de belezas

inimagináveis.

Observo Luce, sentada sozinha em um banco, sob um salgueiro. Com o coração no punho, me sento ao lado dela. E Lucy me ignora.

— Senhorita Fairchild, eu... eu queria explicar-lhe a conduta de Simon no baile — digo.

Tem a boa educação de sentar-se completamente erguida. Controla seu mal-humor com tanto afinco como faz com as rendas de seu cabelo.

— Continue.

— Pode ser que nessa noite o senhor Middleton tenha se mostrado muito familiar comigo, mas lhe asseguro que não foi assim. Na verdade, quando minha acompanhante se ausentou por uns minutos, um cavalheiro que não conhecia, e que havia bebido demais, me fez a corte até o ponto de ser indecoroso.

"Acredite em mim... Por favor, acredite..."

— Naturalmente, como estava sozinha, me assustei muito — minto. — Mas por sorte o senhor Middleton viu meu dilema e, como nossas famílias são velhas amigas, de imediato tomou as rédeas do assunto sem pensar nas consequências. Esse é o tipo de homem que é. Pensei que você deveria conhecer as verdadeiras circunstâncias antes de dar uma sentença.

Pouco a pouco, seu rosto parece menos afligido. Um tímido vislumbre de esperança força seus lábios a esboçar um sorriso.

— Ontem me enviou umas flores realmente bonitas. E uma inteligente caixa de prata com um compartimento secreto.

— Um lugar para guardar seus segredos — digo, reprimindo um sorriso.

Seus olhos se iluminam.

— Isso foi o que Simon disse! Disse-me que sem mim não é nada! — leva uma mão a sua boca. — Talvez não eu deveria ter contado para você um sentimento tão íntimo.

Me atormenta a consciência ao escutar esse comentário e, no entanto, não me atormenta tanto quanto deveria. Simon e Lucy são muito parecidos. Gostam de coisas agradáveis e despreocupadas. Eu não suportaria semelhante acordo, embora parecesse adequar-se a eles.

— Tudo bem que você fez isso — asseguro-lhe.

Lucy brinca com o broche que Simon a presenteou, o que em uma ocasião também presenteou a mim.

— Soube que vocês dois eram muito... unidos.

— Eu não era a garota mais apropriada para ele. — respondo surpresa, ao perceber que não era uma mentira. — Me atreveria a dizer que nunca o vi tão feliz como quando está em sua companhia. Espero que juntos consigam encontrar a felicidade.

— Se é que irei perdoá-lo — diz, tirando novamente seu orgulho.

— É assim. E isso depende unicamente de você — respondo.

E minha resposta é muito mais certa do que essa é consciente, já que não posso mudar o que aconteceu. Esse é o caminho que se acha por trás de nós e só podemos tomar o que temos adiante.

Lucy se levanta. Nossa conversa acabou.

— Obrigada, senhorita Doyle. Foi muito amável de sua parte falar comigo.

Não me estende sua mão ao despedir-se, embora tampouco esperasse que fizesse isso.

— E foi muito amável de sua parte me permitir.

***

Pela noite, Tom volta a ir ao clube. Tento convencê-lo do contrário, mas se nega a falar comigo. Vovó está com seus amigos jogando bacará. Assim me sento no quarto, só, e tento pensar em um plano para fugir para a academia e para os reinos.

— Gemma.

Estou a ponto de gritar quando um homem sai por detrás de minha cortina e, ao comprovar que se tratava de Kartik, me sinto afogada de alegria.

— Como conseguiu vir até aqui?

— Peguei emprestado um cavalo de Spence — explica. — Bom, na verdade, o roubei. Como não voltava...

Cubro sua boca com a minha e o calo com um beijo.

Nos estendemos um junto do outro na cama, com minha cabeça recostada em seu peito. Escuto como seu coração bate, forte e seguro. Seus dedos traçam figuras em minhas costas. Sua outra mão se entrelaça com a minha.

— Não entendo — digo, e desfruto da calidez de seus dedos que percorrem minha coluna vertebral acima e abaixo. — Por que não me mostrou como salvar Eugenia?

— E se Wilhelmina estivesse ajudando Circe? Você mesma disse que já foram muito unidas — sugere Kartik enquanto beija minha cabeça.

— Por que trairia a Ordem e Eugenia? — pergunto. — Não tem sentido. Nada disto tem. — Suspiro. — A chave contém a verdade. É uma frase comum em meus sonhos, em minhas visões, no livro de Wilhelmina. Mas, o que significa?

— Não havia nenhuma chave na bolsa de couro junto com a adaga? — quer saber Kartik.

— Não. Eu pensava que o livro era a chave. — Nego com a cabeça. — Mas não estou certa disso. Acho...

Relembro as imagens que Wilhelmina desenhou em *Uma História das Sociedas Secretas*. O objeto oculto. As guardiãs da noite. A torre. Decifrei todos, exceto um: o lugar com o quadro dos barcos.

— Sim? — Instiga-me a continuar com uma mão perambulando por meu peito.

— Acho que poderia ser um lugar — respondo e levanto a cabeça para beijá-lo.

Move-se para ficar em cima de mim e aceito o peso de seu corpo. Suas mãos deslizam por meu torso e as minhas pressionam suas largas costas. Sua língua faz pequenas incursões em minha boca.

Alguém chama na porta. Presa ao pânico, afasto Kartik.

— As cortinas! — sussurro.

Se esconde atrás das cortinas enquanto me apresso em arrumar a minha roupa.

Deito na cama com um livro na mão.

— Entre — grito e a senhora Jones entra no quarto. — Boa noite — respondo enquanto viro o livro que estava para baixo.

Nota minhas bochechas ardendo. O coração bate com força em meus ouvidos.

— Chegou um pacote para você, senhorita.

— Um pacote? A estas horas?

— Sim, senhorita. Um garoto acaba de trazer.

Entrega-me uma caixa envolta em um papel marrom e amarrada toscamente com uma corda. Não há nenhum nome escrito nela, nem acompanha uma nota.

— Obrigada — digo. — Acho que vou me deitar. Estou muito cansada.

— Como queira, senhorita.

A porta se fecha com um estalo e eu passo a tranca com um sonoro suspiro de alívio. Kartik se aproxima por trás e rodeia minha cintura com as mãos.

— Será melhor que abra — diz e eu obedeço.

A caixa contém o ridículo chapéu de Tom e um bilhete.

Querida, senhorita Doyle.

Você possui algo de grande valor para nós. E, agora, nós também possuímos algo de grande valor para você. Estou certo que podemos chegar a um acordo amistoso. Não se deixe levar pela tentação de empregar a magia contra nós. Caso contrário, eu saberia, em seguida, e seu irmão morreria.
O senhor Fowlson está na esquina. Não o faça esperar.

Os Rakshana estão com Tom.

Os Rakshana querem se apoderar de minha magia e, se eu nego, matarão meu irmão. E se tento recorrer ao meu poder para salvar Tom? Já não posso dizer que seja só meu poder, e pode ser que faça mais mal do que bem. A única coisa que tenho esta noite é minha inteligência e, agora mesmo, me parece de muito pouco ajuda. No entanto, e de momento, é a única esperança que me resta.

— Vou com você — insiste Kartik.

— Fará com que matem você — respondo.

— É um bom dia para morrer — responde e meu estômago revira.

— Não diga isso — respondo enquanto coloco meu dedo em seus lábios.

Kartik beija meus dedos e logo a boca.

— Vou com você.

61

FOWLSON ESTÁ ME ESPERANDO EM SUA CARRUAGEM LUSTROSA. Ele está jogando uma moeda para cima e pegando-a com maestria enquanto ela cai.

— Awww, olhe isso; cara. Má sorte, querida. — Ele abre a porta da carruagem para mim. Eu vejo Kartik esgueirando por de atrás dela.

— Diga-me, Fowlson, você vai fazer o que eles mandam para sempre? E quando, por Deus, eles vão lhe dar uma recompensa por seus esforços? Ou será sempre assim; eles jantando um banquete e você, longe, fazendo o trabalho sujo?

— Eles me recompensarão na hora certa. — Ele diz, puxando uma venda do bolso.

— Sem duvidas é por isso que você está aqui, ao invés de estar sentado com eles. Eles precisam de um cocheiro.

— Cale a boca! — Ele me dá um olhar raivoso, mas há uma pequena porção de dúvida em seus olhos, a primeira que eu já vi nele.

— Eu lhe farei uma oferta, senhor Fowlson. Ajude-me e eu o levarei aos reinos.

Ele ri.

— Quando nós tivermos a magia, eu irei para lá sempre que quiser. Então não, não acho que farei trato alguma esta noite, amor.

Ele amarra a venda sobre meus olhos com mais força do que o necessário. Ele coloca pedaços de pano em meus pulsos e os prende em algo — a maçaneta da porta, acredito eu.

— Não saia daí. — Ele grita e ri até começar a tossir.

A carruagem começa a andar com um solavanco. Os cascos dos cavalos se chocam com o chão da rua em um ritmo acelerado e eu torço para que Kartik esteja conseguindo acompanhar.

Nós não viajamos por muito tempo. Os cavalos param. Os dedos de Fowlson desatam os pedaços de panos de meu pulso, mas mantém a venda em seu lugar. Uma capa é jogada sobre minha cabeça.

— Por aqui. — Fowlson sibila.

Uma porta é aberta. Eu sou meio arrastada, então vamos para baixo, para baixo, e damos voltas e voltas e, quando a venda é removida, eu me vejo em um cômodo onde velas se

alinham às paredes. Meu irmão está sentado em uma cadeira. As mãos dele estão amarradas e ele parece estar bêbado. Um homem trajando uma capa está de pé atrás dele, sua faca à postos, perto da garganta de Tom.

— Tom! — Corro para ele e uma voz soa de algum lugar acima de nós.

— Pare! — Eu olho para cima e vejo uma galeria que se espalha por todo o cômodo. Homens em capas estão ali, observando, com suas faces escondidas. — Se tocá-lo, ele morrerá, senhorita Doyle. Nosso homem é rápido com a faca.

— Gemma, não se preocupe. — Tom murmura. — Esse é a minha ini... inixi...

— Iniciação. — Kartik grita, vindo para meu lado. — Cancele-a.

— Irmão Kartik. Me disseram que você já não estava mais vivo. — Uma voz diz. — Sr. Fowlson, você assumirá a culpa por isso.

O rosto de Fowlson fica pálido.

— Sim, meu senhor.

— Solte meu irmão! — Grito.

— Certamente, senhorita. Assim que você nos der a magia.

Eu olho para Tom, desamparado sob a faca do carrasco.

— Não posso fazer isso. — Digo.

Tom grita quando a faca se aproxima ainda mais.

— Pare. — Ele diz em uma voz estrangulada.

— Por favor, eu preciso da ajuda de vocês! — Eu choro. — Algo terrível está acontecendo nas Terras Invernais. Nós estamos todos em perigo. Acredito que aquelas criaturas queiram vir para o nosso mundo.

O cômodo se enche de risadas educadas. Ao meu lado, Fowlson é o que ri com mais vontade.

— Eu vi Amar nos reinos! — Grito. — Ele foi um de vocês. Ele me avisou que isso estava chegando. “Cuidado com o nascer de Maio”, ele disse.

As risadas cessam abruptamente.

— O que ele quis dizer com isso?

— Eu não sei. — Digo, mantendo um olho em meu irmão. Tom está voltando a si. Posso ver em seus olhos. — Achei que ele estivesse se referindo ao primeiro dia de Maio, mas esse dia já passou. Poderia ser outro dia...

Lord Denby sai das sombras.

— Não sei que tipo de truque é esse, senhorita Doyle, mas não vai funcionar. — Ele abaixa os dedos e a figura encapuzada pressiona a faca com ainda mais força contra a garganta de meu irmão. — Ele morrerá.

— E se você o matar? — Digo. — O que você terá para barganhar, então?

— Seu irmão morrerá! — A voz dele retumba pelo ambiente.

É como se a neblina se dissolvesse e eu pudesse ver claramente pela primeira vez desde que tudo isso começou. Eu não serei intimidada. Nem por eles, nem por ninguém.

— E então vocês não terão mais nada. — Eu grito, confiante e decidida. — Não terão

nada para se protegerem do *meu* poder. E eu o libertarei, senhores, como se fossem os cães do inferno, se você machucarem um único fio de cabelo dele!

Os dedos de Lord Denby estão à postos. A faca do carcereiro também. Pelo minuto mais longo de todos, nós esperamos à beira do precipício.

— Você é uma mulher. Você não fará isso. — Ele abaixa sua mão e eu não paro para pensar. Convoco a magia e a faca vira um balão que escorrega para fora do punho do homem.

— Tom, corra! — Grito.

Tom fica lá, confuso, e Kartik o agarra e puxa para longe enquanto eu vibro com o poder que eu suprimi por tempo demais. Ele sai de mim com um novo propósito. E nenhum outro par de olhos fica maior do que o meu irmão quando eu incendeio as paredes. Fantasmas giram sobre nossas cabeças, guinchando e gritando. Não importa que seja apenas uma ilusão; os homens acreditam nela.

— Pare! — Lord Denby implora e as chamas e os fantasmas somem. Ele tropeça até a grade. — Nós somos homens sensatos, senhorita Doyle.

— Não, não são. Então eu falarei claramente, senhor. Nunca se aproximem de minha família novamente, ou haverá conseqüências. Fui clara?

— Bastante. — Ele arfa.

— E quanto aos reinos? — Kartik brada. — Vocês esqueceram que fomos seus guardiões por muito tempo? Vocês não virão conosco para as Terras Invernais?

Os homens murmuram entre si. Ninguém se voluntaria para a difícil jornada.

— Tudo bem. — diz Lord Denby. — Nós convocaremos alguns soldados de campo para a tarefa.

— Soldados de campo? — Pergunto.

Kartik cruza os braços.

— Homens como Fowlson e eu. Homens que não farão falta.

— Sim, levem o senhor Fowlson com vocês. — Lord Denby diz como se estivesse indicando um serviçal para ser contratado. — Ele leva jeito com uma faca. Você é um bom companheiro, não é, Fowlson?

O Sr. Fowlson aceita a declaração como um soco que ele não revidará. A mandíbula dele tenciona.

— Como é minha escolha, eu *aceitarei* o senhor Fowlson. Nós nos entendemos bem. E ele realmente leva jeito com a faca. — Digo. — Desamarre meu irmão, por gentileza.

Sr. Fowlson desamarra as amarras de Tom. Ele bate com o ombro no corpo límpido de Tom e nós seguimos na direção da porta.

— A venda! — Um homem ruge.

Eu a jogo no chão.

— Não preciso dela. Mas se quiser usá-la, sinta-se à vontade.

— Gemma! Que diabos está acontecendo? O que você fez? — Tom demanda. Ele está começando a se descontrolar e é preciso agir logo.

— Vocês poderiam mantê-lo parado, por favor? — Peço à Kartik e Fowlson, que seguram os braços de Tom.

— Agora! Me soltem! — Ele insiste, mas está grogue demais para lutar.

— Thomas, — Digo, tirando minhas luvas. — isso vai doer muito mais em você do que em mim.

— O que? — Ele diz.

Eu lhe dou um soco forte e perfeito na boca e Tom fica inconsciente.

— Você é durona. — Fowlson me diz, colocando meu irmão na carruagem.

Eu arrumo minhas saias sobre minhas pernas adequadamente e coloco minha luva sobre minha mão dolorida com cuidado.

— Você nunca andou de carruagem com meu irmão quando ele está em tal estado, senhor Fowlson. Acredite, você me agradecerá por isso.

***

Quando Tom recupera seu senso — o que ele tem de senso, quer dizer — nós nos sentamos perto da represa. Os postes de iluminação lançam manchas de luz na superfície do Tamisa; elas escorrem como tinta fresca. Tom está todo desarrumado; o colarinho dele se projeta para fora parecendo um osso quebrado e a fronte de sua camisa está manchada com o seu próprio sangue. Ele segura um lenço molhado em seu rosto machucado, enquanto lança olhares para mim. Toda vez que nossos olhos se encontram, ele desvia o olhar rapidamente. Eu poderia usar a magia para me ajudar aqui; para apagar esta noite e meus poderes da mente dele, mas eu decido que não farei isso. Estou cansada de fugir. Cansada de esconder quem sou para deixar os outros felizes. Eu o deixarei saber a verdade sobre mim e, se for demais para ele, pelo menos eu saberei.

Tom move sua mandíbula cuidadosamente.

— Ai.

— Está quebrada? — Pergunto.

— Nah, xó ‘ói. — Ele diz colocando o lenço em seu lábio inferior ensangüentado e estremecendo com o ato.

— Você não quer falar sobre aquilo? — Pergunto.

— Fala’ xobre u que? — Ele olha para mim com olhos de um animal assustado.

— O que acabou de acontecer.

Ele afasta o lenço.

— O que há para discutir? Eu fui drogado, levado para um esconderijo, amarrado e ameaçado de morte. Então minha irmã, a debutante (quem deveria estar longe, na escola, aprendendo a fazer reverências, a bordar e a pedir mariscos em frânces), libera um tipo de força que eu nunca vi e que não pode ser explicado por nenhuma explicação racional ou lei da ciência. Acho que vou cometer suicídio de manhã. — Ele olha fixamente para o rio escuro que corre pelo centro de Londres. — Foi real, tudo aquilo. Não foi?

— Sim. — Eu digo.

— E você não vai, erm... — Ele faz um movimento com a mão, como se estivesse acenando, o que, acredito eu, esteja querendo dizer: *usar seu poder mágico que me assusta*.

— Não agora. — Digo.

Ele estremece.

— Você consegue fazer essa dor em minha cabeça passar?

— Desculpe. — Eu minto.

Ele coloca o pano molhado sobre a bochecha e suspira.

— Faz quanto tempo que você... é assim? — Ele pergunta.

— Você tem certeza de que quer ouvir sobre isso... sobre tudo isso? Você está pronto para saber a verdade? — Pergunto.

Tom pensa por um momento e, quando responde, a voz dele está segura.

— Sim.

— Tudo começou ano passado, no meu aniversário, no dia em que mamãe morreu, mas acredito que, na verdade, tenha começado muito antes disso...

Eu conto a ele sobre meus poderes, a Ordem, os reinos e as Terras Invernais. A única coisa que eu não exponho é a verdade sobre mamãe ter matado a pequena Carolina. Não sei exatamente por que. Talvez por que eu sinta que ele não esteja pronto para saber sobre isso ainda. As pessoas só conseguem viver com uma certa dose de honestidade. E, de vez em quando, essas pessoas podem te surpreender. Eu converso com meu irmão como nunca fiz antes; confiando nele, deixando o rio ouvir minhas confissões enquanto corre em direção ao mar.

— É extraordinário. — Ele diz, por fim. Ele olha para o chão. — Então eles realmente queriam você, não eu.

— Sinto muito. — Digo.

— Não tem problema. Eu não gostei do lugar onde eles se encontram mesmo. — Ele diz, tentando esconder o machucado que isso deixou em seu orgulho.

— Tem um lugar que te aceitaria se você os aceitasse. — Eu o lembro. — Pode não ser sua escolha principal, mas eles são homens de confiança que compartilham os mesmos interesses que você e você pode até começar a gostar mais deles com o tempo. — Então, mudando de assunto, digo: — Tom, tem algo que eu preciso saber. Você acha que eu possa ter causado a doença de papai quando tentei o fazer ver... com a magia...

— Gemma, ele está desgastado por conta da dor e dos vícios. Não é culpa sua.

— Jura?

— Juro. Não me entenda mal... você é bastante irritante. — Ele toca sua mandíbula machucada. — E bate como um homem. Mas não é a culpada pela doença dele. Ele é o culpado.

Mais ao longe, no rio, a buzina de um navio emite um som lúgubre. É lamurioso e familiar, um uivo na noite para aqueles que se perderam e não conseguem voltar.

Tom limpa a garganta.

— Gemma, eu preciso te dizer uma coisa.

— Tudo bem. — Respondo.

— Eu sei o quanto você adora o papai, mas ele não é o cavaleiro branco que você imagina que ele seja. E nunca foi. É verdade que ele é encantador e charmoso. Mas ele é egoísta. Ele é um homem limitado e determinado a satisfazer suas próprias necessidades…

— Mas…

Tom segura minhas mãos e as aperta gentilmente.

— Gemma, você não pode salvá-lo. Por que você não consegue aceitar isso?

Eu vejo meu reflexo na superfície do Tamisa. Meu rosto é um fraco contorno, todo borrado com nada realmente definido.

— Porque, se eu desistir disso — Eu engulo com dificuldade uma, duas vezes. — Então terei de aceitar que estou sozinha.

A buzina do navio soa novamente enquanto ele desliza em direção ao mar. O reflexo de Tom aparece ao lado do meu, tão indefinido quanto o meu.

— Nós estamos todos sozinhos neste mundo, Gemma. — Ele não diz isso amargamente. — Mas você pode ter companhia, se quiser.

— Nós vamos ficar aqui a noite toda? — Fowlson grita. Ele e Kartik estão apoiados na carruagem como dois *andirons*[76] inabaláveis prontos para conter o fogo.

Eu ofereço minha mão a Tom e o ajudo a se levantar.

— Então, essa sua mágica... não acho que ela possa me transformar em um barão, um conde ou alguma coisa assim, não é? Um duque seria bom. Nada muito exagerado; bom, a não ser que você queria que seja.

Eu afasto aquela mecha rebelde de sua testa.

— Não abuse da sua sorte.

— Certo. — Ele sorri e o corte em seu lábio abre novamente. — Ai!

— Thomas, eu quero viver minha vida do modo que eu acho certo e sem interferências daqui para frente. — Digo a ele conforme andamos até nossa carruagem.

— Eu não vou lhe dizer como viver. Só não me transforme em um anfíbio, ou um burro zurrador, ou, que Deus me ajude, em um Conservador.

— Tarde demais. Você já é um burro zurrador.

— Deus, você sera insuportalvel agora. Eu estou com medo demais para responder. — Tom diz.

— Você não sabe como isso me deixa feliz, Thomas. — Fowlson se adianta para abrir a porta para mim, mas eu chego lá antes deles. — Eu abro, obrigada.

— Aonde nós vamos? — Tom pergunta, passando por mim e se acomodando do lado de dentro sem se incomodar com o resto de nós. Tudo voltou ao normal.

— Para um lugar onde você é desejado. — Digo. — Senhor Fowlson, nos leve até a Sociedade Hipocrates, por favor.

Fowlson cruza os braços na altura do peito. Ele não olha para mim.

— Por que você faria isso? Por que você me pediria?

---

[76] Duas barras de metal que são colocadas na frente da lareira para conter o fogo.

— Eu confio neles menos do que confio em você. E, aparentemente, acredito em você um pouquinho mais.

— Eles não me deixariam para trás. — Fowlson diz silenciosamente.

Kartik dá uma tosse de escárnio.

— Você acredita nisso o suficiente para apostar tudo que tem? — Pergunto. — Eu não serei mais ameaçada. Eles não têm poder nenhum sobre mim. Esta é a sua chance de ser heróico, senhor Fowlson. Não falhe comigo. Não falhe com *ela*. — Digo significativamente.

— Nunca. — Ele diz, olhando para baixo. E eu percebo que até o senhor Fowlson tem seu calcanhar de Aquiles.

***

Quando chegamos a Sociedade Hipocrates, Sr. Fowlson bate fortemente na porta até ela ser aberta.

— O que é? — Um senhor de cabelos brancos pergunta, ele tem vários de seus colegas atrás de si.

— Por favor, senhores, é o senhor Doyle. Nós precisamos da sua ajuda.

Os homens abrem a porta em uma névoa de fumaça de charuto. Cuidando de seu rosto ferido, Tom cambaleia para fora da carruagem com a ajuda de Kartik e Fowlson enquanto eu os sigo.

— Doyle, garotão. O que aconteceu? — O senhor de cabelos brancos exclama.

Tom massageia sua mandíbula machucada.

— Bom, eu… eu…

— Enquanto voltávamos do jantar, alguns bandidos cercaram nossa carruagem. — Explico de olhos arregalados. — Meu querido irmão nos salvou daqueles homens que teriam nos machucado.

— Eu... eu salvei? — Tom vira a cabeça na minha direção. Eu imploro com os olhos: *não estrague minha encenação*. — Certo! Eu salvei. Desculpem-me por estar atrasado.

Os homens explodem em gritos e perguntas.

— Não diga!

— Que história fascinante. Como aconteceu?

— Me deixe ver esse maxilar!

— Não… não foi nada. — Tom gagueja.

Eu aperto Tom ainda mais.

— Não seja tão modesto, Thomas. Ele deu conta deles com uma única mão. Eles não tiveram nem chance contra um homem tão corajoso e nobre. — Para dizer isto, eu preciso lutar contra as risadinhas que dizem *'Há!'* no fundo de meu estômago.

— Uma esplêndida demonstração de coragem, garotão. — Um dos senhores diz.

Tom fica parado, piscando para bloquear a luz, parecendo mais um velho cachorro sem o senso de entrar para fugir da chuva.

— Você não se lembra, Thomas? Oh, Deus. Temo que o golpe que você levou na cabeça

tenha sido mais sério do que nós pensávamos. Deveríamos te levar direto para a cama e chamar o Dr. Hamilton.

— Doutor Hamilton já está aqui. — Dr. Hamilton diz. Ele sai do grupo de homens com uma taça de conhaque na mão e um charuto preso entre os dentes.

— Com uma única mão? — O homem de cabelos brancos pergunta.

Outro senhor, com grossos óculos, espalma a mão nas costas de Tom.

— Aí está um bom homem.

Um homem mais novo pega o outro braço de Tom.

— Tudo o que você precisa para ficar bem é uma ardente dose de conhaque.

— Realmente. Eu gostaria muito de uma dessas, obrigado. — Tom diz, conseguindo parecer envergonhado e orgulhoso ao mesmo tempo.

— Você precisa nos contar exatamente o que aconteceu, camarada. — Dr. Hamilton diz, guiando Tom para dentro do pequeno, mas aconchegante, clube.

— Bom, — Tom começa. — Em nossa pressa, esta noite, meu bobo condutor pegou um atalho perto das docas e se perdeu. De repente, ouvi gritos de 'Ajuda! Ajuda! Oh, por favor, alguém me ajude!'.

— Não diga! — Um senhor se sobressalta.

— Eu contei três… não, *meia dúzia* de homens de caráter suspeito, bandidos com olhos sem qualquer tipo de consciência...

Vejo que eu não sou a única dotada de imaginação. Mas, nesta noite, deixarei Tom ficar com sua gloria, por mais que isso me irrite. Um gentil senhor me assegura de que meu "heróico irmão" será bem cuidado e tenho certeza que, depois da história de hoje à noite, o lugar de Tom na sociedade estará seguro.

— Tom. — Eu o chamo. — O senhor Fowlson me levará de volta à Spence, então?

— Hmmm? Sim, claro. Vá logo para Spence. — Ele me manda embora com um aceno da mão. — Ah, Gemma?

Eu me viro.

— Obrigado. — Ele sorri, ensangüentando seu lábio mais uma vez. — Ai!

***

Fowlson põe a carruagem em movimento. Kartik está sentado ao meu lado. Londres passa por nós com toda sua glória e cimento: os limpadores de chaminés marcham para casa com rostos sujos de fuligem no final de um dia difícil, suas vassouras balançando em seus ombros; os procuradores em seus chapéus finos e limpos; as mulheres em seus babados e laços. E, na margem do Tamisa, os mudlarks examinam a sujeira e a lama, procurando tesouros que possam estar escondidos ali — uma moeda, um belo relógio, uma escova de cabelo perdida, um pedacinho brilhante de sorte para mudar seu destino.

— Cuidado com o nascimento de Maio, cuidado com o nascimento de Maio. — Eu entôo. — Como isso pode ser sobre Circe? Ela não sabia que eu iria até ela até então. — Digo em voz alta. E repito a frase mais algumas vezes, rodando-a em minha mente, e algo

novo me vem à cabeça. — Um aniversário. O aviso poderia estar se referindo a um aniversário. Quando foi o aniversário de Amar?

— Julho. — Kartik diz. — E o seu é vinte e um de Junho.

— Gentil da sua parte se lembrar disso. — Digo.

— A primeira vez que nós nos vimos.

— Quando é o seu? — Pergunto, percebendo que eu não sei e que nunca perguntei.

— Dez de Novembro. — Ele diz.

— Isso te deixa de fora, não é? — Digo, esfregando minhas têmporas.

Eu ouço os barcos à distancia se aproximando de nós. Estamos perto das docas. Há algo de familiar neste lugar. Eu senti isso quando Kartik e eu nos encontramos com Toby.

— Sobre o cais da tristeza. — Digo, repetindo uma frase do poema de Yeats que encontrei no livro de Wilhelmina. A imagem na outra pagina: a pintura dos barcos na parede. E se não fosse uma pintura, mas uma janela?

— Fowlson! — Eu grito. — Pare a carruagem!

— Você não vai querer fazer isso. Não aqui. — Ele grita de cima.

— Por que não?

— É o pior lugar que você pode imaginar encontrar. O *Key*[77] é cheio de prostitutas, criminosos, assassinos, viciados e derivados.

Meu estômago se agita.

— Do que você o chamou?

Ele responde enfaticamente, como se eu fosse uma criança boba.

— O *Key*. E você está louca se acha que eu vou parar esta linda carruagem aqui.

[77] N/T: Key significa ‘chave’.

62

— EU NÃO GOSTO DISSO. — FOWLSON MURMURA, puxando a gola de sua camisa para se proteger contra a umidade pegajosa enquanto nós andamos por pedras escorregadias no escuro. Ele mantém seu canivete na mão como se fosse um amuleto. O rio emana um cheiro horrível.

— Você tem certeza de que este lugar se chama *Key*? — Pergunto. As casas (se é que se pode chamar aquilo de casa) são estreitas e tortas, como os dentes de uma pobre senhora.

— É como nós sempre chamamos. Por causa do cais e das docas. Se escreve "*quay*", mas, falando, parece "*key*". "Lá no *Key*", nós dizemos.

— Sim, obrigado pela aula, Fowlson. — Kartik murmura.

— O que você quer dizer com isso? — Fowlson rosna.

Eu os interrompo.

— Cavalheiros, vamos nos manter focados por enquanto. Vocês terão bastante tempo para decidir quem é o melhor mais tarde. Eu espero.

Nós vagamos pelas voltas e reviravoltas das ruas escuras. Como Fowlson nos avisara, figuras obscuras se movem pela escuridão e eu não sinto vontade de olhá-las muito de perto.

— A Alfândega não está muito longe. — Fowlson diz.

— Brigid disse que, quando Wilhelmina veio para Londres, ela ficou perdida perto da Alfândega por uma semana. E se esse for um lugar que era familiar para ela? Onde ela se sentia segura, por mais estranho que seja?

Nós dobramos uma esquina e mais outra, até chegarmos a um conjunto de construções meio destruídas que dão de frente para os velhos cais. Eu ouço os navios chamando uns aos outros; dali se tem uma bela visão dos barcos.

— É aqui. — Digo. — Eu reconheço esse lugar das minhas visões. Vamos lá, Wilhelmina. — Sussurro. — Não me desaponte bem agora.

E, de repente, vejo-a em minha frente usando seu vestido lilás.

— Vocês a estão vendo? — Pergunto baixinho.

— Vendo quem? — Fowlson pergunta, sua faca já erguida para atacar.

— Eu não. — Kartik diz. — Mas você sim. Nós te seguiremos.

Wilhelmina passa pela parede de um miserável cortiço que está a ponto de despencar.

— Aqui dentro. — Digo.

Fowlson dá um passo para trás.

— Você está brincando.

— Talvez eu esteja mesmo louca, senhor Fowlson. — Respondo. — Mas não vou saber se não entrar ali dentro. Você pode me seguir ou não.

Kartik chuta a porta apodrecida e eu entro primeiro na decadente e abandonada construção. Está escuro e cheirando a mofo e água salgada. Ratos arranham as paredes; o som de suas garras agitadas faz calafrios subirem por minha espinha. Kartik está ao meu lado com sua faca na mão.

— Diabos. — Fowlson murmura sob a respiração, mas eu posso sentir seu medo.

Nós subimos uma escada apodrecida. Um homem, mais morto do que vivo, está esparramado e inconsciente no topo dela.Ele cheira a bebida alcoólica. As paredes descascam com a umidade e com o desgaste do tempo. Kartik atravessa o corredor com passos cautelosos e comigo logo atrás dele. Nós passamos por uma porta aberta e eu vejo várias pessoas deitadas ali dentro. Uma mulher levanta a cabeça por um momento antes de voltar a encostar seu queixo no peito. O cheiro fétido de urina e resíduos flutua para fora do quarto como um perfume esmagador. Ele invade meu nariz e me faz engasgar até que sou forçada a respirar pela boca. Faço de tudo para não sair correndo e gritando desse lugar.

— Por favor, Wilhelmina. — Sussurro e a vejo logo à frente, brilhando na escuridão. Ela passa pela última porta. Eu tento virar a maçaneta, mas está emperrada por conta da ferrugem. Kartik bate com o ombro nela, mas não consegue nem movê-la.

— Afastem-se. — Fowlson diz. Ele abre sua faca e a enfia na fechadura, movimentando-a até que a porta cede um pouquinho. — Ele disse que eu era bom com a faca.

— E você é mesmo, senhor Fowlson. Obrigada. — Eu abro a porta. Ela range como se estivesse com raiva por ter sido acordada. A sala está escura. A única fonte de luz vem de uma pequena janela que nos dá uma visão do Tamisa e dos barcos; o que eu achei ser uma pintura de barcos na imagem do livro. Não há duvidas: este é o quarto de minhas visões.

— Que lugar é esse? — Fowlson pergunta, tossindo por causa da umidade.

— Nós estamos prestes a descobrir. — Digo — Algum de vocês tem fósforo?

— Fowlson puxa uma caixinha do bolso de seu casaco e a dá para mim. Eu risco um, adicionando o cheiro de enxofre aos outros já presentes. O fósforo se acende e, na súbita claridade, vejo a mesa e um lampião coberto por teias de aranha. Ainda há um pequeno pedaço de vela ali. Eu acendo-a e levanto a lanterna, enchendo o quarto de luz.

— Caramba. — Fowlson arqueja.

As paredes. Elas estão recobertas por palavras. E, no centro, está um desenho da Arvore de Todas as Almas, com corpos balançando-se de seus galhos.

As marcas estão desgastadas pelo tempo, mas leio o que consigo.

— Eu enxergo na escuridão. Ela virou a árvore. Elas são uma só. Seu nobre poder está corrompido.

— *Ela enganou a todas nós*. — Kartik lê. — *Um monstro*.

— *A mais amada entre todas nós, não mais amada*. *Minha irmã, morta*. — Leio. Eu olho fixamente para a árvore. — Eugenia. — Sussurro.

Fowlson se coloca atrás de mim.

— Você está dizendo que Eugenia Spence virou... aquilo?

— A chave guarda o segredo. Foi isso que ela disse. E eu estou pronta para saber agora. — Coloco minhas mãos na parede e chamo Wilhelmina. — Mostre-me.

O brilho do lampião se intensifica, as paredes somem e eu estou nas Terras Invernais, na noite do incêndio. Um vento forte sopra a areia negra e a neve. Um enorme rastreador em uma capa negra tão longa quanto o roupão da Rainha segura fortemente o braço de Eugenia Spence. Ela está de joelhos quando joga o amuleto para minha mãe.

— Você precisa fechar os reinos! Vão, agora! Rápido!

Obedientemente, minha mãe arrasta Sarah para a Ala Leste e Eugenia começa seu feitiço para trancar os reinos.

O rastreador paira sobre ela.

— Você não pode nos prender aqui tão facilmente, Sacerdotisa. Só por que você nos rejeita, não quer dizer que nós não existamos. — Ele bate no rosto dela com força, fazendo-a cair. O sangue dela respinga pelo gelo e pela neve como as pétalas de uma papoula moribunda. E ela está com medo.

Outro rastreador chega.

— Mate-a! — Ele rosna, expondo seus dentes afiados.

— Faça isso e nós teremos sua mágica, mas não a mágica do Templo! Nós ainda não teremos nada em comum com o mundo delas. — O primeiro rastreador replica.

— Nós não te sacrificaremos. Ainda não. Você nos ajudará a invadir o outro mundo.

Eugenia se levanta cambaleante.

— Eu nunca farei isso. Vocês não me corromperão. Minha lealdade não pode ser questionada.

— O que quer que não possa ser questionado é mais valioso. — O rastreador sorri. — Para a árvore.

Eles a arrastam até a Árvore de Todas as Almas. Não é tão majestosa quanto a que eu vi. Uma das criaturas invernais faz um corte na mão de Eugenia. Ela grita pela dor e, depois, de horror, quando percebe o que eles querem fazer com ela. Mas seus gritos são inúteis. As criaturas fazem o sangue dela cair sobre as raízes da Árvore de Todas as Almas e, em poucos segundos, os galhos estão passados sobre suas pernas e tronco.

— Quando seu sangue é derramado, ela precisa se juntar a árvore.

As raízes continuam sua marcha, devorando Eugenia, e então, ela é parte da árvore, sua alma unida a ela.

— Me soltem, por favor. — Ela implora em um sussurro.

Vejo Eugenia presa dentro da árvore, sua mente sendo destruída ao longo dos anos. Vejo o primeiro dia em que ela pediu um sacrifício às criaturas e um minúsculo risco vermelho

cortar as nuvens das Terras Invernais.

Admiradas, as criaturas curvam-se perante ela.

— Nós estamos perdidos e precisamos de um líder. Uma mãe. Você nos guiará?

Os galhos da árvore se esticam e rodeiam as criaturas das Terras Invernais como braços protetores. A voz de Eugenia flutua para fora da árvore como uma canção.

— Sim... sim...

A névoa fica mais densa. A árvore fala novamente.

— Há alguém que está chegando e ela guarda um grande poder dentro de si. Ela nos dará aquilo que queremos.

— Nós derramaremos o sangue dela na árvore! — Um rastreador grita sobre o barulho dos aplausos.

— Mas, primeiro, eu preciso preparar o caminho para nossa volta. — A árvore diz.

A cena passa para o salão de música. Wilhelmina escreve em sua lousa: *Vocês devem restaurar a Ala Leste e tomar os reinos novamente. A Ordem deve triunfar.*

Lágrimas de felicidade escorrem pelas bochechas de Wilhelmina enquanto ela recebe a mensagem de sua amada Eugenia. Ela a mostra para McCleethy e as duas colocam o plano em ação. Por que, como a Ordem poderia ignorar uma mensagem de sua querida Eugenia?

Mas Wilhelmina enxerga na escuridão e, logo, ela sabe a verdade. Eu estou de volta ao quarto, assistindo Wilhelmina escrever sua desesperada mensagem nas paredes. E, quando o conhecimento é grande demais para suportar, ela desliza a agulha para debaixo de sua pele e afunda no esquecimento. Eu a vejo tentando avisar a Ordem através de cartas e suplicas, mas seu medo misturado à cocaína a deixam cada vez mais instável; ela as assusta e elas a repudiam. E quando ela escreve seu livro — uma última e desesperada tentativa de atingi-las — elas a vêem como uma traidora mentirosa.

Perdida na droga, Wilhelmina faz um ultimo esforço. Ela esconde a adaga em sua lousa e sai para a noite fria. Sua mente está desgastada e ela vê assombrações — rastreadores e monstros — em todas as sombras. Uma carruagem atravessa a rua fazendo um grande estardalhaço e, na cabeça dela, é algo espectral. Ela corre para o cais, onde escorrega, bate a cabeça no embarcadouro e cai para dentro do Tamisa. E quando os ribeirinhos devolvem seu cadáver à água, a escuridão que Wilhelmina tanto temia a cerca completamente, mas ela já não se importa mais. Ela afunda no mar lentamente e eu a sigo.

Eu me liberto da visão com um alto e longo arfar. Kartik está ao meu lado, acariciando meu cabelo. Ele parece preocupado.

— Você esteve em transe por horas. Você está bem?

— Horas? — Ecôo. Minha cabeça dói.

— O que você viu?

— Eu preciso de ar. Preciso respirar. — Digo, sem fôlego. — Lá fora.

Do lado de fora, no cais, o ar úmido que vem do rio bate em meu rosto e eu me sinto bem novamente. Eu conto tudo a eles.

— Ninguém matou Wilhelmina. — Digo, olhando para os barcos sacolejando sobre a

água. — Foi um acidente. Ela escorregou, bateu a cabeça e se afogou. Estúpida, estúpida. — Eu posso até estar falando de mim mesma. Eu deixei todas as evidências escaparem.

Não, ainda não. Eu ainda posso impedi-la. Ainda há tempo.

— Senhor Fowlson. — Digo. — Nós precisamos partir para Spence agora mesmo. Quão rápido você pode nos fazer chegar lá?

Ele me dá um grande sorriso.

— Quão rápido você quiser.

— Vamos logo, então. — Digo.

Nós corremos até a carruagem, que, graças a Deus, ainda está lá, e o Sr. Fowlson acelera para o leste, em direção a Spence.

— Amar tentou me avisar. — Digo a Kartik.

— Gemma, ele se perdeu. Não precisa...

— Não, ele tentou. *Cuidado com o nascimento de Maio*. Era um aniversário. Wilhelmina tentou me mostrar a lápide. Eugenia Spence nasceu dia seis de Maio. E isso é amanhã.

Kartik olha para o sol nascendo do outro lado da janela da carruagem.

— Isso é hoje.

63

JÁ É DIA QUANDO SPENCE FICA À VISTA, elevando-se da terra bem verde como uma miragem. Uma tempestade se aproxima do leste. O vento é demoníaco, açoitando as folhas das árvores. Ao longe, uma sombra escura se assenta no céu como um gato sobre suas ancas pronto para saltar. As primeiras gotas de chuva começarão a cair. Elas deixam feias marcas molhadas em meu vestido.

Não paro nem mesmo para tirar as luvas. Irrompo pela escola, em busca de Felicity e Ann. Eu conto-lhes tudo e peço a elas que esperem por mim. Então vou em busca da Sra. Nightwing. Eu a encontro na cozinha, instruindo Brigid em assuntos domésticos.

— Senhorita Doyle! Não a esperávamos. Como está seu pa…

— Sra. Nightwing, por favor, preciso falar com você no salão. É muito urgente. Peço a presença da senhorita McCleethy também.

A exigência do meu tom obtém atenção total da Sra. Nightwing. Ela nem sequer me repreende por minha falta de modos. Momentos depois, ela entre no salão com a senhorita McCleethy a reboque. Senhorita McCleethy empalidece ao ver Fowlson.

— Senhor Fowlson. Que surpresa.

— Sahirah. Você deveria escutá-la — diz ele.

— Eu sei sobre o plano secreto para reconstruir a Ala Leste e entrar nos reinos novamente. O plano que Eugenia Spence encomendou a você — digo.

A senhorita McCleethy se senta como se tivessem ordenado. Sua expressão é de choque.

— Ela lhe disse que se construíssem a torre, seria capaz de conectá-la à porta secreta e entrar nos reinos novamente. Porém eu já abri a porta.

Os olhos da senhorita McCleethy se arregalam. Sra. Nightwing olha de McCleethy para mim, Kartik e Fowlson, como se esperasse que alguém lhe desse uma explicação.

— Não importa que eu fosse a primeira a entrar; o plano era um mentira. Eugenia te traiu. 'Ela é uma impostora'; isso é que Wilhelmina disse. Ela tentou te avisar, mas você a achava uma mentirosa, — eu digo, andando diante da lareira. — Eugenia esteve aliada com as criaturas o tempo todo. Ao restaurar a Ala Leste, o selo entre os dois mundos se quebrou, e minha magia deu-lhes poder. Ela não pretendia lhe dar a maneira de entrar nos reinos; o que

ela pretendia era dar àquelas criaturas acesso ao nosso mundo.

Sra. Nightwing ofega.

— Isso não é possível.

— Wilhelmina tentava me dizer. Eu tinha visões dela. Tanto ela quanto Amar me disse para tomar cuidado com o nascimento de maio,e eu pensei que se referia ao primeiro de maio, mas ela queria que eu tomasse cuidado com *alguém* que nasceu em maio. Ela queria dizer Eugenia Spence. Eugenia a traiu. Traiu a todos nós. Eu sei que estou soando como uma lunática, mas estou dizendo a verdade.

A Senhora Nightwing parece como tivesse sido golpeada. Medo passa rapidamente por seu rosto.

— Você pretende sugerir que Eugenia Spence, uma das maiores sacerdotisas que a Ordem já conheceu, traiu suas próprias irmãs? — A senhorita McCleethy me encara com um olhar assassino. Eu lhe arranquei seu deus e ela poderia me matar por isso.

— Por que razão ela faria isso? — Sra. Nightwing pergunta.

Respiro fundo para me acalmar.

— Há um lugar nas Terras Invernais… A Árvore de Todas as Almas. Já ouviram falar dela?

— Eu ouvi falar dela, sim. É uma lenda, um mito — Senhorita McCleethy diz colericamente. — As criaturas não têm fonte de energia própria. É por isso que eles tentaram tirar a magia do Tempo…

— Ouça-me, por favor, — eu imploro. — Você está errada. Eles…

— A própria Eugenia nos disse que não era real! — senhorita McCleethy insiste.

— Porque ela a temia! — grito. — Por isso ela queimou os desenhos de Wilhelmina. Por isso negava sua existência. Mas garanto a vocês que ela sem dúvida é real! Eu a vi.

— Você esteve nas Terras Invernais — sussurra a Sra. Nightwing. Ela está pálida como um fantasma.

A expressão da senhorita McCleethy é de pura fúria.

— Sua estúpida! Menina estúpida!

— Talvez, se a Ordem não temesse as Terras Invernais, se eles não tivessem proibido seu acesso durante todos esses anos, vocês saberiam mais sobre elas!

— Sabemos o que precisamos saber sobre as Terras Invernais e aquelas criaturas obscenas: que elas devem ser controladas ou destruídas.

— Nunca as destruirão. Não é possível. As criaturas estão alimentando a árvore com almas; as almas dos mortos e dos vivos. Elas têm entrado no nosso mundo através da porta secreta e os têm levado para lá. Foi o que aconteceu com os homens de Miller, com os acrobatas, com Ithal. Eles foram levados! Aquelas coisas horríveis que eu vi... Pensei que estava enlouquecendo. Eugenia me disse que vocês me fariam ver coisas, ilusões, que me levariam a pensar que eu estava louca, e eu acreditei nela.

— Você *está* louca! — rosna McCleethy, erguendo a voz.

Fowlson estende a mão.

— Sahirah, e se…

Os olhos dela flamejam.

— Não. — E Fowlson, o valentão, se cala como outrora fez aquele menino assustado na cozinha de sua mãe. — Eugenia Spence foi o membro da Ordem mais leal que já existiu! E você é a filha de quem quase a matou. Por que eu deveria acreditar em você?

Suas palavras ferem, mas não tenho tempo para isso.

— Porque estou te dizendo a verdade. Quando Eugenia se sacrificou por Sarah e Mary, elas ofereceram sua alma para o deus delas, a árvore. Ela se tornou uma parte dela; seu poder se uniu ao seu. E ao longo do tempo, se tornaram algo novo, algo extremamente poderoso. Ela já não é o que era. Ela não é a Eugenia que você conheceu.

— Sahirah, você disse que seria seguro — a Sra. Nighwing sussurra.

— Lillian, ela inventou essa história. É ridículo! Eugenia Spence!

— Você está tão desesperada para ter razão, para não admitir nenhum erro, que seria capaz de ignorar meu aviso? — digo.

— Senhorita Doyle, por que não admite a verdade; que você está relutante a compartilhar o poder, e que faria qualquer coisa para mantê-lo? — McCleethy volta-se para Fowlson. — E como você pôde acreditar nela?

Fowlson baixa o olhar. Ele brinca com seu chapéu nas mãos.

O olhar da senhorita McCleethy é gelado.

— Demos-lhe a chance de se unir a nós, senhorita Doyle. Você rejeitou. Pensa que uma menina iria nos impedir?

É uma pergunta retórica, então não digo nada.

— Nossos planos vão continuar, com ou sem você.

— Por favor — digo, minha voz rouca. — Por favor, acredite em mim. Eles precisam da minha magia para completar seu plano. Pretendem me sacrificar hoje, seis de maio… o aniversário de Eugenia. Temos que encontrar uma maneira de detê-los.

— Já ouvi o suficiente — senhorita McCleethy levanta-se.

Um lampejo de preocupação passa no rosto de Nightwing.

— Talvez nós…

— Lillian, lembre-se bem de qual é seu lugar.

Eu nunca ouvi alguém falar de tal maneira com a Sra. Nightwing. Espero que ela me dispense, que volte a ser a mesma Sra. Nightwing de sempre: imperiosa, dominante, e que jamais se equivoca.

— Sahirah... — Folwson diz enquanto segue sua amante para fora. Eu os ouço discutindo em sussurros acalorados do outro lado da porta, os murmúrios da senhorita McCleethy soam duros e rápidos, e os de Fowlson vagarosos e defensivos.

— Eu não sou da Ordem — explica a Sra. Nigthwing para Kartik e eu. — Meu poder não evoluiu, sabem. Ele se desvaneceu depois de uns poucos meses. Eu não estava destinada a prosseguir. Deixei Spence para viver afastada da Ordem, para me casar. E quando o poder da Ordem também desvaneceu, voltei para ajudar. Escolhi levar uma vida de serviço. Não há

nenhuma vergonha nisso. — Ela se levanta. — As mulheres lutaram e morreram para manter a santidade dos reinos. Talvez você apenas devesse ceder um pouco.

As saias da senhora Nightwing agitam-se resolutamente pelo chão, e em seguida Kartik e eu somos os únicos ali. Logo a manhã se abrirá para a tarde. O Crepúsculo chegará. E então a noite.

Felicity e Ann entram apressadamente, sem fôlego.

— Estávamos escutando da porta mais cedo — Ann explica. — Antes que McCleethy nos enxotasse dali.

— Então vocês já sabem que eles não acreditam em mim. Acham que estou louca, que sou uma mentirosa como Wilhelmina Wyatt — digo. — Estamos por nossa conta.

Felicity põe a mão no meu ombro.

— Talvez você esteja errada sobre isso, Gemma.

E por uma vez, sinceramente espero estar. Pois se eles vierem, não sei como os deterei.

64

A CHUVA COSPE SUA FÚRIA CONTRA NOSSAS JANELAS. O persistente uivo de um vento, uma suplica animal que deixa a noite entrar. Felicity e Ann começaram de má vontade um jogo de *tiddledy-winks*[78] para manter os nervos sob controle. Elas acertam os discos coloridos uns nos outros, mas nenhuma das duas marcam pontuação. Precisamente do lado de fora, na frente e atrás, Kartik e Fowlson guardam vigília. Senhorita McCleethy está furiosa por isso, mas a Sra. Nightwing insistiu, e me alegro por isso. Eu gostaria que o Inspetor Kent estivesse aqui, mas ele levou Mademoiselle LeFarge a Londres para visitar sua família.

Espreito o vento furioso pelas janelas. Meu chá permanece intocado. Estou muito inquieta para bebê-lo. Brigid está na grande poltrona ao lado do fogo, regalando as meninas mais jovens com histórias, que elas devoram, implorando por mais e mais.

— Você já *viu* duendes, Brigid? — uma das meninas pergunta.

— Aham — Brigid diz bem séria.

— Eu também já vi duendes — uma menina com cachos escuros diz com os olhos arregalados.

Brigid ri como uma tia indulgente.

— Ah é, amor? Estavam roubando seus sapatos ou murchando seus biscoitos?

— Não. Eu os vi ontem a noite no gramado de trás.

Os pelos dos meus braços se levantam tão rapidamente quanto um incêndio.

Brigid franze o cenho.

— Você está dizendo bobagens.

— Não é bobagem! — a criança insiste. — Eu os vi ontem a noite da minha janela. Eles me convidaram para brincar.

Engulo em seco.

— Como eles eram?

---

[78] É conhecido aqui como "Jogo da Pulga". Esse jogo é muito praticado na Europa, principalmente na Inglaterra. Ele consiste em pressionar uma ficha com outra, fazendo com que esta salte para um determinado alvo, o gol, que seria um recipiente feito de vidro, madeira, plástico ou até papelão, sobre uma superfície lisa coberta por um tecido. É semelhante ao futebol de mesa/de botão.

Brigid faz cósquinhas na menina.

— Oh, vamos! Você esta contando histórias para sua velha Brigid!

O rosto da senhora Nightwing mostra autêntico medo. Inclusive a senhorita McCleethy está ouvindo com interesse.

— Eu juro — a garota diz muito séria. — Juro por minha vida, eu os vi; cavaleiros em mantos negros. Seus pobres cavalos eram tão inertes e sem cor. Eles me convidaram a descer e cavalgar com eles, mas eu estava muito assustada.

Ann agarra minha mão. Posso sentir seu medo pulsando sob a pele.

Alarme rasteja na voz da Sra. Nightwing.

— Você disse que isso foi ontem à noite, Sally?

— Lillian — adverte senhorita McCleethy, mas a senhora Nightwing a ignora.

A garotinha acena veementemente.

— Eles tinham um dos atores com eles. O alto e engraçado, o que era um pouco estranho. Eles disseram que voltariam esta noite.

O vento uiva, tilintando minha xícara de chá em seu pires.

— Sahirah? — o rosto da Sra. Nightwing tornou-se cinza.

A Senhorita McCleethy não vai deixar que a história pegue fogo entre as meninas; ela vai extingui-lo, assim como Eugenia fez há muito tempo atrás.

— Ouça-me, Sally. Foi apenas um sonho. Só isso. Um sonho muito ruim.

A garotinha balança a cabeça.

— Foi real! Eu os vi.

— Não, não viu — diz Brigid. — Os sonhos são esquisitos assim mesmo.

— Suponho que poderia ser um sonho — diz a pequena. Eles a fizeram duvidar, e é assim como se faz; assim é como chegamos a duvidar do que sabemos ser verdadeiro.

— Esta noite você tomará um belo copo de leite morno e nenhum sonho a incomodará — senhorita McCleethy assegura a ela. — E agora Brigid tem que ir a cozinha cumprir com suas obrigações.

Em meio a protestos das meninas para que lhes contasse só mais uma história, Brigid se apressa para fora do salão.

— Gemma? — Ann pergunta, sua voz tensa de medo.

— Não acho que estou errada, afinal — sussurro. — Tenho certeza que as criaturas das Terras Invernais estiveram aqui. Acho que estão voltando.

A senhora Nightwing me leva para um lado.

— Eu sempre fui leal e cumpri as ordens. Mas temo que você esteja certa sobre a porta, senhorita Doyle. Estas são minhas meninas, e eu devo tomar todas as precauções. — Ela dá leves batidinhas em seu pescoço com um lenço. — Não podemos deixá-los entrar.

— Os Ciganos já se foram? — pergunto.

— Essa manhã eles estavam recolhendo suas coisas para irem — responde minha diretora. — Mas não sei se eles se foram.

— Envie Kartik ao acampamento para buscar Mãe Elena — digo. — Talvez ela saiba

como ajudar.

Momentos depois, Kartik ajuda uma frágil e desgastada Mãe Elena a entrar na cozinha.

— A marca deve ser feita com sangue — diz ela. — Vamos trabalhar rápido.

— Não estou ouvindo isso — Fowlson rosna.

— Ela está tentando nos ajudar, Irmão — diz Kartik.

Fowlson se empertiga para frente, zombeteiro, e trás de volta seu velho eu.

— Eu não sou seu irmão. Sou um autêntico representante dos Rakshana, não um traidor.

— Um autêntico bandido você quer dizer — retruca Kartik.

Fowlson dá uns passos para frente até que ele e Kartik estão cara a cara.

— Eu deveria acabar o que comecei com você.

— Quando quiser — cospe Kartik.

Eu me interponho entre eles.

— Senhores, se sobrevivermos a esta noite, haverá tempo de sobra para o pequeno combate de boxe de vocês. Mas, como temos assuntos mais importantes a atender do que ter vocês dois se encarando, teremos de colocar de lado nossas diferenças.

Eles recuam, mas não antes que Fowlson tenha a última palavra.

— Aqui sou que está no comando.

— Realmente, Hugo — a senhorita McCleethy repreende.

— Hugo? — eu digo com os olhos arregalados. Vejo um sorriso puxando nos lábios de Kartik.

O rosto de Fowlson se obscurece.

— Você me prometeu que não me chamaria assim.

— Os mortos vêm. Eles vêm, eles vêm... — murmura Mãe Elena nos trazendo de volta à terrível tarefa que temos em mãos.

— Como podemos mantê-los de fora? — pergunto.

— Marque as portas e janelas, — ela diz. — E ainda assim, pode não ser suficiente.

— É impossível marcar todas as portas e janelas — digo.

— Faremos o que pudermos — diz Kartik.

Mãe Elena nos manda misturar sangue de galinha e cinzas, que ela derrama em tigelas e dá para todos nós. Quando as portas da grande sala se abrem, entramos rapidamente, nossos rostos sombrios com um propósito. As garotas arfam ao ver a Mãe Elena e Kartik conosco, fascinadas pela velha cigana resmungando para si mesma, e pelo belo e proibido jovem ao seu lado.

— O que está acontecendo? — pergunta Felicity.

Ann olha para dentro da tigela de sangue e cinzas em minhas mãos.

— O que é isso?

— Proteção — eu digo empurrando a tigela para ela. — Siga as instruções da Mãe Elena.

Nós nos dispersamos ao longo dos lados do salão, nos movendo rapidamente de janela em janela, verificando cada uma das travas. Mãe Elena mergulha seu dedo em uma pequena chaleira de metal. Ela se apressa tanto como pode, pintando cada janela com cinzas

sangrentas, indo de uma a outra. Senhora Nightwing, Ann, Felicity, Kartik, e eu fazemos o mesmo. Com uma mão, Brigid enfia minúsculos ramos de folhas de sorveira nos peitoris, e com a outra se aferra a sua cruz.

As meninas olham com fascinação mórbida.

— Brigid, o que você está fazendo? — uma garota com uma longa fita rosa no cabelo pergunta.

— Nada com que se preocupar, querida — responde.

— Mas, Brigid…

— É um jogo — digo brilhantemente. Brigid e eu trocamos olhares.

As meninas batem palmas de excitação.

— Que tipo de jogo?

— Esta noite, vamos fingir que os duendes estão chegando. E para mantê-los afastados, nós temos que marcar todas as portas e janelas — eu respondo.

Brigid não diz nada, mas seus olhos estão arregalados como pires. As meninas gritam em deleite. Elas também querem jogar.

— O que é isso? — Elizabeth olha para a tigela e enruga o nariz. — Parece sangue.

Martha e Cecily torcem o nariz.

— Realmente, Sra. Nightwing. Isto é anticristão — Cecily funga.

As meninas menores estão fascinadas. Elas gritam: "Deixe-me ver! Deixe-me ver!"

— Não sejam ridículas — a Sra. Nightwing repreende. — Isso nada mais é do que xerez e melaço.

— Não cheira como melaço ou xerez — queixa-se Elizabeth.

Brigid despeja a mistura suja em pequenos copos.

— Aqui, todas ajudarão.

As meninas pegam os copos duvidosamente. Cheiram a mistura e se afastam com narizes enrugados e lábios franzidos. Mas cada uma obedientemente pinta a marca em uma janela e logo, se torna uma alegre competição para ver quem marca mais. Elas riem e se empurram para conseguir um lugarzinho. Porém, gotas de suor aparecem na testa de Brigid. Ela as enxuga com as costas da mão.

Com a ajuda de todos, selamos e marcamos todas as portas e janelas. Agora tudo o que podemos fazer é esperar. O crepúsculo abre caminho rapidamente para a noite. Os tons rosa e azuis do dia mudam primeiro para cinza, então para índigo. Não posso fazer a luz permanecer. Não posso conter a escuridão. Nós fitamos a noite impetuosa. As luzes de Spence nos encobertam as sombras dos bosques.

O ar está silencioso como a morte. É quente, e umedece a minha pele. Puxo a gola do vestido. Às nove horas, as meninas mais jovens começaram a cansar de esperar os duendezinhos aparecerem. Elas bocejam, mas Brigid lhes diz que temos que continuar juntas no salão até depois da meia noite — faz parte do jogo — e elas aceitam ficar. As meninas mais velhas compartilham olhares de reprovação pelo fato de ter ciganos em nosso meio. Elas mexericam durante seus trabalhos de costura, dão pequenos pontos para acompanhar sua

conversa fiada. Estou alerta e com medo. Cada som, cada movimento me aterroriza. São eles? Vieram por nós? Mas não, é apenas o ranger do assoalho, o sibilo do lampião.

A Sra. Nightwing tem um livro nas mãos, mas não está lendo nada dele. Seus olhos disparam das portas para as janelas enquanto observa e espera. Felicity e Ann jogam uíste[79] na tenda de Felicity, mas estou muito agitada para me juntar a elas. Em vez disso, eu seguro a mão de Mãe Elena e continuo a olhar para o relógio sobre a cornija da lareira, como se eu pudesse adivinhar o futuro através dele. Dez horas. Dez e quinze. Dez e meia. Será que este dia passará sem incidentes? Eu errei outra vez?

O ponteiro dos segundos se move. Aos meus ouvidos soam como o disparo de um canhão. Três, *boom*, dois, *boom*, um. Às onze horas, a maioria das meninas já dorme. Kartik e Folwson vigiam constantemente as portas fechadas, parando ocasionalmente para encarar um ao outro. Ao meu lado, Mãe Elena caiu em um sono irregular.

Aqueles de nós ainda acordados, sentam-se retos, alertas ao perigo. Sra. Nightwing deixa o livro na ponta da mesa. Brigid se agarra as contas do seu rosário. Seus lábios se movem em uma oração silenciosa. Os minutos tiquetaqueiam ao passar. Cinco, dez, quinze. Nada. Lá fora, a escuridão é silenciosa, imperturbável. Onze e meia. Apenas meia hora antes do dia terminar. Minhas pálpebras haviam começado a ficar pesadas. Estou deslizando sob o feitiço do sono. O ritmo do relógio facilita meu descanso. *Click. Click. Cli*...

Silêncio.

Meus olhos se abrem bruscamente. O relógio na cornija parou. O salão é tão silencioso como um túmulo. Kartik saca sua adaga.

— O que é? — sussurra Brigid.

A senhora Nightwing a manda calar-se.

Eu os ouço também — fracos sons de cavalos lá fora, no gramado. O áspero grasnar de um corvo. A cor desaparece do rosto da senhora Nightwing. Mãe Elena se agita de seu sono. Ela agarra minha mão com força.

— Eles chegaram — diz.

[79] N/T: Uíste ou Whist é um jogo de cartas, e é similar ao jogo de copas.

65

O LUGAR PERMANECE EM UM SILÊNCIO SOBRENATURAL. Meu lábio superior está cercado de suor. Seco com a mão tremendo.

— Não podem entrar — sussurra Brigid. — Marcamos todas e cada uma das portas e janelas com um selo protetor.

— Tem um grande poder e não vão parar até que consigam o que desejam — diz

Mãe Elena sem deixar de me olhar.

— Não tiremos conclusões precipitadas — intervém a senhorita McCleethy. — Um cavalo. Um corvo. Pode ser que não seja nada.

— Você prometeu que aqui não teria perigo algum — diz uma vez mais a senhora Nightwing, quase para ela mesma.

— Não estou certa de que haja algum perigo, exceto para o que aconteceu na mente da senhorita Doyle.

Volto a escutar lá fora os sons de cavalos inquietos, de pássaros.

— O que é isso? O que está acontecendo? — pergunta Elizabeth ainda meio que dormindo.

— Senhora Nightwing, podemos ir para a cama agora, por favor? — pergunta uma das garotas.

— Shhh! — diz a senhora Nightwing. — Nosso jogo não acaba até depois da meia-noite.

— Senhor Fowlson, pode ir olhar? — pergunta a senhorita McCleethy.

Assente e o senhor Fowlson dá uma olhada por trás da cortina. Dá meia volta e nega com a cabeça.

— Nada.

Brigid suspira aliviada. Faz muito calor na habitação.

— Não nos moveremos desta sala até depois da meia-noite — sussurra a senhora Nightwing. — Para nos assegurarmos. Depois... — Cala-se e franze o cenho.

— O que foi? — pergunta Felicity.

A senhora Nightwing está olhando para a coluna que está no meio da sala.

— Se... se moveu.

Meu coração acelera. Instintivamente, retrocedo. O chiado da lamparina fica mais forte.

As chamas tremem em sua jaula de cristal como se elas também tivessem medo. Observamos com atenção, em busca de algum som que a delate. Escuto a cadência irregular da nossa respiração. Os arranhões dos galhos contra os vidros. O chiado e o estralo das lamparinas, que formam uma estranha sintonia de terror. Ante nossos olhos, as criaturas das colunas se estiram e empurram suas silhuetas de pedra para fora.

Brigid está com os olhos completamente abertos, horrorizados.

— Deus do céu...

A ninfa é a primeira a se liberar. Cai no chão com um sonoro *plop*, como um inseto recém-nascido. No entanto, consegue levantar-se rapidamente.

— Olá, queridos. — sibila. — Está na hora do sacrífício.

As outras começam a se liberar; um punho aqui, um pé ali.

Seus múrmurios se transformam em um coro arrepiante.

— *É a hora do sacrífício, sacrífício, sacrífício...*

O lugar se ilumina ao ponto de que meus olhos doessem. Dentro das lamparinas as chamas se expandem. Pressionam contra o cristal e lambem suas paredes. Com um grande rugido, as lamparinas explodem com gritos. As chamas sobem furiosas ao longo das paredes e nos fazem nos assemelhar com as aparições do espetáculo da lanterna mágica. No entanto, o que vejo sair da coluna não é nenhuma ilusão. As criaturas já não estão aprisionadas ali. Adquirem forma na sala, sibilando e rindo.

— *Nosso sacrífício...*

— Senhora Nightwing! — gritam duas meninas quando um sátiro faz um movimento para agarrá-las e erra por pouco.

— Corram! Corram para mim! — grita a senhora Nightwing por cima do barulho, e as pequenas correm até ela.

— Maldição! — Fowlson exclama sobrecarregado enquanto uma horrível besta alada desce sobre o lugar.

— Hugo! As meninas! — grita a senhorita McCleethy.

De imediato, Fowlson agarra as meninas que estão mais perto dele e as empurra contra as portas maciças do grande salão para afastá-las da coluna.

Kartik agarra minha mão e me afasta no preciso instante em que a ninfa tenta me pegar. Pego o atiçador da chaminé e o uso como uma espada para afastá-la. Brigid reza o rosário em voz alta enquanto empurra as garotas até levá-las para a relativa segurança do vestíbulo.

— Gemma! Vamos!

Felicity e Ann me fazem sinais do vestíbulo. Kartik e eu ainda temos que atravessar todo o salão. Ele tem seu punhal em mãos, e eu o atiçador.

— Gemma, a sua direita! — grita.

Viro para a esquerda e a besta alada me agarra pelos cabelos com suas garras.

— Ahhh! — grito.

Viro-me rapidamente e cravo o atiçador nele. Machucado, retrocede e Kartik me arrasta até as portas. Ao atravessá-las, as fechamos de uma vez com a ajuda do peso de nossos

corpos.

Ann pega um guarda-chuva de um porta guarda-chuvas e o coloca entre as maçanetas das portas. Eu coloco o atiçador no outro lado.

— Eu disse... a sua direita — diz Kartik, ofegando.

— Santa Maria, Mãe de Deus — murmura Brigid.

A maioria das meninas se agarram a sua saia. Choram e se queixam e dizem que não querem voltar a jogar esse jogo nunca mais.

— Vamos, vamos — diz Brigid, tentando oferecer um consolo inexistente.

Cecily, Martha e Elizabeth se encolhem de medo e seus gritos se unem a um longo lamento.

— Gemma! Usa sua magia! Entregue-a para que possamos lutar contra elas! — roga Felicity.

— Não! — uiva Mãe Elena. — Não deve. Agora já não pode confiar em sua magia. Não há equilíbrio! — ela pica seu dedo e usa seu sangue para marcar a porta. — Não aguentará muito, mas ao menos nos dará mais tempo.

— O que faremos agora? — pergunta Ann.

— Continuar juntos e continuar com vida — responde Kartik.

***

O vestíbulo está escuro. Todas as lamparinas se apagaram. A senhora Nightwing e a senhorita McCleethy acendem os candelabros; suas sombras longas dançam endemoniadamente nas paredes.

— A capela. Lá estaremos seguros. — diz a senhora Nightwing enquanto observa duvidosa as portas.

Jamais a vi tão assustada.

— Não devemos sair daqui — responde Kartik. — Isso é o que querem. Poderiam estar nos esperando.

As garotas estremecem e protestam enquanto se juntam umas contra as outras em busca de proteção.

— O que está acontecendo? — pergunta Cecily entre lágrimas.

A senhora Nightwing responde com o mesmo tom de voz que emprega quando nos ordena que coloquemos os casacos e comamos nabo.

— É parte do nosso jogo de duendes — diz.

— Não queremos mais jogar — choraminga Elizabeth.

— Vamos, vamos. Tem que ser valente. Só é um simples jogo, a mais valente ganhará um prêmio — diz nossa diretora.

A senhora Nightwing não é uma mentirosa nata, mas, às vezes, uma má mentira é melhor do que não ter nada para se agarrar. As garotas assustadas querem acreditar.

Eu sei por seus rápidos assentimentos de cabeça.

As criaturas trancadas no salão começam a golpear a porta e as garotas voltam a gritar.

Através da madeira começam a se ver dentes afiados; colocaram mãos à obra e estão destruindo um lado da porta.

— Não podemos ficar aqui com essas coisas — digo para Kartik e para Nightwing.

— Sigam-me para a capela, garotas! — diz a senhorita McCleethy, comandando.

— Espere! — Exclama Kartik, inutilmente.

Produz-se outra sacudida no interior do salão e as garotas começam a correr para a senhorita McCleethy. Pegam na mão de Brigid e Fowlson. Formam uma fila serpenteante, e seguem a senhorita McCleethy como se fosse a flautista de Hamelin, e meus amigos e eu vamos após ela.

Eu já atravessei o jardim da Academia e os bosques centenas de vezes, mas nunca me pareceu tão assustador como agora, com apenas uma luz procedente da vela da senhora Nightwing e nossa debilitada coragem de iluminar o caminho. O ar está tão calmo que fica sufocante. Gostaria que minha mãe estivesse aqui. Gostaria que Eugenia tivesse solucianado tudo isto há vinte anos atrás. Queria que nada disto tivesse acontecido. Gostaria que seu peso não tivesse recaído em mim depois de tão estrepitoso fracasso.

Ao chegar nos bosques meu temor aumenta. Uma fina camada de gelo cobre a terra. As flores estão murchas, asfixiadas em seus próprios talos. Sob a tênue luz se distingue nosso hálito.

— Estou com frio! — diz uma das garotas e Brigid a faz se calar.

Kartik levanta uma mão. Contemos a respiração e escutamos.

— O que está acontecendo? — sussurra Fowlson.

Kartik faz um gesto com a cabeça para um arvoredo. As sombras se movem. Tateo com a mão, em busca de um tronco de árvore, e me cobre de gelo. Escuta-se uma respiração por trás da árvore. Desvio a vista até o som. O nariz de um cavalo aparece por trás de um elevado abeto. Suas fossas nasais expelem vapor. Há algo estranho nesse animal. É como se eu pudesse ver seus ossos brilhando sobre a pele. Move-se para frente e eu distinguo a leve silhueta de um jóquei. Um homem vestido com uma vaporosa capa com um capuz. Se move para mim e afogo um grito. Não vejo seu rosto, só a boca e um vislumbre de dentes afiados. Aponta para mim com um dedo ossudo.

— *O sacrifício...*

O cavalo se empina e seus cascos estão perigosamente sobre minha cabeça e grito com todas as minhas forças.

O grito da senhora Nightwing corta a noite.

— Para a capela! Vamos! Vamos!

O rastreado uiva com raiva quando a senhora Nightwing joga a vela nele. A vela se apaga, e a repentina escuridão fica confusa.

— Gemma!

Noto o pulso da mão de Felicity, forte e segura, empurrando-me para a frente. A senhora Nightwing não consegue seguir nosso ritmo. Nos suplica que continuemos sem ela, mas nos negamos a deixá-la para trás. Felicity e eu a pegamos pelos braços e a puxamos como

podemos. Falta meio quilômetro até a capela. Quinhentos metros sem um lugar onde nos esconder. A névoa aumenta. Seria muito fácil se perder.

Mais jóqueis parecem sair do nada. Trotam por trás de nós, avançando como raios entre as árvores nos lombos de cavalos que não são deste mundo. Ann grita enquanto os cascos de uma das bestas estão prestes a pisoteá-la. Abaixados, corremos para a esquerda, mas eles tomam o mesmo caminho.

Escutam-se uns gritos de cima. Levanto a vista e vejo com as gárgulas descem. Os jóqueis gritam e cobrem seu rosto. Uma das gárgulas cai e um jóquei a pisoteia. Identifico-a como a majestuosa gárgula que me salvou de Ithal.

— Esta é nossa batalha. Corre!

A gárgula aponta para uma brecha na névoa e o caminho que leva para a capela. Não perdemos tempo. Felicity, Ann e eu empurramos as portas da capela e todos se precipitam para dentro por trás de nós. A senhora Nightwing se deixa cair no último banco, ofegando para recuperar o fôlego.

— Fechem... Fechem as portas! — gaguejo.

A capela se escurece e escuto enquanto alguém coloca o ferolho. A senhorita McCleethy corre junto para a senhora Nightwing.

— Lilian, você está bem?

— As garotas, — diz a senhora Nightwing enquanto tenta se levantar. — estão todas a salvo?

Cecily se aproxima.

— Senhora Nightwing, o que está acontecendo? — pergunta com os olhos muito abertos e a voz tremendo.

— Não desmaie — consegue dizer a senhora Nightwing sem vislumbre algum de sua costumeira impassibilidade. — Venha. Vá ver como estão as menores.

Obediente, Cecily faz o que se pede. O que seja para ignorar o crescente pânico, já que nada é o que parece. Já que tem direito a estar assustada. Pois nunca voltará a se sentir segura.

Os gritos e os uivos atravessam os cristais das janelas. Não sei o que acontece aí fora, nem quem ganha.

A senhorita McCleethy se junta a senhora Nightwing no banco com a cabeça entre as mãos.

— Como isso pode ter acontecido?

— Eu disse. Eugenia se tornou parte da Árvore de Todas as Almas. Agora faz parte das Terras Invernais — digo.

A senhorita McCleethy nega com a cabeça.

— Pensei que estava ficando louca. — continuo.

— Lutarão. Virão muito mais — murmura Mãe Elena. — Agora já não estamos a salvo.

— Minhas garotas — murmura a senhora Nightwing. — Tenho que proteger as minhas garotas.

— Tem que haver alguma esperança — diz Ann.

Felicity me olha, me suplica com os olhos que diga algo que melhore a situação, que acabe com tudo isto.

Lá fora, os gritos dos rastreadores se misturam com os grunhidos das gárgulas; os gritos da morte de um bando ou dos dois, resulta difícil de distinguir. As garotas se abraçam umas as outras. Algumas choram, outras se mexem. Estão petrificadas.

— Temos que resolver essa situação. Devemos ir para as Terras Invernais — digo.

Kartik se afasta da porta.

— Não podemos ir para os reinos com todas as criaturas querendo lhe caçar.

— Também não está a salvo aqui — diz Nightwing. — Isto deve acabar.

— Eu me encarregarei disso — continuo. — Mas precisarei de ajuda. A porta secreta está do outro lado do jardim, por trás dos bosques. E, seja como for, temos que chegar até lá.

Felicity dá voltas ao meu redor.

— Está completamente louca! É impossível ir nessa direção!

— Não podemos ficar esperando!

— Talvez as gárgulas nos protejam — diz Ann.

Kartik fica junto a mim.

— Irei com você.

A senhorita McCleethy se levanta.

— A Ordem desterrou os Rakshana dos reinos. Não pode deixá-lo entrar!

— Já fiz isso — respondo, apontando para Kartik com um gesto.

McCleethy nega com a cabeça, incrédula.

— Extraordinário, há algo que você ainda não foi capaz de arruinar, senhorita Doyle? Nossas regras tem terminantemente proibido...

— Não entende? Já não há regras que valham! A partir de agora eu farei o que achar conveniente! — sibilo.

Minhas palavras reverberam no interior da capela e provocam gritos afogados e indignados entre as outras garotas.

— Eu gostaria de apontar que já não sou membro dos Rakshana — acrescenta Kartik. — E, de fato, a senhorita Doyle pode fazer o que ela achar conveniente.

Felicity pega minha mão.

— Eu também vou contigo.

— E eu — diz Ann.

— Eu a acompanharei representando a Ordem — afirma a senhorita McCleethy.

— De acordo, está bem, não vou ficar aqui de braços cruzados — diz Fowlson.

— Alguém tem que ficar e proteger Lilian e as garotas — queixa-se a senhorita McCleethy.

A senhora Nightwing se ergue com firmeza e arruma sua saia. Observa as garotas juntas.

— Manterei-me firme. Mãe Elena marcará as portas quando vocês forem e não voltaremos a abri-las de novo até amanhã.

— Dispõe de certa proteção em caso que necessite — digo.

A senhora Nightwing segue meu olhar até a vidraria das janelas, onde o guerreiro segura a cabeça da Górgona.

— As janelas? — grita Cecily depois de ouvir minha advertência para a diretora.

— Você verá — respondo.

Cecily se encolhe no chão e se agarra com força a Martha e Elizabeth.

— O que veremos? Não quero ver nada! — As lágrimas resvalam por seu rosto e se misturam com os mucos que caem de seu nariz. — Tudo isto é culpa sua, Gemma Doyle. Se sobrevivermos, nada voltará a ser como antes — diz, engasgando-se.

— Eu sei — digo em voz baixa. — Sinto muito.

— Eu te odeio — choraminga.

— Eu também sei.

Outro grito lacera a noite, repica nas janelas e as meninas gritam como galinhas aterrorizadas. A batalha entre as gárgulas e os jóqueis é violenta.

A senhora Nightwing se levanta, cambaleiante. O missal treme em suas mãos.

— Vamos, garotas, peguem seus missais. Cantemos — ordena.

— Oh, senhora Nightwing — choraminga Elizabeth. — Como vamos cantar?

— Nos comerão vivas! — lamenta-se também Martha.

— Besteira! — grita a senhora Nightwing por cima do estrondo. — Aqui estamos completamente a salvo. Somos inglesas e espero que se comportem como tais. Não quero mais lágrimas. Cantemos.

A voz profunda da senhora Nightwing retumba pela capela; suas notas são trêmulas. Ressoam nos bosques gritos horríveis, assim canta mais alto. Brigid se une e, em seguida, as garotas fazem o que lhes foi pedido; suas vozes aterrorizadas transformam uma cunha temporal contra o horror lá de fora.

A expressão de Kartik é austera.

— Está preparada?

Assinto e trago saliva. Felicity, Ann, Fowlson e a senhorita McCleethy vem por trás de mim. Um grupo de seis contra um exército. Prefiro não pensar nisso ou me faltará coragem.

Kartik abre uma fresta na porta e nós deslizamos com sigilo na noite. A Mãe Elena ordena a Kartik que levante a mão.

Pica seu dedo.

— Marque a porta do lado de fora. — aconselha. — Eu marcarei por dentro. Não fracasse.

As portas da capela se fecham por trás de nós, e Kartik passa o dedo pela porta. Espero que isso funcione. A névoa branca e cinzenta é espessa; embranquece os bosques. Não levamos velas por medo de que as criaturas vejam nossa luz, assim avançamos de memória. Os gritos dos jóqueis e os ferozes uivos das gárgulas em batalha flutuam na névoa de tal maneira que não é possível saber onde estão; se perto ou longe, sem por trás ou na frente. Tudo o que sabemos é que caminhamos para o combate.

Passamos pelo bosque, sem incidentes, mas ainda temos que cruzar o jardim. Meu coração bate com pressa e com força. O medo ilumina minha mente com uma claridade que nunca tinha sentido antes; cada um dos meus músculos é uma mola empurrando para baixo, disposto a liberar-se. Kartik levanta um dedo e levanta a cabeça para escutar melhor.

— Por aqui — sussurra.

Rapidamente o seguimos, tentando não perdermos de vista uns aos outros sob a densa névoa. Os uivos se ouvem mais perto. À minha direita, tenho o vislumbre de uma asa de pedra e o vislumbre de um baço esquelético. Uma gárgula se balança machucada por cima da minha cabeça até a batalha; assusta-me ao descer. Virei o rosto por apenas um instante, mas bastou para perder os demais. O pânico se apodera de mim. Corro para a esquerda, para a direita, ou para frente? *"Vamos, Gemma. Age com rapidez"*. Corro para a névoa, empurrando-a e movendo as mãos com desespero, como se assim pudesse dissipá-la. Escuto leves sons afogados — soluços entre dentes — e percebo que procedem de mim, mas sou incapaz de calá-los.

Uma gárgula está envolta em uma luta feroz com um dos assustadores jóqueis. A gárgula tem a vantagem e o jóquei cai de joelhos.Sufoco um grito ao ver seu horripilante rosto espectral,dos olhos negros e avermelhados.A gárgula vira-se para me olhar e,nesse momento, a criatura das Terras Invernais aproveita a ocasião. Com um cruel e feroz, corta o estômago da gárgula com suas garras afiadas como facas. A gárgula cambaleia para mim e minha capa se mancha com seu sangue.

— Vá para as Terras Invernais — ofega. — Derrote a Árvore de Todas as Almas. É a única solução.

A gigantesca besta de pedra cai aos meus pés. O jóquei abre a boca e grita, cortando a noite com uma chamada as armas.

Cega, corro para frente. Estou tão cheia de medo que não ouço meus próprios gritos, meus gritos pedindo aos outros que corram.

Eu perdi o norte.

— Gemma! Gemma!

É a voz de Felicity.

— Felicity! — a chamo.

— Gemma, aqui!

Uma mão se distingue na névoa e me agarro a sua calidez. Felicity me abraçava. Nos arrastamos uma a outra. Chegamos primeiro na torre. Fowlson, McCleethy, Ann e Kartik chegam logo depois.

— Aqui está — ofego. — A porta secreta.

— Adiante — diz McCleethy, ofegando.

Estendo as mãos e vejo o corvo. Seu grasnido é como um uivo do inferno. Uma advertência. Um grito de guerra. Depois de alguns segundos, há uma dezena de temíveis aves. Transformam-se ante meus olhos aterrorizados e se transformam nos acrobatas que nos visitaram. No entanto, é só um disfarce. Sei quem são: Os Guerreiros Amapola.

O mais alto se abaixa e faz uma profunda reverência e, quando se ergue, vejo os círculos escuros que circulam seus olhos e as tatuagens de amapola que cobre seus braços.

— Olá, céu. Que noite tão maravilhosa para nosso sacrifício.

As asas negras e lustrosas das outras aves brilham com a luz trêmula e se convertem em horripilantes cavaleiros; estremeço-me ao pensar na catedral desconjuntada que chamam de lar e nos jogos perversos que gostam de jogar com suas vítimas.

— Vai para algum lugar, hmmm? — pergunta o mais alto, sorrindo abertamente como se fosse a máscara da morte.

Suas unhas sebosas são tão largas quanto garras.

— Eu... eu... — gaguejo.

Kartik tem o punhal na mão, mas isso não basta para vencer esses indíviduos.

— Demônios — ofega Fowlson. — De que fosso do inferno saiu isso?

A senhorita McCleethy se situa entre o Guerreiro Amapola e eu.

Envolve-me em um braço como o de uma mãe, mas a única coisa que consegue é que as repulsivas criaturas riam.

— Não funcionará, minha senhora — grunhe um que só tem três dentes.

— Senhoras e cavalheiros! — exclama um Guerreiro Amapola como um apresentador. — Esta noite poderão desfrutar de um espetáculo realmente impressionante. A história de uma donzela sacrificada por uma causa nobre: assegurar a liberdade das Terras Invernais e conceder o poder a seus habitantes. E abrir para sempre o limite entre os dois mundos. Ninguém salvará esta bela donzela? — seu sorriso se transforma e fica selvagem. — Não, acho que nesta noite, não. Acho que o enredo já está escrito, e ela tem que representar seu próprio papel.

— Corram! — grito.

Tão rápido quanto posso corro para as escadas, com os outros vindo por trás. Os Guerreiros Amapola nos perseguem e se transformam em corvos que voam por cima de nós. Nós caimos ao atravessar a porta da cozinha, assinalada com uma fraca marca de sangue, e ficamos no chão, ofegando.

— Estamos todos? Gemma, está ferida? — pergunta Kartik.

— Que diabos era essa coisa? — pergunta Fowlson.

— Guerreiro Amapola — digo. — Asseguro que você não gostará de jogar com eles.

— Eles... eles sabem. Vieram por nós — diz Ann.

— Como vamos chegar agora até a porta — lamenta Felicity.

A luz da cozinha está fraca, mas ainda assim, posso ver o medo refletido nos olhos da senhorita McCleethy. As asas do corvo golpeiam a janela e indicam nosso paradeiro aos demais.

— Não podemos ficar aqui — digo. — Se chegarmos até a torre, seremos capazes de nos esconder lá.

Do outro lado da porta, o longo hall está escuro e parece ameaçador. Algo poderia permaneer escondido no fim do mesmo.

Qualquer coisa. Kartik desembainha seu punhal. A senhorita McCleethy vai em frente com Kartik e Fowlson por trás. Felicity e Ann, de mãos dadas, seguem-nos. Eu sou a última, e me viro a cada poucos passos para dar uma olhada na escuridão.

Atravessamos o hall sem incidentes. No entanto, para chegar até as escadarias temos que passar pelo grande salão e junto a seus novos habitantes livres. Uma porta continua fechada, mas a outra está aberta. Não sei como vamos evitar que nos vejam. Ficamos perto da parede e escutamos.

Kartik faz um gesto de assentimento até as escadarias. A senhorita McCleethy se aproxima dela, sigilosamente, com o resto de nós por trás. Encurvados, começamos a subir. Através das barras do corrimão vejo as criaturas alvoroçadas no grande vestíbulo. O chão está cheio de vidro das lamparinas, recheio de almofadas e de páginas arrancadas dos livros. Arrancam os panos da tenda de Felicity e os transformam em farrapos. É uma cena horrível. No entanto, não há tempo para lamentações. Temos que alcançar o quanto antes a segurança dos reinos que,embora não sejam verdadeiramente seguros, ao menos, pode nos proporcionar um descanso.

Na Ala Leste, abandonamos toda a precaução e entramos dando trombadas. Subimos até a torre meio construída, escondida por trás da pedra sem lavrar. Do outro lado do jardim, vejo os jóqueis sairem e bloquear qualquer tentativa de escapatória. Chamam o Guerreiro Amapola que vigia a porta secreta.

— Estão dentro — grita, alegremente.

— Então estão presos — murmura um dos rastreadores.

Cavalgam até a porta da cozinha que nós abrimos há pouco. Em seguida, nos encontrará. E trará os outros. Estamos totalmente encurralados.

— Gemma — diz Felicity com os olhos enlouquecidos pelo medo.

Ouve-se um chiado vindo da entrada da Ala Leste. Nos esperam do outro lado da porta.

Kartik agarra minha mão e a aperta. Fowlson e a senhorita McCleethy também se dão as mãos.

— Não deixarei que peguem você, Shahirah — ele assegura a ela.

Escuto a respiração de Ann e percebo seu medo.

— Eu gostaria de ter minha espada — Felicity sussurra e depois pronuncia em voz baixa uma oração. — Pippa, Pippa, Pippa...

— Peguem minhas mãos — digo-lhes.

Kartik se mostra confuso.

— O que...

— Peguem minhas mãos ou iremos!

— Não empregue a magia agora, senhorita Doyle. Não acho que seja uma decisão prudente — adverte a senhorita McCleethy.

— Não temos escolha — respondo. — Quero tentar fazer com que a porta apareça.

— Mas se você não conseguiu fazer durante todos esses meses — diz Ann.

— Pois chegou a hora de voltar a tentar — respondo.

Os gritos que vem do jardim nos fazem estremecer.

— E se não conseguir? — sussurra Felicity.

Nego com a cabeça.

— Agora não posso pensar nisso. Preciso da ajuda de todos vocês. Coloquem suas mãos nas minhas — digo. Quando sinto o peso de todas as mãos, fecho os olhos e me concentro; uno minha necessidade ao meu propósito. — Pensemos em uma porta de luz.

Escuto o chiado da porta da Ala Leste.Os grasnidos por cima de nossas cabeças enquanto os corvos batem as asas perto de nós.

Nos encontraram.

"Determinação, Gemma. A porta de luz, a porta de luz, a porta de luz."

De imediato, começo a sentir um formigamento familiar. No início, não é mais do que um gotejar vacilante que se torna um zumbido, e logo em um tamborilado vertiginoso que faz com que cada parte do meu corpo se reanime. Tal é sua força que seu quente hálito afasta o cabelo do meu rosto.

Abro os olhos, e ali está a porta de luz, nos esperando.

— Você conseguiu, Gemma — diz Felicity, aliviada.

— Não há tempo para felicitações — respondo. — Vamos!

Abro a porta e a atravessamos correndo no instante em que os rastreadores atravessam a porta da Ala Leste. Seus uivos gelam meu sangue.

— Gemma! — exclama Ann.

— Feche-se! — invoco a magia uma vez mais e, graças a Deus, não me falha.

Enquanto a porta de luz desaparece, a última coisa que vejo é o jóquei vestido com sua longa toga em farrapos que mostra seus dentes ao proferir um grunhido arrepiante.

— Apodreça no inferno, besta miserável — ofego.

— Já está no inferno. E nós temos que evitar que o inferno se aproxime ainda mais — responde Kartik me puxando.

Entramos nos reinos tão rápido quanto é possível.

— Não temos muito tempo. Eles entrarão pelo outro lado. Devemos ir ao jardim e encontrar a Górgona — digo enquanto tento encontrar fôlego; meus pulmões ardem.

— Espera! — exclama Kartik. — Não sabemos o que encontraremos ali. Talvez eu devesse adiantar-me e dá uma olhada.

— Certo — respondo.

Queria seguir adiante, mas o que diz é verdade e mal consigo respirar. Os corpetes não foram feitos para correr.

— Irei contigo, amigo — diz Fowlson olhando maravilhado ao seu redor.

A contragosto, Kartik assente, e os dois saem correndo. Exaustas e mal humoradas, nos sentamos e esperamos, escondidas no abrigo de uma grande rocha. Ann não se afasta do consolo que lhe proporciona estar ao lado de Felicity. É um fraco conforto, mas é o que ela anseia. Farta da perseguição, acomodo-me no chão e me dedico a contemplar o sangrento horizonte.

— Por que não nos disse que essas coisas tinham voltado? — pergunta McCleethy sem fôlego. Era uma pergunta retórica. Já sabia por que. Seu cabelo escuro está meio solto de seu coque. Voa livre com o vento.

— Criamos a Ordem a partir do caos. Criamos a beleza e demos forma a história. Mantivemos a magia dos reinos a salvo, a nosso alcance. Como chegou a isso?

— Vocês não a mantiveram a salvo. Vocês usaram para seu proveito.

Nega com a cabeça, denegando essa ideia.

— Gemma, ainda pode usar o poder para fazer o bem. Com nossa ajuda...

— E o que fizeram para melhorar a sorte dos outros? — pergunto. —Vocês se chamam irmãs umas das outras, mas por acaso não somos todas? A costureira que acaba com sua vista para proporcionar o sustento de seus filhos. Os sufragistas que lutam para conseguir o voto. As garotas mais jovens que pedem um salário digno, e cujas condições de trabalho são tão deploráveis que se viram trancadas em uma fábrica em chamas. Também elas poderiam se beneficiar de sua preciosa ajuda.

Mantém a cabeça erguida.

— Teríamos feito. Em seu devido momento.

Bufo, indignada.

— É triste ser mulher em *qualquer* mundo. Que bem proporciona nosso poder se temos que mantê-lo em segredo?

— Por acaso você prefere as manifestações ousadas à ilusão?

— Sim.

A senhorita McCleethy suspira.

— Temos que dar forma as rotas desta luta. Mas primeiro devemos consolidar nosso poder nos reinos.

— Jamais haverá segurança aqui! Olhe para onde quiser, algo novo sai de debaixo das mesmas pedras para ficar com o poder. Ninguém recorda de onde saiu a magia ou por quê; Só querem ficar com ela! Estou farta de tudo isso, farta até a medula, me ouve?

— Sim — responde, solenemente. — E, no entanto, demora tanto para abandoná-lo, verdade? Tem razão. Inclusive agora, sabendo o que sei e depois de ver o que vi, ainda a quero.

A senhorita McCleethy pega meu braço e me olha com dureza.

— Gemma, tem que salvar a magia, custe o que custar. Essa é nossa única preocupação. Foram muitos os lutaram e morreram para protegê-la ao longo dos anos.

Nego com a cabeça.

— E onde está o fim de tudo isso?

Os homens voltam de sua viagem de reconhecimento. O rosto de Kartik reflete uma expressão sombria.

— Estive no jardim...

— O que quer dizer?

— Desapareceu. — responde.

66

AVANÇAMOS POR UM JARDIM QUE DEIXOU DE SER frondoso e familiar. O odor de terra queimada nos dá boas-vindas. As árvores queimaram até transformar-se em cinzas. As flores foram pisoteadas na lama. O arco de prata que levava até uma gruta foi destruída e arrancada da terra. O balanço que construí com fios de prata está pendurado feito farrapos.

As lágrimas enchem os olhos da senhorita McCleethy.

— Sonhava em vê-lo de novo. Mas não assim.

Fowlson passa os braços por seus ombros.

— O que está acontecendo? — pergunta Ann pegando um punhado de flores destruídas.

— Sua Excelência!

A Górgona aparece no rio. Está viva e ilesa. Nunca me alegrei tanto em vê-la.

Fowlson dá um passo para trás.

— Que diabos é isso?

— Uma amiga — respondo e começo a correr para o rio. — Górgona, pode nos explicar o que aconteceu? O que você viu?

As serpentes de seu cabelo sibilam e se retorcem.

— Loucura — responde a Górgona. — Tudo isto é uma loucura.

— Então, é a guerra? — pergunta a senhorita McCleethy.

— Guerra — cospe a Górgona. — Assim é como o chamam para dar-lhe uma ilusão de honra e lei. Loucura e sangue e a vontade de ganhar. Sempre foi assim e sempre será.

— Górgona, temos que chegar até a Árvore de Todas as Almas. Queremos destruí-la. Há algum caminho até as Terras Invernais?

— Neste momento, não há nenhum lugar seguro, Sua Excelência. Mas, de qualquer forma, os levarei rio abaixo.

Embarcamos. Hoje o rio não canta com doçura. Simplesmente, não canta. Alguns lugares escaparam dos estragos das criaturas das Terras Invernais. Outros não tiveram tanta sorte. Nesses lugares, eles deixaram assustadores cartões de visita: Mastros com bandeiras sangrentas, recordando que tiveram piedade.

Ao passar pela Caverna dos Suspiros, muitos Hajin nos observam de seus esconderijos. Asha me cumprimenta com a mão da margem.

— Górgona, por ali! — grito.

Nos aproximamos da margem e a Górgona baixa a passarela para que Asha possa subir a bordo.

— Estão em todas as partes — diz Asha. — Temo que tenham levado até a tribo dos bosques.

— O que é isso? — pergunta Kartik a medida que nos aproximamos do véu dourado que oculta a vista da tribo do bosque.

Umas nuvens negras se estendem pelo rio como uma cicatriz.

— Fumaça — respondo e as batidas do meu coração se aceleram.

Nos agachamos no barco, com as mãos na boca e nariz, e ainda assim o ar denso e escuro nos provoca ânsias de vômito. Até o véu ficou obstruído, e se espelha sobre nosso corpo uma fuligem de partículas douradas. Então, o vejo: o bonito bosque está em chamas. As cabanas ardem e fumegam. As chamas devastam as árvores até tal ponto que parecem brotar deles galhos vermelhos e laranjas. Muitos membros da tribo do bosque estão presos. Gritam sem saber muito bem para aonde ir. As mães correm em busca de água com seus filhos chorando entre seus braços. Os centauros galopam tentando salvar aqueles que ficaram para trás, os recolhem e os sobem em seus lombos enquanto fogem para salvar suas vidas.

— Não podem ver — diz Kartik, tossindo. — A fumaça é muito densa. Estão confusos.

— Temos que ajudá-los! — grito enquanto tento me manter em pé.

O calor é intenso. Ofegando, me abaixo de novo para o chão do barco.

— Não, temos que chegar as Terras Invernais e derrubar a árvore! — grita a senhorita McCleethy. — É nossa única esperança.

— Não podemos deixá-los assim! — grito.

E, enquanto grito, uma faísca caprichosa pousa em minha saia e me obriga a estapeá-la histericamente até que consigo apagá-la.

Ouço um chapinhar. É Asha. Abandonou a embarcação e atravessa a água caminhando até a margem. As cinzas são muito densas, mas não presta atenção.

— Aqui! — grita e agita os braços para que possam vê-la através da fumaça.

A tribo do bosque corre para ela e a segurança do rio.

Inclusive sob a espessa capa de fumaça são capazes de encontrar seus pequenos botes. Sobem neles e remam para o centro do rio para afastar-se das ruínas do seu antigo bonito lar.

Philon cavalga até a margem da água e a Górgona nos aproxima dele.

— As criaturas das Terras Invernais estão a caminho. Se aproximam depressa e sem parar.

— Quão grande é seu exército? — pergunta Kartik.

— Talvez sejam uns mil — responde Philon. — E tem um guerreiro com a força de dez.

Kartik dá um chute no chão.

— Amar.

Fowlson entrecerra os olhos.

— Amar está lutando para essas criaturas? Farei picadinho dele.

— Não — diz Kartik.

— Já não é um dos nossos, irmão. Deixa de preocupar-se com ele — sugere Fowlson quase em tom amistoso.

Asha tira um corpo do rio. A criatura está ferida, vomita água enquanto a depositamos no barco da Górgona. É Neela.

— Deixe-me em paz — diz, com uma voz rouca ao ver as mãos de Asha em seus braços. A criatura transforma seu corpo de cor violeta escuro no de Asha, no meu, no de Creostus, e outra vez no seu, sem esforço algum. É como se seu corpo não pudesse controlar essa função.

A voz de Asha é firme.

— Foi você quem matou o centauro, não é verdade?

Neela cospe água.

— Não sei do que está falando. Mentirosa.

Os olhos de Philon resplandecem ao compreender.

Asha não cede.

— Colocou a amapola dos Hajin em sua mão para nos fazer passar por culpados.

Desta vez, Neela não tenta negar.

— E o quê?

— Por que você fez isso? — exige saber Philon, as chamas no bosque jogam sombras sobre as pronunciadas características desse rosto extraordinário.

— Precisávamos de um motivo para ir a guerra. Você não teria ido sem nenhum.

— Assim você inventou um propósito?

— Não inventei! Sempre teve um propósito! Quanto tempo vivemos sem a magia? Quanto tempo você deixou passar apesar de que continuava nos negando? Elas têm toda a magia. E os repulsivos Intocáveis estavam acima de nós! Mas você não teria lhes atacado. Sempre foi fraca, Philon.

Os olhos de Philon brilham.

— Você desejava até o ponto de matar um de nós?

Neela se esforça para se incorporar.

— O progresso tem um preço — responde, desafiante.

— E este foi muito elevado, Neela.

— Um centauro pelo governo dos reinos? Um preço barato a pagar.

— Teríamos que estar alerta ante o verdadeiro perigo e não nos colocar na sombra. Ficamos sem lar. Muitos dos nossos morreram. Nossa integridade ficou destruída. Pelo menos, antes tinhamos tudo isso.

Neela não parece estar arrependida.

— Fiz o que achei necessário.

— Sim — diz Philon, gravemente. — Como eu vou fazer isso agora.

Neela tem convulsões e treme; seus lábios ficam tão leves como a pele de uma uva.

— Sofreu uma comoção terrível — digo. — Alguém deveria ficar com ela.

— Deixemos ela morrer — diz Philon.

— Não — respondo. — Não posso consentir nisso.

— Eu ficarei com ela — diz Asha, se oferecendo de voluntária.

— E se os Hajin assassinarem Neela? — pergunto para um dos centauros.

A resposta de Philon é tão glacial quanto seus olhos.

— Então, esse será o preço a pagar por seus crimes.

Observo Asha para que me confirme que não machucará Neela, mas seu rosto não mostra emoção alguma.

— Ficarei com a transformista — repete.

— Cuidará dela, Asha? — pergunto.

Produz um silêncio momentâneo. Inclina a cabeça.

— Tem minha palavra.

Deixo sair pela boca o que estive contendo.

— Cuidarei dela, embora não deseje — acrescenta enquanto o reflexo de umas chamas laranjas dançam em seus olhos escuros. — E quando você tomar sua decisão, Dama da Esperança, nós, os Intocáveis, gostaríamos de poder opinar a respeito. Permanecemos em silêncio por muito tempo.

***

Reunimos os nossos, embora sejam poucos, uns quarenta no total. Philon e a tribo do bosque pegam todas as armas que tem. Não são muitas — uma balestra, duas dezenas de lanças com facas nas pontas de cada uma delas, escudo e espadas. É como tentar destruir o parlamento com um dedal de polvóra. Gostaria de ter trazido comigo a adaga.

— Qual é nossa melhor rota de aproximação? — pergunto.

— Eles cavalgam para as Terras Fronteiriças — diz Philon.

Felicity afoga um grito.

— Pip.

— Não pode salvá-la — responde Kartik.

— Não me diga o que não posso fazer — responde Felicity.

Afasto-a. Ficamos juntas na água onde ainda flutuam dois pequenos botes.

— Felicity, temos que chegar as Terras Invernais o quanto antes. Podemos ir ver Pippa depois.

— Mas pode ser que então seja tarde demais! Ela não sabe o que está vindo para cima dela — suplica Felicity. — Temos que avisá-la!

— Pippa, querida — repete Ann.

Penso no jardim queimado, nas bandeiras sangrentas que vimos cravadas na margem, a tribo do bosque deixando seu lar. Faria qualquer coisa para poupar Pippa de semelhante destino. Mas correríamos um grande perigo. As criaturas das Terras Invernais poderiam estar nos esperando lá. E, pelo que sei, Pippa se uniu a elas.

— Sinto muito — respondo enquanto me afasto.

— Você é cruel! — grita para mim Felicity.

Começa a chorar. Sei que fiz o correto, mas não poderia me sentir pior; acho que isto também faz parte do que implica estar no comando.

Caminho junto a Philon, a tribo do bosque e os Hajin, dispostos a participar da batalha.

Transportam as armas para o barco. Um Intocável joga sua espada deformada, uma aljava de flechas e uma criatura do bosque lhe ajuda a colocar. Os centauros oferecem seus lombos para quem quer cavalgar.

Ann corre para mim sem fôlego.

— O que foi? — pergunto.

— Pediu-me para não te dizer, mas tenho que dizer. É Felicity. Foi avisar Pippa.

Um dos botes pequenos desapareceu.

— Temos que ir buscá-la — digo.

— Não podemos — adverte Kartik, mas já me coloquei a caminho.

— Não perderei Fee. Precisamos dela. Eu preciso dela — declaro.

— A acompanharei — anuncia a senhorita McCleethy.

— Eu também — diz Ann.

Kartik nega com a cabeça.

— Está louca se acha que vou deixá-las ir sem mim.

— Sim, estou louca; Mas faz tempo que você sabe disso — respondo. Ele quer protestar, mas o calo com um beijo repentino. — Confie em mim.

A contragosto, me deixa ir, e nós três vamos em um bote que sobrou. Kartik fica na margem, enquanto nos observa afastar-nos do rio. Com a fumaça e as chamas extinguindo-se por trás dele, parece levemente irreal: um espectro, a imagem faiscante de um espetáculo da lanterna mágica, uma estrela caída, um instante perdurável.

Sinto a imperiosa necessidade de voltar e correr para ele. Mas a corrente nos afasta e, depois de nos colocar em movimento, nos leva para as Terras Fronteiriças e o que seja que nos aguarde ali.

67

O CÉU SANGRA, VERMELHO, SOBRE AS TERRAS INVERNAIS. Ele lança uma estranha luz nas Terras Fronteiriças, deixando-a com as cores de um hematoma. Ao longe, o castelo se aconchega em seu roupão de vinhas, como uma mão pálida escondida no bolso de um vestido. Estou aliviada de ver que ele ainda está intacto.

— Você está vendo a Fee? — Sussurro.

— Não. — Ann responde. — Não estou vendo ninguém.

Nós cuidadosamente cortamos os espinhos da parede e entramos silenciosamente. A Srta. McCleethy avalia tudo com um olhar ansioso.

— Você anda vindo aqui?

Eu concordo.

Ela estremece.

— Que lugar mais sinistro.

— Foi bem divertido por algum tempo. — Ann diz tristemente.

Nós andamos pela floresta azul com passos rápidos e silenciosos. Os galhos parecem ter sido depenados de quase todas as suas bagas e, as que sobraram, pendem esquecidas em arbustos embranquecidos. Vermes comem seu caminho por dentro das frutas abandonadas. Eles fazem meu estômago se contorcer.

"Huuu-uu"

— O que é isso? — Srta. McCleethy arfa.

— Não se mexa. — Sussurro.

Nós ficamos imóveis como estatuas. O chamado vem mais uma vez.

"Huuu-uu"

— Saiam, saiam, de onde quer que vocês estejam. — A voz de Pip diz.

Ela sai de trás de uma árvore e é rapidamente franqueada por Bessie, Mae, Mercy e outras garotas que nunca vi antes. Elas se agitam ao redor de Pip como se fossem soldados, carregando tochas. É como se o ar tivesse sido roubado de mim a força. E sou forçada a manter minhas mãos às minhas costas, fora de vista, para esconder como estão tremendo. Ela pintou o rosto com o sulco preto-azulado das bagas. As outras usam marcas parecidas com a

dela, o que as dá uma aparência esquelética.

À luz do fogo, os olhos de Pip mudam de uma cor para a outra; do violeta para o branco, convidando-nos ao terror.

— Olá, Gemma. O que a traz aqui?

— E-eu estava procurando a Fee. — Digo.

Ela franze as sobrancelhas zombeteiramente.

— Você a perdeu, é? Tsk-tsk, Gemma. Que irresponsabilidade. Bom, acredito que você terá que procurar lá dentro então. Sigam-me.

Pippa nos conduz até o castelo como uma dominante rainha. Ela ainda é bonita. Ela tem a magia trabalhando para ela, mas não dividiu muito dela com suas discípulas, pelo que posso ver. Elas a seguem, com roupas esfarrapadas e rasgadas, a pele cada vez mais cinza e arruinada.

— Bessie... — Eu começo, mas ela me dá um forte empurrão.

— Continue andando.

O castelo está tão abandonado quanto a floresta. As videiras rastejam livremente pelas paredes e traçam seu caminho pela balaustrada, pendendo delas como garras verdes. Cobras passeiam por sua abundancia musgosa.

— Onde está Felicity? — Pergunto novamente.

— Paciência, paciência. — Pippa cantarola enquanto alinha cálices de bagas ao longo do altar.

Bessie olha com escárnio para Srta. McCleethy.

— Quem é ela? Sua mãe?

— Eu sou a Senhorita McCleethy, uma das professoras da Academia Spence. — McCleethy responde.

Pip bate palmas, rindo.

— Senhorita McCleethy. É você que está dando tantos problemas à Gemma. Você não me dará problema algum.

— Eu lhe darei muitos problemas se você não nos disser de uma vez onde podemos encontrar a senhorita Worthington. — Srta. McCleethy insiste.

— Não. — Eu a aviso.

— Ela só precisa ser controlada direito. — Ela sussurra.

— Ela já passou deste ponto, agora. — Ann insiste quietamente.

— Calem-se! — Pipa diz. — Este é o meu castelo. Eu sou a rainha aqui. Eu faço as regras.

Mae estica a mão para um amontoado de bagas e Pippa balança a cabeça.

— Mae, você sabe que isto é para o ritual. Elas precisam ser consagradas antes.

— Sim, senhorita. — Mae sorri, parecendo feliz por ter sido repreendida por sua deusa.

— Felicity! — Grito. — Fee!

As paredes do castelo rangem e gemem como se fossem desmoronar em cima de nós. Uma videira se aperta ao redor do meu pé e eu dou um puxão para soltá-lo.

— Ela está na torre. — Mae diz. — Em custódia.

— Pip. — Ann implora. — Você tem que deixá-la ir. As criaturas das Terras Invernais estão chegando.

— Você também, não, Ann. — Pippa diz, aborrecida.

— Pip... — Ann começa.

— Tudo que eu preciso é oferecer um sacrifício. Eu tentei com Wendy, mas ela foi um sacrifício muito fraco, por ser cega. E então vocês voltaram e eu soube... eu soube que era o destino; você não vê?

Srta. McCleethy se coloca à minha frente.

— Você não pode usá-la. Me leve no lugar dela.

— O que você está fazendo? — Digo.

— Gemma — a Srta. McCleehty sussurra. — O que quer que aconteça, você precisa colocar seu medo de lado e proteger a magia.

O que quer que aconteça. Não gosto de como essa frase soa.

— Às vezes, precisamos fazer sacrifícios para o bem maior. — Ela diz. — Prometa-me que manterá a magia a salvo.

— Eu prometo. — Digo, mas não gosto de precisar dizê-lo.

— Um sacrifício voluntário. É realmente uma magia muito poderosa. Eu aceito.

As garotas da fábrica arrastam a Srta. McCleethy até Pip.

— Tirem suas mãos de mim, suas delinquentezinhas. — Ela rosna, não tão voluntariamente, afinal. Ela estapeia o rosto de Mae com força e Bessie revida com seu próprio golpe. A Srta. McCleethy cai no chão, com a orelha sangrando, e as outras garotas se juntam ao redor dela, socando e chutando.

— Parem! — Eu começo a me mover na direção delas, mas Srta. McCleethy levanta uma mão ensangüentada.

— Não, Gemma! — Ela avisa.

— Sim, já é o suficiente. — Pippa diz, como se estivesse recusando mais um prato de sopa. — Tragam-na para mim.

Elas meio que arrastam Srta. McCleehty até o altar e amarram suas mãos às suas costas. O lábio dela está sangrando e eu vejo medo em seus olhos, a crescente percepção de que ela julgou essas garotas extremamente mal.

— Nós toleraremos os infiéis? — Pip pergunta.

As garotas respondem com um coro de *não*'s. Em seus rostos, eu vejo tal ódio que me gela até os ossos. Elas não nos vêem mais como humanos; nós somos os outros, uma ameaça que precisa ser exterminada. Pippa se vira para McCleethy com um suspiro.

— Temo que só exista uma pena para aqueles que se recusam a nos seguir.

Bessie cria uma espada reluzente. Suas extremidades brilham na luz. As garotas gritam e guincham. Seus gritos primitivos criam um tumulto ensurdecedor. Senhorita McCleethy luta contra as cordas.

— Não! — Ela grita, chutando e tentando fugir. Mas Mae e Mercy chegam até ela

rapidamente e a seguram, forçando-a a ficar em cima do altar até que sua cabeça penda para fora dele. Meu coração bate dolorosamente contra minhas costelas.

— Pippa, o que você está fazendo? — Digo, correndo até ela.

Pippa me afasta com a força de sua magia. Pega desprevenida, caio de dor no chão. As garotas empurram a cabeça de Srta. McCleethy para frente, expondo a pele de seu pescoço.

— Não! — Eu me coloco de pé, cambaleante, e, antes que possa convocar a magia, Pippa libera a sua. Desta vez, bato contra o chão como um brinquedo. A Srta. McCleethy fecha os olhos com força; sua boca está comprimida em uma linha determinada. A lâmina é erguida.

— Proteja a mag... — Ela grita no momento em que a espada desce com a rapidez de um relâmpago.

Ao meu lado, Ann grita sem parar. Seus guinchos desesperados se misturam às exclamações exultantes da multidão até que é impossível dizer onde um termina e o outro começa. Eu sinto como se pudesse vomitar. Minha respiração está entrecortada e lagrimas queimam meus olhos. Ann se senta imóvel como uma estatua e para de gritar, chocada ao ponto de ficar completamente silenciosa.

Com um longo suspiro, as vinhas serpenteiam e reivindicam o corpo decepado da senhorita McCleethy. As garotas se ajoelham, as mãos juntas como se estivessem rezando. Pippa se mantém de pé na frente delas, atrás do altar. Ela ergue um cálice acima da cabeça e o desce novamente, murmurando palavras que não consigo ouvir. Ela tira uma baga gorda do cálice e a coloca gentilmente nas mãos pacientes de Bessie. Lenta e solenemente ela segue a fila, entregando uma baga para cada garota curvada à sua frente.

— Quem é o caminho? — Ela ruge.

— Mestra Pippa! — Elas respondem em uníssono. — Ela é a escolhida.

— Qual é a nossa missão?

— Comer as bagas e permanecer no paraíso.

— Amem. — Ela diz.

Como se fossem uma só, as garotas levam as bagas à boca. Elas as engolem inteiras.

Pip se vira para nós com os braços abertos e a boca retorcida em um sorriso insano.

— Sinto muito pela professora de vocês, mas ela não poderia ter se juntado a nós. Mas eu tenho fé em vocês. Afinal, vocês voltaram. Mas vocês precisam ser como nós, minhas queridas. Aquelas que forem me seguir precisam comer as bagas.

Eu finalmente encontro minha voz.

— Pip, escute, por favor. As criaturas das Terras Invernais estão querendo dominar os reinos. Se você me matar, não poderei lutar contra elas.

Bessie sobe os degraus que levam a torre e volta com uma Felicity agressiva, que chuta e guincha. Ela tenta morder Bessie e Bessie a bate fortemente.

— Oh, Fee! Ai está você. Que alegria. — Pippa diz enquanto Felicity a encara horrorizada.

Pippa passeia entre nós e coloca bagas em nossas mãos. Ela dá um beijo na testa de Ann.

— Ann, querida, por que você está tremendo tanto? Você está com frio?

— S-sim. — Ann sussurra. Os lábios dela tremem de puro terror. — Frio.

— Você acredita, querida? Você acredita que eu sou a escolhida?

— Sim. — Ann concorda, soluçando.

— E você comerá as bagas? Você aceitara a minha benção?

— Se você fosse mesmo a escolhida, não precisaria intimidar suas seguidoras. — Digo. Se irei mesmo morrer, não será sem dizer o que preciso.

Pippa acaricia meu cabelo.

— Você nunca gostou muito de mim, Gemma. Eu acho que você tem inveja.

— Você pode pensar o que quiser. Nós estamos em perigo. Todas nós. As criaturas das Terras Invernais querem governar os reinos. Eles já mataram muitas tribos. Eles seguem sem piedade, coletando a alma daqueles que não se juntarem a eles.

Pip franze as sobrancelhas.

— Eu não ouvi nada.

— As criaturas estão vindo agora mesmo. Se elas me sacrificarem na Árvore de Todas as Almas elas terão toda a magia do Templo e controle dos reinos.

— Eles não podem comandar os reinos! — Ela ri. — Eles não podem por que eu sou a escolhida. Eu tenho posse de toda a magia. Ela cresceu em mim. A árvore me disse! Se eles estivessem planejando alguma coisa, eu saberia.

— Você não sabe de tudo, Pippa. — Digo.

Ela coloca o rosto para perto do meu até que ficamos à centímetros uma da outra. Os lábios dela ainda estão roxos das bagas. O hálito dela cheira a vinagre.

— Você está mentindo. — Um indício de sorriso repuxa sua boca. — Por que você não usa sua magia contra mim?

— Eu não quero fazer isso. — Digo com a voz falhando.

O rosto de Pippa se ilumina.

— Você a perdeu, não é?

— Não, eu não...

— É por isso que você não pôde me parar: porque *eu* sou a verdadeira escolhida! — Pippa vocifera.

Bessie agarra meu braço rudemente.

— Você provar que elas são infiéis! Vamos levá-las às Terras Invernais!

— Não! — Grito.

Pippa bate palmas.

— Que plano esplêndido! Oh, sim, vamos levá-las!

Felicity segura as mãos de Pip.

— Pippa, se eu comer as bagas, se eu ficar com você, você as deixará ir embora?

— Felicity! — Grito.

Ela balança a cabeça e me dá o menor dos sorrisos.

— Você fará isso? Você as deixará ir embora?

Um vislumbre de reconhecimento brilha nos olhos de Pip, como se ela estivesse se

lembrando de seu melhor sonho. Ela se inclina, o negro de seu cabelo se misturando ao loiro do de Felicity, um bordado de luz e escuridão. Pippa beija Felicity na testa docemente.

— Não. — Ela diz cruelmente.

— Pip, você não entende; eles vão te machucar. — Felicity implora, mas Pippa já não raciocina mais como humana.

— Eu sou mais poderosa do que eles! Eles não me assustam. Eu sou o caminho! Eu sou a escolhida! Bessie, nós precisamos de outra voluntária.

Eu sou puxada de meu assento até o altar, onde temo que acabe seguindo o mesmo destino que a Srta. McCleethy.

Pippa me força a segurar mais bagas.

— Coma, porque eu sou o caminho.

As bagas mancham minhas palmas. Eu disse que manteria a magia a salvo, mas não tenho escolha: preciso usá-la. Nós precisamos fugir.

Eu convoco meu poder com toda minha força e ele surge em mim com seu vigor renovado. Pippa prende seus braços aos meus e nós no unimos em uma luta. A magia parece ser nova, sólida e assustadora. Eu sinto o gosto de metal em minha boca. É como se meu sangue não estivesse mais sob meu controle. Ele pulsa fora de ritmo, correndo por minhas veias até que eu comece a tremer. Eu sinto tudo que há dentro de Pippa — o ódio, o medo, o desejo, a cobiça — e sei que ela sente tudo que há dentro de mim também. Quando descubro sua ferida secreta — Felicity — um olhar de completa tristeza passa por seu rosto.

— Me solte. — Ela diz com a voz rouca. — Me solte.

— Só se você nos deixar ir. — Digo.

Ela libera seu poder com força total e sou empurrada contra a parede do palácio. Eu caio no chão como uma boneca de pano.

— Pare! — Grito. E, quando deixo a magia correr livre, ela cai de joelhos. Posso sentir a magia se modificando, mas não atrevo a me deixar perder o controle agora. Eu preciso até restringir um pouco meu poder e, no momento em que faço isso, Pippa força o dela ao máximo, me prendendo contra a parede, onde as vinhas começam a se enrolar em meus pés e mãos.

— Pippa! — Felicity grita, mas Pippa já não se importa mais.

— Eu sou o caminho! — Ela grita.

Felicity balança a ponta da espada contra ela, fazendo-a cair. O aperto da magia diminui.

— Fee? — Pip diz com os olhos arregalados. E, então, vê o profundo corte em seu braço, o sangue escorrendo por entre as videiras aveludadas. Com um alto gemido o castelo se desloca e racha até que estamos tropeçando umas nas outras.

— O que está acontecendo? — Mae Sutter grita.

As videiras estouram, atingindo o que quer que possam agarrar. Há um estrondoso rugido quando as antigas pedras começam a cair. Nós corremos para as portas em um amontoado de pânico, esquivando-nos dos destroços.

— Pip! — Felicity grita. — Pip, saia daí!

Mas o rosto de Pip está resplandecente com uma felicidade assustadora. Ela levanta os braços para o ar.

— Não há o que temer! Eu sou o caminho!

— Pip! Pip! — Fee grita enquanto eu a puxo para longe.

Desamparadas nós assistimos enquanto as desesperadas videiras encontram Pippa, puxando-a para baixo com força.

— Não! — Ela grita. — Eu sou o caminho! — Mas estão chovendo pedras. E então o grande castelo desmorona dentro de si mesmo completamente, sepultando Pippa no fundo de seus muros quebrados, silenciando-a para sempre.

Felicity, Ann e eu escapamos por pouco. Nós somos deixadas arfando na grama enquanto o castelo afunda de volta ao solo — a terra reivindicando a si própria e a Pippa também. Bessie e Mae escaparam, assim como algumas outras meninas. Mercy foi enterrada junto com Pippa.

As garotas estão olhando fixamente para o lugar onde Pippa estava antes. Mae sorri por entre as lágrimas.

— Ela quis que fosse assim. — Ela diz em êxtase total. — Vocês não vêem? Ela se sacrificou. Por nós.

Bessie balança a cabeça.

— Não.

Mae agarra as saias de Bessie.

— Nós precisamos continuar fazendo o que ela nos mandou fazer. Continuar a comer as bagas. Seguir seus caminhos. E então ela voltará. Reze comigo, Bessie.

Bessie a faz soltar suas saias.

— Ela não voltará. Acabou, Mae. Levante.

— Ela era a escolhida. — Mae insiste.

— Não, você está errada. — Digo. — Ela era apenas uma garota.

Mae não verá a situação de outro ponto. Ela enche as mãos de bagas apodrecidas e engole todas, falando o nome de Pippa como uma prece atrás da outra. Ela se agarra à sua crença; ela não quer saber que foi enganada, que foi abandonada aqui, sozinha, com ninguém para guiá-la alem de seu próprio coração.

Bessie vem correndo até mim.

— Posso ir com vocês?

Eu concordo. Ela é uma briguenta e nós talvez precisemos de uma.

Eu alcanço Felicity.

— Fee... — Começo a dizer.

Ela limpa o nariz na manga, virando o rosto para longe de mim.

— Não.

Eu deveria deixá-la em paz, mas não consigo.

— Ela já tinha se perdido há algum tempo. Você foi a única força que a manteve incapaz de mudar completamente. Isso é magia. Talvez a mais poderosa que já vi.

68

A GÓRGONA NÃO NOS ESPEROU VOLTAR. ELA NAVEGOU atrás de nós e agora está nos esperando no rio. Kartik olha apenas uma vez para o rosto manchado de lágrimas de Felicity e a deixa quieta. Ele e Bessie se medem com o olhar e ela entra no barco sem dizer nada.

— Está feito. — Digo a ele. — Górgona, leve-nos às Terras Invernais.

Fowlson corre para perto de mim.

— Espere! O que você quer dizer? Onde está Sahira?

— Sinto muito. — Digo quietamente.

Eu temo que ele possa gritar. Uivar. Nos amaldiçoar. Bater em alguma coisa. Ao invés de tudo isso, ele afunda silenciosamente no chão do barco e coloca a cabeça entre as mãos, o que, de algum modo, é ainda pior.

— O que nós podemos fazer? — Sussurro para Kartik.

— Deixá-lo sozinho.

A Górgona nos conduz ao longo do rio. Chamas queimam na superfície da água. Elas resplandecem em seus focos. As chamas pulam e crepitam, ameaçando-nos com seu calor. O vento sopra, salpicando-nos com as cinzas sufocantes. É como estar passando pela porta do inferno.

Raios pulsam por trás das vermelhas nuvens agitadas acima das Terras Invernais.

— Nós estamos perto. — A Górgona diz.

Ann se sobressalta e põe a mão sobre os lábios. Ela está olhando para a água, onde o cadáver de uma pobre alma está boiando de barriga para baixo. Ele oscila ali por um momento, um cruel lembrete de nossa missão e, então, a corrente o leva embora. Mas a cena ficará em minha mente para sempre. O resto de nós se cala. Estamos atravessando as Terras Fronteiriças. Estamos entrando nas Terras Invernais e não tem mais volta.

***

A Górgona abaixa a passarela no mesmo lugar em que encontramos o exercito dos mortos. Fogueiras foram acesas no topo dos penhascos rochosos. Não quero saber quem as acendeu ou o que possa estar sendo usado como combustível. A tribo da floresta e os Hajin

estacionaram seus barcos na margem. Philon examina os penhascos com aqueles olhos frios, procurando por alguma coisa.

— Qual é o caminho que leva à árvore? — A criatura pergunta, apoiando um machado brilhante no ombro.

— Há uma passagem seguindo por ali. — Digo.

— Onde está a professora? — Philon pergunta.

— Nós perdemos a senhorita McCleethy nas Terras Fronteiriças. — Digo.

Fowlson havia tirado seu cinto e, agora, estava afiando sua faca contra o couro com movimentos cada vez mais rápidos.

— Temo que esteja apenas começando. — Philon responde.

Com armas às mãos, nosso grupo incompleto parte na direção da pequena passagem que nos levará ao coração das Terras Invernais. Tento convencer a Górgona uma última vez.

— Eu queria que você pudesse se juntar a nós. Você definitivamente seria de grande ajuda.

— Não sou de confiança. — Ela insiste.

Me inclino para perto dela, mais perto que nunca, como se fosse abraçá-la. Uma das cobras se esfrega em meu pulso e eu não me afasto. Ela silva e continua a serpentear.

— Eu confio em você.

— Porque você não me conhece.

— Górgona, por favor...

A dor nasce naqueles olhos e ela os fecha para escondê-la.

— Não posso, Altíssima. Eu esperarei, estarei esperando sua volta.

— Se eu voltar. — Digo. — Nós estamos em menos número e minha magia está instável.

— Se você cair, estaremos todos perdidos. Destrua a árvore. Esse é o único jeito.

— Ela virá conosco? — Ann pergunta quando eu os alcanço.

— Não. — Digo.

Philon lança um olhar para a cruel paisagem — as nuvens listradas de vermelho, a implacável passagem à nossa frente. Um vento frio e desagradável joga a areia pedregosa em nossos rostos.

— Uma pena. A força guerreira dela seria de grande ajuda agora.

Aglomeramos-nos no estreito desfiladeiro. Uma gosmenta criatura pálida escorrega sua pegajosa mão por de trás de uma pedra e eu preciso colocar minha mão sobre a boca de Ann para silenciar seu grito.

— Só continue andando. — Sussurro.

Kartik se encolhe para voltar da encosta.

— Gemma, eu não acho que nos devêssemos sair daqui como fizemos antes. Nós estávamos muito expostos. Tem um pequeno túnel que leva até uma elevação atrás dos penhascos. É estreito e nada agradável, mas, de lá, poderemos espioná-los em segurança.

— Tudo bem. — Digo. — Mostre o caminho.

Nós andamos cuidadosamente por uma elevação que está se desfazendo em direção a

uma queda gigantesca. Olhar para isso faz meu coração acelerar, então eu mantenho meus olhos fixos no machado brilhante de Philon que está logo à frente. Finalmente, nós saímos do túnel e Kartik está certo: ali há um lugar atrás da colina onde podemos nos esconder.

— Vocês ouviram isso? — Kartik pergunta.

O barulho de tambores soa ao longe. Eles ecoam pelas montanhas.

— Eu vou ver o que é. — Kartik diz. Ele escala a íngreme montanha com uma destreza natural. Ele espia por cima do topo e desce rapidamente. — Eles estão se reunindo no campo.

— Quantos? — Philon pergunta.

O rosto de Kartik está preocupado.

— Muitos para contar.

A batida dos tambores retumba em meus ossos. Elas preenchem minha mente até eu sentir que vou ficar louca. É mais fácil não ver quantos eles são, não olhar como eles são horríveis e saber a verdade. Mas eu preciso saber. Eu preciso saber. Agarrando as rochas com força, eu me ergo e olho por cima da sólida escarpada que nos protege por enquanto.

Kartik não estava mentindo. O exercito das Terras Invernais é enorme e aterrorizador. Na linha de frente estão os Rastreadores em negras capas esvoaçantes que se abrem para revelar as almas presas ali dentro. Mesmo desta distância consigo ver o brilho de seus dentes pontudos. Eles se destacam entre os outros, com seus dois metros de altura. Os Guerreiros das Papoulas em suas emaranhadas cotas de malha se transformam em gigantescos corvos negros e circulam no céu acima dos campos. Eles grasnam com uma insistência apavorante; cada vez mais deles sobem, até que uma parte do céu se transforma em um borrão negro e o ar crepita com seus gritos. Eu rezo para que eles não voem nesta direção e vejam nosso esconderijo. Atrás deles está um exercito de espíritos corrompidos — os mortos andando. Os olhos deles são vazios e cegos ou inquietantemente azuis como os de Pippa. Eles seguem sem questionar. E, no centro, está a árvore, mais alta do que nunca, mais poderosa do que da última vez que a vi. Seus galhos se estendem em todas as direções. E posso jurar que consigo ver as almas deslizando por debaixo de sua casca, como sangue sob a pele. E eu sei que seu coração negro esconde Eugenia Spence.

Os tambores soam em um ritmo estrondoso.

— Como lutaremos contra eles? — Ann pergunta e eu sinto seu medo em mim mesma.

— Olhem, lá embaixo. — Felicity diz. Um dos guerreiros da papoula arrasta Wendy consigo. Ela tropeça, exausta, mas intacta. Comendo aquelas bagas que a amaldiçoaram a uma vida aqui, mas que devem tê-la salvo de ser um sacrifício conveniente. O Guerreiro da Papoula lambe a bochecha de Wendy e ela recua. Eu odeio pensar nela sendo presa por uma criatura tão horrível.

Os tambores param e o silêncio é quase mais assustador do que todo o barulho.

— O que eles estão armando? — Fowlson pergunta, sua faca pronta em sua mão.

— Eu não sei. — Digo.

A árvore fala. *Vocês trouxeram o sacrifício?*

— Ela está aqui em algum lugar. — Um rastreador responde.

Eu te esperei por tanto tempo, a árvore murmura naquela voz que me atraiu antes. *Você me conhece? Você sabe o que poderíamos ser juntas? Que nós poderíamos controlar esse mundo e o outro? Junte-se a mim...*

As palavras me abraçam.

Gemma... venha para mim…

É minha mãe. Minha mãe está naquele campo usando seu vestido azul, seus braços esperando para me abraçar.

— Mamãe. — Sussurro.

Kartik puxa meu rosto para perto do seu.

— Isso não é sua mãe, Gemma. Você sabe disso.

— Sim. Eu sei. — Eu olho novamente e a imagem tremula como se fosse feita de gás e fogo.

— Eles podem nos fazer ver o que querem que nós vejamos, acreditarmos em qualquer coisa. — Uma Hajin com profundos olhos castanhos me lembra.

— Como lutaremos contra eles? — Um centauro pergunta. — Nos deixe pegar um pouco da mágica da sacerdotisa!

— Não. — Philon diz me observando. — Se ela usar a magia agora a árvore com certeza sentirá e eu temo o que isso significará.

Fowlson tem um olhar frio em seu rosto.

— Nós temos que chegar àquela árvore, amigos. Derrubá-la.

— Sim, esse é o nosso objetivo. — Felicity diz. Ela está com sua espada e quer usá-la.

Uma pequena discussão começa em nosso pequeno contingente. Ninguém consegue encontrar um plano que agrade a todos. Na planície, lá embaixo, eu vejo aqueles espectros hediondos, a árvore que guarda a alma de Eugenia Spence. Mas eu também posso sentir minha mãe, Circe, Srta. McCleethy, Pippa, Amar... tantos nomes. Tantas perdas.

— Séculos de luta e por o que? — Digo. — Hoje tudo acaba. Eu não posso mais viver com medo. Eu amaldiçoei este poder. Eu tanto o apreciei, quanto o abusei. E eu o escondi. Agora eu preciso tentar dominá-lo corretamente, junta-lo à um objetivo e esperar que isso seja o suficiente.

Um centauro começa a falar, mas Philon o silencia com um dedo.

— Dr. Van Ripple me disse que as ilusões funcionam por que as pessoas querem acreditar nelas. Então, ótimo. Vamos dar a eles o que eles querem.

Os olhos de Philon se estreitam.

— Qual é o seu plano?

— Eles estão procurando pela escolhida. E se ela estiver em todos os lugares ao mesmo tempo? E se eu conseguir materializar minha imagem no alto desta montanha e ainda mais ao longe? Eles me verão em todos os lugares. E como sacrificarão alguém que não existe?

Philon esfrega a mão pensativamente sobre aqueles lábios finos.

— Inteligente, mas arriscado, Sacerdotisa. E se fomos descobertos?

— Nós só precisamos de tempo o suficiente para deixá-los confusos enquanto chegamos

mais perto da árvore e a destruímos.

— E quanto a adaga? — Felicity pergunta.

— Deixe isso comigo. — Digo.

— E temos certeza de que derrubando a árvore tudo isso terminará? — Um centauro pergunta.

— Não. — Digo. — Mas é o melhor plano que temos, de acordo com todos aqui.

Alguns balançam a cabeça e outros murmuram em concordância.

— Sr. Fowlson, Felicity, vocês liderarão. Ann. — Digo, olhando para seu rosto valente. — Tente tirar Wendy de perto daquele Guerreiro das Papoulas.

— E eu? — Kartik pergunta.

Fique comigo.

— Alguém precisa procurar Amar. Ele é muito poderoso. — Digo tristemente.

— Gemma, nós deveríamos estar lutando lado a lado. — Diz e eu sei que ele está pensando no sonho que teve.

— Foi apenas um sonho. — Digo, engolindo com dificuldade, querendo que ele faça uma piada sobre nosso longo futuro depois que tudo isso terminar, mas ele apenas concorda e isso me deixa ainda mais assustada.

— E se eles conseguirem te encontrar, no final? — Philon pergunta.

Eu morrerei aqui. Minha alma estará perdida nas Terras Invernais para sempre. O nosso mundo e os reinos serão governados pelas criaturas das Terras Invernais.

— Vocês não deverão tentar me salvar. Alcancem a árvore. Derrubem-na. Não sei dizer se este é um bom plano ou não. Mas precisamos fazer algo. E só conseguiremos realizá-lo juntos.

Eu estendo minha mão. E espero durante o minuto mais longo da minha vida. Kartik coloca sua mão sobre a minha. Felicity e Ann o imitam logo em seguida. Os longos dedos de Philon são os próximos. Bessie e Fowlson. Os Hajin. Os centauros. A tribo das florestas. Mão sobre mão, nós nos unimos, todos nós. Eu me concentro firmemente para manter longe todos os pensamentos que não são meus. Seria fácil para os pensamentos das criaturas das Terras Invernais me invadirem, para a árvore se infiltrar em minha mente. Eu sinto a magia fluindo de mim para os outros, um por um. E, quando abro meus olhos, é como estar dentro da casa de espelhos de alguma feira. Para onde quer que eu olhe, somos todos iguais. Todos usam meu rosto. Como eles encontrarão a escolhida se todos somos escolhidos?

— Não há mais tempo para reconsiderar. — Digo. — Seremos descobertos a qualquer momento. Não vamos nos deixar ser pegos de surpresa.

As batidas de tambores recomeçam. O sangue corre mais rápido em meus ouvidos. Nós nos espalhamos pelo topo das colinas. Lá embaixo, os horríveis rastreadores apontam e guincham. Eles começam a agir, mas nós também. Nós cerremos na direção do campo. Espadas descem. O som metálico de espada contra espada me dá calafrios. Uma saraivada de flechas voa dos centauros que estão nas ladeiras. Uma flecha passa assoviando por mim e acerta seu alvo — um espectro que estava perigosamente perto.

— Aahhhhhhh! — Um cruel grito de guerra corta o ar. Eu vejo um de nós brandindo uma espada como se tivesse nascido para isso e sei que, por debaixo da ilusão, bate o coração de minha amiga Felicity.

Eu mal acredito no que vejo. Vindo em nossa direção, em uma velocidade furiosa, está a Górgona com uma espada em cada mão. Ela cambaleia ao andar, desacostumada a sentir suas pernas depois de tanto tempo sem usá-las. Mas isso não importa. Ela é uma figura terrível e magnífica, uma gigante verde dando golpes para a direita e para a esquerda. As cobras no topo de sua cabeça se contorcem e sibilam.

Ela grita por sobre todo o barulho.

— Se vocês querem guerra, eu lhes darei guerra. Eu sou a última de minha espécie. E não desistirei sem lutar.

Em toda sua glória, ela é uma visão a ser apreciada. As cobras se movem freneticamente em sua cabeça. Eu estou tanto deslumbrada por sua magnificência, quanto apavorada por seu imenso poder. Algumas criaturas se transformam em pedra sob seu olhar; outras ela corta com a força de sua espada. É como se ela não pudesse mais nos ver ou ouvir. Ela está tão imersa na guerra que chega a levantar a espada para um de nós.

— Górgona! — Grito.

Ela se vira para me olhar no ato. E, oh, há uma medonha intensidade naqueles olhos amarelos agora que está livre. É um horror do qual não consigo desviar os olhos. Eu estou caindo no assustador encanto da górgona. Meus pés estão duros como pedras. Não consigo me mexer. O mundo gira. Os sons da batalha desapareceram. A única coisa que ouço é o sibilo sedutor da górgona. "*Olhe para mim, olhe para mim, para mim, para mim, olhe e maravilhe-se...*"

A rigidez se espalha pelo meu sangue.

— Górgona. — Digo, minha voz estrangulada, mas não sei se ela me ouviu.

Olhe para mim, olhe para mim...

Não consigo respirar.

As cobras sibilam selvagemente. Os olhos da Górgona perdem sua sede por sangue. Eles se arregalam em terror.

— Não olhe, Altíssima! — A Górgona guincha. — Feche seus olhos!

Com a força que me restou, eu fecho meus olhos. O transe é quebrado imediatamente. Meus pulmões incham de alivio e eu caio, arfante, no chão.

Ela me ajuda a ficar de pé.

— Você não pode me olhar agora, por que não sou quem você conheceu. Sou meu eu guerreiro. Tome cuidado. Você entende?

Eu concordo vigorosamente.

— Eu poderia ter te matado. — Ela diz trêmula.

— Mas não matou. — Arquejo.

Ouço um gemido. Um de nós caiu. Por acidente, um espectro a faz sangrar. A Gemma falsa cai no chão.

— Estúpido! — Amar grita. — Você derramou o sangue dela aqui, agora sua alma não poderá mais ser nossa!

Mas o corpo no chão não tem mais o meu rosto. A magia vacila e desaparece. Meu rosto é substituído pelo de uma Hajin. Seus olhos castanhos olham fixamente para eles.

A criatura uiva de raiva.

— Eles nos enganaram! Esta não é ela!

— Encontrem-na. A verdadeira.

— Aqui! — Um de nós grita.

— Não, sou eu. Eu sou a escolhida! — Outro grita do campo de batalha.

— Eu sou quem vocês estão procurando! — Mais uma voz grita.

As criaturas guincham.

— Eles estão nos confundindo! Como podemos enxergar a verdade quando eles estão usando a magia dos reinos contra nós?

— É aquela que está perto da pedra! — Um Guerreiro da Papoula grita.

— Não, estou te dizendo que é essa que está perto de mim!

Nós estamos em todos os lugares e isso os deixa sobrecarregados. Eles começam a brigar uns com os outros.

— Por que vocês deveriam lutar pela glória da árvore? Pela glória dos rastreadores? Eles deixarão vocês morrendo e pegarão toda a magia para si mesmos. A árvore governará exatamente como a Ordem fez. — Eu grito por sobre a balburdia.

As criaturas me olham, duvidosos, mas ouvem o que tenho a dizer.

— Vocês continuarão sendo escravos do poder de outro alguém. Vocês realmente acreditam que eles o dividirão igualmente? — Um de nós grita.

Amar marcha em seu corcel branco.

— Não lhes dêem ouvidos! Eles são traidores!

Uma criatura esquelética com duas longas e retalhadas asas de mariposa agita sua lança acima da cabeça.

— Por que deveríamos dar o poder a eles, quando podemos pegá-lo para nós?

— O que vocês nos prometerão? — Outro homem pergunta. Sua pele é cinza como a chuva.

— Silêncio! — Os rastreadores abrem suas capas hediondas para revelar as almas que gritam lá dentro. — Vocês vêem o que queremos que vejam!

As criaturas das Terras Invernais se acovardam e caem sob o feitiço de seus lideres novamente.

Ela está usando sua magia contra nós. Encontrem a garota, a verdadeira, a árvore diz. *Não deixem que eles lhe enganem. Ela será aquela que eles tentarão proteger.*

Um rastreador parte para cima da Górgona. Ela fixa seu olhar nele e a coisa entra em transe. A espada é erguida. Ela desce com um zunido e o rastreador cai como um broto sob uma chuva torrencial. O que quer que tenha sobrado dele, alguma força interna, sai espiralando de seu corpo como uma tempestade de areia e vai diretamente até a Árvore de

Todas as Almas. A árvore o aceita com um grito espantoso. Com um alto estalido os galhos crescem para cima e para os lados; as raízes se enterram mais profundamente na terra congelada. A árvore brilha com a nova energia.

— Górgona! — Eu grito por cima do barulho das flechas voando e dos guinchos da batalha. — Nós precisamos parar!

Ela não se atreve a olhar para mim.

— Por quê?

— Quanto mais matamos, mais forte a árvore fica. Ela está recolhendo as almas! Nós não estamos derrotando-os; estamos lhes dando cada vez mais força!

Eu examino o campo de batalha e vejo Kartik correndo na direção de seu irmão. Kartik já está livre de seu disfarce, seus cachos escuros emoldurando seu rosto como a juba de um leão. Ele corre com graça e vigor. Eu olho ao redor e vejo vislumbres de Felicity e Philon se revelando. A magia não está durando! É só uma questão de segundos antes que nosso plano seja descoberto e, eu, descoberta e então...

Ouço o lamento de Philon. A criatura alta e elegante foi ferida por um rastreador. Seu machado foi jogado para longe. Não há tempo para pensar. Eu preciso chegar à árvore.

Erguendo minhas saias, corro o mais rápido que posso, agarrando o machado no caminho. Eu quase escorrego no gelo e no sangue, mas consigo manter meu ritmo. Corro diretamente para a árvore.

Ela está vindo! A árvore grita. Suas raízes se esticam e se enrolam em meus tornozelos, fazendo-me cair com força. O machado escorrega de minha mão e aterrissa longe demais para que eu o recupere.

— Gemma…

Eu olho para cima. Acima de mim, no emaranhado de galhos da árvore, Circe está enrolada dentro de um casulo de ramos, vinhas e urtigas afiadas. Seu rosto está cinza e boca está empolada e inchada. Nas mãos dela está a adaga.

— Gemma. — Ela me chama em uma voz estrangulada. — Você precisa... terminar...

Os ramos se apertam ao redor de sua garganta, interrompendo seu aviso, mas não antes que ela derrube a adaga no chão. Eu tateio as grossas raízes em busca dela.

Gemma, você abriria mão de tudo isso? Por quê? O que você ganhará quando me derrotar? A árvore entoa. *Uma vidinha meticulosa? Deixar de ser especial? Deixar de ser alguma coisa?*

— Eu serei diferente. — Digo.

Isso é o que todas dizem. A árvore ri amargamente. *E então a magia vai ficando cada vez mais fraca. Elas crescem e se afastam. Os sonhos desaparecem juntamente com a beleza. Elas mudam. E quando elas finalmente descobrem que gostariam disso tudo, é tarde demais. Elas não podem voltar. Este será o seu destino?*

— N-não. — Digo, me afastando da adaga e das vinhas.

— Gemma! — Kartik está me chamando. Mas não consigo tirar meus olhos da árvore, não consigo parar de ouvir.

Fique comigo, ela diz docemente. *Assim, para sempre. Jovem. Bela. Florescendo. Eles lhe venerarão.*

— Gemma! — É a voz de Felicity.

Fique comigo...

— Sim. — Eu digo, minha mão se esticando avidamente na direção da árvore, por que ela me entende. Eu pressiono minha palma contra a casca e, subitamente, tudo some. Somos apenas a árvore e eu. Eu vejo Eugenia Spence na frente da árvore, confiante e suntuosa. Eu procuro meus amigos, mas eles sumiram.

— Se entregue a mim, Gemma, e você nunca ficará sozinha novamente. Você será venerada. Adorada. Amada. Mas você precisa se entregar a mim. Um sacrifício voluntário.

Lágrimas escorrem por meu rosto.

— Sim. — Murmuro.

— Gemma, não lhe dê ouvidos. — Circe diz roucamente e, por um momento, não vejo Eugenia; vejo apenas a árvore, o sangue pulsando sob sua casca pálida, os cadáveres pendurados, vacilando em harmonia.

Eu arfo e Eugenia está à minha frente novamente.

— Sim, isso é o que você quer, Gemma. Você pode tentar o quanto quiser, mas não pode destruir esta parte de si mesma. A solidão de si mesma espera logo no fim das escadas de sua alma. Sempre lá, não importa o quanto você tenha tentado se livrar dela. Eu entendo. De verdade. Fique comigo e você nunca ficará sozinha novamente.

— Não dê ouvidos... a essa... vadia. — Circe diz com dificuldade e as vinhas se apertam em seu pescoço.

— Não, você está errada. — Digo à Eugenia, como se estivesse saindo de um longo sono. — *Você* não conseguiu matar esta parte de si mesma. E não conseguia aceitá-la, tampouco.

— Não faço a menor idéia do que você está falando. — Ela diz, parecendo insegura pela primeira vez.

— É por isso que eles conseguiram te pegar. Eles encontraram seu medo.

— E, por favor, qual seria ele?

— Seu orgulho. Você não conseguia acreditar que poderia ter algumas qualidades em comum com as criaturas.

— Eu não sou como elas. Eu sou a esperança delas. Eu as sustento.

— Não. Isso é o que você diz a si mesma. Foi por isso que Circe me disse para procurar meus cantos obscuros. Para que eu não fosse pega desprevenida.

Circe ri, um cacarejo despedaçado que rasteja por debaixo da minha pele.

— E quanto a você, Gemma? — Eugenia ronrona. — Você já 'procurou' dentro de si mesma, como disse?

— Eu fiz coisas das quais não me orgulho. Eu cometi muitos erros. — Digo, minha voz ficando cada vez mais forte,meus dedos procurando a adaga novamente. — Mas eu fiz coisas boas, também.

— E ainda assim, você continua sozinha. Todo esse esforço e você continua afastada,

observando tudo do outro lado do vidro. Com medo de ter o que realmente quer por que *e se não for o suficiente, afinal*? E se você conseguir e ainda se sentir sozinha e excluída? É tão melhor se cobrir com o desejo. Com a ânsia. Com a inquietação. Pobre Gemma. Ela não se encaixa muito bem, não é? Pobre Gemma… completamente sozinha.

É como se ela tivesse dado um golpe diretamente em meu coração. Minha mão hesita.

— E-eu...

— Gemma, você não está sozinha. — Circe arqueja e minha mão toca o metal.

— Não. Não estou. Eu sou como todo mundo nesse estúpido, maldito, maravilhoso mundo. Sou imperfeita. Completamente imperfeita. Mas, esperançosamente, ainda sou eu. — Estou com ela agora. Segura e forte em meu punho. — Eu vejo através de você. Eu vejo a verdade.

Eu fico de pé e, subitamente, a ilusão que Eugenia criou tão habilmente, se desmancha. Eu vejo o campo de batalha inundado por sangue e lutas. Ouço o tinido de metal contra metal, os gritos de vingança, de medo, de instintos e desejo por poder, de desespero, de valores puros e da justiça sem misericórdia — tudo se misturando em um único e terrível rugido que suga todas as vozes, todos os corações, todas as esperanças.

— Muito bom, Gemma. — Eugenia diz. — Você é, de fato, muito poderosa. Uma pena que você não vá viver o suficiente para cometer mais desses seus gloriosos erros.

Eu ergo a adaga.

— Certo. Vamos terminar isso direito.

Os vários braços da árvore se esticam e gemem. Sua superfície se turva com as almas devoradas. Eu tento enxergar melhor, mas isso não é nenhuma ilusão. É assustadoramente real e eu caio de costas enquanto a árvore fica cada vez mais alta, pairando sobre mim.

— Gemma, faça logo. — Circe geme em agonia.

Eu convoco toda a magia que tenho, canalizando-a na adaga.

— Eu liberto as almas presas aqui! Vocês estão livres!

Eu fecho meus olhos e tento enfiar a adaga na árvore. Um dos galhos a tira da minha mão. Com um sobressalto, eu a vejo cair no chão. A árvore guincha e uiva, chamando a atenção de todas as pessoas no campo de batalha.

— O sangue dela deve ser derramado! — A árvore comanda.

— Gemma! — Kartik me chama e eu ouço o alarde em sua voz.

Amar vem atrás de mim. Ele impulsiona seu cavalo para frente, ganhando velocidade. Eu luto para me livrar do aperto da árvore e parto na direção da adaga, que está longe demais. Por um momento, a velocidade do tempo diminui. O rugido da batalha diminui até virar um zumbido. Há apenas o som de cascos batendo no chão na mesma freqüência que o sangue pulsa em minhas orelhas. Eu vejo Kartik correndo atrás de seu irmão com uma determinação feroz em seus olhos. E, então, o mundo volta a seu ritmo normal.

As raízes me fazem tropeçar. Eu caio no chão. Arfando, rastejo para a adaga, mas Amar é mais rápido.

— Não! — Kartik grita e, então, eu sinto uma dor aguda em meu flanco. Quando olho

para baixo, a adaga está lá e meu sangue se espalha por minha blusa em uma mancha que fica cada vez maior.

— Gemma! — Felicity grita. Eu a vejo correndo em minha direção com Ann logo atrás.

Eu tropeço para frente e, quando chego à árvore, eu puxo a adaga para fora de mim com um choro angustiado.

— Eu… liberto… estas almas. — Repito em um sussurro.

Eu mergulho a adaga na árvore. Ela grita de dor e as almas deslizam por sua casca, impulsionando-se para fora de seus galhos como folhas pegando fogo e, então, elas se vão.

Meus olhos rodam. O chão se torna oscilante. Meu corpo treme até que não consigo mais controlá-lo. Eu sou capturada pelos braços da árvore. E a última coisa que ouço ao cair contra o berço de galhos é Kartik gritando meu nome.

69

A NÉVOA É DENSA E ACOLHEDORA. BEIJA MINHA PELE FEBRIL com um frescor, assim como os lábios amorosos de uma mãe. Não posso ver o que está à frente. Assim como nos meus sonhos. Mas agora um brilho amarelo atravessa a névoa cinzenta. Algo está se aproximando. O brilho vem de um lampião suspenso por uma vara comprida, e a vara está atada a uma barca enfeitada com flores de lótus. As Três vieram, e elas vieram por mim. Na névoa, atrás de mim, ouço uma voz familiar: *Gemma, Gemma.* A voz se move através de mim toda suave e sussurrante, e eu desejo voltar a ela, mas as mulheres acenam com suas mãos e eu me movo para encontrá-las. Seus movimentos são lentos, como se fizessem um grande esforço. Os meus também são. Meus pés parecem afundar na lama a cada passo, mas estou chegando perto.

Aproximo-me da barca. Elas acenam para mim. A que é velha fala.

— Chegou a sua hora. Você tem uma escolha a fazer.

Ela abre a mão. Há nela um cacho de bagas profundamente roxas, muito mais escuras do que as que Pip comia. Elas pousam na palma da mão em concha, tão brilhantes como jóias.

— Engula as bagas e vamos embarcá-la para a glória. Recuse-as, e você terá que retornar ao que for que te aguarda. Uma vez que você escolher, não haverá volta atrás.

Por um momento, eu ouço minhas amigas me chamando, mas elas parecem estar muito longe, como se eu pudesse correr e correr e nunca alcançá-las.

— Gemma — viro-me para ver Circe atrás de mim. Ela perdeu sua antiga palidez cinzenta. Ela se mostra assim como no primeiro dia que a vi em Spence, quando era a senhorita Moore, a professora que amei. — Você fez bem — ela diz.

— Você sabia que Eugenia tinha se tornado a árvore, não é? — digo.

— Sim — responde ela.

— E você quis me salvar? — pergunto esperançosamente.

Ela me dá um sorriso triste.

— Não tenha ilusões sobre mim, Gemma. Eu queria me salvar primeiro. Ter o poder em segundo. Você estava em um distante terceiro lugar.

— Mas ao menos *estava* em terceiro lugar — digo.

— Sim — ela diz com uma pequena risada. — Você estava em terceiro.

— Obrigada — digo. — Você me salvou.

— Não. Você salvou a si mesma. Eu só ajudei um pouco.

— O que será de você agora? — pergunto.

Ela não responde.

— Ela vai vagar aqui, nesta névoa para sempre — a mulher idosa me diz.

A escolha está diante de mim na palma de sua mão. Os gritos dos meus amigos se enfraquecem na neblina. Pego uma baga gorda e a coloco na língua, saboreando-a. Não é azeda. Pelo contrário, só há uma agradável doçura e então mais nada. É o sabor do esquecimento. Do sono e sonhos dos que não acordam. Não voltar a querer ou ansiar, nem lutar ou machucar, amar ou desejar. E entendo que isso é o que realmente significa perder sua alma.

Minha boca se adormece com a doçura. A baga se assenta na minha língua.

Felicity carregando varas-de-ouro[80] em seus braços. A voz de Ann, forte e segura. A Górgona marchando pelo campo de batalha.

Eu só tenho que engolir a baga e está feito. Isso é tudo. Engolir a baga e com ela toda a agonia, toda a preocupação, toda a esperança. Quão fácil seria fazer isso.

Kartik. Eu o deixei na árvore. A árvore. Eu tinha que fazer algo ali.

Tão fácil, tão fácil...

Kartik.

Com um esforço tremendo, cuspo a baga da minha boca, engasgando enquanto tento livrar minha língua do adormecimento açucarado. Meu corpo dói como se eu tivesse empurrado eternamente uma rocha pesada colina acima, mas agora estou livre dela.

— Sinto muito. Não posso ir com vocês. Agora não. Mas eu tenho um pedido, não tenho?

— Se você deseja — diz a anciã.

— Sim, desejo. Gostaria de oferecer meu lugar a outra — digo, olhando em direção a Circe.

— Você me daria?— pergunta ela.

— Você salvou minha vida. Isso deve contar para alguma coisa — eu digo.

— Você sabe que detesto auto-sacrifício — responde.

— Eu sei, mas não vou permitir que você fique vagando pela névoa. É muito perigoso.

Ela sorri para mim.

— Você realmente fez muito bem, Gemma — ela se vira para as Três. — Eu aceito.

Circe entra na barca. A anciã acena para mim.

— Você fez a sua escolha. Agora não há como voltar atrás. Não importa o que acontecer você terá que aceitar.

— Sim, eu sei.

— Então nós lhe desejamos boa sorte. Não nos encontraremos novamente.

Eu piso na margem enlameada rodeada pela névoa, enquanto a donzela empurra o remo

---

[80] N/T: Vara-de-ouro ou Vara-dourada é o nome de uma planta que floresce com flores douradas e muito vistosas no fim do verão.

contra o fundo do rio derivando para o nevoeiro e Circe se abriga nas sombras. Eu me movo lentamente até que minhas pernas se lembram de como caminhar rapidamente e então eu estou correndo, correndo com todas as minhas forças, me impelindo entre a névoa com passos vorazes e determinados até que parece como se estivesse voando. Sinto a dureza dos ramos nas minhas costas, uma dor aguda no flanco. Eu pressiono uma mão nele, e quando a puxo de volta está encharcada de sangue.

Estou de volta onde eu estava no solo congelado das Terras Invernais.

— Kartik, Kartik! — minha voz é áspera e fraca. A pouca magia que me resta está se escoando.

Seus olhos estão arregalados com alarme.

— Gemma! Não se mova. Se seu sangue cair sobre o solo das Terras Invernais...

— Eu sei.

Com um grande esforço, eu mergulho a adaga em sua empunhadura e retrocedo, tentando ficar longe da confusão de raízes da árvore. Levo uma mão à ferida e o sangue escorre pela minha mão. A árvore oscila precariamente. As criaturas das Terras Invernais gritam agudamente ao ver sua ferida mortal. Com um estrondo enorme, se divide abrindo, e a magia que contém sangra.

— Afastem-se! — grita a Górgona, mas não rápido o suficiente.

Cada pedacinho de poder da árvore derrama em Kartik. Seu corpo recebe a magia como uma centena de golpes. Ele cai no chão, e eu temo que o tenha matado.

— Kartik! — eu grito.

Ele cambaleia lentamente até ficar de pé, mas ele não é mais Kartik. Ele é algo totalmente diferente, um ser entalhado das sombras e luz, seus olhos mudando do castanho para um aterrorizante branco e azul. Ele é tão brilhante que machuca meus olhos ao olhar. Todo o poder da árvore — a magia das Terras Invernais — agora vive dentro dele, e eu não sei o que isso significa.

— Kartik! — eu me estendo para ele e meu sangue cai no solo congelado.

— Está começando de novo! — um rastreador exclama aos gritos dos outros.

As raízes machucadas da árvore cobram vida. Elas se enroscam ao redor dos meus tornozelos e sobem até minhas canelas. Eu grito e tento me afastar, mas estou sendo devorada.

— Nós não a matamos — eu arfo. — Por quê?

— Ela não pode ser morta — Amar brada. — Só pode ser mudada.

Felicity e Ann correm para liberar as raízes enquanto Fowlson as corta a machadadas, mas os novos rebentos são muito fortes.

— Eu te disse que você a traria para nós, Irmão. Que você seria a morte dela — diz Amar tristemente.

Kartik irradia poder.

— Você me disse para seguir meu coração — ele diz a Amar, e um resto do antigo Amar, o que seja que sobrou dele, o escuta.

— Fiz sim, Irmão. Você me dará a paz?

— Darei.

Tão veloz quanto um tigre, Kartik agarra a espada de Amar. Amar levanta os braços e Kartik o atravessa com ela. Amar dá um profundo gemido. A luz é penetrante e logo deixa de existir. Kartik coloca suas mãos em meu flanco. A magia chameja ao cobrar vida, e nós dois estamos brilhando com luz e nos escurecemos com as sombras. Sua força flui em mim, até que a magia das Terras Invernais se mistura com a do Templo. E por um breve momento, somos uma união perfeita. Eu posso senti-lo dentro de mim, e eu dentro dele. Posso ouvir seus pensamentos; sei o que está em seu coração, o que ele pretende fazer.

— Não — digo. Eu tento me soltar, mas ele me segura com força.

— Sim, é a única solução.

— Eu não vou permitir!

Kartik me puxa para mais perto.

— A dívida deve ser paga. E você é necessária no mundo. Eu esperei minha vida inteira para ter um propósito. Para saber o meu lugar. Agora já sei.

Eu balanço a cabeça. As lágrimas queimam meu rosto frio.

— Não.

Ele sorri tristemente.

— Agora eu sei o meu destino.

— Qual é?

— Este.

Ele me atrai para ele em um beijo. Seus lábios são quentes. Ele me estreita com força em seu abraço. As raízes suspiram e liberam seu agarre da minha cintura e a ferida do meu flanco está curada.

— Kartik, — eu choro, beijando suas faces. — Elas me soltaram.

— Isso é bom — diz. Ele dá um pequeno grito. Suas costas se arqueiam e todos os músculos de seu corpo contraem.

— Afaste-se — a Górgona grita, seus olhos frios.

— Caramba — Bessie diz com temor.

A magia toma conta de Kartik e agora percebo o que ele fez. Ele está deixando a árvore reclamá-lo em uma troca. Ann e Felicity me alcançam. Fowlson tenta me segurar, mas eu escapo dele.

É tarde demais para reverter a magia. As Terras Invernais aceitaram o trato de Kartik.

— Seu eu pudesse voltar atrás... desfazer... — digo soluçando.

— Nunca há qualquer volta atrás, Gemma. Você tem que ir em frente. Construir seu próprio futuro — diz Kartik.

Ele me beija suavemente nos lábios e eu devolvo o beijo até que as vinhas se enroscam em volta de sua garganta e seus lábios ficam frios. O último som que ouço dele é o meu nome pronunciado suavemente.

— Gemma...

A árvore o aceita. Ele se foi. Apenas sua voz perdura, ecoando meu nome no vento.

O rastreador aponta.

— Ela ainda tem a magia do Templo! Ainda podemos tê-la!

Eu os empurro de volta com a força do meu poder.

— É por isso que vocês lutariam? Pelo que matariam? Tentariam entesourar ou defender? Não mais — digo, meus lábios ainda quentes pelo beijo de Kartik. — A magia era para ser compartilhada. Nenhum de vocês irá possuí-la! Eu devolverei a magia à terra!

Coloco as mãos na terra rachada.

— Eu devolvo essa magia aos reinos e também as Terras Invernais, que ela possa ser compartilhada em partes iguais entre as tribos!

Os rastreadores gritam e uivam como se estivessem com dor. As almas que eles capturaram impelem através de mim empreendendo seu caminho para onde quer que seja que nós vamos depois daqui. Sinto a passagem deles. É algo como uma procissão de carnaval. E quando se vão, não há ninguém para liderar os outros, os mortos. Eles olham com espanto, não tão certos do que aconteceu ou do que acontecerá.

As criaturas pálidas que se escondem nas fendas e rachaduras das Terras Invernais rastejam para mais perto. O calor da árvore derrete um pequeno pedaço de gelo na sua base. Finos brotos de grama lutam para sair da nova terra. Eu os toco e eles são tão macios como os dedos de Kartik em meu braço.

Algo em mim se rompe. Meu rosto está coberto de lágrimas. Então faço o que anseio fazer. Eu me afundo na grama crescente, e choro.

ATO V

Manhã

Você deve ser a mudança que quer ver no mundo.

— MAHATMA GANDHI

70

A SENHORA NIGHTWING NOS ESPERA NA CAPELA, onde ela embala o corpo da Mãe Elena.

— As criaturas? — Ann pergunta, rouca por ter gritado tanto.

A Sra. Nightwing balança a cabeça.

— Seu coração. Ela não caiu por eles. Pelo menos, já é alguma coisa.

A Sra. Nightwing nos conta ao passar: Felicity, Ann, Fowlson, eu.

— Sahirah...? — ela sussurra. — E...

Eu balanço a cabeça. Ela abaixa os olhos, e nada mais é dito.

As meninas de Spence estão amontoadas juntas. Seus olhos estão arregalados e assustados. O que viram essa noite está além dos bailes, reverências e sonetos.

A Sra. Nightwing coloca a mão no meu ombro.

— Não há nada mais que eu possa lhes dizer. Elas viram e estão assustadas.

— Deveriam estar — é a minha voz que soa tão insensível?

— Elas não podem saber o que aconteceu.

Ela quer que eu use a magia que me resta e apague todas as lembranças desta noite de suas mentes. Para fazê-las esquecer e assim poderem continuar como antes. No mundo haverá sempre Cecilys, Marthas, e Elizabeths — aquelas que não podem suportar o peso da verdade. Elas vão beber seus chás. Pesarão suas palavras. Usarão chapéus para se protegerem do sol. Espremerão suas mentes em espartilhos, afim de que nenhum pensamento errante escape e arruíne a ilusão polida que elas têm de si mesmas e do mundo como elas gostam.

Esquecer é um luxo. Ninguém virá para levar embora as coisas que eu desejaria não ter visto, as coisas que eu desejaria não ter conhecido. Terei que viver com elas.

Eu me arranco de seu agarre.

— Por que eu deveria?

***

De qualquer maneira eu faço. Logo que me asseguro que as garotas estão dormindo, me esgueiro em seus quartos, um por um, e coloco minhas mãos em suas testas franzidas, as

quais refletem a inquietação por tudo que testemunharam. Eu observo enquanto aquelas expressões suavizam virando telas em branco debaixo dos meus dedos. É uma forma de cura e fico surpresa com o quanto me sinto melhor por fazê-lo. Quando as garotas acordarem, lembrarão de um sonho estranho de magia e sangue e curiosas criaturas e, talvez, de uma professora que conheciam e cujo nome não brotará de seus lábios. Por um momento, elas poderão se esforçar para lembrar, mas então dirão a si mesmas que era apenas um sonho e o melhor seria esquecer.

Eu fiz o que a Sra. Nightwing disse que eu deveria fazer. Porém eu não tirei todas as suas lembranças. Eu as deixei com um pequeno indício desta noite: dúvida. Uma sensação de que talvez haja algo mais. Não mais é do que uma semente. Se ela deverá florescer para algo mais útil, não posso dizer.

Quando é a hora de eu visitar Brigid, eu a encontro acordada em seu quartinho.

— Está tudo bem, amor. Eu não ligo para esquecer, se dá tudo no mesmo — diz ela, e não há mais folhas de sorveira em sua janela.

***

Existe um antigo provérbio tribal que ouvi uma vez na Índia. Ele diz que antes que nós possamos ver corretamente, devemos primeiro derramar nossas lágrimas para limpar o caminho.

Eu choro por dias.

A Sra. Nightwing não me obriga a descer e não permite que ninguém, nem mesmo Fee e Ann, me visitem. Ela trás minhas refeições em uma bandeja, colocando-a na mesa em meu quarto escurecido, e sai sem dizer uma palavra. Ouço apenas o ruído da armação de seu vestido enquanto caminha pelos assoalhos de madeira envelhecidos, para lá e para cá. Às vezes, quando eu acordo nas primeiras horas da manhã, sinto como se estivesse saindo de um longo e estranho sonho. A luz aveludada suaviza cada canto no quarto, banhando-o de possibilidades. Nesse feliz momento, espero um dia como qualquer outro: estudarei francês, rirei com as amigas. Verei Kartik atravessando o gramado, seu sorriso me enchendo de calor. E assim que eu começo a acreditar que tudo está bem, há uma certa mudança sutil na luz. O quarto adota sua forma verdadeira. Eu luto para voltar a essa feliz ignorância, mas é tarde demais. A dor entorpecente da verdade pesa na minha alma, corroendo-a. E eu fico irremediavelmente acordada.

71

A MANHÃ DE NOSSA PARTIDA É UM DIA DE PRIMAVERA tão bonito como fazia tempo que eu não via.

Quando, finalmente, chega a hora das despedidas, Felicity, Ann e eu permanecemos juntas no jardim da frente; nossos olhos procuravam o pó do caminho que indica a chegada da carruagem. A senhora Nightwing arruma a gola do casaco de Ann, se assegura de que a aba de seu chapéu esteja correta e que a mala de Felicity está bem fechada.

Não presto atenção em nada disso. Estou entorpecida.

— Bom — diz a senhora Nightwing pela décima oitava vez em meia hora. — Vocês levam lenços o suficiente? Nunca deve faltar lenços para uma dama.

A mesma Nightwing de sempre, apesar dos horrores que aconteceram; neste momento estou feliz por sua integridade, de onde seja que surja.

— Sim, obrigada, senhora Nightwing — diz Ann.

— Ah, bem, bem.

Felicity presenteou Ann com seus brincos de granada. E eu, o elefante de marfim que trouxe da Índia.

— Leremos sobre seus admiradores no jornal — diz Felicity.

— Só sou uma das garotas alegres — lembra-nos Ann. — Há outras mais.

— Sim, bom. Todas temos que começar com algo — diz a senhora Nightwing com um estalo de sua língua.

— Escrevi para meus primos e disse que não esperem que eu volte — diz Ann. — Estão terrivelmente irritados.

— Assim que você se tornar a sensação dos palcos londrinos, pedirão para você entradas aos gritos e contarão para todo mundo que conhecem você — assegura-lhe Felicity, e Ann sorri. Felicity se vira para mim. — Acho que na próxima vez que nos virmos seremos autênticas damas.

— Acho que sim — respondo.

E já não temos nada mais que nos dizer.

Um grito se estende entre as garotas amontoadas no jardim. A carruagem se aproxima.

Quase pisoteiam umas as outras para serem as primeiras a dar a notícia.

— Basta — queixa-se Felicity e entra na carruagem para se afastar da multidão.

Amarram com cordas os baús de Ann. Nos abraçamos e não nos separamos durante um tempo interminável. Finalmente, sobe os degraus da carruagem que a levará para a estação de trem que a conduzirá para Londres e o Gaiety Theatre.

— Adeus — grita enquanto se despede com a mão pela janela aberta da carruagem. — Até amanhã e amanhã e amanhã!

Levanto a mão com uma meia saudação e, ela assente; deixamos que, de momento, isso baste como despedida.

Dentro de algumas horas estarei de volta em Londres, na casa da minha avó, preparando-me para a vertiginosa série de bailes e festas que constituí a temporada social. No sábado terei que fazer minha reverência ante a rainha e minha apresentação na sociedade na presença de familiares e amigos. Haverá um jantar e baile. Usarei um bonito vestido branco e plumas de avestruz no cabelo.

E não poderei ser mais descuidada.

72

CHEGOU A CARRUAGEM QUE NOS LEVARÁ AO PALÁCIO de Saint James. Nem sequer esta noite nossa governante consegue ocultar sua excitação. Pela primeira vez olha para mim em vez de dirigir seu olhar ao meu redor.

— Está realmente bonita, senhorita.

— Obrigada — digo.

A costureira acaba de dar os últimos toques em meu vestido. Uso o coque na cabeça, coroado com uma tiara e três plumas de avestruz. Uso luvas brancas e longas que chegam até a parte superior dos meus braços. E meu pai me presenteou com meus primeiros diamantes autênticos, presos em uma delicada gargantilha que brilha contra minha pele como gotas de orvalho.

— Linda, linda — não para de dizer vovó, até que lhe apresentam a fatura, momento em que seus olhos se arregalam. — Como diabos eu consenti que tivesse todas essas rosas e pérolas? Eu devo ter perdido a cabeça.

Tom me dá um beijo na bochecha.

— Está maravilhosa, Gem. Está preparada para caminhar por esse longo caminho?

Assinto.

— Acho que sim. Espero que sim.

Tenho mariposas no estômago.

Papai me oferece seu braço. Ainda está delicado de saúde, mas se mostra encantador.

— A senhorita Gemma Doyle de Belgravia, suponho.

— Sim — respondo e deposito uma mão na sua, com o braço no ângulo apropriado em relação ao meu corpo, como me ensinaram. — Sim, passe o...

Nós esperamos nosso momento no cortejo, com as outras jovens e seus pais. Estamos nervosas como jovens. Alguém garante que a cauda do vestido de uma jovem não é ofensivamente longo. A outra se agarra tão forte ao braço de seu pai que temo que o deixe inútil. Ainda não vi Felicity, mas gostaria de vê-la. Esticamos nossos pescoços para observar a rainha sentada em seu trono. Meu coração bate com muita pressa. *"Tranquila, Gemma, tranquila. Respira."*

Avançamos uns hediondos centímetros, o cortesão chama as garotas por seu nome de

uma a uma ao longo do cortejo. Uma jovem cambaleia levemente ao fazer sua reverência e a fofoca corre de boca em boca ao longo da fila entre múrmurios aterrorizados. Nenhuma de nós quer chamar a atenção.

— Coragem — diz meu pai com um beijo.

Espero meu momento de ficar a sós com a Câmara do Palácio Saint James. As portas se abrem. No final de um longo tapete vermelho está sentada a mulher mais importante do mundo, Sua Majestade, a Rainha Victoria. Suas sedas negras e suas rendas brancas conferem a ela um aspecto severo. No entanto, sua coroa brilha com tanta intensidade que não posso afastar a vista dela. Vou ser apresentada ante a rainha Victoria. Chegarei até ela como uma jovem e voltarei como uma mulher. Tal o poder desta cerimônia.

Sinto como se fosse desmaiar. Oh, vou ficar doente. *"Besteiras e ninharias, Gemma. Você já enfrentou coisas piores. Mantenha-se erguida. Costas retas, queixo levantado. Não é mais que uma mulher".* É claro que é — uma mulher que é a rainha e que tem meu futuro em suas sarmentosas mãos. Vou ficar doente. Eu sei. Cairei de bruços e viverei o resto de meus dias, envergonhada e estranha, em uma ermida do sul da Inglaterra, acompanhada por catorze gatos de diferentes tamanhos e cores. E quando for velha e me atreva a sair, ainda escutarei as pessoas murmurarem: "Aí está... a pessoa que caiu..."

O cortesão pronuncia meu nome em voz alta e clara:

— Senhorita Gemma Doyle!

Começo o caminho mais longo da minha vida. Contenho a respiração enquanto avanço pelo tapete, que parece se alongar com cada passo que dou. Ao longe, Sua Majestade parece um monumento solene de carne e osso. O quão é parecida com seus retratos resulta assustador. Por fim, chego até ela. É o momento que tanto desejei e temi. Com toda a elegância que posso reunir, desço o corpo como um suflê que se funde dentro de si mesmo. Inclino-me ante a rainha. Não me atrevo nem a respirar. Depois noto sua palma firme em meu ombro, cominando para que eu levante. Lentamente, retrocedo ante sua presença e ocupo meu posto entre as jovens que acabam de se tornarem mulheres.

***

Eu fiz o que era esperado de mim. Reverenciei minha rainha e fiz minha apresentação a sociedade. É o que ansiei por anos. Assim, por que me sinto tão insatisfeita? Todo mundo está contente. Não tem nenhum problema. E pode ser que seja isso: que terrível é não ter preocupações, e anseios. Não encaixo entre eles. Sinto profundamente e quero muito. Enquanto as jaulas, esta é uma dourada, mas não viverei bem nem nesta e nem em nenhuma outra, por esse motivo.

De repente, Lorde Denby aparece ao meu lado.

— Felicidades — diz. — Por sua apresentação na sociedade e por esse outro assunto. Segundo Fowlson, esteve magnífica.

— Obrigada — responde enquanto dou um gole em minha primeira taça de champanhe.

As bolhas fazem cócegas em meu nariz.

Lorde Denby baixa a voz.

— Também entendi que você devolveu a magia a terra e que agora é um recurso de que todos dispõem.

— É certo.

— E como pode estar certa de que este foi o caminho certo, que não acabarão dando-lhe um mau uso? — pergunta.

— Não posso estar — respondo.

Sua expressão horrorizada é rapidamente substituída por uma de envaidecimento.

— Então, por que não me permite que a ajude com tudo isto? Poderíamos ser sócios nisto; você e eu, juntos.

Entrego-lhe minha taça meio vazia.

— Não. Você não conhece os fundamentos de uma associação de verdade, senhor. Por isso nunca seremos amigos, Lorde Denby. Ao menos, quanto a este ponto, estou certa.

— Eu gostaria de dançar com a minha irmã, se me faz o favor, Lorde Denby — diz Tom com um brilhante sorriso e um olhar gelado.

— É claro, velho amigo. Aqui temos um bom homem — diz Lorde Denby e termina minha taça de champanhe, que é a única coisa que conseguirá de mim.

— Está bem? Que nojento mais insuportável — comenta Tom enquanto damos uma volta na pista de dança. — E pensar que antes o admirava.

— Tentei te advertir — digo.

— Vai ser este um destes espantosos momentos de "Eu já te disse"?

— Não — prometo. — E já conheceu sua futura esposa?

Tom arqueia as sobrancelhas.

— Eu conheci algumas candidatas para o cargo de senhora Thomas Doyle. É claro, tem que achar-me encantador e profundamente irresistível. Acho que você não quer me ajudar na busca com um pouco de...

— Temo que não. Terá que correr o risco.

Ele me faz girar com mais força.

— Você não é nada divertida, Gemma.

***

Mais tarde, naquela noite, eu me aproximo do meu pai antes que ele possa sair com outro homem para outro brandy.

— Papai, eu gostaria de ter uma palavra, se o senhor puder. Em particular.

Durante uns instantes, ele me olha com receio, embora, em seguida, pareça esquecer sua apreensão. Não lembra da última vez que tivemos uma conversa, a noite da festa de Spence. Não precisei da magia para borrar essa recordação; negou a si mesmo.

Vamos para uma salinha de estar cujas cortinas cheiram a fumaça antiga. Há algumas coisas que poderíamos falar com franqueza nesse momento: sua deterioração física, as batalhas que presenciei, os amigos que perdi. Mas não falamos de nada disso. Nunca falei

nada mais sobre isso, e acho que agora a única diferença é que sei. Tenho que selecionar minhas batalhas, e esta é a única que eu escolhi.

— Pai — começo a diz com a voz tremendo. — Só lhe peço que me deixe falar.

— Esse é um tom um tanto execrável — diz com uma piscada, tentando alegrar meu humor.

Que fácil seria esqueçer tudo que eu quero dizer. *"Coragem, Gemma".*

— Estou muito agradecida por esta noite. Obrigada.

— De nada, minha querida...

— Sim, obrigada... mas não irei para nenhuma outra festa. Não desejo continuar com a temporada social.

As sobrancelhas de meu pai se unem, consternadas.

— Não? E por quê? Por acaso não te dei o melhor do melhor?

— Sim, estou muito agradecida por tudo isso — respondo com o coração martelando em minhas costelas.

— Então, por que essa besteira?

— Eu sei. Não tem sentido. Mal sou capaz de entender eu mesma.

— Então será melhor que falemos sobre isso em outro dia — diz e faz um gesto de se levantar.

Quando fizer isso a conversa estará concluída. Não haverá outro dia. Eu sei. Eu o conheço.

Ponho uma mão na sua.

— Por favor, papai. Você disse que me deixaria falar.

Ele se senta, relutante, mas já perdeu todo o interesse. Move nervosamente seu relógio. Tenho pouco tempo para expor meu caso. Poderia sentar-me aos seus pés como quando era pequena, deixar que acariciasse meu cabelo. Antes era reconfortante. Mas agora não há tempo para isso, e não sou uma criança. Pego a cadeira que está na frente dele.

— O que quero dizer é que não imagino esta vida para mim.Festas e bailes intermináveis, fofocas... não quero passar minha vida encolhendo-me para caber neste mundo estreito. Não posso falar com tanta coisa na minha boca.

— Olha para tudo com olhos ruins.

— Não desejo machucar ninguém.

Papai suspira, irritado.

— Não entendo você.

Abre a porta. A música e as conversas do baile importunam nosso silêncio até que, felizmente, a porta volta a se fechar e a festa se transforma em um múrmurio ao outro lado da mesma. As lágrimas nebulam meus olhos. Trago saliva.

— Não te peço que entenda, papai. Peço que aceite.

— Aceitar o que?

"A mim. Aceitar a mim, papai".

— Minha decisão de viver minha própria vida como eu achar conveniente.

O silêncio é tão grande que, de repente, quero me retratar.

"Sinto muito, foi só uma brincadeira pesada. Eu gostaria de outro vestido novo, por favor".

Papai pigarreia.

— Isso não é tão fácil quanto você faz parecer.

— Eu sei. Sei que cometerei erros terriveis, papai...

— O mundo não perdoa os erros com tanta rapidez, minha filha.

Sua voz soa triste e amarga.

— Pois se o mundo não me perdoar — digo em voz baixa. — terei que aprender a perdoar a mim mesma.

Assente, compreensivo.

— E quanto a se casar? Você tem intenção de se casar?

Penso em Kartik e as lágrimas ameaçam a sair a superfície.

— Conhecerei alguém algum dia, como minha mãe conheceu você.

— Você é muito parecida com ela — diz e, pela primeira vez, seu rosto não se contraí em uma careta de dor.

Ele se levanta e passeia pela habitação com as mãos nas costas. Não sei o que acontecerá. Concederá meu desejo? Dirá que sou uma estúpida e insuportável e me condenará a regressar ao salão de baile com seus redemoinhos de cetim e leques? É ali onde pertenço? Lamentarei amanhã? Papai está de pé ante um enorme retrato de uma dama austera. Está sentada com as mãos no colo e uma expressão ilegível no rosto, como se não esperasse nada, e é muito provável que acabe por entendê-lo.

— Eu te contei alguma vez a história do tigre?

— Sim, papai. Já contou.

— Não te contei tudo. Não falei do dia em que atirei nele.

Recordo do dia em que estava em seu quarto sob os efeitos da morfina. Pensei que não eram mais do que divagações. Essa não é a história que conheço, e me assusta conhecer o novo relato. Não espera que eu responda. Quer contar. Me escutou; agora é a minha voz de escutá-lo.

— O tigre tinha ido embora. Não voltou a aparecer pelos arredores. Mas eu estava obcecado. O tigre tinha se aproximado muito, você sabe. Tinha deixado de me sentir seguro. Contratei o melhor rastreador de Bombai, procuramos durante dias e seguimos sua pista até as montanhas. Encontramos bebendo água em um pequeno bebedouro. Levantou a vista, mas não nos atacou. Não só não nos prestou atenção, assim como continuou bebendo. "Sahib, vamos — o garoto me disse. — este tigre não tem intenção de machucá-lo". É claro, tinha razão. Mas já tínhamos feito todo esse trajeto. E tinha uma arma na mão. O tigre estava ante nós. Apontei, disparei, e o deixei morto em um ato. Vendi sua pele por uma fortuna para um homem em Bombai, e ele me disse que eu era corajoso. Mas não foi a coragem que me levou até ali; foi o medo.

Tamborila os dedos na prateleira da lareira ante o retrato do rosto austero.

— Não podia viver com essa ameaça. Não podia viver sabendo que o tigre estava lá fora, vagabundeando livremente. Mas você — diz com um sorriso triste e orgulhoso ao mesmo tempo. — Você enfrentou o tigre e sobreviveu.

Tem um acesso de tosse, e seu peito sobe e desce com esforço. Tira um lenço do bolso e limpa a boca rapidamente; depois volta a guardar o pedaço de pano, para que eu não veja a mancha que seguramente lambuzou o tecido.

— Chegou o momento de que eu enfrente o tigre, que o olhe nos olhos e veja qual dos dois sobreviverá. Voltarei a Índia. O futuro é seu para que escolha fazer o que quiser. Prepararei a sua avó para o seguinte escândalo.

— Obrigada, papai.

— Sim, bom — responde. — E agora, se não se importa, eu gostaria de dançar com minha filha com motivo de sua apresentação na sociedade. — Oferece seu braço e eu o aceito.

— Eu adoraria.

Entramos no enorme círculo contínuo de bailarinas. Algumas abandonam a pista de baile, cansadas, mas voláteis; outras acabam de chegar. Estão desejosas de mostrarem seu novo status de damas, que façam alarde por isso e as elogiem até que elas mesmas se vejam com outros olhos. Os pais sorriem para suas filhas enquanto as consideram flores perfeitas necessitadas de sua proteção, enquanto as mães as vigiam na margem, seguras de que esse momento é obra delas. Criamos as ilusões que precisamos para seguir adiante. E, um dia, quando já não nos deslumbrem nem nos reconfortem, as derrubaremos, ladrilho a ladrilho, embora sejam brilhantes, até que não nos fique mais que a luz reluzente de nossa honestidade. A luz é libertadora. Necessário. Assustadora. Ficamos em pé diante dela nuas e vazias. E quando nossos olhos não podem surportá-la mais, construímos uma nova ilusão que nos proteja de sua implacável verdade.

Mas, as garotas! Seus olhos ardem pelo sonho febril daquilo em que podem se tornar. Dizem para elas mesmas que isto é o princípio de tudo. E quem sou eu para dizer-lhes o contrário?

— Gemma! Gemma!

Felicity abre passo entre a multidão, com sua desgostosa acompanhante esforçando-se para alcançá-la enquanto as matronas nos observam com desaprovação. Só passou uma hora desde sua apresentação a sociedade e já tem todos dando voltas como pião. E, pela primeira vez em muitos dias, sorrio.

— Gemma! — diz Felicity ao chegar onde estou. Suas palavras atropelam umas as outras em uma torrente de excitação. — Você está maravilhosa! O que acha do meu vestido? Elizabeth tremeu um pouco ao fazer sua reverência, você viu? A rainha estava esplendorosa, verdade? E eu estava aterrorizada. E você?

— De tudo — digo. — Achei que ia desmaiar.

— Você recebeu o telegrama de Ann? — pergunta Felicity.

Essa mesma manhã recebi um telegrama encantador de Ann para desejar-me sorte. Dizia

o seguinte:

OS ENSAIOS SÃO ESPLÊNDIDOS PONTO
O GAIETY É EMOCIONANTE PONTO
MUITA SORTE COM SUA REVERÊNCIA PONTO
SUA ANN BRADSHAW PONTO

— Sim — respondo. — Deve ter gastado seu primeiro salário nele.

— Quando a temporada terminar, acompanharei minha mãe e Polly para Paris, e ficarei lá.

— E Horace Markham? — pergunto, receosa.

— Bom — começa a contar. — fui vê-lo. Por mim mesma. E disse que não o amava e que não queria casar com ele e que seria a esposa ideal para um peixeiro. E sabe o que ele me respondeu?

Nego com a cabeça.

— Disse que ele também não queria se casar comigo — diz com os olhos muito abertos. — Você imagina? Irritou-me muito.

Riu, e é minha primeira risada. Me faz sentir estranha e estou prestes a chorar.

— Então, Paris. O que fará lá?

— Vamos, Gemma. — disse como se eu não soubesse nada e que nunca iria saber. — É o lugar onde vivem todos os boêmios. Agora que tenho minha herança, posso me dedicar a pintar e viver em um sotão. Ou talvez seja a modelo de um artista — afirma enquanto se deleita no quão escandaloso isso soa. Sua voz se converte em um sussurro. — Eu ouvi que há outras garotas como eu. Pode ser que eu volte a amar.

— Será o ídolo de Paris — eu digo.

Brinda-me com seu maior sorriso.

— Venha conosco! Poderíamos ter um lugar muito divertido com todas nós juntas!

— Acho que eu gostaria de ir para os Estados Unidos — responde enquanto a ideia adquire forma à medida que falo. — Irei para Nova York.

— Isso é fantástico!

— Sim — digo animando-me ante a perspectiva. — É mesmo, verdade?

Felicity agarra meu braço com força.

— Não sei se você soube da notícia, mas eu vou te contar antes que saiba por outra pessoa. A senhorita Fairchild aceitou a proposta de matrimônio de Simon. Estão prometidos.

Assinto.

— É como tinha que ser. Desejo muita felicidade para eles.

— Pois eu desejo sorte para eles. Lembre das minhas palavras, Simon ficará calvo e engordará como o Fezziwig[81], antes de completar trinta anos — diz, e começa a rir.

---

[81] N/T: Personagem do *Conto de Natal*, de Charles Dickins.

Começa uma nova música que estende uma onda de alvoroço entre a multidão. A pista enche quando a uma animada melodia revive a festa. Com as mãos dadas, juntas ante uma aglomeração de sedas e flores, Felicity e eu vemos as bailarinas se moverem em uníssono. Dão voltas como a terra sobre seu eixo, resistindo a noite, esperando a chegada do sol.

Felicity aperta minha mão, e percebo um levíssimo indício da magia dos reinos que palpita sobre ela.

— Bem, Gemma, sobrevivemos.

— Sim — digo, devolvendo o apertão. — Sobrevivemos.

73

NA SEXTA, THOMAS E EU ACOMPANHAMOS PAPAI até Bristol, onde o HMS *Victoria* esperava, pronto para levá-lo para casa, na Índia. As docas estão repletas de viajantes bem-vestidos — homens em ternos finos, mulheres com chapéus de abas largas para barrar o raro sol inglês, o qual as obrigou a colocá-los ao brilhar, hoje. As plataformas estão cheias de troncos empilhados e amarrados com barbante, carimbados para outros destinos. Eles se erguem como um testamento de que a vida é um batimento cardíaco constante, pulsando em todos os lugares ao mesmo tempo, e que nós não somos nada além de uma pequena parte daquele eterno fluxo e refluxo. Eu me pergunto onde Ann está agora. Talvez esteja no centro do palco Gaiety, pronta para tomar um caminho em que nada está determinado e ela pode ser quem quiser. Eu gostaria muito de vê-la nessa sua nova vida.

Papai falou com vovó sobre a minha decisão. Ela está escandalizada, claro, mas está feito. Eu irei para a universidade. Depois disso, eu terei uma pequena mesada para me sustentar, administrada por Tom, que deu seu melhor para convencer vovó que eu não me arruinarei nas ruas. Mas, se eu quiser real independência, precisarei trabalhar. É algo inédito. Uma marca negra. Ainda assim, descubro que estou animada pelo prospecto de ter minha própria profissão e ganhando meu próprio dinheiro. De qualquer forma, este é o preço de minha liberdade, então, aí está.

Papai está usando seu terno branco favorito. Não lhe cai bem como deveria — ele está magro demais. Mas ele ainda é uma figura impetuosa. Estamos nas plataformas, nos despedindo enquanto as pessoas passam por nós com uma afobação animada.

— Boa viagem para você, papai. — Thomas diz. Ele e papai apertam as mãos desajeitadamente.

— Obrigado, Thomas. — Papai diz, tossindo. Ele precisa esperar o espasmo se acalmar antes de conseguir falar novamente. — Nos veremos no Natal.

Tom olha para seus pés.

— Sim. Claro. Até o Natal.

Eu abraço papai. Ele me segura por um minuto a mais do que o normal e eu consigo sentir suas costelas.

— Obrigado por me ver partir, céu.

— Eu escreverei para você. — Digo, tentando não chorar.

Ele me solta com um sorriso.

— Então eu esperarei ansiosamente por suas cartas.

O apito do navio grita seu profundo aviso. Comissários de bordo aumentam as vozes, dando a chamada final para todos os passageiros embarcarem. Papai sobe na prancha e vai lentamente até a borda no navio, no meio de uma multidão de outros passageiros que estão acenando. Ele se estica, com as mãos na grade e o rosto virado para frente. O sol, aquela magnífica lanterna mágica, lança sua luz ilusória, captando o rosto de meu pai de um modo que faz com que todas as linhas, toda a palidez e toda a tristeza desapareçam. Eu não vejo a sombra do que está por vir nos buracos sob seus olhos, lentamente deixando suas bochechas cada vez mais finas. Eu ainda não quero abrir mão de algumas ilusões.

Enquanto o navio se afasta lentamente na direção do mar ofuscante, eu o vejo como quero: forte, saudável e feliz, seu sorriso sendo uma promessa esplendorosa e brilhante de novos dias e o que quer que eles tragam.

***

O casamento da Mademoiselle LeFarge acontece na última sexta-feira de Maio. Eu volto um dia antes, na quinta-feira, e levo minha mala para meu antigo quarto. As árvores criaram uma camada tão grossa de folhas que eu não consigo mais ver o lago e a casa de barcos. Um resquício de cor aparece na hera debaixo da minha janela. Eu abro a vidraça e me inclino para baixo. É um pedaço da bandana vermelha. O sinal de Kartik para mim. Eu a solto e a prendo no espartilho do meu vestido.

Um novo grupo de homens está trabalhando arduamente na Ala Leste. A torre toma forma belamente. Não é mais uma ferida aberta, mas não está completamente curada ainda. Está em algum lugar no meio e eu meio que comecei a sentir uma afinidade por ela. A porta para os reinos está fechada agora, nos dando tempo para pensar, para nos equilibrarmos. Quando eu voltar da universidade, nós — as tribos dos reinos, minhas amigas, Fowlson, Nightwing, eu e qualquer outra pessoa que tem algo a dizer — iremos trabalhar juntos para criar um tipo de constituição, um documento e um governo para guiar os reinos.

Não que isso importe muito quando se diz respeito a mim. Parece que, como meu cabelo vermelho descontrolado e minha pele que vai sempre ser sardenta, minha habilidade de entrar nos reinos é parte de mim. Então, em uma bela última quinta-feira de Maio, eu sento em minha antiga cama em meu quarto na Spence e faço a porta de luz aparecer.

***

Os reinos não são aquele lugar deslumbrante que eu me lembro daqueles meus primeiros dias aqui, nem um lugar amedrontador. Eles são um lugar que eu conheci e conhecerei ainda mais.

A Górgona está no jardim, colocando o arco de prata que leva à caverna de volta ao

lugar. Ele está amassado, mas inteiro.

— Altíssima. — Ela chama. — Uma ajuda seria ótima.

— Certamente. — Digo, empurrando-o pelo outro lado. Nós empurramos até que o arco se finque na terra. Ele cambaleia por um momento e, então, se estabiliza.

— Eu quero ver Philon. — Digo.

— Minhas pernas estão fracas pelos anos de aprisionamento. — Ela diz, apoiando em uma árvore para se manter em pé. — Mas meu espírito é forte. Venha, vou levá-la até lá.

Ela me leva até o rio e ao barco que a aprisionou por séculos.

Eu me afasto.

— Não. Não poderia te pedir para se unir a esse medonho barco novamente.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Minha intenção é só remar.

— Sim. — Digo envergonhada. — Continue.

A Górgona pega o volante como um capitão deve fazer, traçando o caminho para a casa das tribos da floresta. Nós passamos pela névoa dourada e eu a deixo me banhar com suas manchas preciosas. Algumas caem na Górgona também. E ela as tira de sua pele. A margem aparece. Não é tão florido quanto foi um dia. O estrago que as criaturas fizeram foi grande. Árvores queimadas se erguem como palitos de fósforos usados e a terra é dura como couro. Muitas das tribos se foram. Mas as crianças ainda riem e brincam perto da margem. Seus espíritos não são vencidos facilmente.

Muitos deles se aproximam da Górgona timidamente. Eles estão curiosos com a imponente e verde gigante que está marchando por suas terras. A Górgona se vira para eles com um movimento rápido, deixando suas cobras sibilarem e abocanharem. As crianças correm para longe, gritando de terror e prazer ao mesmo tempo.

— Aquilo era mesmo necessário? — Pergunto.

— Já te disse antes. Não sou maternal.

Nós encontramos Philon inspecionando a construção das cabanas. Mas não é só a tribo da floresta que está erguendo vigas e martelos. Eles estão lado a lado com os Intocáveis, as ninfas e vários metamorfos. Bessie Timmons carrega água, forte e confiante. Uma metamorfa a segue, admirando sua força. Eu até vejo algumas das criaturas das Terras Invernais esfregando pez cintilante no teto das cabanas. Na floresta estão todos os tipos de almas; todas as criaturas que se possa imaginar; e mortais também. Asha oferece água para a Górgona, que a bebe e devolve o copo para ter mais.

— Sacerdotisa! — Philon me cumprimenta unindo as mãos. — Você veio para ocupar seu lugar ao nosso lado?

— Não. — Digo. — Só vim para me despedir de vocês por um tempo.

— Quando você voltará?

Balanço minha cabeça.

— Não sei dizer ainda. Está na hora de eu ocupar meu lugar no mundo… no *meu* mundo. Eu irei para Nova York.

— Mas você é parte dos reinos. — Philon me lembra.

— E eles sempre serão uma parte de mim. Fique de olho em tudo por aqui. Nós teremos muito que discutir quando eu voltar.

— O que te faz pensar que discutiremos?

Dou um olhar significativo para Philon.

— Temos os reinos para discutir. E eu não me engano achando que será fácil.

— Mais tribos souberam. Eles se juntarão a nós para discutir. — Philon diz.

— Ótimo.

Philon pega algumas folhas queimadas e as assopra. Elas espiralam e flutuam até formarem uma imagem da Árvore de Todas as Almas. A imagem dura apenas alguns segundos.

— A magia está na terra novamente. Com o tempo ela se tornará cem vezes mais poderosa.

Concordo.

— Talvez nós a visitaremos em seu mundo, qualquer hora. Seu mundo precisa de um pouco de magia.

— Eu gostaria disso. — Digo. — Mas vocês se comportarão, certo? Sem falar com mortais para se divertirem.

Os lábios de Philon se contorcem em um sorriso enigmático.

— Você viria atrás de nós?

Faço que sim.

— Com toda certeza.

A criatura estende a mão.

— Então vamos continuar amigos.

— Sim, amigos.

***

A Górgona me acompanha até as Terras Fronteiriças.

— Temo que o resto dessa jornada eu tenha que fazer sozinha. — Digo.

— Como quiser. — Ela diz, fazendo uma reverência. Suas cobras dançam por sua cabeça, dando-lhe uma aura animada. Ela não tenta me seguir, mas sei que ela também não vai sair dali. Ela me deixa abandoná-la. Quando já entrei nas Terras Invernais, não consigo mais vê-la, mas a sinto mesmo assim.

Pequenas flores brotaram nos galhos da árvore. Suas cores provocantes saem pelo tronco sulcado. A árvore floresce novamente. A terra não é mais o que era antes. É estranha, nova e desconhecida. Ela pulsa com uma magia diferente, nascida da perda e do desespero, do amor e da esperança.

Encosto meu rosto na Árvore de Todas as Almas. Por debaixo da casca, seu coração bate forte e confiante contra minha orelha. Estendo meus braços e passo-os ao redor da árvore até onde alcanço. Onde minhas lágrimas caem, o tronco brilha prateado.

A Pequena Wendy se levanta constrangida. Ela sobreviveu. Ela está pálida, magra e seus dentes estão mais pontudos.

— É linda. — Ela diz, admirando a grandiosidade da árvore com os dedos.

Eu me afasto, secando meus olhos.

— Sim, é mesmo.

— Às vezes, quando o vento passa pelas folhas, parece falar seu nome. É como um suspiro. — Ela diz. — O som mais bonito que eu já ouvi.

Uma brisa calma captura os galhos e então eu ouço, lento e baixo, uma prece murmurada — *Gem-ma*, *Gem-ma* — e então as folhas se abaixam e traçam meu rosto gelado com seus dedos delicados.

— Wendy, temo que não possa te ajudar a atravessar agora que já comeu as bagas. Você terá que ficar nos reinos. — Digo a ela.

— Sim, senhorita. — Ela diz e não parece triste. — Bessie e eu, nós vamos ficar e fazer o melhor que pudermos. Posso te mostrar uma coisa? — Wendy pergunta.

Ela pega minha mão e me leva até o vale onde nossa recente batalha foi disputada. Por entre os trechos de neve, plantas inesperadas cresceram. Suas raízes se enterram fundo no gelo; elas crescem apesar disso.

— Diga-me o que você vê. — Ela diz.

— Belas flores nascendo. Como uma primavera adiantada. — Digo. — Foi você que as plantou?

Ela balança a cabeça.

— Só essa aqui. — Ela diz, apontando para uma planta alta com pétalas grossas e lisas. — Eu coloquei minhas mãos no solo e foi como se eu pudesse sentir a magia ali, esperando. Eu me concentrei e ela cresceu. E, então, foi como se ela tomasse controle e o resto veio sozinho. É começo, não?

— Sim. — Digo. O vale se estende grande e comprido, em uma mistura de cor e gelo. A terra ferida luta para renascer. É um ótimo começo.

Um homem se aproxima de mim timidamente, com seu chapéu nas mãos. Seu terror está evidente em seus membros trêmulos e olhos inquietos.

— Com licença, senhorita, mas me disseram que você me ajudaria a atravessar para o próximo mundo.

— Quem te disse isso?

Os olhos dele ficam arregalados.

— Uma criatura assustadora com a cabeça cheia de cobras!

— Você não deve temê-la. — Digo, pegando a mão do homem e levando-o em direção ao rio. — Ela é tão domesticada quanto um gatinho. Ela provavelmente lamberia sua mão se pudesse.

— Ela não pareceu muito inofensiva. — Ele sussurra tremendo.

— Sim, bem, as coisas nem sempre são o que parecem, senhor, e nós precisamos aprender a julgar por nós mesmos.

***

Aqueles que precisam da minha ajuda aparecem aqui e ali. Esse quer dizer para sua mulher que a amava, já que nunca conseguiu dizer quando estava vivo; aquela sente muito por uma briga que teve com a irmã, um rancor que ela guardou até o fim; outra ainda, uma menina de, talvez, dezoito anos, está assustada — ela não consegue deixar o passado para trás tão facilmente.

Ela segura meu braço com força.

— É verdade o que eu ouvi? Que eu não preciso atravessar? Que há um lugar onde eu possa viver? — Os olhos dela estão grandes com a esperança desesperada e um leve toque de medo.

— É verdade. — Respondo. — Mas não sem um preço. Nada é de graça.

— Mas o que vai acontecer comigo depois que eu atravessar o rio?

— Não sei dizer. Ninguém sabe.

— Oh, você me dirá que caminho devo escolher, por favor?

— Não posso fazer essa escolha por você. Só você pode fazê-la.

Os olhos dela estão cheios de lágrimas.

— É tão difícil.

— Sim, é mesmo. — Digo e seguro sua mão, porque essa é toda a magia que posso usar.

No fim, ela escolhe seguir em frente — se eu a acompanhar na travessia do rio no barco dirigido pela Górgona. É a minha primeira jornada desse tipo e meu coração está acelerado. Eu quero saber o que há além do que já vi. Quando mais perto da margem, mais brilhante ela fica, até que eu preciso virar minha cabeça para o outro lado. Eu só ouço o suspiro de reconhecimento da menina. Sinto a barca ficar mais leve e sei que ela já foi.

Meu coração está pesado quando voltamos. As gentis ondas da correnteza são nada mais do que um sussurro dos nomes daqueles que se perderam: minha mãe, Amar, Carolina, Mãe Elena, Senhorita Moore, Senhorita McCleethy e uma parte de mim mesma que nunca conseguirei recuperar.

Kartik. Eu pisco com força para afastar as lágrimas que ameaçam cair.

— Por que tudo precisa ter um fim? — Digo suavemente.

— Nossos dias estão todos numerados no livro dos dias, Altíssima. — A Górgona murmura quando o jardim fica visível novamente. — É isso que os dá doçura e propósito.

Quando volto ao jardim, uma brisa gentil sopra o olival. Ele cheira a resina. Mãe Elena se aproxima, seu medalhão brilhando contra sua blusa branca.

— Gostaria de ver minha Carolina agora. — Ela diz.

— Ela esteve esperando você atravessar o rio. — Digo.

Mãe Elena sorri para mim.

— Você se saiu bem. — Ela coloca uma mão em meu rosto e diz algo que eu não entendo em romeno.

— É uma benção?

— É só um ditado: para aqueles que verão, o mundo espera.

A barca chega, pronta para levar Mãe Elena ao outro lado do rio. Ela canta algum tipo de canção de ninar. A luz fica mais forte, banhando-a com seu brilho até que não consigo mais dizer onde a luz termina e ela começa. E, então, ela se foi.

Para aqueles que verão, o mundo espera. Parece muito mais do que um ditado. E talvez seja.

Talvez seja esperança.

74

EU ESPEREI ALGUM TEMPO PARA FALAR EM PARTICULAR com a Sra. Nightwing. Quando passam cinco minutos das três, a porta de sua sala se abre, permitindo minha entrada em seu santuário interno. Lembro-me do primeiro dia que cheguei a Spence, no meu vestido preto de luto, perdida e angustiada, sem um amigo no mundo. Quanta coisa aconteceu desde então.

A Sra. Nightwing cruza as mãos sobre a mesa e me olha por cima de seus óculos.

— Queria falar comigo, senhorita Doyle? — a boa e velha Nightwing, tão contínua quanto a Inglaterra.

— Sim — começo a falar.

— Bem, espero que seja breve. Tenho dois professores para substituir, agora que Mademoiselle LeFarge vai se casar e a senhorita McCleethy... agora que Sahirah... — sua voz vai sumindo, ela pisca, seus olhos avermelhando.

— Sinto muito — digo.

Ela fecha os olhos por um breve instante, seus lábios tremendo levemente. E então, como uma nuvem escura que só ameaça chuva, essa reação passa.

— O que você queria, senhorita Doyle?

— Eu estaria profundamente agradecida se você me ajudasse com o assunto dos reinos — digo, endireitando-me.

As bochechas de Nightwing se avermelham com um rubor de verdade.

— Não vejo que tipo de ajuda eu poderia oferecer.

— Eu precisarei de ajuda para manter a porta e vigiá-la, especialmente quando eu estiver longe.

Ela acena.

— Sim. Certamente.

Eu limpo a garganta.

— E há mais uma coisa que você poderia fazer. Trata-se de Spence. E as garotas. — Ela levanta uma sobrancelha como se eu houvesse disparado um tiro. — Você poderia educá-las de verdade. Poderia ensiná-las a pensar por si mesmas.

A Senhora Nightwing não move um músculo, exceto os olhos, que ela estreita em fendas

suspeitas.

— Você está de brincadeira, acredito?

— Pelo contrário, nunca falei mais sério.

— As mães delas ficariam radiantes ao ouvir isso — ela resmunga. — Sem dúvida, elas vão correr daqui em massa.

Bati o punho na mesa, fazendo pular a xícara de chá de Nightwing e a Senhora Nightwing, nessa ordem.

— Por que as mulheres não têm os mesmos privilégios que os homens? Por que nos fiscalizamos tão rigorosamente; diminuindo umas as outras com comentários mordazes ou nos reprimimos diante da nobreza com um arreio tecido do medo, da vergonha, e do anseio? Se nós não nos consideramos dignas em primeiro lugar, como poderemos pedir por mais?

— Eu vi o que um punhado de meninas pode fazer, Sra. Nightwing. Elas podem conter um exército se necessário, então por favor, não me diga que não é possível. Um novo século surge. Certamente poderíamos prescindir de alguns bordados em favor de mais livros e ideias grandiosas.

A Sra. Nightwing está tão quieta que receio ter parado seu coração com minha explosão. Sua habitual voz de comando não passa de um guincho.

— Eu perderei todas as minhas meninas para a Academia da Senhorita Pennington.

Eu suspiro.

— Não, você não vai. Só as tolas vão a Penny.

— Muitíssimo indelicado, senhorita Doyle — Sra. Nightwing estala a língua. Ela coloca a xícara exatamente no meio do pires. — E você? Renunciará sua temporada por uma universidade nos Estados Unidos. Você está realmente preparada para dar as costas a todo esse privilégio e poder?

Eu penso naquelas senhoras em seus vestidos rígidos e sorrisos forçados, sufocando a fome com chá aguado, tentando arduamente se encaixar em um mundo tão estreito, desesperadamente temerosas que os antolhos escorreguem e mostrem-lhes o que elas escolheram ignorar.

— Privilégio nem sempre é poder, não é? — eu digo.

A Senhora Nightwing acena lentamente.

— Vou te oferecer qualquer tipo de ajuda nos reinos. Conte com isso. Quanto ao outro assunto, isso vai requerer mais atenção do que eu desejo dar neste momento. O sol ainda reina no céu, e eu tenho uma escola cheia de meninas esperando minhas instruções e atenções. Também tenho minhas obrigações. Há algum outro assunto a tratar, ou isso é tudo por hoje?

— Isso é tudo. Agradeço do fundo do coração, Sra. Nightwing.

— Lillian — diz ela, tão baixinho que quase não ouço.

— Obrigada... Lillian — digo, degustando seu nome na minha língua como um novo curry exótico.

— Não há de que, Gemma. — Ela organiza alguns papéis em sua mesa e os prende

debaixo de uma caixa de prata, só para levantá-la e voltar a reorganizá-los novamente. — Você ainda está aqui?

— Certo — eu digo, levantando-me rapidamente. Na minha pressa para chegar à porta, eu quase derrubo a cadeira.

— O que foi que você disse sobre a academia da Senhorita Pennington? — ela pergunta.

— Só as tolas vão a Penny?

Ela acena.

— Sim, essa foi a frase. Bem. Tenha um bom dia, então.

— Bom dia.

Ela não levanta a vista e nem me olha sair. Não estou mais do que a poucos passos da sala da Sra. Nightwing quando a ouço repetir para si mesma: "Só as tolas vão a Penny." E isso é seguido por um som estranho, que começa baixinho e vai aumentando. Uma risada. Não, uma risada não — uma risadinha. Uma risada cheia de bom humor e alegremente travessa, prova de que nunca perdemos nossa menina interior, independente do tipo de mulher que nos tornamos.

***

O dia seguinte amanhece de cor rosa, otimista e agradável em um glorioso último dia de primavera.Os campos verdejantes atrás de Spence estão vivazes com jacintos desabrochantes e flores amarelas brilhantes. O ar está perfumado com lilás e rosas. A fragrância é celestial. Faz cócegas no meu nariz e clareia minha cabeça. Nuvens avançam preguiçosamente no horizonte azul. Não acho que tenha visto alguma vez uma vista tão encantadora, nem mesmo nos reinos. Mademoiselle LeFarge terá um dia de casamento esplêndido.

Falta uma boa meia hora para o casamento, e Felicity e eu a passamos nos jardins, colhendo juntas flores silvestres pela última vez. Ela me fala de um novo conjunto de calças que jura ser uma sensação em Paris.

— Pense nisso, Gemma — não ter que usar anáguas e espartilhos nunca mais. Isso é liberdade — ela diz, sacudindo uma margarida pelo caule para enfatizar seu ponto.

Eu arranco uma rosa de seu ninho frondoso e a coloco cuidadosamente em meu saco.

— Você vai ser o assunto da cidade; isso é certo.

Ela dá de ombros.

— Pois que falem. É minha vida, não deles. Agora tenho minha herança. E talvez, com o tempo e minha influência, as mulheres com calças estarão na moda.

Eu não sou corajosa o suficiente para desistir das minhas saias ainda, mas de alguma forma eu sei que Felicity usará suas calças com aprumo. Com um sorriso maroto, ela coloca a mão dentro de seu saco e joga um punhado de flores mistas em mim. Para não ficar para trás, jogo um monte nela. Ela revida, e logo, é uma guerra.

— Você vai se comportar? — pergunto, mas estou rindo. Uma risada de verdade.

— Só se você fizer — Felicity dá risadinhas, recolhendo mais um punhado.

— Trégua! — eu grito.

— Trégua.

Estamos cobertas de flores, mas nossos sacos estão quase vazios. Tentamos recuperar as que podemos. As flores estão amarrotadas, mas cheiram divinamente. Arranco uma rosa pisoteada da terra e a seguro perto da minha boca.

— Viva — eu sussurro, e ela floresce com uma majestosa cor rosada na minha mão.

Felicity sorri afetadamente.

— Você sabe que não vai durar, Gemma. As flores morrem. É o que fazem.

Aceno.

— Mas não ainda.

Na colina, os sinos da capela repicam, chamando-nos para nossas obrigações. Felicity limpa as manchas de sujeira da saia com uma rápida espanadela com ambas as mãos.

— Malditos casamentos. — ela resmunga.

— Oh, alegre-se! Como eu estou?

Ela mal me olha.

— Como a Sra. Nightwing. É nisso que dá fazer amizade com ela.

— Encantadora — eu suspiro.

Felicity tira uma pétala do meu cabelo. Ela ergue a cabeça, examinando-me. Os cantos de sua boca se levantam ligeiramente.

— Você parece exatamente como Gemma Doyle.

Eu decido que é um elogio.

— Obrigada.

— Vamos?— ela pergunta, oferecendo seu braço.

Eu enlaço meu braço com o dela, e isso se sente bem e seguro.

— Vamos.

***

É um casamento adorável e simples. Mademoiselle LeFarge está resplandecente em um vestido[82] de crepe azul safira. Nós meninas havíamos esperado por um vestido digno de uma rainha — cheio de rendas e laços e uma calda tão longa quanto o Tamisa — mas Mademoiselle LeFarge insistiu em que uma mulher de sua idade e posição social não deveria presumir-se. No final, ela provou estar certa. O vestido é perfeito, e o inspetor sorri para ela como se ela fosse a única mulher no mundo. Eles dizem seus votos, e o Reverendo Waite nos induz a ficar de pé.

— Damas e cavalheiros, eu apresento a vocês o Sr. e a Sra. Stanton Hornsby Kent.

— Não vejo porque ela tem que desistir de seu sobrenome — Felicity resmunga.

Mas o súbito gorjeio desafinado do órgão tocando o hino recessional abafa suas palavras. Nós seguimos o casal feliz para fora da capela até a carruagem esperando que a Sra. Nightwing proporcionou.

Brigid assoa com força em seu lenço.

---

[82] N/T: Esse vestido, seria ‘suit’ no inglês. Nesse caso, seria um vestido saia-e-casaco ou saia-e-blusa.

— Sempre choro em casamentos — ela diz com uma fungada. — Não está encantadora? — E temos que concordar que está.

O inspetor e sua recém-esposa não escaparão incólumes. Com risadas e gritos de *"Boa sorte!"* deixamos revoar nossas flores de laranjeira. Eles estão regados de flores perfumadas. A carruagem os leva estrada de terra abaixo e os conduz para longe da capela, corremos atrás dela, jogando nossas pétalas ao vento, assistindo-as flutuar como a primeira promessa inebriante de verão.

O sol banha minhas costas com calor. A poeira das rodas da carruagem gira acima da estrada enquanto algumas das meninas mais jovens ainda tentam segui-la. Minhas mãos estão cobertas com a fragrância pungente das flores de laranjeira. Isso tudo me faz lembrar que, neste momento, não estou entre dois mundos. Estou bem firme aqui, neste caminho de terra que serpenteia através dos jardins com flores e os bosques até o topo da colina e novamente até as estradas que levam as pessoas para onde quer que elas devam ir.

E no momento, não desejo estar em nenhum outro lugar.

75

A VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS NÃO É MUITO PRAZEROSA. Os ventos sopram com muita força. O barco, e meu estômago, são esbofeteados por ondas que nem sequer minha magia pode aplacar. Recorda-me que há limites ao meu poder, e algumas circunstâncias têm que suportar com tanta elegância como se possa mostrar, embora isso signifique passar muitos dias em abjeta desgraça, agarrada a uma pérola como salva-vidas. Mas, no fim, as marés se acalmam. Sou capaz de tomar a mais saborosa xícara de caldo que jamais provei. Por fim,as gaivotas voam pelo ar em círculos preguiçosos, o que indica que já estamos perto da costa. Como todos os demais, vou para a coberta captar um vislumbre do futuro.

Oh, Nova York. É a cidade mais maravilhosa, deliciosamente esparramada e cheia de uma energia que percebo daqui. Até seus mesmos edifícios parecem estar vivos. Não estão ordenados nem bem cuidados como em Mayfair; antes bem, parecem fragmentos desemparelhados de argamassa, ladrilho e humanidade empurrando-se uns aos outros em um estranho e glorioso ritmo abreviado, um ritmo a que desejo me unir.

Os pais sobem aos ombros suas filhas vestidas de saltadores e seus filhos vestidos de marinheiros para que tenha a melhor vista. Uma criança diminuída por uma enorme fita de cabelo aponta excitada para frente.

— Papai! Olha!

Ali, no porto da cidade cheio de vapor e fumaça, está a visão mais extraordinária de todas; uma grande dama coberta de cobre com uma tocha em uma mão e um livro na outra. Não é uma estadista nem uma deusa nem uma heroína de guerra quem nos dá as boas-vindas a este novo mundo. Não é mais do que uma mulher normal e corrente iluminando o caminho; uma dama que nos oferece a liberdade de perseguir nossos sonhos se tivermos coragem de tentar.

***

Quando sonho, sonho com ele.

Faz muitas noites que me aparece e me cumprimenta com a mão desde a longínqua margem, como se esperasse pacientemente minha chegada. Não pronuncia palavra alguma,

mas seu sorriso diz tudo. *“Como está? Sinto sua falta. Sim, tudo vai bem. Não se preocupe.”*

Onde ele está, as árvores estão florescendo e brilham com as flores de todas as cores imagináveis. Alguns pedaços de terra ainda estão queimadas e cobertas de rochas. Há pequenas parcelas secas e ermas onde pode ser que não volte a brotar nada. É impossível saber. Mas em outros lugares, diminutos brotos de grama se esforçam em abrir caminho. Uma capa de terra negra e fértil aparece na superfície. A terra sara a si mesma.

Kartik pega um ramo e crava no chão brando e novo. Está fazendo algo, mas ainda não sei do que se trata. As nuvens se deslocam. Os raios do sol aparecem entre elas e agora já posso ver o que faz. É um símbolo: duas mãos entrelaçadas, rodeadas por um círculo perfeito e contínuo. Amor. O dia se libera. Banha tudo com uma luz intensa.

Kartik desaparece de minha vista.

"Não" — grito. *"Volte."*

"Estou aqui" — responde.

Não posso vê-lo. Há muita luz.

"Não posso impedir o avanço da luz, Gemma. Estou aqui. Confie em mim."

A água se estende além da margem, borrando seu contorno até que não fique nada. Mas o vejo. Sei que está ali. E quando acordo, o sol da manhã tinge de branco meu quarto. A luz é tão brilhante que machuca meus olhos. No entanto, não me atrevo a fechá-los. Não farei isso. Ao contrário, tentarei me adaptar ao amanhecer, e deixo que as lágrimas caíam com seu próprio peso, por que já amanheceu; amanheceu e eu ainda tenho muito para ver.

Fim

Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos por favor, **que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital
Skoob - http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127